

Georg Lukács

NOTAS PARA UMA ÉTICA
VERSUCHE ZU EINER ETHIK

Edição bilíngue



Copyright © The Estate of György Lukács, 2015.

Diagramação: Luciano Accioly Lemos Moreira e Sergio Lessa

Revisão: Sérgio Lessa e Mariana Alves de Andrade

Arte da capa: Luciano Accioly Lemos Moreira

Revisão da capa: Maria Cristina Soares Paniago

Tradução e Apresentação: Sergio Lessa

Revisão Técnica: Eva Schepermann

Catálogo na fonte

Departamento de Tratamento Técnico do Instituto Lukács

Bibliotecária Responsável: Fernanda Lins

L954n Lukács, Georg.
Notas para uma ética = Versuche zu einer ethik : edição bilíngüe / Georg Lukács ; tradução: Sérgio Lessa. – São Paulo : Instituto Lukács, 2015.
360 p.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-65999-33-5.
1. Ética. 2. Ontologia. 3. Marxismo. I. Título.

CDU: 141.82(111.1)

As obras dos autores do Instituto Lukács possuem licença Creative Commons, que permitem a sua cópia (parcial ou total), distribuição e transmissão desde que: 1) deem crédito ao autor; 2) não alterem, transformem ou criem em cima desta obra e 3) não façam uso comercial dela. As obras da Coleção Fundamentos, cujos direitos autorais são de propriedade dos autores fundamentais ou de seus depositários legais, possuem, quando exigida pelos seus detentores, limitação quanto ao copyright. No caso específico desta obra, o copyright pertence a the Estate of György Lukács.

1a edição: Instituto Lukács, 2015

INSTITUTO LUKÁCS

www.institutolukacs.com.br

institutolukacs@yahoo.com.br

Georg Lukács

NOTAS PARA UMA ÉTICA
VERSUCHE ZU EINER ETHIK

Tradução e Apresentação: Sergio Lessa
Revisão técnica: Eva Schepermann

1ª edição
Instituto Lukács
São Paulo, 2014

SUMÁRIO

Apresentação - Sergio Lessa.....	07
Notas para uma Ética / Versuche zu einer Ethik.....	61
Anexos.....	217
Relação das obras citadas.....	227
Notas.....	235

APRESENTAÇÃO

Lukács veio a falecer em junho de 1971, de um câncer de pulmão que, nos últimos meses de sua vida, foi minando sua capacidade intelectual e de trabalho. As últimas páginas dos Prolegômenos para ontologia do ser social são um doloroso testemunho desse momento. A primeira edição completa dos seus manuscritos póstumos dedicados à ontologia foi publicada na Itália, pela Editora Riuniti e pela Editora Guerrini & Associati, com a tradução, de muitos méritos, de Scarponi, entre 1976 e 1990. A primeira edição completa no idioma original, o alemão, pela antiga Luchterhand Verlag e sob os cuidados de Frank Benseller, terminou de ser publicada em 1986.

As quase duas décadas entre o ano de 1971 e o ano de 1990 foram muito significativas. Nesses anos, assistimos ao desaparecimento do que era tido, por muitos convictamente, como os dois possíveis futuros da humanidade. No seu início, a crise estrutural do capital deu os primeiros passos e o Estado de Bem-Estar entrou em seu ocaso. Ao final, tivemos o desaparecimento da União Soviética, em um processo ainda mais impressionante pelo fato de ter ruído, não por uma invasão, mas pelas suas próprias contradições internas. Em lugar de ilusões em um futuro melhor – fosse ele sovieticamente moldado ou regulamentado pelos valores do Bem-Estar –, a humanidade passou a ter a vida cotidiana determinada por uma crise estrutural infundável. Era o início do período histórico de transição em que nos encontramos. Transição no preciso sentido de que o presente não tem futuro: desaparecerá, de algum modo, pelas suas contradições – se não pelas suas virtudes. Se a humanidade colherá dessa transição a barbárie, a sua extinção ou o comunismo, o tempo dirá. Hoje, no momento em que a crise destrói o velho, mas ainda não anuncia as tendências futuras de sua superação, não é possível muito mais do que o reconhecimento de que o presente não tem futuro pela fundamental – e sensata – razão de que a abundância tornou inviável a reprodução do capital sem a destruição da humanidade (Mészáros, 2002; Paniago, 2012).

Uma reprodução social que funda um presente que não possui futuro demanda, espontânea e necessariamente, ideologias que tratem o futuro como algo não apenas desimportante, mas até mesmo como

inexistente. O futuro tem de desaparecer da concepção de mundo para que, no dia a dia, sejam possíveis opções e escolhas que desconsiderem o futuro. Os esforços nesse sentido não têm medida: todos os complexos ideológicos que têm seu fundamento no capital mobilizam suas forças e coordenam suas iniciativas --, por vezes, espontaneamente, outras vezes, com conhecimento de causa. Da mídia às universidades, da imprensa às igrejas, da especialização ainda mais intensa das ciências isoladas ao esvaziamento do pensamento filosófico etc. o futuro vai sendo, quando possível, cancelado – quando impossível, colocado na penumbra. Autores fantasiosos e teorias não menos descompromissadas com a realidade vão se sucedendo como frutas nos supermercados a cada estação do ano. Lipovetsky (alguém ainda se lembra dele?!), fez o elogio do presente sem futuro em seu *Império do efêmero* (1997); Daniel Bell anunciou a sociedade pós-industrial (ainda se emprega essa expressão, no passado não muito distante, um *must*?); Adam Schaff (1990) afirmava que no ano 2000 não teríamos mais trabalhadores manuais e que o principal problema da humanidade seria encontrar *hobbies* para não se enlouquecer com tanto tempo disponível; Lojkine, membro do Comitê Central do Partido Comunista francês, anunciou que não viveríamos em uma sociedade mercantil, pois teríamos entrado na sociedade da informação (Lojkine, 1995); Negri (1991, 1994, 1997), Lazzarato (1991, 1992, 1993), Hardt (e, entre nós, Giuseppe Cocco) anunciaram a atual constituição do comunismo nos “interstícios do capital” graças ao “amor pelo tempo por se constituir” (Lessa, 2005)... É de se duvidar que a maioria das pessoas que adquiriram tais livros quando estavam na moda voltaria a pagar um décimo dos seus preços hoje, poucos anos depois – se é que ainda os comprariam. Quantos, entre nós, ainda levam a sério teses que eram tidas por suprassumo da verdade nos anos de 1980-90, como a postulação por Habermas (1981) de que estaríamos transitando de uma razão instrumental para a comunicativa, que seria o ápice do desenvolvimento da sociedade democrática (enquanto, no mundo real, as democracias eram regidas por Reagan e Thatcher, por Tony Blair e Bush)? Ou as teses de Esping-Andersen (1990-1999) de que as políticas públicas dos Estados imperialistas significariam a desmercantilização das relações sociais? Ou as teses de Ferran Coll (2008) de que uma “normativa pós-materialista” estaria imperando cada vez mais intensamente no ordenamento social pelo Estado? Ou as teses de que o proletariado – ou, mesmo, o trabalho – estariam desaparecendo, dando origem a novas classes sociais ou, nos delírios mais intensos, superando as sociedades de classe? De Piore e Sabel (1994) (que enxergavam na “reestruturação produtiva” a passagem para um capitalismo mais democrático, porque fundado nas pequenas empresas que substituiriam

os monopólios) a Clauss Offe (1984), (que se colocava o problema de uma sociedade sem empregos), de Gorz (1980) (que em *Adens ao proletariado* anunciou a classe revolucionária como sendo a “não classe dos não trabalhadores”) ao “ócio criativo” de Domenico De Masi (1992) –, quantas páginas, recursos, energias humanas e forças produtivas não foram despendidas no supremo esforço de convencer a todos de que o presente seria portador de um futuro fantasioso ou – ainda melhor! – de que viver um presente sem futuro, esse, sim, seria o futuro desejável? O conjunto do complexo ideológico a serviço do capital se articula para anunciar o que poderia ser seu, nunca dito, mas sempre implícito, *slogan* fundamental: “uma humanidade sem futuro, essa a verdadeiramente livre”. Fukuyama (1992), a personificação não apenas do capital, mas também da mediocridade, é elevado a pensador com audiência mundial ao anunciar o fim da história. O presente, enfim, se identificava, por obra e graça de sua pena, ao futuro!¹

O oposto a essa espontânea e geral necessidade ideológica era tomar, tal como Lukács, o ameaçador futuro do atual presente como o autêntico futuro do presente alienado pelo capital – e, acrescentaria Mészáros, não por “qualquer” capital, mas por aquele da crise estrutural. Toda e qualquer concepção ontológica que reconheça, na teoria, a vivência básica e cotidiana de que não há presente que não venha de um passado e que, correspondentemente, não há presente que não conduza a um futuro, tem de ser descartada: Lyotard não anunciou, com grande estardalhaço, precisamente isso com *A condição pós-moderna* (1979)? O fim das “grandes narrativas”, que seria o alvorecer de uma era para além dos “totalitarismos”, não era exatamente a negação da conexão ontológica passado-presente-futuro? O alvorecer da liberdade, por ele anunciado, não se revelou o mundo de horrores de Guantánamo e de um controle nunca igualado do Estado sobre os cidadãos?

¹ Mészáros (2002), em *Para além do capital*, assinala como a temporalidade do capital se alterou com a crise estrutural do capital: não apenas não mais pode tratar as causas como causas, como ainda o presente necessita, ideológica e praticamente, ser a única dimensão temporal. José Paulo Netto, em “Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade” (2002), traçou um amplo e preciso quadro do cerco ideológico que os manuscritos póstumos de Lukács enfrentaram, já no seu nascimento. Aproveito a primeira nota para consignar meus agradecimentos a Gilmaisa Costa, Ivo Tonet, André Lessa e Mariana Andrade, que leram o manuscrito e avançaram inúmeras sugestões, boa parte delas incorporada à redação final.

Cancelar ideologicamente o futuro tem, no presente, exatamente esse significado prático: entrega o futuro às forças cegas do capital e às suas personificações. E é nesse contexto ideológico – gerado por necessidades profundamente enraizadas no capital em crise estrutural – que a reflexão de Lukács acerca do ser social e do papel que nele cumpre o complexo da ética (e, alterando muito pouca coisa, a obra de Mészáros e sua reflexão sobre a incontrollabilidade do capital) não tem lugar. O futuro é a grande questão do presente: é nessa dimensão (e apenas nessa) que a crítica revolucionária pode se alicerçar e é apenas e tão somente para essa crítica que serve a obra de Lukács (e a de Mészáros).

Como a história tem suas ironias, não é mero acaso que Lukács e Mészáros tenham sobrevivido ideologicamente ainda que em meio a essa neblina ideológica conservadora que a tudo penetra. Tal como as ideologias conservadoras, suas elaborações também estão alicerçadas em profundas necessidades sociais, precisamente aquelas em que se condensam as gigantescas possibilidades, trazidas pelo desenvolvimento das forças produtivas do capital, para a emancipação da humanidade desse próprio capital. Em poucas palavras: ao lado das necessidades ideológicas pelo cancelamento do futuro, há necessidades que a elas se contrapõem e que têm suas raízes também na matéria social atravessada pela crise estrutural. São necessidades que brotam das desumanidades postas pelo capital e, por outro lado, da possibilidade de as superarmos pela constituição de uma sociabilidade comunista, no sentido originário desse termo, o de Marx e Engels. São tais necessidades que fornecem o solo social para a sobrevivência e o desenvolvimento da abordagem ontológica do mundo em que vivemos – Lukács (e, novamente, Mészáros) à frente.

É nesse terreno – e nesse contexto – que a elaboração do último Lukács acerca da ética lança suas raízes e se levanta desafiadoramente: “nenhuma ética sem ontologia” (“*keine Ethik ohne Ontologie*”) –, quase um slogan a expressar que a recusa de se viver o presente sem futuro é a questão prática central, decisiva, das lutas ideológicas dos nossos dias. Portanto, a questão decisiva da ética.

O materialismo de Lukács

É sabido que nem sequer nos aproximamos de uma investigação completa do conjunto dos textos de *Para uma ontologia do ser social* e dos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. O já acumulado, todavia, possibilita algumas afirmações com uma elevada margem de segurança. Uma delas é acerca da concepção materialista de mundo do filósofo húngaro.

O pressuposto de Lukács é que o desenvolvimento do ser inorgânico é a história do universo. Essa história tem como características ontológicas decisivas o fato de ser composta apenas por processos físicos e químicos; e, ainda, pelo fato de esses processos inorgânicos terem dado origem a elementos e compostos químicos que evoluem, de um estágio primeiro em que eram muito mais homogêneos e, suas interações, mais simples, para outro em que se estabeleceu a atual diferenças entre a matéria e a energia, em que todos os elementos da tabela periódica estão formados, em que a matéria inorgânica se estabilizou (relativamente) no patamar em que hoje a conhecemos e. Desse processo evolutivo do inorgânico resultam interações muito mais complexas, tanto entre os átomos e moléculas, quanto entre as diferentes formas de energia e de matéria, do que as que havia no passado. Do simples ao complexo – mas, ainda, mantendo sua determinação ontológica essencial: apenas processos químicos e físicos².

Já nesse estágio mais inicial, o desenvolvimento da matéria revela uma das suas qualidades ontológicas mais universais: a totalidade é mais do que a soma das partes. Porque a totalidade é composta de todos os seus elementos, mais as interações entre esses elementos e, ainda, pelas interações entre eles e a totalidade, a totalidade contém muito mais do que apenas suas partes constituintes. Essa descoberta – na sua peculiar forma lógico-ontológica (Lukács, 1978) – foi de Hegel: a totalidade possui uma qualidade que é distinta da qualidade de seus elementos componentes³.

Essa descoberta de Hegel foi incorporada – através de sua crítica radical – por Marx e, o que agora nos interessa, por Lukács. Que a totalidade é a síntese (não o somatório) dos seus elementos é a formulação que expressa essa concepção: a totalidade é portadora de

² Um texto de divulgação científica muito interessante, ainda que não exatamente *up to date*, é, de Stephen Wimberg (1987), *Os três primeiros minutos do universo*.

³ Nesse particular, Hegel efetua uma superação radical das concepções da totalidade típicas do período moderno, de Descartes a Kant, que, *mutatis mutandis*, concebiam a totalidade como mero somatório das partes e que, portanto, a essência das partes seria a essência da totalidade. É nessa concepção mecanicista e reducionista do todo às partes que se alicerça porção ponderável do liberalismo clássico que deduz, da essência burguesa dos indivíduos, a necessária essência burguesa da sociedade; e, da eternidade da primeira essência, correspondentemente, seguir-se-ia a eternidade da essência burguesa da sociedade. (Laski, 1953; Labastida, 1990; Macpherson, 1967)

qualidades e determinações que não estão necessariamente presentes em seus elementos. Na matéria inorgânica essa propriedade se manifesta já nas formas mais simples e iniciais. Um elétron circulando um próton possui qualidades – as propriedades de um átomo de hidrogênio – que as mesmas partículas isoladamente não possuem. Dois gases, hidrogênio e oxigênio, ordenados em uma dada forma e proporção, formam a água – cujas propriedades são em tudo distintas das dos gases que a compõem. De onde vem a qualidade da totalidade que é tão distante das qualidades de suas partes constituintes? Do fato de que a totalidade contém mais do que tais elementos: são esses elementos ordenados em uma dada forma, em uma dada proporção. Essa forma e essa proporção – tão materiais quanto os próprios átomos⁴ – dão origem às propriedades químicas e físicas da água que não estão presentes, sequer em forma germinal, nos gases que a compõem.

Sabemos hoje como a história da matéria inorgânica deu origem ao universo tal como o conhecemos: a cosmologia é capaz de explicar não apenas esse processo em suas linhas mais gerais, mas até mesmo em detalhes bastante pontuais. A descoberta do bóson de Higgs, há pouco, foi um passo importante na confirmação de muito do nosso conhecimento acerca das propriedades do inorgânico, o Modelo Padrão.

Foi essa propriedade da matéria que primeiro se expressou no inorgânico, qual seja, que a totalidade é mais do que a soma – é a síntese – de suas partes, o fundamento para o próximo estágio importante na evolução ontológica: o surgimento da vida.

O que, para as concepções religiosas e místicas – as do passado e as dos nossos dias – assume o estatuto de um milagre divino (pois, como poderia surgir uma qualidade, uma propriedade nova, antes inexistente, da matéria sem uma intervenção de uma supermente criadora de tudo?), não passa de um processo muito simples e básico, decorrente das propriedades da matéria já em sua forma mais simples, a inorgânica. O que era um milagre, no passado alicerçado na ignorância, hoje é um milagre alicerçado nas necessidades ideológicas fundadas no capital, para sermos mais do que breves. Sabemos, indubitavelmente, não se tratar de milagre. É apenas um processo a que já assistimos incontáveis vezes nos bilhões de anos da história da matéria inorgânica: novas totalidades, ainda quando compostas por elementos antigos, podem dar,

⁴ Subjacente a essa afirmação do caráter material da forma e das proporções objetivas está toda uma longa discussão, já presente entre os gregos, acerca da relação entre forma e conteúdo que, aqui, não podemos mais que mencionar.

sinteticamente, origem a novas qualidades ontológicas. Esse é o processo básico da origem da vida.

O mais provável é que a vida seja um fenômeno muito mais generalizado no universo do que hoje conhecemos. Enquanto essa hipótese não é confirmada pela descoberta da vida – ou de fósseis – em Marte e em outros corpos celestes, o que temos certeza é que no planeta Terra, há cerca de 3 bilhões de anos, os processos químicos e físicos deram origem aos aminoácidos, um composto capaz de, em determinadas circunstâncias, se reproduzir gerando outro composto em tudo idêntico à matriz. Essa propriedade de reproduzir biologicamente um ser vivo, não existia antes. Os processos químicos e físicos resultam em um estado da matéria distinto, diferente, do ponto de partida. Uma reação química entre o ferro e o ácido sulfúrico dá sulfato de ferro, e assim por diante. Já os processos biológicos possuem a qualidade de se reproduzir: a reprodução biológica é a essência da nova forma de organização da matéria. Goiaba vai dar goiabeira – que vai dar goiaba, que, por sua vez, dará goiabeiras, e assim por diante.

A decomposição de qualquer ser vivo em seus elementos químicos e físicos, contudo, vai encontrar sempre o mesmo resultado: no limite, prótons, elétrons e nêutrons, partículas, átomos e moléculas que faziam parte, originalmente, da matéria inorgânica. Nada há na vida que não esteja antes e preliminarmente presente no inorgânico – a não ser a forma e a proporção de sua organização, de sua totalidade. Nessa totalidade é que é produzida a essência da nova forma de organização da matéria que é a vida – e que é produzida devido ao fato de que uma qualidade ontológica básica da matéria é a totalidade ser a síntese, não a mera justaposição, de seus elementos, repetimos.

O que era milagre a “comprovar” a existência de um deus se revelou nada mais que a continuidade de uma propriedade básica da matéria. Não é, apenas, que não temos mais necessidade de deus para explicar a vida – as ideologias criacionistas, hoje, são um empecilho para o conhecimento do mundo em que vivemos. Antes, deus já era desnecessário. Hoje, é um forte obstáculo ao avanço da humanidade.

Com a vida, repetimos, temos o surgimento de uma nova categoria ontológica: a reprodução. Se, antes, tínhamos os processos químicos e físicos, passamos a ter, ao lado deles, processos biológicos que dão origem às novas reações químicas e a fenômenos físicos (pensemos nos processos biológicos como o Ciclo de Krebs, responsável por converter e armazenar energia em ligações químicas, ou nas interações entre o RNA e o DNA, por mediações de enzimas e proteínas, processos muito mais complexos e mediados do que os

processos da matéria inorgânica). Com a vida temos propriedades e qualidades que não mais se identificam, nem podem ser reduzidas, às da matéria inorgânica. A começar pelo nascimento e pela morte, fenômenos conhecidos apenas na esfera da vida.

A generalização da vida pelo planeta fez explicitar outra propriedade da matéria orgânica. Como esta requer, imperativamente, que os seres vivos absorvam energia e matéria – simplesmente: que se alimentem –, muito cedo aquelas formas de vida com maior capacidade de atender a essa exigência básica tenderam a se reproduzir em uma maior escala que aquelas com menor capacidade. A matéria viva, por essa mediação, inicia seu processo de desenvolvimento. O processo básico dessa evolução foi descoberto por Darwin, ainda no século 19, a seleção natural. Mas o mecanismo mediador decisivo da seleção natural foi compreendido apenas nos anos de 1950, com a descoberta do DNA e dos meios pelos quais, na sua duplicação, ocorrem as mutações. Sendo mais do que breve: erros na duplicação do DNA inserem novidades na constituição do ser vivo. Caso essas novidades sejam vantajosas do ponto de vista da reprodução biológica, esse exemplar da espécie tende a sobreviver e a passar para as novas gerações a novidade que se revelou positiva. Caso contrário, tende a não sobreviver e a novidade danosa tende a não ser passada às próximas gerações.

Com a matéria viva, temos o surgimento de novas determinações ontológicas: a reprodução biológica, a vida e a morte, dizíamos e, agora, podemos acrescentar a seleção natural e a história da evolução da vida dos seres monocelulares às formas que hoje cobrem o planeta Terra. Tal como na matéria inorgânica, a tendência de base é a evolução das formas mais simples às mais complexas. Mas, diferentemente da esfera inorgânica que existe por si própria, a matéria viva só pode viver com base na matéria inorgânica. Surge, assim, outra nova qualidade ontológica, que não existia na matéria inorgânica: uma relação de dependência. A vida não pode se reproduzir – nem sequer existir – sem a matéria inorgânica. Essa dependência é, também, uma relativa autonomia. Autonomia, porque a vida não é redutível ao inorgânico, sua evolução será predominantemente determinada por seus próprios processos e por suas próprias leis; mas, relativa, porque, sem a base inorgânica, a vida não pode existir e, por isso, os eventos na matéria inorgânica, em certas circunstâncias, podem ter um forte impacto, até mesmo decisivo, no desenvolvimento da vida (pensemos na própria evolução geológica da Terra, no meteoro que, parece, eliminou os dinossauros etc.).

Tal como os milagres divinos, que do vinho faz sangue sem qualquer etapa intermediária, a passagem da matéria inorgânica à matéria viva não conhece, também, etapas intermediárias (pelo menos a ciência não nos mostrou nada semelhante). Esse processo de surgimento de novas propriedades, características, determinações, enfim, no ser orgânico, com base na evolução da matéria inorgânica, é o que Lukács denomina de salto ontológico. O que caracteriza o salto ontológico é o surgimento de uma nova – portanto, antes inexistente, nem mesmo em formas germinais – essência. A essência, como já tratamos em outros momentos, é, em Lukács (e em Marx), o conjunto de elementos de continuidade presentes em todo processo; enquanto os fenômenos são formados por seus elementos singulares ou particulares – sem nenhuma relação mecânica ou fixamente estabelecida entre os elementos de continuidade e aqueles apenas pontuais, que tendem a surgir e a desaparecer com o desdobramento do processo. Essência e fenômenos são igualmente históricos – são determinações reflexivas de toda processualidade, portanto, de todo o existente (Lukács, 1981:366-7, entre outras passagens; Lessa, 1996, 1998, 1999, 2012). Com o salto ontológico que é a origem da vida, surge a nova essência, a reprodução biológica e, com ela, um processo evolutivo da matéria que exhibe novas propriedades, novas qualidades: a seleção natural, a reprodução biológica, os processos químicos e físicos peculiares dos processos orgânicos (estudados pela química orgânica), as leis mais gerais de reprodução das “populações” de micro-organismos, de plantas, de animais etc., as relações dos seres vivos entre si e com o ambiente inorgânico estudadas pela ecologia, o nascimento e a morte etc. etc.

Devemos assinalar, contudo, que o salto ontológico é, literalmente, um salto da matéria (do ser, portanto). É um momento da evolução da matéria que dá origem a uma nova essência. A unitariedade última do ser não é sequer tocada: apenas torna-se mais mediada. Por isso, os traços de continuidade entre a matéria inorgânica, a orgânica e a social são decisivos. Se a qualidade da água não está presente no hidrogênio e no oxigênio que a formam, não menos verdadeiro é que essa qualidade apenas pode vir a ser como resultado da combinação das qualidades peculiares ao hidrogênio e ao oxigênio; a nova qualidade é decorrente da combinação em totalidade das propriedades dos dois gases. Esse decorrer, contudo, não é retilíneo nem mecânico, de tal modo que a qualidade da água não pode ser reduzida às propriedades dos gases que a compõem. Salto ontológico não significa, por isso, a ruptura da continuidade com a forma de ser anterior, significa apenas que essa continuidade é, agora, mediada pelo momento do salto.

Novamente, deus não é apenas desnecessário para compreendermos esse processo: é, de fato, um empecilho. A crença de que a vida é um milagre de deus, desencaminha o conhecimento quando se trata de refletir na consciência o mundo em que vivemos, com todas as consequências práticas, entre elas, o cancelamento do futuro como o problema decisivo da práxis presente.

O desenvolvimento da vida, do simples ao complexo, o surgimento de compostos biológicos cada vez mais complexos (as proteínas, o RNA, o DNA etc.), as formas de vida com uma capacidade de reprodução cada vez mais ampla (dos micro-organismos às plantas, aos peixes, aos anfíbios, aos mamíferos e aves e, por fim, aos hominídeos e, entre eles, ao *Homo floresiensis* e ao *Homo sapiens*) é a história do desenvolvimento da matéria viva. O universo passou a contar, a partir dos últimos 3 bilhões de anos, no planeta Terra, com uma nova forma de organização da matéria que só poderia ter surgido do desenvolvimento da matéria inorgânica e que, contudo, não pode ser reduzida às processualidades físicas e químicas do inorgânico: a matéria viva. O universo passou, ao menos em um único ponto, a ter como parte de sua história a seleção natural, a reprodução biológica, a vida e a morte. É provável que descubramos vida em outros corpos celestes, e então essa afirmação terá de ser refeita. Até o momento, contudo, é do que podemos ter certeza. A história do universo, nessa medida e sentido, ganha em complexidade e passa a contar com mediações que antes não existiam. A matéria, em seu desenvolvimento do simples ao complexo, deu origem à matéria viva, ao orgânico. A vida nada tem de, como hoje está em voga se dizer, imaterial: é tão somente a matéria inorgânica organizada em uma forma superior.

A vida, portanto, é apenas e tão somente uma forma superior de organização da matéria que surge e se desenvolve pelo próprio movimento inerente à matéria: os processos químicos, físicos e, com o salto ontológico, biológicos.

A matéria social e os valores

O surgimento dos seres humanos é um processo que possui fortes analogias com o surgimento da vida. Em primeiro lugar, apenas é possível a partir do desenvolvimento das formas de vida, das mais simples até o *Homo floresiensis* e o *Homo sapiens*. Tal como a vida necessita da base do inorgânico, o ser humano necessita, do mesmo modo imperativo, do desenvolvimento e da existência da natureza: sem a evolução da vida não haveria matéria social, sem converter a natureza nos meios de produção e de subsistência, nenhum humano é capaz de se

reproduzir. Em segundo lugar, a transição da natureza ao ser humano também não conhece intermediários: há um salto ontológico que dá origem a uma nova essência, a novas relações, categorias, determinações, propriedades, características etc. da matéria que, antes, eram absolutamente inexistentes. Em terceiro lugar, essas novas qualidades, determinações, características, categorias etc. apenas têm existência como partes da totalidade da matéria social. Pensemos na fala, nas ideologias ou, para se referir a categorias da esfera econômica, no valor de troca, na distinção e articulação entre valor e preço etc. –, categorias que apenas existem como universais, *i.e.*, mantêm-se, também aqui, que a totalidade é mais do que o somatório – é a síntese – dos seus elementos.

Nessa nova forma de organização da matéria, uma de suas qualidades básicas, radicada em sua essência, é a presença dos valores – inclusive os valores éticos.

A transição da matéria natural para a matéria social, na *Ontologia*, foi já investigada seguidas vezes e há produção suficiente, nessa área, para que não seja necessária, neste texto de apresentação às *Notas para uma ética*, uma detalhada exposição de suas mediações. O que nos interessa, agora, é o fato de que, enquanto o salto da matéria inorgânica à matéria viva teve por base um rearranjo superior dos átomos e moléculas, dando origem às substâncias orgânicas e aos processos biológicos (a divisão celular etc.), o salto para a matéria social se deu por um arranjo superior das relações dos indivíduos entre si e, concomitantemente, dos indivíduos com o seu mundo ambiente. Não foi uma alteração dos processos naturais (químicos, físicos ou biológicos) o desencadeador do salto, mas uma transformação da essência da relação dos indivíduos, em seu conjunto, com o seu ambiente. Essa transformação foi o surgimento do trabalho.

Para Lukács, tal como para Marx, o trabalho é o intercâmbio material do homem com a natureza. Por esse intercâmbio, não apenas transforma-se a matéria natural em meios de produção e de subsistência como, ainda, transforma-se a própria matéria social pela transformação dos indivíduos e pela transformação de suas relações. Ao transformar a natureza, o ser humano transforma sua própria natureza social. Isso se tornou possível porquanto a reação às necessidades e possibilidades para a reprodução biológica impostas pelo meio ambiente passaram agora a ser confrontadas, não por reações marcadas por um automatismo biológico, pelo instinto ou pelas determinações naturais (abelhas, formigas, cupins etc.), mas pela mediação da consciência. Essa mediação, ontologicamente nova, em tudo distinta do que ocorre entre os animais, faz com que se construa na mente antes de se construir na “cera” (Marx,

1983:149-50). Um grupo de indivíduos passa a ser capaz de uma nova relação com o mundo ambiente e entre si: primariamente, essa relação se expressa no trabalho pela sensata razão de que, sem a transformação da matéria natural, não é possível qualquer reprodução biológica, mesmo a dos seres humanos (Marx, 1983: 149 e ss.).

Como, exatamente, em que circunstâncias concretas, em que lugar e época, tivemos o surgimento do trabalho é algo que apenas a arqueologia e a antropologia poderão indicar. Essa é uma questão que não pode ter solução filosófica, apenas científica. Estamos nos aproximando da identificação desse momento (há pouco mais de uma década, parecia ser há 35 mil anos, na Garganta de Olduvai; hoje a data mais provável é há 100 mil anos, no sul do continente africano – e novas investigações podem trazer dados que alterem esse quadro), mas ainda não se pode dizer, seguramente, algo mais concreto. O que podemos ter certeza é que o surgimento do trabalho ocorreu entre humanoides; os dois casos conhecidos são o do *Homo floresiensis* e o do *Homo sapiens*. O que podemos ter menos certeza, mas hoje parece o mais provável, é que tenha surgido no continente africano e, depois, os humanos tenham migrado para o resto do planeta. Carecemos ainda de informações precisas sobre o patamar de desenvolvimento no momento do salto, tanto no caso do *Homo floresiensis* quanto no caso do *Homo sapiens*. Seja como tenha sido a circunstância concreta desse salto para além da natureza, o certo é que foi desencadeado pelo trabalho, na exata acepção de Marx, adotada sem reservas por Lukács.

O fato de o trabalho transformar a natureza implica que todo o trabalho é trabalho manual. Isso decorre do fato básico de que a matéria natural apenas pode ser transformada por processos naturais, isto é, por processos químicos, físicos e biológicos. E apenas é possível que a consciência dirija a transformação da matéria natural, desencadeando processos físicos, químicos e biológicos que a interesse, pela mediação da única matéria natural sob seu controle imediato (claro, não incondicional): o corpo que é portador da consciência. Por isso – e para a discussão da ética isso possui importância decisiva – apenas é possível o trabalho pela consciente (não necessariamente voluntária, não necessariamente livre de alienações) submissão da totalidade do indivíduo – sua “corporalidade”, sua atenção, seu conhecimento, sua habilidade, sua sensibilidade, sua personalidade etc. – à transformação que se almeja (Marx, 1983:149; Lessa, 2015:463 e ss., Lessa, 2011: 131 e ss.). Nessa nova relação de um ser vivo com o mundo que é o trabalho, ao transformar o seu entorno naquilo que necessita para se reproduzir, transforma, concomitantemente, a totalidade de seu ser (com todas as

mediações cabíveis em cada caso, com todas as desigualdades inevitáveis desse processo).

Um dos mais importantes momentos da transformação dos indivíduos é a acumulação de conhecimentos pelo desenvolvimento dos processos cognoscitivos. Para que seja possível construir “o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera”, e que, desse modo, “no fim do processo de trabalho” se obtenha “um resultado que já no início deste existiu na imaginação (*Vorstellung*) do trabalhador e, portanto, idealmente” (Marx, 1983:149-150), é imprescindível uma operação subjetiva complexa – ainda que espontânea e elementar em sua origem. Sobretudo, é necessária a avaliação de como, naquela circunstância concreta, o mundo irá se comportar no futuro se optarmos por agir em uma direção ou em outra. Se o projeto ideal, “na imaginação”, for o de um machado, apenas podemos decidir pela escolha desta ou daquela pedra, deste ou daquele pedaço de madeira, projetando idealmente a consequência de cada escolha. Com esta pedra, o resultado futuro será este, com aquela outra, o resultado será aquele outro – e assim sucessivamente. Para que tais antecipações ideais do futuro correspondam – com maior ou menor proximidade – ao que de fato irá acontecer, é imprescindível um conhecimento que reflita na consciência o decisivo para a transformação que se almeja (o que inclui o conhecimento da capacidade e habilidade do indivíduo ou indivíduos envolvidos).

Ao passarmos à transformação prática do mundo a partir da escolha feita (à objetivação da teleologia, em termos exatos), o nosso conhecimento acerca do mundo e acerca de nós próprios é imediatamente confrontado com aquilo que o mundo de fato é e, ainda, do que nós, de fato, somos. As reais propriedades do mundo que transformamos, e as reais potencialidades do(s) indivíduo(os) envolvido(s), servem, por essa mediação, de critério para a reelaboração do conhecimento que temos do mundo e de nós próprios. Ao transformar o mundo pela objetivação de uma teleologia, os que participaram dessa transformação também tiveram sua individualidade transformada – até aqui, porque, agora, são portadores de um conhecimento acerca do mundo e de si próprios mais aproximado ao real, mais exato, do que antes.

Mas não apenas isso. Ao transformar o mundo e, concomitantemente, o conhecimento e as habilidades se desenvolverem, também a sensibilidade se desenvolve.

A conexão ontológica básica desse processo é bastante simples, ainda que dê origem a processos sociais muito ricos e complexos, como

a arte. Ao conhecermos melhor o mundo, somos capazes de perceber – portanto, de sentir – mais coisas desse mundo e de nós próprios. Quanto melhor sentirmos o mundo, mais informações podemos trazer para nosso conhecimento. Sem que tenha havido qualquer desenvolvimento significativo dos órgãos dos sentidos, herdados biologicamente, com o tempo os humanos são capazes de sentir coisas que não sentiam antes, de ter emoções que não conheciam antes, de buscar prazeres e emoções que antes não existiam. A arte é a expressão condensada e mais pura desse processo de desenvolvimento da sensibilidade humana: somos capazes de músicas que antes não existiam, de obras de arte que não poderiam surgir antes porque não existiam ainda os sentimentos que elas expressam. Mesmo o “amor sexuado individual” (Engels, 2010) – essa poderosa força que atua em nossas vidas no nosso atual patamar de desenvolvimento histórico – não existia antes do século 12 e, desde então, não deixou de se desenvolver (Lessa, 2012a).

É nesse contexto ontológico que temos a origem e o desenvolvimento dos valores. Os valores são, ao mesmo tempo, possíveis e imprescindíveis, para a reprodução da matéria social; são uma conexão da reprodução da matéria social: nada têm de imaterial ou de não material.

Vejamos isso mais de perto.

A relação do animal com o resultado de sua ação sobre a natureza é imediata e direta: atende, ou não, à necessidade biológica que está em sua origem. Beber esta água mata a sede, aquela areia não serve para matar a sede. Essas “informações” são codificadas, mesmo nos animais superiores (chimpanzés, golfinhos etc.) em um patamar meramente biológico. Um chimpanzé é capaz tirar as folhas de um galhinho, enfiar em um cupinzeiro para retirar cupins, mas é incapaz de fazer uma criação de cupinzeiros para ter uma fonte quase inesgotável de alimentação. Os animais, nos casos mais evoluídos, são capazes de combinar o que já existe, mas não podem criar algo inexistente, como uma “plantação” de cupins.

A relação dos seres humanos com os resultados de suas ações – primária e tipicamente, no trabalho – é em tudo diversa. Nada dessa imediaticidade. O resultado será avaliado, espontânea e necessariamente, em pelo menos dois momentos, não necessariamente consecutivos. Por um lado, se o objeto resultante atende ou não, e em que medida ou proporção, às necessidades que estão na sua origem (para se cozinhar, essa fogueira é boa ou ruim, funciona bem ou mal, etc.); por outro lado, se o resultado corresponde mais ou menos proximamente ao que foi planejado (ao conteúdo da teleologia). No primeiro momento, trata-se da

maior ou menor eficiência do produto do trabalho para atender às necessidades para as quais foi criado. No segundo momento, avalia-se se os meios, as ferramentas, as matérias-primas, os procedimentos, a teleologia, o comportamento do(s) indivíduo(os) etc. foram mais ou menos adequados para a finalidade proposta. E, evidentemente, nessa avaliação está presente não apenas o presente imediato, mas também o que se almeja para o futuro. Pense-se na prática de tribos caçadoras não matarem fêmeas prenhes ou em período de acasalamento etc.

Apenas é possível incorporar à consciência os resultados dos processos de objetivação (sob a forma de conhecimentos, sensibilidades e habilidades) pela mediação de valores: isto é bom, dá certo, é útil, funciona, e aquele outro é inútil, não funciona, é ruim etc. Os processos de valoração são mediações imprescindíveis para que a transformação do mundo ambiente transforme também o(s) indivíduo(os) envolvido(s), quer pelo desenvolvimento do conhecimento, da habilidade ou da sensibilidade. Os complexos valorativos surgem também para cumprir essa função social: mediar a transformação do mundo e a transformação, a ela articulada, dos indivíduos pelo desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e da sensibilidade.

Esse processo de avaliação dos resultados da objetivação das teleologias – nos dois aspectos acima descritos, ou seja, sua eficiência em atender às necessidades e sua maior ou menor proximidade com a teleologia – não é, todavia, o único em que operam valores.

O outro momento em que os processos valorativos são uma mediação imprescindível à reprodução da matéria social relaciona-se ao fato de que a objetivação de teleologias insere, no mundo objetivo, novos objetos e novas relações antes inexistentes. Há várias conexões ontológicas aqui operantes. Para essa apresentação, o importante é que os processos de objetivação conduzem a novas necessidades e possibilidades objetivas (ou seja, cuja existência não depende de serem ou não conscientes aos indivíduos a elas contemporâneos). Se, por exemplo, a descoberta do machado cria a necessidade consciente, antes inexistente, por pedras e por madeiras de determinadas qualidades, o desenvolvimento do comércio e das cidades ao final da Idade Média gerou as possibilidades objetivas da Peste Negra – e, diferentemente do exemplo do machado, os humanos da Idade Média não tinham nenhuma consciência da ameaça que pairava sobre eles. Além disso, as transformações provocadas nos indivíduos pelos processos de objetivação, produzindo novos conhecimentos, uma sensibilidade superior e habilidades mais desenvolvidas, também geram nas pessoas novas necessidades e possibilidades. Numa expressão que se tornou

famosa, Lukács sintetizou essa situação dizendo que o “ato de trabalho remete sempre para além de si próprio” (Lukács, 1981:135). Além de produzir sua finalidade imediata (digamos, um machado), toda objetivação produz também novas necessidades e possibilidades objetivas e subjetivas (isto é, dos indivíduos); geram, portanto, conseqüências que se estendem muito além do próprio ato que lhes deu origem.

Há várias conseqüências ontológicas dessa situação basilar. O que agora nos interessa é que aqui, também, encontramos a mediação dos valores. O fato de, na reprodução social, necessária e constantemente se produzir novas necessidades e possibilidades faz com que novas teleologias tenham de ser constantemente elaboradas. O projeto de um machado – ou de uma fogueira – para atender às necessidades e possibilidades de ontem já não é mais o melhor projeto para uma situação futura. Novos conhecimentos e habilidades possibilitam fazer um machado – ou fogueira – melhor que o anterior; uma sensibilidade mais acurada possibilita distinguir novas características das pedras e das madeiras, o que permite uma escolha mais adequada da matéria-prima, dos meios que serão empregados, e assim sucessivamente. Além disso, as circunstâncias objetivas também se alteram, o que possibilita e requer “novas” fogueiras. Machados, digamos, genéricos vão sendo substituídos por machados especializados (para cortar árvores, para caçar, para quebrar pedras etc.) à medida que as possibilidades e necessidades objetivas trazidas pelo machado e pela relação mais desenvolvida que ele possibilita com o mundo vão sendo incorporadas à consciência e à prática das sociedades, num processo que conduziu do machado à chegada da humanidade à Lua – e, também, à bomba atômica.

Em poucas palavras, se a reprodução biológica se caracteriza pela reprodução do mesmo (goiaba dá goiabeiras, que dão goiabas, que darão goiabeiras etc.), a reprodução social se caracteriza pela produção incessante do novo – novas necessidades e possibilidades, tanto subjetivas quanto objetivas. Essa situação ontológica faz com que se torne imprescindível a constante elaboração de novas teleologias que incorporem as novas possibilidades e que atendam às novas necessidades que incessantemente vão surgindo. E, nesse processo, é imprescindível que tenha lugar uma escolha: qual a necessidade mais necessária e, a seguir, qual a melhor possibilidade para atender à necessidade escolhida. Isso apenas é possível por uma comparação das necessidades e possibilidades entre si e, para essa comparação, os valores são imprescindíveis.

Portanto, o segundo momento em que os valores são imprescindíveis à reprodução matéria social é nas escolhas das alternativas que vão incessantemente sendo postas pela vida social.

Ainda que rapidamente, é importante chamar a atenção para duas peculiaridades dos valores dentre as muitas categorias ontológicas que surgem espontaneamente da reprodução social (a linguagem, a individualidade, etc.). A primeira delas é que os valores são sempre uma relação consciente entre o ser humano e as circunstâncias objetivas em que vive, a causalidade. O quanto essa consciência é mais ou menos correta, no sentido de sua aproximação ao ser-precisamente-assim do valorado, o quanto ou se é alienada, são questões com importantes repercussões tanto práticas quanto teóricas, mas que não alteram o fundamental dessa caracterização. Por um lado, os valores (e complexos valorativos) devem ser capazes de incorporar a essência do setor da realidade a ser valorada; por outro lado, o processo de valoração, sempre e necessariamente, se refere às finalidades atuantes naquela relação específica. Conhecidas as qualidades básicas da água e da pedra, por exemplo, a primeira será inútil para um machado, e a segunda, útil. Para matar a sede, é o oposto. O que se alterou não foram as qualidades ontológicas da água ou da pedra, ou o conceito de útil ou de inútil, mas a finalidade em relação à qual as propriedades dos objetos são úteis ou inúteis. Os valores são sempre uma relação consciente entre a finalidade e o mundo em que se vive, a causalidade.

A segunda peculiaridade é que os complexos valorativos – por determinação ontológica fundamental e inexorável – são sempre conectados ao futuro. Mesmo quando avaliamos o passado, o fazemos tendo em vista um futuro que se expressa, imediatamente, pela finalidade em questão. Nenhum processo valorativo pode ter lugar se dele não fizer parte uma intenção, ainda que irrefletida e espontânea, outras vezes ideologicamente muito elaborada, acerca do futuro.

Essas duas peculiaridades, se levarmos em consideração as diferentes mediações em cada caso, se aplicam tanto aos valores mais simples (aqueles que brotam da vida cotidiana, como os valores de uso, os costumes das sociedades mais primitivas etc.), como também para as questões morais e éticas mais complexas, que exigem um desenvolvimento superior dos valores para que possam cumprir os diversos papéis de mediação que mencionamos há pouco. Essas duas peculiaridades se aplicam, *mutatis mutandis*, tanto às relações dos seres humanos com a natureza quanto, também, naquelas questões que são puramente sociais – no preciso sentido de que não envolvem diretamente qualquer matéria natural. (Pense-se, por exemplo, na questão

ética: é aceitável que um ser humano viva do trabalho de outro ser humano?)

Os valores, portanto, são mediações indispensáveis à reprodução dessa nova forma de organização da matéria que é o ser social. A matéria social apenas existe reproduzindo-se socialmente – e, dessa reprodução, os valores são um produto espontâneo justamente porque são uma mediação imprescindível. São, por isso, uma conexão material da organização superior da matéria: o ser social. Nada possuem de imaterial pelo fato de terem por *locus* a forma superior de organização da matéria que é a subjetividade humana. Dos valores mais próximos à economia (como o valor de uso, de troca etc.) aos valores mais distantes da transformação da natureza e que a ela se articulam por mediações por vezes muito numerosas e complexas, o caráter material decorre do fato de que são apenas e tão somente partes da matéria social que, por sua vez, nada mais é que uma forma superior de organização da matéria – forma esta, como vimos, decorrente do próprio desenvolvimento da matéria.

Tanto para Marx quanto para Lukács, ser e matéria são sinônimos. Evidentemente, sem reproduzir o equívoco de reduzir a matéria à natureza, típico do materialismo do século 18 ou dos materialistas vulgares de nossos dias. A concepção materialista de Marx e Lukács supera as concepções ontológicas dualistas que, desde Aristóteles até Hegel, operaram com um espírito humano que não é material e com uma materialidade humana limitada à matéria natural. Esse dualismo não vai além, bem pesadas as coisas, de uma concepção religiosa laicizada. Os valores, tal como os atos mais espirituais dos humanos, são resultados que impulsionam e são impulsionados pelo desenvolvimento da matéria enquanto tal. O fato de surgirem muito tardiamente, apenas no patamar superior de organização da matéria, e de terem por *locus* a subjetividade humana, não cancela, apenas reafirma, o seu caráter material. Também no caso dos valores, tem validade a afirmação de que, por ser um ser social, é um ser material.

Generidade e valores

Mencionamos acima como os valores expressam uma relação, por vezes plena de mediações, entre a finalidade e as determinações objetivas do setor da realidade a que se referem. É preciso, agora, examinar mais de perto os dois polos dessa relação: o mundo objetivo (a causalidade, como se referia Lukács) com a qual se relaciona a finalidade e, em seguida, a finalidade que se relaciona a esse mundo objetivo.

Vimos como o desenvolvimento da matéria inorgânica à matéria orgânica e, posteriormente, à matéria social gera, sempre, novas categorias, novas determinações, novas conexões etc., porque pelo salto ontológico temos o surgimento de uma nova essência – isto é, de uma nova qualidade ontológica que se expressa condensadamente nos traços de continuidade da nova forma de organização da matéria: a vida, a seleção natural, o desenvolvimento das espécies pela seleção natural, as mutações etc.

Mencionamos, ainda, que algo análogo ocorre com o salto ontológico da matéria orgânica à matéria social. Surge o trabalho, a consciência passa a ser mediação indispensável na sua reprodução social, lutas de classe, propriedade privada, valor de uso e valor de troca, emoções e obras de arte etc. são uma novidade tão radical em relação à matéria orgânica quanto a seleção natural, as mutações, os novos compostos orgânicos (DNA, RNA etc.) são novidade ante a matéria inorgânica.

Para nossa apresentação de *Notas para uma ética*, o que agora importa desse complexo de questões é que, com a matéria social, surge uma nova (porque antes inexistente, mesmo em germe) qualidade ontológica na relação entre a singularidade e a universalidade. A relação basilar entre essas categorias é a de que universalidade é sempre a síntese de suas singularidades, e estas são sempre a singularização da universalidade da qual são partícipes. Isso se mantém nas três formas de organização da matéria: na inorgânica, na orgânica e na social.

Além dessa determinação reflexiva básica, novas mediações são inseridas à medida que a matéria vai se desenvolvendo do inorgânico ao social. Uma nova mediação passa a operar entre o universal e o singular humanos. Na matéria orgânica, o elemento decisivo da evolução é o surgimento das mutações e sua seleção natural. Entre o desenvolvimento das espécies e os exemplares singulares há, por isso, uma enorme proximidade pela qual o novo, que surge no singular, pode – pelo mecanismo da seleção natural – se generalizar para toda espécie, mas o oposto é impossível. Isto é, não é possível surgir uma nova determinação biológica na universalidade da espécie sem que tenha ocorrido, antes, em ao menos um exemplar. Nesse preciso sentido e nessa dimensão, o desenvolvimento da espécie é dependente do que ocorre nos seus exemplares singulares – sem com isso, claro, cancelar os inúmeros efeitos da seleção natural sobre os singulares e suas mutações.

No salto ontológico que dá origem à matéria social, nada disso pode ser verificado. Pelo contrário, é uma nova forma de organização da relação do conjunto dos seres humanos (bando, tribo etc.) com o

ambiente que funda a sociabilidade: a transformação se dá do gênero para o indivíduo; as determinações ontológicas predominantes da matéria social se expressam no universal e, também por isso, possibilitam e requerem a gênese e o desenvolvimento de todas as categorias sociais (sexualidade, educação, Direito, economia, Estado, emancipação política e humana, modos de produção, fala etc.). É a nova qualidade da universalidade que exerce o momento predominante no desenvolvimento da matéria social: o gênero humano ganha um papel no desenvolvimento da sociabilidade que é ontologicamente muito mais importante que a relação entre espécie e exemplar singular na matéria orgânica (sem que isso, evidentemente, cancele a determinação básica da relação universal/singular que mencionamos acima). Plasticamente, esse fato ontológico se expressa em que a gênese da matéria social é a gênese de um complexo de complexos formado, pelo menos, pelo conjunto das relações sociais (a sociabilidade), a fala e o trabalho (Lukács, 1981:11-15, 1986:7-10).

Essa nova qualidade ontológica na relação do gênero com o indivíduo tem amplas repercussões na matéria social. Com as devidas mediações, é o fundamento para que a totalidade social seja o momento predominante na relação com os complexos singulares (o que não cancela, de modo algum, o trabalho como momento fundante e a economia como momento predominante da história), para que o desenvolvimento das forças produtivas tenha uma dimensão genérica incancelável, para que as individualidades tenham por essência a qualidade da relação que estabelecem com o gênero etc. etc.

Em se tratando da objetividade com a qual se relacionam os valores, o importante é que nela comparece inexoravelmente a sua dimensão genérica e, na enorme maioria das vezes, como o fundamental da circunstância concreta à qual a finalidade se refere. Os homens “fazem a história, mas não em circunstâncias que escolheram...” (Marx, 2008). Essas circunstâncias, na sua imediaticidade, possuem uma dimensão universal, genérica, não apenas impossível de ser objetivamente cancelada, como ainda plena de imediatas repercussões na práxis – e, portanto, sempre com reflexos na consciência: pois, repetimos, na reprodução da matéria social, a qualidade gerada pelo caráter sintético da universalidade humana possui um papel ontologicamente superior ao papel das singularidades (dos indivíduos). Apenas por isso é possível que uma relação universal como o capital exerça uma determinação de tal qualidade sobre a vida cotidiana que tenha de ser incorporado em todos os atos singulares dos indivíduos, sobretudo – para o que agora nos interessa – tem de ser incorporado à

finalidade que se direciona ao mundo dominado pelo capital, sob pena de a objetivação não obter êxito.

A qualidade dessa incorporação, com que grau de consciência, com qual conhecimento do ser-precisamente assim da objetividade à qual se dirige, se alienada ou não etc., são aspectos importantes. Mas não cancelam ou esmaecem o fato de que, no mundo objetivo ao qual as finalidades dos atos humanos se referem, a sua dimensão genérica, universal, não é apenas uma das dimensões, mas a relação mais importante e de maior peso ontológico. Não é possível qualquer relação dos indivíduos humanos – e com as devidas mediações, de grupos, classes ou mesmo sociedades inteiras – com o mundo objetivo que não incorpore, decisivamente, as determinações da universalidade do estágio do desenvolvimento da matéria social em que essa relação tem lugar. Júlio César é fruto do escravismo tanto quanto Bill Gates do capitalismo, etc. Mesmo a relação mais íntima e pessoal do indivíduo consigo próprio incorpora a universalidade humana, da qual é partícipe de forma determinante. (Apenas no capitalismo a variação do montante da conta bancária pode ser medida para autoestima do indivíduo, apenas sob o capital a cisão das personalidades em *citoyen/bourgeois* é universal, e assim por diante.)

A peculiaridade ontológica dessa relação entre o universal e o singular se expressa, imediata e cotidianamente, pela mediação das necessidades e possibilidades postas para a práxis. A vida cotidiana é a totalidade social com a qual imediatamente nos relacionamos e para a qual se dirige a maioria dos nossos atos. Entre outras determinações, ela é portadora dessa síntese das necessidades e possibilidades genéricas – fundadas, por último, pelas tendências universais do desenvolvimento humano – com as possibilidades e necessidades apenas singulares, peculiares a cada momento da vida. Fundamentalmente por isso, por mais primitiva que seja a sociedade, por mais simples e direto que seja o ato singular, a dimensão genérica é rigorosamente incancelável do setor da realidade a que se refere a finalidade pela qual o indivíduo – ou grupos, classes ou, mesmo, sociedade – dirige sua atividade.

A ilusão positivista ou neopositivista, de que o singular é “mais cognoscível” do que o universal filia-se à concepção moderna de que o singular é o real, o universal, mera artimanha da subjetividade para ordenar o existente – isso é, as singularidades – em uma ordem possível de ser concebida intelectualmente. Tal ilusão é uma distorção da experiência cotidiana de que, ao conhecer uma árvore, conhecemos ao mesmo tempo e pelo mesmo processo várias determinações ontológicas de todas as árvores, isto é, da universalidade das árvores. Só pelo

universal, repetimos, é possível dar nome ao singular. Como escreveu Chasin (1982), o “singular é indizível” por si só. As repercussões metodológicas daqui já foram tratadas por Ivo Tonet (Tonet, 2014) no que se refere ao conhecimento científico e, por isso, podemos encerrar esse pequeno parêntese.

Lukács, para expressar o conteúdo mais universal, genérico, das necessidades e possibilidades presentes na vida cotidiana – portanto, para expressar a atuação das tendências históricas as mais universais a cada momento do desenvolvimento da matéria social – emprega uma expressão em alemão, *Gattungsmäßigkeit*, que é de difícil tradução. A melhor opção, pelo menos até o momento, tem sido um neologismo: generidade. A generidade se distingue da totalidade da matéria social porque esta contém, além das determinações universais, também as particulares e singulares. A generidade expressa apenas e tão somente essa dimensão universal da matéria social, suas tendências de desenvolvimento as mais gerais⁵.

Portanto, o mundo objetivo (a causalidade, como diria Lukács) a que se referem as finalidades de cada ato singular, de cada indivíduo concreto, é permeado por necessidades e possibilidades genéricas, além das possibilidades e necessidades pontuais, particulares ao momento. As “circunstâncias” sob as quais fazemos a história possuem uma dimensão genérica tão real, tão atuante na vida cotidiana, com tantas repercussões práticas quanto as dimensões particulares e singulares – com todas as variações e desigualdades peculiares à historicidade da matéria social. Os valores, portanto, ao se referirem ao mundo naqueles momentos da práxis que acima delineamos, têm de incorporar – sob pena de não cumprirem sua função social e, assim, desaparecerem – a dimensão genérica do setor da realidade a que se relacionam. É essa generidade objetivamente existente na matéria social que funda a necessidade e a possibilidade de um complexo valorativo específico que torne socialmente visíveis – portanto apreensíveis – as possibilidades e necessidades as mais universais postas pela humanidade no curso de seu desenvolvimento histórico. Evidentemente, o conteúdo de tais valores irá variar de acordo com o conteúdo da generidade a cada estágio da história, como veremos na última parte desta apresentação. Esse complexo é a ética.

⁵ Agradecemos a Mariana Andrade por ter chamado nossa atenção para esse aspecto da questão.

Isto no que se refere à objetividade para a qual as finalidades dos atos humanos se dirigem. Devemos, agora, passar ao outro aspecto: o das finalidades que se dirigem ao mundo objetivo. Aqui, essa relação entre o universal e o singular, entre a genericidade e os atos singulares, exhibe outras mediações.

Ao tratarmos, acima, dos momentos da práxis em que os valores são mediações imprescindíveis, tocamos em algumas características do processo de elaboração da teleologia – sempre, desnecessário assinalar, um processo que ocorre no interior da consciência, uma atividade da subjetividade. A consciência, sendo a consciência de um mundo em constante transformação – não apenas pelo contínuo desenvolvimento da natureza, mas, principalmente, devido às novas necessidades e possibilidades, objetivas e subjetivas, incessantemente postas pela práxis humana – apenas pode existir como processo igualmente incessante de incorporação das novas necessidades e possibilidades. Como não é, na prática, possível atender a todas as necessidades e explorar todas as necessidades da vida cotidiana, é necessário um processo de escolha da necessidade mais necessária e da melhor possibilidade para atender a essa necessidade. Nesse processo de escolha, como já vimos, os valores, os processos valorativos, são imprescindíveis.

Desse processo, o aspecto ao qual agora devemos chamar a atenção é que, embora um processo que ocorre na consciência, no interior da subjetividade, a elaboração das teleologias – isto é, dos projetos ideais que irão orientar as objetivações – apenas pode cumprir sua função social caso seja capaz de incorporar as determinações imprescindíveis do setor da realidade que pretende transformar. Sem um conhecimento adequado – e sem que esse conhecimento faça parte da teleologia – nenhuma objetivação pode ter sucesso. Adequado, no sentido de que corresponda às necessidades e às possibilidades que se pretenda atender e explorar. A função social fundante da ciência e da filosofia é atender a essa necessidade pelo reflexo na consciência, através de uma constante aproximação, do ser-precisamente-assim existente do mundo em que se age. E, novamente aqui, o peso das categorias universais nos processos objetivos se reflete no peso das categorias universais tanto na ciência quanto da filosofia.

Em comparação com a relação entre o singular e o universal na natureza, o peso ontológico da genericidade na relação com os indivíduos humanos é tão mais intensa e preponderante que, por exemplo, o fundamento último das diferenças entre Ícaro e Santos Dumont – e os respectivos projetos de “dar asas aos seres humanos” – não se situa essencialmente nas diferentes concepções de mundo ou nas distintas

concepções de ciência de cada um, ou, ainda, nas diferenças entre eles. Ícaro e Santos Dumont possuem distintas concepções de mundo e diferentes concepções de ciência – e são individualidades também distintas, uma real, outra mitológica – fundante e fundamentalmente porque vivem em sociedades nas quais o conjunto de necessidades e possibilidades são tão distantes entre si quanto o escravismo grego e o capitalismo monopolista. Apenas é possível a elaboração de teleologias que sirvam, de fato, à reprodução da matéria social, tanto dos indivíduos quanto das sociedades como um todo, na medida em que as teleologias incorporarem o que o mundo é, com as necessidades e possibilidades das quais ele é portador a cada momento. Nesse preciso sentido, ainda que uma atividade da consciência, as teleologias tendem a incorporar as determinações do mundo a que se dirigem e, como vimos, nesse mundo a dimensão genérica está sempre presente, é incancelável.

Por isso, com as devidas mediações em cada caso, toda teleologia, *i.e.*, toda finalidade objetivada, é sempre portadora da genericidade. Pode ser portadora de modo mais ou menos alienado, com um melhor ou pior “conhecimento de causa” (Engels), com uma maior ou menor proximidade ao ser-precisamente-assim existente, mas é sempre portadora da genericidade.

Contudo, com uma mediação decisiva: toda finalidade é, necessária e insuperavelmente, particular. Isto é, pela sua própria determinação ontológica (a impossibilidade de atender a todas as necessidades e explorar todas as possibilidades), na elaboração da teleologia deve-se selecionar qual setor do mundo que será transformado, que será alvo da objetivação. Por outro lado, como toda objetivação possibilita o desenvolvimento das individualidades (a exteriorização), as necessidades e possibilidades subjetivas que estão surgindo também adentram o processo de resposta ao mundo objetivo, interferindo sobre a escolha de qual setor da realidade a ser transformado e em que sentido se dará a transformação. Toda posição teleológica, portanto, é particular – mas apenas pode ser particular porque portadora, em alguma dimensão importante, da genericidade.

Como resultado dessa inexorável coexistência dos elementos universais e singulares em todas as posições teleológicas (em tudo distinto do que ocorre na relação universal/singular da matéria natural), emerge uma contradição entre as necessidades que imediatamente brotam das circunstâncias objetivas e as necessidades que brotam do desenvolvimento das individualidades. A qualidade desse confronto varia enormemente. Desde a mais crua antinomia à quase concordância perfeita, com todas as variações intermediárias. A vontade, o desejo, as

perspectivas de futuro, o que se almeja pessoalmente da vida, etc. são impulsos que brotam da subjetividade que, muitas vezes, se expressam pela mediação de valores, e que refletem, no momento de constituição das teleologias, a distância entre a história dos indivíduos e a história do gênero humano (sobre esse aspecto, voltaremos ao final desta apresentação).

Em suma: toda teleologia é voltada a um setor da realidade e a atender a uma necessidade (ou a um conjunto restrito de necessidades), lançando mão de uma possibilidade (ou de um conjunto delas restrito) e, por isso, é sempre particular. Essa particularidade, todavia, não cancela a presença e a operação, no seu interior, dos momentos genéricos – sendo preciso, a finalidade apenas pode ser particular porque é uma síntese das determinações genéricas com as determinações singulares das “circunstâncias” em que deverá ser objetivada.

Portanto, as dimensões genéricas, mais universais, da história da humanidade (a generidade) – repetimos – se fazem sempre presentes nas posições teleológicas e, também, nos processos de objetivação – e, por conseguinte, também nos resultados de tais objetivações. Como diz Lukács nos *Prolegômenos*, a diferença ontológica entre a objetividade e a subjetividade na matéria social é real e insuperável, mas não existe nenhuma “muralla da China” entre elas: as determinações objetivas adentram a subjetividade e são, pela mediação das objetivações de teleologias, transformadas dos atos conscientes dos seres humanos, pela ação da subjetividade sobre a objetividade. O momento predominante cabe à objetividade; a consciência é sempre a consciência de um mundo em que se vive: a “existência determina a consciência”.

As tendências histórico-universais

Assinalamos, até agora, que a matéria social, diferentemente da matéria natural, apenas pode se reproduzir pela mediação dos valores (o que não significa, claro está, que seja por eles fundada); que esses valores, com todas as variações e mediações cabíveis em cada caso – inclusive as alienações – sintetizam, sempre, as determinações mais universais com aquelas mais singulares de cada “circunstância”. O que determina a evolução dos complexos valorativos e, o que nos interessa mais diretamente, o complexo da ética, é a evolução histórica do conteúdo da universalidade e da singularidade da matéria social.

A evolução do conteúdo da universalidade social (a generidade) e da singularidade social (nesse caso, os indivíduos) é determinada por três tendências histórico-ontológicas que, com desigualdades, avanços e recuos, contradições etc., se afirmam no curso do desenvolvimento da

matéria social. Novamente, aqui, temos uma analogia com o desenvolvimento das formas precedentes da matéria: tanto nas matérias orgânica e inorgânica, quanto na social, evolui-se do simples ao complexo, de formas mais diretas para aquelas mais mediadas, mais heterogêneas. Essa evolução, na matéria orgânica, como vimos, é impulsionada pela reprodução biológica (pela seleção natural, pelas mutações etc.); na matéria inorgânica, é impulsionada pelos processos físicos e químicos.

No ser social, essa evolução – repetimos – é impulsionada por três tendências históricas de fundo.

A primeira delas é o desenvolvimento das forças produtivas, que conduz ao afastamento das barreiras naturais. À medida que os processos de objetivação vão se sucedendo, em um longo, desigual e contraditório processo, amplia-se a capacidade de os seres humanos tirarem da natureza os meios de subsistência e de produção de que necessitam. Esse “de que necessitam” já é, em si, uma categoria histórica: toda objetivação produz novas necessidades e possibilidades objetivas e subjetivas, na sociedade e nos indivíduos, o que impulsiona sempre a objetivações socialmente mais desenvolvidas e, portanto, à produção de necessidades e possibilidades também socialmente mais avançadas. Com o passar do tempo, tendencialmente necessita-se cada vez de menos tempo de trabalho (lembramos, o intercâmbio material do homem com a natureza) para produzir o imprescindível à reprodução das sociedades e, subjetivamente, conhecemos e sentimos cada vez melhor o mundo em que vivemos. As determinações naturais, sem jamais desaparecerem, vão perdendo força na determinação dos destinos humanos. Nunca é demais repetir que são ontologicamente integrantes dessa evolução as desigualdades e contradições, os avanços e recuos; não há, nessa evolução, qualquer linearidade. Todavia, enquanto tendência, ela é universal: o desenvolvimento das capacidades humanas em transformar a natureza estabelece – novamente, com todas as mediações peculiares a cada caso, sem qualquer mecânica linearidade – as determinações essenciais de cada formação social e de sua própria evolução. O trabalho de coleta determinou as tendências históricas mais universais das sociedades primitivas, o trabalho escravo e o trabalho servil cumpriram a mesma função social nas sociedades escravista e feudal, respectivamente, e por fim, o trabalho proletário determina o essencial do modo de produção capitalista. Em poucas palavras, porque o trabalho é a categoria fundante da matéria social, o desenvolvimento das forças produtivas (e, portanto, das formas particulares do trabalho) é o momento predominante da história da humanidade.

A segunda tendência histórica de fundo é o desenvolvimento das individualidades. Vimos como foi fundante da matéria social o salto qualitativo na relação do conjunto dos singulares com o mundo ambiente: o surgimento do trabalho. Foi uma transformação de caráter genérico (e não uma transformação que, dos exemplares singulares se generalizou pela espécie, como na matéria orgânica) que fundou a sociabilidade. A gênese da matéria social é a gênese de uma totalidade, de um complexo de complexos. Todavia, o trabalho apenas pode existir se os indivíduos forem portadores de uma consciência social, isto é, se forem individualidades capazes de operar, na vida cotidiana, as complexas mediações entre teleologia, objetivação, exteriorização, novos objetos socialmente postos, novas necessidades e possibilidades objetivas e subjetivas, os processos valorativos envolvidos, a fala etc. etc. Ou seja, um gênero fundado pelo trabalho requer, imperativamente, indivíduos que desenvolvam em si próprios patamares de individualidades que correspondam às necessidades e possibilidades cada vez mais socialmente desenvolvidas e incessantemente geradas pelo desenvolvimento da matéria social. A matéria social individual (as individualidades) e a matéria social genérica (a universalidade social) apenas podem existir, respectivamente, como a universalidade e as singularidades sociais – mas não são redutíveis uma à outra. Em ambos os polos da matéria social, o predominante é o desenvolvimento das forças produtivas – mas as mediações não são as mesmas, nos dois casos.

Desde o primeiro momento da história da matéria social, o processo de síntese em universalidade dos singulares possui uma mediação ontologicamente inédita se comparado com a natureza: as interações entre os indivíduos entre si, e entre cada indivíduo e a totalidade social, têm sempre a mediação de atos teleologicamente postos. Esse é o fundamento ontológico da autonomia relativa que a história da matéria de cada indivíduo possui em relação à matéria social geral da qual é partícipe. As relações sociais dos indivíduos para com a sociedade são sempre mediadas pelas reações e respostas dos indivíduos às “circunstâncias” – e essas respostas e mediações são, sempre, atos teleologicamente postos.

Uma sociedade crescentemente mediada abre alternativas, possibilidades, às ações dos indivíduos muito mais variadas, quantitativa e qualitativamente, que uma sociedade mais simples, mais primitiva – em uma palavra, aumenta o espaço de manobra de cada indivíduo ante a genericidade sem, com esse aumento, revogar o caráter sempre relativo de sua autonomia em face da totalidade social. A autonomia é relativa

precisamente porque é predominantemente determinada pelas tendências históricas genéricas. Mesmo relativamente limitado, contudo, o aumento dessa autonomia é real: esse o fundamento objetivo da necessidade e possibilidade de os indivíduos, com o tempo, desdobrarem personalidades cada vez mais ricas, complexas, que geram e são capazes de operar com necessidades e possibilidades subjetivas, individuais, afetivas e racionais, crescentemente matizadas, mediadas, complexas. Se a essência da matéria social é o “conjunto (*ensemble*) das relações sociais” (Marx, 2009), a essência da matéria individual, da individualidade, é o conjunto das relações que o indivíduo mantém com a genericidade da qual é parte. O desenvolvimento das relações dos indivíduos com a sociedade é, também e com as devidas mediações, o desenvolvimento das relações internas à personalidade, que vai se tornando crescentemente complexa e mais desenvolvida. De um singular meramente biológico, na matéria social evolui-se para as singularidades sociais que desdobram personalidades cada vez mais complexas, mais ricas em mediações. Com isso, sem nenhuma linearidade, as singularidades sociais dos indivíduos se tornam crescentemente diferenciadas. Cada vez mais, a personalidade de cada um de nós se diferencia das de outras pessoas – não porque isso se contraponha ao momento predominante da totalidade, mas justamente porque o desenvolvimento da totalidade social assim requer e possibilita.

Se, no desenvolvimento da totalidade social, dos modos de produção, os dois saltos ontológicos mais importantes foram a Revolução Neolítica (o trabalho excedente, o surgimento das sociedades de classe etc.) e a Revolução Industrial (a superação da carência pela abundância e a instauração do antagonismo entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção capitalistas), na história da evolução da matéria individual o salto ontológico mais importante é o surgimento do individualismo burguês, obra e graça da nova forma de propriedade privada, o capital.

Antes do capital, a existência de cada indivíduo dependia direta e imediatamente da sua participação em sua comunidade mais imediata. Na sociedade primitiva, fora da tribo ou do bando, até mesmo a sobrevivência biológica de um indivíduo era impossível. O destino de cada um era tão fortemente determinado pelo destino coletivo que, na relação do indivíduo com a totalidade social (a tribo, o bando etc.), era muito limitada a possibilidade de as necessidades e possibilidades individuais, subjetivas, se explicitarem e ganharem expressão social. Mesmo nas primeiras sociedades de classe, esse predomínio tão intenso da genericidade ante a individualidade, com algumas alterações, se

manteve. Pensemos na opção de Sócrates de “voluntariamente” morrer em Atenas em vez de aceitar o degredo. Fora de Atenas, uma individualidade como a de Sócrates (um senhor de escravos etc.) não tinha possibilidade alguma de sobreviver, pela simples razão de que, se não fosse parte de sua classe social na sua comunidade, sua identidade social desapareceria. *Mutatis mutandis*, o mesmo vale para um indivíduo na Idade Média. Um nobre era um nobre, e o servo, um servo, porque partícipes de uma comunidade no interior da qual, e apenas no interior dela, poderiam ser servos ou nobres.

Isso se altera com o início do capitalismo. A nova forma de propriedade privada, o capital, possui mais ou menos o mesmo valor em qualquer lugar do mercado mundial. A relação imediata, de dependência do indivíduo para com sua comunidade, é substituída pela relação planetária da propriedade privada individual com o mercado que vai se tornando mundial. Agora, pode ser um bom negócio para o indivíduo conduzir sua cidade, Estado ou nação a uma crise sem par. Não passaria de um burguês idiota se não aproveitasse a oportunidade. Pelas relações mercantis, os indivíduos ficam livres das amarras locais, comunitárias, ao seu desenvolvimento e, correspondentemente, as individualidades explodem em um processo de desenvolvimento muito acelerado. É impossível de ser descrito em poucas palavras o quanto o individualismo burguês foi revolucionário, não apenas ao romper os velhos laços de produção e as velhas relações políticas, mas também ao evidenciar, em um modo socialmente reconhecível, as necessidades e possibilidades de desenvolvimento da matéria social de cada indivíduo ante a generidade. Não houve aspecto da reprodução da matéria social que não tenha sido afetado por essa evolução. Da economia à política, da arte à moda, da música à arquitetura: o Renascimento que, de italiano, se esparramou pela Europa; o século de ouro da Holanda, a Reforma, o liberalismo e o Iluminismo são apenas alguns de seus momentos mais significativos.

Esse rompimento das amarras milenares ao desenvolvimento das individualidades, contudo, em alguns séculos passaria a exibir os seus primeiros limites. Em poucas palavras, com o desenvolvimento das relações de produção capitalistas, as alienações oriundas do capital vão impondo cada vez mais, a esse individualismo em sua origem revolucionário, um caráter alienado, desumano, contrarrevolucionário. Os interesses (necessidades e possibilidades) da propriedade privada de cada indivíduo foram elevados, não apenas acima das necessidades e possibilidades genéricas, mas foram mesmo convertidos em fundantes da sociabilidade. Inverte-se por completo, na ideologia e na concepção de mundo, portanto nos valores e nos processos de

objetivação/ exteriorização, a relação ontológica entre gênero e indivíduo. Age-se como se este, e não o gênero, fosse o predominante na história: em linhas muito gerais, esse o fundamento material para o individualismo burguês, revolucionário no passado, decadente em nossos dias.

A segunda tendência universal da história é, portanto, o desenvolvimento das individualidades em personalidades cada vez mais socialmente mediadas – processo esse fundado e impulsionado pela primeira tendência universal, o desenvolvimento das forças produtivas, o afastamento das barreiras naturais.

A terceira tendência histórica de fundo no desenvolvimento da matéria social é o desenvolvimento do caráter universal, genérico, da matéria social. De pequenos bandos e tribos, das sociedades primitivas – cuja generidade não ia além da relação coletiva com o ambiente local – evoluiu-se para as primeiras sociedades de classe (os impérios da Antiguidade). Nestas, as relações genéricas já abrangiam uma quantidade muito maior da humanidade e unificavam em uma mesma história uma quantidade muito maior de pessoas. As necessidades genéricas ganham em dimensão, em extensão, em profundidade e em complexidade. A transição da sociedade feudal ao modo de produção capitalista, por fim, possibilitou o surgimento e o desenvolvimento de uma relação social capaz de abarcar a totalidade da humanidade em uma única história: o capital, com o mercado mundial que lhe é peculiar.

A terceira tendência, portanto, é a de unificação de todo o gênero humano em uma única história socialmente posta, movida exclusivamente pelas forças desencadeadas pela reprodução da matéria social: a síntese, em tendências histórico-universais, dos atos singulares dos indivíduos historicamente determinados. Essa unificação apenas é possível pela – e concomitantemente requer a – mediação de sociedades crescentemente mediadas, internamente heterogêneas, compostas por indivíduos portadores de personalidades também mais complexas e crescentemente diferenciadas entre si. É apenas um aparente paradoxo o de que, quanto mais socialmente unificado o gênero humano, mais heterogêneas são suas partes componentes (as sociedades, os complexos parciais, os indivíduos etc.), já que a unificação social superior do gênero humano apenas pode vir a se dar por relações cada vez mais complexas e mediadas entre suas partes.

O desenvolvimento da generidade, que passa de uma dimensão meramente local, englobando alguns poucos indivíduos em seu início, para o atual estágio em que objetivamente – independentemente de como isso se reflita na consciência, portanto – inclui a totalidade de

todos os indivíduos humanos no planeta, é a terceira tendência de fundo da história da matéria social.

É no contexto ontológico, até aqui esboçado, que ocorre a gênese e o desenvolvimento da ética.

A gênese e o desenvolvimento da ética

Investigações ainda em andamento indicam que há bem mais acerca da ética, de sua função social e de sua evolução, na *Ontologia*, do que inicialmente avaliávamos. Há várias razões para esse equívoco, entre as mais importantes, que, no estudo da *Ontologia*, têm chamado mais atenção – não sem alguma razão – os aspectos ontológicos da matéria social (como o trabalho ser sua categoria fundante, sua relação e autonomia ante a matéria natural, etc.) do que o fato – anunciado por Lukács – de que o manuscrito por ele deixado era o estudo preparatório para o texto sobre a ética que pretendia escrever.

Nas *Notas para uma ética*, o fundamental do delineado sobre o complexo da ética por Lukács na *Ontologia* não apenas é confirmado, como ainda traz uma série de detalhamentos e considerações que, nos dias em que escrevemos esta apresentação, parecem suportar a hipótese de que uma cuidadosa investigação conjunta, tanto das *Notas* quando da *Ontologia*, poderá fornecer um quadro mais preciso e amplo da tese de Lukács acerca do complexo social da ética do que jamais imaginamos.

O ponto de partida da tese lukacsiana acerca da ética é, como seria de se esperar, o trabalho. Como argumentamos, do trabalho nascem os impulsos ontológicos que conduzem a matéria social a um patamar de desenvolvimento cada vez mais avançado. Os valores e os complexos valorativos também vão se desenvolvendo na medida em que as escolhas que são imprescindíveis às práticas cotidianas envolvem alternativas cada vez mais complexas – com necessidades e possibilidades que brotam tanto do desenvolvimento objetivo das forças produtivas, dos complexos sociais, dos modos de produção etc., quanto do desenvolvimento das individualidades.

Em sendo assim, os complexos valorativos, desde o primeiro momento da história, precisam cumprir um complexo papel. Por um lado, estão voltados direta e imediatamente à solução de problemas práticos, cotidianos, imediatos: o que fazer nessa situação concreta, agora? Estão voltados ao *hic et nunc* da vida coletiva. Por outro lado, as situações concretas são predominantemente determinadas pelas categorias genéricas, pelas tendências histórico-universais. Dado o fato de que tais tendências universais são sempre a síntese em generidade de atos humanos singulares concretos (isto é, pleno de mediações), os

valores, para além das determinações mais imediatas, singulares, precisam expressar também as necessidades e possibilidades genéricas, universais, caso contrário não poderão cumprir seu papel de orientar com êxito as posições teleológicas e, também, de avaliar corretamente os resultados dessas mesmas posições. Isso faz com que apenas um único complexo de valores não seja capaz de atender a todas as mutáveis e variadas condições em que as escolhas entre alternativas devem ocorrer. Há os valores mais imediatos da vida cotidiana que surgem espontaneamente, ou seja, que não necessitam de uma sistematização consciente para operar com sucesso na reprodução da matéria social (p. ex., isto é útil ou inútil, isso serve ou não serve, isso presta ou não presta; isto é mais duro que aquilo, mais resistente que aquilo outro; esta pessoa é mais rápida que aquela outra, esta é mais habilidosa com as mãos ou com os pés). Há, também, valores mais complexos e que expressam as necessidades e possibilidades mais genéricas de cada situação concreta. Estes, com frequência, se desenvolvem com uma reflexão específica e apenas podem operar na reprodução social com um elevado grau de consciência. Entre esses dois extremos, uma série de complexos valorativos se desenvolve no decorrer da história. Os mais importantes, para Lukács, são a tradição, os costumes, o Direito (quando tem a função social de valor, como ocorre na Roma republicana e no apogeu de Atenas), a moral e a ética. Certamente outros complexos sociais, pontual e parcialmente, podem e devem ter contribuído nos processos valorativos e no desenvolvimento dos seus complexos. A arte e a religião, a ciência e a filosofia, entre eles. Mas não é função primordial desses complexos atender às necessidades de valoração da matéria social em movimento.

O Direito, enquanto cumpre a função valorativa (ou seja, enquanto serve como mediação naqueles momentos da práxis social em que os valores são imprescindíveis, como vimos acima), os costumes, a tradição e a moral tornam socialmente visíveis, para que conscientemente possam entrar na práxis em escala social, tanto as necessidades e possibilidades individuais quanto aquelas genéricas, coletivas – articulando-as, tendo como centro de gravidade os interesses individuais em face dos coletivos. Apenas na ética essa contraposição individual/coletivo é superada por uma relação superior do indivíduo com o gênero. E essas duas soluções, Lukács estando certo (e minha compreensão de seu texto não sendo equivocada), estão presentes em todos os momentos da história da humanidade, ainda que com conteúdos e formas bastante distintos.

Até chegarmos à Grécia clássica, a reprodução da matéria social não necessitou de qualquer elaboração específica de valores éticos que

expressassem o genérico ante o singular: os complexos valorativos que vinham se desenvolvendo deste o período primitivo até as primeiras sociedades de classe antes dos gregos (Babilônia, Egito, Pérsia e Fenícia) atenderam às necessidades de valoração sem necessitar de uma ética. Reconhece Lukács, evidentemente, que entre as sociedades primitivas e aquelas de classe, há uma enorme diferença em se tratando dos valores da vida cotidiana, dos valores da moral, dos costumes da tradição. As contradições e diferenças individuais, as diferentes escolhas das alternativas pelos indivíduos, são agora permeadas pela propriedade privada, pela violência na vida cotidiana, pela submissão da mulher ao homem através do casamento monogâmico e pelo Estado. Os interesses genéricos, agora, são em larga medida reduzidos aos interesses genéricos das distintas classes sociais. Surge uma nova esfera valorativa, uma nova base material para o desenvolvimento dos valores, que Lukács denomina de *Partikularität*⁶, a particularidade que expressa o máximo de genericidade da propriedade privada. As necessidades e possibilidades, objetivas e subjetivas, passam a ser valoradas a partir do metro da propriedade privada, com tudo o que isso significa (no longo período que se estende da Revolução Neolítica à Revolução Industrial) para o desenvolvimento das forças produtivas e, concomitantemente, das alienações. Ainda assim, os costumes, a tradição, a moral – agora, nas sociedades de classes, auxiliados pelo Direito – davam conta de dirimir os problemas valorativos.

É importante lembrarmos, aqui, que as sociedades de classe, até chegarmos à Revolução Industrial do século 18, eram as formações que conseguiram promover o desenvolvimento mais acelerado das forças produtivas e que o fizeram pela mediação da propriedade privada. Até chegarmos ao final do século 18, as sociedades de classe foram uma necessidade histórica para o mais rápido desenvolvimento das forças produtivas – e, por isso, se generalizaram, tomando o lugar das sociedades igualitárias, primitivas.

Foi nesse contexto histórico em que as classes sociais ainda não podiam ser superadas no desenvolvimento da matéria social, que a Grécia clássica, por não mais de umas poucas décadas, e os trinta anos de ouro no século 17 holandês, materializaram interessantíssimas exceções. Foram os únicos momentos em que, em uma sociedade de classe, relações éticas puderam predominar – ainda que, como veremos, limitadamente. Exercem tanto fascínio sobre os pensadores burgueses

⁶ Em contraposição à particularidade – *Besonderheit* – que é o campo de mediações entre o universal e o singular.

dos últimos séculos porque, alegadamente, comprovariam a possibilidade de compatibilizar propriedade privada e ética.

Na Grécia e na Holanda, tivemos sociedades de proprietários privados que apenas poderiam se enriquecer se juntassem seus esforços, coletivamente, para enfrentar tanto seus inimigos quanto as difíceis circunstâncias históricas em que se encontravam. As cidades-estado gregas, e as cidades comerciais holandesas, ou se uniam e faziam com que, sempre que entrassem em contradição, os interesses genéricos da propriedade privada se impusessem sobre os interesses dos proprietários privados individuais – ou, então, a acumulação da riqueza privada, nos dois casos, seria inviabilizada. Na Grécia, essa necessidade foi tematizada por vários filósofos, os mais importantes, Platão e Aristóteles. Coube a este último a elaboração do que seria a versão mais desenvolvida da reflexão dos gregos sobre a ética. Assim como a Grécia teve Aristóteles, a Holanda teve Espinosa; assim como os gregos tiveram Leônidas e os trezentos das Termópilas, os holandeses tiveram Michiel de Ruyter e a batalha de Chathan.

Já mencionamos acima que, no período primitivo, as relações genéricas não abarcavam mais do que a comunidade mais imediata. Aos poucos, com o desenvolvimento das forças produtivas e o afastamento correspondente das barreiras naturais, esse círculo vai se alargando. Com a passagem à sociedade escravista, esse alargamento se intensifica e, ao mesmo tempo, passa a ter um limite impossível de ser ultrapassado sem superar o trabalho escravo. Intensifica-se, porque a formação de impérios como o Egípcio, a Pérsia etc. faz surgir relações sociais cada vez mais amplas e que englobam, como membros da humanidade, uma porção cada vez maior de indivíduos de origens, costumes e tradições muito distintas. A grande limitação decorre do fato de que, nas relações de produção escravista, o escravo participa como instrumento de produção, não como ser humano. É essa base econômica, nas relações de produção, que faz com que tanto na ética aristotélica quanto, séculos depois, no Direito Romano, ao escravo seja negada sua humanidade. A generidade objetivamente então existente era a *Partikularität* da classe dominante ateniense. O fato de ser uma generidade alienada não a torna nem falsa, nem menos existente. Significa apenas que, naquelas relações de produção, a maior parte dos seres humanos tinha de ter seu estatuto ontológico de seres humanos negado pela teoria porque sua função na estrutura produtiva era a de meio de produção, nada mais.

Os interesses comuns, genéricos, éticos da classe dominante ateniense tinham suas raízes mais profundas na necessidade de manter os escravos como escravos: todas as mediações sociais que servissem a tal

propósito eram consideradas meios para se atender ao bem comum, qual seja, ampliar a propriedade privada pela exploração dos escravos. Por serem mediações indispensáveis para a promoção desse bem comum, a política e o Estado eram instituições éticas.

Os valores éticos ideais do cidadão ateniense tinham também seu fundamento nessa mesma base econômica: servir ao Estado era servir ao bem comum. Ser um cidadão que submetesse seus interesses pessoais aos interesses genéricos da cidade, interesses que até mesmo poderiam exigir sua morte em combate, fazia parte dos valores éticos pregados por Aristóteles (nesse particular, também por Platão e Sócrates). Daí os valores morais de coragem, sabedoria, valentia, honestidade etc., que deveriam reger o comportamento dos cidadãos, serem momentos do seu comportamento ético.

A exclusão dos escravos – e das mulheres, em Atenas – do gênero humano, essa generidade que não ia além da máxima *Partikularität* daquela classe dominante, é o fundamento teórico que possibilita, em Aristóteles, a afirmação do caráter ético do Estado e da política, das classes sociais e da família monogâmica. Um gênero humano ainda limitado pelas relações de produção escravistas corresponde, na ideologia, na concepção de mundo, a um gênero humano limitado aos indivíduos masculinos da classe dominante. A exploração do homem pelo homem – com tudo que a acompanha – era o fundamento de toda ética possível naquele momento histórico porque era o fundamento do máximo de generidade que poderia operar na reprodução das sociedades escravistas. O conteúdo dos valores éticos, portanto, era a expressão da máxima generalidade fundada no trabalho escravo: em Aristóteles, a *Partikularität* da classe dominante ateniense.

O desenvolvimento das forças produtivas na Grécia, em comparação com os impérios escravistas anteriores, já era de tal ordem que possibilitou uma maior autonomia relativa dos indivíduos para com a totalidade social. Essa autonomia tenderia a crescer, a partir dos anos de Péricles, porque o aumento da riqueza pessoal foi tornando os indivíduos cada vez menos dependentes da coletividade para reproduzirem suas propriedades. Isso se refletiu nos complexos valorativos pela clara diferenciação, entre eles, da moral e da ética. A explicitação teórica e prática do complexo da ética teve um efeito importante: evidenciou, como nunca antes, a contradição entre as necessidades e possibilidade particulares dos indivíduos diante dos interesses e necessidades genéricas. Entre os “sofistas” e os “filósofos” – como passou para a tradição filosófica – se expressou a polarização dos valores nos indivíduos ou na generidade. As “circunstâncias” deveriam

servir ao indivíduo na busca de sua riqueza e interesses privados ou, ao contrário, as necessidades genéricas deveriam dirigir as ações dos indivíduos na promoção do bem comum? De um lado, a moral que brotava da *doxa*; de outro, a ética alicerçada na *episteme*. A decadência de Atenas, tanto para Platão quanto para Aristóteles, teria tido na decadência dos valores adotados pelos seus cidadãos sua causa principal. A moral sobrepujou a ética, os interesses privados se serviram dos interesses coletivos, a generidade foi colocada a serviço dos indivíduos: a coletividade se dissolveu e foi derrotada no campo de batalha por Felipe – depois de ter, com sucesso, derrotado as duas expedições persas.

Espinoza, com seu *Deus sive natura*, cumpre um papel similar na Holanda da acumulação primitiva. Com uma importantíssima diferença, contudo: as relações de produção capitalistas daquele momento já requeriam que todos os indivíduos (pelo menos os europeus, os negros e os índios da África e da América eram outra questão) fossem reconhecidos como humanos. Dois séculos depois, na entrada do século 19, o mercado mundial, a Revolução Industrial e a enorme fonte de riqueza que se revelou a força de trabalho transformada em mercadoria, o trabalho abstrato, já haviam removido na prática, se não ainda na teoria, a limitação da generidade a apenas uma parte da humanidade. Foi Hegel quem colheu as consequências dessa extensão da generidade a todos os seres humanos.

Hegel e a ética

Contra as teses que derivavam da natureza a história da matéria social, Hegel argumentou que a história social era obra exclusiva dos humanos. Essa história seria feita, segundo ele, pelas sucessivas alterações na concepção de mundo que elevariam o *Geist*, do seu momento primeiro, em-si, ao seu para-si. O que se alteraria em cada momento da história não seria a humanidade ou o *Geist*, mas o seu conteúdo gnosiológico. A síntese na vida cotidiana das consciências de cada cidadão em uma concepção de mundo que é superior ao conteúdo das consciências individuais (porque, lembremos, Hegel já descobrira que a totalidade é mais do que a soma das partes) seria o fundamento último da história – e a concepção de mundo que assim evolui consubstancia o Espírito do Tempo, o *Zeitgeist*, de cada época. A passagem do Espírito, de patamares de conhecimento mais simples aos mais complexos, de conceitos mais simples aos mais ricos e mediados, teria a forma abstrata da transição lógica entre tais conceitos; a história da humanidade seria a passagem lógica do Espírito de cada época ao Espírito das épocas subsequentes, a transição lógica de patamares de conhecimentos mais

simples a conceitos mais ricos, complexos e mediados. O *Geist* não se alteraria: o que evoluiria seria o seu conteúdo gnosiológico, o seu conhecimento do mundo. Do Espírito em-si a humanidade transitaria para o Espírito para-si pela evolução do conteúdo gnosiológico do *Geist* (Lukács, 1978 e 1970).

De etapa em etapa, por uma transição rigorosamente lógica de uma concepção de mundo a outra, mais evoluída no sentido do para-si, a história da humanidade teria evoluído até os dias de Hegel em que, pela Revolução Francesa e pela obra napoleônica, finalmente a humanidade alcançaria o seu para-si.

O essencial desse processo talvez possa ser exposto em poucas palavras. Sendo a história o processo de elevação do *Geist* ao para-si, uma vez reconhecida pela humanidade a essência do mundo e de si própria, realizar-se-ia uma nova e superior relação da humanidade com o mundo. Da contradição entre um sujeito que desconhece a essência do mundo passamos a uma identidade entre o conteúdo da consciência e a essência do mundo. Da contradição, passamos à identidade sujeito-objeto. A humanidade, ao final, descobre que o mundo é o que ela fez de si própria; o mundo revela-se como a humanidade que se fez mundo social.

Da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, segundo Hegel, emergiria uma humanidade cujos indivíduos teriam plena consciência de, enquanto indivíduos, ser burgueses, proprietários privados, *locus* do individualismo e do egoísmo. Concomitantemente, tanto a humanidade quanto os indivíduos também teriam consciência que não há indivíduos sem sociedade e que, portanto, não há propriedade privada sem uma ordem que lhe dê respaldo. O egoísmo essencial do burguês apenas pode se efetivar na vida cotidiana como partícipe de uma totalidade social que garanta a ordem imprescindível à propriedade privada sob sua nova forma, o capital. O Estado é o *locus* dessa necessidade coletiva e universal, é o *locus* do bem comum, o contraponto dialético do egoísmo do burguês individual.

O Estado seria, portanto, a consubstanciação da ética. Entre indivíduo e sociedade, entre o egoísmo essencial ao indivíduo e a ética essencial ao Estado, desdobrar-se-ia uma complementaridade da mesma ordem pela qual, ao desenvolver seus negócios privados e se enriquecer, o burguês individual também promoveria a prosperidade coletiva ao aumentar a riqueza social, gerar empregos etc. Sendo a história o desenvolvimento da contradição sujeito-objeto que articula o mundo e o Espírito de cada época, quando essa contradição for superada pela identidade, a história não mais será impulsionada a novos desenvolvimentos; a humanidade continuará a desenvolver as forças

produtivas, o conhecimento etc., mas sempre no patamar dessa identidade. Em poucas palavras, a história estaria destinada a terminar na sociedade burguesa.

A realização plena dos valores éticos coincidiria em Hegel com o fim da história. Fim tornado possível porque a contradição entre Estado e indivíduo, Estado e propriedade privada, teria sido superada pela complementaridade do Estado (a eticidade) com a essência egoísta de proprietário privado dos indivíduos. Se, para Adam Smith, a mão invisível do mercado faria com que, da busca dos interesses egoístas por cada proprietário privado, emergisse a prosperidade coletiva, em Hegel a astúcia da razão converteria, pela mediação do Estado e do mercado por ele regulamentado, o egoísmo de cada singular em uma universalidade social cuja essência seria a igualdade, a liberdade e a fraternidade dos revolucionários franceses.

Tal como em Aristóteles, também em Hegel encontramos que os valores éticos requerem a mediação do Estado e da propriedade privada (o que vale dizer, da exploração do homem pelo homem) para se realizar. Como com o estagirita, também com Hegel ética e política seriam complementares, já que a política e o Estado seriam mediações indispensáveis à realização do bem comum.

A diferença decisiva entre eles é que Aristóteles parte do pressuposto, fundado pelas relações de produção escravistas, de que os escravos e as mulheres não pertenceriam à humanidade. O bem comum se restringia aos interesses coletivos dos humanos, isto é, da classe dominante masculina de seu tempo. Hegel, por sua vez, parte da reprodução do capital que requer, imperativamente, que, na esfera econômica, todos os indivíduos sejam igualados como proprietários privados e que a força de trabalho seja reduzida a uma mercadoria que, como qualquer mercadoria, o seu proprietário, o trabalhador, poderia dispor “livremente” de acordo com as leis do mercado. Todos, portanto, na esfera da ideologia, devem ser igualados como cidadãos e proprietários privados para que, no mercado e nas relações econômicas, o proprietário do capital possa dispor, ao seu bel-prazer, da propriedade da força de trabalho dos trabalhadores. Hegel, refletindo essa necessidade do capital, afirmou a humanidade de todos os cidadãos – mas uma igualdade entre cidadãos, não entre as pessoas reais em sua integridade. Uma igualdade meramente formal que, por mais que seja um avanço ante a ordem e a ideologia do *Ancien Régime*, possui a enorme limitação de não poder conter em seu interior os seres humanos em sua integridade, com todas as determinações ontológicas de cada individualidade.

A igualdade meramente formal da cidadania e a desigualdade real no mercado são os pressupostos ideológicos e econômicos fundamentais da concepção ética hegeliana. Se em Aristóteles uma parte dos seres humanos está excluída do gênero, em Hegel é a totalidade da singularidade dos indivíduos que está excluída do gênero: apenas adentra os valores éticos a igualdade formal da esfera da política e a redução, na esfera econômica, dos indivíduos à propriedade privada. Em ambos os grandes pensadores, além disso, a história não tem futuro para além da propriedade privada: para Aristóteles, da propriedade privada escravista; para Hegel, da ordem do capital. Em ambos os pensadores, a essência da classe dominante a eles contemporânea é elevada a essência universal, imutável, de toda a humanidade. Por isso, para eles, a história não tem futuro para além da sociedade de classes que conheceram. E, também por causa disso, a generidade que podem elevar à categoria ética é a da *Partikularität* da classe dominante de suas respectivas sociedades.

Das sociedades primitivas à Grécia, portanto, tivemos a passagem de sociedades que não necessitavam de valores conscientemente elaborados enquanto ética, para a explicitação do complexo da ética em sua relação e contradição com os outros complexos valorativos. Da Grécia a Hegel, tivemos a evolução do conteúdo dos valores éticos, pois o conteúdo objetivo da generidade também evoluía – isto é, como, por quais relações, com qual conteúdo, as relações mais universais da matéria social foram se generalizando até abarcarem, com o mercado mundial, a totalidade dos indivíduos no planeta. Essa generalidade que, finalmente, abarca todos os indivíduos humanos, contudo, foi possível apenas pela mediação da generalização das relações de produção capitalista a todo o planeta – sendo muito breve, pela generalização, até o universal humano, da igualdade formal da cidadania e da redução econômica dos indivíduos a proprietários privados do capital ou da força de trabalho. O fato de ser uma generalidade alienada pelo capital não significa que deixe de ser um avanço em face da generidade, digamos, alienada pelas relações de produção escravistas. Mas significa que compartilha com essa última um traço comum decisivo: não pode incorporar o futuro como a grande questão do presente; necessita, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista ideológico, congelar a evolução da matéria social à essência da classe dominante de seu tempo. O futuro é excluído pela sensata razão de que não pode incorporar todas as determinações de cada individualidade na generidade realmente existente, seja na Grécia, seja no início do século 19, com as devidas diferenças entre elas.

Lukács e a ética

O capitalismo desenvolvido, a generalização a todo o planeta das relações de produção capitalistas, a abundância cada vez mais intensa gerada pelo movimento incontrollável da reprodução ampliada do capital, finalmente conduziram a matéria social a um antagonismo entre a propriedade privada e o desenvolvimento das forças produtivas. (Aqui, um breve parêntese: sendo o capital a desumanidade socialmente posta, o desenvolvimento da capacidade produtiva do capital não é idêntico ao desenvolvimento das forças produtivas humanas. A relação é de alienação, o capital é a negação do humano etc. Identificar, imediata e diretamente, o aumento da produção dos nossos dias como o desenvolvimento das forças produtivas não passa de um sofisma, que tem lá seu papel ideológico conservador a cumprir.) Desse antagonismo propriedade privada/desenvolvimento das forças produtivas emergiu o processo histórico que, das crises cíclicas, conduziu à crise estrutural (Mészáros, 2002; Paniago, 2012). Essa qualidade essencial e geral do patamar contemporâneo de desenvolvimento da matéria social é o fundamento para o surgimento de necessidades e possibilidades – objetivas e subjetivas – que apenas podem ser atendidas e exploradas pela superação da propriedade privada. Pela superação, portanto, das classes sociais, da família monogâmica, do Estado e da exploração do homem pelo homem: por um futuro comunista.

Em poucas palavras, as possibilidades e necessidades humano-gênicas do presente são a base social da necessidade de uma ética que incorpore valores que reflitam as necessidades e possibilidades presentes da humanidade; que expressem a necessidade de superação da redução do humano à cidadania e à propriedade privada, da superação da dicotomia *citoyen/bourgeois* (Marx, 2009a) das individualidades burguesas e, portanto, uma ética em que os valores assumam a futura superação da propriedade privada como a questão essencial e decisiva, prática e teórica, do presente.

Há uma única passagem na *Ontologia* em que Lukács, sinteticamente, discorre sobre a essência da ética. Por isso a citação um pouco longa. Comentava ele que as “formas de ação ordenadoras essenciais da sociedade” – ele cita o costume, a tradição, o Direito e a moral – “mostram” que o desenvolvimento da singularidade à individualidade desde o início “necessita de um órgão social” que estabeleça a relação, em escala geral, dos “preceitos sociais” com as individualidades “de modo real e prático”. Apenas por uma mediação social desta ordem – o que vale dizer, geral, prática e consciente (ainda que a qualidade e o conteúdo dessa consciência variem muito com o

desenvolvimento das forças produtivas e dos processos de alienação) é possível um impulso das individualidades em direção ao gênero a partir da “regulação moral da vida em sociedade”. E, então, acrescenta: “Está claro que isso se refere à ética”:

Mas também está igualmente claro que o seu conteúdo concreto não pode ser exposto aqui. Neste ponto, devemos deter-nos no terreno da ontologia pura, geral, podendo, por isso, apenas indicar brevemente a relação que surge na ética em sua qualidade ontológica simples, elementar. Todos os princípios ordenadores da sociedade anteriormente enumerados têm a função de, diante das iniciativas (*Bestrebungen*) particulares (*partikularen*) dos seres humanos singulares ante a sua genericidade, conferir validade ao seu pertencimento ao gênero humano que emerge no curso do desenvolvimento social. É só na ética que essa dualidade, posta desse modo socialmente necessário, é superada (*aufgehoben*): nela, a ultrapassagem (*Überwindung*) da particularidade do homem singular adquire uma tendência unitária (*einheitliche*): a incidência da exigência ética no centro da individualidade do homem atuante, sua escolha entre os preceitos que, na sociedade, forçosamente vão se tornando antagônico-antinômicos; uma decisão eletiva (*Wahlentscheidung*) ditada pelo preceito interior de reconhecer como seu dever o que está em conformidade com a sua própria personalidade amarra o fio que liga o gênero humano ao indivíduo que está superando a sua própria particularidade (*Partikularität*). O desenvolvimento social em seu decurso real cria a possibilidade objetiva para o ser social do gênero humano. As contradições internas do caminho para lá chegar, que se objetivam como formas antinômicas da ordem social, assentam, por seu turno, a base para que a evolução do simplesmente singular rumo à individualidade possa converter-se, ao mesmo tempo, em portadora consciente do gênero humano no plano da consciência. O ser-para-si do gênero humano é, portanto, o resultado de um processo, que se desenrola tanto na produção econômico-objetiva global como na reprodução dos homens singulares. (Lukács, 1986:293; 1981:243)

A essência do complexo social da ética, portanto, se diferencia da essência de todos os outros complexos valorativos: “amarra o fio que liga o gênero humano ao indivíduo que está superando sua própria particularidade (*Partikularität*)”. Todos os outros complexos referem ao indivíduo os “preceitos sociais”, inevitavelmente, fazendo da *Partikularität* da individualidade o centro de gravidade dessa referência, o valor predominante na conexão do indivíduo com o gênero.

A moral, os costumes, a tradição, o Direito etc. cumprem, evidentemente, uma função generalizadora que articula o indivíduo à

generidade que lhe é contemporânea. Contudo, na melhor das hipóteses, é a máxima generalização possível da *Partikularität*. No milenar período (Aristóteles no início, Hegel ao seu final) em que, devido às formas primitivas de trabalho e às relações de produção por elas fundadas, a generidade não ia além da *Partikularität* da classe dominante, a ética não podia “superar” tal *Partikularität* na esfera dos valores. A relação, portanto, entre ética, moral, costumes, Direito etc. e a ética era “apenas” contraditória; em nossos dias é antagônica. A plena realização ética requeria um ordenamento da moral que era compatível também com a plena realização da moral. A moral dos sofistas, para ficarmos com a tradição filosófica, teria de ser superada pela moral “correta” – mas a moral não teria de ser superada pela ética. Lembremo-nos dos deveres e qualidades morais dos cidadãos em Platão e Aristóteles e o bem comum, o meio termo etc. na ética de Aristóteles; ou da complementaridade em Hegel entre a esfera privada, individual (a moral) e a eticidade do Estado.

A história avançou e a generidade, objetivamente, passou a ser uma relação genérica, universal, da matéria social, não mais excluindo dela qualquer indivíduo. Passamos à era do capital, da cidadania e da redução de todos à propriedade privada (da maioria, à desconfortável alienação de ser “guardião” de força de trabalho; à minoria, à confortável alienação de ser “guardião” do capital – Marx, 1983:1979). Esse desenvolvimento milenar lançou as bases para que, nessa “evolução do simplesmente singular rumo à individualidade” esta última “possa converter-se (...) em portadora consciente do gênero humano no plano da consciência”. (Em Notas para uma ética, lemos: “Ética Indivíduo como momento consciente do gênero” [K/63].) Nesse preciso sentido, para Lukács, “O ser-para-si do gênero humano é (...) o resultado de um processo, que se desenrola tanto na produção econômico-objetiva global quanto na reprodução dos homens singulares”. Tanto no universal quanto no singular, os práticos, cotidianos, contatos da ética com a moral, os costumes, o Direito, a tradição e – nas *Notas para uma ética*, é acrescida a política [K/112] – “forçosamente vão se tornando antagônico-antinômicos”. A antinomia entre as escolhas orientadas pelos valores dos complexos da moral, do Direito, da tradição (e da política, se seguirmos as *Notas...*) vai se tornando socialmente visível na práxis, forçando os indivíduos a escolhas, necessariamente conscientes, entre valores que não são mais complementares ou compatíveis. Nessa evolução, a filosofia e a arte possuem “seu papel” [K/63], mas apenas a “ética” é portadora, “direta e intencionada”, da “totalidade do humano” [K/63].

Que o “o fio que liga o gênero humano ao indivíduo que está superando a sua própria particularidade (*Partikularität*)”, a ética, requer e possibilita a completa superação da cisão dos indivíduos em *citoyen/bourgeois*, na clássica formulação de Marx e Engels da juventude, não é sequer necessário que seja argumentado. O exato oposto dessa cisão é a “tendência unitária (*einheitliche*)” (Lukács, 1986:293; 1981:243) da ética, pois promove uma conexão da totalidade da matéria individual com a totalidade da matéria social não mais mediada pela cidadania e pelo mercado, mas, sim, pela “totalidade do humano” [K/63]. Daqui que o “desenvolvimento de cada um é condição para o desenvolvimento de todos” (Marx, 1974).

Por todas essas razões, do ponto vista do conteúdo dos valores éticos, estes apenas podem expressar a generidade hoje existente se forem expressão da totalidade do ser humano, de suas necessidades e possibilidades como um todo. Toda, de qualquer ordem, redução do ser humano a uma sua particularidade significa, *in limine*, a incapacitação do valor para expressar o humano-genérico dos nossos dias. A *Partikularität* da generidade, como em Aristóteles e Hegel, deve ser resolutamente superada. O antagonismo entre os valores éticos, por um lado, e o Estado e a política, a moral e os costumes, do mesmo modo, deve ser expresso abertamente. Como lemos nas *Notas para uma ética*, “Política, Direito, Moral: pressuposto e sustentam a função (o conservar) do respectivo Zoon politikon (Nunca totalidade dos humanos)” ([K/112]). O Estado, a política, o Direito, a moral – assim como a propriedade privada – não são capazes senão da generidade que já realizaram na história: elevar à generidade a *Partikularität* da classe dominante do momento. Se, no passado, isso pôde cumprir uma função revolucionária (Hegel), hoje não passa de uma operação ideológica conservadora do *status quo*. Não, claro, porque tenha se alterado do ponto de vista lógico ou epistemológico o procedimento teórico em si, mas porque a generidade alcançou um novo patamar de desenvolvimento que requer, para seu reflexo adequado nos valores, a recusa de toda *Partikularität* na teoria.

Essa impossibilidade de coadunar propriedade privada e ética, hoje, não deixa alternativa aos defensores do capital senão reduzir a ética à moral. Daí as sucessivas tentativas de reduzir a ética à moral que predominam nas ditas “reflexões éticas”, tão numerosas em nossos dias. Nessas tentativas, as possibilidades históricas do presente e do futuro, assim como as necessidades mais prementes da matéria social em nossos dias, são tratadas a partir do individualismo burguês mais cru. O genérico é reduzido ao indivíduo, e este é concebido como eterna e

essencialmente um proprietário privado. Nessa redução da ética à moral, não se pode ir nem um milímetro além do imperativo categórico kantiano: “não faças ao outro o que não deseja que façam a ti”. O indivíduo é o centro de gravidade, a medida, o critério dos interesses pretensamente coletivos: tais valores – e tais reflexões acerca dos valores e da ética – fixam o indivíduo e o gênero na esfera da *Partikularität* burguesa.

Isso pode parecer uma questão distante da nossa prática cotidiana. Mera (falsa) aparência. A cada vez que, na vida cotidiana, tenta-se dar uma resposta revolucionária às alienações em curso, ainda que se pretenda a resistência mais modesta e insignificante, a toda vez que nos propomos uma atividade que incorpore valores e que estabeleça uma relação menos alienada com o gênero, essa atitude entra, mais cedo do que mais tarde, em contradição aguda com a totalidade das nossas vidas dominadas pela *Partikularität*. Os indivíduos, quase sempre, são tomados por, perdoem a expressão, uma “crise existencial”: o fundamento de suas vidas está colocado em xeque. A solução desse conflito não tem meio termo. Avança-se para além da *Partikularität* ou se é por ela batido. A expressão cotidiana, imediata, espontânea é a constatação de que a nova atividade não deixa tempo para o que sempre foi prioritário no passado. A “crise” vai se reproduzindo enquanto perdura a ilusão de que seria possível manter a vida na esfera da *Partikularität* e, ao mesmo tempo, resistir ao capital. Um dado momento, isso se esgota.

Há, então, que se escolher (e, aqui, os valores têm um enorme peso) pelas prioridades da *Partikularität* ou pelas prioridades genéricas, pelos valores, hoje antinômicos, morais ou éticos. Com o que, na vida dos indivíduos, adquire uma presença plasticamente visível a antinomia entre a ética, por um lado, e por outro, a moral, os costumes, o Direito, a tradição (e, ainda que não com as mesmas mediações, a religião). Essa antinomia torna-se, por esse meio, consciente. A qualidade dessa consciência pode ser mais genérica ou mais particular, mas a antinomia precisa ser conscientemente elaborada pelos indivíduos, já que uma decisão prática necessita ser tomada. Inumeráveis conflitos dessa ordem ocorrem no cotidiano da crise estrutural do capital e, infelizmente, nem sempre são encaminhados e solucionados com a consciência adequada de que se trata de um fenômeno social bastante generalizado e que, ontologicamente, em parte decisiva ao menos é a contraposição entre um presente sem futuro e um presente que tem no futuro seu nódulo valorativo decisivo. Outros exemplos da vida cotidiana poderiam ser citados. Em um artigo (Lessa, 2006) discutimos algumas das mediações que operam no isolamento dos indivíduos para com o gênero, e em O

estudo e o revolucionário (2014), analisamos alguns dos aspectos desse problema relacionados à questão do estudo da teoria revolucionária. O conflito valorativo entre a *Partikularität* predominante em nossas vidas e a conexão mais genérica com a história não é, absolutamente, uma questão distante da vida cotidiana. Muito pelo contrário.

A concepção materialista – a matéria social nada mais é que a matéria em seu máximo estágio de desenvolvimento – é, também aqui, decisiva. Como o gênero humano é o resultado do desenvolvimento da matéria inorgânica até a orgânica, e desta à matéria social – como na natureza, as leis imanentes da matéria são as únicas forças responsáveis por esse desenvolvimento, e como o movimento da matéria social é fundado pelo trabalho e pelas relações e complexos sociais que ele funda –, a compreensão do ser-precisamente-assim do gênero humano hoje existente não apenas não carece, mas ainda é impossibilitada, pela visão de mundo religiosa. O máximo que a religião hoje pode fazer, tal como no passado, é cancelar o futuro como um problema, pois ele já estaria estabelecido por deus. Não pode hoje, como ontem, ir além da *Partikularität* da classe dominante.

A religião é o “ópio do povo” (Marx, 2010). Com o patamar de desenvolvimento da genericidade já alcançado, é impossível que qualquer concepção que deposite a capacidade de se fazer a história em uma potência transcendente sirva de base para uma concepção de mundo que incorpore o futuro como a tarefa presente. Se deus fez a humanidade, nosso futuro já está por ele determinado e não há compatibilidade possível entre essa concepção ideológica e as concepções revolucionárias, principalmente as de base marxista. Lukács, nas *Notas para uma ética*, é contundente:

Antinomia da religião e ética a) magia b) o além α) vida terrena nenhum desenvolvimento pleno (pecado original) β) o além: elevar da práxis (consequente: budismo) c) utilitarismo na intenção do além (oposição aos gregos). Relação da “obra” com fato no sentido ético (nota especial) ([K/102-K/78])

Pela a religião e pela magia, sem mais, nega-se a possibilidade do reconhecimento teórico e prático de qualquer “desenvolvimento pleno” do humano, já que o pecado original tem precisamente a função ideológica de negar no plano ontológico até mesmo a possibilidade de tal desenvolvimento. Daí a antinomia entre ética e religião. A primeira é terrena, do “aqui” em contraposição ao “do além”. Não há, hoje, possibilidade alguma de uma ética de fundo religioso ou, mesmo, a possibilidade de uma religião ética.

Esperamos que esteja claro, agora, que a ética de base marxista que Lukács pretendia redigir não possui o cunho idealista das éticas precedentes. Em primeiro lugar, concebe os valores éticos – portanto, o complexo da ética – como um dos resultados do longo desenvolvimento da matéria (do inorgânico ao orgânico, deste à matéria social). A necessidade por valores, mesmo a necessidade pelos valores éticos, não tem sua origem, não se desenvolve nem se explicita senão como uma mediação da matéria social, como uma relação material entre as determinações objetivas envolvidas na práxis com as atividades de valoração que ocorrem na esfera subjetiva da matéria social. A consciência e os valores nada mais são que uma forma superior de organização da matéria. Isso é ser materialista, na acepção marxiana: nada existe que não seja matéria; ser e matéria são sinônimos. Tudo que existe é matéria em movimento, o que inclui os produtos mais elevados da subjetividade, como os valores éticos. O fato de que, muitas vezes, Marx, Engels, Lukács e Mészáros empregam o binômio material/subjetivo ou espiritual para distinguir entre as atividades, categorias, conexões etc. da esfera econômica das de outros complexos sociais (entre, por exemplo, as posições teleológicas primárias e secundárias, em Lukács), em nada afeta o que aqui foi dito. Nessa segunda acepção, o subjetivo ou o espiritual não são não materiais; são, também, formas superiores de organização da matéria.

Em segundo lugar, a ética de base materialista que Lukács pretendia desenvolver também se distingue das éticas idealistas porque não pretende que serão os valores que irão moldar as relações sociais. Pelo contrário, a objetivação cotidiana dos valores éticos apenas ocorrerá quando, superada a exploração do homem pelo homem, os seres humanos puderem se encontrar diretamente, não mais pela mediação da propriedade privada; somente ocorrerá quando, superada a sociedade de classes, os indivíduos puderem se amar sem constrangimentos alheios ao amor; apenas quando a humanidade encontrar a si própria, em cada rincão do planeta, como a matéria social que autenticamente se exprime tanto nas individualidades quanto na generidade – jamais poderá ter lugar antes. Até a superação da propriedade privada, da “pré-história da humanidade”, expressão de Marx que Lukács citava seguidamente, a ética apenas poderá comparecer como necessidade presente e possibilidade de realização futura, como arma crítica poderosa das desumanidades geradas pelo capital, como expressão das aspirações humanas mais generosas, gigantescas e de mais longo alcance futuro que a matéria social, em toda a sua evolução, jamais pôde contemplar. Se a humanidade será ou não capaz de explorar essas possibilidades e atender

suas necessidades atuais mais prementes, a luta de classes em curso dirá. Contudo, depois de toda a evolução do período primitivo aos nossos dias, após todas essas tão generosas possibilidades e tão abrangentes necessidades terem sido produzidas por obra e graça da própria humanidade, após a história nos haver conduzido para tão próximo da superação da sociedade de classes – há de se reconhecer que seria um enorme desperdício de história a nossa autodestruição!

Esse, tanto quanto eu consigo entender, o delineamento geral da Ética que Lukács pretendia escrever: o desvelamento do desenvolvimento histórico dos valores éticos até o patamar de generidade possibilitado pelo atual estágio de desenvolvimento da matéria social. Talvez essa obra não tenha sido escrita porque a doença ceifou prematuramente – apesar de ser um octogenário – o mestre de toda a minha vida; talvez porque as convicções políticas de Lukács o impossibilitassem de desvelar as mediações políticas imprescindíveis à superação do capital, como argumenta Mészáros⁷. Esperamos que investigações futuras possam lançar luz sobre essas e outras questões.

Algumas palavras acerca de *Notas para uma ética*

É bastante conhecido o fato de que Georg Lukács, ao falecer em junho de 1971, deixou um gigantesco manuscrito, tanto em tamanho quanto em significado para o marxismo contemporâneo. Esse manuscrito foi publicado sob os títulos de *Prolegômenos a uma ontologia do ser social* e *Para uma ontologia do ser social*. O que é menos conhecido é que Lukács, além desses manuscritos, deixou também três pastas e vários envelopes, contendo notas para a *Ética* que pretendia escrever. Diferentemente dos manuscritos da *Ontologia* e dos *Prolegômenos*, trata-se, agora, de notas. Isto é, apontamentos e anotações para seu uso pessoal, nem sequer formas preparatórias de uma futura publicação.

Esse conjunto de notas, organizado e editado por György Iván Mezei, foi publicado em 1994 pelo *Lukács Archivum*, de Budapeste. O trabalho de organização e edição de G. Mezei possui vastos méritos. As notas foram organizadas segundo temas, o que possibilita uma visão mais abrangente dos tópicos tratados. O sistema de notações (mais ao final desta apresentação) possibilita que saibamos qual a ordem original das notas nos diferentes envelopes e, ainda, traz uma listagem não apenas das obras citadas ou mencionadas nas notas, mas também quais

⁷ Entre os grandes lukácsianos vivos, Mészáros, Oldrini e Tertulian, há uma nítida discordância sobre as razões que levaram Lukács a não redigir a *Ética*. (Mészáros, 2002; Oldrini, 2009 e Tertulian, 1999)

obras foram mencionadas em cada um dos envelopes. Por fim, as passagens que não puderam ser compreendidas e as referências não encontradas são listadas e localizadas com precisão. Essa edição reproduz a edição organizada por G. Mezei, excetuando sua introdução.

Como décadas de pesquisa têm comprovado, o fato de os textos póstumos de Lukács não terem recebido a sua redação definitiva abre a possibilidade de interpretações questionáveis e, mesmo, equivocadas, principalmente quando se perde de vista a totalidade da articulação categorial desses manuscritos. Não seria o caso, aqui, de elencá-las. O que nos interessa é apenas chamar atenção ao fato de que, se os manuscritos são de trabalhosa compreensão e sua forma traz problemas para a sua interpretação, as *Notas para uma Ética* são uma fonte ainda mais imprecisa e incerta. Algumas frases ou notas são, literalmente, incompreensíveis. Outras podem ser compreensíveis, talvez, à luz do que podemos encontrar desenvolvido nos *Prolegômenos* e na *Ontologia*. Isso já requer um exercício de interpretação que pode ser simples ou extremamente complicado, que pode ser mais seguro ou muitíssimo duvidoso, conforme o caso. Boa parte é compreensível por si mesma, ainda que não necessariamente tenha uma precisão significativamente maior. O certo é que, mesmo com um extremo cuidado e com precauções não menos extremas, dificilmente as *Notas...* fornecerão argumentos seguros para dirimir algumas das questões que cercam os manuscritos póstumos de Lukács.

Em que pesem essas questões, as *Notas para uma ética* são a única indicação do horizonte de questões e soluções que o filósofo húngaro pretendia tratar em sua *Ética*. O papel das alienações na vida cotidiana contemporânea, sua atenção para com a vida cotidiana nos Estados Unidos, suas seguidas referências a Erich Fromm, Mills, à obra *Small Town in Mass Society*, de Vidich e Besman, suas não tão frequentes referências a Rickert, Nietzsche, Sêneca, Simmel, Kierkegaard, podem surpreender o leitor – bem como provavelmente não surpreenderão as muitas referências a Hegel, Aristóteles, Espinoza, Kant, Agostinho, Tomás de Aquino, Weber, Lenin e Marx.

Além disso, as *Notas para uma ética* possibilitam o acesso ao modo como Lukács, ao final de sua vida, organizava o percurso que deveria conduzir da pesquisa inicial à obra acabada. Seu *modus operandi* (da pesquisa inicial ao texto final) se delineia se tivermos em mente que, muito provavelmente, foi a partir de notas similares na forma que foram redigidos os manuscritos da *Ontologia* e dos *Prolegômenos*. Com o único capítulo na *Ontologia* deixado pronto para publicação, aquele dedicado a Hegel, temos o final deste percurso. O como e o quanto a precisão e a

clareza vão se intensificando a cada passo são uma lição para todos os estudiosos e revolucionários.

Nas *Notas para uma ética*, em grande número de casos, a referência a autores ou questões vem seguida por uma passagem copiada de próprio punho ou, então, assinalada no livro em questão, por Lukács. György Mezei copiou tais cópias/indicações –, o que possibilita esclarecer, ou ao menos diminuir a imprecisão das *Notas...*, já que as passagens assinalam que universo de questões o filósofo tinha em mente.

Insistimos, acima, no caráter impreciso e incerto do texto. Essa imprecisão é uma das razões que nos levou a optar por uma edição bilíngue e, também, por não traduzir as citações anotadas ou transcritas por Lukács. Sem um exame cuidadoso das citações e passagens assinaladas nos diferentes títulos e autores, nenhuma investigação aprofundada de *Notas para uma ética* será possível. O pesquisador deverá, sempre que possível, consultar as edições das obras e das edições referidas – o que torna as traduções das passagens indicadas ou copiadas, não apenas inúteis, mas potencialmente desencaminhadoras. Seria inevitável o risco de, pela interpretação inerente à tradução ou por erros involuntários, o pesquisador ser induzido a conclusões indevidas, aumentando ainda mais a imprecisão já inerente ao material. Eventuais equívocos na cópia dos textos por Lukács podem, ainda, vir a ter importância no futuro.

As *Notas para uma ética* não possuem elevado significado científico ou filosófico. São uma indicação muito difusa e imprecisa do que Lukács pretendia com sua *Ética*. São por demais iniciais e pessoais para serem um guia ou orientação seguros. Toda cautela e toda precaução em seu emprego se fazem, por isso, imprescindíveis. Todavia, as notas compõem a melhor indicação disponível do que viria a ser a *Ética* que pretendia escrever Lukács e, por isso, é um material do qual o estudioso das obras de maturidade de Lukács – esperamos – tirará proveito.

Dizíamos acima que uma das razões para a opção por uma edição bilíngue decorre da natureza imprecisa de *Notas para uma ética*. Há, contudo, outro conjunto de razões. O fato de uma tradução vir acompanhada pelo texto em seu idioma original possibilita que o leitor verifique a correção da tradução, o que abre a possibilidade de uma sua melhor apreensão do texto. Instiga, além disso, o leitor, principalmente o pesquisador jovem, ao contato com a língua alemã, tão importante para o conhecimento de Marx, Engels e Lukács. Mas, sobretudo, é uma evidência prática de como o capital inibe o desenvolvimento científico e filosófico. Não se editam traduções bilíngues pela única razão de seu custo: uma iniciativa, como a do Instituto Lukács, que não opera sob a

lógica do lucro, torna possíveis edições bilíngues, mesmo abaixo dos preços de mercado de uma edição que não seja bilíngue.

Por fim, indispensáveis esclarecimentos sobre o sistema de notação: reproduzimos, *in totum*, o sistema criado por Mezei:

1) Entre colchetes “[]”, temos sempre o que foi introduzido pelos organizadores da edição do *Lukács Archivum*.

2) As notas são indicadas por letras e números entre colchetes (por exemplo: [K/2]). A letra corresponde ao envelope e o número corresponde à numeração das notas naquele envelope. Uma relação completa dos envelopes e dos seus conteúdos respectivos pode ser encontrada no Anexo.

3) As passagens da escrita de Lukács que são ilegíveis vêm assinaladas por xxx.

Sergio Lessa

BIBLIOGRAFIA

- Chasin, J. (1982) “Lukács, vivência e reflexão da particularidade”. Revista Ensaio, n. 9, Ed. Ensaio, São Paulo.
- Coll, F. R. (2008) *Las democracias*. Editorial Ariel, Barcelona.
- Di Masi, D. (1992). *Economia dell'ozio*. Edizioni Olivares, Milão, Itália.
- Engels, F. (2010) *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Ed. Expressão Popular, São Paulo.
- Esping-Andersen, G. (1990) *The three worlds of Welfare Capitalism*. Polity, Press, Oxford, Grã-Bretanha.
- Esping-Andersen, G. (1999). *Social foundations of postindustrial economies*. Oxford University Press, Nova Iorque.
- Fukuyama, F. (1992) *The end of history and the last man*. Harper Perennial, Nova Iorque, Londres.
- Gorz, A. (1987) *Adeus ao proletariado – para além do socialismo*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária. (Primeira edição em 1980)
- Habermas, J. (1981) *Theorie des kommunikativen Handelns*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt.
- Labastida, J. (1990) *Producción, Ciencia y Sociedad – de Descartes a Marx*. Siglo XXI editores, México.
- Laski, H. (1953) *El liberalismo europeo*. Fundo de Cultura Economico, México.
- Lazzarato, M. (1992) “Le concept de travail immatériel: la grand entreprise”. Future Antérieur, Paris, n. 10.
- Lazzarato, M. (1993) “Le ‘cycle’ de la production immatérielle”. Future Antérieur, Paris, n. 16.
- Lazzarato, M.; Negri, A. (1991) “Travail imatériel et subjectivité”. Future Antérieur, Paris, n. 6.
- Lessa, S. (1996) “Lukács: ontologia e historicidade”. Revista Transformação, v. 19, Unesp, São Paulo.

- Lessa, S. (1998) “Lukács: um retorno à ontologia medieval?”, in Antunes, R. e Rego, W. (orgs.). *Lukács: um Galileu no século XX*, Boitempo, São Paulo.
- Lessa, S. (1999) “Notas sobre a historicidade da essência em Lukács”. *Revista Novos Rumos*, v. 30, São Paulo.
- Lessa, S. (2005) *Para além de Marx? Crítica às teses do trabalho imaterial*. Ed. Xamã, São Paulo.
- Lessa, S. (2006) “Trabalho, sociabilidade e individuação”. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*. V. 4. Ed. Fiocruz.
- Lessa, S. (2012) *Mundo dos Homens*. Instituto Lukács, São Paulo.
- Lessa, S. (2012a) *Abaixo a família monogâmica!* Instituto Lukács, São Paulo.
- Lessa, S. (2014) *O estudo e o revolucionário. Por que não estudamos?* Instituto Lukács, São Paulo.
- Lessa, S. (2015). “Alienação e estranhamento”. In Marx, K. (2015) *Cadernos de Paris e Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Ed. Expressão Popular, São Paulo.
- Lipovetsky, G. (1997) *O império do efêmero – a moda e seus destinos nas sociedades modernas*. Cia das Letras.
- Lojkine, J. (1995) *A revolução informacional*. Ed. Cortez.
- Lukács, G. (1970) *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*. Grijalbo Editores, Madrid.
- Lukács, G. (1978) *A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. Ed. Ciências Humanas, S. Paulo.
- Lukács, G. (1984) *Prolegomena zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins. Prinzipienfragen einer heute möglich gewordenen Ontologie*. Georg Lukács Werke, vol. 13, Luchterhand Verlag, Frankfurt.
- Lukács, G. (Vol. I, 1984, Vol. II, 1986) *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*. Georg Lukács Werke, Band 13 e 14, Luchterhand Verlag, Frankfurt.
- Lukács, G. (1990) *Prolegomeni all'ontologia dell'essere sociale*. Ed. Guerini e Associati, Milão.
- Lukács, G. (Vol. I, 1976, Vol. II, 1981) *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*. Ed. Rinuti, Roma.
- Macpherson, C. B. (1967) *The political theory of possessive individualism: from Hobbes to Locke*. Oxford University Press, Londres.
- Marx, K. (1974) “Crítica do programa de Gotha” in Marx, K. e Engels, F. *Crítica dos programas socialistas de Gotha e Effurt*. Porto, Portugal, s/ editora.

- Marx, K. (1983, Tomo I, 1985, Tomo II) *O Capital*. Vol. I, Ed. Abril Cultural, São Paulo.
- Marx, K. (2009) *Teses sobre Feuerbach*. In *A ideologia alemã*. Ed. Expressão Popular, São Paulo.
- Marx, K. (2009a) *Para a questão judaica*. Ed. Expressão Popular, São Paulo.
- Marx, K. (2008) *O 18 brumário de Louis Bonaparte*. In *A revolução antes da revolução*, vol. II. Ed. Expressão Popular, São Paulo.
- Marx, K. (2010b) “Introdução à Crítica do Direito de Hegel” in *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Boitempo, São Paulo.
- Mészáros, I. (2002) *Para além do capital*. Boitempo, São Paulo.
- Negri, A. (1991) *Marx Beyond Marx*. EUA/Inglaterra, Autonomedia/Pluto Press.
- Negri, A. (1994) *El Poder Constituyente*. Ed. Libertarias/ Prodhufi, S.A., Madrid.
- Negri, A. (1997) “20 theses sur Marx” in *Marx après les marxismes*. Tomo II, L'Hartmartan.
- Netto, J. P. (2002) “Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade”, in Pinassi, Lessa. (orgs.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. Boitempo.
- Offe, C. (1984) “Trabalho como categoria sociológica fundamental?” in Offe, C. *Trabalho & Sociedade*. Vol. 1, Ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- Oldrini, G. (2009). *György Lukács e i problema del marxismo del novecento*. La città del sole, Napoles, Itália.
- Paniago, C. (2012) *Mészáros e a incontrolabilidade do capital*. Instituto Lukács, São Paulo.
- Piore, M e Sabel, C. (1984) *The second industrial divide*. Basic Books, Nova Iorque.
- Schaff, A. (1990) *A sociedade informática*. Ed. Unesp, São Paulo.
- Tertulian, N. (1999) “O grande projeto da ética”. Ad Hominem, São Paulo.
- Tonet, I. (2014) *O método científico*. Instituto Lukács, São Paulo, 2014.
- Winberg, S. (1987) *Os três primeiros minutos do universo*. Ed. Gradiva, Portugal.

Notas para uma ética
Versuche zur einer Ethik

[Z/10]

GESELLSCHAFTLICHES SEIN 1

[K/96, K/73]

Zurückweichen der Naturschranke (Th Mann über Natur. Kerényi 154,¹ Arbeitsteilung (falsch) H. Arendt 47/8² in Bezug auf Utopie: Ausschalten Konflikte (sozial, biologisch): eigenes Leben (Tod) - a) Natur als Objekt (Technik), Mensch als Subjekt (Psychologie etc)

[O/286, 0/1]

Unterbau - Überbau Materie - Bewußtsein

[O/288-0/217]

Neue Ontologie (Sein - Bewegung; Relation: Substanz – Accidenz (Ding – Eigenschaft: Hegel gegen Kant),³ Objektivität des Wesens Dimensionen des Seins, Relation reproduziert, Teleologie, Eigenschaft u Möglichkeit.) Siehe Extranote

[O/303, 0/304]

Determination u Alternative (Sondernote)

[O/199]

Gesellschaftliches Bewußtsein (erkenntnistheoretisch: wahr oder falsch; ontologisch: faktische kausale Reihe durch Zielsetzen)

[O/272-0/278]

Unmittelbarkeit u Vermittlung: dialektische Zusammengehörigkeit; neue Unmittelbarkeit (echt, falsch etc.) Sondernote (eventuell ad Ethik)

[O/312-T/25]

Komplex d. Widersprüche (Sondernoten)

[O/195-Z/13]

Ideologie u gesellschaftliches Sein (Ideologie als wirkender Faktor): Bauern als Klasse (Brumaire 116/7⁴) Klasse an sich u für sich Elend 162 (VI 226)⁵

[O/133-0/178]

Biologisch: Entgegenständlichung (Ausnahme Biene etc) Arbeit: Vergegenständlichung. Daraus: Entäußerung – daraus Entfremdung Wirkung auf Recht, Moral etc (Fetischisierung) Ethik. Socialismus: Rücknahme der Entfremdung, bei Ausdehnung der Vergegenständlichung – Stelle d. Ethik. Sondernote

[Z/10]

SER SOCIAL 1

[K/96, K/73]

Afastamento da barreira natural (Th Mann sobre a natureza. Kerényi 154¹, *divisão do trabalho (falso)* H. Arendt 47/8² no que se refere à utopia: evitar conflitos (social, biológico): própria vida (morte) – a) Natureza enquanto objeto (técnica), ser humano como sujeito (Psicologia, etc.)

[O/286, O/180]

Infraestrutura – Superestrutura ^ matéria-consciência

[O/288-0/217]

Nova Ontologia (ser-movimento; relação: substância-acidente (coisa – propriedade: Hegel contra Kant),³ Objetividade da essência Dimensões do ser, relação reproduzida, Teleologia, propriedade e possibilidade). Ver nota extra.

[O/303, O/304]

Determinação e alternativa (nota especial)

[O/199]

Consciência social (gnosiológicamente: verdadeira ou falsa; ontologicamente: série causal factual através do pôr finalidade)

[O/272-0/278]

Imediaticidade e mediação: dialético pertencimento recíproco; nova imediaticidade (genuína, falsa etc.) Nota especial (eventual ad Ética)

[O/312-T/25]

Complexo d. contradição (nota especial)

[O/195-Z/13]

Ideologia e ser social (ideologia como fator ativo): camponês enquanto classe (Brumaire 116/7⁴) Classe em si e para-si Elend 162 (VI 226)⁵

[O/133-0/178]

Biológico: oposto objetivação (exceção abelhas etc) trabalho: objetivação. Disto: exteriorização – disto alienação efeito sobre o Direito, a Moral etc (Fetichização) Ética. Socialismo: recuo da alienação pela extensão da objetivação – lugar d. Ética. Nota especial.

[O/284]

Erkenntnistheorie aus Ontologie: aus Zwecksetzen Neues:

a) objektives Fundiertsein, b) Wirkung c) Inhalt (progressiv); alles auf handelnden Menschen rückbezogen (Ethik etc) Sondernote

[O/246]

Priorität v Sein (Feuerbach 28)⁶ u Bestimmtheit durch gesellschaftliches Sein (Zur Kritik LV)⁷ Einklang bringen Arbeit als Modell (“ewige Naturbedingung des menschlichen Lebens” Kap I 146)⁸ Übergänge ausführen!

[T/2, 0/127]

Interesse (unmittelbar u vermittelt. Dialektik!) Modell: Arbeit als erste Suspension d. Unmittelbarkeit

[T19]

Aktive Reaktion auf Außenwelt älter als Bewußtsein (Etappen!) daraus: Priorität d. prakt Vernunft etc. Andererseits Bewußtsein (Modell: Arbeit: Suspension) das spezifisch Menschliche. (Genesis u Folgen Ausführen Kontinuität als ontologische Kategorie. Sondernote⁹)

[O/328]

Sinn, Bedeutung gegen Natur subjektiv, in Gesellschaft – kann unabhängig v Bewußtsein Sondernote

[Z/11]

GESELLSCHAFTLICHES SEIN

2

[O/327]

Illusion etc; nur im Zustandekommen d. Praxis. Also “falsches Bewußtsein” ontologisch; Genesis u Wirksamkeit

[O/310]

Ontologie: Gegenständlichkeit u Sein der - durch Dinge vermittelten - Prozesse. Fehlerquellen a) nur – unmittelbare – Dinge b) nur Prozesse (Übersehen Strukturveränderung; unhistorischer Dogmatismus, Positivismus) Studieren wie aus Processen (eventuell Proceßformen) neue Gegenstände (W-G-W u G-W-G)

[O/287]

Ideelles (Zielsetzen) Voraussetzung für gesellschaftliches Sein - Praxis als Kriterium für Theorie. Zusammenhang beider. Ohne Bewußtsein: kein teleologisches Setzen v Kausalreihen (Kap I 50 f),¹⁰ aber ontologisch nur tatsächliches Setzen (Untergrund dafür, was im Subjekt bleibt) Darum: wieweit Motive gleichgültig?

[O/284]

Teoria do conhecimento a partir da Ontologia: a partir do pôr propósito Novo:

a) fundamentado ser objetivo, b) Efeito; c) conteúdo (progressivo); tudo se refere ao ser humano que age (Ética etc) Nota especial

[O/246]

Prioridade do Ser (Feuerbach 28)⁶ e determinabilidade através do ser social (Zur Kritik LV)⁷ reconciliar trabalho como modelo (“eterna condição da vida humana” Capital I 146)⁸ Explicar transição!

[T/2, 0/127]

Interesse (imediatos e mediados. Dialética!) modelo: Trabalho como primeira suspensão da imediatidade.

[T19]

Reação ativa ao mundo antigo exterior como consciência (etapas!): prioridade d. razão práx. etc. Por outro lado consciência (Modelo: trabalho: suspensão) o específico humano. (Genesis e realização posterior

Continuidade como categoria ontológica. Nota especial⁹

[O/328]

Sentido, significado contra subjetivo natural, em sociedade – pode independentemente da consciência - Nota especial.

[Z/11]

SER SOCIAL 2

[O/327]

Ilusão, etc.; apenas no efetuar-se d. práxis. Portanto, “falsa consciência” ontológica; gênese e efetividade.

[O/310]

Ontologia: objetividade e ser o – através das coisas mediados – processo. Fonte de erros: a) apenas – coisas – imediatas, b) apenas processo (Mudança de estrutura ignorada: dogmatismo ahistórico, positivismo) Estudar como dos processos (eventuais formas processuais) novos objetos (M-D-M ou D-M-D)

[O/287]

Pressuposto ideal (pôr finalidade) para o ser social – práxis como critério para teoria. Conexão de ambas. Sem consciência: nenhum pôr teleológico v cadeias causais (Capital I 50 e ss.),¹⁰ mas ontologicamente apenas o pôr de fato (fundamento último daqui repousa no sujeito) Daqui: até que ponto indiferente o motivo?

Gegen Übergeschichtliche “Ewigkeit” der ontologischen Kategorien (natürlich: formell); geschichtliche Genesis, Werden u Vergehen (Natur selbst <)>; z. B. Leben) Modifikation v Materie u Objektivität in gesellsch. Sein a) Materie, wie allgemein ontologisch b) gesellschaftliches Sein: Unabhängigkeit des Gegenstandes vom individuellen (u kollektiven) Bewußtsein. Aber hier a) Bewußtsein als Faktor (Urheber des Zielsetzens) in Sein enthalten b) Rolle des Gesetzseins in ontologischer Gegenständlichkeit des Gesellschaftlichen

[O/186]

Überbau: a) Transmission: Affekt nur durch Affekt (Spinoza),¹¹ Einsicht – in Affekt umgesetzt; dazu Pawlow. Von hier Ontologie (was hat davon Aristoteles gesehen?) b) ontologische Bedeutung der Motivation c) was heißt Realität einer Institution? (Unabhängigkeit u zugleich Abhängigkeit vom setzenden Bewußtsein) d) Realität der nicht institutionalisierten Werte (Sitte bis Ethik)

[O/258, O/255]

Ontologie der “zweiten Natur” Arbeitsteleologie; gesetzter Kausalproceß, als solcher von Natur nicht unterschieden (keine neuen “Elemente” ihr gegenüber) Doch verändert Welt; natürlich nur kausal, dies aber – Genesis, Form, Inhalt – aus in Praxis umgesetzter Widerspiegelung. Nur sub specie “zweiter Natur” ontologischer Unterschied: setzendes Bewußtsein kein Epiphaenomenon (wie “Bewußtsein” d. Tiere) Rein ontologisch: ohne Hierarchie; bürgerlich: höheres (ideales) Sein, vulgärmarxistisch: niedrigeres. Tertium

Durch Arbeit: neue Formen der Zufälligkeit a) Stoff u Form; in Natur gesetzlich, bei Arbeit bloß Möglichkeit, aber gerade deshalb nicht ohne Zufall (Ahnung v Aristoteles Metaph 165 Aufbau)¹² Arbeit: Entdeckung der Produktivkräfte (Steinzeit etc) (Hier Grund metaphysischer Überschätzung d. Form) b) bei sozialer Übertragung v Modell Arbeit (Sitte bis Ethik) entsprechende Wandlung von Möglichkeit; Zufälligkeit, je nachdem wie tief Wesen d. Menschen berührt

Genesis deckt (strukturelle) Struktur u Dynamik an sich seiender Gebilde auf (Marx: Wert, Durchschnittsprofitrate) Sonst gesellschaftliche Wirklichkeit fetischisiert. Hartmann ideales Sein (Ideales Sein d. Mathematik: neue Widerspiegelung)¹³ Seinscharakter der Oekonomie, darum Modell für Überbau – wenn dieser auch darüber hinaus. Realität d. Kategorien: inwiefern Widerspiegelung d. Wirklichkeit (wahr oder falsch) gesellschaftliches Sein real beeinflußt

Contra suprahistórica “eternidade” das categorias ontológicas (naturalmente: formal); gênese, devir e desaparecimento históricos (a própria natureza <)>; por exemplo a vida) Modificação d matéria e objetividade em sociedade. Ser a) Matéria, como ontologicamente geral b) ser social: independência dos objetos da consciência individual (e coletiva). Mas, aqui: a) consciência como fator (criadora do pôr finalidade) contida no ser b) papel do ser-posto na objetividade ontológica da sociedade.

[O/186]

Superestrutura: a) transmissão: afeto apenas através do afeto (Spinoza),¹¹ visão – convertida em afeto; sobre isso Pavlov. Daqui Ontologia (o que Aristóteles enxergou disso?) b) significado ontológico da motivação c) como denominar a realidade de uma instituição? (independência e ao mesmo tempo dependência da consciência posta) d) realidade dos valores não institucionalizados (costume até ética)

[O/258, O/255]

Ontologia da “segunda natureza” teleologia do trabalho; processo causal posto, enquanto tal como não se distingue da natureza (nenhum novo “elemento” a ela contraposto) Contudo mundo alterado; naturalmente apenas causal, este todavia – gênese, forma, conteúdo – convertido em reflexo da e na práxis. Apenas subespécie da diferença ontológica da “segunda natureza”: consciência posta nenhum epifenômeno (como “consciência” d. animais) Ontológico puro: sem hierarquia; burguesmente: ser (ideal) mais elevado, marxismo vulgar: o mais baixo. Tertium

Pelo trabalho: novas formas de casualidade a) matéria e forma; na legalidade natural, com trabalho pura possibilidade mas, precisamente por isso, não sem acaso. (Intuição de Aristóteles Metaph 165 estrutura)¹² Trabalho: descoberta das forças produtivas (era da pedra etc.) (aqui o fundamento da sobre-estimação metafísica d. forma) b) pela transmissão social do modelo do trabalho (costume à ética), correspondente transformação da possibilidade; causalidade, depende de quão profundo a essência d. humano é tocada

Gênesis encobre (estrutural) estrutura e dinâmica da criação existente em si (Marx. valor, taxa média de lucro) Realidade social usualmente fetichizada. Ser ideal de Hartmann (ser ideal d. matemática; novo reflexo)¹³ caráter de ser da economia, por isso modelo para a superestrutura – se essa também não for indicada antes. Realidade d. categorias: em que medida reflexo d. realidade (verdadeiro ou falso) influencia realmente ser social

Zielsetzung bei Arbeit als Modell a) Genesis (immer sozial bestimmt – einerlei ob bewußt) b) Voraussicht und nachträgliche Analyse d. Folgen Vermittlungen u ihre Dialektik. Kontemplation: Bewußtsein (Widerspiegelung) als Objekt der Zielsetzung – dadurch erst neue teleologischen Setzungen. Skala bis Ethik: Vollendung des Selbstschaffens des Menschen (Anfang: Arbeit) Dynamische Vermittlung: Ausbreitung Gebots u Verbots auf Verhalten. (Schon in Arbeit enthalten

[Z/12]

GESELLSCHAFTLICHES SEIN

3

[T/30, T/31]

Arbeit: objektiv Modell; subjektiv: Ausgangspunkt falscher Anschauungen. Überschätzen a) des Neuen (Schöpfung) b) der Form (Idealismus, Aristoteles) c) setzenden “Geistes” gegen “träge” Materie d) Zwecks u Zielsetzung gegen “blinde” Kausalität e) Schöpfer versus Werk (bei Hegel)

[P/1]

Arbeit als Modell. Hegels “List der Vernunft” Sondernote Geld als “Torhüter des Innerlichsten” (Simmel: Phil. d Geldes 537¹⁴ - zeigen - heute Amerika – nicht mehr wahr – aber dahinter Kulturproblem!

[K/96]

Thomas Mann über Natur (Gontscharow, Zitat)¹⁵ an K. Kerényi 2. VIII 1947 Th. M.-K. K. Gespräch im Briefen Zürich 1960. 154¹⁶

[K/73]

Utopien von “Paradiso” bis Fourier Aufhebung der Konflikte. Bei “Zurückweichen der Naturschranke” a) Ausschalten alter Konflikte α) social: Kommunismus β) biologisch Krankheit Alters. Aber Formung des eigenen Lebens (als eigene Tat), Selbstvollendung und damit Streben des eigenen Todes bleibt. Darum Herrschaft der Ethik bei Absterben von Recht und Moral (Absterben bei beiden verschieden - weil Überflüssigwerden verschieden)

[O/286]

Ad *Ontologie[vom] gesellschaftlichen Sein*

Unterbau - Überbau \neq Materie - Bewußtsein

a) im Unterbau sehr viel Bewußtsein (Technik u Produktivkraft, Wissenschaft, Erfahrung etc)

b) Wechselwirkung (z. B. via Politik) qualitativ anders als in Natur

Posição de finalidade pelo trabalho como modelo a) gênese (sempre socialmente determinada – mesmo se consciente) b) Antecipação e análise posterior das conseqüentes mediações e dialética delas. Contemplação: consciência (reflexo) como objeto da posição de finalidade – primeiro através de novas posições teleológicas. Escala até a ética: completar-se da autocriação do ser humano (início: trabalho) Mediação dinâmica: expansão dos mandamentos e proibições para a conduta (já contidas no trabalho)

[Z/12]

SER SOCIAL 3

[T/30, T/31]

Trabalho: modelo objetivo; subjetivo: ponto de partida de intuições falsas. Superestimação a) do novo (criação) b) da forma (idealismo, Aristóteles) c) “espírito” posto contra matéria “inerte” (*träge*) d) propósito e a posição de finalidade contra causalidade “cega” e) Criador versus obra (em Hegel)

[P/1]

Trabalho como modelo. “Astúcia da razão” de Hegel nota especial dinheiro como “mantedor) da interioridade” (Simmel: Phil, d Geldes 537¹⁴ – ver – hoje América não mais verdade – todavia por trás problema cultural.

[K/96]

Thomas Mann sobre natureza (Gontscharow, citado)¹⁵ em K. Kerényi 2. VIII 1947 Th. M.-K. K. Gespräch im Briefen Zürich 1960. 154¹⁶

[K/73]

Utopias do “Paraíso” até superação por Fourier dos conflitos. Pelo “afastamento das barreiras naturais” a) eliminação dos antigos conflitos α) social: comunismo β) doenças biológicas dos velhos. Contudo conformação das próprias vidas (como próprio ato), autorealização e com ela permanece aspiração da própria morte. Por isso o domínio da ética pelo fencimento do Direito e da Moral (fencimentos das duas diferentes – porque supérfluos diferentemente).

[O/286]

Ad *Ontologia[do] ser social*

Infraestrutura - superestrutura ≠ matéria - consciência

a) na infraestrutura muitíssima consciência (técnica e força produtiva, ciência, experiência etc)

b) Interação (p. ex., via política) qualitativa outra como na natureza.

[O/288]

Ad Ontologie des gesellschaftlichen Seins

Voraussetzung: Ding (Gegenstand) u Proceß in Natur. Notwendigkeit die Prozesse als Dinge erscheinen (Schon Problem Demokrits) Aber Ding - wegen dieser Unvermeidlichkeit – nicht bloße Erscheinung. – Arbeit: Produkt notwendig als Ding (zu Praxis: Ausgangspunkt neuer Prozesse, deren Resultat wieder Ding - in infinitum) Damit in Erkenntnis: Statik u Dynamik (historisch) Ding u seine Eigenschaften (Möglichkeit in Proceß), Bewegung u seine Gesetze. - Erkenntnis u Manipulation (Vermittlungen)

[O/289]

Ad Ontologie des gesellschaftlichen Seins 2

Zusammenhang mit “Fetischisierung der Ratio”: Ding erhält Selbstständigkeit, weil es in neue Prozesse (neue Gesetzeszusammenhänge) eintritt, die (mit dem) vom Proceß seiner Genesis prinzipiell unabhängig sind (dies xxx Fetischisierung der Ratio: einheitlicher Zusammenhang. Dazu: an sich reales Bedürfnis a) Rationalität der einzelnen Prozesse b) Bedürfnis der Vereinheitlichung. Dialektische zwei Seiten) In Ökonomie: Mehrwert u seine Gestalten (Th. v. M. Ili II 558¹⁷)

[O/224]

Ding u Eigenschaft: Wirklichkeit-Möglichkeit. Aber: Dimensionen Ausarbeiten! Dazu: *Kategorie immer in bestimmter Dimension* (Intensive Unendlichkeit)

Unendlichkeit der Eigenschaften u Relationen: dimensional – nicht nebeneinander Hegels Fehler: Mißachtung der Dimensionen (Wegen “Logizismus”, Reaktion – von Neukantianer bis Neopositivismus: Verabsolutierung (u damit Subjektivierung, Entontologisierung der Dimensionen)

[O/217]

Ding u Eigenschaft

Enzyl. § 125. VI 253 “Haben” der Eigenschaften 254¹⁸ Verselbständigung der Eigenschaft § 126. Zusatz 255 “Zerlegen” 255. Organik: Zerlegen ungenügend 256 (nur in dessen Zusammenhang, an sich gleichgültig) 256¹⁹

[O/288]

Ad Ontologia do ser social

Pressuposto: coisa (objeto) e processo na natureza. Necessidade dos processos aparecerem como coisas (problema já em Demócrito). Contudo coisa – contra essa inevitabilidade – não mera aparência. – Trabalho: produto necessário como coisa (para práxis: ponto de partida novos processos, cujo resultado novamente coisa – *in infinitum*) Daqui no conhecimento: coisa estática e dinâmica (histórica) e suas propriedades (possibilidade em processo), movimento e sua lei – conhecimento e manipulação (mediações).

[O/289]

Ad Ontologia do ser social 2

Conexão com a “fetichização da ratio”: coisa preserva independência, porque é introduzida em um novo processo (nova conexão legal), que (com o qual) processo sua gênese é em princípio tornada independente (tal xxx fetichização da ratio: uniformiza conexão. Com isso: as necessidades em si reais a) racionalidade dos processos individuais b) necessidade de homogeneização. Dialeticamente dois lados) Em economia: mais-valia e suas figuras (Th. v. M. Ili II 558¹⁷)

[O/224]

Coisa e propriedade: realidade-possibilidade. Mas: dimensões Para elaborar! Com isso: *categorias sempre em dimensão determinada* (intensiva infinitude). Infinitude das propriedades e relações: dimensional – não ao lado do equívoco de Hegel: desprezo das dimensões (devido ao “logicismo”, reação – dos neokantianos ao neopositivismo: absolutização (e pela subjetivação, desontologização das dimensões)

[O/217]

Coisa e propriedade

Enzycl. § 125. VI 253 “Ter” da propriedade 254¹⁸ Independência da propriedade § 126. Adição 255 “decompor” 255. Orgânico: decompor insuficiente 256 (apenas nessa conexão, em si indiferente) 256¹⁹.

[O/303]

Ad *Determination im gesellschaftlichen Sein*.

Mit 2-tem Signalsystem Alternativen gegeben (Rudimente schon bei gewissen bedingten Reflexen) Alternative – da immer konkret – schließt Determination nicht aus (Kampf der determinierenden Tendenzen – objektiv und in der Seele des Sichentscheidenden. Soziologisch betrachtet: objektive Wahrscheinlichkeit der Entscheidung; Abweichung von herrschender Tendenz kann soziologisch irrelevant sein, ohne Aufhebung d. moralischen oder ethischen Relevanz; Ausnahme) Die Struktur gesellschaftlicher Determination. Physiopsychologische Determination (Wichtig: nur in äußerster Pathologie hebt sie soziale Determination auf; sonst: eine der Komponenten)

[O/199]

Gesellschaftliches Bewußtsein

- a) erkenntnistheoretisch: richtig oder falsch
- b) ontologisch: faktische teleologische Reihen setzend oder bloß innerliche Überzeugung

[O/272]

Entwicklung des Lebens (gegen moderne Auffassungen) Dialektik von *Vermittlung u Unmittelbarkeit*. Hier kein antinomischer Gegensatz, sondern ununterbrochene Produktion von *neuer (höherer) Unmittelbarkeit*. Bloße Überwindung d Unmittelbarkeit: halber Weg - faktisch Niederlage.

Erst neue Unmittelbarkeit *kann* höhere Stufe sein (Es kann natürlich *falsche* Unmittelbarkeit entstehen; heutiger Kapitalismus) *Kriterium* zu formulieren; schon im Alltag – Aber: jede Unmittelbarkeit ist eine vermittelte

[O/275]

Ad *Kriterium d neuen Unmittelbarkeit*: den *ganzen* Menschen in Bewegung setzen. Zu analysieren

- a) “ganzer Mensch” (per analogiam “Mensch ganz” in Aesthetik - aber Unterschied
- b) Rolle d. Besonderheit (Kann d. bloß Einzelne als Ganzes in Bewegung geraten und wie?)

[O/276]

Ad *neue Unmittelbarkeit: Kriterium*. Problem von *Wesen u Erscheinung* einschalten. Wesen in Ethik

- a) verborgen – oft nur in Folgen auftretend – nie vollendet offen auf Zukunft hin (Fixierung - Verfälschung, Erstarrung)
- b) auf Besonderheit orientiert α) richtige ont Einzelheit aufzuheben β) richtige ont Allgemeinheit organisch aufzunehmen

[O/303]

Ad determinação no ser social

Com segundo sistema de sinais alternativos dado (rudimentos já no conhecidos reflexos condicionados) Alternativa – esta sempre concreta – determinação fechada não exclusiva (luta das determinadas tendências – objetivas e na alma daqueles que decidem (*Sichentscheidenden*). Sociologicamente observado: probabilidade objetiva da decisão; divergência da tendência dominante pode ser sociologicamente irrelevante, sem superação d. relevância moral ou ética; exceção) A estrutura de determinação social. Determinação fisiopsicológica (importante: apenas em extrema patologia cancela-se a determinação social; de outro modo: um dos componentes)

[O/199]

Consciência social

- a) teoria do conhecimento: correto ou falso
- b) ontologicamente: séries teleológicas factualmente postas ou simples convicção interna

[O/272]

Desenvolvimento da vida (contra concepções modernas) Dialética da *mediação e imediaticidade*. Aqui nenhuma oposição antinômica, mas produção ininterrupta de *nova (mais elevada) imediaticidade*. Mera superação d. imediaticidade: meio caminho – derrota de fato.

Só nova imediaticidade *pode* ser etapa mais elevada (pode naturalmente surgir falsa imediaticidade; capitalismo de hoje); *Critério* a formular, já no cotidiano – mas: toda imediaticidade é uma mediada

[O/275]

Ad critério d nova imediaticidade: o humano *inteiro* posto em movimento. Para analisar

- a) “ser humano inteiro” (por analogia “ser humano completo” na Estética – mas diferença
- b) Papel d. particularidade (*Besonderheit*) (pode o mero individual como um todo entrar em movimento e como?)

[O/276]

Ad nova imediaticidade: critério: intervém problema da *essência e aparência*. Essência na ética

- a) velada – com frequência apenas aparece na sequência – jamais realizada abertamente no futuro (fixação – falsificação, solidificação)
- b) orientada pela particularidade (*Besonderheit*) α) correta ao superar a singularidade β) correta ao acolher organicamente a generalidade

[O/277]

Ad *Kriterium von neuer Unmittelbarkeit*: Mitte (Aristoteles in meiner Interpretation als Gleichgewicht des Subjektiven u Objektiven. Dies zusammenhängt mit *Besonderheit* Das Subjektive zum Einzelnen, Objektives zum Allgemeinen neigt (Aber bloß neigt, nicht identisch) Hier setzt auch Wesen ein (Ausführen!)

[O/278]

Unmittelbarkeit – Vermittlung (Gesellschaft) Primitive Bedürfnisse werden vermittelt: Nahrung (Kochen etc) Erotik (Kleidung <etc> Schmuck etc) Vermittlung: (geschaffene): Überwindung der Naturschranke (Geschicht natürlich zumeist mit falschem Bewußtsein)

[O/312]

Problemkomplex d. Widersprüche

- 1) Ursprünglich a) Klassengegensätze b) Individuum u Klasse c) Individuum u ganze Gesellschaft
- 2) Unmittelbare u weite Interesse angeknüpft an Klasse, Nation u Menschheit. Überall: innerhalb d. Sphaere und verknüpft mit Höherem
- 3) unmittelbar u weit bei Individuum. (Ethik u Religion) Auch Verknüpfung nach oben
- 4) Nach Aufhören von Klassen – und Nationsgegensätze bleibt nah u weit a) sozial b) individuell

[O/313]

Widerspruch 2

Natur. Jede Arbeit (subjektiv u objektiv) in Naturbeziehung widerspruchsvoll a) immanent b) “transzendent” (die von Arbeit, Gesellschaft nicht beherrschte Natur in Bezug auf Menschen - auch ad Naturschranke)

[T/25]

Dialektischer u formallogischer Widerspruch. Dialektik: aus Einheit (Zusammenwirken) prinzipiell heterogener Komponenten. Dial[ekti]sch[er] Widerspruch: Moment der objektiven Wirklichkeit (gedanklich bloß reproduziert) Hegel: Übergang von Verschiedenheit zu Gegensatz.²⁰ Formallogisch: allgemeine Möglichkeit: von Seite Subjekts tritt Unmöglichkeit (als Resultat der Analyse) hinzu (objektiv nicht vorhanden) Verhältnis im gedanklich *homogenen* Medium. Darum falsch: Teilnegation in Wirklichkeit. Auch Vernichtung (Antidührung)

[O/277]

Ad *Critério da nova imediatividade*: Meio (Aristóteles em minha interpretação como equilíbrio do subjetivo e objetivo. A conexão (Zusammenhängt) com a *particularidade* (*Besonderheit*) Flexiona o subjetivo para o individual, o objetivo para o universal, (apenas flexiona, não idêntica). Aqui também se insere a essência (Elaborar!)

[O/278]

Imediatividade – mediação (sociedade) Necessidade primitiva torna-se mediada: comida (cozinha etc) erótica (vestimentas <etc> enfeites etc) mediação: (criadas): superação da barreira natural (Ocorre naturalmente na maior parte com falsa consciência)

[O/312]

Complexo de problemas d. contradições

- 1) Originalmente a) contradições de classes b) individuum e classe c) individuum e sociedade inteira
- 2) interesse imediato e amplo articula-se em classe, nação e humanidade. Em todos os lugares: no interior da esfera e atado com mais elevados
- 3) imediato e amplo no individuum (ética e religião) Também articulação para cima
- 4) até interrupção das contradições de classe e nacionais permanece próximo ou ampla a) social b) individual

[O/313]

Contradição 2

Natur. Cada trabalho (subjetivo e objetivo) na conexão com a natureza pleno de contradições a) imanente b) “transcendente” (do trabalho, sociedade não domina natureza em referência aos seres humanos – também ad barreira natural)

[T/25]

Contradição dialética e formal. Dialética: da unidade (*Einheit*) (interação) de componentes em princípios heterogêneos. Contradição dial[ét]i[ca]: momento da realidade objetiva (pensada apenas reproduzida) Hegel: transição da diferença para a contradição.²⁰ Lógica formal: possibilidade geral: do lado do sujeito torna-se impossibilidade (como resultado da análise) além disso (objetivamente não disponível) relação com o médium *homogêneo* no pensamento. Por isso falso: em realidade negação em parte. Também aniquilação (Antidühring)

[O/195]

Ideologie u Realität

Bauern als Klasse u Nichtklasse (Brumaire 116/7)²¹ Klasse an sich u für sich Elend d. Phil 162 (VI 226)²²

[O/179]

Ideologie

Franklin! was er nicht weiß, sagt er jedoch Kap I 17²³ (NI Kleinformat)²⁴ Sie wissen das nicht, aber tun es ibd 40²⁵

Juristische Formen Kap III I 323/4²⁶ *Oekonomie u Moral* (oekonomisch falsch - weltgeschichtlich richtig. Engels Elend IX/X²⁷

Klasse an sich u für sich. (Umschlagen in gesellschaftliche Wirklichkeit) Ebend 162²⁸

[O/181]

Entstehung der falschen Ideologie in Wirklichkeit V 271/2²⁹ Verselbstständigung: Arbeitsteilung. Weiterentwickelt Recht etc V 342³⁰ Philosophie des Genusses: Adel u Bourgeoisie (V 296³¹ Holbach ibd 389³²) Philosophie: Sprache u Leben V 424[:427:]³³

[O/185]

Ideologie a) Produktionsbedingung b) juristischen, politischen, religiösen, künstlerischen oder philosophischen, kurz *ideologischen Formen*, worin sich die Menschen dieses Konfliktes bewußt werden u ihn ausfechten" (Zur Krit LV-VI)³⁴. Beurteilung von Individuum u Epoche subjektiv o objektiv (Zurück auf Ontologie des Alltags)

[O/187]

Ad *Ideologie* Problem d *praktischen Homogenisierung* (schon bei Ideologie u Reproduktionsproceß) Untersuchung:

a) Abstraktionsgrade (Recht-Moral etc)

b) Subjektivität u Objektivität

c) Affektualität

d) Selbstkorrektur

e) Bezug auf Innen u Außen

f) Allgemein - Besondere - Einzelne

g) das Ausgeschiedene u seine Rolle (Unterschied u xxx - Analysieren b Kunst u Wissenschaft)

[O/195]

Ideologia e realidade

Camponeses como classe e não-classe (Brumaire 116/7)²¹ Klasse em si e para si Elend d. Phil (VI 226)²²

[O/179]

Ideologia

Franklin! o que ele não sabe, diz, todavia, Kap I 17²³ (NI pequeno formato)²⁴ Eles não sabem, mas o fazem ibd 40²⁵

Formas jurídicas Kap III I 323/4²⁶ *economia e moral* (economicamente falso – correto do ponto de vista da história universal. Engels Elend IX/X²⁷

Classe em si e para si (passagem na realidade social) Ebend 162²⁸

[O/181]

Emergência das falsas ideologias na realidade V 271/2²⁹ Independência processual: divisão do trabalho, Direito posteriormente desenvolvido etc. V 342³⁰ Filosofia do prazer: Nobreza ou burguesia (V 296³¹ Holbach ibd 389³²) Filosofia: fala e vida V 424[:427:]³³

[O/185]

Ideologia a) condição de produção b) jurídica, política, religiosa, artística ou filosófica, *formas ideológicas* restritas, nas quais os humanos se tornam conscientes desses conflitos ou os dirimem (Zur Krit LV-VI)³⁴. Juízo subjetivo ou objetivo do indivíduo ou época (de volta à ontologia do cotidiano)

[O/187]

Ad *ideologia* problema d *homogeneização prática* (já na ideologia e processo de reprodução). Exame:

- a) Grau de abstração (Direito-moral etc.)
- b) Subjetividade e objetividade
- c) Afetividade
- d) Autocorreção
- e) Referência ao interior e exterior
- f) Universal-particular-singular
- g) o eliminado (*Ausgeschiedene*) e seu papel (diferença e xxx – analisar pela arte e ciência)

[T/26]

Praktische Homogenisierung 2

h) Innen u Außen (mit xxx)

i) Relativität - Unvermeidlichkeit

j) Teleologisch (Modell: Arbeit <)> - Variationen) Wieder Unterschied:

Medium: Kunst - Wissenschaft - Arbeit - gesellsch. Handeln:
Wertproblem

α) nützlich - schädlich

β) gut - schlecht (individuell u social; Klasse, Gesellschaft

[O/196]

Ad Ideologie

a) Selbstständigkeit des Komplexes

b) Wechselwirkung der Komplexe

c) ontologische Priorität des Oekonomischen (Übergreifendes Moment)

d) Entfernung von Kontroll der Wirklichkeit (Änderung mit
Vergesellschaftung

e) Rolle der Individualität

f) ihre Wechselwirkungen

[O/200]

Ad Ideologie 2

historischer Wandel: Bürger in bürgerlicher Revolution (1789 u 1848)

nicht *geradlinig* (Kolonien)

Struktur: Unmittelbar: Ideologie (mit aller Dialektik), "letzten Endes"

Basis

[Z/13]

Ideologie

Adorno über Ideologie (Musik) – Sondernote³⁵

[O/133]

Grundform der biologischen Reproduktion: *Entgegenständlichung*

(Ausnahme: Bienen, Biber, Vogelnest etc) Arbeit: Vergegenständlichung

(Auf Grundlage: Entgegenständlichung (Arbeitsmittel, Rohmaterial)

Daraus - auf bestimmter Stufe: *Entäußerung* (Gesellschaftliche

Arbeitsteilung infolge Entwicklung d. Produktivkräfte) schon im

Urkommunismus (Handwerker im Dorf etc) Zu zeigen wie -- infolge

Entwicklung d. Produktivkräfte: aus Entäußerung: Entfremdung

(Entwicklung von Recht u Moral, auch Religion <)> als Prinzipien d.

Regelung) Stelle der Ethik. Sozialismus als Rücknahme der Entfremdung

(bei Entwicklung von Vergegenständlichung u Entäußerung): Ethik

[T/26]

Homogeneização prática 2

h) Interna e externa (com xxx)

i) Relatividade – inevitabilidade

j) Teleológico (modelo: trabalho <)> Variações) Novamente diferença: médium arte-ciência-trabalho-socied. Tratar: *problema do valor*.

α) Útil – nocivo

β) bom – mal (individual e social; classe, sociedade

[O/196]

Ad Ideologia

a) Independência dos complexos

b) Interação dos complexos

c) Prioridade ontológica do econômico (momento predominante)

d) Distância do controle da realidade (modificação com a socialização

e) Papel da individualidade

f) Suas interações

[O/200]

Ad ideologia 2

Mudança histórica: cidadão (*Bürger*) na revolução burguesa (1789 e 1848) *não linear* (colônias)

Estrutura: imediata: Ideologia (com toda dialética) base “última instância”

[[Z/13]

Ideologia

Adorno sobre Ideologia (Música) Nota especial³⁵

[O/133]

Forma fundamental da reprodução biológica: des-objetivação (exceção: abelhas, castor, ninhos de aves etc.) Trabalho: *objetivação* (do fundamento: des-objetivação (meios de trabalho, matéria prima) Daqui ao estágio determinado: *exteriorização* (divisão social do trabalho em seguida ao desenvolvimento d. forças produtivas) já no comunismo primitivo (artesanato em vilas etc.) Apontar como – a seguir ao desenvolvimento d forças produtivas: da exteriorização: alienação (desenvolvimento do Direito e Moral, também Religião <)> como princípios d regulamentação) Lugar da ética. Socialismo como recuo da alienação (pelo desenvolvimento da objetivação e exteriorização): Ética

[T/13]

Terminologisch genau: Entäußerung (Vergegenständlichung) und Entfremdung; mit dialektischen Übergängen und Umschlägen

[T/14]

Dazu gehört Problemkomplex von *gesellschaftlich notwendiger Entfremdung*

a) für ganze Gesellschaft notwendig (Regulierung überhaupt)

b) für bestimmte Klassen Analysieren: wie weit Überwindung möglich u wünschenswert

[T/28]

Einübung (Gewöhnung, Objektivität) v bedingten Reflexen schon bei Arbeit unvermeidlich; Bedingung (und oft: Hemmung) des Fortschritts. *Wo* schlägt bedingter Reflex in Entfremdung um? (zuerst unabhängig v deren Einschlebung)

[T/8]

Ob nicht *Manipulation: Vergesellschaftung* der bedingten Reflexe? (Darin deren Gefahr (Routine etc) hier aber: soziales Interesse an dieser Routine

Dialektisch ausführen!

[T/23]

ad *Manipulation* (Praxis u Wahrheit) H. Mann: "Ob ein Schriftsteller groß wird, hängt davon ab, wieviel eine Klasse verträgt." (Essays I 127)³⁶
Ausdehnen auf Wissenschaft, Philosophie u Religion

[O/139]

Entfremdung Traditionelle Regelung des Alltags (und darüber hinaus) nicht notwendig Entfremdung; Element eines Hinausgehens über partikularen Menschen (Sparta) Erst wenn Regelung - Manipulation des partikularen Menschen (heute) tritt Entfremdung auf. Je höher Manipulation reicht (Kunst etc) desto mehr (Wieder: "Regel" in aller Kunst nicht notwendig entfremdet) Darum heute als Gegenpol: irrationalistisch-existentialistische Ichkonzeption, religiöses Bedürfnis etc. Kann wegen abstrakter reiner Ichbezogenheit kein Gegengewicht bilden. Dies nur sozial.

[T/13]

Terminologicamente exato: exteriorização (objetivação) e alienação com dialéticas transições e súbitas alterações.

[T/14]

Cai sob o complexo problemático da *alienação socialmente necessária*

- a) para necessidade social como um todo (regulamentação acima de tudo)
- b) para analisar classes determinadas: quão ampla possível e almejada superação

[T/28]

Ensaio (costumes, objetividade) de reflexos condicionados já inevitável no trabalho, condição (e frequente: inibição) do progresso

Onde reflexo condicionado muda na alienação? (o primeiro independentemente d sua inserção)

[T/8]

Se não *manipulação: socialização* dos reflexos condicionados? (Aqui o perigo deles (rotina etc.) mas, aqui: interesse social neles: rotina
Explicar dialeticamente!

[T/23]

ad *manipulação* (práxis e verdade) H. Mann, “O quanto um escritor se torna grande, depende do quanto porta uma classe” (Essays I 127)³⁶
Expandir para ciência, filosofia e religião

[O/139]

Alienação tradicional regulamentação do cotidiano (e além dela) não necessária alienação: elemento de uma elevação por sobre os seres humanos particulares (*partikularen*) (Esparta).

Só quando a regulamentação – manipulação dos humanos particulares (*partikularen*) (hoje) coloca alienação. Quanto mais alto alcança a manipulação (arte, etc.) mais da alienação (novamente: “regulamentação” em toda arte não necessariamente alienada) Por isso hoje como contra-polo: concepção do eu irracionalista-existencialista, necessidade religiosa etc. Não pode por desenvolver um contra-polo devido à abstrata egocêntrica. Este apenas social.

[O/253]

Existentialismus: “Je veux que tout me soit expliqué ou rien. Et la raison est impuissante devant ce cri du coeur.” (Camus *Le Mythe de Sisyphe* 44)³⁷

[O/130]

Entfremdung

Aufzeigen, wo notwendig u berechtigt (Romantik: Unmittelbarkeit)
Darum: Subjekt (dieselbe objektive Lage kann (nur: kann) entfremdet u nicht entfremdet sein. Reaktion (Heilige Familie III 206)³⁸ Dies aber nicht rein subjektiv (weder psychologisch noch moralisch)
Wechselwirkung v Subjektivität u Objektivität. Gilt auch f. Konstellation bei Marx. Aber subjektives Moment sehr statisch (Styron) – aber historische Situation – Frage auch im Rahmen von “Feld”

[O/156]

Entwicklung (Fortschritt) u *Entfremdung*

- a) “blinder”, nicht teleologischer Proceß
- b) Vergegenständlichung immer gesellschaftlicher (gattungsmäßiger)
- c) Entäußerung (der Möglichkeit nach) immer weniger. Hier treten Ansich u Fürsich der Gattungsmäßigkeit auseinander
- d) Art des Gegensatzes % [Auf der Rückseite] % da *innerhalb* Vergesellschaftung (objektiv) nie absolut (Maschinenstürmer. Gesichtspunkt zu früheren Revolutionen.) Gut: A. France über Gleichheit – und trotzdem – Interesse als subjektives Motiv des Fortschritts im Ansich. Wieder: an sich blind, nur auf aktuelle Teleologie gerichtet (Lenin!)

[O/178]

Ad Entfremdung

- a) metaphysische Entfremdung (Feuerbach) Religion. Spielraum darin: reale Ethik: Jesus. (Zu untersuchen wie politische Entfremdung – citizen – dazu steht)
- b) Entfremdung durch Gewalt (als verinnerlichtes Moment α) in Tradition β) heute in Manipulation) γ) oekonomische Entfremdung: aus Verdinglichung (wie Momente aus a) u b) übernommen werden

[O/284]

Gesellschaftliches Sein (Erkenntnistheorie aus Ontologie folgend) Da Zwecksetzen Grundlage ergibt hier Neues. Es muß gefragt werden

[O/253]

Existencialismo: “Je veux que tout me soit expliqué ou rien. Et la raison est impuissante devant ce cri du coeur.” (Camus *Le Mythe de Sisyphe* 44)³⁷

[O/130]

Alienação

Mostrar, onde necessário e adequado (romântico: imediaticidade) Por isso: sujeito (o mesmo pode ter lugar objetivo (apenas: pode) alienado e não alienado. Reação: (Heilige Familie III 206)³⁸ Esta porém não pura subjetiva (nem psicológica nem moralista) Interação da Subjetividade e objetividade. Válida também p. constelação por Marx. Contudo momento subjetivo muito estático (Styron) – mas situação histórica – questão também no ecopo do “campo”

[O/156]

Desenvolvimento (progresso) e alienação

a) processo “cego”, não teleológico
b) objetivação sempre social (genérica)
c) exteriorização (segundo a possibilidade) sempre menos. Entram separados aqui em-si e para-si da generidade
d) Modo da contradição % [no verso] % a *interior* socialização (objetiva) nunca absoluta (Ludistas. Ponto de partida para as primeiras revoluções). Bom: A. France sobre igualdade – e apesar disso – interesse como motivo subjetivo do progresso em-si. Novamente: em si cego, apenas focado na teleologia atual (Lenin!)

[O/178]

Ad alienação

a) alienação metafísica (Feuerbach) Religião. Espaço de manobra nela: ética real: Jesus. (Examinar como alienação política – citoyen – se apoia nela.)
b) alienação através da violência (como momento internalizado α) na tradição β) hoje na manipulação) y) alienação econômica: da coisificação (como momento de a) e b) se torna dominante

[O/284]

Ser social (teoria do conhecimento que segue a ontologia) Da base do pôr propósito resulta aqui o novo. Deve-se tornar demanda

- a) nach Fundiertsein der teleologischen Setzung in Erkenntnis der Kausalität (Politik, Sociologie, Geschichte)
- b) nach Wirkung
- c) nach Inhalt (ob progressiv oder retrograd) a, b, c auf Menschen rückbezogen (Ethik)

[O/246]

Ad Ontologie des gesellschaftlichen Seins

Marx-Engels: a) Allgemeine: *Priorität* (Feuerbach 28)³⁹ b) Bestimmung (hier schon gesellschaftliches Sein) Zur Kritik Vorwort LV⁴⁰ Natürlich nicht widersprechend: aber nie bewußt ausgeführt und zur Grundlage des *Seinscharakters* des gesellschaftlichen Seins gemacht

[T/2]

Ad Interesse Dialektik des unmittelbaren u vermittelten (allgemeinen) Interesses. Auch hier: Modell: Arbeit in der dieser Gegensatz gesetzt ist: nämlich *Dazwischenschieben* d. Arbeit zwischen Begierde u unmittelbare Erfüllung Aufhebung d. Unmittelbarkeit durch diese Vermittlung <xxx> Aufhebung (auf höhere Stufe heben!)

[O/127]

Dialektik der *unmittelbaren und „perspektivischen“* Interessen (Lenin) mit *Arbeit* gesetzt. Gesellschaftlich: eben Arbeit nicht unmittelbar. In Produktion: unmittelbar für Konsumtion oder Produktionsmittel. So weiter (Aber: Modell, weil Tier – wesentlich – unmittelbar, höchstens Vorrat) *erst Arbeit über Unmittelbarkeit*

[T/9]

ad materialistische Ontologie d. Praxis:

Impuls zu aktiver Reaktion auf Außenwelt viel älter als Bewußtsein darüber - *Untersuchen:* wie weit sich diese Struktur – modifiziert – erhält? (Primat d. praktischen Vernunft; ethisch: sie wissen es nicht, aber sie tun es

[O/328]

Ad „zweite Natur“

Bedeutung (Sinn etc) Natur gegenüber *subjektiv* (darum natürlich nicht sinnlos) in Gesellschaft: *objektive* Tatsache – Sinn der Gesetze etc existiert unabhängig vom Bewußtsein, wirkt sich aus gegen den Willen der Sinngebenden. Ausarbeiten! Ad Struktur dieser Teleologie

- a) a posição teleológica para ser fundada em conhecimento da causalidade (política, sociologia, história)
 c) para o efeito
 c) para o conteúdo (quer progressivo ou retrógrado) a, b, c, os humanos referem-se a si mesmos (Ética)

[O/246]

Ad ontologia do ser social

Marx-Engels: a) Geral: *prioridade* (Feuerbach 28)³⁹ b) Determinação (aqui já ser social) Zur Kritik Vorwort LV⁴⁰. Naturalmente não contraditório: contudo nunca assumido consciente e tornado fundamento do *caráter de ser* do ser social.

[T/2]

Ad interesse dialética do interesse (geral) imediato ou mediado. Também aqui: modelo: trabalha é situado nessa contradição: nomeadamente *inserido no meio* d. trabalho entre desejo e satisfação imediata superação d. imediatividade através dessa mediação <xxx> superação (elevar a patamares mais elevados)

[O/127]

Dialética do interesse *imediato e “perspectivo”* (Lenin) com o *trabalho* posto. Socialmente: mesmo o trabalho não imediato. Na produção: imediata para o consumo ou meios de produção. Assim por diante (contudo: modelo, já que os animais – essencialmente – suprimento na maior parte imediato) *só trabalho para além da imediatividade*

[T/9]

ad ontologia materialista da práxis

Impulso para reação ativa para com o mundo exterior mais velha que a consciência sobre ela. *Examinar*: até onde essa estrutura – modificada – preservou? (Primat d. razão prática, ética: não sabiam, mas faziam

[O/328]

Ad “segunda natureza”

Significado (sentido etc.) *subjetivo* da natureza (por isso naturalmente não sem sentido) em sociedade: fato *objetivo* – sentido da lei etc. existe independente da consciência, tem efeito contra os desejos dos que criam esse sentido. Para elaborar! Ad estrutura desta teleologia.

[O/327]

Ad *Ontologie*

Zu untersuchen Rolle der Illusion etc im Zustandekommen der Praxis. Wichtig: nur reale Praxis kommt in Betracht (Motive nur soweit diese real beeinflussend) Also: falsches Bewußtsein ontologisch analysieren u. zw. nicht nur – wie allgemein – auf Genesis, sondern auch auf reale Wirksamkeit

[O/310]

Ad *Ontologie der Gesellschaft*

Gegenständlichkeit der (durch Dinge vermittelten) *Processe*. (Fehlerquellen a) nur unmittelbare Dinge: Fetischismus b) nur Prozesse (Beziehungen) Positivismus: übersehen Strukturänderungen: unhistorischer Dogmatismus) Studieren etwa W-G-W und G-W-G (eventuell auch Bd II): wie Prozesse neue Gegenstände, auch im ontologischen Sinn entstehen lassen

[O/287]

Ontologie u Gnoseologie

a) Ideelles Voraussetzung für Sein in Gesellschaft (Zielsetzen; Austausch etc) wird aber nur mit Akt d Verwirklichung ontologisch relevant

b) Praxis als Kriterium d. Theorie

Zusammenhang ausarbeiten!

[O/186]

Ad „Überbau“

1) Transmission: Affekt nur durch anderen Affekt (Spinoza), dies verknüpft mit Pawlow: Ontologie (Nachsehen ob Ethik v Aristoteles nicht Ähnliches enthält?)

2) Ontologisch untersuchen, was *Realität* einer Institution (Staat, Recht etc.) bedeutet. Ontologische Bedeutung der *Motivation* (Sitte etc)

[O/258]

Ad Ontologie der „Zweiten Natur“

Wesen der Arbeitsteologie: gelenkter Kausalproceß, an sich vom normalen in nichts unterschieden. Aber konkret verändert er die Welt. Unmittelbar natürlich nur durch reine Kausalität - aber Veränderung doch aus dem Gelenksein, aus der in Praxis umgesetzten Widerspiegelung.

Also – sub specie Natur – kein Unterschied zwischen beiden Kausalitäten; sub specie “zweiter Natur” (ihrer Ontologie) entscheidender: wie sich Widerspiegelung (Reflex) in Wirklichkeit umsetzt Rein ontologisch lösen; ohne Hierarchie Bürgerlich: höher (ideales Sein) vulgär marxistisch: niedriger. Tertium

[O/327]

Ad *ontologia*

Examinar o papel da *ilusão* etc. na realização da práxis. Importante: apenas práxis *real* vem em consideração (Motivo apenas enquanto influencia este real). Portanto: analisar falsa consciência *ontologicamente* e assim por diante não *apenas* – por geral – na gênese, mas *também* na eficácia *real*.

[O/310]

Ad *Ontologia da sociedade*

Objetividade do (através de coisas mediadas) *Processe*. (Fontes de erros: a) apenas coisas imediatas: fetichismo b) tão somente *Processe* (conexões positivismo: negligencia alterações estruturais: dogmatismo ahistórico). Estudar possivelmente M-D-M e D-M-D (eventual também Livro II): como *Processe* novos objetos, também em sentido ontológico podem surgir.

[O/287]

Ontologia e gnoseologia

a) Pressuposto ideal para ser em sociedade (pôr finalidade, troca etc.) se torna ontologicamente relevante apenas com o ato de realização.

b) Práxis como critério d. teoria

Para elaborar conjuntamente!

[O/186]

Ad “superestrutura”

1) Transmissão: afeto apenas através de outro afeto (Spinoza), isto combina com Pavlov: ontologia (Consultar se *Ética* d Aristóteles não contém semelhança?)

2) Investigar ontologicamente, o que significa *realidade* de uma instituição (Estado, Direito etc.). Significado ontológico da *motivação* (Costumes etc.)

[O/258]

Ad ontologia da “segunda natureza”

Essência da teleologia do trabalho: processo causal conduzido, em si nada difere do normal. Todavia, em concreto altera o mundo. Imediato naturalmente apenas através pura causalidade – contudo mudança, não obstante, a partir do ser pensado, reflexo converte-se em práxis.

Portanto – sub specie natureza – nenhuma diferença entre ambas causalidades; decisivo sobre a sub specie “segunda natureza” (sua ontologia): enquanto reflexo (reflexo) na realidade se converte puro ontologicamente separado; sem hierarquia Burguês: mais elevado (ser ideal) marxisticamente vulgar: mais baixo. *Tertium*

[O/255]

Ad Ontologie „zweiter Natur“

a) ohne Bewußtsein teleologische Wendung der Kausalität unmöglich (Warenbesitzer bei Tausch Kap. I 50 f)⁴¹ b) ontologisch nur tatsächlich verwirklichtes Zielsetzen relevant; Motive etc. gleichgültig

Reproduktion

Kapital: eigene Bedingungen[:189:] Rohent 56 f (Zweck-Mittel ibd 155)⁴²

[T/30]

Nabe u weite Ziele Letztere – ontologisch – durch Werkzeug u gesellschaftliche Folgen gegeben (Zielsetzen später u sekundär): nur nachträglich erkenntnismäßig erfaßbar. Darum: überall Heterogenität. Diese wächst je weiter vermittelt das weitere Ziel ist; aber auch in Verbindung mit Arbeit. Daher: Verzweigung von Praxis und Manipulation. In Unmittelbarkeit der Arbeit noch unzertrennlich verbunden. Differenzierung: gesellschaftlich – von Magie bis Neopositivismus (Grund: <P> richtige Praxis bei falscher Theorie möglich. Wieder: von Magie bis Ptolemai) Kritik von Engels. Lenin „Was tun?“

[T/31]

Nabe u weite Ziele (2) Probleme des „falschen Bewußtseins“ Wichtigkeit „Grenze des Nein (Wieder: in ursprünglicher Alternative keimhaft enthalten Qualitative Steigerung bei Wachsen der Vermittlungen – positive Rolle bei Falschheit (Jacobiner) – Je weiter das Ziel, desto mehr Kausalitäten in Komplex (einerlei ob rein kausal oder teleologisch kausal – besser: je vermittelt desto wichtiger teleologisches Element in ihnen) So: weite Zielsetzung vielfach heterogen zur ursprünglichen (Lenin über Spontaneität u Bewußtheit)

[P/1]

List der Vernunft u Arbeit b H.

Werkzeug: List zwischen Ich u äußerer Dingheit (Realphilosophie II 198⁴³ Ausgeführt. Mittel als Mitte (höher als unmittelbar gesetzter Zweck) V 220. Lenin 109⁴⁴ (Konkretisieren) Darin: Möglichkeit über bewußtes Wollen um Zwecksetzen hinaus (Dabei bezüglich Arbeit u Naturkräfte Vernunft in Geschichte 61/2)⁴⁵ „Ähnlich“ Leidenschaften in Gesellschaft (ibd 62.⁴⁶

[O/255]

Ad ontologia da “segunda natureza”

a) sem consciência impossível mudança teleológica da causalidade (Possuidor de mercadoria na troca Kap.I 50f)⁴¹ relevante ontologicamente apenas pôr finalidade de fato realizado; motivos etc. indiferente

Reprodução

Capital: próprias condições[:189:] Rohent 56 f (propósito-meio ibd 155)⁴²

[T/30]

Finalidades próximas e distantes Estas últimas – ontologicamente – dadas através de ferramentas e consequências sociais (pôr finalidade tardio e secundário): apenas tardiamente compreensível pelo conhecimento. Por isso: heterogeneidade em todas as partes. Esta cresce continuamente conforme a finalidade é mais mediada; mas também em união com o trabalho. Daqui: ramificações entre práxis e manipulação. Na imediatividade do trabalho ainda inseparavelmente coligada. Diferenciação: socialmente – da magia ao neopositivismo (fundamento: <P> possível práxis correta por falsa teoria. De novo: da magia até Ptolomeu) Crítica de Engels. Lenin: O que fazer?

[T/31]

Finalidades próximas e distantes (2) Problema da importância da “falsa consciência” “Fronteira do não (novamente: na alternativa primitiva contém em germe qualitativa elevação pelo crescimento das mediações – papel positivo da falsidade (Jacobinos) – Quanto mais distante a finalidade, tanto mais causalidade no complexo (do mesmo modo para pura causalidade ou teleologicamente causal – melhor: quanto mais mediada tanto mais importantes elementos teleológicos nela) Deste modo: o pôr finalidade distante com frequência heterogênea para com a primitiva (Lenin sobre espontaneidade e consciência).

[P/1]

Astúcia da razão e trabalho em H.

Ferramentas: astúcia entre eu e coisalidade externa (Realphilosophie II 198⁴³ Arguido. Meio como meio (mais elevado como imediato o propósito posto) V 220. Lenin 109⁴⁴ (Concretizar). Aqui: possibilidade desejo consciente para além do pôr finalidade. (Sobre isso, trabalho e razão das forças produtivas naturais na história 61/2) ⁴⁵ “Semelhante” paixões em sociedade (ibd 62 ⁶

Differenz aufzeigen, die in Analogie: Mythisieren im Keim): besonders deutlich

Besondere “sich aneinander abkämpft” Allgemeine Idee nicht “in Gegensatz u Kampf, Gefahr etc (ibd 83)⁴⁷

Aber Gut: Handlungen – schon Alltag – anderes als das Gewollte (ibd 66/7)⁴⁸

Großer Mensch: “partikulare Zwecke” das Substantielle enthalten ibd 68 (Caesar 67/8⁴⁹ Verhältnis von Partikular u Allgemein undialektisch. Vrgl. oben allgemein-besondere. Gerade hier: falsches Bewußtsein, heroische Illusionen etc) Darüber hinaus großer Mensch (ibd 73)⁵⁰ bei Caesar zu weit, hier zu nahe zum Allgemeinen – Darum Mythologisches aufdecken!

[Z/4]

KATEGORIENPROBLEME 1

[O/235]

Modalitätsfragen nur auf Niveau der Wirklichkeit (Mögliches ebenso seiend wie Wirkliches) Beziehungskategorien (Hegel IV 178 IV 198 gegen Hartmann)⁵¹ Sondernote

[O/230]

Kierkegaard über Modalität: nicht: Wirklichkeit Notwendigkeit: Einheit v möglich u wirklich; wirklich: möglich u notwendig (Krankheit zum Tode 33, auch Nachschrift II 1/17)⁵² Überall – wichtig – vor allem “seelische” Möglichkeit, “Verlust” von Wirklichkeit. - Trennen: objektiv u “seelisch” möglich (gerade ontologisch) Hegel: formelle u reale Möglichkeit IV 201 f⁵³ (aber bei formell trennen a) mathematisch (kein Widerspruch) b) seelisch (Umsetzen in Praxis oder nicht)

[O/241]

Zufällig bei Marx u Engels. Ursprung 160, 171. Kap I 15,⁵⁴ Kugelmann 87/8⁵⁵ Naturdialektik 656/60⁵⁶

[T/33—0/121]

Sollen aus Zweck (H Enzycl. § 472 VII II 364)⁵⁷ Modell: Arbeit. Zwecksetzung für Fertigstellung: Sollen. Höhere Stufe: Zweckverhalten des Menschen a) Zielsetzung selbst sozial-oekonomisch bestimmt b) Durchführung α) Erkenntnis d. Natur β) darin Oekonomie. Überall Formen des Sollen. Wert resp Übel (H.oben) Weiterführen auf kompliziertere Formen, (z. B.[schon:] in Sitte Fleiß, Zuverlässigkeit als Erfüllen d. Sollens: Wert

mostrar diferenças na analogia: mistificar em germe): especialmente manifesto

Especial “combater-se duramente” ideia geral não “em oposição e luta, perigo (ibd 83)⁴⁷

Mas, bem: atos – já cotidiano – outros que o desejado (ibd 66/7)⁴⁸

Grande humano: “propósito particular” contém o substancial ibd 68 (Cesar 67/8⁴⁹ relação do particular e geral não-dialética. Compare acima geral-particular. Direto aqui: falsa consciência, ilusões heróicas etc.) Além disso grande humano (ibd 73)⁵⁰ em Cesar tão distante, tão próximo ao universal – que revela o mitológico. Por isso desvela o mitológico!

[Z/4]

PROBLEMA DAS CATEGORIAS 1

[O/235]

Questões de modalidade apenas ao nível da realidade (possível apenas se existente como real). Categorias relacionais (Hegel IV 178 IV 198 contra Hartmann)⁵¹ Nota especial.

[O/230]

Kierkegaard sobre modalidade: não: realidade necessidade: unidade de possível e real; real: possível e necessário (doença fatal 33, também Nachschrift II 1/17)⁵² Por todos os lugares – importante – por toda possibilidade “mental”, “perda” da realidade – Separar: possibilidade objetiva da “mental” (preciso ontologicamente) Hegel: possibilidade formal e real IV 201 f⁵³ (contudo na formal separar a) matemática (sem contradição) b) mental (converter em práxis ou nada)

[O/241]

Acaso em Marx e Engels. Ursprung 160,171 Kap I 15,⁵⁴ Kugelmann 87/8⁵⁵ Naturdialektik 656/60⁵⁶

[T/33—0/121]

Dever a partir do propósito (H Enzycl. § 472 VII II 364)⁵⁷ Modelo: trabalho. Posição de propósito para posição acabada: dever. Patamar mais elevado: conduta com propósito dos humanos a) posição de finalidade auto social-economicamente determinado b) realização α) conhecimento d. natureza β) nele economia. Forma geral do dever. Valor resp mal (H.acima) Prosseguir para formas mais complexas, (p. ex.[já:] na aplicação dos costumes, confiabilidade como realização do dever: valor.

[K/11]

Epikur gegen Teleologie (Nestle I 193)⁵⁸

[O/251]

Besonderheit in Praxis Vermittlung in Arbeit (angewandte Wissenschaft, auch Recht. Kasuistik: Vom Allgemeinen zum Einzelnen; Problem v Kadijustiz) Politik (Vorbild, Nachahmung - auch Geschichte; über bloße Vermittlung hinaus) Moral – Kasuistik. Erst Ethik. (Gegensatz in Aesthetik: Wirklichkeit versus Widerspiegelung (“Lebenskunst“)
Sondernote

[K/16]

Unsterblichkeit - Diesseits. Renaissance (Cassirer 111 5/6)⁵⁹

[O/298-0/137]

Möglichkeit (gegen Trennung logischer u realer Möglichkeit Prantl I 167)⁶⁰ Hartmann (Megarischer “Möglichkeit” 181 ff. besonders 186⁶¹ (dazu: Sein # Wirklichkeit) Aristoteles Buch Θ 3 (Aufbau 206 f)⁶²

Individuum a) Einzelheit b) Atom (aber Teilbarkeit). Organismus (Tod)
c) Individualität als Produkt d. Gesellschaft (Doppelte Bindung)

Individuum u Gattung. Tier a) stumm (6-te Feuerbachthese) b) unmittelbar. Mensch: gesellschaftlich-geschichtliche

Selbstdifferenzierung von Familie bis Menschheit. Reale Wirksamkeit

Mathematik: <g> Formalismus. Vorwegnehmend (Widerspiegelung; Erfassen des Wesens (Quantität) Aber α) doch bloß Annäherung β) Verfehlen d. Wirklichkeit (Analogie formale Logik) γ) Wahrscheinlichkeit u Anpassung an konkretes Phaenomen (auch hier: Formalismus)

Gegen Hartmanns “ideales Sein” Bloße Unabhängigkeit v Subjekt reicht nicht aus. Verzerrte Widerspiegelungen Was ist Sinn dieses An sich (Unabhängigkeit von Subjekt)? Ontologisch, nicht erkenntnistheoretisch Möglich-Wirklich. Wirklich (wie Sein) primaere Kategorie; Möglichkeit: Beziehung; ein existente als Möglichkeit für neues Wirkliches (Ebenso Notwendigkeit besondere Bestimmungen des Wirklichen <)>; nicht Unabänderlichkeit – sonst jedes Vergangene notwendig.

[Z/5]

KATEGORIENPROBLEME 2

[T/3-T/7]

Schein immer Schein für jemand[:(?):][:(Objektivität?!):] Erscheinung seiend (Phil.Hefte 44)⁶³. Korrektur, Erkenntnis; Ontologie – in diesem Zusammenhang, nicht absolut – bleibend

[K/11]

Epicuro contra teleologia (Nestle I 193)⁵⁸

[O/251]

Particularidade na práxis mediação no trabalho (ciência aplicada, também Direito. Casuística: Do geral ao singular; problema da Justiça-Cadê) Política (modelo, imitação – também história; para além da mera mediação) moral-casuística. Primeira ética. (contradição na estética: realidade versus reflexo (“arte de viver”) Nota especial

[K/16]

Imortalidade – vida terrena. Renaissance (Cassirer 111 5/6)⁵⁹

[O/298-0/137]

Possibilidade (contra separação possibilidade lógica e real Prantl I 167)⁶⁰ Hartmann (Megarischer “Möglichkeit” 181 ff. em especial 186⁶¹ (dazu: Sein # Wirklichkeit) Aristoteles Buch Θ 3 (estrutura 206 f)⁶²

Indivíduo: a) unidade b) átomo (todavia divisibilidade). Organismo (morte) c) Individualidade como produto d. sociedade (dupla relação).

Indivíduo e Gênero. Animal a) mudo (6^a. Tese Feuerbach) b) imediato. Humano: auto-diferenciação histórico-social da família até humanidade. Efetividade real

Matemática: <g> formalismo. Antecipado (reflexo: Capturar do ser (quantidade) mas α) contudo simples aproximação β) perda d. realidade (analogia lógica formal) γ) probabilidade e acomodação aos fenômenos concretos (também aqui: formalismo)

Contra “ser ideal” de Hartmann mera independência do sujeito não é suficiente. Reflexos distorcidos Qual o sentido deste em si (independência do sujeito)? Ontológico, não da teoria do conhecimento.

Possível-Real. Real (como ser) categoria primária; possibilidade: conexão: um existente como possibilidade para novos reais (Do mesmo modo necessidade determinação particular do real <)>; não independência – de outro modo cada passado necessário.

[Z/5]

PROBLEMAS DAS CATEGORIAS 2

[T/3-T/7]

Aparência sempre aparência para alguém[:(?):]:::(Objetividade?!):] Fenômeno existente (Phil.Hefte 44)⁶³ Correção, conhecimento; ontologia – nessa conexão, não absoluta – permanente.

Bürgerlich: Struktur versus Entwicklung. Wirklich: in Struktur selbst Anlage zu strukturellen Änderungen. Reproduktion (Biologie u Gesellschaft), gleichzeitig Möglichkeit der – längeren – Stabilität. Auch hier: Kontinuität

[T/11, T/12]

Bedeutung der Reflexionsbestimmungen; defetischisierend: nie nur “Ding” oder nur “Beziehung“, Zentralfragen a) Wesen als Sein (Wirkliches) – Erscheinung (auch als Sein) b) wie Ding – ohne Verlust v Ansichsein – Verhältnis Dies in jeder Gegenständlichkeit (strukturell u dynamisch), auch in Beziehung zu Anderem Daraus höhere Gegenständlichkeiten, die wieder Verhältnisse sind

[O/236, O/226]

<Mat> Rein ontologisch: Widerspiegelung \neq Sein. Schon biologisch Umschlagpunkt (Pawlow), aber – das Ganze betrachtet – doch Epiphaenomen Erst Arbeit Wendung; nicht nur höhere Signalsysteme: Organisationsformen d. “zweiten Natur“: reale Organisationen des Regulativen u Motivs (Polizei, Armee), organisierte Objektivierung der Widerspiegelung u ihrer Mitteilung (Zweck: Motiv in neuen Setzungen: Zeitung, Buch etc.) “Rein” ontologisch “zweite Natur” nicht erfassbar (Marmor u Statue), aber neue Ontologie ohne “reine” als Fundament unmöglich. Darum bleibt Arbeit Modell für Übergang Verdienst Hartmanns in Ontologie a) physische Natur b) Leben c) Mensch (Sondernote)⁶⁴

Kontinuität folgt notwendig aus Reproduktion (biologisch u gesellschaftlich); aber schon früher in Kausalketten. Dynamische Ergänzung zu – ebenfalls ontologischem – Beharren (Substanz) Dialektische Modifikation. Bewußtsein wirkt steigernd (Handeln etwa aus Tradition. Hier – ontologische – Rolle des “falschen Bewußtseins“. Junge Marx über Götter I.I 80)⁶⁵

Form: Priorität taucht in Arbeit auf (Natürlich untrennbar v. Materie, aber diese in Rücksicht auf Form gewählt Werkzeug, Waffe; relatives Gleichbleiben v Form bei Entwicklung Kenntnis der Materie. Waffe aus Stein, Bronze etc) Vorbereitung: Organismus (Reproduktion) Bei gesellschaftlicher Verallgemeinerung (Erlöschen der Arbeit als Modell): sehr frühere Fetischisierung (schon Magie) Form in griechischer Philosophie (Rolle v Mathematik u Geometrie)

Burguês: estrutura versus desenvolvimento. Real: na própria estrutura arranjo para mudanças estruturais. Reprodução (biologia e sociedade), possibilidade igualmente da – longo prazo – estabilidade. Também aqui: continuidade.

[T/11, T/12]

Significado das determinações reflexivas; desfeticizado: nunca apenas “coisa” nem apenas “conexão”, questão central a) essência como ser (real) – fenômeno (também como ser) b) como coisa – sem perda do ser-em-si – relação Isto em toda objetividade (estrutural e dinâmica), também em relação a outros Daqui (*Darau*) mais elevada objetividades, que novamente são relações

[O/236, O/226]

<Mat> Ontológico puro: contradição \neq ser. Já ponto de virada biológico (Pavlov), mas – todo considerado – todavia epifenômeno antes da virada do trabalho; não apenas sistema de sinal mais elevado: formas de organização da “segunda natureza”: real organização dos reguladores e motivos (polícia, exército), objetivação organizada do reflexo e sua comunicação (propósito: motivo em novos cenários: jornais, livros etc.) Ontologicamente “pura” “segunda natureza” não compreensível (mármore e estátua), mas nova ontologia sem “pureza” como fundamento impossível. Aqui se afirma modelo do trabalho para transição

Mérito de Hartmann na Ontologia a) natureza física, b) vida, c) humano (nota especial)⁶⁴.

Continuidade resulta necessariamente da reprodução (biológica e social); todavia já antes em cadeias causais. Ampliação dinâmica – do mesmo modo ontológico – se mantém (substância) Modificação dialética. Consciência tem efeito crescente (Ações aproximadamente da tradição. Aqui – ontológico – papel da “falsa consciência”. Jovem Marx sobre deuses I.I 80)⁶⁵

Forma: prioridade emerge no trabalho (naturalmente inseparável da matéria, mas esta escolhida em consideração à forma de ferramenta, arma; aproximação relativa da forma pelo desenvolvimento do conhecimento da matéria. Armas de ferro, bronze, etc.) Preparação: organismo (reprodução) Pela generalização social (Extinção do trabalho como modelo): forma de fetichização muito cedo (já magia) já na filosofia grega (papel da matemática e da geometria)

[O/242-0/227]

Zufall bei Kant a) allgemeine u spezifische Naturgesetze (gnoseologisch - nach alter Ontologie) Kr. d. U. XXXII⁶⁶ b) bei teleologischer Naturbetrachtung ibd 268/9⁶⁷ c) Allgemeines-Besonderes 346 f⁶⁸ d) Zufälligkeit d Form 285/5, 331.⁶⁹ e) teleologischer Gottesbeweis (agnostizistisch) 335⁷⁰ K's Kritik hebt nur Naivität v Aristoteles auf Widerspiegelung (Gedanken, Gefühle) nicht Wirklichkeit, löst sie aber – gesellschaftlich – aus. Besonderer Typus von Möglichkeit, eben weil – Gegensatz zu Natur u objektiver Gesellschaft - kein Sein; erst, wenn aufhört Möglichkeit zu sein (Freilich: gesellschaftlich: kann auch diese Realisierung Möglichkeit sein) Ontologie der Statik und Religion: Irdisches weder Sein noch Nichtsein; wirklich nur “was unveränderlich bleibt” (Augustinus Bekenntnisse 215)⁷¹ Das Wandelbare: geschaffen (ibd 396)⁷²

[Z/6]

KATEGORIENPROBLEME 3

Substanz bei Hegel, Marx-Engels (Zusammenstellungen)

[T/1]

Formel: “wenn... dann” für jedes Gesetz, jeder Rationalität (Geradesosein der Wirklichkeit)

[O/316]

Absolut – relativ: erkenntnistheoretische Kategorien. Trennung u Gegenüberstellung; gesellschaftlich bedingt, die sowohl Absolutisieren wie Relativieren Klasseninteressen entsprechen können. Dialektische Einheit (Antidührung 91/6,⁷³ Empiriokritizismus 119 f.)⁷⁴ ontologische Grundlage a) E. (richtig) Faktizität. D. h. jedes Einzelne ist absolut in seinem Geradesosein (Facts are hard things), dies aber *isoliert* als Resultat und bei Absehen von Folgen. Dort überall Relativität. Erkenntnistheoretisches Hinausgehen über diese Absolutheit: ontologisch begründet, xxx Einzelnes nur als Komplex (in Beziehung zu seinen Bestandteilen u anderen Komplexen) oder als Bestandteil eines Komplexes existieren kann b) das Allgemeine (Gesetz) ontologisch begrenzt: immer %

[O/242-0/227]

Acaso em Kant a) lei natural geral e específica (gnoseológico – depois da velha ontologia) Kr. d. U. XXXII⁶⁶ b) por observação teleológica da natureza ibd 268/9⁶⁷ c) geral-particular 346 f⁶⁸ d) casualidade d formas 285/5, 331.⁶⁹ e) prova teleológica de Deus (agnóstica) 335⁷⁰ Kritik de K conserva apenas ingenuidade de Aristóteles

reflexo (pensamentos, sentimentos) não realidade; todavia acionado – socialmente. Tipos determinados de possibilidade, mesmo porque – contrastes da natureza e sociedade objetiva – nenhum ser; primeiro, se encerra possibilidade de ser (claro: socialmente: pode ser também esta realização possibilidade) ontologia do estático e religioso: mundo terreno nem ser nem não-ser; real apenas “aquilo que repousa imutável” (Augustinus Bekenntnisse 215)⁷¹ O mutável: criado (ibd 396)⁷²

[Z/6]

PROBLEMA DAS CATEGORIAS 3

Substância em Hegel, Marx-Engels (compilação)

[T/1]

Fórmula: “se...então” para cada lei, uma racionalidade (ser-precisamente-assim da realidade)

[O/316]

Absoluto – relativo: categorias da teoria do conhecimento. Separação e confrontação; socialmente condicionada, tanto absolutizar como relativizar pode corresponder a interesses de classe. Unidade dialética (Antidühring 91/6,⁷³ Empiriokritizismus 119 f.)⁷⁴ Fundamento ontológico a) E. (correta) facticidade. I. e. cada unidade é absoluta em seu ser-precisamente-assim (Facts are hard things), isto todavia *isolado* como resultado e desconsideração das consequências. Daqui relatividade geral. O ir além dessa absolutidade pela teoria do conhecimento: ontologicamente fundada, xxx singulares apenas podem existir como complexo (em conexão com seus componentes e outros complexos) ou como componente de um complexo b) o geral (lei) ontologicamente limitado: sempre %

[T/38]

Absolut – Relativ % innerhalb der Grenzen “wenn... dann” Das hebt Rationalismus auf mit Absolutisierung der Geltung des Gesetzes. Ontologie rückwirkend auch auf reine Widerspiegelung. Mathematik: Bedingungen ihrer Homogenität; das “Wenn” Grundlage der Dialektik: zurück auf Ontologie c) Besonderheit: sowohl Faktizität wie Gesetzlichkeit im unmittelbaren Phaenomen enthalten (Darum verschwindet sie aus nichtdialektischer Logik; darum das Typische so wichtig sowohl im (gesellschaftlichen) Sein der Ethik wie in der Widerspiegelung der Aesthetik. In beiden: absolut-relativ untrennbar vereinigt. Absolut: Geradesosein: Anfang (Einzelheit) – Ende: Universum. Stelle a) der Rationalität (\neq Absolut) b) Totalität (verschwindend)

[O/235]

Werte: Ansichsein 149⁷⁵

ad *Möglichkeit*

Sehr gut Prantls Spott über die “Unabhängigkeit von logischer u physischer Möglichkeit” I 167⁷⁶

“Realmöglichkeit“. Aristoteles gegen Megariker. Metaphysik Buch Θ 3 Kap (N. Hartmann Möglichkeit Wirklichkeit 181 ff.⁷⁷ Richtig gegen (auf Biologie, Arbeit etc) orientierten Wirklichkeitsbegriff von A. “Der Naturproceß läuft nicht von Möglich<keit>sein zu[:m:] Wirklich<keit>sein, sondern vom Wirklichsein des *einen* zum Wirklichsein des *anderen*” 186⁷⁸ Das aber: gegen H’s Realmöglichkeit

[O/230]

ad *modale Kategorien* Kierkegaards Kritik. In Kritik Gefühl für Realität, aber xxx: Wirklichkeit nicht Einheit von Möglichkeit u Notwendigkeit (Krankheit zum Tode 33⁷⁹ Nachschrift II 1/17)⁸⁰

[O/241]

Zufall bei M u E.

“Zufällig sich einstellender Überfluß” als Gegenstand des Tausches Ursprung 160⁸¹ Zivilisation: “Produkte u Produktion verfallen dem Zufall” (Ursprung 171)⁸² “Einfache, einzelne oder zufällige Wertform” (Kap I 15)⁸³ Marx an Kugelmann 17 IV 71 (Briefe 87/8)⁸⁴ E. Naturdialektik 656/ 660⁸⁵

[T/38]

Absoluto – relativo % dentro dos limites “se... então” Isto supera o racionalismo com a absolutização da validade da lei. Recuo ontológico também para puro reflexo. Matemática: condição para sua homogeneidade; o “se” fundamento da dialética: retorno à ontologia c) particularidade (*Besonderheit*): contida, tal como a facticidade, como legalidade em fenômenos imediatos. (Por isso ela desaparece na lógica não-dialética; por isso o típico tão importante tanto no ser (social) da ética quanto no reflexo da estética. Em ambos: absoluto-relativo inseparavelmente unidos. Absoluto: ser-precisamente-assim: início (singularidade) – fim: Universo. Lugar a) da racionalidade (\neq absoluto) b) totalidade (desaparecida)

[O/235]

Valores: ser-em-si 149⁷⁵

ad *possibilidade*

Muito bom o escárnio de Prantls Spott sobre a “Independência da possibilidade lógica e física.” I 167⁷⁶

“Possibilidade real”. Aristóteles contra megáricos. *Metaphysik* Buch Θ 3 Kap (N. Hatrmann possibilidade realidade 181 ff ⁷⁷ Correto contra (em biologia, trabalho etc.) conceito orientado de realidade de A. “O processo natural não vai do ser-possibi<idade> ao ser-real<idade>, mas do ser-real de *um* ao ser-real a *outro*.” 186⁷⁸ Aqui todavia: contra a real possibilidade de H.

[O/230]

ad categorias modais Crítica de Kierkegaard. Na Crítica sensação por realidade, mas xxx: realidade não unidade de possibilidade e necessidade (doença fatal 33⁷⁹ *Nachschrift* II 1/17)⁸⁰

[O/241]

Acaso em M e E

“Acaso se repõe em abundância” como objeto da troca *Ursprung* 160⁸¹

Civilização: “produto e produção caem no acaso” (*Ursprung* 171)⁸²

“Simples, singular ou casual forma de valor” (Kap I 15)⁸³ Marx a

Kugelman 17 IV 71 (Correspondência 87/8)⁸⁴ E. *Naturdialektik* 656/

660⁸⁵

[T/33]

Sollen

- a) Arbeit. Teleologische Setzung bedingt Sollen im Proceß der Verwirklichung
- b) Ausdehnung auf Vermittlungsverhalten. Wichtig: Sollen muß einsetzen, wo Gemeinschaftsinteresse nicht mehr biologisch bedingt. (Übergang zum Menschwerden)
- c) Ausbildung: Sitte noch (xxx, zum Reflex gewordenes) Sollen
Differenzierung: klare Formen

[T/34]

Arbeit – Sollen 2

- d) Dialektik der unmittelbaren u vermittelten Interessen
- α) letztere ersteren gegenüber: Sollen (zuerst Gewöhnung, dann Einsicht)
- β) überall: Loslösung von biologischer Determiniertheit. Untersuchen, wie weit hier Sollen auftauchen muß.
- e) Problem von Lob und Tadel. Aristoteles – Stoa. Epikur – Kant, (xxx in diese Entwicklung. Jacobiner. Sozialismus

[O/89]

Fetischisierung des Sollens (Rickert)

- a) Trennung des “theoretischen” Werts von allen anderen
- b) Trennung von Praxis
- c) Wahrheit d. Urteile “beruht” “auf dem anerkannten Sollen” (Gegenstand 203)⁸⁶
- d) “wirklich” was als wirklich bejaht werden soll (ibd 204)⁸⁷ “Tatsache ist, was ich denken soll” (ibd 216)⁸⁸

[H/1]

Rickert: Wert <xxx> Lask

“naiver Realismus” (Gegenstand d. Erkenntnis 116)⁸⁹ Wert 248/9, 260,⁹⁰
doppelte Negation als Zeichen von Wert 261 f^{*91}

Sprung: anstelle v Wert (Tautologie!) plötzlich: theoretisches Subjekt gebunden “an eine Welt v Werten” 312 (?) “die unseren Urteilen den festen Maßstab (?) gibt” ibd⁹² * dagegen Lask II 386 f⁹³

Gegen Rickertsche Objektivität: nur Subjektbezogen (Lask 388)⁹⁴

Kant: Hineinbringen v Gelten u Wert in Gegenstände selbst 389⁹⁵
Übergegensätzlichkeit 390⁹⁶ Gegensatz von Ungeschafften u Artefakt der Subjektivität 418⁹⁷ Gegenständlichkeit in verschiedenen Sphaeren 454/5⁹⁸

[T/33]

Dever

- a) Trabalho. Posição teleológica dever determinado no processo de realização.
- b) Expansão da conduta mediada. Importante: dever deve inserir-se onde o interesse geral não mais biologicamente condicionado (Transição para o tornar-humano).
- c) Educação: costume ainda (xxx, torna-se reflexo) diferenciação dever: formas claras.

[T/34]

Trabalho – dever 2

- d) Dialética do interesse imediato e mediado
 - α) último contrapôlo primitivo: dever (primeiro hábito, depois compreensão)
 - β) acima de tudo: afastamento da determinabilidade biológica. Examinar quão amplamente aqui deve emergir dever
- e) Problema da aprovação e reprovação. Aristóteles – Stoa. Epicuro – Kant, (xxx neste desenvolvimento. Jacobinos. Socialismo

[O/89]

Fetichização do dever (Rickert)

- a) separação dos valores “teóricos” de todos os outros
- b) separação da práxis
- c) verdade d. juízo “baseada” “no dever reconhecido” (objeto 203)⁸⁶
- d) “real”, o qual, como real deve ser aceito como dever (ibid 204)⁸⁷ “O fato é o que eu devo pensar.”(ibid 216)⁸⁸

[H/1]

Rickert: Valor <xxx> Lask

“realismo ingênuo” (objeto d. conhecimento 116)⁸⁹ Valor 248/9, 260⁹⁰
dupla negação como marca de valor 261 f^{*91}

Origem: no lugar do valor (tautologia!) repentinamente: sujeito teórico ligado “a um mundo de valores” 312 (!) “nossos juízos fornecem a norma sólida (?)” ibd⁹² * contra isso Lask II 386 f⁹³

Contra objetividade de Rickert: apenas relativo ao sujeito (Lask 388)⁹⁴

Kant: faz coincidir validade e valor no próprio objeto 389⁹⁵ exagerada contraditoriedade 390⁹⁶ Contradição entre não-criado e artefato da subjetividade 418⁹⁷ Objetividade em diferentes esferas 454/5⁹⁸

[O/90]

Idealismus Trennung v Subjekt u Objekt. Erkenntnistheoretisches Subjekt: nie Objekt. (Rickert Gegenstand 47)⁹⁹ Kant: Erkenntnis: Objekt bestimmt (Kr.d.pr.V. 24) Erst: Imperativ - Sollen - Subjekt (ibd)¹⁰⁰ Imperativ: nicht Gesetz (ibd 25)¹⁰¹

[O/91]

Sollen im Urteil (Rickert “Gegenstand” 201)¹⁰² Moment des teleologischen Setzens (also: primaer: Arbeit)

- a) über Richtigkeit der Zielsetzungen selbst
- b) über Geeignetheit eines jeden Mittels zu seinem Erreichen.[:(wird immer allgemeiner u selbständiger):] Arbeit produziert also nicht nur Sprache (Begriff versus bloße Vorstellung), sondern auch Urteil (Satz) Das später selbständig gewordene Theoretische: Problem des Mittels

[O/107]

Sollen aus Zweck (richtig) darum haben “die zufälligen Zwecke gleichfalls die Form des Sollens“; “unendlich viele” Enc § 472.VII.II 364.¹⁰³ Bei Ableitung: Modell: *Arbeit*; zwischen Zwecksetzung u Fertigstellung: Sollen. Doppelbestimmung; Zielsetzung (social-oekonomisch bestimmt), Durchführbarkeit: Naturkausalität – Anwendung! %[Auf der Rückseite] % in Moral: Rechtsphil § 108¹⁰⁴

[O/120]

Sollen in Recht. Vor und nach Polis. Auflösung d. Polis: Konflikt von Recht u Moral. Später (römisches Recht): Regulierung von oekonomischen u socialen Prozessen

- a) wesentlich konkret-praktisch (ohne moralische Aura)
- b) Sich-kreuzen von sozialen Wertsystemen (right or wrong my country etc.)

[O/121]

Sollen in Recht

- a) unmittelbar-praktisch. Befolgen nichts mit innerlichmoralischen Problemen zu tun. (Technische Vorschriften im Handelsrecht, Verwaltung etc.) (Vrgl. “Legalität u Illegalität“)
- b) Im Ganzen (und auch in einzelnen Fällen: Konflikt mit Kraftfeld d. öffentlichen Meinung (Normativität des Faktischen))

[O/90]

Idealismo Separação do sujeito e objeto. Sujeito da teoria do conhecimento: jamais objeto (Rickert *Gegestand* 47)⁹⁹ Kant: conhecimento: objeto determinado (Kr.d.pr.V. 24). Primeiro: imperativo – dever – sujeito (ibid)¹⁰⁰ Imperativo: não lei (ibid 25)¹⁰¹

[O/91]

Dever no juízo (Rickert “*Gegestand*” 201)¹⁰² Momento do pôr teleológico (portanto: *primaer*: trabalho)

- a) sobre corretude do próprio pôr finalidade
- b) sobre adequabilidade de cada meio para sua realização[:(tornado sempre mais geral e independente):] trabalho produz portanto não apenas fala (conceito versus mera representação), mas também juízo (sentença) Que mais tarde por si própria se torna teórica: problema dos meios

[O/107]

Dever do propósito (correto) por isso têm “os propósitos casuais a mesma forma do dever”; “sem fim” Enc § 472.VII.II 364.¹⁰³ Por dedução: modelo: *trabalho*; entre a posição de propósito e posição de conclusão: dever-ser. Dupla determinação; a posição de finalidade (determinado sócio-economicamente), viabilidade: causalidade natural – uso %[verso] % na moral: *Rechtphil* § 108¹⁰⁴

[O/120]

Dever no Direito. Antes e depois da Pólis. Dissolução d. Pólis: conflito entre Direito e moral. Mais tarde (Direito romano): regulamentação dos processos econômicos e sociais

- a) essencialmente prático-concreta (sem aura moralista)
- b) cruza-se com sistema social de valor (certo ou errado meu país etc.)

[O/121]

Dever no Direito

- a) prática-imediata. Não acompanhado pelo problema moral interior do que fazer. (Instrução técnica no Direito Comercial, Administração etc. (Compare “legalidade e ilegalidade”)
- b) No todo (e também nos casos singulares: conflito com campo de forças d. opinião pública (normatividade dos fatos)

[K/11]

Antiteleologie bei Epikur

(Augen - Sehen etc) Nestle I 193 f¹⁰⁵

Stellung zu Recht Unrecht. Tun, was Gesetze verbieten (ibd 199)¹⁰⁶
unrecht als Übel (213/4)¹⁰⁷

[O/251]

Ad Kategorie der *Besonderheit* in Praxis

Zwischen Wissenschaft u Kunst. Bei Arbeit ähnliche Vermittlung wie bei (besonders angewandter) Wissenschaft. In Politik tauchen Kategorien wie "Vorbild", "Nachahmung" etc auf (aus Geschichte lernen) Hier Besonderheit über bloße Vermittlung hinausgehend. Recht ähnlich wie angewandte Wissenschaft[(Problem v „Kadi“-Justiz);] *Moral* Kasuistik oft sophistisch, *Moral* aufhebend (allgemeine bürgerliche Praxis Marx)¹⁰⁸ Erst Ethik wirkliche Heimat der Besonderheit. Wichtig: Strukturunterschied zu Aesthetik (Realität versus Widerspiegelung ausarbeiten! (u Lebenskunst)

[K/16]

Unsterblichkeit bei Marsilio Ficino noch unbedingt notwendig, Pomponazzi: *Menschheit* (Cassirer: Erkenntnisproblem I 115)¹⁰⁹ Autonomie (Leben und Strafe sekundär) ibd 116¹¹⁰ Cardano: Sterblichkeit der Seele: Mensch zum Selbstzweck erhoben (ibd) Beides: gegen Jenseits (ibd)¹¹¹

[O/298]

Aristoteles: Möglichkeit

Prantl 167 ff.¹¹² Sphaere des Vergänglichen 168.¹¹³ Das Unmögliche 171¹¹⁴ (ontologisch u gnoseologisch) Notwendiges frei von Potentielltem 173¹¹⁵ dagegen Realnotwendigkeit ibd. Zufall (dazu *συμβεβηκός*) 175¹¹⁶ Metaphysik

Θ 03 1047¹¹⁷

D12 1019¹¹⁸

E2 1026¹¹⁹ ((*συμβεβηκός*))

[O/299]

Möglichkeit in Selektion (Artenentwicklung) natürliche Widerlegung v. Hartmanns megarischer Möglichkeitskonzeption. (Phil. d. Natur 614)¹²⁰ Mathematik "nur ‚potentiell‘ Realgesetzlichkeit" (Ontologie 263)¹²¹ Geometrie (Nat. Phil) 74¹²² Aristoteles: Samen-Pflanze (Möglich als halbseiend) "Möglichkeit" 5¹²³ (Sein und Wirklichkeit) Megarische These 13/4; 131 f¹²⁴ Axiome etc nicht notwendig (Möglichkeit Wirklichkeit: nie mehrere Möglichkeiten (ibd 175)¹²⁵ (H. "zweites Sein" ibd) Zukunft ibd 224¹²⁶

[K/11]

Antiteleologia por Epicuro

(Olhos – Ver etc) Nestle I 193 f¹⁰⁵

Posição do Direito injusto. Atividade, foi proibida por lei (ibid 199)¹⁰⁶
injusto como mal (213/4)¹⁰⁷

[O/251]

Ad categoria da *particularidade* na práxis

Entre ciência e arte. No trabalho similar mediação que (emprego particular) pela ciência. Em política emergem categorias como “proibido”, “imitação” etc. (aprender da história) Aqui particularidade ultrapassa a mera mediação. Direito similarmente como emprego da ciência[(Problema da Justiça-“Cadi”):] *Moral* casuística com frequência sofisticadamente, moral superada (práxis burguesa geral Marx)¹⁰⁸ Primeira ética morada real da particularidade. Importante: formular diferença estrutural com a estética (elaborar realidade versus reflexo! (e arte de viver!))

[K/16]

Imortalidade em Marsilio Ficino ainda incondicionalmente necessária, Pomponazzi: *humanidade* (Cassirer: Erkenntnisproblem I 115)¹⁰⁹ autonomia (vida e punição secundárias) ibd 116¹¹⁰ Cardano: mortalidade da alma: humano se eleva a fim em si mesmo (ibid) Ambos: contra o além (ibid)¹¹¹

[O/298]

Aristóteles: possibilidade

Prantl 167 ff.¹¹² Esfera do transitório 168.¹¹³ O impossível 171¹¹⁴ (ontologicamente e gnoseologicamente) Necessidade livre de potencial 173¹¹⁵ contra a necessidade real ibd. acaso (para isso *συμβεβηκός*) 175¹¹⁶

Metaphysik

Θ 03 1047¹¹⁷

D12 1019¹¹⁸

E2 1026¹¹⁹ (*συμβεβηκός*)

[O/299]

Possibilidade em seleção (desenvolvimento das espécies naturais) refutação da concepção megárica da possibilidade de Harmann (Phil. d. Natur 614)¹²⁰ Matemática “apenas ‘potência’ legalidade real” (Ontologie 263)¹²¹ geometria (Nat. Phil) 74¹²² Aristóteles: semente-planta (possibilidade como meio-existente) “Possibilidade” 5¹²³ (ser e realidade) tese megárica 13/4; 131 f¹²⁴ axioma etc não necessário (possibilidade realidade: não várias possibilidades) (ibid 175)¹²⁵ (H. “segundo ser” ibid) futuro ibd 224¹²⁶

[O/300]

Ad Möglichkeit

- 1) Hegel IV 178¹²⁷ “gestaltsloses Wesen” und “haltlose Erscheinung”
Nur auf Niveau d. Wirklichkeit; auch hier: objektiv-ontologisch.
Phaenomenologie *muß* wegen verkehrtem Weg (v. Wesensschau zu Sein)
Erscheinung u Wesen – subjektivistisch – verwechseln (N. Hartmann)
- 2) Modalitätsproblem nur auf Niveau v Wirklichkeit sinnvoll
(Möglichkeit ebenso “seiend” wie Wirkliches) Modalitätskategorien nur
sinnvoll in konkreten Totalitäten (Systemen) als Beziehungskategorien
Sein, als abstrakt – gleichmacherisch. Weil N. Hartmann Hegels Logik
ignoriert¹²⁸ Verzerrungen bei Möglichkeit, Notwendigkeit etc.

[O/137]

Aristotelisches Vermögen (δύναμις) “Quelle der Veränderung eines anderen Dings oder der Quelle selbst” (Metaphysik 214/5)¹²⁹
Verwirklichung dem Begriff noch früher als Vermögen (215. Allg. Teleologie)¹³⁰ “Vermögend zu sein ist ja auch das, das noch nicht ist”
74¹³¹

Widerlegung der Megarer 206/7¹³² Gesellschaft Natur –
Hinüberschreiten auf Wahrnehmbarkeit 207¹³³ Normale Möglichkeit
“was aber vermögend ist zu bestehen, das ist immer imstande, auch nicht
verwirklicht zu sein” 217¹³⁴

[T/3]

Erscheinung

Lebendige Arbeit in Kapital als dessen Lebenskraft (Mehrwert in Profit)
Rohentwurf 706¹³⁵ (Objektivität d. Erscheinung)[:Vermittlung
aufgehoben:] Geld auf primitiver Stufe (Fatum) 928/9¹³⁶ Resultat ohne
Proceß Kap II 21¹³⁷[(Begrifflos II 24):]¹³⁸ Gesellschaftlichkeit d.
Privatarbeit erscheint erst im Austausch Kap I 30¹³⁹ (Erscheint als Sache
ibd) Doppelheit des Gesellschaftlichen ibd 40¹⁴⁰

[T/4]

Erscheinung 2

Mehrarbeit in verschiedenen Formationen Kap I 502¹⁴¹ Arbeitsrente:
unbezahlter Mehrwert erscheint Kap III II 323¹⁴² *Variables Kapital* als
Erscheinung des Fonds v Lebensmittel zu seiner Erhaltung ibd 530/1
*¹⁴³ Profit notwendig u mystifizierte Form d. Mehrwerts. Kap III.I 11¹⁴⁴
(Verknüpfung mit Manipulation <)> ibd 16)¹⁴⁵ Mehrwert: Wesen;
Profitrate u Profit: Erscheinung ibd 17¹⁴⁶ *auch als Steuer (direkt) ibd
324¹⁴⁷

[O/300]

Ad possibilidade

1) Hegel IV 178¹²⁷ “ser sem forma” e “aparência insustentável” apenas ao nível d. realidade; também aqui: ontologicamente-objetivo. Fenomenologia *deve* – subjetivamente – confundir por causa do percurso invertido (do ser que se mostra ao ser) aparência e essência (N. Hartmann)

2) Problema modal apenas ao nível da realidade sensível (possibilidade tão “existente” quanto real) categorias modais apenas sensíveis em totalidades concretas (sistemas) como categorias relacionais do ser, enquanto abstrato – equivalentes. Porque N. Hartmann ignorou Lógica de Hegel ¹²⁸ distorções na possibilidade, necessidade etc.

[O/137]

Dinamis (δύναμις) aristotélica “fonte da mudança de uma outra coisa ou a própria fonte.” (Metaphysik 214/5)¹²⁹ realização do conceito ainda mais cedo como *dinamis* (215. teleologia ger.)¹³⁰ “*dinamis* de ser também e mesmo quando ainda não é” 74¹³¹

Refutação da natureza da sociedade dos mégaros 206/7¹³² – passo para além da discernibilidade 207¹³³ possibilidade normal “a qual como potência é existente, também é sempre capaz de não ser realizada” 217¹³⁴

[T/3]

Aparência

Trabalho vivo no Capital como força viva deste (mais-valia em lucro) Rohentwurf 706¹³⁵ (objetividade d. aparência)[:mediação superada:] dinheiro em estágio primitivo (destino) 928/9¹³⁶ resultado sem processo Kap II 21¹³⁷[:(sem conceito II 24):]¹³⁸ sociabilidade do trabalho privado aparece primeiro na troca Kap I 30¹³⁹ (aparece como coisa ibd) dualidade do social ibd 40¹⁴⁰

[T/4]

Aparência 2

Trabalho excedente em diferentes formações Kap I 502¹⁴¹ Renda do trabalho: parece mais-valia não paga Kap III II 323¹⁴² *capital variável* como aparência dos fundos do meio de subsistência para sua conservação ibd 530/1 *¹⁴³ lucro necessário e forma mistificada da mais-valia. Kap III.I 11¹⁴⁴ (associação com manipulação <)> ibd 16)¹⁴⁵ Mais-valia: essência; taxa de lucro e lucro: aparência ibd 17¹⁴⁶ * também como imposto (direto) ibd 324¹⁴⁷

[T/5]

Erscheinung 3

Konkurrenz: alles verkehrt Kap III 1 188¹⁴⁸ Sinken d. Profitrate: Entwicklung d. gesellschaftlichen Produktion kraft d. Arbeit (Konstantes Kapital) Kap III 1 192,¹⁴⁹ Fall d. Profitrate u beschleunigte Akkumulation: Entwicklung v Produktivkraft III I 222¹⁵⁰
Falsch: Spiegelung bei Kapitalisten ibd 297¹⁵¹ Mehrwert erscheint als Profit (verdeckt) TH ü M III 554¹⁵²

[T/6]

Erscheinung 4

Profit Kapital aus Verhältnis: Ding (Verhältnis “verschließt“), fiktives Leben u Selbstständigkeit, “sinnlichübersinnliches Wesen” Th. ü M. III 555¹⁵³ Grundrente ebenso ibd 557¹⁵⁴ Spaltung d. Mehrwerts: zeigt sich nicht mehr in Erscheinung. Bewegung des Kapitalismus in selbständigen Gestalten als fertige Voraussetzung ibd 558¹⁵⁵ (Spezifikum v Erscheinung in Gesellschaft!)

[T/7]

Erscheinung 3

Erscheinung u Wesen: nicht zusammenfallen. Voraussetzung d. Wissenschaft. Kap III.II 3 52¹⁵⁶ (wichtig für Entfremdung u Manipulation)

[T/11]

“Gleichmacherische” Kategorien, die Differenzen auslöschen (Geld in Tausch Rohentwurf 158¹⁵⁷ Schwere in Natur ibd 159)¹⁵⁸ Dagegen entwickeltere gegenständliche Formen 159¹⁵⁹ (ad *Entfremdung* Heute fehlt diese Doppelheit im Denken) Zusammenhang mit Unmittelbarkeit – Vermittlung ibd 159¹⁶⁰ Geld Resultat ohne Vermittlung Kap II 21¹⁶¹

[T/12]

„gleichmacherische“ Kategorien 2

in Kostpreis Unterschied v konstanten u variablen Kapital ausgelöscht Kap III1 132¹⁶² Kreislauf v Geldkapital ibd 331/3¹⁶³

[O/236]

Ad *Ontologie* Widerspiegelung prinzipiell ≠ Sein im ontologischen Sinn. Aber schon biologisch: steigend: Motor u Regulator realer Vorgänge u Strukturen (Bedeutung der Pawlowschen Reflexiologie) Qualitative Steigerung in “zweiter Natur” Nicht nur die höheren Signalsysteme, sondern vor allem *Organisationsform*.

[T/5]

Aparência 3

Concorrência: tudo intercambiável Kap III 1 188¹⁴⁸ queda da taxa de lucro: desenvolvimento força de produção social do trabalho (capital constante) Kap III 1 192,¹⁴⁹ queda d. taxa de lucro e acumulação acelerada: desenvolvimento da força produtiva III I 222¹⁵⁰

Falso: Reflexo pelos capitalistas ibd 297¹⁵¹ mais-valia aparece como lucro (velado) TH ü M III 554¹⁵²

[T/6]

Aparência 4

Lucro do capital da relação: coisa (relação “fechada”), vida fictícia e independência, “essência sensível para além do sensível” Th. ü M. III 555¹⁵³ Renda da terra tal qual ibd 5 57¹⁵⁴ decomposição da mais-valia: mostra-se não mais apenas na aparência. Movimento do capitalismo em formas independentes como pressuposto pronto ibd 558¹⁵⁵ (Specifikum da aparência na sociedade!)

[T/7]

Aparência 3

Aparência e essência: não coincidem. Pressuposto da ciência Kap III.II 3 52¹⁵⁶ (importante para alienação e manipulação)

[T/11]

Categorias “igualitárias”, diferenças obnubiladas (dinheiro na troca Rohentwurf 158¹⁵⁷ peso na natur ibd 159)¹⁵⁸ Em contraposição formas objetivas desenvolvidas 159¹⁵⁹ (ad *alienação* hoje falta essa dualidade no pensamento) conexão com imediatez – mediação ibd 159¹⁶⁰ dinheiro resultado sem mediação Kap II 21¹⁶¹

[T/12]

Categorias “igualitárias” 2

Diferença entre o custo da comida e o capital constante e variável obliterada Kap III1 132¹⁶² curso circular do capital-dinheiro ibd 331/3¹⁶³

[O/236]

Ad *Ontologia* reflexo em princípio \neq ser em sentido ontológico. Mas já biológico: elevando: motor e regulador dos processos e estruturas reais (significado da reflexologia pavloviana) elevação qualitativa em “segunda natureza” não apenas o sistema de sinais mais elevado, mas para toda *forma de organização*.

Regulatoren des Regulators und Motors. Ständiges Mischen des ins Ontologische Objektivierten (Polizei, Armee etc) und organisierte Objektivierung der Widerspiegelung und ihrer Mitteilung (Zeitung, Buch, Kunstwerke etc) Natürlich berührt das rein Ontologische nicht Wesen (Marmor u Statue), aber neue – sociale – Ontologie ohne das Fundament (steigend) unmöglich. Von *Arbeit* aus ausführen (von Kooperation bis Maschine) Komplizierungen dieses Modells!

[O/226]

Widerspiegelung Pawlows Bedeutung: *Einheit von Widerspiegelung u aktiver Reaktion* (Struktur auf verschiedenen Niveaus der Reflexe: Genauigkeit parallel mit Irrtumsmöglichkeit (Differenzierung u Verzerrung) Ende des Scheinproblems: photographische Widerspiegelung u Reaktion von “Innen“, aus “Innerlichkeit” der Subjektivität. Bedeutung für Ontologie, daß dies ein *einheitlicher Akt*

[O/242]

Zufall (*Kant*)

Allgemeine Gesetze – u Gegenstände spezifische Gesetze (Kr. d. U.XXXIII.¹⁶⁴ Gnoseologisch nicht ontologisch) Zufälligkeit in Natur (in Bezug auf Zweck) Kr. d. U 268/ 9¹⁶⁵ des diskursiven Verstandes (Allg – Besondere) ibd 346/7¹⁶⁶ der Form 284/5, 331¹⁶⁷ Weltgenese 335¹⁶⁸

[T/37]

Kant über Teleologie (Kr. d. U)

Geometrische Figuren § 62. 234/5¹⁶⁹ (formal, nicht real) Möglichkeit 239¹⁷⁰ “Zuträglichkeit eines Dings für andere” keine absolute Teleologie § 63 241¹⁷¹ Teil u Ganzes § 65 246¹⁷² (Wechselseitig Ursache u Wirkung 247)¹⁷³ innere bildende Kraft 248¹⁷⁴ - Alles Zweck u Mittel § 68 250¹⁷⁵ spezifische Form: Produkt d. Natur § 67. 253¹⁷⁶ (Newton d. Grashalms § 75. 277)¹⁷⁷ Kausalität u Teleologie schließen sich aus (Natur) § 77 . 291¹⁷⁸ Hegel über Nützlich Sophisten (Gph. XVIII. 27)¹⁷⁹ Stoiker (ibd 456) H selbst *ibd*¹⁸⁰

[O/92]

Sollen (*Kant*)

a) bei unvollkommenem Wesen (Grundlegung d. Metaphysik d. Sitten 34/5*¹⁸¹ b) unabhängig ob geschieht (ibd 5/)¹⁸² *Wollen für Vernunftwesen, wo Vernunft ungehemmt xxx (ibd 71) Also: Objekt absolut; Alternative nur im Verhalten. (ibd 77/8)¹⁸³ Nicht “Heilige” “vernünftige Naturwesen” (Metaphysik d. Sitten 217¹⁸⁴

regulador dos reguladores e motores. Constante mistura deles no objetivar ontológico (polícia, exército etc) e organizada objetivação do reflexo e sua mediação (jornais, livros, obras de arte etc.) Naturalmente não afeta o puro ontológico ser (mármore e estátua), contudo nova – social – ontologia impossível sem o fundamento (elevando). O *trabalho* conduz (da cooperação à máquina) à complexificação deste modelo!

[O/226]

Significado do *reflexo* de Pavlov: *unidade do reflexo e reação ativa* (estrutura em diferentes níveis do reflexo: precisão paralela à possibilidade de erro (diferenciação e distorção) fim do problema da aparência: reflexo fotográfico e reação da “interioridade” à “exterioridade” da subjetividade. Significado para a Ontologia desse *ato uniforme*.

[O/242]

Acaso (*Kant*)

Lei geral – e lei objetiva específica (Kr. d. U.XXXIII.¹⁶⁴ gnoseológica não ontológica) Casualidade na natureza (em referência ao propósito) Kr. d. U 268/ 9¹⁶⁵ o entendimento discursivo (ger – particular) ibd 346/7¹⁶⁶ a forma 284/5, 331¹⁶⁷ gênese do mundo 335¹⁶⁸

[T/37]

Kant sobre teleologia ((Kr. d. U)

Figuras geométricas § 62. 234/5¹⁶⁹ (formal, não real) possibilidade 239¹⁷⁰ “Caráter proveitoso de uma coisa para outras” nenhuma teleologia absoluta § 63 241¹⁷¹ parte e todo § 65 246¹⁷² (reciprocamente causa e efeito 247)¹⁷³ força formadora interior 248¹⁷⁴ – tudo propósito e meio § 68 250¹⁷⁵ forma específica: produto d. natureza § 67. 253¹⁷⁶ (Newton a folha de grama § 75. 277)¹⁷⁷ causalidade e teleologia excluem (natur) § 77. 291¹⁷⁸ Hegel sobre utilidade dos sofistas (Gph. XVIII. 27)¹⁷⁹ estóico (ibd 456) próprio H *ibid*¹⁸⁰

[O/92]

Dever (Kant)

a) em ser imperfeito (Grundlegung d. Metaphysik d. Sitten 34/5*¹⁸¹ b) independente do que ocorre (ibd 5/)¹⁸² *Querer por essência racional, em que razão irrestrita xxx (ibd 71) Portanto: objeto absoluto; alternativa apenas na conduta. (ibd 77/8)¹⁸³ “Ser natural racional” não “Sagrado” (Metaphysik d. Sitten 217¹⁸⁴

[O/227]

Möglichkeit Kant: Beziehung des Gegenstandes auf das Denken (Logik III 381/2)¹⁸⁵ Kr d r V 92, 202 f¹⁸⁶ *Möglichkeit* nicht bloß logisch, auch empirisch 203 ff¹⁸⁷ (inclusive geometrische Konstruierbarkeit 204, transcendental 204¹⁸⁸ *Wirklichkeit* Wahrnehmung (Empfindung) 206 f¹⁸⁹ Ausschließend: Widerlegung des Idealismus (Descartes, Berkeley): Objektivität von Raum macht dogmatischen Idealismus unvermeidlich 208¹⁹⁰

[Z/7]

KATEGORIEN DER PRAXIS

Intention immer (unmittelbar) partikular; objektiv in (und für) Totalität. Daraus Widersprüche (Folgeethik, Politik) Intention (unmittelbar) sehr oft auf Diskontinuität gerichtet (Neues) Objektiv: innerhalb der Kontinuität. Möglich – bei vorwiegender Tradition: Intention auf Kontinuität – objektiv Diskontinuität <Ontologie d Statik u Religion. Nicht Gott: weder Sein noch Nichtsein Wirklich nur “was unveränderlich bleibt” (Augustinus Bekenntnisse 215)¹⁹¹>

Antike: Ataraxie (wichtig: schon Demokrit) Falscher Kontrast (metaphysisch) Aktivität-Kontemplation (nach Hegel: Vernunft in Gesch 76)¹⁹² Dagegen: Arbeit: Suspension (ausführen!) Ausarbeiten: Ataraxie der Praxis (frei von falschen Vorstellungen) Zusammenhang a) mit Gesinnung- und Folgeethik b) Annäherung d. Erkenntnis

[T/35]

Wandlungen in Auffassung d. *Arbeit* Wright Mills Büro 297/323¹⁹³

[T/35]

Arbeit und Muße

a) Zurückweichen der Naturschranke: aus biologischgesellschaftlich. Damit erst Muße

b) Beziehung zu Arbeit (Wissenschaft, Vermittlungen d Arbeit etc)

c) ungleichmäßige Entwicklung

α) Polis

β) Renaissance (noch nicht Arbeitsteilung. E: A. D. 482)¹⁹⁴ beides prekär-problematisch

d) Voraussetzung

α) Entstehung Sklaverei

β) Leibeigenschaft – Stadt

y) Kapitalismus

[O/227]

Possibilidade em Kant: relação do objeto com o pensamento (Logik III 381/2)¹⁸⁵ Kr d r V 92, 202 f¹⁸⁶ *possibilidade* não apenas lógica, também empírica 203 ff¹⁸⁷ (inclusive construtibilidade geométrica 204, transcendental 204¹⁸⁸ *realidade* percepção (sensação) 206 f¹⁸⁹ Excluído: refutação do idealismo (Descartes, Berkeley): objetividade do espaço torna inevitável o idealismo dogmático 208¹⁹⁰

[Z/7]

CATEGORIAS DA PRÁXIS

Intenção sempre (imediate) particular; objetivo na (e para) totalidade. Daqui contradição (ética das consequências (*Folgeethik*), política) intenção (imediate) muito frequente voltada para descontinuidade (novo) objetivo: interior da continuidade. Possível – pela tradição preponderante: intenção na continuidade – descontinuidade objetiva <Ontologia d estático e religião. Não Deus: nem ser nem não-ser real apenas “o que permanece imutável” (Augustinus Bekenntnisse 215)¹⁹¹>

Antigo: ataraxia (importante: já Demócrito). Falso contraste (metafísico) atividade-contemplação (depois Hegel: razão na hist 76)¹⁹² Em contraposição: trabalho: suspensão (explicar!) Para elaborar: ataraxia da práxis (livre de falsas concepções) conexão a) com mentalidade e ética das consequências (*Folgeethik*) b) aproximação do conhecimento

[T/35]

Mudanças na opinião d. *trabalho* Wright Mills Büro 297/323¹⁹³

[T/35]

Trabalho e lazer

- a) afastamento das barreiras naturais: do sócio-biologicamente. Com isto apenas lazer
- b) relação com trabalho (ciência, mediações do trabalho etc)
- c) desenvolvimento desigual
 - α) Pólis
 - β) Renascimento (ainda não divisão do trabalho E: A. D. 482)¹⁹⁴ ambos precário-problemático
- d) pressuposto
 - α) início escravidão
 - β) servidão – Estado
 - y) capitalismo

[Z/14]

MENSCH (ANTHROPOLOGIE ETC.) IN SPHAERE D. PRAXIS

[O/254, K/101]

Ganzer Mensch u Mensch ganz

[O/135, K/82]

Innen und Außen in Praxis (Teleologie)

[T/16, T/17]

Perspektive in Praxis (gesellschaftliche Grundlage; Geschichte)
Tendenzen: irdisch - transzendent, fundiert in Vergangenheit (Tradition)
oder Zukunft

[O/122, O/123]

Beziehung v Theorie u Praxis (Marxismus, Positivismus etc)

[K/75-K/76]

Gesellschaftliche Erziehung (spontan oder bewußt, Handlung u
Verhalten, Manipulation, öffentliche Meinung, Heuchelei)

[K/35]

Menschliche Bedeutung des Desanthropomorphisierens (Montaigne
über Sinne als unübersteigbare Grenze 1557)¹⁹⁵ Gerade hier:
Desanthropomorphisieren (Auch hier: Arbeit als Modell, Gegensatz zu
Tier ("Umwelt"). (Freilich) Erfassen des Unwahrnehmbaren (Ultraviolett
etc) Freilich Parallel: Arbeitsteilung d. Sinne: Arbeit!

[K/52]

Gegen Engländer (moral sense): nicht: Anthropologie +
Gesellschaft[:sondern:] soziale Anthropologie (Sondernote) Mensch von
Natur nicht ausgestaltet wie Tiere (Epikur Nestle I 194/5)¹⁹⁶

[O/194]

Kant: Mensch wahrscheinlich – "einsiedlerisches u
nachbarschaftscheues" Tier (Anthropologie IV 254)¹⁹⁷

[O/308]

Das Seelische ontologisch unmittelbar: Epiphaenomenon. Beim
Menschen: Bewegter ontologischer Wirklichkeit. (Modell Arbeit, weil
direkt) Politik: reale Änderung durch Wirkung, durch Bewegen des
"Epiphaenomenon" (Psychologie: Pawlow: Apparatur) Darüber hinaus:
Inhalt, Struktur, Dynamik dieser Zusammenhänge. Vollendung des
gesellschaftliches Sein (Produktivkräfte, Produktionsverhältnisse etc.)

[Z/14]

HUMANO (ANTROPOLOGIA ETC) NA ESFERA DA PRÁXIS

[O/254, K/101]

Ser humano inteiro e ser humano completo

[O/135, K/82]

Interno e externo na práxis (teleologia)

[T/16, T/17]

Perspectiva na práxis (base social; história) tendências: terrena-transcendente, fundada no passado (tradição) ou no futuro

[O/122, O/123]

Relação da teoria e práxis (marxismo, positivismo etc)

[K/75-K/76]

Educação social (espontânea ou consciente, ação e conduta, manipulação, opinião pública, hipocrisia)

[K/35]

Significado humano do desantropomorfizar (Montaigne sobre sentidos como fronteira imensurável 1557)¹⁹⁵ Precisamente aqui: desantropomorfizar (também aqui: trabalho como modelo, contraste com os animais (“ambiente”). (Todavia) captar o imperceptível (ultravioleta etc) desde logo, paralelo: divisão de trabalho dos sentidos: trabalho!

[K/52]

Contra britânicos (sentido moral): não: antropologia + sociedade[:ao invés:] antropologia social (nota especial) humano não desenvolve da natureza como animais (Epikur Nestle I 194/5)¹⁹⁶

[O/194]

Kant: humano previsível – animal “recluso e reservado” (Anthropologie IV 254)¹⁹⁷

[O/308]

A ontológica imediatez espiritual: epifenômeno. Para ser humano: motor da realidade ontológica. (Modelo trabalho, porque direto) Política: mudança real pelo efeito, pelo mover do “epifenômeno” (Psicologia: Pavlov: Apparatur) Ainda mais: conteúdo, estrutura, dinâmica desta conexão. O completar do tornar-se-humano: ser social (forças produtivas, relações de produção etc.)

[K/39, 0/190]

Übergang von Moral zu Ethik. Seneca über Selbstmord (III 264 f)¹⁹⁸
Moralische Grundlage a) Kasuistik, obwohl sie ethische Momente enthält b) Ablehnung des “eigenen Todes” (ibd 263)¹⁹⁹ c) Auf Ziel gerichtet (Hafen u Wind III 272)²⁰⁰ Diderots Antwort relativiert in Richtung Ethik (Assézat III 247)²⁰¹

[T/18]

Mensch: Sinn d. Lebens selbstgemacht (fremdes Universum, “Einsamkeit“) Fromm 44/5²⁰² Entfremdung im Kapitalismus ibd 72²⁰³

[O/254]

Einzigkeit, Unvergleichlichkeit des Menschen V 417-420²⁰⁴
(Unvergleichlichkeit als Reflexionsbestimmung (418/9)²⁰⁵ *Verselbst Verselbständigung ändigung d. Verhältnisse* Teilung d. Arbeit V 537²⁰⁶ (über Arbeit hinaus – noch nicht Wertgesetz) Materielle u Geistige V 21²⁰⁷

[K/101]

Es gibt *ethisch* keinen “Menschenganz” (nur kontemplativ), in Praxis: nur *ganzer Mensch* Daraus Konflikte in Recht u Moral. Sie meinen letztthin ein Verhalten des ganzen Menschen; ihre Gebote u Verbote jedoch (Dialektik des Allgemeinen u Einzelnen) verengen, zerlegen etc., sind erfüllbar ohne Verhalten des ganzen Menschen. Darum Möglichkeit von Pharisäertum, Heuchelei etc. mitgesetzt Verschiedene Formen in Recht zur Überwindung (Rechtssociologie); darum transcendieren von Moral auf Ethik (fetischisiert auf Religion) oder zurück zu Recht, Stalinsche Periode

“Menschenganz” in Praxis: immer Verzerrung (Bürokrat etc) Kapitalismus e[ben] die[sel]be Tendenz

[O/135]

Gegensatz u Zusammenhang des *Inneren u Äußerer*: aus teleologischer Setzung + ihrer real-kausalen Folgen Darum kann keines *allein* regulatives Prinzip sein

[K/82]

ad Kategorien d. Praxis

- relative Selbständigkeit der “Sphaeren” (Recht, Politik etc)
- aber echte Wirklichkeit immer d *ganze* Mensch. Daher Widersprüche zwischen Praxis u Innerlichkeit (z. B. Heuchelei) – Abstufung der Kategorien danach (z. B. Befolgen von Gesetz bei Vorbehalten. Wo wird dies gesellschaftlich relevant? Skala: Recht (Gleichgültigkeit) – Moral (Heuchelei) - Ethik: Handlungsweise des ganzen Menschen Freilich: dominierende Leidenschaft

[K/39, 0/190]

Transição da moral à ética. Sêneca sobre suicídio (III 264 f)¹⁹⁸ Base moral a) casuística, apesar de conter um momento ético b) recusa da “própria morte” (ibid 263)¹⁹⁹ c) dirigido à finalidade (porto e vento III 272)²⁰⁰ Resposta de Diderot coloca perspectiva em direção à ética (Assézat III 247)²⁰¹.

[T/18]

Humano: sentido da vida feito pela própria vida (universo dos outros, “solidão”) Fromm 44/5²⁰² alienação e capitalismo ibd 72²⁰³

[O/254]

Unicidade, incomparabilidade do humano V 417-420²⁰⁴ (incomparabilidade como determinação reflexiva (418/9)²⁰⁵ *Independiziação das relações da divisão* d. trabalho V 537²⁰⁶ (sobre trabalho acima – ainda não lei do valor) material e espiritual V 21²⁰⁷

[K/101]

Não existe *eticamente* qualquer “ser humano completo” (apenas contemplativamente), na práxis: apenas *ser humano inteiro* daqui conflitos no Direito e na Moral. Em última análise, eles dizem sobre a conduta do todo homem; seus mandamentos e proibições (dialética do geral e singular) todavia estreitam, desmantelam etc., são realizáveis sem conduta dos seres humanos inteiros. Por isso a possibilidade do farisaísmo, hipocrisia etc. justapostas a diferentes formas no Direito para superação (sociologia do Direito); daqui transcenderem da moral à ética (fetichiza sobre a religião) ou de volta ao Direito, período stalinista “Ser humano completo” na práxis: sempre distorção (burocrata etc) capitalismo simplesmente a[pró]pria tendência

[O/135]

Oposição e conexão *do interior e exterior*: da posição teleológica + suas consequências reais-causais Por isso não pode ser qualquer princípio regulativo *isolado*.

[K/82]

ad categorias d. práxis

- a) independência relativa das “esferas” (Direito, política etc)
- b) contudo realidade autêntica sempre do ser humano *inteiro*. Daqui contradição entre práxis e interioridade (p. ex. hipocrisia) – gradação das categorias nesse sentido (p. ex. cumprimento da lei com reservas. Onde o social tornou-se relevante? Escala: Direito (indiferença) – Moral (hipocrisia) – ética: modo de ação seres humanos inteiros Evidente: paixão dominante

[T/16]

Perspektive (historisch untersucht)

- a) Orient, auch Polis: Orientierung auf Tradition
- b) Urchristentum: Auf Apokalypse. (Später: Problematik der transzendenten Perspektive)
- c) Immanente Entwicklung (bürgerlich)
- d) Gegenwart
- α) Borniertheit oder Grand Hotel Abgrund
- β) Sozialismus (Entscheiden)

[T/17]

Perspektive 2

Skizze sehr roh. Wichtig: wie Orientierung von (irdischer) Vergangenheit – via Transzendenz – auf neue irdische Immanenz übergeht

Bei Behandlung a) Moral u Ethik (Entstehung d. Ethik auf neuem Boden) b) Wie Pole: Sitte (im Sinne Toennies) sich zu Mode entwickelt (Das Neue an sich als Wert) (Perspektive in Dichtung % [Auf der Rückseite] % früher als Leben. Warum? a) formal ästhetisch b) ad Entstehung v Ethik)

[O/122]

Theorie u Praxis.

Gegensatz: marxistischer u positivistischer Begriff der Praxis. Marxistisch: ontologische Bedeutung d. Praxis (Engels über Kausalität. Naturdialektik 6 1 5/6)²⁰⁸ Positivismus: technologischer Begriff d. Praxis; Gleichgültigkeit gegen Ontologie (Methodologische Gründe ausarbeiten. Falsche Theorie u – technisch – richtige Praxis)

[O/123]

Theorie u Praxis 2

Engels: Werk Arbeitserfahrung auf Ontologie verallgemeinert. *Positivismus*: technische Erfahrung – unmittelbar bleibend –: theoretische Beziehung des Menschen zur *Wirklichkeit*
Anderes Extrem: “Klammer” der Phaenomenologie (“Klammer” des Pragmatismus)

[T/16]

Perspectiva (historicamente examinada)

- a) Oriente, também pólis: orientação pela tradição.
- b) Cristianismo primitivo: pelo apocalipse. (Mais tarde: problemática da perspectiva transcendente)
- c) Desevolvimento imanente (burguês)
- d) Presente
- α) Estreiteza de visão ou Grand Hotel Abismo
- β) socialismo (Determinar)

[T/17]

Perspectiva 2

Esboço muito cru. Importante: como orientação do passado (terreno) – via transcendência – passa para a nova imanência terrena

Pelo manejo a) moral e ética (formação da ética a partir do novo solo) b) como polo: costume (no sentido de Toennie) se desenvolve em moda (o novo em si como valor) (Perspectiva na literatura % [no verso] % mais cedo como vida. Por que? a) esteticamente formal b) ad formação da ética)

[O/122]

Teoria e práxis

Oposição: conceito marxista e positivista de práxis. Marxisticamente: significado ontológico d. práxis (Engels sobre causalidade. Naturdialektik 6 1 5/6)²⁰⁸ Positivismo: conceito tecnológico d. práxis; indiferença para com ontologia (elaborar base metodológica. Falsa teoria e – tecnicamente – práxis correta)

[O/123]

Teoria e práxis

2

Engels: obra experiência do trabalho generalizada em ontologia.

Positivismo: experiência técnica – fixa no imediato – : conexão teórica do humano para com a *realidade*

Outro extremo: “parênteses” da Fenomenologia (“parênteses” do pragmatismo)

[K/75]

Gesellschaftliche Erziehung

- a) spontan oder bewußt (immer vorhandene Übergänge ausarbeiten. In W. M; mit Theorie des Abbe²⁰⁹)
- b) Dominieren der Moral (alter Typus). Moral als Verhalten – von Inhalt der Gebote ausgehend – versus Dominieren des Verhaltens (Whyte über neue Erziehung in Amerika; anstelle von Moral auch Routine etc in alten Typen.
- c) *Erziehung oder Manipulation*
(Dies genau analysieren) U.S.A. und Stalinsche Periode

[T/24]

ad *Perspektive*

“Manipulation” in USA u Stalinismus. Wichtig:

- a) USA normal aus Kapitalismus herausgewachsen (Ausfuhren)
- b) Stalinismus – par refus Daher Kampf aussichtsvoll.

[K/76]

Gesellschaftliche Erziehung 2

- d) Bedeutung der *öffentlichen Meinung* (Lonely Crowd) Betonen der Widersprüche: Schule: Gegensatz von Lehrer u Klasse; auch Familie und Altersgenossen; Amt, Bekanntenkreis (Babbit)
- e) Problem der Heuchelei, der Lebenslüge etc in Formen dieser Erziehung (Dialektik in bewußter Taktik (bis Zynismus) und Lebenslüge in Anpassung
- f) alles bei Sitte, Gewohnheit, Mode etc behandeln (Ob Telos: Vergangenheit oder Zukunft?)

[K/35]

Weltanschauliche Bedeutung des Desanthropomorphisierens Grenze der Sinne; wenn nicht vorhanden, unmöglich ermitteln. (Montaigne Buch II Kap XIII1557)²¹⁰ Gerade das wird durch Desanthropomorphisieren überwunden. Nur Anfangs: Ausdehnung des Weltbilds; bei Entfaltung *qualitativ anderes Weltbild* Folgen für Erkenntnis evident. Für Ethik ausarbeiten.

[K/52]

Gegen Smith (und englische Ethik): Ableitung der Bedürfnisse des socialen Handelns oder Reaction aus – anthropologischen – Affekten (mit objektiver Korrektur) statt die Affekte aus gesellschaftlicher Lage, aus gesellschaftlichen Bedürfnissen. Also: sociale Anthropologie, nicht Anthropologie (Natur) + Gesellschaft

[K/75]

Educação social

- a) espontânea ou consciente (sempre transição disponível elaborar. Em W.M; com Theorie des Abbé ²⁰⁹
- b) dominar a moral (tipos antigos). Moral como conduta – em direção ao conteúdo do mandamento – versus dominar da *conduta* (Whyte sobre nova educação na América; ao invés da moral também rotina etc em tipos antigos.
- c) *Educação ou Manipulação*
(Analisar isto precisamente) U.S.A. e período stalinista

[T/24]

ad *perspectiva*

“Manipulação” nos USA e estalinismo. Importante:

- a) USA normal crescimento do capitalismo (explicar)
- b) estalinismo – par refus por isso luta promissora.

[K/76]

Educação social 2

- d) significado da *opinião pública* (Lonely Crowd) Enfatizar a contradição: escola: contradição do professor e classe; também família e pessoas da mesma idade; posição, círculo de conhecidos (Babbit)
- e) problema da hipocrisia, a vida ilusória etc em formas dessa educação (dialética na tática mais consciente (até cinismo) e vida ilusória na adaptação
- f) tudo pelo costume, hábito, moda etc (se Telos: passado ou futuro?)

[K/35]

Significado para a concepção de mundo do desantropomorfizar Fronteiras dos sentidos; quando não disponível, impossível estabelecer. (Montaigne Livro II Kap XII1557)²¹⁰ Superado direto pelo desantropomorfizar. Apenas início: expansão da visão de mundo; pelo brotar *qualitativo de outra visão de mundo* consequência do, para o conhecimento, evidente. Elaborar para a ética.

[K/52]

Contra Smith (e ética inglesa): dedução das necessidades dos atos sociais ou reações dos – antropológicos – afetos (com correção objetiva) ao invés de afetos a partir do lugar social, a partir da necessidade social. Portanto, antropologia social, não antropologia (natureza) + social.

[O/194]

ad ζoon politikon

Kant: wahrscheinlich "einsiedlerisches und nachbarscheues Tier"
(Anthropologie IV 254)²¹¹

Methodologie: a) philosophischer Streit jahrtausendlang b)
Entscheidung durch Wissenschaft.

[O/308]

Das Seelische (im breitesten Sinn) ontologisch unmittelbar
Epiphaenomen, beim Menschen – innerhalb Grenzen – Bewegter
ontologischer Wirklichkeit. Darum: Modell Arbeit, weil direkt. Je
"höher", desto indirekter. Politische Praxis: reale Änderung durch
Änderung des Epiphaenoms. Psychologie (Pawlow) Aufgabe:
Aufdeckung der – ontologischen Apparatur. Wesentlich aber – über
Psychologie hinaus – Inhalt, Struktur, Dynamik dieser Zusammenhänge.
Ethik: Vollendung des Menschwerdens – Gesellschaftliches Sein:
Produktivkräfte, Produktionsverhältnisse, Organisationsformen auf das
spezifisch Ontologische untersuchen

[K/39]

Moral u Ethik Stoiker: Nur Handlungen tugendhaft, nicht Gegenstände,
auf die sie sich beziehen (Seneca Brief 92. II 109)²¹² a) Rückverwandeln
Ethik (Aristoteles) in Moral. Problem des *Verhaltens* spielt Rolle in
Beiden; darum von Innen Übergangskategorie, so wie Konflikt von
"außen" Selbstmord (Seneca Brief 701263 f)²¹³ Diderot III Assézat., 244
f)²¹⁴

[O/190]

Selbstmord

Allgemein III 394²¹⁵ Klassifikation d. Selbstmorde: – Gebrechen d.
Gesellschaft III 403²¹⁶ Zuflucht gegen Übel d. Privatlebens III 405²¹⁷
(eventuell ad *Mandeville*)

[T/18]

ad „*Einsame Masse*“: Partikularität: das nicht Mittelbare (illustriert an
Kunst und Dilettantismus) Moderne Manipulation: abstrahierte
Partikularität - darum: gebunden und einsam

[O/194]

ad zoon politikon

Kant: provavelmente “animal recluso e reservado” (Anthropologie IV 254)²¹¹

Metodologia: a) disputa filosófica milenar b) decisão pela ciência.

[O/308]

O espiritual (no sentido mais amplo) imediato epifenômeno ontológico, nos humanos – fronteiras internas – motor ontológico da realidade. Por isso: modelo trabalho, porque direto. Mais “elevado”, quanto mais indireto. Práxis política: mudança real através da mudança dos epifenômenos. Tarefa psicologia (Pavlov): revelação do – aparato ontológico. Essencialmente, todavia, – para além da psicologia – conteúdo, estrutura, dinâmica dessas relações. Ética: complementação do devir-humano – ser social: forças produtivas, relações de produção, formas de organização a partir do pesquisar ontológico *específico*

[K/39]

Moral e ética Estóicos: apenas ações virtuosas e não objetos a que se referem (Seneca Brief 92. II 109)²¹² a) recuo da Ética (Aristóteles) em Moral. Problema da *conduta* joga papel em ambos; daqui as categorias internas de transição, portanto conflito do suicídio “do outro” (Seneca Brief 701263 f)²¹³ Diderot III Assézat., 244 f)²¹⁴.

[O/190]

Suicídio

Geral III 394²¹⁵ Classificação d. suicídio: – enfermidade d. sociedade III 403²¹⁶ proteção contra o mal d. vida privada III 405²¹⁷ (eventual ad *Mandeville*)

[T/18]

ad “*Massa Solitária*”: particularidade: a moderna manipulação não indireta (ilustrada na arte e diletantismo): particularidade abstraída – daqui: fixa e isolada

[Z/19]

Politik

Alternative Konkretheit (politisch, privat, moralisch etc) Sondernote Freiheit²¹⁸

Spitze d. Bürokratie nie bürokratisch M. Weber Wirtschaft u Gesellschaft 127 f (N2)²¹⁹ Problem d. Strategie Politiker u Beamter: ira et Studium (wahre Dialektik) Weber (Wirtschaft u Gesellsch.) Politik als Beruf 415²²⁰ Journalisten (gegen W.) ibd 416/7²²¹ N3²²² Ethik u Politik ibd 438/9²²³ Verantwortung (Folgen) 440 f²²⁴ Gesinnung u Folgeethik ibd N3²²⁵

[K/85]

ad Politik

Möglichkeit des Umschlagens der Widerspiegelung in Sein: Wichtig für jede Praxis (vor allem Alltag) Auswahl, wo die Möglichkeit akut a) Unabhängig vom Bewußtsein b) kein theoretisch sicheres Kriterium (Hier Möglichkeit *nicht* Eigenschaft) Politische Begabung: Sinn dafür (Praxis: Gegenteil 1918 Oktober, 23. Okt. 1956.)

[K/86]

ad Politik Möglichkeit nicht Eigenschaft – aber bei jedem, in dem diese Möglichkeit wirkt individuell – gesellschaftliche Eigenschaft – Möglichkeit einer Wirkung solcher Widerspiegelungen Erkennbarkeit: politisches 1' System (Wieder *nicht* irrationale Intuition, sondern mit Intuition abgekürzte Analyse der subjektiven u objektiven Faktoren einer Lage. (Umschlag in Praxis: Grenze der Text. Untersuchungen)

[K/87]

ad Politik Möglichkeit 2

Grenze: Umschlag in Praxis / in Ruhe vorgefaßte Meinung, wenigstens nicht immer. Rolle d. Entscheidung; gerade bei Krisen

[T/27]

ad bürg. Demokratie

“Demokratie ist ein Begriff aus dem politischen Leben, der in der Wirtschaft, wo nur der Sachverstand entscheidet, keinen Sinn hat” Deutsches Institut (ab Spiegel 1968 28/10 S. 48²²⁶)

[Z/9]

Freiheit

[O/237-0/240]

Alternative (Sondernote)

[Z/19]

Política

Concretude alternativa (politicamente, privada, moralmente etc) nota especial liberdade²¹⁸

Topo da burocracia não burocrática M. Weber *Wirtschaft und Gesellschaft* 127 f (N2)²¹⁹ Problema d. estratégia de políticos e funcionários públicos: ira et Studium (dialética verdadeira) Weber (*Wirtschaft u Gesellsch.*) Politik als Beruf 415²²⁰ jornalistas (contra W.) ibd 416/7²²¹ N3²²² Ethik u Politik ibd 438/9²²³ responsabilidade (consequências) 440 f²²⁴ mentalidade e ética das consequências (Folgeethik) ibd N3²²⁵

[K/85]

ad Política

Possibilidade da conversão do reflexo em ser: importante para toda práxis (para todo cotidiano) escolha, em que a possibilidade urgente: a) independente da consciência b) nenhum critério teórico seguro (Aqui possibilidade *não* qualidade) Talento político: sensibilidade para ela (práxis: oposta outubro 1918, 23 out. 1956)

[K/86]

ad Política possibilidade não qualidade – mas em cada um, essa possibilidade tem efeito individual – qualidade social – possibilidade um efeito de cada cognoscível reconhecido: 1º sistema político (Novamente *não* intuição racional, mas com intuição abrevia análise dos fatores subjetivos e objetivos de cada situação. (Alteração na práxis: fronteira do texto. Investigar)

[K/87]

ad possibilidade *política* 2

Limite: alteração da práxis / opinião pré-concebida no silêncio, pelo menos não sempre. Papel da decisão, mesmo quando de crise

[T/27]

ad *democracia burg.*

“Democracia é um conceito da vida política que, na economia, em que apenas decide a expertise, não tem qualquer sentido” (ab Spiegel 1968 28/10 S. 48²²⁶)

[Z/9]

Liberdade

[O/237-0/240]

Alternativa (nota especial)

[O/243]

“Erkannte Notwendigkeit“: realer Spielraum f. teleologische Setzung (Sondernote) – Entwicklungsgeschichtlich aufbauen! Freiheit: Herrschaft über Natur und uns selbst (Antidühring 118)²²⁷

[K/106]

Willensfreiheit Ontologisch: allmähliches Entstehen, Objektiver Spielraum innerhalb kausaler Determination. Daraus Organismus, Reproduktion – Alternative in Reaktionen; je höher: spezielle Organe mit wachsender Alternative. Sprung mit Arbeit: bewußtes Zwecksetzen (Arbeitsprodukt trotz Naturgesetze von Natur aus zufällig) Vermitteltwerden d. Arbeit: auf Bewußtsein wirken um Zwecksetzen hervorrufen: immer mehr Alternativen, immer größerer Raum für sie. Entwicklung: wahre Freiheit: Ende: Aufbau des eigenen Lebens, eigenen Ichs (Ethik) Zwischenstadien; ungleichmäßige Entwicklung Hohlheit des <Nonfor> Non-conformismus (Whyte 15²²⁸ Muße Whyte 140 f²²⁹ Wright Mills Büro 323/6²³⁰ (Ansehen 349/51)²³¹ Lonely Crowd 309²³² Gruppe bestimmt, was notwendig, was Luxus Whyte 289²³³

[O/237]

Alternative

a) Knotenpunkte der Wahl und “Periode der Konsequenzen” Relativ “Wahl” im zweiten Fall stark erschwert (zuweilen bis zur Unmöglichkeit: Tragödie z. B Herodes u Marianne) Aber: Korrektur der Fehler (auch nicht immer möglich) Lenin XXV 219²³⁴ b) abstrakt oder praktisch vorhanden. (Freiheitslehre z. B Existentialismus dies verwechselt.) An Arbeit – Gehlensche Knotenpunkte zeigen c) Freiheit ist erkannte Notwendigkeit Rolle der Einsicht in der Erhebung der bloßen Alternative (erste Anfänge schon bei Tieren) in Freiheit. Gerade der Freiheit nach Höhe der Einsicht. Problem der inneren u d. Handlungsfreiheit. Ihre Dialektik

[O/238]

Alternative

2

Freiheit kein isolierter Akt (dieser: nur konkrete Alternative): richtige Voraussicht der Folgen. Auch dies nicht (wie bei Arbeit selbst) Voraussicht einer konkreten und abgeschlossenen Kausalkette (teleologisch gesetzt), sondern Spielraum des künftigen richtigen Handelns (Lenin Kettenglied) Interessant, daß Spielraumcharakter <)) Ausgebildet bei primitiver Arbeit (Jagd, Fischerei, Agrikultur – überall, wo Natur “aktiver Rentner“) a) Zweck gedrängt bei Werkzeug – bei Maschine; je vollkommener desto mehr β) Wiederkehr bei gesellschaftlichem Handeln

[O/243]

“Necessidade reconhecida”: real campo de manobra p. posição teleológica (nota especial) – montar desenvolvimento histórico! Liberdade: domínio sobre a natureza e nós próprios (Antidührung 118)²²⁷

[K/106]

Ontológico livre arbítrio: gradualmente se forma, objetivo campo de manobra interior da determinação causal. Daqui organismo, reprodução – alternativa nas reações; quanto mais elevado: órgãos especiais com alternativa mais ampla. Salto com trabalho: pôr propósito consciente (produto do trabalho apesar lei natural casual por natureza) Tornar mediado d. trabalho: efeito sobre a consciência causar pôr propósito: quanto mais alternativas, sempre maior espaço para elas. Desenvolvimento: verdadeira liberdade: fim: construção da própria vida, do próprio eu (Ética) estágio intermediário; desenvolvimento desigual vazio do não-conformismo(Whyte 15²²⁸ Muße Whyte 140 f²²⁹ Wright Mills Büro 323/6²³⁰ (examinar 349/51)²³¹ Lonely Crowd 309²³² Grupo determina, o que necessidade, o que luxo Whyte 289²³³

[O/237]

Alternativa

a) Ponto nodal da escolha e “período de consequências” “escolha” relativa em casos muito difíceis (por vezes até a impossibilidade: tragédia p. ex. Herodes e Marianne) Todavia: correção dos erros (também nem sempre possível) Lenin XXV 219²³⁴ b) disponível abstrata ou praticamente. (Lição de liberdade, p. ex. existencialismo o confunde) No trabalho – ponto nodal de Gehlen mostra: c) liberdade é necessidade conhecida papel da compreensão na elevação da mera alternativa (primeiro início já entre os animais) em liberdade. Especialmente da liberdade até altura da compreensão. Problema do interior e da liberdade de ação. Sua dialética

[O/238]

Alternativa 2

Liberdade nenhum ato isolado (este: apenas alternativa concreta): correta antecipação das consequências. Também esse não (como no próprio trabalho) antecipação de uma concreta e completa cadeia causal (posta teleologicamente), mas campo de manobra do correto ato futuro (Lenin elo da corrente) Interessante, que o caráter de espaço de manobra (<)) desenvolvido pelo trabalho primitivo (caça, pesca, agricultura – principalmente, onde natureza “ativa produtora de renda”) a) propósito impulsionado pela ferramenta – pela máquina; quanto mais, mais perfeita ß) recorrência no ato social

[O/239]

Alternative 3

ad Freiheit Marx: Dialektik freier Bewegung in Stoff (Modell: Arbeit. Gehlens Knotenpunkte (<: günstige – und Freiheit ermöglichende “Perioden d. Konsequenzen“, möglichst teleologisch bestimmt) Hier der vernünftige Kern in Fetischisierung der Ratio, aber mit Verwechslung: “sinnlose” Gesetzmäßigkeit, bloß Kausale in Natur (Biologie, auch eigene mitinbegriffen) versus: Kausalität in Gesellschaft, vermischt mit eigenen u fremden teleologischen Setzungen (letztere: teils für sich kausal wie Natur, teils bei beeinflussbar nflußbar)

[O/240]

Alternative 4

ad Freiheit – Freiheit nicht auf Moral etc beschränkt. Wächst zwangsläufig aus Alternative (+ Einsicht) aus. Arbeit, der Geschichte “frei“, der Urgeschichte Sklave der Umstände, des Materials etc, Zentrieren auf Moral etc. trotzdem sinnvoll Wie im Tierreich Alternative: wenn physi- cochemische Reaktion für Reproduktion nicht ausreicht, so hier: wenn nicht bloß vom Herstellen eines Gegenstandes, sondern von Reproduktion d. Persönlichkeit die Rede. Hier wichtig: *bedingte Reflexe* (Rolle bei Tieren!) heben Alternative auf (Gesammelte Erfahrung etc), aber dahinter neue Alternative: ob richtig? (Routine u Umstände, Bürokrat in Familie etc)

[O/243]

Freiheit erkannte Notwendigkeit Erkenntnis – realer Spielraum für teleologische Setzung. Praktisch: Spielraum in objektiver Wirklichkeit; ethisch in Bezug auf – eigene und fremde – Widerspiegelung u Reaktion; politisch: beide – Ducunt volentem fata, nolentem trahunt (R. Schneider. Wien 197)²³⁵

[K/106]

ad *Willensfreiheit* in Ethik (Vorstufe für Aufbau eigenen Lebens = Freiheit) Spielräume innerhalb kausaler Determination: Zufall (Hegel versus Hartmann)²³⁶: Art des Zusammentreffens von Motivationsreihen, ihre prinzipielle Heterogenität, damit prinzipielle Unmöglichkeit der *einheitlichen* Vorausbestimmung. Dieses Prinzip schon in Statistik ab Methode der mikrophysischen Bewegungen; Wetterbestimmung. Klar in Biologie und Psychologie. Neues Moment (bewußte Teleologie) mit Arbeit, Arbeitsprodukt von Natur aus (trotz Naturgesetzlichkeit (des) im Entstehungsproceß) zufällig Kategoriell klar: Periode des Sammelns (schon Teleologie) Nahrungsmittel, auch Werkzeug (aufgelesene Steine)

[O/239]

Alternativa 3

ad liberdade Marx: dialética livre movimento no material (modelo: trabalho. Ponto nodal de Gehlen(<: favorável – e liberdade “período d. consequências” viabilizado, determinado tanto quanto possível teleologicamente) Aqui o cerne racional na fetichização da Ratio, mas com o equívoco: legalidade “sem sentido”, apenas causal na natureza (biologia, também propriamente incluída) versus: causalidade na sociedade, fundida com posições teleológicas próprias e estranhas (as últimas: em parte por si causais como na natureza, parte influenciada)

[O/240]

Alternativa 4

ad Liberdade – liberdade não confinada à moral etc. Expande inevitavelmente da alternativa (+ compreensão). Trabalho, a história “livre”, pré-história escravo das circunstâncias, do material, etc, o centrar na moral etc. apesar disso útil Como na alternativa animal: se reação físico-química não basta para reprodução, então aqui: quando não mero produzir de um objeto, mas está em questão a reprodução da personalidade. Aqui importante: *reflexos condicionados* (papel entre os animais!) elevam alternativa (experiências comuns etc), mas por trás nova alternativa: se correta? (rotina e circunstâncias, burocrata em família etc.)

[O/243]

Liberdade necessidade reconhecida conhecimento – real campo de manobra para a posição teleológica. Praticamente: campo de manobra na realidade objetiva, eticamente em referência ao – próprio e dos outros – reflexo e reação; politicamente: ambos – Ducunt volentem fata, nolentem trahunt (R. Schneider. Wien 197)²³⁵

[K/106]

ad *livro arbitrio* na ética (etapa preliminar para construção própria vida = liberdade) campo de manobra interior à determinação causal: acaso (Hegel versus Hartman)²³⁶: modo de coincidência da cadeia motivacional, sua em princípio heterogeneidade, com a impossibilidade em princípio da pré-determinação *homogênea*. Este princípio já em estatística do método dos movimentos microfísicos; previsão do tempo. Claro na biologia e psicologia. Novo momento (teleologia consciente) com trabalho, produto do trabalho a partir do claro acaso categorial da natureza (apesar da legalidade natural (do) processo evolutivo): período da coleta (já teleologia) comida, também ferramenta (pedra lascada)

[K/45]

ad *Freiheit – Notwendigkeit*

Richtigen Begriff von Nietzscheschen. "amor fati" abgrenzen!

[T/29]

Freiheit aus Alternative Kompliziert: Wachsen des Spielraums in Alternative* Erkannte Notwendigkeit – Abwehr (oder Ausnutzen) des Zufalls – Erweitern von Möglichkeiten (im Sinne von Dynamis)

*Wachsen der Bedeutung der Individualität. Weg von bloßer Einzelheit
Verschiedene Rolle in verschiedenen Wertsystemen a) Arbeit

[T/39]

ad *Freiheit*

1) Von Außen a) Spielraum des Zufalls b) Steigerung durch gesellschaftliche Teleologie (Möglichkeit des Beeinflussens)

2) Von Innen a) Beherrschen d. Affekte (Voraussetzung) b) Entscheiden durch Vernunft ("erkannte Notwendigkeit" – Rückweis auf Spielraum

ad 2a) Instinkt. Unterschied Mensch u Tier (Aber bei Tier auch "angelernt") Infolge α Sekurität des gesellschaftlichen Lebens (steigend)

Abnehmen von Instinkt β) Bei Anlernen (bedingter Reflex) gesteigertes Problem des Neuen. Ausbildung von Signalsystem 1'

Aus Alldem: nicht bewußtes Handeln bei Menschen # Instinkt. Freiheitsschwelle (bei 1') ausarbeiten Alternative immer konkret: objektiv

infolge Spielraums subjektiv infolge Charakters des Handelnden (Arbeit: Alternative des Irrtums – verfolgen: zurück auf Tiere, vorwärts nach

komplizierteren Beziehungen. Aus dieser Grundlage: Folgen versus Gesinnung) Untrennbar: ohne Folgen (Dogmatismus: "fiat justitia...")

ohne Gesinnung auch Recht unmöglich Ausgleich in Ethik

[Z/8]

PROBLEM DES WERTS

[K/93]

Heuchelei (Bourgeois u seine Moral. Deutsche Ideologie V 162)²³⁷

Beziehung zu Wert (Rechtsphil § 140. 118 u 322 f)²³⁸ Wert als das gesellschaftlich Gebilligte (Fetischisierung, xxx)

Sollen u Wert (bei Kategorien)

[K/45]

ad *liberdade* – *necessidade*

Delimitar conceito correto do “amor fati” nietzchiano

[T/29]

Liberdade da alternativa complexificada: Expandir do campo de manobra em alternativa* necessidade conhecida – resistência (ou utilização) do acaso – alargar da possibilidade (no sentido da Dynamis) *expandir do significado da individualidade. Percurso da simples singularidade diferente papel em diferentes sistemas de valores a) trabalho

[T/39]

ad *liberdade*

1) De exterior a) campo de manobra do acaso b) ampliação através da teleologia social (possibilidade do influenciar)

2) Do interior a) domínio d. afetos (pressuposto) b) decisão através da razão (“necessidade reconhecida” – afastamento do campo de manobra ad 2a) Instinto. Diferença humano e animal (mas também em animal também “treinado”) Como resultado α) segurança da vida social (ascendente) decréscimo do instinto β) pelo treino (reflexo condicionado) ampliado Problema do novo. Desenvolvimento do sistema de sinalização 1’.

Derivando de tudo isso: atos não conscientes pelos humanos \neq instinto. Umbral da liberdade (por 1’) elaborar alternativa sempre concreta: objetivo como resultado do campo de manobra subjetivo como resultado caráter dos que agem (trabalho: alternativa do equívoco – traçar: de volta aos animais, avante até conexões complexas. Desta base: consequências versus mentalidade) Indivisível: sem consequências (dogmatismo: “fiat justitia...”) sem mentalidade também direito impossível compensação na ética

[Z/8]

PROBLEMA DOS VALORES

[K/93]

Hipocrisia (burguês e sua moral. Deutsche Ideologie V 162)²³⁷ conexão com valor (Rechtsphil § 140. 118 u 322 f)²³⁸ valor como socialmente aprovado (fetichização, xxx)

Dever e valor (por categorias)

Soziale Gegenständlichkeit Werts. (Beziehung zu Typik) Spannung zwischen Einzelheit u Besonderheit (Rolle d. Allgemeinheit: von Recht, Moral bis Mode) Besonderheit: großer individueller Spielraum. Aufbewahrung; Kontinuität Ontologisch: Organismus; seit Reflexsystem: angenehm-unangenehm, nützlich-schädlich (auch hier nicht Bewußtsein; aber faktisch “früher” z. B. Physik) überhaupt nicht. Eigentlicher Wert: “zweite Natur” (teleologische Reihe, auslösendes Motiv) a) Oekonomie (schon Arbeit) b) Widerspiegelungsgebilde (tautologisch) c) Praxis (Sitte – Ethik) Oekonomisch: von Anfang an objektiv gegeben; frühes, spontanes Bewußtsein (Robinson Kap I 43)²³⁹ Technisch und oekonomisch. Spätere Dialektik: je “wertvoller” ein Instrument etc – desto geringerer Wert Entwicklung: Wertdevaluation d wichtigsten Gegenstände (Auch Sitte, Moral: mit vollendeter Einübung: selbstverständlich - Wertdevaluation)

Genesis des Werts a) aus Nützlichkeit (Gebrauchswert – aber dieser, als solcher, nur in Verbindung mit Tauschwert, Arbeitsteilung; Tier: Nützlich aber kein Wert (darin auch: Verschiedenheit von Gattung) b) Objektivität des Werts als nur Seinsniveau “Zweite Natur” c) Fetischisierung der “höheren” Werte: Verhalten in Objektswelt projiziert, zum Verhalten Objekt konstruiert. Wirklich Übergang von Objektivität auf Verhalten (beide ontologisch nicht trennbar), aber ohne Aufhebung der realen Objektivität. Je “höher” Wert desto mehr Entstehung dematerialisierter realer Objekte (stets: Rückbeziehung; ohne: idealistischer Fetisch)

Moralische Imperative “existieren” unabhängig von Anerkennung (Whyte 11)²⁴⁰

Amerika: Modell: Gegenwart Whyte 65²⁴¹ (Kontrast Tradition) Keine Revolte ibd 66²⁴² Keine Perspektive 363/67²⁴³ ad Genesis v Wert Lob u Tadel (Small Town 3S/9²⁴⁴ xxx) Unfähigkeit d. Psychoanalyse Fromm 6/7²⁴⁵ (Freuds Relativismus ibd 34 f²⁴⁶ berücksichtigt kaum gesunden Menschen ibd 83²⁴⁷)

[K/93]

Beziehung d. Bourgeois zur eigenen Moral (Deutsche Ideologie V 162)²⁴⁸
Allgemeines Problem: Heuchelei des Einzelnen u Gelten der Moral. (Ad *Wertfrage*)

Objetividade social do valor. (Relação com o típico) tensão entre singularidade e particularidade (papel da generalidade: do Direito, moral até a moda) Particularidade: maior campo de manobra do indivíduo. Conservação, continuidade ontológica: organismus; desde sistema de reflexo: agradável-desagradável, útil-inútil (também aqui não consciência; mas de fato “mais cedo” p. ex. física) de modo algum. Valor em sentido próprio: “segunda natureza” (série teleológica, motivo disparador a) economia (já trabalho) b) forma do reflexo (tautológico) c) práxis (costume – ética) Econômico: do início um objetivamente dado; cedo, consciência espontânea (Robinson Kap I 43)²³⁹ técnica e economicamente. Dialética tardia: “valioso” um instrumento etc – desenvolvimento do menor valor: desvalorização-do-valor dos objetos importantes (também costumes, moral: com completo ensaio: desvalorização-do-valor auto-evidente.)

Gênese do valor a) da utilidade (valor de uso – mas este, enquanto tal, apenas em união com valor de troca, divisão do trabalho. Animal: utilidade mas nenhum valor (daqui também: dissimilaridade do gênero) b) Objetividade do valor apenas ao nível de ser “segunda natureza” c) fetichização dos valores “superiores”: conduta projetada no mundo-objeto, contruído objeto da conduta. Transição real da objetividade em conduta (ambos ontologicamente não separáveis), mas nenhuma superação da objetividade real. Quanto mais “elevado” valor maior formação objetos reais desmaterializados (sempre: relação de retorno; sem: fetische idealista)

Imperativos morais “existir” independente do reconhecimento (Whyte 11)²⁴⁰

América: modelo: presente Whyte 65²⁴¹ (contraste tradição) nenhuma revolta ibd 66²⁴² nenhuma perspectiva 363/67²⁴³ ad gnesis do valor elogio e reprimenda (Small Town 3S/9²⁴⁴ xxx) inabilidade da psicanálise Fromm 6/7²⁴⁵ (relativismo de Freud ibd 34 f²⁴⁶ raramente considerado humano saudável ibd 83²⁴⁷

[K/93]

Relação d burguesia com a própria moral (Deutsche Ideologie V 162)²⁴⁸
Problema geral: hipocrisia do indivíduo e validade da moral (Ad *questão do valor*)

[Z/24]

WELTANSCHAUUNG

[Ph/1, T/36]

a) alte Teleologie b) α) Gottverlassenheit (Pascal, Jacobsen, Nietzsche X 189 f²⁴⁹ (Intellekt: Verstellung ibd 190²⁵⁰ Gesellschaft, ibd 192²⁵¹ b) Naturwissenschaft (Galilei* Welt-Buch-Geometrie Olschki 46 5,²⁵² Gegensatz 3 89)²⁵³ c) Sozialismus Sondernote²⁵⁴

[K/28-Ro/4]

XIX Jahrh. Einzigartigkeit des Individuums (Schleiermaeher, Simmel) Lebenskunst (Übergang aus Rokoko: Tieck, Lucinde), ohne Bindung an Gesellschaft (Novatis gegen Goethe) Ironie als Ausdruck d. Bodenlosigkeit (Fr. Schlegel, Kierkegaard) – Höhere Stufe heute *²⁵⁵Galilei, Astrologie: Verbindung mit Menschen (Olschki 235),²⁵⁵ gegen Vollkommenheit d. sphaerischen Gestalt (Mittelalter ibd 236)²⁵⁶

[O/132, 0/131]

Entfremdung a) notwendige Form b) ideologische Verzerrung (falsches Bewußtsein) α) religiös β) kapitalistisch

Sondernote

“Gegebenheit” der Transzendenz (Phaenomenologie): unabhängig von Bewußtsein, Leben: unkontrolliert historische Entwicklung: Sondernote²⁵⁷

[K/15]

Wo endet Kontemplation als höchstes Verhalten? “Paradoxie” v Diderot noch ja, dagegen “Wilhelm Meister” (Kant-Fichte) Franz. Revolution. Dilemma Falsch. Ontologisch richtigstellen!

[K/25]

In Entstehung: Priorität des Praktischen (Analysen Hegel, Nietzsche) xxx Springpunkt nicht unbedingt Ethik, aber Praxis

[O/134]

Moderne Verdinglichung: Fetischisierung des Bewußtseins Unmittelbar-subjektiver Ausgangspunkt, daraus nur Welt des Subjekts (als Ontologie hingestellt) Neopositivismus, Phaenomenologie etc. Schon bei Kant: “wie ist möglich?” nur subjektive Bedingungen; nur das “Gesetz” existiert, Objektivität verschwindet (Raum, Zeit, Gesellschaft (Deposit) Schon bei Kant (und Schleiermacher): religiöses Bedürfnis Aber qualitative Steigerung (Heisenberg gegen Mach)

[Z/24]

CONCEPÇÃO DE MUNDO

[Ph/1, T/36]

a) teleologia antiga b) α) abandono de Deus (Pascal, Jacobsen, Nietzsche X 189 f²⁴⁹ (Intelecto: dissimulação ibd 190²⁵⁰ sociedade, ibd 192²⁵¹ b) ciência da natureza (Galilei* mundo-livro-geometria Olschki 46 5,²⁵² oposição 3 89)²⁵³ c) Socialismo nota especial²⁵⁴

[K/28-Ro/4]

Sec. 19. Caráter único dos Individuums (Schleiermaeher, Simmel) arte de viver (transição ao rococó: Tieck, Lucinde), sem vínculos com sociedade (Novatis contra Goethe) ironia como expressão do infundado (Fr. Schlegel, Kierkegaard) – patamar mais elevado hoje
*“Galilei, astrologia: união com humanos (Olschki 235),²⁵⁵ contra perfeição da figura esférica (Idade Média ibd 236)²⁵⁶

[O/132, 0/131]

Alienação a) forma necessária b) deformação ideológica (falsa consciência) α) religiosa b) capitalista
nota especial
“Dadidade” da transcendência (fenomenologia): independente da consciência, vida: desenvolvimento histórico incontrolado: nota especial²⁵⁷

[K/15]

Onde termina contemplação como conduta mais elevada? “Paradoxo” de Diderot ainda assim, por outro lado “Wilhelm Meister” (Kant-Fichte) Revolução Franc. falso dilema. Retificar ontologicamente!

[K/25]

No nascimento: prioridade do prático (Análises Hegel, Nietzsche) xxx ponto crucial ética não condicionada, mas práxis.

[O/134]

Moderna coisificação: fetichização do ponto de partida imediato-subjetivo da consciência, daqui apenas mundo dos sujeitos (passada por ontologia) neopositivismo, fenomenologia etc. Já em Kant “o que é possível?” apenas significados subjetivos; apenas a “lei” existe, objetividade desaparece (espaço, tempo, sociedade (depósito) já em Kant (e Schleiermacher): necessidade religiosa Mas aumento qualitativo (Heisenberg contra Mach)

Desanthropomorphisieren in Gesellschaftswissenschaften:
Verselbständigung von unmittelbaren Akten a) Zielsetzungen b)
praktisch-kausale Folgen c) Mensch in sozialen Gemeinschaften (Klasse,
Nation) – a) Grenzen in Stoff b) Notwendigkeit der Rückkehr zum
Menschen Falsches Dilemma: vollständige (mathematische)
Voraussehbarkeit und Irrationalismus Ausweg: konkrete Strukturanalyse
von Ethik, Aesthetik etc Kriterium: nachträgliche Rationalisierbarkeit

[K/44]

Skepsis als lähmend (Rousseau I 264²⁵⁸ xxx*)²⁵⁹ France: Skepsis als
bejahend, aktivisierend (Gespräche 70)²⁶⁰ Also a) hauptsächlich:
theoretisch oder praktisch? b) was, warum, wozu bezweifelt (+ vrg. dazu
xxx Brief 1 6/8)²⁶¹

[Ph/1]

Mitte bei Pascal: Ausdruck der Verlassenheit u Ohnmacht des Menschen
(Pensée Pleiade 1108/9/7, auch 1112)²⁶² Weder Wissen noch
Nichtwissen 1109²⁶³ Dabei Ahnung des Neuen in Kritik des
Anthropologisieren: Körper - geistig; Geist - körperlich 1111²⁶⁴ Tugend:
Gleichgewicht entgegengesetztes Laster 1169²⁶⁵ (ibd Freiheit-
Notwendigkeit) Mitte 1170²⁶⁶

[T/36]

ad *Teleologie* (auf Menschen bezogen) Galilei – sehr wichtig gegen
Astrologie (Olschki 234/5)²⁶⁷ Dazu gehört: geometrische Vollkommenheit
in Astronomie (ibd 236/7)*²⁶⁸ Dies genau trennen von G's Auffassung:
Buch d. Natur (ibd 464/5)²⁶⁹

+ <dazu gegen "Vollkommenheit" sphaerischer Gestalt ad Geometrie u
Physik)

[K/28]

ad *XIX Jahrh.* Einzigartigkeit des Individuums (Schleiermaeher, Simmel)
Lebenskunst (Übergang aus Rokoko: Tieck, Lucinde), ohne Bindung an
Gesellschaft (Novatis gegen Goethe) *Ironie* als Ausdruck d.
Bodenlosigkeit (Fr. Schlegel, Kierkegaard) – Höhere Stufe heute.

[Ro/1]

Maßlosigkeit (Marx: Kapitalismus Rolle der *Romantik* Vrgl Noten über
Novalis) Grund a) *objektiv*. Specialität d. kapitalistischen Produktion
(Ausführen). Dabei: Rolle der Quantität! b) *Subjektiv* Mensch im
Kapitalismus "Atom"; Verlust des Wirklichkeitssinnes:) Überspannung
(Novalis – Beziehung zu Fichte) *reine Innerlichkeit* Zurückgezogenheit auf
das Ich. (Kierkegaard u Folgen)

Desantropomorfizar nas ciências sociais: independência dos atos imediatos a) posições de finalidade b) conseqüências prático-causais c) humano em comunidades sociais (classe, nação) – a) fronteiras no material b) necessidade de retorno aos seres humanos falso dilema: completa (matemática) previsão e irracionalismo saída: análise estrutural concreta da ética, estética etc critério: posterior racionalidade

[K/44]

Ceticismo como paralisante (Rousseau I 264²⁵⁸ xxx*)²⁵⁹ França: ceticismo como afirmativo, ativo (Gespräche 70)²⁶⁰ Portanto a) acima de tudo: teórico ou prático? b) o que, por que, para o que colocar em dúvida (+ compare por isso xxxx correspondência 1 6/8)²⁶¹

[Ph/1]

Meio em Pascal: expressão do abandono e impotência do humano (Pensée Pleiade 1108/9/7, também 1112)²⁶² Nem saber nem não-saber 1109²⁶³ Sem embargo, pressentimento do novo na crítica do antropologizar: corpo-espiritual; espírito-corpóreo 1111²⁶⁴ virtude: equilíbrio vícios opostos 1169²⁶⁵ (ibd liberdade-necessidade) meio 1170²⁶⁶

[T/36]

ad *teleologia* (referida ao humano) Galilei – muito importante – contra *Astrologia* (Olschki 234/5)²⁶⁷ Para isso: perfeição geométrica na Astronomia (ibd 236/7)*²⁶⁸ Isso separar precisamente da compreensão de G: livro da natureza (ibd 464/5)²⁶⁹

+ < daqui contra “perfeição” figura geométrica ad geometria e física)

[K/28]

ad Sec. 19. Unicidade dos Individuums (Schleiermaeher, Simmel) arte de viver (transição ao rococó: Tieck, Lucinde), sem vínculos com sociedade (Novatis contra Goethe) *ironia* como expressão do infundado (Fr. Schlegel, Kierkegaard) – patamar mais elevado hoje

[Ro/1]

Intemperança (Marx: capitalismo papel do *romântico* compare Noten sobre Novalis) fundamento a) *objetivo*. Especialidade d. produção capitalista (explicar). Nisto: papel da quantidade! b) *subjetivo* humano no capitalismo “átomo”, perda do sentido-de-realidade:) exagero (Novalis – relação com Fichte) *pura interioridade* reclusão no eu. (Kierkegaard e seguintes)

[Ro/2]

Religion im romantischen Jena

Dorothea Schlegel an Schleiermacher (15. XI 1799): "Das Christentum ist hier à l'ordre du jour; die Herrn sind etwas toll. Tieck treibt die Religion wie Schiller das Schicksal; Hardenberg glaubt, Tieck ist ganz und gar seiner Meinung; ich will aber wetten was einer will, sie verstehen sich selbst nicht, und einander nicht." Caroline und Dorothea Schlegel in Briefen, Weimar 19 14²⁷⁰

[Ro/3]

Fr Schlegel: Oekonomen der Moral (Atheneum: zit Haym 570)²⁷¹ Vrg mit Novalis über Wilhelm Meister.²⁷² Fr Schl: Sittlichkeit als Opposition gegen positive Gesetzmäßigkeit (zit 570)²⁷³ Jeder Augenblick: Sein oder Nichtsein (zit 572)²⁷⁴ Müßiggang (zit 575)²⁷⁵

[Ro/4]

Ad Einzigartigkeit (= Partikularität) des Individuums Fr. Schlegel über Jacobi: "Menschheit" = "Friedrich-Heinrich-Jacobiheit" (Minor II 83)²⁷⁶ Mit späterer Entwicklung Fr. Schlegel in Verbindung setzen. (Entstehung der neuen Religiosität in Romantik)

[Ro/5]

a) Glauben u Wissen (Ph. Bibi. 311 f)²⁷⁷ Kunst ohne Kunstwerk perennieren lassen 313²⁷⁸
Rechtsphilosophie § 164. Zusatz. Liebe u Ehe (Phil Bibi.330)²⁷⁹

[X/1]

Es gibt kein Genie der Tugend. Diese Allgemein, nicht Angeboren (für H's Auffassung sehr wichtig) Unterschiede für "Tugendlehre" nicht wichtig VII II 83 § 395 Zusatz²⁸⁰

[O/132]

Verdinglichung, Entäußerung, Entfremdung.

falsche Subjektivität u falsche Objektivität. Zwei große Krisen (Christentum (+ Hellenismus) u Moderne) studieren. Allgemeine Ähnlichkeit bei Wechseln der Besonderheiten (darum Kontinuität des Christentums) Korrekturen: a) Kunst (Grenzen - Heute: xxx in Entfremdung mit allen Folgen) b) Ethik. Warum Ethik dies leisten kann u Moral nicht? Sociale Bedingtheit u Grenzen

[Ro/2]

Religião em Iena romância

Dorothea Schlegel sobre Schleiermacher (15. XI 1799): “O cristianismo está aqui à l’ordre du jour; os senhores estão sempre muito bem. Tieck conduz a religião como Schiller o destino; Hardenberg crê que Tieck é totalmente da opinião dele; quero contudo apostar que ele não entende nem a si próprio, nem um ao outro.” Caroline e Dorothea Schlegel in Briefen, Weimar 19 14²⁷⁰

[Ro/3]

Senhora Schlegel: economistas da moral (Atheneum: zit Haym 570)²⁷¹ compare com Novalis sobre Wilhelm Meister.²⁷² Senh Schl: moralidade como oposição à legalidade positiva (cit 570)²⁷³ Cada momento: ser ou não-ser (cit 572)²⁷⁴ Ociosidade (cit 575)²⁷⁵

[Ro/4]

Ad unicidade (= particularidade) dos indivíduos Senh. Schlegel sobre Jacobi: “humanidade” = “Friedrich-Heinrich-Jacobiheit” (Minor II 83)²⁷⁶ Com posterior desenvolvimento Senh. Schlegel se coloca em contato. (Nascimento da nova religiosidade no romântico)

[Ro/5]

a) o crer e o saber (Ph. Bibi. 311 f)²⁷⁷ deixar arte perecer sem obra de arte 313²⁷⁸

Rechtsphilosophie § 164. Zusatz. Vida e matrimônio (Phil Bibi.330)²⁷⁹

[X/1]

Não há qualquer gênio da virtude. Estas gerais, não inatas (para a opinião de H muito importante) diferenças para a “doutrina da virtude” não importante VII II 83 § 395 Zusatz²⁸⁰

[O/132]

Coisificação, exteriorização, alienação

falsa subjetividade e falsa objetividade. Estudar duas grandes crises (cristianismo (+ helenismo) e moderna). Semelhança geral pela mudança das particularidades (daqui a continuidade do cristianismo) correções: a) arte (fronteiras hoje XXX em alienação com todas consequências) b) ética. Porque ética pode isto e, a moral, não? Condicionalidade e fronteiras sociais

[O/131]

Entäußerung

- a) notwendige Form der Beziehung zu Außenwelt (Arbeit)
- b) ideologische Verzerrungen (Spinozas “inadaequae Ideen“, “falsches Bewußtsein” in Reaktion)
- α) religiöse Entäußerung (Kritik von Feuerbach, Marx)
- β) kapitalistische Entäußerung: Polarisierung: Uniformisierung u einsame Seele

[K/15]

Wo endet *Kontemplation als* höchstes Verhalten? Paradoxes sur le Comédien (Weise im Parterre) Frage: ob nicht franz. Rev. Wendepunkt? (Schon Wilhelm Meister) (Natürlich wieder: eigentliche ethische Theorie – nachhinkend.) (Machiavellis Praxis - ohne “Philosophie“) (Genau nachsehen!)

[K/38]

Campanella[Aber:] “Atheismus triumphatus” “daß sie auch den Titel Antimachiavellismus tragen könnte” zit b. Meinecke Die Idee der Staatsraison München 1957.115²⁸¹

[K/25]

ad Ethik u Weltanschauung

(incl. Religion) Zurück auf Methode in Hegel (auch Nietzsche in “Zerstörung“: Priorität der praktischen Stellungnahme. Aber darin: Stelle der Ethik (nicht unbedingt primär) *ausarbeiten*. Jedenfalls: *Grenzgebiet* von (gesellschaftlicher) Objektivität u (praktischer) Subjektivität

[O/134]

Ad moderne Verdinglichung

Fetischisierung des Bewußtseins (Hartmann gegen Phaenomenologie)²⁸² Jedenfalls: eine unmittelbare u subjektive Gegebenheit als Ausgangspunkt (synthetische Urteile apriori, Gewissen etc. bis zu Phaenomenologie) Bei “wie ist möglich?“ nur subjektive Bedingungen untersucht, Objektivität versinkt und wird durch rein gesetzte ersetzt. Objektivität entweder vergewaltigt (Raum u Zeit, Gesellschaft (vrgl Deposit) oder mystifiziert. In dieser Hinsicht Religion des “reinen religiösen Bedürfnisses“ schon bei Kant vorgebaut – Gegensatz zur früheren Fetischisierung. Grenze etwa Reformation

[O/131]

Exteriorização

- a) forma necessária de conexão com o mundo externo (trabalho)
- b) deformar ideológico (“inadequadas idéias” de Spinoza, “falsa consciência” em reação:
- α) exteriorização religiosa (crítica de Feurbach, Marx)
- β) exteriorização capitalista: polarização: uniformização e alma solitária

[K/15]

Onde termina *contemplação como* conduta mais elevada? Paradoxos sobre le Comédien (Weise im Parterre) Questão: se ou não Revolução Francesa ponto de virada? (já Wilhelm Meister) (Naturalmente de novo: teoria ética específica – claudicá atrasada.) (Práxis de Machiavellis – sem “filosofia”) (Revisar minuciosamente!)

[K/38]

Campanella[Mas] “Atheismus triumphatus” “que também pode levar o título antimaqueavelismo” cit por Meinecke Die Idee der Staatsraison München 1957.115²⁸¹

[K/25]

ad Ética e concepção de mundo

(incl. religião) De volta ao método em Hegel (também Nietzsche em “Zerstörung”: prioridade da postura prática. Mas aqui: lugar da ética (não necessariamente *primaer*) *elaborar*. Em todo caso: *área fronteira entre* (da sociedade) objetividade e (da prática) subjetividade

[O/134]

Ad moderna coisificação

Fetichização da consciência (Hartmann contra Phaenomenologie)²⁸² Em todo o caso: uma dada imediata e subjetiva como ponto de partida (juízo sintético apriori, consciência etc. até a Phaenomenologie) Por “o que é possível?” apenas examina condições subjetivas, objetividade naufraga e vem substituída por pura suposição. Objetividade violentada (espaço e tempo, sociedade (compare depósito) ou mistificada. A este respeito religião da “pura necessidade religiosa” já fixada por Kant – oposição à fetichização anterior. Limite quiza Reforma

[K/44]

Ausarbeiten: *Zweifel* und *Praxis* (Rousseau II 264.)²⁸³ Unterschiede a) reine (Theorie) Wissenschaft (u wissenschaftliche Praxis, Arbeit etc) b) reine Theorie (Philosophie): Erscheinung u (Wesen) Ding an sich (für a) gleichgültig.

[Z/21]

In Praxis zeigen: Ataraxie u Positivismus) c) ethische Praxis: Bedeutung (freilich *vermittelte*) von “Ding an sich“ – Problem

[R/2]

Theologie - Sündenfall

- a) Rassentheorie – der Rasse
- b) Klages
- c) Heidegger
- c) Gehlen

RELIGION (BEDÜRFNIS)

[K/97, K/84]

Theologie als praktisch gemachte Soziologie. Ontologisch drapiert. Anpassung d. Offenbarung an Gesellschaft (Weltreligion u Sekte)

[K/72]

Problem d “Wirklichkeit” (Sondernote “Subjektive Willkür“)

[K/57]

Gnadenschutz (Sondernote)

[M/2-R/8]

Tendenz zu Ethik (Jesus, Franz v Assisi): gegen “Gesetz” Paulus, Marcion

[R/1-K/60]

Christentum u Neues Testament (Erwarten u Ausbleiben d Apokalypse; heute Sophistik) Sondernote

[K/59, K/8]

Hegel u Altenstein: Dauer (Treitschke III 401)²⁸⁴ H. über Leibniz: Gosse (Gesch. d. Phil. III 472)²⁸⁵

[M/1-K/56]

Das Faszinierende an Jesus, Franziskus (Schillern ins Diesseits, Demokratismus – Gegensatz Sokrates, Spinoza) Sondernote – Weise (darin: sozialer Demokratismus, sonst aristokratisch (Gnosis) – Heilige. Sondernote

[K/31-T/10]

Natur u Offenbarung seit Galilei (Erlebnis u Dichtung 316/7)²⁸⁶

[K/44]

Elaborar: *dúvida e práxis* (Rousseau II 264.)²⁸³ Diferença: a) pura (teoria) ciência (e práxis científica, trabalho, etc) b) teoria pura (filosofia): indiferentemente aparência e (essência) coisa em si (para a).

[Z/21]

Na práxis mostrar: ataraxia e positivismo) c) práxis ética: significado (todavia mediada) da “coisa em si” – problema

[R/2]

Teologia – queda

- a) Teoria racial – da raça
- b) Klages
- c) Heidegger
- c) Gehlen

RELIGIÃO (NECESSIDADE)

[K/97, K/84]

Teologia enquanto sociologia feita praticamente. Ontologicamente drapeada. Adaptação d. revelação à sociedade (religião mundial e seita)

[K/72]

Problema d “realidade” (nota especial “Arbitrariedade subjetiva”)

[K/57]

Graça proteção (nota especial)

[M/2-R/8]

Tendência para a ética (Jesus, Fransc de Assis) contra “lei” de Paulo, Marcion

[R/1-K/60]

Cristianismo e Novo Testamento (o esperar e ausência d Apocalipse; hoje, sofisticada) Nota especial.

[K/59, K/8]

Hegel e Altenstein: duração (Treitschke III 401)²⁸⁴ H. Sobre Leibniz: Sarjeta (Gesch. d. Phil. III 472)²⁸⁵

[M/1-K/56]

O fascinante em Jesus, Francisco (opalescência nesta vida, Demokratismus – oposição Sócrates, Spinoza) nota especial – Sábio (daqui: Demokratismus social, aparte isso aristocrático (gnosis) – Santo. Nota especial.

[K/31-T/10]

Natureza e revelação desde Galileu (experiência e fato316/7)²⁸⁶

[K/10, K/18]

Nicht "Fleisch" macht Sünde, umgekehrt: Teufel (Gegensatz zu Neuplatonismus, Gnostik) Nach Gott leben nicht nach Menschen (Diesseits als Sünde) Gottesstaat II 162/4²⁸⁷

Bossuet über Atheismus (cit. Franz Encycl 89)²⁸⁸

[K/13]

Jenseits: juristische Struktur. (Parallele zu magischem "Formalismus") Kann kasuistisch sein oder Kadijustiz (Konsequente Praedestination), also bestenfalls Moral in Bezug auf Diesseits (Ethik bei Jesus, Franziscus)

[K/12, K/17]

Specifisch am Christentum. Das Übernationale, nicht aus nationalen Sitten (Buddhismus?!). Damit: Rückkehr zu Urquelle (Reformation) unmöglich. Maritain über Luther! "Pélagianisme de désespoir" (Trois réformateurs 25)²⁸⁹ Münzer: Entfremdung: Puritaner – Rousseau!

[K/115-R/7]

Religion u Moral: Epochen (Sondernote) Kant über Abrahamopfer V 109/10²⁹⁰ – u Kierkegaard Religiöses Bedürfnis. Heil d Seele u Gottesreich; Verblassen. Dilemma: Kierkegaard (Nichts) – Marx (Diesseits) Schütz. Parusia 91 f²⁹¹

[K/14-K/20]

Religion: ichbezogene Teleologie (Zitat aus "Wort in Zeit" Sondernote)²⁹² Religion kann genuin sein, aber doch "socialer Auftrag". (Luther, Calvin, Münzer, Karlstadt etc in selber Krise (Ja oft – nicht erfolgreiche – Sekte, religiös genuiner; Marcion)

[K/22]

Gegensatz Mystik u Magie (höchste Subjektivität – reinste "Objektivität") Angelus Silesius. Alternative; Kirche Kompromiß a) Zusammenbruch teleologischen Weltbilds (Galilei) b) Unterstützung Staats (Konstantin, Luther)

[K/26]

Kloster: rationale Wirtschaft (Gegensatz xxx)

Weber Wirtschaftsgeschichte 311²⁹³ (S Frank: jeder Mönch 3 1 2)²⁹⁴ über Wirtschaft (M. Weber 138, 172, 293)²⁹⁵ 311: Dualistische Ordnung in Katholizismus.²⁹⁶

[K/10, K/18]

“Carne” não faz pecado, ao contrário: demônio (oposição ao neoplatonismo, agnóstico) para a vida de Deus, não para humanos (a vida terrena como pecado) Teocracia II 162/4²⁸⁷
Bossuet sobre ateísmo (cit. Franz Encycl 89)²⁸⁸

[K/13]

No além: estrutura jurídica (paralela ao “formalismo” mágico) pode ser casuístico ou justiça-cadi (consequente predestinação), portanto na melhor das hipóteses moral em referência à vida terrena (ética em Jesus, Francisco)

[K/12, K/17]

Específico do cristianismo. O supranacional, não aos costumes nacionais (budismo?!). Com isso: retorno à fonte originária (reforma) impossível. Maritain sobre Lutero! “Peleagismo de desespero” (Trois réformateurs 25)²⁸⁹ Münzer: alienação: puritano – Rousseau!

[K/115-R/7]

Religião e moral: épocas (nota especial) Kant sobre Abrahamopfer V 109/10²⁹⁰ – e necessidade religiosa de Kierkegaard. Salvação da alma e reino de Deus; Evanescer. Dilema: Kierkegaard (não) – Marx (terreno) Schütz. Parusia 91 f²⁹¹

[K/14-K/20]

Religião: teleologia egocêntrica (citado de “Wort in Zeit” nota especial)²⁹² Religião pode ser genuína, mesmo assim “missão social”. (Luther, Calvin, Münzer, Karlstadt etc na mesma crise (com frequência – sem sucesso – seita, religioso genuíno; Marcion)

[K/22]

Oposição místico e magia (subjetividade mais elevada – mais pura “objetividade”) Angelus Silesius. Alternativa; compromisso da Igreja a) colapso da imagem telológica de mundo (Galilei) b) apoio do Estado (Constantino, Lutero)

[K/26]

Monastério: economia racional (contrária a xxx)
Weber Wirtschaftsgeschichte 311²⁹³ (S Frank: cada monge 3 1 2)²⁹⁴ sobre economia (M. Weber 138, 172, 293)²⁹⁵ 311: Dualística ordenação no catolicismo.²⁹⁶

[Z/22]

Religion (Bedürfnis)

[K/9]

Konsequent: böser Welterschöpfer oder deus absconditus. (negative Theologie). Sonst gesellschaftlich bedingter Kompromiß (Erbsünde) – Magie darin: richtige Ansicht (+ Manipulation) Heil d. Seele; falsch: Verdammnis

[K/47-K/70]

Antinomien v Religion u Ethik a) Magie b) Jenseits α) Diesseits keine volle Entfaltung (Erbsünde) β) Jenseits: aus Praxis herausgehoben (Konsequent: Buddhismus) c) Utilitarismus in Intention auf Jenseits (Gegensatz zu Griechen)

Verhältnis von “Werk” zu Tat im ethischen Sinn (Sondernoten)

[K/102-K/78]

ad Offenbarung: Absurdität von “verschiedenen Religionen” (freilich vom moralischen Standpunkt) Kant: Ewiger Frieden VI 181 Anm.²⁹⁷

Gegen Katharsis. Augustinus (Bekenntnisse 60/2;²⁹⁸ auch Tertullian I 122. Note 1)²⁹⁹[:Über Schmerz 96:]³⁰⁰ Echte Stellung zu Kunst[:Musik (ibd 367³⁰¹ Künstler ibd 371:)]³⁰² Darin: Schmerz lieben = Diesseitigkeit Stillschweigendes Fallenlassen: Symptom Religion hört auf ganzen Menschen zu beherrschen Augustinus (Bekenntnisse 72)³⁰³ Böse: Verminderung des Guten bis Verschwinden. Gegen Manichaeer “was existiert ist gut” (ibd 2 1 6)³⁰⁴ Religiöse Ethik: unaufhebbarer Gegensatz von Moral u Ethik (Kirche versus Jesus: Franziskus) Augustinus – zweideutig – nicht jeder nach seiner Art, sondern Vorbild (Bekenntnisse 515)³⁰⁵ Unterwerfung v Verstand (ibd 517)³⁰⁶ Armut, Keuschheit, Gehorsam: Rat, nicht Gebot (Th v A. 150 f)³⁰⁷ Arbeitsteilung (durch Gott verinnerlicht 170)³⁰⁸ daraus auch Almosen 179/80³⁰⁹ Barmherzigkeit Gerechtigkeit untergeordnet (Bergpredigt!) 209³¹⁰

Ich in Religion: a) gegen Welt (Augustin 330)³¹¹ b) Fr v Assisi Wendung c) heutige Gegenwelt ad a) Augustin N. 1 (“Geschöpfe” lieben, “eigene Kraft” etc)

[Z/22]

Religião (necessidade)

[K/9]

Consequente: mau criador do mundo ou deus absconditus. (teologia negativa). Ademais, compromisso determinado socialmente (pecado original) – Magia aqui: visão correta (+ manipulação) salvação d alma; falso: danação

[K/47-K/70]

Antinomia da religião e ética a) magia b) o além α) vida terrena nenhum desenvolvimento pleno (pecado original) β) o além: elevar da práxis (consequente: budismo) c) utilitarismo na intenção do além (oposição aos gregos)

Relação da “obra” com fato no sentido ético (nota especial)

[K/102-K/78]

ad revelação: absurdidade das “diferentes religiões” (independente do ponto de partida moralista) Kant: Ewiger Frieden VI 181 Observ ²⁹⁷

Contra catarse: Agostinho (Bekenntnisse 60/2;²⁹⁸ também Tertullian I 122. Nota l)²⁹⁹[:sobre dor 96:]³⁰⁰ autêntica posição da arte[:Música (ibd 367³⁰¹ artista ibd 371:)]³⁰² Nisto: amar dor = queda tácita para o terreno: sintoma religião pára de dominar todo o humano Agostinho (Bekenntnisse 72)³⁰³ diabo: decréscimo do bom até o desaparecer. Contra maniqueístas “o que existe é bom” (ibd 2 1 6)³⁰⁴ ética religiosa: inexorável oposição da moral e ética (Igreja versus Jesus: Francisco) Agostinho – ambíguo – não cada um a seu modo, mas modelo (Bekenntnisse 515)³⁰⁵ Sumissão do entendimento (ibd 517)³⁰⁶ pobreza, castidade, obediência: conselho, não mandamento (Th v A. 150 f)³⁰⁷ divisão do trabalho (por Deus internalizado 170)³⁰⁸ daqui também esmola 179/80³⁰⁹ misericórdia justiça subordinada (Sermão da montanha!) 209³¹⁰

Eu na religião: a) contra o mundo (Agostinho 330)³¹¹ b) virada Fr de Assis c) mundo alternativo hoje ad a) Agostinho N. 1 (amar “criatura”, “força própria” etc)

Gegen Katharsis (Augustinus 60/2. Tertullian NI)³¹² Überall: gegen Schmerz als bejahten Bestandteil des Lebens,[:aber Wohltat des Weinen: 96:]³¹³ nicht Vehikel zum Weitergehen (Echte Katharsis: vermittelt. Lessing. Wo nicht – echter Genius: daher Tschemischewski, Brecht) Moral gegen Ethik Wirrend: Welt-Gott (August 124/9³¹⁴ Sein u Nichtsein d. Menschen: nur das Unveränderliche sind (August 215)³¹⁵ Das Böse nicht substantiell (216)³¹⁶ Wandelbare: geschaffen (396)³¹⁷ Seligkeit: Utilitarisch. (Th v Aquin 62)³¹⁸ Armut: Rat (Th v Aqu <)> 15)³¹⁹ Berufung auf Matthäus 19 21 f³²⁰ (wichtig 23/4³²¹ abgewiesen von Jesus, von Th. in Kirche acceptiert)

Stoisches Naturrecht: Brücke zwischen Christentum u “Welt” M. Weber Rechtssoziologie 265³²² Bergpredigt: Würdelosigkeit wenn nicht Heiliger Weber Politik als Beruf 4403³²³

Irrationalität d Welt; treibende Kraft f. Religionsentwicklung ibd 444³²⁴

Religion u Kastenmoral (auch Mönch etc) ibd 444/5³²⁵ Rel. sociologie II 142³²⁶

Ethik (Wissen was Gut u Böse) versus Magie (Israel) M. Weber Religionssoziologie III 233 f³²⁷ Wunder versus Zauber – Vorsehung (Israel) ibd 237³²⁸

Religion u Magie ursprünglich diesseitig (Wirtschaft u Gesellschaft 227³²⁹

Feste Form d. Götter 2 Anthropomorphisieren (Numina) W. u Gesellschaft 232³³⁰ Magie in Religion Wirtsch u Gesellsch 239/40 f³³¹

Nächstenliebe: Gemeinde (Klemens v Alexandrien) Wirtschaft u Gesellsch 332³³²

Jesus – Gesetz – Bauernleben Wirtsch u Gesellsch 3 5 3³³³ Sekte: nicht universal, aristokratisch Wirtsch u Gesellsch 812/3³³⁴

Kasuistik Troeltsch 276³³⁵

Nominalismus. Gegensatz v Vernunft u Offenbarung 283³³⁶ Sekte oder

Kirche Troeltsch 360 f³³⁷ (Note 1 – Bergpredigt versus Dekalog 380³³⁸

Fra v Assisi 390³³⁹ Calvin 608/ 612/4 Anm)³⁴⁰ C u Bergpredigt 636,³⁴¹

639³⁴² Wiedertäufer 808,³⁴³ Harrison: letzter Chiasmus 818/9³⁴⁴ R.

Aron: Arbeiter u Christentum 96³⁴⁵ Arbeiterpriester 281³⁴⁶

[Z/23]

RELIGION 3

Amerikanische Vororte Whyte 338³⁴⁷ *Vereinigung d. Kirchen* ibd 340/1³⁴⁸ 3

48/9³⁴⁹ Katholiken 343³⁵⁰ Keine Perspektive 363³⁵¹ Belohnung schon

Diesseits Wright Mills Büro 354³⁵²

Religion in USA Wright Mills Konsequenz 202 f³⁵³ Small Town

232/62³⁵⁴

Contra catarse (Agostinho 60/2 Tertullian NI)³¹² em todos os lugares: contra dor como componente positivo da vida, [mas alívio no pranto: 96:]³¹³ não veículo do prosseguir (autêntica catarse: mediada. Lessing. Onde não – autêntico gênio: por conseguinte Tschemischewski, Brecht) moral contra ética confundida: mundo-Deus (August 124/9³¹⁴ ser e não-ser d humano: apenas o imutável é (August 215)³¹⁵ O mal não substancial (216)³¹⁶ mutabilidade: sociedade (396)³¹⁷ felicidade: utilitária (Th d Aquin 62)³¹⁸ pobreza: conselho (Th v Aqu <)> 15)³¹⁹ apelo a Mateus 19 21 f³²⁰ (importante 23/4³²¹ rejeitado por Jesus, aceito por Th. na Igreja)

Direito natural estóico: ponte entre cristianismo e “mundo” M. Weber Rechtssoziologie 265³²² Sermão da montanha: indignidade quando não santo Weber Política como profissão 440³²³

Irracionalidade do mundo; força motriz para desenvolvimento religioso ibd 444³²⁴

Religião e moral de casta (também monge etc) ibd 444/5³²⁵ Rel. sociologie II 142³²⁶

Ética (essência era boa e má) versus magia (Israel) M. Weber Religionssoziologie III 233 f³²⁷ milagre versus bruxaria – providência (Israel) ibd 237³²⁸

Religião e magia originalmente terrenas (Wirtschaft u Gesellschaft 227³²⁹ Forma permanente dos Deuses 2 Antropomorfizar (Divindades) W. u Gesellschaft 232³³⁰ magia na religião Wirtsch u Gesellsch 239/40 f³³¹ amor ao próximo: comunidade (Clemens de Alexandria) Wirtschaft u Gesellsch 332³³²

Jesus – lei – econ e socied vida camponesa 3 5 3³³³ seita: não universal, econ e socied aristocrática Wirtsch u Gesellsch 812/3³³⁴

Casuística Troeltsch 276³³⁵

Nominalismo. Oposição da razão e revelação 283³³⁶ seita ou igreja Troeltsch 360 f³³⁷ (Nota 1 – Sermão da Montanha versus Decálogo 380³³⁸ Fra de Assis 390³³⁹ Calvino 608/ 612/4 Anm)³⁴⁰ C e Sermão da Montanha 636,³⁴¹ 639³⁴² Anabatista 808,³⁴³ Harrison: último milenarismo 818/9³⁴⁴ R. Aron: trabalhador e cristianismo 96³⁴⁵ padre para trabalhadores 281³⁴⁶

[Z/23]

RELIGIÃO 3

Subúrbios americanos Whyte 338³⁴⁷ *unificação de Igrejas* ibd 340/1³⁴⁸ 3 48/9³⁴⁹ católicos 343³⁵⁰ nenhuma perspectiva 363³⁵¹ compensação já na vida terrena Wright Mills Büro 354³⁵²

Religião nos EUA Wright Mills consequência 202 f³⁵³ Small Town 232/62³⁵⁴

[K/97]

Theologie ist eine ontologisch drapierte Soziologie: permanente Anpassung der “Offenbarung” an das[;sich:] gesellschaftlich wandelnde religiöse Bedürfnis (Weltreligionen u Sekten. Dort bewußte Anpassung, hier spontanes Verschwinden und – verwandelte – Wiederkehr)

[K/84]

Religion Offenbarung auch Kirchenpraxis Buch über Hochmuth:

- 1) Probst *Grüber*: richtige, prinzipielle Fragestellung 201³⁵⁵
- 2) Fr Heer historische Beispiele 157/9³⁵⁶
- 3) Golwitzer 206/7³⁵⁷

[K/72]

Subjektive Willkür der “Religionen“

Verlust des Wirklichkeitssinnes (in Philosophie: Problem d. Ontologie) Solange dies “natürlich“: Religion = glaubhafter Mythos d. Wirklichkeit (Anfänge von Griechenland, Hochmittelalter) Dann immer Intoleranz (Asabeia in Polis) Bei Verlust Wirklichkeitssinnes: Religiöse Ontologien “interessant” in dieser Subjektivität, wechselseitige Toleranz. (In Spätantike xxx) Heute ab Galileikrise (Bellarmin): Rolle des Positivismus; heute Gipfelpunkt

[K/57]

Gnadenschutz (thesaurus ecclesiae) nur “Opera supererogationes) daraus Ablaß für zeitliche Sünden (Bossuet auf Lukas 10.35 Vulgata)³⁵⁸ Seit Kreuzzug. Dialektik schon bei Dante

[M/2]

Jesus: *Ethik versus Moral*

Markus 2.27 (Sabbath um Menschen willen)

Markus 7.15 Nicht außen – Ausdruck verunreinigt Menschen

[M/3]

Bergpredigt

Gesetzeserfüllung (Math 5.17/48) Überall: Ethik versus Moral (sichtbar: diese: Nähe zu Recht, jene nicht kodifizierbar). Welt – via Gott – gleichgültig gegen Moral (5.45) Für Moral: kein Lohn 46/7 Vollkommen wie Gott (Ethik transzendent) 48 – Gebet: Verborgnen (6.6) Gott oder Mammon (6.24) Gegen irdische Sorgen (6.24/34) Richter (7.1/5) Kraft des Gebets (7.7/9) (Problem für Theologie: Gleichgültigkeit d. Natur 5.45 und Macht d. Gebets 7.7/9) An Früchten erkennen 7.16/20 (Wieder Ethik versus Moral: Nicht bloße Gesinnung, Transzendenz: aus Gesinnung Folge adaequat)

[K/97]

Teologia é uma sociologia ontologicamente drapeada: permanente adaptação da “revelação” sobre a mutável necessidade religiosa social (religião mundial e seitas. Aí adaptação consciente, aqui espontâneo desaparecimento e – transformada – recorrência

[K/84]

Revelação religião também práxis da igreja livro sobre Hochmuth:

- 1) Probst *Grüber*: colocação correta da questão de princípio 201³⁵⁵
- 2) Fr Heer exemplo histórico 157/9³⁵⁶
- 3) Golwitzer 206/7³⁵⁷

[K/72]

Arbitrariedade subjetiva do “religioso”

Perda do sentido de realidade (em filosofia: problema d. ontologia) Equanto o “natural”: religião = plausíveis mitos da realidade (início da Grécia, Alta Idade Média) Então, sempre intolerância (Impiedade na Pólis) pela perda do sentido de realidade: ontologias religiosas “interessante” nessa subjetividade, mutual tolerância. (Na Antiguidade Tardia xxx) hoje desde crise galiléica (Bellarmino): papel do positivismo; hoje cume

[K/57]

Misericórdia (tesouro eclesiástico) apenas “Opera supererogationes) da indulgência para pecados temporais (Bossuet sobre Lucas 10.35 Vulgata)³⁵⁸ Tempo das Cruzadas. Dialética já em Dante.

[M/2]

Jesus: *ética versus moral*

Marcos 2.27 (Sabbath para o bem do humano)

Marcos 7.15 Não exterior – expressão contamina humano

[M/3]

Sermão da Montanha

Cumprimento da lei (Math 5.17/48) Acima de tudo: ética versus moral (visível: isto: proximidade ao Direito, aquela não codificada) Mundo – via Deus – indiferente contra moral (5.45) Para a moral: nenhuma recompensa 46/7 perfeito como Deus (ética transcendente) 48 – prece: Deus velado (6.6) Deus ou Mammon (6.24) Contra medos terrenos (6.24/34) Richter (7.1/5) Força da prece (7.7/9) (Problema para teleologia: indiferença d. natureza 5.45 e poder d. prece 7.7/9) reconhecer pelos frutos 7.16/20 (Novamente ética versus moral: não simples mentalidade, transcendência: consequência adequada à da mentalidade)

[R/8]

Math. 19.30 Erste - Letzte

20.16 Berufen - auserwählt 23.15 Rasse

[R/1]

Karl Barth über katholische Theologie heute: "wunderbar starke Bewegung ... zu Jesus Christus hin" Fr. A. Z. 1967. 17/X³⁵⁹

[R/5]

ad *religiöses Bedürfnis*

Gesellschaft (durch Manipulation) transzendent und unerkennbar. Anpassung: rel. Bedürfnis, echt, weil rein partikular. (Wo nötig: versteckt durch Neopositivismus, moderne Kunst, Rolle der neuen individuellen Apologetik) Anschluß an PrestigeKonsumtion

[K/60]

ad *Christentum u Neues Testament*

Erwarten d Apokalypse b) Ausbleiben (Overbeck) – Constanti – Th v Aquino – Loyola etc (Gegenbewegung in Sekten) c) Sophistische Überleitung heute: Mater et Magistra (Herder 92)³⁶⁰

[K/59]

Ad Hegel u Religion

Gespräche bei Altenstein, ob Christentum 20 oder 50 Jahre dauern wird. (Treitschke III 401)³⁶¹

[K/8]

Gott in moderner Philosophie

Hegel über Leibniz: "Gosse, worin alle Widersprüche zusammenlaufen". Gesch. d. Philosophie III 472³⁶²

[M/1]

Das Fascinierende um Menschen Jesus Burckhardt Briefe 92³⁶³ (nicht Religion 93)³⁶⁴

[K/55]

Ad Religion < > } *Das Fascinierende* an Jesus (auch Franciskus) a) Schillern zwischen Diesseits u Jenseits, mit Praevalenz v jenem b) ethischer Demokratismus (Ausführen) – Dazu: Sokrates (auch Spinoza) als Parallele b) seit Kierkegaard: Christen in *unchristlicher Welt*. (Schon bei Pontoppidan, bis Bernanos, H. Porrin etc) - natürlich auch R. Schneider etc, aber hier rückwärtsgewandte, als "tragische" Weltanschauung

[R/8]

Mat. 19.30 *Primeiro-último*

20.16 Profissões - escolhidas 23.15 raça

[R/1]

Karl Barth sobre teologia católica hoje: “maravilhoso forte movimento ... para Jesus Cristo” Fr. A. Z. 1967.17/X³⁵⁹

[R/5]

ad *necessidades religiosas*

Sociedade (pela manipulação) transcendente e incognoscibilidade. Adaptação: relativ. Necessidade, autêntica, porque puro particular. (Onde necessário: velada pelo neopositivismo, arte moderna, papel da apologética do novo individual) Segue prestígio de consumo

[K/60]

ad *cristianismo e Novo Testamento*

Esperar d Apocalipse b) não acontecer (Overbeck) – Constanti – Th d Aquino – Loyola etc (contramovimento nas seitas) c) transição sófistica hoje: Mater et Magistra (Herder 92)³⁶⁰

[K/59]

Ad Hegel e religião

Fala de Altenstein se o cristianismo duraria 20 ou 50 anos. (Treitschke III 401)³⁶¹

[K/8]

Deus na filosofia moderna

Hegel sobre Leibniz “Sarjeta para a qual todas as contradições convergem”. Gesch. d. Philosophie III 472³⁶²

[M/1]

O fascinante no Jesus humano Burckhardt Briefe 92³⁶³ (não religião 93)³⁶⁴

[K/55]

Ad religião < > } *O fascinante* em Jesus (também Francisco) a) opalescência entre vida terrena e o para-além, com prevalência daquele b) democratismo ético (explicar) – para isso: Sócrates (também Spinoza) como paralelo b) desde Kierkegaard: cristão em um *mundo não-cristão* (já em Pontoppidan, até Bernanos, H. Porrin etc) naturalmente também R. Schneider etc, mas aqui recuo ágil, como visão de mundo “trágica”

[X/5]

Kierkegaard modernisiert die altprotestantische Ontologie; d. h. konstruiert zu ihr (und *ausschliesslich* zu ihr) eine sehr moderne Psychologie (Schleiermacher in Dekadenz umgesetzt, jedoch im fundamentalen “Weltbild” mit orthodoxem) Entwicklung: ursprüngliche “Stadien“, die von Anfang an religiös angelegt (Verzweigung, Reue in “Entweder-Oder“) verschwinden allmählich, parallel mit dem Fallenlassen der Annahme, daß Christentum real existiert. Aber Ontologie bleibt Heidegger übernimmt die ganze religiös xxx (diese Ontologie voraussetzende) Anthropologie ohne diese Voraussetzung. Natürlich: Endstadium auch bei K. religiös-ethisch (Parallele zu Dostojewski)

[X/2]

Schwimmen über einer Tiefe von 70.000 Faden (Frater Taciturnus in *Stadien auf dem Lebensweg* 411³⁶⁵ auch Nachschrift I 279³⁶⁶ “erst da Gott finden” ibd 305³⁶⁷ Kierkegaard gegen Hegel: *Ende eines Kompromisses: Desanthropomorphisieren im Dienst d. Theologie* (Sokrates gegen Platon Nachschrift 1280/1³⁶⁸ Anm Aber Zeit: Religion - *Bedürfnis* (Synthese von Romantik u Feuerbach)

[X/3]

Bedeutung des Aesthetischen bei Kierkegaard

- a) irdisch-kreatürlich (endliche Teleologie. Nachschrift II (4)³⁶⁹
- b) von Person getrenntes Werk Problem der “Dichterexistenz“
- c) ästhetisch leben (Tagebuch des Verführers xxx) Beziehung zu Religion: Dialektik der “Konkurrenz” (d. h. Nähe u Gegensatz. Romantik u moderne Kunst)

[K/96]

Ad Religion – Ethik Spätes Altertum: der Weise u d *Heilige* Demokratisch, weil ohne Rücksicht auf Abstammung etc; individuell: aristokratisch (Gnosis: Hyliker, Psychiker, Pneumatik; Christentum dagegen, aber “Aristokratie” in Praedestination – Protestantismus, Sekten) Nur Marxismus als verwirklichte Demokratie (Rückfall: Stalin)

[K/31]

ad Religion

Ganz neue Grundlage seit Kepler u Galilei (Dilthey Erlebnis u Dichtung 316 f³⁷⁰

[X/5]

Kierkegaard moderniza a antiga ontologia protestante; isto é construiu para ela (e *exclusivamente* para ela) uma psicologia muito moderna (Schleiermacher se move na decadência, contudo com ortodoxos na “imagem de mundo” fundamental) desenvolvimento: “estágios” originários, do início aplicado ao religioso (desespero, remorso em “ou-ou”), desaparece gradualmente, paralelo com a queda da suposição de que a real cristandade existe. Contudo ontologia posta por Heidegger aceita todo o religioso xxx (a ontologia pressuposta) antropologia sem este pressuposto. Naturalmente: estágio final também em K. ético-religioso (paralelo a Dostoiévski)

[X/2]

Nadar sobre um abismo de 70.000 braças (Frater Taciturnus em *estágios no percurso da vida* 411³⁶⁵ também Nachschrift I 279³⁶⁶ “apenas encontrar Deus” ibd 305³⁶⁷ Kierkegaard contra Hegel: *fim de um compromisso: desantropomorfizar a serviço da teologia* (Sócrates contra Platão Nachschrift 1280/1³⁶⁸ Obs mas tempo: religião-*necessidade* (síntese de romântico e Feuerbach)

[X/3]

Significado do estético em Kierkegaard

- a) deste mundo e da criatura (teleologia finita Nachschrift II (4)³⁶⁹
- b) destacada da pessoa problema da obra da “existência do autor”
- c) vida estética (Tagebuch des Verführers xxx) relação com religião: dialética da “concorrência” (i. e. proximidade e oposição. Romântico e arte moderna)

[K/96]

Ad religião – ética Antiguidade tardia: o democrático sábio e o *santo*, porque sem consideração com a origem etc; individual: aristocrático (Gnosis: somático, psíquico, penumático, cristianismo contra, mas “aristocracia” na predestinação – protestantismo, seitas) Apenas marxismo como real democracia (recaída: Stalin)

[K/31]

ad Religion

Completa nova base desde Kepler e Galileu (Dilthey Erlebnis u Dichtung 316 f³⁷⁰)

[K/1]

ad *Religion u Naturwissenschaft*

(Ontologie, Weltbild etc) “Der ganzen modernen Weltanschauung liegt die Täuschung zugrunde, daß die sogenannten Naturgesetze die Erklärungen der Naturerscheinungen seien” Wittgenstein Tractatus 6.371/Märkus 210 f³⁷¹

[T/10]

Trennung von *menschlicher Welt von Naturwelt*: Rückkehr zur “sublunaren” “Geborgenheit” In Krise: Universum: sublunaren Aspekt (Einstein, Atomphysik) – Kontinuität mit Theologie

[K/10]

Augustinus nicht “Fleisch” Ursache der Sünde (Platon!), sondern *Hochmut* (Teufel ohne Fleisch). Gottesstaat XIV Kap 3/ II 163³⁷² Nach dem Menschen oder nach Gott leben (ibid Kap 4/ 164 ff)³⁷³ *Nachsehen!*

[K/18]

Ad Atheismus u Ethik. Bossuet: “Il y a un athéisme caché dans tous les coeurs, qui se repand dans toutes les actions: on compte Dieu pour rien” (Pensées détachées II. Zit franz. Enzykl. 89)³⁷⁴

[K/13]

Jenseits immer *juristische Struktur* gleichviel ob kasuistisch (Dante) oder “Kadijustiz” (Konsequente Praedestination) Also: auch Moral-Tendenz zu Diesseits. (Magie als Ursprung, im juristischen Transformationen des magischen Mittelalters)

[K/12]

Das Spezifische am Christentum

Andere Religionen (anscheinend auch Brahmanismus u Mohammedismus) erwachsen organisch aus nationalen Sitten. Christentum (vielleicht auch Buddhismus): im Kampf gegen sie. Die Transcendenz im Übernationalen (Mensch heitlichen) Darum ist – nach Konstantin – Anpassung an Sitten: Kompromiß (Reform: Rückkehr zur Urquelle prinzipiell unmöglich; nur neue Form des Kompromisses (Luther, Calvin) Dabei freilich: Herauswachsen aus Übernationalität des römischen Imperiums (das Antinationale: gegen jüdischen Ursprung) und Hineinwachsen in entstehende Weltmacht – Internationalität – Ausarbeiten!

[K/1]

ad *Religião e ciência da natureza*

(Ontologia, imagem de mundo etc.) “Toda a moderna concepção de mundo repousa sobre a base da decepção de que as assim conhecidas leis da natureza sejam o esclarecimento dos fenômenos naturais” Wittgenstein Tractatus 6.371/Märkus 210 f³⁷¹

[T/10]

Separação do mundo humano do mundo natural: retorno para a “segurança” “sublunar” Em crise: universo: aspecto sublunar (Eistein, Física Atômica) – continuidade com teologia

[K/10]

Agostinho “carne” não origem do pecado (Platão!), mas *arrogância* (diabo sem a carne). Teocracia Kap 3/ II 163³⁷² Viver para o humano ou para Deus (ibid Kap 4/ 164 ff)³⁷³. *Revisar!*

[K/18]

Ad ateísmo e ética. Bossuet: “II y a un athéisme caché dans tous les coeurs, qui se repand dans toutes les actions: on compte Dieu pour rien” (Pensées détachées II. Zit franz. Enzykl. 89)³⁷⁴

[K/13]

O além sempre semelhante à *estrutura jurídica* ou casuística (Dante) ou Cadi-Justiça (Consequente predestinação) Portanto: também tendência-moral para o terreno. (Magia como origem, transformações jurídicas dos mágicos na Idade Média)

[K/12]

O específico do cristianismo

Outras religiões (pelo viso também brahmamismo e mohamedismo) resultaram organicamente de costumes nacionais. Cristianismo (talvez também budismo): em luta contra eles. A transcendência em supranacionais (humano integrado) por isso é – após Constantino – adaptação aos costumes: compromisso (Reforma: recuo à fonte primária por princípio impossível; apenas nova forma do compromisso (Lutero, Calvino) Daqui evidentemente: brotou (*Herauswachsen*) da supranacionalidade do Império Romano (o antinacional: contra a origem judaica) e se desenvolveu (*Hineinwachsen*) como surgir de um poder mundial – internacionalidade – Elaborar !

[K/17]

ad *religiöse Lage der Gegenwart*

Maritain über Luther: "Pélagianisme de désespoir!" (Trois Réformateurs. 25)³⁷⁵

[K/115]

ad *Religion u Moral*

- 1) Werke in vorkonstantinischen Periode
- 2) Nach Konstantin. Gipfel bei Th v Aquino
- 3) Reformationskrise. Große Typen: Jesuiten – Calvinismus – Jansenismus u Innerlichkeit
- 4) Aufklärung. (Barth <) Groethuysen) Rousseau u Kant Offenbarung. Naturreligion u positive. Religion als Randgebiet der - rationalen - Moral.
- 5) Gegenwart: Randgebiet der - irrationalen – Moral – Charakteristisch Kant über Abrahamopfer (Streit d. Fakultäten V HO)³⁷⁶

[K/58]

Religiöses Bedürfnis. Trennung von "Heil u Seele" u Gottesreich. Von Anfang an, ständig Konflikte (revolutionäre Sekten seit Joachim da Fiore, Jansenismus – Pietismus etc) P. Schütz über Marx (Parusia 91)³⁷⁷ Je mehr "Reich Gottes" als gesellschaftliche Kategorie verblaßt, desto mehr tritt bloßes Bedürfnis in Vordergrund. – Ausarbeiten a) innerer Widerspruch b) Typologie der Lösungen

[R/7]

Schütz Parusia – Einsamkeit 375³⁷⁸

Bounaiuti. Imperium - orientalisches – Antichristentum 173³⁷⁹

Paulus: nicht wissen xxx³⁸⁰ Sociales Dilemma³⁸¹

[K/14]

Spontan ichbezogene *Teleologie* u Religion

"Im Grunde gibt es für den wahrhaft religiösen Menschen keinen Zufall. In allem, was ihm begegnet, sucht er ein Zeichen zu erblicken, das ihm den anbetungswürdigen Willen Gottes offenbart" Ignaz Zargerle, "Der Dichter vor der Wirklichkeit" Wort in der Zeit VII Jahrgang Februar 1961 27³⁸²

[K/2]

Problem des Nein in heutiger Religiosität (Wie immer: unbestimmt <)> Nein zu Entfremdung und Manipulation. Kann aber zweierlei sein a) reale Opposition: Anerkennung der gesellschaftlichen Notwendigkeit. Versuch ethische Integrität d. Persönlichkeit zu retten, b) Auffassen als Schicksal. Versuch Ich-Teleologie zu retten. Religiöses Bedürfnis zu voller Abstraktheit. Christentum (oder andere Religion) als ästhetisch-religiöses Vorbild (Trost)

[K/17]

ad *lugar religioso do presente*

Maritain sobre Lutero “Pelagismo de desespero” (Trois Reformateurs. 25)³⁷⁵

[K/115]

ad *Religião e moral*

- 1) obras no período pré-constantino
- 2) após Constantino. Apogeu em Th de Aquino
- 3) crise da reforma. Grandes tipos: jesuítas – Calvinismo – Jansenismo e interioridade
- 4) iluminismo (Barth <)) Groethuysen) Rosseau e Kant revelação. Religião natural e positiva. Religião como limite da moral – racional.
- 5) presente: limite da moral – irracionalista caracteristicamente Kant sobre oferenda de Abraão (Streit d. Fakultäten V HO)³⁷⁶

[K/58]

Necessidades religiosas. Separação de “bem-estar e alma” e reino de Deus. Desde o início, conflitos permanentes (seitas revolucionárias desde Joachim da Fiore, Jansenismo – Pietismo etc) P. Schütz sobre Marx (Parusia 91)³⁷⁷ Quanto mais evanesce como categoria social o “Reino de Deus”, tanto mais vem a primeiro plano a pura necessidade. – Elaborar a) contradição interna b) tipologia das soluções

[R/7]

Schütz Parusia – solidão 375³⁷⁸

Bounaiuti. Império – oriental – anticristianismo 173³⁷⁹

Paulo: não conhecer xxx³⁸⁰ dilema social³⁸¹

[K/14]

Teleologia espontânea egocêntrica e *religião*

“Basicamente não há para o humano verdadeiramente religioso qualquer chance. Por tudo o que ele encontra, procura ver um sinal que revele o adorável desígnio de Deus” Ignaz Zargerle, “Der Dichter vor der Wirklichkeit” Wort in der Zeit VII Jahrgang Februar 1961 27³⁸²

[K/2]

Problema do não na religiosidade de hoje (como sempre: impreciso <)> não para alienação e manipulação. Pode, contudo, ser duas coisas distintas a) real oposição: reconhecimento da necessidade social. Tentativa de resgatar integralidade ética da personalidade, b) entender como destino. Tentativa de resgatar uma teleologia-eu. Necessidade religiosa em direção à completa abstratividade. Cristianismo (ou outra religião) como exemplo estético-religioso (consolo)

[K/19]

Gegen vulgäre Auffassung der Religion Ihre gesellschaftliche Fundiertheit schließt “genuin religiöse” psychologische Entstehung nicht aus. Jeder Zeitwandel löst solche - religiöse – Erlebnisse aus. Sie gelte aber – gerade in Krisenzeiten – massenhaft. Dann aber (mit social bestimmten) Grenzen gerade Luther u Calvin Religionen gestiftet haben u nicht Karlstadt etc bringt sociale Determination heraus. Sie ist die Frage (socialer Auftrag) und von Konvergenz der Antwort hängt Schicksal ab (Beschränkung des Lutheranertums auf die damals kapitalistisch rückständigen Länder (Auch von Troeltsch zugegeben)

[K/20]

Unvermeidlichkeit d. Kirche (bis zu Weltreligion) In Sekte genuine Religiosität aber entweder eschatologisch (was notwendig kurzlebig) oder sozial einflußlos. Erst in Kirche Ergänzung realer gesellschaftlicher Macht durch Manipulation (eventuell sehr verblaßten) religiösen Bedürfnisses
Ausführen!

[K/22]

Mystik (im Gegensatz zu Magie) unmittelbare Verknüpfung v Einzelseele u Gott a) historische (antifeudale) Bedeutung notwendige Auflösung der (theologischen) Objektivität Gottes. Rilke: “Was wirst du tun, Gott, wenn ich sterbe? ... “(II 198)³⁸³ Schon Angelus Silesius: “Ich weiß, daß ohne mich Gott nicht ein Nu kann leben ... “ (A. S. 2)³⁸⁴ Dazu Gespräch über ihn im “Grünen Heinrich” Da jede Kirche: magisch. Hier – immer klarer hervortretende Alternative (Kompromiß im Protestantismus. Kierkegaard) Diese Frage – subjektives u objektives Jenseits kompliziert sich Zusammenbruch des teleologischen Weltbilds (seit Galilei) b) Unterstützung des Bestehenden (Luther - Münzer)

[K/26]

Kloster u rationale Wirtschaft

Max Weber Wirtschaftsgeschichte 295 , 311³⁸⁵ (auch ethische Probleme), 138³⁸⁶ (Konkurrenz zu Zünften) 172³⁸⁷ Hütten

[K/9]

Ausführen: Konsequent: *böser Weltschöpfer* oder *deus absconditus* (negative Theologie) Sonst – gesellschaftlich bedingte Kompromisse (Vor allem Erbsünde) Augustinus, Th. v. Aquino etc - Neue Wendung d. Magie: richtige Ansicht – Heil d. Seele; falsche: Verdammnis

[K/19]

Contra concepção vulgar da religião sua fundamentabilidade social não exclui origem psicológica “genuína religiosa”. Cada mudança de tempo aciona tais experiências – religiosas. Elas são válidas se – mesmo em tempos de crise – de massas. Contudo traz à tona determinação social que apenas tenha causado limites (com determinar social) em Lutero e Calvino e não em Karlstadt etc. É a questão (direção social) e da convergência da reposta depende o destino (restrição do luteranismo aos países capitalistas atrasados de então (mesmo von Troeltsch reconhecera)

[K/20]

Inevitabilidade d. igreja (até religião mundial) Na seita genuína religiosidade mas ou escatológica (era necessariamente de vida curta) ou influência social. Apenas na igreja realização real do poder social através da manipulação (eventualmente muito evanescida) das necessidades religiosas

Explicar!

[K/22]

Mística (em oposição à magia) imediata ligação da alma individual e Deus a) significado (antifeudal) histórico da necessária desagregação da (teológica) objetividade de Deus. Rilke: “O que vai fazer, Deus, quando eu morrer?... “(II 198)³⁸³ Já Angelus Silesius: “Eu sei que sem mim Deus nem um instante pode viver...” (A. S. 2)³⁸⁴ daqui conversa sobre ele em “Grünen Heinrich”, lá toda igreja: mágica. Aqui: – sempre proeminente alternativa mais clara (compromisso no protestantismo. Kierkegaard) Esta questão – o além subjetivo ou objetivo se complicou com o colapso da imagem de mundo teleológica (desde Galileu) b) apoio ao existente (Luther - Münzer)

[K/26]

Monastério e economia racional

Max Weber *Wirtschaftsgeschichte* 295 , 311³⁸⁵ (também problema ético), 138³⁸⁶ (concorrência entre guildas) 172³⁸⁷ Siderurgia

[K/9]

Levar avante: consequente: *criador do mundo* mau ou *deus absconditus* (teologia negativa) de outro modo – compromisso socialmente motivado (especialmente pecado original) Augustinho, Th d. Aquino etc – nova virada da magia: visão correta – bem-estar da alma; falso: danação

[K/47]

Antinomien v Religion u Ethik

- a) Magie (Verschwinden, wenigstens. Verblässen selbst v Moral)
b) Jenseits a) Im Diesseits volle Entfaltung unmöglich (Erbsünde) b) im Jenseits: kein Hindernis, keine praktische Vollendung. Kontemplation (Unterschied zu diesseitiger Hervorhebung v Kontemplation ausarbeiten (z. B. nicht dianoethische Ethik. Aber auch in mystischer Kontemplation: Gegensatz u Kampf) – Am konsequentesten Buddhismus: Vernichtung der Individualitäten
ad a) Mord u Ethik (damit Spannung) am stärksten: Perioden v eschatologischen Erwartungen

[K/48]

Antinomien v Religion u Ethik

- Jenseits: reine Gesinnungsethik (d. h. Moral - aber auf ganzen Menschen, ganzes Verhalten bezogen) Folgen: nur jenseitige (Vossler I 1 47/8)³⁸⁸
c) Utilitarismus des Jenseits (Unterschied zu Griechen (Eudaimonie) α) Unsicherheit Betonung der Diesseitigkeit β) Socialphilosophie (auch damit diesseitig. Unterschied von citizenhafter “Belohnung” u individueller Jenseitspraemie d) Aufgabe “Werk” in christlichem Sinn von T Aufgabe “Werk” in christlichem Sinn von Tat in ethischem Sinn genau scheiden!

[K/70]

Immanente und transcendente Ethik

Von religiöser Transzendenz aus werden die irdischen Kategorien stets entwertet (d. h. auf das niedrigste “kreatürlichste” Niveau nivelliert) Konkret immanente Ethik hier Pflicht des kategoriellen Konkretisierens. So S. Weil: “Schwerkraft u Gnade” 147³⁸⁹ über Liebe. Analyse der Begriffe: Schönste, “was man nicht ändern wollen kann” Ja, aber Dialektik der wirklichen Liebe u Ehe (Kitty Lewin bei Tolstoj), auch “Besitzen heißt besudeln” hat richtigen Aspekt, aber von S. W. so verallgemeinert, daß vulgarisiert. (Ausfuhren!) S. Weil “Schwerkraft u Gnade” N 2/3³⁹⁰

[K/102]

Kant: Absurdität von “*verschiedenen Religionen*” (wie verschiedene Moralen) Ewiger Frieden. VI 181 Anm³⁹¹

[K/90]

Offenbarung

Doppelte Dialektik (freilich: Zusammenhang!)

a) gnoseologisch-ontologisch

b) praktisch (ethisch) “Nachfolge“

Gesellschaftlichkeit in beiden, aber Verschiedenheit + Zusammenhang

[K/47]

Antinomias de religião e ética

- a) magia (o desaparecer, finalmente) esmaecer mesmo frente à moral
- b) o além a) na vida terrena impossível plena realização (pecado original)
- b) no além: nenhum obstáculo, nenhuma perfeição prática. Contemplação (para elaborar diferença da ênfase da contemplação nesta vida (p. ex. ética não dianoética. Mas também na contemplação mística: oposição e luta) – o mais consequente budismo: aniquilação das individualidades
- ad a) morte e ética (com a tensão) o mais intenso: períodos da espera escatológica

[K/48]

Antinomia da religião e ética

O além: pura ética de convicção (i.e. moral – mas com ser humano inteiro se refere a comportamento como um todo) Consequências: apenas o além (Vossler I 1 47/8)³⁸⁸

- c) Utilitarismo do além (diferença dos gregos (eudamonia) α) ênfase insegurança do terreno β) filosofia social (também com terreno. Diferença da “gratificação” do citoyen-responsável e prêmio individual do além d) tarefa “obra” em sentido cristão precisamente divorciado do ato em sentido ético!

[K/70]

Ética imanente e transcende

Da transcendência religiosa as categorias terrenas são sempre desvalorizadas (isto é são niveladas ao nível das menores “criaturas”) Aqui ética concreta imanente dever insuperável o concretizar categorialmente. Tal como S. Weil: “Schwerkraft u Gnade” 147³⁸⁹ sobre amor. Análise dos conceitos: Schönste “o que não se pode querer mudar” Contudo dialética dos reais amor e casamento (Kitty Lewin em Tolstoi), também “Possuir significa se sujar” possui aspecto correto, mas em S. W. tão generalizado que vulgarizado. (Explicar!) S. Weil “Schwerkraft u Gnade” N 2/3³⁹⁰

[K/102]

Kant: absurdidade de “*diferentes religiões*” (como diferentes morais). Ewiger Frieden. VI 181 Anm³⁹¹

[K/90]

Revelação

Dupla dialética (claro: conexão!)

- a) gnoseológica-ontológica
- b) prática (ética) “imitação”

Socialidade em ambas, mas diversidade + conexão

[K/78]

Ad Offenbarung

Anklage gegen Johanna. Heer Dritte Kraft 28³⁹²

[Z/1]

GESELLSCHAFT IN USA

Gegenwart als Ideal (Whyte 65)³⁹³ keine Perspektive 363³⁹⁴ Unbehagen u Gleichgültigkeit (Wright Mills Imagination 11, 41)³⁹⁵

Herrschaft Anwendung gegen Wissenschaft (Whyte 78/9)³⁹⁶ Wissenschaft ibd 190 ff³⁹⁷ Grundlagenforschung Wright Mills Elite 243³⁹⁸

Neue Mitte: “well-rounded man” Whyte 127³⁹⁹ Menschen v Institutionen geformt Wright Mills Elite 119⁴⁰⁰ Angestellte (Kafka!) Wright Mills Büro 20/1⁴⁰¹ Entfremdung ibd 256⁴⁰² “Technische” Unmenschlichkeit “Konsequenz” 113⁴⁰³ Unmoral und Religion “Konsequenz” 173, 202⁴⁰⁴

Macht d Altersgenossen (Herd) Lonely Crowd 93⁴⁰⁵ (Sexuell 97 <)> 172⁴⁰⁶

Illusionen (Small Towns 302/310)⁴⁰⁷ Automatisieren v Person (ibd 3 1 5/6)⁴⁰⁸ Angst (ibd 3 1 6)⁴⁰⁹ Selbstbetrug (ibd 320)⁴¹⁰

Gruppe: bestimmt, was Bedürfnis, was Luxus (Whyte 289)⁴¹¹ Ohne Allgemeinheit (Small Towns 299, 301)⁴¹² keine “privacy” (Whyte 323 f⁴¹³) (Zauberflöte 326)⁴¹⁴ Strafe für “Abweicher” 330/1⁴¹⁵

Angst vor Einsamkeit Lonely Crowd 183, 186)⁴¹⁶ “Sincerety” ibd 224 f⁴¹⁷ Beifall, nicht Ruhm ibd 270⁴¹⁸ Bohemia ibd 295 f⁴¹⁹ Freundschaftsmarkt 318 Lonely Crowd)⁴²⁰ Ohnmacht des Durchschnittsmenschen Wright Mills Elite 15⁴²¹[:Fromm 4/5:]⁴²² (Schicksal[:ibd 36:]⁴²³ Mensch nur Zuschauer Büro 438⁴²⁴ W. M. Konsequenz 23/5⁴²⁵ Verfall d. Demokratie Konsequenz 48/51⁴²⁶ “Tragik” 5819⁴²⁷ Elite gebildeartig. Wright Mills Elite 29⁴²⁸ Schicksal: soziologisch 36 f⁴²⁹ Reine Kontinuität ohne Prinzip 37⁴³⁰ Prestige-”Konzern” Wright Mills Elite 112⁴³¹ Managertum: Geist d. Kapitalismus bürokratisiert. Wright Mills Büro 155⁴³² (Macht, Beeinflussen 157/8)⁴³³

Intelligenz: Phasen d. Entwicklung Wright Mills Büro 200/15⁴³⁴ Bedürfnis an Ideologien ibd 215/25⁴³⁵

Mode Wechsel als Fetisch Wright Mills Büro 23 5⁴³⁶ “psychologische Schrottreife” (Packard 18)⁴³⁷ (frühere Generation) Veblen 166/9⁴³⁸

Manipulation Wahl (156/ Packard 148, 155) 1960 (ibd 180)⁴³⁹ moralische Fragen (ibd 198, 202, 203 Niebuhr)⁴⁴⁰ “human engineering” (ad Stalin: Ingenieure d Seele) Packard 182⁴⁴¹

[K/78]

Ad revelação

Acusação contra Joana. Heer Dritte Kraft 28³⁹²

[Z/1]

SOCIEDADE NOS USA

Presente como ideal (Whyte 65)³⁹³ nenhuma perspectiva 363³⁹⁴ mal-estar e indiferença (Wright Mills Imagination 11, 41)³⁹⁵

Aplicação controle contra ciência (Whyte 78/9)³⁹⁶ Wissenschaft ibd 190 ff³⁹⁷ pesquisa básica Wright Mills Elite 243³⁹⁸

Novo meio: “homem sem arestas” Whyte 127³⁹⁹ humano moldado pelas instituições Wright Mills Elite 119⁴⁰⁰ Empregados de colarinho branco (Kafka!) Wright Mills Büro 20/1⁴⁰¹ Alienação ibd 256⁴⁰² “Técnica” “consequência” desumanidade 113⁴⁰³ Imoral e religião “consequência” 173, 202⁴⁰⁴

Poder d contemporâneos (Herd) Lonely Crowd 93⁴⁰⁵ (Sexual 97 <)> 172⁴⁰⁶

Ilusões (Small Towns 302/3)IO⁴⁰⁷ Automatizar de pessoa (ibd 3 1 5/6)⁴⁰⁸ medo (ibd 3 1 6)⁴⁰⁹ auto-engano (ibd 320)⁴¹⁰

Grupo: determinado, quer por necessidade, quer por luxo (Whyte 289)⁴¹¹ nenhuma generalidade (Small Towns 299, 301)⁴¹² nenhuma “privacy” (Whyte 323 f⁴¹³ (Flauta mágica 326)⁴¹⁴ Punição por “desviar-se” 330/1⁴¹⁵ Medo frente à solidão Lonely Crowd 183, 186)⁴¹⁶ “Sincerety” ibd 224 f⁴¹⁷ aplauso, não glória ibd 270⁴¹⁸ boêmio ibd 295 f⁴¹⁹ mercado de amizade 318 Lonely Crowd)⁴²⁰ Impotência do homem médio Wright Mills Elite 15⁴²¹[:Fromm 4/5:]⁴²² (destino[:ibd 36:]⁴²³ humano apenas expectador Büro 438⁴²⁴ W. M. Consequência 23/5⁴²⁵ decadência da democracia consequência 48/51⁴²⁶ “trágica” 5819⁴²⁷ Elite algo formado (*gebildeartig*). Wright Mills Elite 29⁴²⁸ Destino: sociológico 36 f⁴²⁹ Pura continuidade sem princípio 37⁴³⁰ “Consórcio-”de-prestígio Wright Mills Elite 112⁴³¹ managerismo: espírito d. capitalismo burocratizado. Wright Mills Büro 155⁴³² (poder, o influenciar 157/8)⁴³³

Intelligenzia. Fases d. desenvolvimento Wright Mills Büro 200/15⁴³⁴ necessidade de ideologias ibd 215/25⁴³⁵

Moda mudança como fetische Wright Mills Büro 23 5/⁴³⁶ “sucata psicológica” (Packard 18)⁴³⁷ (geração anterior) Veblen 166/9⁴³⁸

Manipulação Wahl (156/ Packard 148, 155) 1960 (ibd 180)⁴³⁹ questão moral (ibd 198, 202, 203 Niebuhr)⁴⁴⁰ “human engineering” (ad Stalin: Engenheiro de Alma) Packard 182⁴⁴¹

Konservatismus ohne Ideologie Wright Mills Elite 191[:382:]⁴⁴² Keine Vorstellung v Frieden 208, *post festum* 32B⁴⁴³ Spitze u Vakuum 34S⁴⁴⁴[:Höhere Unmoral 389 f⁴⁴⁵ Freiheit früher u jetzt 3SO⁴⁴⁶ Organisierte Verantwortungslosigkeit 3S6⁴⁴⁷ Büro 464⁴⁴⁸ Einzelsorge u Allgemeinheit 361 f.]⁴⁴⁹ “Glück” Wright Mills Elite 164⁴⁵⁰ Rationalismus ohne Vernunft Wright Mills “Konsequenz” 236⁴⁵¹ Autoritäten im Kapitalismus (Fromm 152)⁴⁵²

[Z/18]

SITTE UND RECHT (-VERHALTEN)

Sitte heute (amerikanische Soziologie)

[K/66]

Unterschied u Gegensatz v Recht u Moral (in verschiedenen Klassen u selbe Klasse)

[K/29]

Absterben des Staats (Antidührung[:291/2:] Verwaltung v Sachen): Recht⁴⁵³

[O/193]

“normative Kraft des Faktischen” (Jellinek 3 3 8)⁴⁵⁴ Rechtsfetisch auflösen

[O/215]

Notwendigkeit des Einverständnisses – schon Arbeit. Komplizierung durch Aufgabe u Mitteilungsformen (Alternativen in höheren Reflexsystemen a) treffen oder verfehlen b) Wahrheit u Lüge (Zusammenhang mit neuem – sozialen – Gattungsbegriff; Problem der “Anpassung” an “zweite Natur“)) Offen bei Griechen

Wert u Preis als Modell für höhere Sphaeren (Wert fetischisiert a) Typus Platon b) Kant-Hartmann-Scheler): unmittelbare Einzelurteile (treffend oder falsch) zu darüber hinausgehende gesellschaftliche Kategorie xxx Relative Selbstständigkeit des Werts ~ Grund d. Fetischisierung[:Wandlungsformen später, aber immer mitgesetzt:]

Hinweis auf gesellschaftliche Objektivität[:a:] Wandel, Differenzierung mit Differenzierung der Gesellschaft: konkurrierende Systeme des Einverständnisses (z. B. Familie als Einheit, später Gegensätze innerhalb d. Familie) b) an sich immer – viel früher vorhanden als Bewußtsein darüber c) Konkurrenz von vorübergehend u dauernd d) von Schicht (Klasse, Gruppe etc)

e) nach Differenzierung (Sitte, Moral, Ethik) als Bestimmungsmomente

Conservantismo sem ideologia Wright Mills Elite 191[:382:]⁴⁴² nenhuma representação de paz 208, *post festum* 32B⁴⁴³ Cume e vácuo 34S⁴⁴⁴[:a-moral mais elevada f⁴⁴⁵ liberdade antes e agora 3SO⁴⁴⁶ Irresponsabilidade organizada 3S6⁴⁴⁷ Büro 464⁴⁴⁸ Preocupação individual e generalidade 361 f:]⁴⁴⁹ “sorte” Wright Mills Elite 164⁴⁵⁰ Racionalismo sem razão Wright Mills “consequência” 236⁴⁵¹ Autoridades no capitalismo (Fromm 152)⁴⁵²

[Z/18]

COSTUME E DIREITO (- CONDUTA)

Costume hoje (sociologia americana)

[K/66]

Diferença e oposição entre Direito e Moral (em diferentes classes e mesma classe)

[K/29]

Fenecer do Estado (Antidühring[:291/2:] Administração das coisas): Direito⁴⁵³

[O/193]

“Força normativa dos fatos” (Jellinek 3 3 8)⁴⁵⁴ Fetische do Direito resolvido

[O/215]

Necessidade do consenso – já trabalho. Complicação pela função e formas de comunicação (alternativa em sistemas de reflexo mais elevados a) acertar ou errar b) verdade e mentira (conexão com novos – sociais – conceitos genéricos; problema da “adaptação” à “segunda natureza”)) Inaugurado pelos gregos

Valor e preço como modelo para esferas mais elevadas (valor fetichizado a) Tipo de Platão b) Kant-Hartmann-Scheler): imediato juízo individual (acertado ou falso) ir para além categoria social xxx relativa independência do valor ~ base d. fetichização[: formas de conversão mais tarde, mas sempre colocadas junto:]

Advertência sobre objetividade social[:a:)] mudança, diferenciação com diferenciação da sociedade: sistemas de consenso concorrentes (p. ex. família como unidade, mais tarde oposições no interior da família) b) em si sempre – em existência mais cedo que na consciência c) concorrência do temporário e do constante d) de camadas (classe, grupo etc)

e) para diferenciação (costume, moral, ética) como momento de determinação

f) spätestens: Individuell (Übergehen in Gewissen, Selbstbewußtsein etc.), obwohl nie Verlust der Gesellschaftlichkeit (auch hier an sich früher als Bewußtsein; Shakespeare gibt z. B. Coriolanus einen persönlichen Aristokratismus; ursprünglich nur an sich)

Sitte, Konvention etc. fließen M. Weber Rechtssoziologie N.1/2⁴⁵⁵

Formales Recht (auch Bürokratie) gegen Ständestaat Weber Rechtssoz N2⁴⁵⁶ Römisches Recht: Ohne Analogie Wirtschaft u Gesellschaft Politik als Beruf 413⁴⁵⁷[;Marx über Zentralismus – Bürokratie XVII. 539 f⁴⁵⁸:]

Antiformales in Recht (Geschworenen etc) Weber Rechtssoz. 28 ⁷⁴⁵⁹

Bei Rechtsentwicklung (Charisma – Alltag) Wirtschaft: führend Weber Wirtschaft u Gesellschaft 148⁴⁶⁰ Gesetze ohne Moral: Einladen zur Überschreitung Wright Mills Elite 394⁴⁶¹ (Marx V 160)⁴⁶²

[K/66]

Unterschiede und Gegensätze zwischen Recht u Moral

a) herrschende u unterdrückte Klasse. (Alle Komplikationen analysieren!)

b) in selber Klasse: verschiedene Art der socialen Determination bringt notwendig Divergenzen hervor. (Wechselwirkungen studieren!)

[K/29]

ad Absterben des Staats

Recht hört auf, aber nicht “Verwaltung v Sachen[und Leitung v Produktionsprozessen:] (Antidührung 291/2)⁴⁶³ Dieses “Recht” verliert aber jedes “Geheimnis“: das ununterbrochene Transzendieren in Moral, Auftauchen aus Moral, Sitte etc. Reine gesellschaftliche Technik (Dies früher unmöglich)

[O/193]

Ad Recht

Genau studieren, was Jellinek “normative Kraft des Faktischen” meint (Allg. Staatslehre 3 3 8)⁴⁶⁴ Natürlich – wie überall bei Juristen – Rechtsfetisch aufzulösen!

[O/215]

Notwendigkeit des *Einverständnisses* für Menschen (Sichtbar bei Aristoteles) Aus Unsicherheit des Signalsystems 2. Bei Gleichmässigkeit der Umstände. Bedürfnis steigend (Etappen) Beispiel: bei Tausch: Gebrauchswert. Feste Sitte – noch halb Tierreich. Individuelles Handeln - das doch an beiden Enden gesellschaftlich ist und wertlos (schädlich) wird, wenn verfehlt (aber: *via* individuelles Bewußtsein)

Hier qualitative Steigerungen. Höhere Stufe: Klassendifferenzierung Ausarbeiten!

f) o mais tarde: individual (passar para consciência, consciência-de-si etc), embora nunca perda da socialidade (também aqui em si anterior à consciência; Shakespeare p. ex. deu a Coriolano um aristocratismo pessoal; originalmente apenas em si)

Costume, convenção etc. conflui Weber Rechtssoziologie N.1/2⁴⁵⁵

Direito formal (também burocracia) contra Estado corporativo Weber Rechtssoz N2⁴⁵⁶ Direito romano: sem analogia economia e sociedade Politik als Beruf 413⁴⁵⁷[:Marx sobre centralismo – burocracia XVII 539 f⁴⁵⁸:] Antiformais no Direito (juri etc) Weber Rechtssoz. 28 ⁷⁴⁵⁹

No desenvolvimento do Direito (Carisma – cotidiano) economia: anterior a Weber Wirtschaft u Gesellschaft 148⁴⁶⁰ Lei sem moral: convidar à violação Wright Mills Elite 394⁴⁶¹ (Marx V 160)⁴⁶²

[K/66]

Diferença e oposição entre Direito e Moral

a) classe dominante e oprimida. (Analisar todas as complicações!)

b) na própria classe: diferentes modos de determinação social faz surgir necessidades divergentes. (Estudar interações!)

[K/29]

ad Fenecer do Estado

Direito termina, mas não “administração das coisas[:e gestão e processos de produção:] (Antidühring 291/2)⁴⁶³ Este “Direito” perde contudo todos os “segredos”: aqui o interrupto transcender em moral, o emergir na moral, costumes etc. Pura técnica social (esta antes impossível)

[O/193]

Ad Direito

Estudar precisamente o que significa a “força normativa dos fatos” de Jellinek (Allg. Staatslehre 3 3 8)⁴⁶⁴ Naturalmente – como acima de tudo entre os juristas – dissolver fetichismo do Direito!

[O/215]

Necessidade do *consenso* para humanos (visível em Aristóteles) da insegurança do sistema de sinalização 2. pela regularidade das circunstâncias. Necessidade crescente (etapas) exemplo: na troca: valor de uso. Costumes sólidos – ainda metade terrenos. Ato individual – que em ambas as extremidades sociais é e torna-se sem valor (prejudicial) se equivocado (mas: via consciência individual)

Aqui aumento quantitativo. Patamar mais elevado: diferenciação de classe.

Para elaborar!

[Z/20]

MORAL (KONFLIKT, GESINNUNG U FOLGE)

[K/63-L/1]

Stalin: Moral zurück zu Recht, statt vorwärts zu Ethik (Folgen: reservatio mentalis, Selbstbetrug etc, was bei Recht natürlich, bei Moral Verzerrung)

[K/62]

Sitte - Recht (Moral) - Ethik (Individuum u Gattung) Sondernote

[K/51]

Heute: Abschwächung d. Moral durch "neue Sitte", (Mode, Manipulation) Lonely Crowd

Unterschied u Gegensatz zu Recht (verschiedene Klassen, selbe Klasse)

[K/65]

Klassenmoral als historische Stufe (Antidührung 98)⁴⁶⁵

[K/64]

Sozialismus (Kampf ums Einzeldasein hört auf) Antidührung 294.⁴⁶⁶
(Marx: Vorgeschichte) Folgen: Sondernote

[K/27]

Moral d. Gegenwart a) action gratuite b) schlechter Heroismus
(Faschismusopfer, Vercors, Stalinismus)

[K/6]

Epoche d. Problematik d. Moral (Konflikt, Transcendieren zu Ethik)
Analysieren

[O/301, 0/302]

"Moderner" Rationalismus: Widerspruchslosigkeit (Bense 44)⁴⁶⁷ Macht
(45/6)⁴⁶⁸

[T/22-K/91]

Konflikt a) gegenwärtig u dauernd. Dialektik. (Forderung des Tages, Kettenglied) b) individuell u gesellschaftlich c) Niveau d. Gesellschaft v Familie bis Menschheit. (Nicht immer Wahl des Höheren ethisch höher)

[K/105, K/83]

Mensch (religiös): Endpunkt teleologischer Reihe; materialistisch: bei langer Vergangenheit (wichtig für Genesis): Ausgangspunkt von selbstgemachten (nicht beherrschten, nie völlig beherrschbaren) teleologisch gesetzten Kausalreihen (Individuum und Gattung)
Fortschritt historische Tatsache, auch wenn nicht alle Gründe geklärt

[Z/20]
MORAL (CONFLITO, MENTALIDADE E
CONSEQUÊNCIA)

[K/63-L/1]

Stalin: moral retorna ao Direito ao invés de avançar para a ética (consequência: reservatio mentalis, auto-enganação etc, foi pelo Direito naturalmente, quer pela distorção moral)

[K/62]

Costume – Direito (moral) – Ética (indivíduo e gênero) nota especial

[K/51]

Hoje: esgotamento d. moral através de “novo costume”, (moda, manipulação) Lonely Crowd

Diferença e oposição ao Direito (diferentes classes, mesma classe)

[K/65]

Moral de classe como patamar histórico (Antidühring 98)⁴⁶⁵

[K/64]

Socialismo (termina luta pela existência-individual) Antidühring 294.⁴⁶⁶
(Marx: pré-história) consequências: nota especial

[K/27]

Moral d. presente a) action gratuite b) heroísmo mais pobre (vítima do fascismo, Vercors, stalinismo)

[K/6]

Época da problemática da moral (conflito, transcender para a ética)
Analisar

[O/301, O/302]

Racionalismo “mais moderno”: sem contraditoriedade (Bense 44)⁴⁶⁷
Poder (45/6)⁴⁶⁸

[T/22-K/91]

Conflito a) atualmente e permanentemente. Dialética (demanda do dia, elo da cadeia) b) individual e social c) nível d. sociedade da família até humanidade (Nem sempre escolha do mais elevado do ético mais elevado)

[K/105, K/83]

Humano (religioso): ponto final série teleológica; materialisticamente: por passado mais longo (importante para gênese): ponto de partida de auto-feitas (não controladas, nem totalmente controláveis) séries causais postas teleologicamente (indivíduo e gênero) Progresso fato histórico, mesmo quando não esclarecida toda base

[K/40-K/81]

Bändigung der Leidenschaften; Elementar für Bestehen d. Gesellschaft (Schon Suspension der Begierden bei Arbeit) Darum Zentralfrage der Moral (Stoa). Auf höherer Stufe: Leidenschaft u Ethik. Schon Spinoza; Affekt versus Affekt; Diderot (Assézat III 282 ⁴⁶⁹ Gegen Stoiker), Hegel.

[K/41]

Moral: gegen Kunst (ab Platon); nahe Verbindung v Ethik u Kunst

[K/63]

Stalinsche Periode

Statt Vorwärtsentwicklung von Moral (u Recht) zu Ethik, Rückverwandlung der Moral ins Recht.

[K/53]

Gegen Stalinsche Periode

Eine unfundierte Überspannung des Moralischen schlägt ins Juristische um (mit allen Vorbehalten, reservatio mentalis, Heuchelei, Selbstbetrug etc, die hier notwendig erfolgen)

[L/1]

Ad *Stalinismus* Mensch als Schranke für Mitmenschen (M. I I 594)⁴⁷⁰ ideologisch transparent – zu dieser Frage: Brecht “Unglücklich das Land, das keine Helden hat” und “Unglücklich das Land, das Helden nötig hat“. (Galilei “Stücke” VIII 162/3⁴⁷¹)

[K/62]

Recht – Moral – Ethik Neue (rein menschliche) Stellung des Individuums zur Gattung

a) Urkommunismus: Sitte: noch kaum getrennt. Freilich: beginnende Subjektivität dazwischen geschaltet. (In Gattung bloß Unmittelbarkeit)

b) Recht – Moral (simultan, einander ergänzend; Verhalten als transcendierende Tendenz) Gattung: abstrakt-postulativ. Unmittelbarkeiten überspringend: Staat, Vaterland versus Klasse überall Kollisionen fixierend u verneinend. Menschengattung: allmählig: abstrakter Horizont.

Ethik Individuum als bewußtes Moment der Gattung. Dialektische Reaktion der Vermittlungen. Kommunismus Gattung als Realität, als dynamisches % [Auf der Rückseite] u selbstgemachtes Resultat (frühere Gattungsbegriffe haben noch – aus Natur – den Charakter, die Erscheinungsweise des Gegebenen; obwohl – ontologisch – auch dort: Ergebnis der Reproduktion)

[K/40-K/81]

Controle das paixões; elementar para a permanência d. sociedade (já suspensão do desejo no trabalho) Daqui papel central da moral (Stoa). Em um patamar mais elevado: paixão e ética. Já Spinoza; afeto *versus* afeto; Diderot III 282 ⁴⁶⁹ Contra estóicos), Hegel.

[K/41]

Moral: contra arte (ab Platão); estreita união de ética e arte

[K/63]

Período stalinista

Em vez do desenvolvimento avante da moral (e Direito) para a ética, reconversão da moral em Direito.

[K/53]

Contra período stalinista

Um infundado exagero do transbordar da moral em jurídico (com todas as reservas, *reservatio mentalis*, hipocrisia, auto-enganação etc, que daqui necessariamente seguem)

[L/1]

Ad *Stalinismo* humano como barreira para o próximo (M. I I 594)⁴⁷⁰ ideologicamente transparente – para esta questão: Brecht “Infeliz o país que não tem heróis” e “Infeliz o país que precisa de heróis.” (Galileu “Stücke” VIII 162/3⁴⁷¹)

[K/62]

Direito – Moral – Ética Nova (puro humano) posição do indivíduo para com o gênero

a) comunismo primitivo: costume: ainda muito pouco separado. Contudo: subjetividade incipiente faz a ligação entre eles. (No gênero mera imediaticidade)

b) Direito – Moral (simultâneo, complementar um ao outro; conduta como tendência que transcende) gênero: abstrato-postulativo. Saltos não-mediados: Estado, Pátria-mãe versus classe colisões em todos os lugares fixadas e negadas. Gênero humano: gradualmente: horizonte abstrato.

Ética Individuum como momento consciente do gênero. Reação dialética das mediações. Comunismo gênero como realidade, como dinâmico %[no verso] e resultado auto-produzido (conceitos anteriores do gênero tem ainda – da natureza – o caráter do modo de aparência do dado; contudo – ontologicamente – também lá: resultado da reprodução.)

[K/51]

Abschwächung *der Moral heute*

Neue "Sitte": Mode, Konvention etc verdrängen sie immer mehr (Amerika. Daher z. B. das Extravertierte in "Lonely Crowd") Niedriges Niveau des Kampfs für Ethik (Sinclair Lewis' Illusionen, Megsek bei Faulkner) – *Stalinismus* Rückverwandlung der Moral in Recht. Erstarrung. Schwierigkeit der ethischen Fragestellung: die (inhaltlich oft richtigen) Zielsetzungen wieder – menschlich-erlebt – lebendig zu machen.

[K/65]

Engels: *Antidübring* 98⁴⁷² *Klassenmoral*. "Noch nicht" über sie hinaus. "Wirklich menschliche Moral" – Klassengegensatz "auch für die Praxis des Lebens vergessen"

Freiheit Herrschaft *über uns* selbst u Natur (Notwendigkeit) ibd 118⁴⁷³

[K/64]

Socialismus Kampf ums Einzeldasein hört auf. *Endgültiger Austritt aus Tierreich*. (Antidübring 294)⁴⁷⁴ Marx: Vorgeschichte. Dazu Probleme d Ethik. Dabei

- a) Recht - Moral zusammengehörig (Verschieden Platons Sokrates - Kant)
- b) Ethik jenseits dieser Reflexionsbestimmungen. Geschichte: Aristoteles (theoretisches Leben) Stoiker u Epikureer Das unglückliche Bewußtsein; Gibt dem Kaiser, was d. Kaisers ist / [Auf der Rückseite:]
- c) Wilhelm Meister und Fourier. Rückzug: Education sentimentale u Grüner Heinrich (weiter Hans im Glück, xxx, Arrowsmith etc)

[K/27]

Moral der Gegenwart

Die Spannung a) action gratuite von Gide <bei> Über Etranger v Camus bis zu heutigen Verbrecher

- b) Widerstand. Vercors Les armes de la nuit. In unpathetischer Prosa: Tschukrai Ballade vom Soldaten
- c) Stalinismus: Erstarrung v b) (seine Bürokratisierung)

[K/6]

Epochen bei Problematik der Moral (Übergang zu Ethik) Klassenmäßig; analyse der subjektiven u objektiven Bedingungen der Praxis (Modell: Folgen d Arbeit) a) Antike (mit Variationen in Hellenismus u Rom) b) Mittelalter c) Auflösungskrise d) bürgerliche Gesellschaft mit Einschnitt durch <bürgerl> französische Revolution (Rolle Goethes) e) Gegenwart a) Kapitalismus ß) Socialismus (aa) unterdrückte Klasse ßß) Herrschaft. Stalin yy) Aufgaben u Perspektiven

[K/51]

Esgotamento da moral hoje

Novo “costume”: moda, convenção etc. a substituem sempre mais (América. Daqui p. ex. o extrovertido em “Lonely Crowd”) O mais baixo nível da luta pela ética (Sinclair Lewis’ Illusionen, Megsek bei Faulkner) – *stalinismo* reconversão da moral em Direito. Paralisia. Dificuldade do pôr a questão ética: novamente o (conteudisticamente com frequência correto) pôr-finalidade – humano-vívido – fazer-se vívido.

[K/65]

Engels: *Antidübring* 98⁴⁷² *Moral* de classe. “Ainda não” além delas. “Moral realmente humana” – contradição de classe “também esquecida para a práxis da vida”

Liberdade domínio *sobre nós* próprios e natureza (necessidade) ibd 118⁴⁷³

[K/64]

Socialismo termina luta pela sobrevivência individual. *Saída final do reino animal*. (*Antidübring* 294)⁴⁷⁴ Marx: pré-história. Aqui problema d. ética. Com isto

a) Direito – moral correspondente (diferente de Sócrates de Platão – Kant)

b) Ética para além destas determinações reflexivas. História: Aristóteles (vida teórica) estóicos e epicureanos A consciência infeliz; dar a César o que é d. César / [no verso]

c) Wilhelm Meister e Fourier. Recuo: Education sentimentale e Grüner Heinrich (além disso Hans im Glück, xxx, Arrowsmith etc)

[K/27]

Moral do presente

A tensão a) action gratuite de Gide Über Etranger de Camus até o criminoso de hoje

b) Resistência. Vercors Les armes de la nuit. Em prosa sem pathos: Tschukrai Ballade vom Soldaten

c) Stalinismo: paralisia de b) (sua burocratização)

[K/6]

Épocas na problemática da moral (transição para a ética) referência à classe; análise dos significados subjetivos e objetivos da práxis (modelo: consequências d trabalho) a) Antigo (com variação no helenismo e Roma) b) Idade Média c) crise de dissolução d) sociedade burguesa com virada para <burgues> Revolução Francesa (papel de Goethe) e) presente a) capitalismo ß) socialismo (aa) classe oprimida ßß) domínio. Stalin yy) tarefas e perspectivas

[O/301]

„Moderner“ Rationalismus über Ethik

“Denn es gibt nur ein einziges Kriterium für die Moralität der Handlung: in[ihr] widerspruchsfreies Fungieren im System anderer Handlungen” M. Bense: Descartes u die Folgen Krefeld u Baden-Baden 1953. 44⁴⁷⁵ Aber: “Macht ist entstelltes Sein. Sie kann nicht deduziert werden. Man kann nur an ihr zweifeln” (45)⁴⁷⁶ “eschatologische Reduktion d. Wahrheit auf d. Macht” (46)⁴⁷⁷

[O/302]

Moderner“ Rationalismus

Von Marx zurück zu Hegel. “Eigentum bedeutet nicht den Besitz materieller Habe, sondern die Bestätigung des Selbst-bewußtseins in überlassenen Entscheidungen” (Bense 56⁴⁷⁸)

[T/22]

Konfliktschema bei ethischem Wert

- Gegenwärtig u dauernd (Dialektik; Forderung des Tages, Kettenglied etc)
- individuell u gesellschaftlich. Kreuzung mit a); xxx auch hier Dilemma von a) wirksam
- Niveau der Gesellschaftlichkeit* (Klasse, Nation etc) Achtung xxx keineswegs immer höheres Niveau ethisch wertvoller.

[K/77]

Dilemmen in Moral u Ethik

- Recht. Unterwerfung gefordert Aber: summum jus summa injuria
- Moral. Unterwerfung. Aber was akzeptiert. Tragischer Konflikt, wenn in Individuum (sonst Konflikt v Moralsystemen*)
- Ethik. Unterwerfung kann verwerflich sein. Schon in Konflikt implicite enthalten

* Ausarbeiten: Konflikt an sich – schon im Rechtssystem - aber auch Recht u Moral (Verrat) Moral u Moral etc – bis zu Konflikt für sich (als solcher gesetzt)

[K/91]

Moral (auch Sitte) ihre *Doppelseite*

“Forderung des Tages” (der Klasse): Regelung im Sinne des Klasseninteresses – zugleich: Anspruch auf “Ewigkeit” (darin Ideologie der jeweiligen Klasse)

dies aber als Moment in Menschheitsentwicklung. Darum bleibend im Doppelsinn a) infolge unmittelbarer Vorteile für Gesamtgesellschaft in Tradition aufgenommen b) Vorbildlichkeit Beides: bleibend u sich wandelnd

[O/301]

Racionalismo “moderno” sobre ética

“Então há apenas um só critério para a moralidade da ação: no[dela] atuar sem contradição no sistema de outras ações” M. Bense: Descartes e os seguidores Krefeld e Baden-Baden 1953. 44⁴⁷⁵ Mas: “Poder é ser desfigurado. Ele não pode ser deduzido. Pode-se apenas dele duvidar.” (45)⁴⁷⁶ “redução escatológica d. verdade ao poder”(46)⁴⁷⁷

[O/302]

Racionalismo “moderno”

De Marx retorno a Hegel. “Propriedade não significa a posse de bens materiais, mas a confirmação da auto-consciência as decisões acerca do uso” (Bense 56⁴⁷⁸)

[T/22]

Esquema de conflito no valor ético

- a) no presente e constante (dialética; exigência do dia, elo da cadeia etc)
- b) individual e social. Intersecção com a); xxx também aqui dilema de a) efetivo
- c) *nível da socialidade* (classe, nação etc) Atenção xxx de modo algum sempre nível ético mais elevado de maior valor.

[K/77]

Dilemas em moral e ética

- a) Direito. Submissão exigida Mas: summum jus summa injuria
- b) Moral. Submissão. Mas algo aceito. Conflito trágico, quando no indivíduo (além disso conflito de sistemas morais*)
- c) Ética. Submissão pode ser reprovável. Já contido implícito em conflito

* Para elaborar: conflito em-si – já no sistema do Direito – mas também Direito e moral (Verrat) moral e moral etc – até conflito para si (como tal posto)

[K/91]

Moral (também costume) seu *duplo aspecto*

“Demanda do dia” (da classe): regulação no sentido dos interesses de classe – ao mesmo tempo: pretensão à “eternidade” (daqui ideologia da classe correspondente)

esta, todavia, como momento no desenvolvimento da humanidade. Por isso permanece em duplo sentido: a) devido à vantagem imediata para a sociedade como um todo permanece na tradição β) exemplaridade ambos: permanecido e se transforma

[K/105]

Dilemma

ob Mensch: 1) Endpunkt einer (objektiven) teleologischen Reihe (religiöses Bedürfnis) 2) Ausgangspunkt von selbstgesetzten (Individuum und Gattung) teleologischen Reihen (Fortschritt: historisch: Tatsache; ad Kosmos: Epikur - Spinoza)

[K/83]

Menschliche Eigenschaften: Möglichkeiten der Vergegenständlichung (nicht des Erhaltenbleibens <und> oder Veränderung des Gegenstandes) Darum Ausdruck (Tapferkeit, Güte etc) fetischisierend. Aber dieser Übergang zur Entfremdung: gesellschaftlich notwendig (Sitte, Recht, Moral) Hat sehr oft positive, fördernde Folgen (Gebaut in diesen Komplex der Entfremdung) Erst Ethik – via Konflikt – Hersterstellung der richtigen Proportion

[K/40]

Moral u Ethik (2) Natur gehorchen (was ist "Natur"?) Vollkommenheit des Lebens: Toten nicht Zeit (Seneca Br 93. II 118 f)⁴⁷⁹ Überleben: Diderot III Assézat 262)⁴⁸⁰

Funktion d. Moral: Bändigung der *Leidenschaften*. Auf diesem Boden erst möglich: Leidenschaften im Dienst d. Menschheit. Schon Aristoteles (dagegen Stoa – Christentum) Wieder: Machiavelli, Spinoza, Diderot (III. 282. Assézat)⁴⁸¹ Goethe, Hegel Ausführen!

[K/42]

Ethik u Moral Aspekt v Leidenschaft. Verwandte Basis, verschiedene Funktion u Bedeutung Wandlung in Theorie als Abbild der Wandlungen in Wirklichkeit.

[K/81]

Stoisch-Epikureisch: Verschmelzung (Marx III 346⁴⁸² Seneca III 76)⁴⁸³ Jedenfalls: seit Renaissance immer wieder: das Gemeinsame. (Hobbes, Spinoza, Diderot) Krise der französischen Revolution, wo Gegensatz. Aber wichtig: bei beiden (Ausnahme franz. Rev. besonders sichtbar bei A. France): Übersetzung von ataraxia in Praxis.

[K/41]

Moral u Ethik (3) Beziehung zu Kunst. Moral: immer dagegen (schon Platon), für Ethik: Hauptstütze (Aristoteles, Diderot, Lessing) (Ob nicht von hier: Zwiespalt in Hegel zwischen Ethik u Moral? Kunst als "Vergangenes") Ausführen! Daher - fürs ganze Problem - Entscheidend: Stellung zu Leidenschaft (hier 2)

[K/105]

Dilema

se humano 1) ponto final de uma (objetiva) cadeia teleológica (necessidade religiosa) 2) ponto de partida de cadeias teleológicas autopostas (indivíduo e gênero) (Progresso: histórico: fato; ad Cosmos: Epicuro – Espinoza)

[K/83]

Características humanas: possibilidades da objetivação (não a permanência da conservação <e> ou mudança dos objetos) Daqui expressão fetichizadora (valentia, bondade etc). Mas esta transição para alienação: necessidade social (costume, Direito, moral) Tem com muita frequência consequências positivas, desafiadoras. (Construídas neste complexo a alienação) Apenas ética – via conflito – estabelecimento da proporção correta.

[K/40]

Moral e ética (2) obedecer natureza (o que é “natureza”?! perfeição da vida: mortos sem tempo (Seneca Br 93. II 118 f)⁴⁷⁹ Sobre-vida: Diderot III Assézat 262)⁴⁸⁰

Função d. moral: controle das *paixões*. Deste terreno apenas possível: paixões a serviço d. humanidade. Já Aristóteles (contra, Estoa – Cristianismo) Novamente: Maquiavel, Spinoza, Diderot (III. 282. Assézat)⁴⁸¹ Goethe, Hegel Explicar!

[K/42]

Ética e moral Aspecto da paixão. Base relativa, diferentes função e significado Mudança em teoria como cópia das mudanças na realidade

[K/81]

Estóico-epicureano: amálgama (Marx III 346⁴⁸² Seneca III 76)⁴⁸³ Em todo o caso: desde Renascimento sempre novamente: o comunitário. (Hobbes, Spinoza, Diderot) crise da Revolução Francesa, onde contradição. Mas importante: em ambos (Exceção Rev. Franc. especialmente visível em A. France): tradução da ataraxia em práxis.

[K/41]

Moral e ética (3) relação com a arte. Moral: sempre contra ela (já Platão), para ética: apoio principal (Aristóteles, Diderot, Lessing) (se não daqui: dicotomia em Hegel entre ética e moral? Arte como “passado”? Explicar! Daqui – para o problema todo – Decisivo: lugar da paixão (aqui 2)

[Z/15]

ETHIK

[K/95]

Goethe u Kant (Ethik u Moral, auch Stoa, Epikur)

[K/98, K/99]

Problem des homogenen Mediums in Ethik (Sondernote)

[K/69, T/32]

Stelle v Aristoteles u Goethe in Ethik. (Idealtypen: Weisheit, Güte - Sokrates – Spinoza, Jesus – Fr. v. Assisi) Gesellschaftlichkeit (Vergangenheit u Zukunft)

[K/71]

Echtheit als Kategorie in Ethik, Aesthetik u Religion (Sondernote)

[K/74]

Kategorien (heterogene Dimensionen, Ethik: praktische Wirklichkeit; Aesthetik: Widerspiegelung)

[K/80-K/4]

Unmittelbarkeit - Vermittlung mit Einzelheit - Besonderheit verknüpft Kriterium (Mensch für sich, nicht nur an sich) Wesen u Erscheinung (Aufhebung Einzelheit, Aufnehmen Allgemeinheit). “Mitte” im Sinn zwischen Objektivität u Subjektivität (Sondernoten Packet)

[K/67, K/68]

Keine Ethik ohne Ontologie (Widerlegung Versuch Kants; Zeigen, daß Ontologie)

[K/61]

Scheinantinomie v Gesinnung u Folge. (Fetischisierung d. Innerlichkeit (Sondernote)

[K/33]

Entstehung des Neuen (Nicht dürfen oder müssen: wollen). Im “Nein” zum Alten Neues nur an sich, komplizierter Weg zum Für sich – Sondernote

[K/32, R/3]

Diesselts – Jenseits (Naturwissenschaft u Oekonomie – ontologisch.) Stufen: Renaissance - Romantik (Ofterdingen 231 <)> auch IV 224:⁴⁸⁴ nach Hause) – Geist (ab Fichte)
ab Kierkegaard – Objektivität (desanthropomorphisierend) d. Natur - Sondernote

[Z/15]

ÉTICA

[K/95]

Goethe e Kant (ética e moral, também Stoa, Epicuro)

[K/98, K/99]

Problema do meio homogêneo na ética (nota especial)

[K/69, T/32]

Lugar de Aristóteles e Goethe na ética. (Tipos ideais: sabedoria, bondade – Sócrates – Spinoza, Jesus – Fr. de Assis) socialidade (passado e futuro)

[K/71]

Autenticidade como categoria na ética, estética e religião (nota especial)

[K/74]

Categorias (dimensões heterogêneas, ética: realidade prática; estética: reflexo)

[K/80-K/4]

Imediaticidade – mediação com singularidade – particularidade critério associado (humano para si, não mais apenas em si) essência e fenômeno (superação singularidade, o acolher generalidade). “Meio” no sentido entre objetividade e subjetividade (Packet nota especial)

[K/67, K/68]

Nenhuma ética sem ontologia (tentativa de refutação por Kant; apontar ontologia)

[K/61]

Antinomia aparente da mentalidade e consequência. (Fetichização d. interioridade (Nota especial)

[K/33]

Origem do novo (não obrigatório ou devido: querer) No “não” para o antigo, novo apenas em si, complicado percurso para o Para si – nota especial

[K/32, R/3]

Vida terrena – além (ciência da natureza e economia – ontológico) patamares: Renascimento – Romântico (Ofderdingen 231 <)> também IV 224:⁴⁸⁴ após Hause) - espírito (ab Fichte) ab Kierkegaard – objetividade (desantropomorfizando) d. natureza – nota especial

[K/30, R/4]

Eventuell als Schluß: Unmöglichkeit Erkenntnis d. Zukunft, aber Aufeinanderweisen v Ethik, Entwicklung, Kommunismus etc. "Doch fassen Geister, würdig, tief zu schauen, Zum Grenzenlosen grenzenlos Vertrauen." Faust II (Cotta XIV 56)⁴⁸⁵

[K/54]

Aus neuem Begriff "Mitte" entwickeln: Beziehung zu überindividuellen Einheiten (Familie): neue Extreme bis hinauf: Provinzialismus versus abstrakte Humanität. Entstehen a) Verzerrung b) Konflikte: Übergang zu höherer "Mitte" d Ethik

[K/5]

Diesseits: Goethe: Hafis: ohne fromm – selig (Cotta V 22)⁴⁸⁶

[K/7]

La Rochefoucauld über Wahrheit (ohne Vergleich zu anderen) 357/8.⁴⁸⁷
Statt Wahrheit (für Wissenschaft unrichtig): Echtheit. Aesthetisch – anders ethisch (praktische Wahrheit, Echtheit) Sondernote

Epikur schwierig: Verbotenes, das verborgen bleibt (Nestle I. 199, dazu ibd 213/4)⁴⁸⁸

Epikur: Gerechtigkeit allgemein dasselbe, konkret verschieden (Nestle I. 214)⁴⁸⁹

[Z/16]

ETHIK 2

[K/34]

Pathologie nicht Gegenstand v Moral u Ethik. Höchstens Kampf dagegen (Van Gogh)

[K/23]

Ausarbeiten: "Défauts de ses vertus"!

[Z/3-K/24]

Verallgemeinerung der "Mitte" (Aristoteles) Maximale Integrität und Wachstumsmöglichkeit des Subjekts bei maximaler Hingebung an obj. Wirklichkeit: Mut - Tollkühnheit (Subjekt) – Feigheit (Objekt) (Lord Jim, Nostromo, Gobseck etc) – Falsche Objektivität u Subjektivität. Mitte: Besonderheit (Spielraum, nicht Punkt)

[K/50, K/103]

Etappen a) Antike: Polisbürger. Gesellschaftlich, aber aristokratisch (auch: Weise, Gnosis) b) Christentum: Jesus: elementar plebejisch. Später Hocharistokratie. Widersprüche, Etappen

[K/30, R/4]

Eventual como término: impossibilidade conhecimento d. futuro, mas modos-de-sobreposição da ética, desenvolvimento, comunismo etc. “Todavia, os espíritos dignos de contemplar profundamente colhem uma confiança sem limites no infinito.” Faust II (Cotta XIV 56)⁴⁸⁵

[K/54]

Um novo conceito de “meio” desenvolver: relação com a unidade supra-individual (família): novo extremo até: provincianismo versus humanidade abstrata. Toma forma a) deformação b) conflito: transição para “meio” mais elevado d ética

[K/5]

Vida terrena: Goethe: Hafis: sem devoto – bem-aventurado (Cotta V22)⁴⁸⁶

[K/7]

La Rochefoucauld sobre verdade (sem comparação com outros) 357/8.⁴⁸⁷ Em vez de verdade (para ciência incorreto): autenticidade. Esteticamente – outros eticamente (verdade prática, autenticidade) Nota especial

Epicuro: complicado: proibido, permanece velado (Nestle I. 199, dazu ibd 213/4)⁴⁸⁸

Epicuro: justiça a mesma em geral, diferenças concretas (Nestle I. 214)⁴⁸⁹

[Z/16]

ETHIK 2

[K/34]

Patologia não objeto da moral e ética. Luta mais elevada contra ela (Van Gogh)

[K/23]

Para elaborar: “Defeitos de suas virtudes”!

[Z/3-K/24]

Generalização do “meio” (Aristóteles) máxima integridade e possibilidade de crescimento dos sujeitos pela máxima devoção a uma obj. Realidade: coragem – audácia (sujeito) – covardia (objeto) (Lord Jim, Nostromo, Gobseck etc) – falsas objetividade e subjetividade. Meio: particularidade (campo de manobra, não ponto)

[K/50, K/103]

Etapas: a) Antiga: cidadão da pólis. Socialmente, mas aristocrático (também: sabedoria, gnosis) b) Cristianismo: Jesus: plebeamente elementar. Mais tarde, alta-aristocracia. Contradição, etapas

[K/49]

Weise: Wissen u Seelen Verfassung (Seneca IV 138)⁴⁹⁰ Gegen Furcht (Seneca III 40 f, 86 f)⁴⁹¹

[K/100, K/88]

Partikularität nur auf Niveau d. Besonderheit aufhebbar

[K/107, K/3]

Magie: juristisch (technologisch), Religion: Moral. (Nur Ausnahmsweise – Jesus – Ethik; später Rückbildung in Moral) Sitte: Momente eines Ethos ante rem (freilich nur Anfang; bald Umbildung auf Recht hin)

[K/108]

Adiaphoron: Sitte u Recht: weder geboten noch verboten; Moral: objektiv: weder Tugend noch Laster (Komplikationen in reiner Gesinnungsethik); Ethik: subjektiv – nicht auf Kern des Menschen bezogen (Komplikation: scheinbares Adiaphoron kann ethisch relevant werden)

[KL/110]

Ethik des Umwegs. Hartmann richtig 25 7 ⁴⁹² Kantkritik: eben Moral statt Ethik. Auch H. übersieht menschliche Universalität d. Ethik.

[K/111]

Komik als ethische Kategorie. Modalität: Notwendigkeit ohne Möglichkeit: Don Quixote; Möglichkeit ohne Notwendigkeit: Falstaff a) unabhängig v Moralität: Don Quixote integer. Falstaff amoralisch b) Modalitätskategorien spezifisch ethisch ausarbeiten!

[K/112-0/154]

Gegenstand d. Ethik: Vollendung des Menschwerdens. Arbeit (Oekonomie, Wissenschaft etc): reale Umwandlung, aber ungewollt, unbewußt Umformung der Partikularität: Voraussetzung u Resultat zugleich Politik, Recht, Moral: (V) In-Funktionbringen (Entwickeln u Aufbewahren) des jeweiligen zoon politikon (Nie Totalität des Menschen) Rolle v Philosophie u Kunst. Nur Ethik diese Zielsetzung; darum allmähliges, ungleichmäßiges Entstehen. Beziehung zu Familie, Klasse etc; Realität d. Menschheit

[K/49]

Sabedoria: conhecimento e estado da alma (Seneca IV 138)⁴⁹⁰ contra medo (Seneca III 40 f, 86 f)⁴⁹¹

[K/100, K/88]

Particularidade apenas ao nível da especificidade anulada

[K/107, K/3]

Magia: jurídico (tecnológica), religião: moral. (apenas excepcionalmente – Jesus – ética; mais tarde regressão na moral) Costume: momentos de um ethos ante rem (contudo, apenas início; logo remodelação à direita)

[K/108]

Adiáfora: costume e Direito: nem mandatário nem proibido; Moral: objetiva: nem virtude nem vício (complicações em uma pura ética de convicção); ética: subjetivo – não se relaciona com o cerne do humano (complicação: adiáfora aparente pode se tornar relevante eticamente)

[KL/110]

Ética dos desvios. Hartmann correto 25 7 ⁴⁹² Crítica de Kant: apenas moral ao invés ética. Também H. deixou passar a universalidade humana da ética.

[K/111]

Cômico como categoria ética. Modalidade: necessidade sem possibilidade: Dom Quixote; possibilidade sem necessidade: Falstaff a) independente da moralidade: Dom Quixote íntegro. Falstaff amoral b) elaborar categorias modais especificamente éticas!

[K/112-0/154]

Objeto da ética: completação do devir-humano. Trabalho (economia, ciência etc): real transformação, mas não intencional, inconsciente reformulação da particularidade: pressuposto e resultado igualmente política, Direito, moral: (V) Trazer-à-função (desenvolver e preservar) do respectivo zoon politikon (nunca totalidade do humano) papel da filosofia e da arte. Apenas ética esta posição de finalidade; por isso gradual, desigual surgimento. Conexão com a família, classe etc; realidade d. humanidade

[Z/2-E/2]

Specifiche Objektivität d. Ethik Nicht Hartmanns Apriori des idealen Seins (Ethik 149 f)⁴⁹³ Falsche Analogie (Mathematik u Ethik) und Zusammenbringen v Heterogenem a) Widerspiegelung b) Motor v Taten. Hier Ursprung aus Partikularität, aus gesellschaftlichen (klassenmäßigen) Motiven macht Sphaere nicht willkürlich – ohne sie “apriorisch” zu machen

[K/104, K/89]

Mitte u Materialismus. Lenin über excessive Wahrheit; Zweifrontenkampf. (Opportunismus: Objekt, Sektierertum: Subjekt). Idealismus: das Excessive (teilweise Robespierre) Ethische Gegenständlichkeit: Zukunft. Schön Arbeitsmodell. Aber bei Übertragung neue Probleme Recht u Moral: Inkognito möglich. Ethik Überwinden; Griechen vor Dissonanz

[Z/17]

ETHIK 3

[K/43]

Aufhebung von Moral in Ethik nie absolut: bei “Absterben” der Moral – implizit enthalten (Markus 10.1/12 über die Ehe u Scheidung⁴⁹⁴ < >); natürlich hier: Rückverwandlung Ethik Jesu in christliche Moral

[K/36, K/37]

Probleme der Mitte: Zufriedenheit, Geduld, Offenheit, Sicherheit. Sondernote

ad *spontane Genesis* d. Ethik (Sondernote)

[K/79, K/92]

Tod u sinnloses Leben (auch Alter) Fromm 162/4⁴⁹⁵

[K/21]

Ethik und Moral Klassische deutsche Philosophie. Wirklich: “Wilhelm Meister” (überhaupt G. u Schiller in Weimar) Wichtig a) diese Trennung *nicht* citoyen-bourgeois, sondern der subjektive Versuch ihrer Überwindung b) darum in der Folge immer mehr verkrüppelt. Ohne diese Verbindung mit Gesellschaft (Keller, Reuter, Th. Mann): Rückfall in moralistische Dualität (Ibsen) c) Socialismus als Erfüllung – Problematik!

[Z/2-E/2]

Objetividade específica d. ética. Não o a priori do ser ideal de Hartmann (Ethik 149 f)⁴⁹³ Falsa analogia (matemática e ética) e aproximação dos heterogêneos a) reflexo b) motor das ações. Aqui surgimento da particularidade, dos motivos sociais (referidos às classes) faz esfera não arbitrária – sem se fazer “apriorística”

[K/104, K/89]

Meio e materialismo. Lenin sobre excessiva verdade, luta em dois fronts. (Oportunismo: objeto, sectarismo: sujeito). Idealismo: o excessivo (parcialmente Robespierre) objetividade ética: futuro. Já modelo do trabalho. Mas por transmissão novos problemas Direito e Moral: Incógnito possível. Ética ultrapassa; Gregos antes dissonância

[Z/17]

ETHIK 3

[K/43]

Superação da moral em ética nunca absoluta: por “fenece” da moral – conter implícito (Markus 10.1/12 sobre o casamento e divórcio⁴⁹⁴ <>); naturalmente aqui: reconversão ética Jesus em moral cristã

[K/36, K/37]

Problema do meio: contentamento, paciência, sinceridade, segurança. Nota especial

ad *gênese espontânea* d. ética (Sondernote)

[K/79, K/92]

Morte e vida sem sentido (também velhice) Fromm 162/4⁴⁹⁵

[K/21]

Ética e moral filosofia clássica alemã. Real: “Wilhelm Meister” (principalmente G. e Schiller em Weimar) Importante a) esta separação *não* citoyen-bourgeois, mas a tentativa subjetiva de derrotá-la b) por isso na consequência sempre mais coxo. Sem essa união com sociedade (Keller, Reuter, Th. Mann): recaída na dualidade moral (Ibsen) c) socialismo como realização – problemática!

[K/95]

Ad Goethe (auch Schiller) kontra Kant

Die große Hauptlinie: Überwindung des Affektniveaus. Weg zur Ethik via Moral. Darum (von K. kritisiert) Verdienste v. Stoa u Epikur. Im Unterschied: historisches Element: wie weit Bändigung des Alltagsmenschen, wie weit Hemmung der Entwicklung zu Ethik. Darum K. a) Weg von Inhalt zu Form (historische Basis) b) Vorabend der Neugeburt d. Ethik. – Wichtig: a) Stoa (Weisheit) Gipfel d. Verhaltens b) Kant. Imperativ: Grundlage d. Verhaltens

[K/98]

Homogenes Medium in Ethik a) nur Ethik, sonst immer Allgemeinheit untergeordnet α) negativ β) Art der Aneignung u Durchführung (Zusammenhang v Übergehen in Haltung bei Recht und Moral)
b) Ethik, nur nachträglich formulierbar. Gefahr d. vorhergehenden Formulierung (falsch, Erstarrung; Goethische Dialektik von Selbst)
c) Unterschied zu Aesthetik. Da praktisch: in Wechselwirkung mit heterogenen Umwelt Dialektik a) Notwendigkeit des Wechsels. Skala v fruchtbarem Lernen bis steriler Anpassung β) Aufrechterhalten (Lebensstil)

[T/32]

Gut

Hobbes Gegenstand d Neigung (Leviathan I 645⁴⁹⁶ Spinoza Ethik III. 9.⁴⁹⁷ Wille, Trieb, Begierde. Gut “weil wir danach streben) (109)⁴⁹⁸
Vollkommenheit u Unvollkommenheit “nur modi des Denkens” IV 173⁴⁹⁹ auch Gut u Schlecht ibd 174,⁵⁰⁰ Gut-Nützlich (Definition 1 ibd 175⁵⁰¹ Definition 7 Zweck-Trieb 176⁵⁰²

<Hamlet II 2. (Bd VI 64)>⁵⁰³

[K/71]

Echtheit als Kategorie a) *ethisch* Übereinstimmung des subjektiven Verhaltens mit Kern der Persönlichkeit
b) *aesthetisch* bezieht sie sich auf das selbstgeschaffene Objekt: innige Einheit v Erscheinung und Wesen; Auftreffen auf aktuelle und dauernde Wesenhaftigkeit
c) *mystisch-religiös* a) subjektiv, wie in Ethik β) objektiv entsprechen wesentlichem gesellschaftlichen Bedürfnis – Aber nie: Kriterium d. Objektivität, d. Wahrheit (nie in Wissenschaft) Konzeption d. Echtheit hat also nichts mit Annahme der Verkündigung (Offenbarung etc.) zu tun. Dieses stellt Anspruch auf Objektivität.

[K/95]

Ad Goethe (auch Schiller) kontra Kant

A grande linha principal em larga escala: conquista dos níveis dos afetos. Percurso para a ética via moral. Por isso (por K. criticado) mérito de Stoa e Epicur. Em contraste: elemento histórico: quanto mais amplo controle dos humanos cotidianos, quanto mais ampla inibição do desenvolvimento para a ética. Por isso K. a) percurso do conteúdo para forma (base histórica) b) véspera da renovação d. ética – Importante: a) Stoa (sabedoria) apogeu d. conduta b) Kant. Imperativo: fundamento d. conduta.

[K/98]

Meio homogêneo e ética a) apenas ética, usualmente subordinada à generalidade α) negativa β) modo de aquisição e implementação (conexão do ultrapassar na postura pelo Direito e moral) b) Ética, apenas tardiamente formulável. Perigo d. formulação precedente (falsa, solidificação; dialética goethiana do eu) c) Diferença da estética. Praticamente: em interação com ambiente dialético heterogêneo a) necessidade do mudar. Escada desde aprendizagem fértil até adaptação estéril β) o perpetuar (estilo de vida)

[T/32]

Bom

Hobbes Objeto d propensão (*Leviathan* I 645⁴⁹⁶ *Spinoza Ethik* III. 9 ⁴⁹⁷ vontade, impulso, desejo. Bem “porque aspiramos por ele) (109)⁴⁹⁸ Perfeito e imperfeito “apenas modo do pensar” IV 173⁴⁹⁹ também bom e mau *ibid* 174,⁵⁰⁰ Bom-útil (Definição 1 *ibid* 175⁵⁰¹ Definição 7 propósito-impulso 176⁵⁰²

<Hamlet II 2. (Bd VI 64)>⁵⁰³

[K/71]

Autenticidade como categoria a) correspondência *ética* da conduta subjetiva com cerne da personalidade. b) *esteticamente* se relaciona com o objeto *auto-criado*: íntima unidade do fenômeno com a essência; impacto na atual e constante essencialidade c) *místico-religioso* a) subjetivo, como na ética β) objetivo corresponder a necessidade social essencial – mas nunca: critério d. objetividade, d. verdade (nunca na ciência) Concepção d. autenticidade portanto não tem nada a ver com aceitação da proclamação (revelação etc.). Isto coloca a demanda pela objetividade.

[K/99]

gerade hier: Umweg (à la Wilhelm Meister) konstitutiv Gegensatz von Lebensstil u "Lebenskunst" Ganzes Problem in Zusammenhang: Ethik als Sphaere der Besonderheit Daraus

- a) Stellung zu sich als zu einer intensiven Unendlichkeit
 - b) Problem der Annäherung in Verhältnis zu sich selbst Dabei a) Dialektik der teleologischen Setzungen (nahe u ferne Ziele) b) Anknüpfung an sociale Einheiten (Klasse, Nation, Menschheit)
- Aber <Dimensions>problem

[K/69]

Einzigartigkeit v Aristoteles (und Goethe) in Geschichte d. Ethik: nicht antigesellschaftlich. Dies – infolge Struktur d. Ethik – notwendig. Zwei große Typen

- a) Weisheit (Stoa, Epikur)
 - b) Güte (Jesus, Fr v Assisi, Tolstoj Historische Wandlungen ad a) schon früher Sokrates (nicht Platon!), vor allem Spinoza
- ad b) Gandhi

Eindringen d. Gesellschaftlichkeit – als Fortschritt Bei Griechen bis Platon: Vergangenheit (Sitte) später: das Neue als positiv.

[K/74]

ad *Kategorien in Ethik*

Bei Behandlung wichtig: die *Dimensionen* auseinanderzuhalten u dann dynamisch aufeinander zu beziehen. Da Medium in Ethik *wirklich* bewegt (nicht: Bewegung *spiegelnd* wie in Aesthetik) ist Heterogenität der Dimensionen deutlicher als in Widerspiegelung

[K/80]

Ad Mitte 1) Spielraum, nicht Punkt; u.zw individueller Spielraum, in welchem abstrakte (moralische) Komponenten eine variable Bedeutung besitzen, z. B. Werk u Offenheit zum Leben, je nach dem welches im gegebenen Moment vorherrschend, gefährdet etc ist

2) Dementsprechend: Gleichgewicht des Subjektiven u Objektiven: dynamisch. Richtige Lebensführung: Steigerung beider Lebensbedürfnis bestimmt, welcher Faktor gegebenenfalls Übergewicht im Spielraum haben soll.

Daraus: ununterbrochenes Risiko in Ethik (Höchste Stufe der Reproduktion <)) nämlich der nicht partikulären Persönlichkeit)

[K/99]

precisamente aqui: desvio (à la Wilhelm Meister) lei constitutiva do estilo de vida e “arte de viver” Todo problema em conexão: ética como esfera da particularidade Daqui

- a) posição em direção a si como para uma infinitude intensiva
 - b) problema da aproximação em relação a si próprio Com isso: a) dialética das posições teleológicas (finalidades próximas e distantes) b) início da unidade social (classe, nação, humanidade)
- Mas <Dimensões>problema

[K/69]

Unicidade de Aristóteles (e Goethe) na história d. ética: não anti-social. Isto – devido estrutura d. ética – necessário. Dois grandes tipos

- a) Sabedoria (Stoa, Epicur)
 - b) Bondade (Jesus, Fr de Assis, Tolstoi mudanças históricas ad a) já antes de Sócrates (não Platão!), antes de tudo Spinoza
- ad b) Gandhi

Penetrar d. socialidade – como progresso pelos Gregos até Platão: passado (costumes) mais tarde: o novo como positivo.

[K/74]

ad *Categorias na ética*

Importante no tratamento: manter separada as *dimensões* e então relacionar dinamicamente uma com a outra. O médium na ética *realmente* move (não: movimento *refletido* como na estética) é heterogeneidade das dimensões mais evidente enquanto reflexo.

[K/80]

Ad meio 1) campo de manobra, não ponto; e assim por diante campo de manobra individual, possui em alguns abstratos (morais) componentes um significado variável, p. ex. obra e franqueza para com a vida, qual delas em dado momento predomina, é ameaçada etc.

2) Assim sendo: equilíbrio do subjetivo e objetivo: dinâmico. Correto modo de vida: acréscimo ambas necessidades de vida determinada, qual fator eventualmente deveria ter preponderância no campo de manobra.

Daqui: ininterrupto risco na ética (patamar mais elevado da reprodução <)) nomeadamente a personalidade não mais particular)

[K/109]

ad *Mitte* Aristoteles - methodologisch zwei Gesichtspunkte a) Priorität des Inhalts (u zw des gesellschaftlichen Inhalts) Dies macht Konkretheit bei A. aus

b) Sphaere des *Besonderen* im Leben *Wichtigkeit* für Ethik. Hier eine Grundlage für aesthetische Bedeutung (und Wirkung der Kunst auf ethische Entwicklung). Aber Genesis unabhängig: aus Leben selbst abzuleiten Hier zeigen, daß Hartmann phänomenologisch Inhaltlichkeit – formell, abstrakt

[K/4]

ad *Mitte*

richtige (jeweilig u konkret) richtige Proportion von Kontemplation u Praxis (Verzerrung: Oblomow – Don Quijote)

[K/67]

Ad Ethik u Ontologie. Unmöglich Ethisches zu setzen ohne Weltzustand mitzusetzen (Gegenversuch bei Kant; zeigen, daß trotzdem Ontologie) Tendenz zu Ethik in *Religion* Jesus: Ethik versus Gesetz (Recht u Moral) Paulus, besonders Marcion. Je nach Ethik – verschiedene Ontologie (Franciscus) Entwicklung: *verbindliche* Ontologie (auch wenn nicht philosophisch-theologisch fixiert) früher (Himmel, Hölle etc) gegen unverbindliche in bloßem religiösen Bedürfnis. Religionsphilosophie versus Offenbarung*

[K/68]

Dabei Ontologie als Kriterium: Marcion: Christus in Hölle: Moses etc und Sünder (Harnack 130/1)⁵⁰⁴

[K/61]

Scheinantinomie v Gesinnungs- und Folgeethik

Da ethisches Setzen in der Wirklichkeit eine Kausalreihe teleologisch in Bewegung bringt, kein prinzipieller Unterschied. Das Negieren der ethischen Relevanz der Folgen ist ebenso eine unvermeidliche Reaktion auf die selbst eingesetzten Kausalreihen, wie die Bejahung oder Korrektur. *Fiat justitia pereat mundus* ist ebenso eine – gute oder schlechte – Justizpolitik wie jede andere (Freilich Inhalt ist in Bezug auf Effekt etc unmittelbar u ethisch rückwirkend wichtig) Aber die Gegenüberstellung ist eine der xxx *Fetischisationen der Innerlichkeit*

[K/109]

ad *Meio* Aristóteles – dois pontos de vista metotológicos a) prioridade do conteúdo (e entre eles o conteúdo social) isto constitui a concreticidade em A.

b) esfera do *particular* na vida *importância* para ética. Aqui uma base para o significado estético (e impacto da arte sobre o desenvolvimento ético). Todavia gênese independente: derivada da própria vida Aqui mostrar que fenomenológica conteudicidade de Hartmann – formal, abstrata

[K/4]

ad *Meio*

correto (da época e concreto) correta proporção de contemplação e práxis (distorção: Oblomov – Dom Quixote)

[K/67]

Ad Ética e ontologia. Impossível colocar-se o ético sem adicionar condição do mundo (contra tentativa por Kant; mostrar mesmo assim ontologia) Tendência para ética na *religião* Jesus: ética versus lei (Direito e Moral) Paulo, em especial Marcion. Até a ética – diferente ontologia (Francisco) Desenvolvimento: ontologia *obrigatória* (mesmo se não fixa filosófico-teologicamente) anterior (Himmel, Hölle etc) contra não-obrigatória na mera necessidade religiosa. Filosofia da religião versus revelação*

[K/68]

Com isso ontologia como critério: Marcion: Cristo no inferno: Moisés etc e pecador (Harnack 130/1)⁵⁰⁴

[K/61]

Antinomia aparente da ética da convicção e das consequências

O pôr ético na realidade traz uma série causal teleológica em movimento; nenhuma diferença fundamental. A negação da relevância ética das consequências é, ainda assim, uma inevitável reação à própria série causal inserida, seja como afirmação ou correção. *Fiat justicia pereat mundus* é do mesmo jeito uma – boa ou má – política de justiça como qualquer outra (claro que o conteúdo é em termos de efeito etc direta ou eticamente retroativamente importante) Mas a confrontação é uma da xxx *fetichizações da interioridade*

[K/33]

Wichtigkeit u Schranken des *Neuen* Gerade in Ethik (“was soll ich tun?“) häufig der Ansatz zur neuen (oft: höheren) Stufe (Scharf trennen von *Verbot* in Recht u Moral. Nicht: dürfen oder müssen, vielmehr *wollen*) Doppeldeutigkeit: Widerstand aus Partikularität oder aus unbewußt neuen (Nur inhaltliche Kriterien) Aber in Nein das entsprechende Ja nur implicite, nur an sich *enthalten*; Für sich werden sehr kompliziert (H's Welthistorisches Individuum, K. Partei, 1956)

[K/32]

ad *Diesseits* – *Jenseits* (Entwicklung der Naturwissenschaften (später Astronomie) als philosophische (ontologische) Grundlage d. Ethik. Kampf dagegen

- a) Übergang zu Neuzeit (Böhme, Paracelsus, Fludd: Polemik v Kepler u Gassendi)
- b) Romantik. Heimatlosigkeit u Heimat in Welt (Ofterdingen IV 224)⁵⁰⁵ Zwiespältigkeit in Opposition α) Typus Kant β) Problem des “Geistes” (seit Fichte)
- c) qualitative Naturphilosophie (Farbenlehre)
- d) ab Kierkegaard. Rolle des Neopositivismus bei Einstein u Heisenberg. Objektivität der Natur Ethik (Beziehung zu Griechen (Aristoteles, Epikur)

[Ph/2]

Ad Konflikt

Jacobi an Fichte (Atheismusstreit 179)⁵⁰⁶ näher ansehen! Vor allem Kant u Fichte (Stoffer 153)⁵⁰⁷ und Romantik (Schleiermacher: Ehe Athenäum) – Problem: notwendig aufgeworfen von Individuum – prinzipiell unauflösbar - *rein* - vom Individuum

[X/4]

Kierkegaards Hegelkritik Gerade in Frage “Wirklichkeit - Existenz” relativ berechtigt, daß Geistbegriff H's Widerspiegelungselement als Wirklichkeit behandelt (Kritik des jungen Marx) Aber K. geht auf das elementar-teleologische Phaenomen (N. Hartmann) zurück, acceptiert es nicht nur kritiklos, sondern macht es zum Ausgangspunkt religiösanthropologischer Ontologie. Während bei H Widerspiegelungen zu objektiven Wirklichkeiten hypostasiert werden, werden bei K. rein subjektive Wünsche u Bedürfnisse zu ontologischen “Tatsachen” (Unsterblichkeit Nachschrift II 2)⁵⁰⁸ Bei Kritik: Ontologie des gesellschaftlichen Seins

[K/33]

Importância e limites do *novo* justamente na ética (“o que eu devo fazer?”) frequente o início para novo (frequente: mais elevado) patamar (Nítido separar do *proibido* no Direito e moral. Não: permitir ou dever, ao contrário *querer*) Duplicidade: resistência da particularidade ou do inconscientemente novo (apenas critérios de *conteúdo*) Mas no Não o correspondente Sim já implícito, apenas em si contido; apenas contém si, Para si se torna muito complexo (H's Welthistorisches Individuum, K. Partei, 1956)

[K/32]

ad *Vida terrena – além* (desenvolvimento das ciências da natureza (mais tarde astronomia) como base filosófica (ontológica) d. ética. Luta contra isto

a) transição à nova época (Böhme, Paracelsus, Fludd: Polêmica de Kepler e Gassendi)

b) Romântico. Sem morada e em casa no mundo (Ofterdingen IV 224)⁵⁰⁵ ambiguidade na oposição α) Typus Kant β) problema do espírito (desde Fichte)

c) filosofia da natureza qualitativa (cromática)

d) ab Kierkegaard. Papel do neopositivismo em Einstein e Heisenberg. Objetividade da natureza ética (relação para com os gregos (Aristóteles, Epicur)

[Ph/2]

Ad Conflito

Jacobi sobre Fichte (*Atheismusstreit* 179)⁵⁰⁶ olhar mais de perto. Antes de todos, Kant e Fichte (Stoffer 153)⁵⁰⁷ e romântico (Schleiermacher: pré Athenäum) – Problema: necessariamente planteado pelo indivíduo – fundamental indissolúvel – *puro* – do indivíduo

[X/4]

Crítica de Kierkegaard a Hegel direto na questão “realidade-existência” reciprocamente justificadas, tratado como realidade o conceito de espírito elemento refletido de H (crítica do jovem Marx) Mas K. remonta ao fenômeno elementar-teleológico (N. Hartmann), aceito não apenas sem crítica, mas ainda como ponto de partida para ontologia religiosa-antropológica. Enquanto em H. o reflexo da realidade objetiva torna-se hipostasiado, puros desejo e necessidade subjetivos tornam-se em K. “fatos” ontológicos (Unsterblichkeit Nachschrift II 2)⁵⁰⁸ Na crítica: ontologia do ser social

[R/3]

K Barth u Neopositivismus

Kein Weltbild (Dogmatik 62)⁵⁰⁹ dazu in Barth III Dogmatik: Naturwissenschaft “die nur u nicht eine heidnische Gnosis u Religionslehre ist” (cit. H. Meschkowski: Das Christentum im Jahrhundert d. Naturwissenschaften 77)⁵¹⁰

[K/30]

Zu erwägen, als Abschluß d. Ethik: Unmöglichkeit Zukunft konkret vorzeichnen, aber: Aufeinanderweisen von Entwicklung, Ethik, Kommunismus, “Doch fassen Geist, würdig, tief zu schauen
Zum Grenzenlos grenzenlos Vertrauen” (Faust II Lustgarten II 489 Cotta XIV 56)⁵¹¹

[R/4]

Glaube (From 199f)⁵¹² Ausgang Handeln müssen ohne Kenntnis aller Faktoren (Ontologisch: fundamental für Praxis) Religiöse Form transzendent; moderner Ersatz: Subjektivität (Bloch: Hoffnung) Neue Form: ad Bloch: statt Hoffnung: Perspektive; objektiv, aber nur als Tendenz. Subjektiv: Vertrauen – als Ergebnis früherer Praxis – mit Element des Unbekannten (Faust II Jubileum Ausg XIV 56)⁵¹³ Nicht identisch mit “Glauben“

[K/54]

Aus neuem Begriff d. Mitte entwickeln: Beziehung zu den überindividuellen Einheiten (Familie, Klasse, Nation, Menschheit): immer Möglichkeit der Extreme: Unmenschlichkeit – Philistertum (Familie), Provinzialismus – abstrakt-leere Humanität (Nation) etc. Dies a) Verzerrung b) Grundlage v. Konflikt und Übergang zur höheren Mitte der Ethik

[K/5]

ad *Goethe Ethik u Diesseits*

“Offenbar Geheimnis” (West-Östlicher Divan) über Hafis: gegen mystische Auslegung

... Und ihren unlautern Wein

In deinem Namen verschenken.

Du aber bist mystisch rein,

Weil sie dich nicht verstehn,

Denn du, ohne fromm zu sein, selig bist!

Das wollen sie dir nicht zugestehen.

V 22⁵¹⁴

[Rb/3]

K Barth e neopositivismo

Nenhuma imagem de mundo (Dogmatik 62)⁵⁰⁹ com isso em Barth III Dogmatik: ciência da natureza “a única que não é uma doutrina pagã ou religiosa” (cit. H. Meschkowski: Das Christentum im Jahrhundert d. Naturwissenschaften 77)⁵¹⁰

[K/30]

A considerar, como conclusão d. ética: impossibilidade traçar futuro concreto, mas: mostrar outro modo do desenvolvimento, ética, comunismo, “Mas o espírito capta, dignamente, o olhar profundo pela sem fronteira confiança ilimitado.” (Faust II Lustgarten II 489 Cotta XIV 56)⁵¹¹

[R/4]

Crença (From 199f)⁵¹² saída dever agir sem conhecimento todos fatores (ontologicamente: fundamental para práxis) forma religiosa transcendente; moderno substituto: subjetividade (Bloch: esperança) Nova forma: ad Bloch: ao invés de esperança: perspectiva; objetiva, mas apenas como tendência. Subjetiva: confiança – como resultado da práxis anterior – com elemento do desconhecido (Faust II Jubileum Ausg XIV 56)⁵¹³ Não idêntico com “crença”

[K/54]

Desenvolver o novo conceito d meio: conexão com as unidades supra-individuais (família, classe, nação, humanidade): sempre possibilidade do extremo: desumanidade – felisteísmo (família), provincianismo – humanidade vazia-abstrata (nação) etc. Isto a) distorção b) base do conflito e transição para meios mais elevados da ética

[K/5]

ad Goethe ética e vida terrena

“Segredo aparente” (West-Östlicher Divan) sobre Hafis: contra interpretação mística...

... Und ihren unlautern Wein

In deinem Namen verschenken.

Du aber bist mystisch rein,

Weil sie dich nicht verstehn,

Denn du, ohne fromm zu sein, selig bist!

Das wollen sie dir nicht zugestehen.

V 22⁵¹⁴

[K/7]

Wahrheit (Echtheit) in *Ethik* La Rochefoucauld (357/8)⁵¹⁵ über Unvergleichbarkeit; ebenso wie in *Aesthetik* (Architektur 358)⁵¹⁶ Wie weit richtig? Wichtig: *unmittelbar* nicht ablösbar von sozialem Untergrund (was in Kunst möglich) Bild Robespierres oder Marats. Freilich relativ – in großer zeitlicher Entfernung. Weiter: größere Abhängigkeit von ethischer Einstellung des Aufnehmenden als in *Aesthetik*. Ganze Frage vom Standpunkt zu analysieren: Ethik Sphaere einer *praktischen Wirklichkeit*: Kunst war – in diesem Sinne – nicht wirklich (Freilich: Hamlet, Don Quixote etc wirken wie reale Menschen)

[K/34]

ad *Sprung zu Signalsystem* 1' u 2

Bei Menschen: Pathologie. Nicht Gegenstand der Ethik, insofern Mensch aufhört Subjekt zu sein, insofern seine Lebensäußerungen rein physiologisch dirigiert sind (Das schließt ein – oft verstörtes – Funktionieren der verschiedenen Reflexsysteme nicht aus) Ethik nur: wenn *Kampf* gegen so entstehende Impulse – oder gegen <geis> ihre geistigmoralischen Folgeerscheinungen

[K/23]

Kategoriell ausarbeiten:

“*Défauts de ses vertus*” sowohl struktiv, wie dynamisch (entwicklungsgemäß)!

[Z 3]

Aristoteles

οὐσία: Sein (Jaeger: Aristoteles (82)⁵¹⁷ oder Wesen (Bassenge: Aufbau 373)⁵¹⁸ Ursprünglich – und seit Hegel-Marx – sehr nahe; Gegensatz erkenntnistheoretisch, nicht ontologisch (Jaeger ibd über Platon (91)⁵¹⁹ Teleologie u Arbeit (Metaphy. Aufbau 163 f)⁵²⁰ Hartmann (Teleologisch 65 f)⁵²¹ Analyse. Widerlegungen d. Metaphysik 67⁵²² Hartmanns Kritik d. “Mitte” (Ethik 568 ff)⁵²³ untersuchen. Hinter “zwei Tugenden“: Ethik - Moral Mitte a) Priorität des Inhalts (gesellschaftlich) Hier Konkretheit von A. b) Mitte als Sphaere des Besonderen (nicht nur negativ zwischen allgemein und einzeln), sondern positiv. (Dadurch Wichtigkeit für Kunst – und Kunst als “vestigia” der Ethik) Aber Entstehung selbständig; aus Leben selbst abzuleiten (Hartmanns obige Kritik “phaenomenologisch“. Inhaltlichkeit – formell, abstrakt)

[K/7]

Verdade (autenticidade) na *ética* La Rochefoucauld (357/8)⁵¹⁵ sobre incomparabilidade; tal como na *estética* (Architektur 358)⁵¹⁶ Até onde correto? Importante: *mediato* não destacável do subsolo social (como na arte, talvez) quadro de Robespierre ou de Marat. Todavia, relativo – em maior distância temporal. Além disso: maior dependência da atitude ética para com o receptor que na *estética*. Analisar toda a questão do ponto de vista: Esfera ética uma *realidade prática*: arte seria – nesse sentido – não real (contudo: Hamlet, Dom Quixote etc efetivos como humanos reais)

[K/34]

ad *Salto para sistema de sinal* 1^o e 2

Nos humanos: patologia: não objeto da ética, tanto quanto ser humano cessa de ser sujeito, tanto quanto seus sinais de vida são puramente dirigidos fisiologicamente (Isto não exclui um – frequentemente perturbado – funcionamento dos diferentes sistemas de reflexo) Ética apenas: quando *luta* contra impulso assim surgidos – ou contra <esp> seus efeitos posteriores espirituais-morais

[K/23]

Categorial para elaborar:

“*Defeitos de suas virtudes*” tão estruturada quando dinâmica (de acordo ao desenvolvimento)!

[Z 3]

Aristóteles

οὐσία: Ser (Jaeger: Aristóteles (82)⁵¹⁷ ou essência (Bassenge: Aufbau 373)⁵¹⁸ Originalmente – e desde Hegel-Marx – muito próximo; oposição teoria do conhecimento, não ontológica (Jaeger ibd acima Platon (91)⁵¹⁹ Teleologia e trabalho (Metaphy. Aufbau 163 f)⁵²⁰ Hartmann (Teleológico 65 f)⁵²¹ análise. Refutação d. Metafísica 67⁵²² examinar Hartmanns crítica d. “meio” (Ethik 568 ff)⁵²³. Por trás “duas virtudes”: ética-moral Meio a) prioridade do conteúdo (social) Aqui concretude de A. b) meio como esfera do particular (não apenas negativo entre geral e singular), mas positivo. (Desde modo importante para arte – e arte como “vestigia” da ética) Mas início independente; derivada da própria vida (crítica “fenomenológica” acima de Hartmann. Conteudidade – formal, abstrata)

[A/1]

Motive der Opposition gegen Aristoteles

Teleologie der Natur (Olschki 363 , 383/5)⁵²⁴

Form als Bewegter der an sich unbestimmten Materie (vielleicht schon Cardanus)*

(*Ethische Folgen ausarbeiten!*)

Bewegung ?! (Galilei gegen Unveränderlichkeit (Heer 358)⁵²⁵ Olschki 362⁵²⁶

Bloch: Gegenbewegung schon Straton etc dann Avicenna, Averroes-Linie auf Bruno (Avicenna 33)⁵²⁷ Wichtig aber: Sprung von Bruno zu Spinoza: (Bei ihm Stoff-Form nicht mehr aristotelisch ibd 56)⁵²⁸

[A/2]

Zeitbedingtheit von Aristoteles - Sich selbst Unrecht tun unmöglich (N. E V. 15)⁵²⁹

a) Selbstmord – vergl schon Stoa (Hier einfache Polisethik) 120⁵³⁰

b) Tun - Erleiden: undialektisch (ibd)⁵³¹

c) Subjekt: juristisch: Mit eigener Frau Ehebruch (ibd) Vergl Wahlverwandtschaften Dies verallgemeinern auf Subjekt, das nicht bloß citizen ist (spezifisch ethisch)

d) Verknüpfung mit Unrechlichem (121)⁵³² falsch

e) nur “analogisch“; zwischen rationalem und irrationalem Seelenteil (ibd)⁵³³ Alle Probleme des Konflikts α) nach innen gewendet β) Folgen einer Entscheidung vernachlässigt

[A/3]

Aristoteles: Muße Leben: Arbeit u Muße (Politik VII 14. 263)⁵³⁴

Bauerndemokratie die beste (ibd VI 4 216)⁵³⁵

Muße: Glück X 7 231 (Neh E)⁵³⁶

Ausfüllen u Muße (gegen bloßes Spiel) (Politik VIII 3 278/9)⁵³⁷

Stufen d Muße (N Ethik I 3 8/9)⁵³⁸

Politik keine Muße (N. Ethik X 7. 231)⁵³⁹

Gegen Sparta als Ideal (Pol VII. 14. 264)⁵⁴⁰

[A/4]

Aristoteles “Mitte” als Ethik versus Moral

In Extremen moralisches Gebot oder Verbot (Allgemein Einzelne) Mittel: Spielraum des Besonderen. Ableitung von Überwiegen v Subjektivität oder Objektivität erst dabei. Historisch: A will nicht traditionelle Polis - konservierend – retten wie Sokrates u Platon. Zeitgemäßheit – von hier aus Ethik aus Moral

[A/1]

Motivo da oposição a Aristóteles

Teleologia da natureza (Olschki 363 , 383/5)⁵²⁴

Forma como motor da matéria indeterminada em si (talvez já em Cardano)*

(Elaborar consequências éticas!)

movimento ?! (Galileu contra imutabilidade (Heer 358)⁵²⁵ Olschki 362⁵²⁶

Bloch: contra-movimento já Straton etc então Avicenna, linha Averroes até Bruno (Avicenna 33)⁵²⁷ Importante contudo: salto de Bruno a

Spinoza: (neles material-forma não mais aristotélico ibd 56)⁵²⁸

[A/2]

Limitabilidade do tempo de Aristóteles – impossível se fazer tão equivocado (N. E V. 15)⁵²⁹ a) suicídio – conf. já Stoa (aqui simples ética da pólis) 120⁵³⁰

b) ação – sofrimento: adialético (ibd)⁵³¹

c) sujeito: jurídico: adultério com a mulher do próximo (ibd) conf. afinidade eletiva Este generaliza ao sujeito que não é mais mero cidadão (especificamente ético) Este generaliza ao assunto, isso não é apenas citizen (a especificamente ético).

d) associado com injustiça (121)⁵³² falso

e) apenas “análogo”; entre parte racional e irracional da alma (ibd)⁵³³

Todos problemas de conflito α) voltado para o interior β) consequência de uma decisão negligenciada

[A/3]

Aristóteles: ócio vida: trabalho e ócio (Politik VII 14. 263)⁵³⁴ democracia camponesa a melhor (ibd VI 4 216)⁵³⁵

Ócio: sorte X 7 231 (Neh E)⁵³⁶

Satisfazer e ócio (contra mero jogo) (Politik VIII 3 278/9)⁵³⁷

Estágios d ócio (N Ethik I 3 8/9)⁵³⁸

Política nenhum ócio (N. Ethik X 7. 231)⁵³⁹

Contra Esparta como ideal (Pol VII. 14. 264)⁵⁴⁰

[A/4]

“Meio” de Aristóteles como ética versus moral

Moralista ao extremo mandamento ou proibição (geral singular) Meio: campo de manobra do particular. Dedução do predomínio da subjetividade ou objetividade só daqui. Histórico: A não queria salvar pólis tradicional – em conservação – como Sócrates e Platão. Atualidade: daqui à ética à moral.

[Ad/2]

Ad Ethik

Kant gegen "Mitte" von *Aristoteles* (bei "Geiz" Metaphysik der Sitten. Phil. Bibi. Ausg 1919 282/4.⁵⁴¹

a) Dialektisch. Konkret. Spezifisch für Ethik (auch für Praxis im Alltag – nicht für *Kontemplation* Wahrscheinlich für Praxis ebenso charakteristisch wie Besonderheit für Aesthetik Ausarbeiten! Dazu: Beziehung v „Mitte“ u *Harmonie*. Zugleich: Harmonie in Aesthetik (Schönheit) u Ethik. Verbindung u Differenz!

b) Historisch. Warum auch hier Griechen: normale Kindheit Art der Auflösung von Urkommunismus α) Diesseitigkeit (darum keine theologische Entfremdung, wie Orient, Rom – Hegel! – schon moderne Entfremdung)

β) *Minimum an Entfremdung* – Voraussetzung für Ethik (Urkommunismus: Sitte, Kommunismus: durchschaute Entfremdung Grundlage für Universalität u Herrschaft der Ethik (Freilich: *praktisch* durchschaute – auch dies kategorial ableiten!)) Aber: Minimum. Wo fängt entstellende Wirkung an? (Wahrscheinlich: Zerrissen v öffentlich u privat xxx) Neue Formen der Transzendenz durch Entfremdung Kant gegen Spinozas – diesseitige – Affektenlehre Metaphysik der Sitten 236⁵⁴²

[Ad/3]

Ad Ethik Kant u *Aristoteles* *Tugend* kann nicht mit Unlust verbunden sein (Große Ethik übersetzt v H. Bender Stuttgart Hoffmann II Buch VII Kap S. 83)⁵⁴³ Dabei einerlei, daß Große Ethik später: wichtig: Verbindung von Affekt u Tugend

Ad Ethiken von Aristoteles

Eudemische Ethik. Verfasser Eudemos von Rhodos, Schüler v. A. Bücher IV-VI gleichlautend mit Nikomachischer Ethik. Buch V-VII. Ausgabe Eudemische Ethik (Hermann Bender) Stuttgart Hoffmann. Einleitung 3⁵⁴⁴ *Große Ethik* Verfasser unbekannt. Später Peripatetik. Auszug aus beiden anderen, besonders Eudemonischen Buch II Kap 11-17⁵⁴⁵ Freundschaft Eudemonische Ethik Buch VII Ausgabe H. Bender Stuttgart Hoffmann Einleitung 2/4⁵⁴⁶

[Ad/2]

Ad Ética

Kant contra “meio” de *Aristóteles* (pela “avareza” *Metaphysik der Sitten*. Phil. Bibi. Ausg 1919 282/4.⁵⁴¹)

a) Dialético. concreto. Específico para ética (também para a práxis no cotidiano – não para *contemplação* Provavelmente para práxis, tal como particularidade característica para estética Elaborar! Com isso: conexão do “*meio*” e *harmonia*. Igual: harmonia na estética (beleza) e ética. União e diferença.

b) Histórico. Por que também aqui gregos: infância normal modo de dissolução do comunismo primitivo α) terrenidade (por isso nenhuma alienação teológica, como Oriente, Roma – Hegel! – já moderna alienação)

β) *Mínimo de alienação* – Pressuposto para ética (comunismo primitivo: costume, comunismo: examinar em detalhe alienação base para universalidade e predomínio da ética (Todavia: examinar *prático* em detalhe – também deduzir este categorial!)) Mas: Mínimo. Onde começa o efeito desfigurante? (Provavelmente: romper do público e privado xxx) Novas formas de transcendência pela alienação Kant contra Spinoza – mundano – doutrina dos afetos *Metaphysik der Sitten* 236⁵⁴²

[Ad/3]

Ad Ética Kant e *Aristóteles* *virtude* não pode ser combinada com mal-estar (Grande ética traduzida de H. Bender Stuttgart Hoffmann II Buch VII Kap S. 83)⁵⁴³ Daqui uniformidade da grande ética posterior: importante: união de afeto e virtude

Ad ético de Aristóteles

Ética de Eudemo. Escritor Eudemus de Rhodes, Schüler v. A. Bücher IV-VI idêntico a *Ética a Nicômano*. Buch V-VII. Ausgabe *Ética de Eudemo* (Hermann Bender) Stuttgart Hoffmann. Einleitung ³⁵⁴⁴ Escritor *Grande Ética* desconhecido. Pós peripatético. Excerto de dois outros, em especial a Eudemo Buch II Kap 11-17⁵⁴⁵ Amizade *Ética de Eudemo* Buch VII edição H. Bender Stuttgart Hoffmann Einleitung 2/4⁵⁴⁶

[K/24]

Verallgemeinerung der Mitte von Aristoteles: Maximale Integrität (u Wachstumsmöglichkeit) des Subjekts bei maximaler Hingebung an objektive Wirklichkeit So Mut (Tollkühnheit: Überwiegen d. Subjekt <)> – Feigheit des Objekts*); richtige Lebensführung (Verschwinden: Subjekt, Sein, Objekt)

*Beispiel Nostromo u Lord Jim Ganzes in Zusammenhang mit falscher Objektivität u falscher Subjektivität
Beispielgebend: Besonderheit

[K/50]

ad Entwicklung d. Ethik

Antike: Ideal des Polisbürgers. Zerstörung d. Polis: Weise: aristokratisch (auch in Gnosis: Pneumatiker). Ideales Verhalten: Fundament d. Ethik Christentum. Jesus: elementar plebejisch. *Mit* Ausbreitung: Askese schafft neue (Heils-) Aristokratie. Kanalisierung durch Mönchtum. Grundlage: Gebrechlichkeit. “Vollkommenheit als Ideal” (im Sinne des Nichtseins) Verschiedene Etappen

[K/103]

Ethik in Entwicklung

- a) Unbewußte Ablehnung (zuweilen bloß Unbehagen) gegen Sitte, Recht, Moral und Politik. Mit allen Unklarheiten (reaktionären Tendenzen) einer späteren Bewegung – Aufgabe α) sozial β) gedanklich etc Bewußtmachen – Nur in klassenloser Gesellschaft sozial möglich
 - b) unbewußte Korrektur – Typen (Geschworene etc) Dialektik
 - c) Konflikt der Ordnungssysteme (Tragödie)
 - d) Karikatur – wo bloß partikulares Individuum gegen abstrakte Allgemeinheit (Unmenschlichkeit in ihr)
 - e) reaktionär in Spontaneität – Richtung auf Religionen Dabei wichtig α) Aristokratismus β) Heraus aus Gesellschaft (beides schon Stoa). Nachsehen ob “Parterre” bei Diderot nicht noch Überrest
- Darum: ständige Mischung v Moral u Ethik (anders als Moral u Recht)

[K/49]

Seneca über *Epikur*, den er oft zitiert: Sätze nicht sein Besitz, sondern “Gemeingut” Brief 21 II 76.⁵⁴⁷

Philosophie reicht nicht aus - innere Umwandlung. Brief 94 IV 138⁵⁴⁸

Furcht u Hoffnung. Brief 13. III 40/1⁵⁴⁹ anders, prinzipieller Brief 24 III 86/7⁵⁵⁰

[K/24]

Generalização do meio de Aristóteles: máxima integridade (e possibilidade de crescimento) dos sujeitos pela máxima devoção a uma realidade objetiva. Portanto coragem (audácia: o preponderar d sujeito<)> – covardia dos objetos*); modo de vida correto (desaparecem: sujeito, ser, objeto)

*Por exemplo Nostromo e Lord Jim todos em conexão com falsa objetividade e falsa subjetividade

Exemplar: particularidade

[K/50]

ad Desenvolvimento d ética

Antiga: ideal do cidadão da pólis. Destruição da pólis: modo: aristocrático (também na Gnosis: pneumático). Conduta ideal: fundamento d. ética.

Cristianismo. Jesus: plebéico elementar. *Com* difusão: ascetismo cria nova (sagrada) aristocracia. Canalização para vida monástica. Base: fragilidade. “Perfeição como ideal” (no sentido do não-ser) Diferentes etapas

[K/103]

Ética em desenvolvimento

a) Impassível rejeição (por vezes mero mal-estar) contra costumes, Direito, moral e política. Com todas imprecisões (tendências reacionárias) de um movimento tardio – Tarefa α) social β) intelectual etc Fazer consciente – apenas em sociedade sem classe socialmente possível

b) correteude consciente – tipos (jurados etc) Dialética

c) Conflito do sistema de ordenamento (Tragédia)

d) Caricatura – onde mero indivíduo particular contra generalidade abstrata (desumanidade nela)

e) Reacionário na espontaneidade – em direção à religião Nisto importante α) aristocratismo

β) Para fora da sociedade (ambos já Stoa). Examinar se “Parterre” em Diderot não ainda resíduo

Por isso: constante mescla de moral e ética (diferente da moral e Direito)

[K/49]

Seneca sobre *Epicuro*, que cita com frequência: princípio não sem posse, mas “posse comum” Brief 21 II 76.⁵⁴⁷

Filosofia não basta – transformação interior. Brief 94 IV 138⁵⁴⁸

Medo e esperança. Brief 13. III 40/1⁵⁴⁹ outra, principal Brief 24 III 86/7⁵⁵⁰

[K/100]

Ethische Überwindung der *Partikularität* nur auf dem kategoriellen Niveau der *Besonderheit* lösbar.

[K/88]

Partikularität

Problem von Abhängigkeit oder Beherrschung (Hier Probleme der Massen: Stoa versus Aristoteles Epikur

[K/107]

Hartmann (Ethik 568 ff)⁵⁵¹ richtig. Mitte als Wertsynthese (und auch später über Aristoteles hinaus). Aber wahres Problem: Tugend etc. immer juristisch-moralisch formuliert, was im originaeren Material des Ethischen versagen muß. Auch hier Entwicklung: Magie (der Struktur nach) juristisch; Religion bringt moralisches hinein, wogegen Sitte eine Art Ethos ante rem (Vorindividuum) <Dabei> Langer Prozeß des Indenhintergrundschieben der Sitte. Dabei Schwierigkeit der Genesis des Ethos.

[K/3]

Ad Moral – Ethik

Sokrates – Jesus. a) Sokrates: Vollendung der Widerspruchlosigkeit d. Moral. Priorität der Einsicht – Konfliktlosigkeit. Ersetzen (und Demokratisch-machen) der alten Gentil- sittlichkeit

Jesus: Konflikt von “Gesetz” (Moral) und Ethik: Arbeit am Sabbath (Mensch!) (Accent auf Subjekt des Urteilenden etc) In Kirche: Rückverwandlung in Moral (dagegen: Sekten Franciscus) Jesuiten: reine Moral (Kasuistik)

[K/108]

Adiaphoron

a) objektiv in Moral (erst recht im Recht)

b) subjektiv in Ethik (einfach nicht auf das Wesen bezogen. Hier freilich: Möglichkeit der Verzerrung; als adiaphoron, was doch – objektiv im ethischen Sinn – bezogen sein sollte

[K/100]

Conquista ética da *particularidade* apenas a partir do nível categorial da *particularidade* solucionável.

[K/88]

Particularidade

Problema da dependência ou controle (aqui problema das massas: Stoa versus Aristóteles Epicuro)

[K/107]

Hartmann (Ethik 568 ff)⁵⁵¹ correto. Meio como síntese de valor (e também mais tarde para além de Aristóteles). Mas verdadeiro problema: virtude etc. sempre formulada jurídico-moralmente, o que tem de falhar no material ético original. Também aqui desenvolvimento: magia (a estrutura até) jurídico; religião conduz moral, contra a qual costume uma espécie de ethos ante rem (pré-indivíduo). < Com isso > processo mais longo do mover do costume ao segundo plano.

[K/3]

Ad Moral – Ethik

Sócrates – Jesus. a) Sócrates: completamento da contraditoriedade d. moral. Prioridade da compreensão – sem conflitualidade. Substituir (e fazer-democrático) do antigo costume gentílico
Jesus: conflito da “lei” (moral) e ética: trabalhar aos sábados (humano!) (Acento no sujeito dos juízos etc.) Na igreja: recuo na moral (contra isto: seitas Francisco) Jesuítas: pura moral (casuística)

[K/108]

Adiáforo

a) objetivo na moral (originalmente direito no Direito)
b) subjetivo na ética (simplesmente não referido pela essência. Aqui, todavia: possibilidade da distorção: como adiáforo, o qual deve ser referido – objetivamente em sentido ético)

[K/110]

Ethik des Umwegs

Hartmann (257)⁵⁵² Zweck des Wahrhaftigen nicht wahrhaft zu sein etc
Handelt es sich nicht (vergl. H. gegen Kant 256/7)⁵⁵³ um
Überbewußtsein *moralischer* Akte Gebot Wahrheit zu sagen, niedrigeres
Niveau als Wahrheit zu sein (Wider Moral u Ethik)

Allgemein: Recht u Moral; direkte auf Einzelnes (und Gruppe) gerichtete
Struktur. Menschliche Universalität der Ethik: indirekt; über einzelnes
Gebot hinausgehend (Besonderheit!)

[K/111]

Komik als ethische Kategorie

Hartmann über Modalität im Seinsollen (Wirklichkeit vor allem
Möglichkeit <)> (219)⁵⁵⁴ Notwendigkeit ohne Möglichkeit: Don
Quixote; Möglichkeit ohne Notwendigkeit: Falstaff – Berührt Moralität
nicht Don Quixote moralisch integer, Falstaff amoralisch

[K/112]

Stelle der Ethik

Das *direkte* u *gewollte* Menschwerden. Wissenschaft und Anwendung
(Technik, Oekonomie): reale Umwandlung aber ungewollt. Umformung
der Partikularität. Voraussetzung u Resultat. Politik, Recht, Moral:
Voraussetzung und in Funktionbringen (Aufbewahren) des jeweiligen
Zoon politikon (Nie Totalität des Menschen) Rolle von Philosophie u
Kunst. Überall aber: *nur* Ethik direkt u gewollt. (Darum: allmähliges und
ungleichmäßiges Entstehen)

Immer ausarbeiten: Beziehung zu den “Zwischenschichten” die
unmittelbar wirken (Familie, Klasse, Nation) Realität der Menschheit

[K/110]

Ética de desvio

Hartmann (257)⁵⁵² propósito dos honestos não é o verdadeiro etc. Não é uma questão (conferir H. contra Kant 256/7)⁵⁵³ de atos moralizadores supra-consciência mandamento dizer a verdade é o nível mais baixo enquanto verdade (contra moral e ética)

Geral: Direito e moral: direto da estrutura voltada aos singulares (e grupos). Universalidade humana da ética: indireto; para além do mandamento singular (particularidade!)

[K/111]

Cômico como uma categoria ética

Hartmann sobre modalidade em dever-ser (realidade antes de toda possibilidade <)> (219)⁵⁵⁴ Necessidade sem possibilidade: Dom Quixote; possibilidade sem necessidade: Falstaff – não afeta moralidade Dom Quixote moralmente íntegro, Falstaff amoral

[K/112]

Lugar da ética

O devir-humano *direto e intencionado*. Ciência e aplicação (técnica, economia): real transformação mas não intencionada. Reformulação da particularidade. Pressuposto e resultado. Política, Direito, Moral: pressuposto e trazem à função (o conservar) do respectivo zoon politikon (nunca totalidade dos humanos) papel da filosofia e da arte. Sobretudo, todavia: *apenas* a ética direta e intencionada. (Por isso: gradual e desigual desenvolver

Sempre elaborar: conexão das “camadas intermediárias” com o imediato atuar da realidade da humanidade (família, classe, nação)

[K/113]

Moral u Ethik: Allgemein: Hegel, auch Aristoteles "Mitte". Mit alledem: Ethik (ganzer Mensch) höher als Moral (einzelne Entscheidung) – (Wechselwirkung ausarbeiten) Aber: Moral der Konflikte kann höher sein als "normale" Ethik (auch hier Wechselwirkung): Universalität in Konfliktmoral (Antigone), aber menschliche Verzerrung u Partikularität (Gamelin). Höchste Selbstaufopferung (Aufopfern des Selbst), xxx ethischer Universalität quand même (Lenin) Ohne Geschichte unmöglich erfaßbar; aber über einzelne Determination hinaus; geschichtsphilosophische Trendlinie

[K/114]

ad Ethik

Sphaeren

- a) Sitte (Grundformen)
- b) α) Recht Wechselseitige Ergänzung (Hegel)
- β) Moralität
- c) Ethik als Synthese

Teleologie der Praxis

a) Technik

b) Oekonomie

c) Politik. Aadaequation im unmittelbaren Effekt – Inadaequatheit in weiteren Folgen.

Ohnmacht und Macht der Ethik: Annäherung an das Menschheitlich. Das Menschheitlich und Formung des ganzen Menschen

[O/154]

Ad *Entfremdung*

Politik (junge M): citoyen als Entfremdung. Aufhebung erst, wenn individueller Mensch (Staatsbürger in sich zurücknimmt) im empirischen Leben, in individueller Arbeit *Gattungswesen* geworden ist. I I 559⁵⁵⁵ Also bei Gattung zwei Wege

- a) (in M. Kapital geschildert) von biologischer (stummen) Gattung zur Menschheit
- b) im Individuum zum Gattungswesen a) Ungleichmäßigkeit b) Formen

[Z/2]

N Hartmann

Reine Sollensethik: Wertblindheit für Wirklichkeit- (Ethik 9)⁵⁵⁶
Normerkennntnis apriorisch (Platon) 29⁵⁵⁷

[K/113]

Moral e ética: geral: Hegel, também “meio” de Aristóteles. Com tudo isso: ética (ser humano inteiro) mais elevada que moral (decisão individual) – (elaborar interação) Mas: moral do conflito pode ser mais elevada que ética “normal” (também aqui interação): universalidade no conflito moral (Antígona), todavia distorção humana e particularidade (Gamelin). Mais elevado auto-sacrifício (sacrifício de si próprio), xxx universalidade ética quand mème (Lenin) sem história impossível compreensão, mas para além da determinação individual; linha tendencial da história da filosofia

[K/114]

ad Ética

Esfersas

- a) Costume (formas básicas)
- b) α) Direito suplementação
- β) moralidade recíproca (Hegel)
- c) Ética como síntese

Telelologia da práxis

- a) Técnica
- b) Economia
- c) Política. Adequação aos efeitos imediatos – inadequacidade nas consequências que se seguem.

Impotência e poder da ética: aproximação ao que é próprio da humanidade. Da humanidade e formação do seres humanos inteiros.

[O/154]

Ad *Alienação*

Política (jovem M): citoyen como alienação. Superação apenas quando humano individual se tornou (revogado cidadão em si) na vida empírica, no trabalho individual, *ser-genérico*. I I 559⁵⁵⁵ Portanto ao gênero dois percursos:

- a) (explicado no Capital de M.) do gênero biológico (mudo) à humanidade
- b) nos indivíduos para ser-genérico a) desigualdade b) formas

[Z/2]

N Hartmann

Pura ética do dever: opacidade do valor por realidade (Ethik 9)⁵⁵⁶
apriorístico conhecimento das normas (Platon) 29⁵⁵⁷

[E/1]

Ad *Hartmann*

Apriori unhaltbar. Aber dahinter realer Tatbestand. Aus a) Widerspiegelung b) Zusammenhang von dialmat-en und hist-mat-en Sphaere (H. sieht nicht besondere Stellung des oekonomischen Lebens für "Geist") c) Problem der Kontinuität
Beispiel der phänomenologischen "Ableitung" (Ethik 122/ 3⁵⁵⁸
Theoretisch 153/4⁵⁵⁹ Analogie in Ethik 155⁵⁶⁰

[E/2]

Hartmann Ethik

Primäre Wertbewußtsein aus Leben 48⁵⁶¹ (Aber Werte: überzeitlich 49)⁵⁶² Werte: Wesenheiten 121 (Aber - gegen H immer *in re*) Ableitung d "Guten": naïv-idealistischer Sophismus (Angenehm, nützlich: schon Tiere!) 122⁵⁶³ Alte Ethik: fehlt Wertbegriff 139⁵⁶⁴

[K/104]

Ad *Ethik*

- 1) Aristoteles Mitte – Lenin: excessive Wahrheit (auch Zweifrontenkampf) Überhaupt: Mitte und Materialismus. Idealismus und das Excessive (Robespierre)
- 2) Ethische Gegenständlichkeit: Zukunft. Modell: Arbeit (Darum: Sitte – keine erkenntnistheoretische Problematik. Auch Moral – wegen Subjektivität – nicht) Eigenart: Subjektive und objektive Seite in dialektischer Einheit (Probleme der Folgeethik) Ausarbeiten
- 3) Recht und Moral machen Inkognito möglich. Überwindung in Ethik, Griechische Ethik noch vor der Dissonanz.

[K/89]

ad *Mitte* genau trennen a) Aristoteles-Goethe: Synthese b) Kompromiß (juste milieu) Politik a) Zweifrontenkampf (Lenin) b) "Dritter Weg" (hier Stalin: praktisch vor allem b) Konkret politisch: Frage: wohin tendiert "dritter Weg"? Problem der "Bündnisse" (Lenin u S. R. Bewegung; Friedensbewegung etc)?

[K/43]

Aufhebung von Moral in Ethik Nie absolut (Grenze u Struktur untersuchen)
Jesus (Markus 10.1/12 über Ehe, Scheidung)⁵⁶⁵

[E/1]

Ad *Hartmann*

A priori insustentável. Contudo por trás dele fatos reais. Da a) reflexo b) conexão das esferas matdial e mathist (H. não enxerga lugar particular da vida econômica para “espírito” c) problema da continuidade
Por exemplo a “dedução” fenomenológica (Ethik 122/ 3⁵⁵⁸ teoricamente 153/4⁵⁵⁹ analogia na ética 155⁵⁶⁰)

[E/2]

Ética de Harmann

Primaere consciência do valor a partir da vida 48⁵⁶¹ (Mas valor: supratemporal 49)⁵⁶² Valor: essencialidades 121 (Mas contra H sempre *in re*) dedução d “bom”: sofisma ingênuo-idealista (gratidão, útil: já animais!) 122⁵⁶³ Ética antiga: falta conceito de valor 122⁵⁶⁴

[K/104]

Ad *Ética*

1) Meio de Aristóteles – Lenin: excessiva verdade (também luta em dois fronts) Acima de tudo: meio e materialismo. Idealismo e o excessivo (Robespierre)

2) objetividade ética: futuro. Modelo: trabalho (daqui: costume – nenhuma problemática da teoria do conhecimento. Também moral – devido à subjetividade – não) Específico: aspectos subjetivo e objetivo em unidade dialética (problema da ética das consequências) Elaborar

3) Direito e moral fazem incógnito possível. Conquista na ética, ética grega ainda antes da dissonância.

[K/89]

ad *Meio* separar precisamente a) Aristóteles-Goethe: síntese b) compromisso (juste milieu) Política: a) luta em dois fronts (Lenin) b) “Terceiro Caminho” (aqui Stalin: prático antes tudo b) concreto político: questão: para onde tende o “Terceiro caminho”? Problema das “alianças” (Lenin e movimento S. R. Movimento; pela Paz etc)?

[K/43]

Superação da moral em ética nunca absoluta (examinar fronteira e estrutura)
Jesus (Markus 10.1/12 sobre matrimônio, divórcio)⁵⁶⁵

[K/36]

Mitte u Dialektik in Ethik

Kategorien wie *Zufriedenheit u Unzufriedenheit, Geduld u Ungeduld* auf Gleichgewicht zwischen Subjekt u Objekt untersuchen. Ethik: beides. In ersten Gefahr: Macht der objektiven Welt überschätzen, in negativen (“Un ...“) die Macht der Subjektivität. Dialektische Mitte[:a:]:] das zwar im gegebenen, objektiven wie subjektiven hic et nunc erreichen b) ein Anzeichen finden, das Ausgangspunkt für Höherentwicklung werden kann Diese Dialektik erneut bei jeden Schritt. Darum gerade hier: Problem d Reproduktion

[K/37]

Mitte u Dialektik in Ethik 2

Problem d *Offenheit* Gefahren: Verengung u Richtungslosigkeit (Erstarrung u Bodenlosigkeit) Gerade hier: *historisch* (u klassenmäßig. Lenin als Beispiel auch vom Feind lernen – deshalb: historisch untrennbar von social) Je stärker Entfremdung, desto stärker beide Gefahren (Dogmatismus u Mode. Oft gemacht. Ethisch: falsche Subjektivität u falsche Objektivität) Darum hier: Dialektik der Überzeugungen: Sicherheit, Selbstvertrauen als unentbehrlich u als Gefahr Bei allen: Maß: Reproduktion (in Höhe) darum: jeweils individuell (z. B. Schaff Heller u Kritiker)

[K/79]

Kommunisten und Tod

Bloch: Prinzip Hoffnung III 267 ff⁵⁶⁶

[R/6]

Tod als biologisches Faktum in Gesellschaft nicht assimilierbar. “Ideologie” bis Religion – Probleme des sinnvollen Lebens (Spartaner bei Thermopylae – Sokrates - Christus etc)

[K/92]

Sinnvolles Leben u Natur

Gefährdung a) physisch b) physiologisch (Beides in Wechselwirkung mit Gesellschaft, aber dies a) Beherrschen b) neue Katastrophen) Leben also: von Innen geformt, aber nie gesichert. Ideal des Weisen: wann immer zum Tode bereit sein (Nur ethisch möglich; auf Werk bezogen immer problematisch)

[K/36]

Meio e dialética na ética

Investigar categorias como *satisfação e insatisfação, paciência e impaciência* em equilíbrio entre sujeito e objeto. Ética: ambos. No primeiro perigo: faz o mundo objetivo sobrevalorizado, em negativo (“a...”) o poder da subjetividade. Meio dialético:[a:] ainda que no dado, alcançar hic et nunc tanto objetivo como subjetivo b) encontrar um indício que o ponto de partida para o desenvolvimento mais elevado pode vir a ser Esta dialética repetidamente por cada passo. Por isso aqui: problema d reprodução.

[K/37]

Meio e dialética na ética 2

Perigos problema da *sinceridade*: estreiteza e falta de correteza (solidificação e infundado) Precisamente daqui: *histórico* (e referente às classes. Lenin como exemplo também de aprender com os inimigos – por isso: histórico inseparável do social) Quanto mais dura a alienação, mais duros os dois perigos (Dogmatismo e moda. Feito com frequência. Ético: falsa subjetividade e falsa objetividade) Por isso aqui: dialética do convencimento: segurança, confiança em si mesmo como imprescindível e como perigo Para todos: medida: reprodução (em elevação) por isso: respectivamente individual (p. ex. Schaff Heller e crítico)

[K/79]

Comunistas e morte

Bloch: Princípio Esperança III 267 ff⁵⁶⁶

[R/6]

Morte como um fato biológico não assimilável. “Ideologia” até religião – Problemas da vida com sentido (espartanos nas Termópilas – Sócrates – Cristo etc)

[K/92]

Vida com sentido e natureza

Perigo a) físico b) fisiológico (ambos em interação com a sociedade, mas ela a) Dominar b) novas catástrofes) Vida portanto: moldada do interior, mas nunca assegurada. Ideal do sábio: estar sempre preparado para a morte (apenas eticamente possível; com referência ao ato sempre problemático)

ANEXOS

Conteúdo das Pasta 587, 588 e 116

As notas sobre a ética foram organizadas por Lukács em 14 envelopes, deixados em parte na escrivaninha de seu escritório e, em parte, na biblioteca do seu segundo apartamento do prédio no número 2 da Belgrád rakpart, em Budapeste. O organizador da edição húngara, prof. Mezei, reproduz a numeração dos Envelopes e, ainda, em cada envelope, os livros que foram citados por Lukács. Destes livros, aqueles com referência completa (ano, cidade de publicação e editora) puderam ser localizados na própria biblioteca de Lukács, já os que carecem destes dados não puderam ser lá localizados.

Envelopes:

A: <i>Envelope</i> 587-4	O: Pasta 116
Ad: <i>Envelope</i> 588-9	T: <i>Envelope</i> 588-11
E: <i>Envelope</i> 587-3	Ph: <i>Envelope</i> 588-3
H: <i>Envelope</i> 587-6	R: <i>Envelope</i> 588-5
K: <i>Envelope</i> 588-10	Ro: <i>Envelope</i> 588-7
L: <i>Envelope</i> 588-15	X: <i>Envelope</i> 587-8
M: <i>Envelope</i> 588-8	Z: <i>Envelope</i> 587-2

Pasta 587: „Ethik Notizen I“

Envelope 587-1: „I (von rechts) 1 Theologen“

Meister Eckehardts „Schriften und Predigten“, Bde. 1-2, Jena: Eugen Diederichs, 1917. *Plotin*, „Die Enneaden“, Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1878. *Tertullian*, „Ausgewählte Schriften“, Bde. 1-2, Kempten-München: Verlag der J. Köfelschen Buchhandlung, o. J. *Augustin*, „Bekenntnisse“, München: G. Müller, o. J. *Thomas von Aquino*, „Ausgewählte Schriften zur Staats- und Wirtschaftslehre“, Jena: G. Fischer, 1923.

Envelope 587-2: „Zusammenstellungsversuche von Problemkomplexen“ Z/1: „Gesellschaft in USA“, Z/2: „N. Hartmann“, Z/3: „Aristoteles“, Z/4-Z/6: „Kategorienprobleme“, Z/7: „Kategorien der Praxis“, Z/8: „Problem des Werts“, Z/9: „Freiheit“, Z/10-Z/12:

„Gesellschaftliches Sein“, Z/13: „Ideologie“, Z/14: „Mensch (Anthropologie etc) in Sphae- re d. Praxis“, Z/15 – Z/17: „Ethik“, Z/18: „Sitte und Recht (-Verhalten)“, Z/19: „Politik“, Z/20: „Moral (Konflikt, Gesinnung u Folge)“, Z/21-Z/23: „Religion (Bedürfnis)“, Z/24: „Weltanschauung“

Envelope 587-3: „1.3 Ethik/Hartmann, Scheler, Jodl, Adorno“

Zettelnotizen: E/1: „Ad Hartmann“, E/2: „Hartmann Ethik“. Konspekte von Büchern: *Nikolai Hartmann* „Ethik“, Berlin: Walter de Gruyter, 1949. *Max Scheler*, „Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik“, Halle, a. d. S.: Verlag von Max Niemeyer, 1930. *Max Scheler*, „Vom Umsturz der Werte“, 4. Aufl., Bern: 1955. *Friedrich Jodl*, „Allgemeine Ethik“, Stuttgart-Berlin: Cotta, 1918. *Friedrich Meisner*, „Die Idee der Staatsraison in der neueren Geschichte“, München: 1957. *Theodor W. Adorno*, „Minima Moralia“, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1962.

Envelope 587-4: „1.4. Aristoteles Ethik (Metaphysik)“

Zettelnotizen: A/1: „Motive der Opposition gegen Aristoteles“, A/2: „Zeitbedingtheit von Aristoteles“, A/3: „Aristoteles, Muße“, A/4: „Aristoteles, Mitte“. Konspekte von Büchern: *Aristoteles*, „Nikomachische Ethik“, Berlin: Akademie-Verlag, 1956. *Aristoteles*, „Magna Moralia“, Berlin: Akademie-Verlag, 1958. *Aristoteles*, „Rhetorik“, Stuttgart: Kraus und Hoffmann, 1862. *Aristoteles*, „Politik“, Leipzig: Felix Meiner, 1922.

Envelope 587-5: „1.5. Über griechische Ethik <1.6. (Ontologie, Hartmann etc.)

Werner Jaeger, „Die Theologie der frühen griechischen Denker“, Stuttgart: W. Kohlhammer, 1953. *IV. Jaeger*, „Aristoteles - Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung“, Berlin: Weidman, 1955. *W. Jaeger*, „Paideia“, Bde. 1-3, Berlin: Walter de Gruyter, 1959. *Leopold Schmidt*, „Die Ethik der alten Griechen“, Berlin: Verlag von Wilhelm Hertz, 1882.

Envelope 587-6: „1.6. (Hartmann, Rickert, Scheler etc.)“

Zettelnotizen: H/1: „Rickert Wert“, H/2: „ad Struktur v religiösen Verhalten“. Konspekte von Büchern: *Heinrich Rickert*, „Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung“, Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1929. *Max Scheler*, „Die Stellung des Menschen im Kosmos“, Darmstadt: Otto Reichl Verlag, 1928. *Martin Heidegger*, „Sein und Zeit“, Halle a. d. S.: Niemeyer, 1941. *Alexander Rüstow*, „Ortbestimmung der Gegenwart“, Bde. 1-2, Erlenbach, Zürich: E. Rentsch, 1950-1952. *C. F. v. Weizsäcker*, „Zum Weltbild d. Physik“, 7. Aufl., Stuttgart: 1958. *Viktor v. Weizsäcker*, „Begegnungen u

Entscheidungen“, Stuttgart: 1949. *Moritz Schlick*, „Allgemeine Erkenntnislehre“, 2. Aufl., Berlin: 1925.

Envelope 587-7: „II. 1. (von rechts *Marx-Hegel*: bleibt) 2. Biologie - *Soziologie* (Anthropologie)“

Arnold Gehlen, „Studien zur Anthropologie und Soziologie“, Neuwied- Berlin: Luchterhand, 1963. *Melita Maschmann*, „Fazit - Kein Rechtfertigungsversuch“, Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1963. *Jürgen Habermas*, „Strukturwandel der Öffentlichkeit“, Neuwied: Luchterhand, 1962. *A. Gehlen*, „Anthropologische Forschung“, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1961. *John Dewey*, „The Construction of Good (Aus The Quest for Certainty)“, New York: 1929. *Ferdinand Tönnies*, „Die Sitte“, Frankfurt am Main: Rütten und Loening, 1909. *Helmut Schelsky*, „Soziologie der Sexualität“, Hamburg: Rowohlt, 1960. *Claude Levi- Strauss*, „La Pensee Sauvage“, Paris: 1962. *Ruth Benedikt*, „Urformen der Kultur“, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1960. *Margaret Mead*, „Mann und Weib“, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1960. *Werner Hofmann*, „Gesellschaftslehre als Ordnungsmacht“, Berlin: Duncker und Humblot, 1961. *Karl Mannheim*, „Mensch und Gesellschaft im Zeitalter des Umbaus“, Leiden: A. W. Sijthoff, 1935. *Eduard Haimann*, „Vernünftigkeit u Religion in der modernen Gesellschaft“, Tübingen: 1955. *Georges Gurwitsch*, „Grundzüge der Soziologie des Rechts“, Neuwied: Luchterhand, 1960. *Kurt Wolzendorf*, „Staatsrecht und Naturrecht“, Aalen: Scientia Verlag, 1961. *Georg Jellinek*, „Allgemeine Staatslehre“, Berlin: J. Springer, 1922. *Max Hartmann*, „Allgemeine Biologie“, 4. Aufl., Stuttgart: 1953. *Jakob Uexküll*, *Georg Kriszat*, „Streifzüge durch die Umwelten von Tieren und Menschen“, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1956. *Adolf Portmann*, „Zoologie und das neue Bild des Menschen“, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1958. *Sigmund Freud*, „Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse“, Berlin: Gustav Kiepenheuer Verl., 1933. *S. Freud*, „Jenseits des Lustprinzips“, Leipzig-Wien: Internat. Psychoanalytischer Verlag, 1923. *S. Freud*, „Das Unbehagen in der Kultur“, Leipzig- Wien: Internat. Psychoanalytischer Verlag, 1930. *S. Freud*, „Die Zukunft einer Illusion“, Leipzig-Wien: Internat. Psychoanalytischer Verlag, 1927. *John B. Watson*, „Der Behaviorismus“, Stuttgart-Wien-Leipzig: Deutsche Verlagsanstalt, 1930. *Erich Fromm*, „Man for Himself“, London: Routledge and Kegan Paul, 1956. *Max Weber*, „Rechtssoziologie“, Neuwied: Luchterhand, 1966. *Ernst Troeltsch*, „Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen“, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1923. *Raymond Aron*, „L’Opium des

intellektuells“, Paris: Calmann-Levy, 1955. *William H. Whyte*, „The Organisation Man“, Harmondsworth: Penguin Books, 1961. *C. Wright Mills*, „Die amerikanische Elite“, Hamburg: Holstein-Verlag, 1962. *C. W. Mills*, „Menschen im Büro“, Köln: Bund-Verlag, 1955. *C. W. Mills*, „Die Konsequenz“, München: Rindler Verlag, 1959. *David Riesman*, „The Lonely Crowd“, New York: Doubleday, 1953. *Arthur J. Vidich, Joseph Bensman*, „Small Town in Mass Society“, New York: Doubleday, 1958. *Ralf Dahrendorf*, „Class and Class Conflict in Industrial Society“, Stanford: University Press, 1959. *Thorstein Veblen*, „Theorie der feinen Leute“, Köln-Berlin: Kiepenheuer u. Witsch, o. J. *C. W. Mills*, „The Sociological Imagination“, New York-Oxford: University Press, 1959. *Vance Packard*, „Die geheimen Verführer“, Frankfurt am Main-Berlin: Ullstein, 1962.

Envelope 587-8: „II.6“

Zettelnotizen: X/1: „Es gibt kein Genie der Tugend“, X/2: „Kierkegaard“, X/3: „Bedeutung“, X/4: „Kierkegaards Hegelkritik“, X/5: „Kierkegaard modernisiert“. Konzepte von Büchern: *Georg Simmel*, „Kant“, Leipzig-Berlin: Duncker und Humblot, 1904. *J. G. Fichte* (Hrsg. v. Fritz Medicus, Leipzig: Felix Meiner, o. J.), „Grundlage des Naturrechts“, „Versuch einer Kritik aller Offenbarung“, „Atheistfuis- streit“, „System der Sittenlehre“. *J. W. Goethe* („Sämtliche Werke - Jubiläums-Ausgabe in 40 Bänden“, Stuttgart-Berlin: J. G. Cotta'sche Buchhandlung, o. J.), „Wilhelm Meister“, „Wahlverwandschaften“, „Iphygenie“, „Dichtung und Wahrheit“, „Maximen“. „Gespräche mit Eckermann“, Leipzig: Insel-Verlag, 1908. *G. W. F. Hegel*, „Grundlinien der Philosophie des Rechts“, Leipzig: Felix Meiner, 1911. *G. W. F. Hegel*, „Vorlesungen über die Philosophie der Religion“, Bde. 11-12 in HEGEL-I (s. Verzeichnis der zitierten Werke). *Sören Kierkegaard*, „Entweder-Oder“, Dresden-Leipzig: Fr. Richter's Verlag, o. J. 5. *Kierkegaard* (Jena: Eugen Diederichs Verlag, ab 1910), „Furcht und Zittern“, „Der Begriff der Angst“, „Philosophische Brücken“, „Nachschrift“, „Krankheit zum Tode“.

Pasta 588: „Ethik Notizen II“

Envelope 588-1: Vermischte Notizen aus den vierziger Jahren u. a. über Theodor Fontanes und Thomas Manns Werke.

Envelope 588-2: „1.2. Pragmatisten, Existentialisten, Schweitzer“

Albert Schweitzer, „Kultur und Ethik“, München: 1960. *William James*, „The Varieties of Religious Experience“, London: Longmans Green, 1905. *Nicola Abbagnano*, „Philosophie des menschlichen

Konflikts“, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1957. *Jean Paul Sartre*, „Critique de la raison dialectique“, Paris: Gallimard, 1960. *Leszek Kolakowski*, „Der Mensch ohne Alternative“, München: 1960.

Envelope 588-3: „II.4. Philosophie XVII Renaissance - Fichte“

Zettelnotizen: Ph/1: „Mitte bei Pascal“, Ph/2: „ad Konflikt“. Konspekte von Büchern: *Erasmus von Rotterdam*, „Briefe“, Leipzig: Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung, 1938. *Johan Huizinga*, „Erasmus“, Basel: Benno Schwabe und Co., 1941. *Erasmus von Rotterdam*, „Das Lob der Wahrheit“, Basel: 1929. *Nicolo Machiavelli*, „Discorsi - Politische Betrachtungen“, Berlin: Verlag von Reimar Hobbling, 1922. *Baruch de Spinoza* (Sämtliche Werke in zwei Bänden, Leipzig: Verlag von Felix Meiner, o. J.), „Theologisch-politisches Traktat“, „Abhandlung vom Staate“, „Ethik“. *Ferdinand Tönnies*, „Thomas Hobbes“, 2. Aufl., Stuttgart: o. J. *La Rochefoucauld*, „CEuvres Completes“, Paris: Gallimard, 1950. *Blaise Pascal*, „Pensee“, in: „CEuvres Completes“, Paris: Gallimard, 1950. *Bernhard de Mandeville*, „Bienenfabel“, München: Georg Müller, 1914. *A. A. C. Shaftesbury*, „Untersuchungen über die Tugend“, Leipzig: Felix Meiner, o. J. *Adam Ferguson*, „Abhandlung über die Geschichte der bürgerlichen Gesellschaft“, Jena: Verlag von Gustav Fischer, 1904. *Adam Smith*, „Theorie der ethischen Gefühle“, Leipzig: Felix Meiner, 1926. *Jean Jacques Rousseau*, „Diseurs sur l'origine et les fondements de l'inegalite parmi les hommes“, in: „CEuvres de J. J. Rousseau, citoyen de Geneve“, Paris: A. Belin, 1817. *Max Horkheimer, Theodor W. Adorno*, „Dialektik der Aufklärung“, Amsterdam: Querido Verlag N. V., 1947. *C. A. Helvetius*, „De l'esprit“, in: „CEuvres completes“, Paris: A. Londres, 1777. *Denis Diderot*, „Principes de politique des souverains“, in: „CEuvres completes“, Paris: J. L. J. Briere, 1821. *D. Diderot* (s. DIDEROT im Literaturverzeichnis), „Essays sur les regnes de Claude et de Neron“, „Entretien d'un pere avec ses enfants“. *J. J. Rousseau* (op. cit.), „Discours sur l'origine et les fondements de l'inegalite parmi des hommes“, „Contrat social“. *Maximilien Robespierre*, „CEuvres“, Paris: Achille Faure, 1867. *Martin Heidegger*, „Kant und das Problem der Metaphysik“, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1951. *Immanuel Kant* (Sämtliche Werke, Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, o. J.), „Grundlegung zur Metaphysik der Sitten“, „Kritik der praktischen Vernunft“, „Metaphysik der Sitten“, „Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft“.

Envelope 588-4

Johan Huxley, Ludwig Koch, „Animal Language“, New York: 1938. *Herbert Meschkowski*, „Das Christentum im Jahrhundert der

Naturwissenschaften“, München-Basel: Ernst Reinhardt Verlag, 1961. *Pascual Jordan*, „Der Naturwissenschaftler von der religiösen Frage“, Oldenburg-Hamburg: Gerhard Stalling Verlag, 1963. *Ludwig Boltzmann*, „Populäre Schriften“, Leipzig 1905. *Martin Heidegger*, „Was ist Metaphysik?“ Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1949. *A. A. Cournot*, „Exposition de la theorie des chances et des probabilites“, Paris: 1843. *Albert Einstein*, „Mein Weltbild“, Frankfurt am Main: Ullstein Bücher, 1962. *Gordon Childe*, „The Dawn of European Civilisation“, Leiden: 1959. *Rudolf Carnap*, „Der logische Aufbau der Welt“, Hamburg: 1961. *Max Planck*, „Wege zur physikalischen Erkenntnis“, Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1944. *Max Jammer*, „Das Problem des Raumes - Die Entwicklung der Raumtheorien“, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgemeinschaft, 1960. *Hans Kelsen*, „Aufsätze zur Ideologiekritik“, Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1964. *Helmut Plessner*, „Die Stufen des Organischen und der Mensch“, Leipzig: 1928. *Rudolf Carnap*, „The Library of Living Philosophers“, ed. b. P. A. Schilpp. *Karl Jaspers*, „Der philosophische Glaube angesichts der Offenbarung“, München: Piper, 1962. *Joseph A. Schumpeter*, „Capitalism, Socialism and Democracy“, New York: 1962. *Karl Mannheim*, „Mensch und Gesellschaft im Zeitalter des Umbaus“, Leiden: A. W. Sitjhoff, 1935. *Max Weber*, „Wirtschaft und Gesellschaft“, Tübingen: J. C. B. Mohr, Paul Siebeck, 1921.

Envelope 588-5

Zettelnotizen: R/1: „Karl Barth“, R/2: „Theologie“, R/3: „K. Barth“, R/4: „Glaube“, R/5: „ad rel. Bedürfnis“, R/6: „Tod“, R/7: „Schütz“, R/B: „Mathäus“. Konspekte von Büchern: *Simone Weil*, „Das Unglück und die Gottesliebe“, München: Kösel-Verlag, 1953. *S. Weil*, „Schwerkraft und Gnade“, München: Kösel-Verlag, 1954. *Ernst Troeltsch*, „Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen“, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1923. *Georg Simmel*, „Philosophische Kultur“, Leipzig: W. Klinkhardt, 1911. *Paul Tillich*, „Die neue Wirklichkeit“, München: Deutscher Taschenbuch Verl., 1962. *Pierre Teilhard de Chardin*, „Der Mensch im Kosmos“, München: C. H. Beck, 1959. *Ernesto Bounaiuti*, „Geschichte des Christentums“, Bern: A. Francke Verlag, 1948.

Envelope 588-6: „Philosophen (Kategorien)“

Vermischte Notizen vor allem über verschiedene Aspekte von *Hegels* Philosophie, sowie über gewisse Fragen von *Spinozas*, *Aristoteles*, *Rousseaus*, *Feuerbachs* und *Goethes* Werk.

Envelope 588-7: „II.5. Romantik“

Zettelnotizen: Ro/1: „Maßlosigkeit“, Ro/2: „Religion im romantischen Jena“, Ro/3: „Fr. Schlegel“, Ro/4: „Ad Einzigartigkeit“, Ro/5: „Hegel über Schleiermacher“. Konspekte von Büchern: F. E. D. *Schleiermacher* (Werke - Auswahl in vier Bänden, Leipzig: Felix Meiner, 1910-1913), „Über die Religion“, „Der christliche Glaube“, „Offenbarung“, „Monologe“, „Vertraute Briefe über Friedrich Schlegels Lucinde“. *Friedrich Schlegel*, „Prosaische Jugendschriften 1794-1802“, Wien: Verl. Carl Konegen, 1906. *F. Schlegel*, „Lucinde“, Frankfurt am Main: Insel-Verlag, 1964. *Franz Baader*, „Philosophische Schriften und Aufsätze“, Münster: Theissingsche Buchh., 1831-1832. *F. Baader*, „Schriften zur Gesellschaftsphilosophie“, Jena: G. Fischer, 1925. *Friedrich v. H. Novalis* (Schriften, Bde. 1-4, Jena: E. Diederich, 1923), „Die Lehrlinge zu Sais“, „Heinrich von Ofterdingen“, „Christenheit oder Europa“, „Hymnen an die Nacht“.

Envelope 588-8: „II.3. Moderne Religiosität“

Zettelnotizen: M/1: „Das Faszinierende“, M/2: „Jesus“, M/3: „Bergpredigt“. Konspekte von Büchern: *Tadeusz Brezina*, „Das eiserne Tor - Römische Aufzeichnungen“, Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1962. *Peter L. Berger*, „Kirche ohne Auftrag“, Stuttgart: Kreuz Verlag, 1962. *H. U. v. Balthasar*, „Herrlichkeit - Eine theologische Ästhetik“, Einsiedeln: Johannes Verlag, 1961. *Jacques Maritain*, „La responsabilite de l'artiste“, Paris: Librairie Artheme Fayard, 1961. *Paul Tillich*, „Die neue Wirklichkeit“, München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1962. *Friedrich Heer*, „Die dritte Kraft“, Frankfurt am Main: S. Fischer, 1959. *P. Tillich*, „Religionsphilosophie“, Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1962. *G. K. Chesterton*, „St. Francis of Assisi“, London: Hodder and Stoughton, o. J. *Konrad Farnet*, „Christentum und Eigentum“, Bern: Verlag A. Francke, 1947. *Stefan Andres*, „Der Reporter Gottes“, Basel: Herder, 1959. *Piero Malvezzi, Giovanni Pirelli* (Hrsg.), „Letzte Briefe zum Tode Verurteilter - 1939-1945“, München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1962. *Elbelbert Stauffer*, „Jerusalem und Rom im Zeitalter Jesu Christi“, Bern-München: A. Francke, 1957. *Reinhold Schneider*, „Winter in Wien“, Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1958. *Jean Bose, Jean Guittou, Jean Danielon*, „Le Dialogue Catholique-Protestant“, Paris- Geneve: La Palatine, 1960. *R. M. Brown, G. Weigel*, „An American Dialogue“, New York: Doubleday, 1961. *Henri Perrin*, „Briefe und Dokumente aus dem Nachlaß“, München: Kösel-Verlag, o. J. *Henri Bergson*, „Les Deux Sources de la Morale et de la Religion“, Paris: Librairie Felix Alcan, 1932. *Ernst Bloch*, „Zur Ontologie des Noch- Nicht-Seins“, Frankfurt am Main 1961.

Romano Guardini, „Vom Geist der Liturgie“, Freiburg: Herder, 1953. *R. Guardini*, „Das Bild von Jesus Christus im Neuen Testament“, Freiburg: Herder, 1961. *R. Guardini*, „Welt und Person“, Würzburg: Werkbund-Verlag, 1955. *R. Guardini*, „Der Mensch und der Glaube“, Leipzig: 1932. *Elisabeth Langgässer*, „Das Christliche der christlichen Dichtung“, Freiburg: Walter-Verlag, Adolf von Harnack, „Marcion“, Berlin: Akademie-Verlag, 1960. K. E. Longstrup, „Die ethische Forderung“, Tübingen: 1959. Jacques Maritain, „De Bergson ä Thomas D’Acquin“, Paris: 1944. *J. Maritain*, „La philosophie morale“, Paris: 1960. *Paul de Lagarde*, „Deutsche Schriften“, München: J. F. Lehmanns Verlag, 1937. *Franz Overbeck*, „Über die Christlichkeit unserer heutigen Theologie“, 2. Aufl., Leipzig: 1903. *F. Overbeck*, „Christentum und Kultur“, Basel: 1919. *Ernesto Bounaiuti*, „Geschichte des Christentums“, Bern: A. Francke Verlag, 1948. *Karl Barth*, „Einführung in die evangelische Theologie“, Zürich: EVZ-Verlag, 1962. *K. Barth*, „Die protestantische Theologie im 19. Jahrhundert“, Zürich: Evangelischer Verlag, 1946. *Friedrich Gogarten*, „Politische Ethik“, Jena: E. Diederichs Verlag, 1932. *Paul Schütz*, „Pa- rusia“, Heidelberg: Schneider Verlag, 1960. *Bernhard Groethuysen*, „Die Entstehung der bürgerlichen Welt und Lebensanschauung in Frankreich“, Halle-Saale: Max Niemeyer, 1927. *Friedrich Heer*, „Europäische Geistesgeschichte“, Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1957. *Lucien Goldmann*, „Le dieu cache“, Paris: Librairie Gallimard, 1955. *B. Groethuysen*, „Philosophische Anthropologie“, München-Berlin: R. Olden- bourg, 1928. *M. M. Smirin*, „Die Volksreformation des Thomas Münzer und der große Bauernkrieg“, Berlin: Dietz Verlag, 1956. *Steven Runciman*, „Le monotheisme medieval“, Paris: 1949. *Hans Mühlenstein*, „Die verhüllten Götter - Neue Genesis der italienischen Renaissance“, Wien-München-Basel: Verlag Kurt Desch, 1957. *Hugo Ball*, „Byzantinisches Christentum“, Einsiedeln-Zürich-Köln: Benziger Verlag, 1958. *Bede Jarrett*, „Social Theories of the Middle Ages 1200-1500“, London: Ernest Benn Limited, 1926. *Karl Vossler*, „Die göttliche Komoedie“, Heidelberg: 1907. *Hermann Reuter*, „Geschichte der religiösen Aufklärung im Mittelalter“, Berlin: 1875. *Emst Troeltsch*, „Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen“, Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr und Paul Siebeck, 1923. *Reinhold Schneider*, „Macht und Gnade“, Wiesbaden: Insel-Verlag, 1946. *Carl Amsay*, „Die Kapitulation“, Hamburg: 1963.

Envelope 588-9: „Ad Ethik - Aristoteles, Kant“

Zettelnotizen: Ad/1: „Spinoza“, Ad/2-3: „Ad Ethik“. Konspekte von Büchern (vgl. Verzeichnis der zitierten Werke): *Aristoteles*, „Nikomachische Ethik“, „Eudaimonische Ethik“, „Große Ethik“. *Immanuel Kant*, „Metaphysik der Sitten“, „Kritik der praktischen Vernunft“.

Envelope 588-10: „Kleine Notizen zur Ethik (auch Religion)“

Envelope 588-11: „Teleologie, Sollen etc.“

Envelope 588-12: „xxxx: Roman (Encyclopedie und Diskussion) oder ‚Was ist das Neue in der Kunst‘ (Mockva)“

Vermischte Notizen zur schönen Literatur und Literaturtheorie aus den dreißiger Jahren.

Envelope 588-13: „Strukturalisten“

Kurze Exzerpte aus *Claude Levi-Strauss*’, *Louis Althusser*’, *Michael Foucault*’s und *Lucien Goldmann*’s Werken.

Envelope 588-14: „S. D. Theoretiker (Deutscher)“

Karl Kautsky, „Ethik und materialistische Geschichtsauffassung“, Berlin-Stuttgart: Dietz Verlag, 1922. *G. V. Plechanow*, „Grundprobleme des Marxismus“, Stuttgart-Berlin: Dietz Verlag, 1922. *Eduard Bernstein*, „Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie“, Stuttgart-Berlin: Dietz, 1921. *Rosa Luxemburg*, „Akkumulation des Kapitals“, Berlin: 1913. *Max Adler*, „Grundlegung der materialistischen Geschichtsauffassung“, Wien: Europa-Verlag, 1964. *Isaac Deutscher*, „Stalin: a Political Biography“, Oxford: 1949.

Envelope 588-15: „Lenin (Stalin)“

Zettelnotiz: 1/1: „ad Stalinismus“, sowie vermischte Notizen zu einigen Aspekten der Werke von Lenin und Stalin.

PASTA 116: „ZUR ONTOLOGIE DES GESELLSCHAFTLICHEN SEINS: ZITTELNOTIZEN“

NOTAS MISTURADAS SOBRE DIFERENTES ASPECTOS DO PROBLEMA DA ONTOLOGIA

Envelope 116-1: „Ontologia N. HARTMANN“

Envelope 116-2: „Arbeit (auch Praxis, Sollen etc)“

Envelope 116-3: „Entfremdung, Verdinglichung etc.“

Envelope 116-4: „Ideologie (Ideell), Ideologiekritik, Überbau“

Envelope 116-5: „Ontologie (Kategorien)“

Envelope 116-6: „Muße“

Envelope 116-7: Vermischte Notizen zu einigen Kategorien sowie zu Hegels und Marx' Werken

RELAÇÃO DAS OBRAS CITADAS

ARENDT: Arendt, Hannah, *The Human Condition*. Chicago: University Press, 1958.

ARISTOTELES METAPHYSIK: Aristoteles, *Metaphysik*. (Übers, v. F. Bessange) Berlin: Aufbau-Verlag, 1960.

ARISTOTELES NE: Aristoteles, *Nikomachische Ethik*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1956.

ARISTOTELES POLITIK: Aristoteles, *Politik*. (Hrsg. v. E. Rolfes) Leipzig: Felix Meiner, 1922.

ARON: Aron, Raymond, *L'Opium des Intellectuels*. Paris: Calmann-Levy, 1955.

AUGUSTINUS BEKENNTNISSE: *Die Bekenntnisse des heiligen Augustin*. (Übers, und eingele. v. J. L. Poritzky) München: Georg Müller, o. J.

AUGUSTINUS GOTTESSTAAT: Augustinus, Aurelius, *Vom Gottesstaat*. (Übers, v. W. Thimme) Zürich: Artemis-Verlag, 1955.

BARTH: Barth, Karl, *Dogmatik im Grundriß*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1948.

BENSE: Bense, Max, *Descartes und die Folgen*. Krefeld-Baden-Baden: Agis-Verlag, 1955.

BLOCH ARISTOTELES: Bloch, Ernst, *Aristoteles und die aristotelische Linke*. Berlin: Rütten & Loening, 1952.

BLOCH HOFFNUNG: Bloch, Ernst, *Das Prinzip Hoffnung*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1959.

BOUNAIUTI: Bounaiuti, Ernesto, *Geschichte des Christentums*. Bern: A. Francke Verlag, 1948.

BRECHT: Brecht, Bertolt, *Stücke*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1957

BURCKHARDT: Burckhardt, Jacob, *Briefe*. Leipzig: Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung, o. J.

CAMUS: Camus, Albert, *Le Mythe de Sisyphe*. Paris: Gallimard, 1942.

CASSIRER: Cassirer, Ernst, *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit.* Berlin: Bruno Cassirer, 1911.

DIDEROT: Diderot, *CEuvres completes.* (Hrsg. v. J. Assezat) Paris: Garnier Freres, 1875-76.

DILTHEY: Dilthey, Wilhelm, *Das Erlebnis und die Dichtung.* Leipzig-Berlin: B. G. Teubner, 1939

ENGELS ANTI-DÜHRING: Engels, Friedrich, *Herrn Eugen Dübrmgs Ummwälzung der Wissenschaft - Dialektik der Natur.* (Hrsg. v. V. Ado- ratskij; *Dialektik der Natur* ab Seite 479) Moskau-Leningrad: Verlagsgenossenschaft ausländischer Arbeiter in der UdSSR, 1935.

ENGELS FEUERBACH: Engels, Friedrich, *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie.* (Hrsg. etc. v. H. Dun- cker) Wien-Berlin: Verlag für Literatur und Politik, 1927.

ENGELS URSPRUNG: Engels, Friedrich, *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats.* (Hrsg. v. L. Rudas) Moskau-Leningrad: Verlagsgenossenschaft ausländischer Arbeiter in der UdSSR, 1934.

FEUERBACH: Feuerbach, Ludwig, *Sämtliche Werke.* Leipzig: O. Wiegand, 1846-1866.

FROMM: Fromm, Erich, *Man for Himself- An Inquiry into the Psycholo- gy of Ethics.* London: Routledge and Kegan Paul, 1956.

GOETHE: *Goethes Sämtliche Werke.* Stuttgart-Berlin: J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, o. J.

HARNACK: Harnack, Adolf von, *Marcion - Das Evangelium vom fremden Gott.* Berlin: Akademie-Verlag, 1960.

HARTMANN ETHIK: Hartmann, Nicolai, *Ethik.* Berlin: Walter de Gruyter, 1949.

HARTMANN MÖGLICHKEIT: *Möglichkeit und Wirklichkeit.* Berlin: Walter de Gruyter, 1938.

HARTMANN NATURPHILOSOPHIE: *Philosophie der Natur.* Berlin: Walter de Gruyter, 1950.

HARTMANN ONTOLOGIE: *Zur Grundlegung der Ontologie.* Meisenheim am Glan: Westkulturverlag, Anton Hain, 1948.

HARTMANN TELEOLOGIE: *Teleologisches Denken.* Berlin: Walter de Gruyter, 1951.

HAYM: Haym, Rudolf, *Die romantische Schule*. (Hrsg. v. O. Baalzel) Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1920.

HEER-I: Heer, Friedrich, *Die dritte Kraft. Der europäische Humanismus zwischen den Fronten des konfessionellen Zeitalters*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1960.

HEER-II: Heer, Friedrich, *Europäische Geistesgeschichte*. Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1957

HEGEL-I: *G. W. F. Hegel's Werke*. Berlin: Verlag von Duncker und Humblot, 1832ff.

HEGEL-II: *Sämtliche Werke*. (Hrsg. v. H. Glöckner) Stuttgart: Fr. Frommanns Verlag, 1927ff.

HEGEL ED: *Erste Druckschriften*. (Hrsg. v. G. Lasson) Leipzig: Verlag von Felix Meiner, 1928.

HEGEL REALPHILOSOPHIE: *Jenenser Realphilosophie* - Bd. 2: „Vorlesungen von 1805-06“. (Hrsg. v. J. Hoffmeister) Leipzig: Verlag von Felix Meiner, 1931.

HEGEL RECHTSPHILOSOPHIE: *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. (Hrsg. v. G. Lasson) Leipzig: Verlag von Felix Meiner, 1911.

HEGEL VERNUNFT: *Die Vernunft in der Geschichte*. Leipzig: Verlag von Felix Meiner, 1917.

HOBBS: Hobbes, Thomas, *Leviathan*. Neuwied-Berlin: Luchterhand, 1966.

JAEGER: Jaeger, Werner, *Aristoteles - Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1955.

JELLINEK: Jellinek, Georg, *Allgemeine Staatslehre*. Berlin: Verlag von Julius Springer, 1922.

KANT ANTHROPOLOGIE: *Immanuel Kant's Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*. (Hrsg. etc. v. J. H. v. Kirchmann) Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1899.

KANT ETHIK: *Kleinere Schriften zur Ethik und Religionsphilosophie*. Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, o. J.

KANT KPV: *Kritik der praktischen Vernunft*. (Hrsg. v. K. Vorländer) Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1906.

KANT KRV: *Kritik der reinen Vernunft*. (Hrsg. v. K. Kehrbach) Leipzig: Verlag von Philipp Reclam, o. J.

KANT LOGIK: *Kleinere Schriften zur Logik und Metaphysik*. Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1905.

KANT KU: *Kritik der Urteilskraft*. (Hrsg. etc. v. K. Vorländer) Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1902.

KANT GRUNDLEGUNG: *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. (Hrsg. v. K. Vorländer) Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1906.

KANT METAPHYSIK: *Metaphysik der Sitten*. (Hrsg. v. K. Vorländer) Leipzig: Verlag der Dürr'schen Buchhandlung, 1907.

KIERKEGAARD KRANKHEIT: Kierkegaard, Søren, *Die Krankheit zum Tode*. Jena: Eugen Diederichs Verlag, 1911.

KIERKEGAARD NACHSCHRIFT: Philosophische Brocken - Abschließende unwissenschaftliche Nachschrift. Jena: Eugen Diederichs Verlag, 1910.

KIERKEGAARD STADIEN: *Stadien auf dem Lebensweg*. Jena: Eugen Diederichs Verlag, 1914.

LA ROCHEFOUCAULD: La Rochefoucauld, *Œuvres complètes*. (Hrsg. v. L. Martin-Chauffier) Paris: Librairie Gallimard, 1950.

LASK: Lask, Emil, *Gesammelte Schriften*. Tübingen: J. C. B. Mohr u. Paul Siebeck, 1923.

LENIN: Lenin, W. I., *Sämtliche Werke*. Wien-Berlin: Verlag für Literatur und Politik, Ende 20er, Anfang 30er Jahre.

LENIN EMPIRIOKRITIZISMUS: *Materialismus und Empiriokritizismus*. Wien-Berlin: Verlag für Literatur und Politik, 1927.

LENIN PHIL. NACHLASS: *Aus dem philosophischen Nachlaß- Exzerpte und Randglossen*. („Philosophische Hefte“, hrsg. etc. v. V. Adoratski, M. Furschtschik) Wien-Berlin: Verlag für Literatur und Politik, 1932.

LUKÁCS: Lukács, Georg, *Geschichte und Klassenbewußtsein*. Berlin: Malik Verlag, 1923.

MANN: Mann, Heinrich, *Essays*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1954.

MANN- KERENYI: Mann, Thomas, Kerényi, Karl, *Gespräch in Briefen*. Zürich: Rhein-Verlag, 1960.

MARITAIN: Maritain, Jacques, *Trois Réformateurs*. Paris: Librairie Pion, 1925.

MARX BRUMAIRE: Marx, Karl, *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*. (Hrsg. etc. v. D. Rjazanov) Wien-Berlin: Verlag für Literatur und Politik, 1927.

MEGA: Marx, Karl und Engels, Friedrich, *Historisch-Kritische Gesamtausgabe - Werke, Schriften, Briefe*. (Hrsg. v. D. Rjazanov) Frankfurt am Main bzw. Moskau: Marx-Engels Archiv Verlagsgesellschaft m. b.

MARX ELEND: *Das Elend der Philosophie*. (Deutsch v. E. Bernstein u. K. Kautsky, Engels' Vorwort: S. V-XXII.) Stuttgart: Verlag von Dietz Nachf. G. m. b. H., 1919.

MARX-ENGELS BEBEL: *Briefe an A. Bebel, W. Liebknecht, K. Kautsky und andere*. Teil I: 1870-1886. Moskau-Leningrad: Verlagsgenossenschaft ausländischer Arbeiter in der UdSSR, 1933.

MARX KAPITAL: *Das Kapital - Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburg: Otto Meissners Verlag, 1914.

MARX KRITIK: *Zur Kritik der politischen Ökonomie*. (Hrsg. v. K. Kautsky) Stuttgart: Verlag von J. H. W. Dietz Nachf. G. m. b. H. 1919.

MARX KUGELMANN: *Karl Marx - Briefe an Kugelmann*. Berlin: Vereinigung Internationaler Verlags-Anstalten G. m. b. H., 1924.

MARX ROHENTWURF: *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* (Rohentwurf) 1857-1858. Moskau: Verlag für fremdsprachige Literatur, 1939.

MARX THEORIEN: *Theorien über den Mehrwert*. (Hrsg. v. K. Kautsky) Stuttgart: Verlag von J. H. W. Dietz Nachf. G. m. b. H., 1919.

MESCHKOWSKI: Meschkowski, Herbert, *Das Christentum im Jahrhundert der Naturwissenschaften*. Basel: Ernst Reinhardt Verlag, 1961.

MILLS BÜRO: Mills, C. Wright, *Menschen im Büro*. Köln: Bund-Verlag, 1955.

MILLS ELITE: *Die amerikanische Elite - Gesellschaft und Macht in den Vereinigten Staaten*. Hamburg: Holsten-Verlag, 1962.

MILLS IMAGINATION: *The Sociological Imagination*. New York: Oxford University Press, 1967.

MONTAIGNE: Montaigne, Michel de, *Essais*. (Hrsg. v. M. J. V. Leclerc) Paris: Garnier Freres, o. J.

NESTLE: Nestle, Wilhelm (Übers, u. Hrsg.), *Die Nachsokratiker*. Jena: Eugen Diederichs Verlag, 1923.

NIETZSCHE: Nietzsche, Friedrich, *Werke*. Leipzig: C. G. Naumann, 1895-1922.

NOVALIS: Novalis, G. Ph. F., *Schriften*. Jena: Eugen Diederichs Verlag, 1923.

OLSCHKI: Olschki, Leonard, *Galilei und seine Zeit*. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1927.

PACKARD: Packard, Vance, *Die geheimen Verführer - Der Griff nach dem Unbewußten in jedermann*. Frankfurt am Main-Berlin: Ullstein Bücher, 1962.

PASCAL: Pascal, Blaise, *CEuvres completes*. Paris: Pleiade, 1954.

PRANTL: Prantl, Carl, *Geschichte der Logik im Abendlande*. Berlin: Akademie-Verlag, 1955.

RICKERT: Rickert, Heinrich, *Der Gegenstand der Erkenntnis*. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr u. P. Siebeck, 1928.

RIESMAN: Riesman, David, *The Lonely Crowd- A Study of the Changing American Character*. New York: Anchor Books, 1953.

RILKE: Rilke, Rainer Maria, *Gesammelte Werke*. Leipzig: Insel-Verlag, 1927.

ROSENKRANZ: Rosenkranz, Karl, *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Leben*. Berlin: Verlag von Duncker und Humblot, 1844.

ROUSSEAU: Rousseau, Jean Jacque, *CEuvres*. Paris: A. Belin, 1817.

SCHILLER: *Schillers Sämmtliche Werke*. Stuttgart: Verlag der J. G. Cotta'schen Buchhandlung, 1883.

SCHLEGEL: *Caroline und Dorothea Schlegel in Briefen*. (Hrsg. v. E. Wieneke) Weimar: Gustav Kiepenheuer, 1914.

SCHLEGEL JUGENDSCHRIFTEN: Schlegel, Friedrich, *Seine prosaischen Jugendschriften 1794-1802*. (Hrsg. v. J. Minor) Wien: Verlagsbuchhandlung Carl Konegen, 1906.

SCHNEIDER: Schneider, Reinhold, *Winter in Wien*. Wien: Verlag Herder, 1958.

SCHOPENHAUER: Schopenhauer, Arthur, *Sämmtliche Werke*. Leipzig: Verlag von Philipp Reclam, o. J.

SCHÜTZ: Schütz, Paul, *Parusia*. Heidelberg: Schneider Verlag, 1960.

SENECA: Seneca, Lucius Annaeus, *Philosophische Schriften*. (Hrsg. etc. v. O. Apelt) Leipzig: Felix Meiner, 1923-1924.

SHAKESPEARE: *Shakespeare's dramatische Werke*. Berlin: Georg Reiner, 1877.

SIMMEL: Simmel, Georg, *Philosophie des Geldes*. München-Leipzig: Verlag von Duncker und Humblot, 1920.

SPINOZA: Spinoza, Baruch de, *Ethik*. (Übers, und eing. v. O. Baensch) Leipzig: Verlag von Felix Meiner, o. J.

TERTULLIAN: *Tertullians private und katechetische Schriften* (Übers, und eing. von K. A. H. Kellner) Kempten und München: Verlag der Jos. Kosel'schen Buchhandlung, 1912.

THOMAS VON AQUINO: *Ausgewählte Schriften zur Staats- und Wirtschaftslehre des Thomas von Aquino*. Jena: Verlag von Gustav Fischer, 1923.

TREITSCHKE: Treitschke, Heinrich von, *Deutsche Geschichte im neunzehnten Jahrhundert*. Leipzig: Verlag von S. Hirzel, 1927.

TROELTSCH: Troeltsch, Ernst, *Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen*. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr u. P. Siebeck, 1923.

VEBLEN: Veblen, Thorstein, *Theorie der feinen Leute*. Köln-Berlin: Kiepenheuer und Witsch, o. J.

VIDICH-BENSMAN: Vidich, Arthur J., Bensman, Joseph, *Small Town in Mass Society - Class, Power and Religion in a Rural Community*. New York: Doubleday & Company, Inc., 1958.

VOCABULAIRE: *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. (Hrsg. v. A. Lalande) Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

VOSSLER: Vossler, Karl, *Die göttliche Komödie*. Heidelberg: 1907.

WEBER POL. SCHRIFTEN: Weber, Max, *Gesammelte politische Schriften*. München: Drei Masken Verlag, 1921.

WEBER RECHTSSOZIOLOGIE: *Rechtssoziologie*. Neuwied: Luchterhand, 1960.

WEBER RELIGIONSSOZIOLOGIE: *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr u. P. Siebeck, 1920-1921.

WEBER WIRTSCHAFT: *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr u. P. Siebeck, 1921.

WEBER WIRTSCHAFTSGESCHICHTE: *Wirtschaftsgeschichte - Abriß der universalen Sozial- und Wirtschafts-Geschichte*. (Hrsg. v. S. Hellmann, M. Palyi) München-Leipzig: Verlag von Duncker und Humblot, 1923.

WEIL: Weil, Simone, *Schwerkraft und Gnade*. München: Kosel Verlag, 1954.

WHYTE: Whyte, William H., *The Organisation Man*. Harmondsworth: Penguin Books, 1961.

WITTGENSTEIN ERTEKEZES: Wittgenstein, Ludwig, *Logikai-filozófiai erkezeses*. (Hrsg. Gy. Markus)

WITTGENSTEIN TRACTATUS: *Tractatus Logico-Philosophicus*. London: Routledge and Kegan Paul, 1955.

NOTAS

- ¹ MANN-KERÉNYI, S. 154: In Manns Brief an Kerényi vom 2. August 1947 heißt es u. a.: "wie sehr habe ich noch zu danken für Ihren grundgelehrten Gesang auf Mutter Natur oder Frau Physis[es handelt sich um Kerényis "Die Göttin Natur", s. *Niobe – Neue Studien über antike Religion und Humanität*. Zürich: Rhein-Verlag, 1949] – für deren greulichen Cynismus ich unmittelbar nicht viel übrig habe, in weitgehender Ueberein-stimmung mit Blake, der meinte 'Wer an die Natur glaubt, kann nicht an Gott glauben, denn die Natur ist des Teufels. Recht wahr! Es ist alles in allem eine scheußliche Schweinerei damit, und gerade auch die Monstrosität des kosmischen Alls mit seinen Milliarden Lichtjahr-Maßen, zu denen man ebenso gut 'Wenn schon!' wie, Hosianna!' sagen kann, erregt mir nicht das geringste Ehrfurchtsgefühl. Ich reagiere wie Gontscharow auf den hochgehenden Ozean, mit 'Unfug! Unfug!'– Aber gewiß, die Physis ist Vorbedingung des Geistigen; Schönheit kommt auch dabei heraus, und wenn man selber werkt, sollte man nicht gegen die 'Werke' sein. Jedenfalls ist Ihre Studie so anregend wie irgendetwas, das Sie geschrieben, und das frühe, bemühte Nachdenken der Menschheit über Werden und Sein nebst Ausbrüchen ins Dichterisch-Hymnische, wenn es nicht mehr weiter geht, hat etwas sehr Rührendes."
- ² ARENDT, S. 48: "What we described as the unnatural growth of the natural is usually considered to be the constantly accelerated increase in the productivity of labour. The greatest single factor in this Constant increase since its inception has been the organization of laboring, visible in the so-called division of labour, which preceded the industrial revolution; even the mechanization of labor processes, the second greatest factor in labor's productivity, is based upon it. Inasmuch as the organizational principle itself clearly derives from the public rather than the private realm, division of labor is precisely what happens to the laboring activity under conditions of the public realm and what could never have happened in the privacy of the household. – Here and later I apply the term 'division of labor' only to modern labor conditions where one activity is divided and atomized into innumerable minute manipulations, and not to the 'division of labor' given in professional specialization [...] Antiquity seems to have known only

professional specialization, which assumedly was predetermined by natural qualities and gifts."

- ³ Na sinopse da "Großen Logik" comente Lukács Hegels Konzeption folgenderweise (Seitenzahlen HEGEL-I, "Die Erscheinung" im zweiten Abschnitt): "Das Wesen muß erscheinen" 115 a) großer ontologischer Fortschritt gegen Kant: Zusammengehörigkeit v Wesen u Erscheinung b) aus dieser Untrennbarkeit: ontologische Priorität von Wesen c) bei aller Verzerrung tief: Reflexion: "scheinen des Wesens in ihm selbst": Zusammengehörigkeit u Subjektivität als Folge der objektiven Struktur, verschiedene Arten des Seins: verschiedene Vermittlungen; daher "Beweis" je nach dem Verschiedenen 117 Falsch nur: "verschiedene Art" zu sehr selbständig u bei "Beweis" zu homogen d) Schein vollendet sich zur Erscheinung: Erscheinung: objektiv, Schein: subjektgebunden e) Existenz: Verhülltes 116 Wieder richtig u tief *Ding an sich* "identisch mit der äußerlichen Existenz" 123 mehrere Dinge an sich 123 ihre gegenseitige Vermittlung 123 Bestimmtheit: *Eigenschaft* 124 bestimmte Beziehungen auf Anderes 125 (sehr wichtig)
- ⁴ MARX BRUMAIRE, S. 116 f.: "Die Parzellenbauern bilden eine ungeheure Masse, deren Glieder in gleicher Situation leben, aber ohne in mannigfache Beziehung zueinander zu treten. Ihre Produktionsweise isoliert sie voneinander, statt sie in wechselseitigen Verkehr zu bringen.[...]Insofern Millionen von Familien unter ökonomischen Existenzbedingungen leben, die ihre Lebensweise, ihre Interessen und ihre Bildung von denen der anderen Klassen trennen und ihnen feindlich gegenüberstellen, bilden sie eine Klasse. Insofern ein nur lokaler Zusammenhang *unter den Parzellenbauern* besteht, die Dieselbigkeit ihrer Interessen keine Gemeinsamkeit, keine nationale Verbindung und keine politische Organisation unter ihnen erzeugt, bilden sie keine Klasse."
- ⁵ MARX ELEND, S. 162: "Die ökonomischen Verhältnisse haben zuerst die Masse der Bevölkerung in Arbeiter verwandelt. Die Herrschaft des Kapitals hat für diese Masse eine gemeinsame Situation, gemeinsame Interessen geschaffen. So ist diese Masse bereits eine Klasse gegenüber dem Kapital, aber nicht für sich selbst. In dem Kampf, den wir nur in einigen Phasen gekennzeichnet haben, findet sich diese Masse zusammen, konstituiert sie sich als Klasse

für sich selbst." MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 6, S. 226: An der gegebenen Stelle heißt es u. a.: "Les conditions économiques avaient d'abord transformé la masse du pays en travailleurs. La domination du capital a créé à cette masse une Situation commune, des intérêts communs. Ainsi cette masse est déjà une classe vis-à-vis du capital, mais pas encore pour elle-même. Dans la lutte, dont nous n'avons signalé que quelques phases, cette masse se réunit, elle se constitue en classe pour elle-même. Les intérêts qu'elle défend deviennent des intérêts de classe. Mais la lutte de classe à classe est une lutte politique."

- ⁶ ENGELS FEUERBACH, S. 28: Encontra-se no início da segunda parte, "Idealismo e Materialismo", em que Engels, entre outras coisas, formulou a, "questão mais elevada de toda filosofia."
- ⁷ MARX KRITIK, S. LV: "In der gesellschaftlichen Produktion ihres Lebens gehen die Menschen bestimmte, notwendige, von ihrem Willen unabhängige Verhältnisse ein, Produktionsverhältnisse, die einer bestimmten Entwicklungsstufe ihrer materiellen Produktivkräfte entsprechen. Die Gesamtheit dieser Produktionsverhältnisse bildet die ökonomische Struktur der Gesellschaft, die reale Basis, worauf sich ein juristischer und politischer Überbau erhebt, und welcher bestimmte gesellschaftliche Bewußtseinsformen entsprechen. Die Produktionsweise des materiellen Lebens bedingt den sozialen, politischen und geistigen Lebensprozeß überhaupt. Es ist nicht das Bewußtsein des Menschen, das ihr Sein, sondern umgekehrt ihr gesellschaftliches Sein, das ihr Bewußtsein bestimmt."
- ⁸ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 146: "Der Arbeitsproceß, wie wir ihn in seinen einfachen und abstrakten Momenten dargestellt haben, ist zweckmäßige Thätigkeit zur Herstellung von Gebrauchswerten, Aneignung des Natürlichen für menschliche Bedürfnisse, allgemeine Bedingung des Stoffwechsels zwischen Mensch und Natur, ewige Naturbedingung des menschlichen Lebens und daher unabhängig von jeder Form dieses Lebens, vielmehr allen seinen Gesellschaftsformen gleich gemeinsam."
- ⁹ Nas notas e rascunhos de Lukács não encontramos tal nota, em sua "Ontologia" analisa ele com frequência as categorias continuidade\descontinuidade, veja-se p. ex. Zur Ontologie des

gesellschaftlichen Seins (Neuwied und Berlin: Luchterhand, Bd. 1: 1984, Bd. 2: 1986), Bd. 1, S. 123, Bd. 2, S. 11 ff.

- ¹⁰ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 50 f.: "Die Waaren können nicht selbst zu Märkte gehn und sich nicht selbst austauschen. Wir müssen uns also nach ihren Hütern umsehn, den Waarenbesitzern."
- ¹¹ Auf der Zettelnotiz "A 1" heißt es: "*Spinoza* affektus csak affektus aítai I 180, 185". Lukács se refere a Spinozas *Ethik*: Vierter Teil, Lehrsatz 7: "Ein Affekt kann nur gehemmt oder aufgehoben werden durch einen Affekt, der entgegengesetzt und der stärker ist, als der zu hemmende Affekt." Ibid. Lehrsatz 14: "Die wahre Erkenntnis des Guten und Schlechten kann einen Affekt, sofern sie wahr ist, nicht hemmen, sondern allein, sofern sie als Affekt angesehen wird."
- ¹² ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 165 (1033a): "Man bezeichnet manche Dinge, die 'us etwas' als aus ihrem Stoff entstehen, dann, wenn sie entstanden sind, nicht als jenen Stoff, sondern als 'erartig': z. B. eine Bildsäule nicht als Marmor, sondern als marmorn. Auch wird der Mensch, der gesund wird, nicht als das bezeichnet, woraus er gesund wird. Der Grund hierfür liegt darin, daß er sowohl aus einer Privation heraus gesundet wie auch aus dem Substrat, das wir Stoff nennen: sowohl der Mensch wie der Kranke wird gesund. Indessen sagt man doch eher, daß ein Entstehen aus einer Privation heraus erfolge, z. B. eher, daß ein Gesunder aus einem Kranken, als daß er aus einem Menschen entstehe. Deshalb bezeichnet man den Gesunden eben nicht als Kranken, sondern als Menschen, und zwar als gesunden Menschen. Wo aber die Privation verborgen ist und keinen Namen hat – wie beim Erz die Privation einer bestimmten Figur oder bei Backsteinen und Holz die Privation der Struktur eines Hauses –, dort scheinen die Dinge ebenso aus Erz, Backsteinen und Holz zu entstehen wie der Gesunde aus dem Kranken. Wie hier das Entstandene nicht danach bezeichnet wird, woraus es entstanden ist, so wird nun auch dort die Bildsäule nicht als Holz, sondern (unter Umbildung dieses Wortes) als hölzern – oder als ehern und nicht als Erz, als marmorn und nicht als Marmor – und das Haus als backsteinem und nicht als Backsteine bezeichnet. Wenn man die Sache genau ins Auge faßt, würde man nicht einmal schlechthin sagen können, daß die Bildsäule aus Holz entstehe und das Haus aus Backsteinen; denn das Entstehende

kann nur aus etwas entstehen, das sich verändert, nicht aus etwas, das bleibt, wie es ist. Das ist der Grund, aus dem man sich in der besprochenen Weise ausdrückt."

- ¹³Em uma de suas notas escreveu Lukács (Hartmanns Ontologie kon-spektierend): "*Ideales Sein* kein natürliches Bewußtsein davon. (Ont 243/4) H. hier – wie bei Möglichkeit – untreu zur eigenen Methode (Sophisma: aus „mathematischem“ Charakter d. Natur: ideales Sein ableiten ibd 265) Verhältnis (Selbständigkeit) v ideales Sein 280 (umgekehrt!) Keine Idealontologie (ibd 318)"
- ¹⁴ SIMMEL, S. 532: "Indem das Geld ebenso Symbol wie Ursache der Vergleichgültigung und Veräußerlichung alles dessen ist, was sich überhaupt vergleichgültigen und veräußerlichen läßt, wird es doch auch zum Torhüter des Innerlichsten, das sich nun in eigensten Grenzen ausbauen kann."
- ¹⁵ Cf. nota. 1.
- ¹⁶ Cf. nota. 1.
- ¹⁷ MARX THEORIEN, Bd. 3, S. 558: Die "Verselbständigung der Gestalt der besonderen Teile[der Mehrwert] – und ihr Gegenübertreten als selbständige Gestalten – wird vollendet dadurch, daß jeder dieser Teile auf ein besonderes Element als sein Maß und seine besondere Quelle reduziert wird, oder daß jeder Teil des Mehrwerts als Wirkung einer besonderen Ursache, als Akzidenz einer besonderen Substanz sich darstellt. So der Profit – Kapital, Rente – Erde, Arbeitslohn – Arbeit."
- ¹⁸ HEGEL-I, Bd. 6, S. 253 f.: Im § 125 der "kleinen Logik" schreibt Hegel: "Das Ding ist die Totalität als die in Einem gesetzte Entwicklung der Bestimmungen des Grundes und der Existenz. Es hat nach dem einen seiner Momente der *Reflexion-in-Anderes* die Unterschiede an ihm, wonach es ein *bestimmtes* und konkretes Ding ist.[...] Diese Bestimmungen sind *von einander* verschieden; an dem Dinge, nicht an ihnen selbst, haben sie ihre Reflexion-in-sich. Sie sind *Eigenschaften* des Dings, und ihre Beziehung auf dasselbe ist das *Haben*.[...] Etwas ist das, was es ist nur durch seine Qualität, wohingegen das Ding zwar gleichfalls nur existiert in sofern es Eigenschaften hat, jedoch nicht an diese oder jene gestimmte Eigenschaft gebunden ist und somit auch dieselbe verlieren kann, ohne daß es deshalb aufhört das zu seyn, was es ist."

- ¹⁹ HEGEL-II, Bd. 6, S. 255 f.: "Die Verselbstständigung der Eigenschaften, welche das Ding *hat*, zu Materien oder Stoffen, *aus* welchen dasselbe besteht, ist zwar im Begriff des Dinges begründet und findet sich deshalb auch in der Erfahrung, allein es ist ebenso gedanken – als erfahrungswidrig daraus, daß gewisse Eigenschaften eines Dinges, wie z. B. die Farbe, der Geruch u. s. w. sich als besonderer Farbestoff, Riechstoff u. s. w. darstellen lassen, zu folgern, daß damit Alles abgethan sey und daß man, um dahinter zu kommen, wie es sich mit den Dingen eigentlich verhalte, weiter nichts zu thun habe, als dieselben in die Stoffe zu zerlegen, aus denen dieselben zusammengesetzt sind. Dieses Zerlegen in selbstständige Stoffe findet seine eigentliche Stelle nur in der unorganischen Natur[...] Schon innerhalb der Natur, beim organischen Leben, erweist sich diese Kategorie als ungenügend."
- ²⁰ In dem Konspekt von der "Großen Logik" steht (HEGEL-I, Bd. 4): Wahrheit: "Einheit der *Identität* mit der Verschiedenheit" (32) (Wichtig: ontologisch: Beziehung als Realität) Unterschied des Wesens 37 Verschiedenheit 38 Gleich u Ungleich 45 Gegensatz 46 f Widerspruch 55 f (Unterschied schon Widerspruch an sich 56 Wichtig u tief: wenn Komplexe – multilateral bestimmt – das ontologisch primaere – so Unterschied: Keim von Widerspruch) Bei H verdeckt Erkenntnistheorie, aber auch so: nur "in derselben Beziehung getrennte", also Einheit der Einheit u Verschiedenheit: Widerspruch 56
- ²¹ Cf. nota. 4.
- ²² Cf. nota. 5.
- ²³ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 17: In der Fußnote 17a steht: "Franklin ist sich nicht bewußt, daß, indem er den Werth aller Dinge 'in Arbeit' schätzt, er von der Verschiedenheit der ausgetauschten Arbeiten abstrahiert – und sie so auf gleiche menschliche Arbeit reduciert. Was er nicht weiß, sagt er jedoch. Er spricht erst von 'der einen Arbeit', dann 'von der andren Arbeit', schließlich von 'Arbeit' ohne weitere Bezeichnung als Substanz des Werths aller Dinge."
- ²⁴ Lukács se refere a esse texto esporadicamenteem suas noas.
- ²⁵ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 40: "Die Menschen beziehen also ihre Arbeitsprodukte nicht auf einander als Werthe, weil diese Sachen ihnen als bloß sachliche Hüllen gleichartig menschlicher Arbeit

gelten. Umgekehrt. Indem sie ihre verschiedenartigen Produkte einander im Austausch als Werthe gleichsetzen, setzen sie ihre verschiedenen Arbeiten einander als menschliche Arbeit gleich. Sie wissen das nicht, aber sie thun es."

²⁶ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 323 f.: Lukács se refere à parte final de exposição do quarto ponto do capítulo 12 "Theilung der Arbeit innerhalb der Manufaktur und Theilung der Arbeit innerhalb der Gesellschaft".

²⁷ MARX ELENDA, S. IX f.: Die aus der Ricardoschen Theorie abgeleitete These, "daß den Arbeitern, als den alleinigen wirklichen Produzenten, das gesamte gesellschaftliche Produkt, *ihr* Produkt, gehört, führt direkt in den Kommunismus. Sie ist aber, wie Marx in der obigen Stelle auch andeutet, *ökonomisch formell falsch*, denn sie ist einfach eine Anwendung der Moral auf die Oekonomie. Nach den Gesetzen der bürgerlichen Oekonomie gehört der größte Theil des Produkts nicht den Arbeitern, die es erzeugt haben. Sagen wir nun: das ist unrecht, das soll nicht sein, so geht das die Oekonomie *zunächst* nichts an. Wir sagen bloß, daß diese ökonomische Thatsache unserm sittlichen Gefühl widerspricht. Marx hat daher nie seine kommunistische Forderungen hierauf begründet, sondern auf den nothwendigen, sich vor unsern Augen täglich mehr und mehr vollziehenden Zusammenbruch der kapitalistischen Produktionsweise; er sagt nur, daß der Mehrwerth aus unbezahlter Arbeit besteht, was eine einfache Thatsache ist. *Was aber ökonomisch formell falsch, kann darum doch weltgeschichtlich richtig sein.* " Os três últimos sublinhados são de Lukács.

²⁸ Cf. nota. 5.

²⁹ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 271 f.: Lukács anotou à margem da seguinte passagem: "Je mehr die normale Verkehrsform der Gesellschaft und damit die Bedingungen der herrschenden Klasse ihren Gegensatz gegen die fortgeschrittenen Produktivkräfte entwickeln, je größer daher der Zwiespalt in der herrschenden Klasse selbst und mit der beherrschten Klasse wird, desto unwahrer wird natürlich das dieser Verkehrsform ursprünglich entsprechende Bewußtsein, d. h. es hört auf, das ihr entsprechende Bewußtsein zu sein, desto mehr sinken die früheren überlieferten Vorstellungen dieser Verkehrs Verhältnisse, worin die wirklichen persönlichen Interessen als allgemeine ausgesprochen werden, zu bloß

idealisierenden Phrasen, zur bewußten Illusion, zur absichtlichen Heuchelei herab. Je mehr sie aber durch das Leben Lügen gestraft werden und je weniger sie dem Bewußtsein selbst gelten, desto entschiedner werden sie geltend gemacht, desto heuchlerischer, moralischer und heiliger wird die Sprache dieser normalen Gesellschaft. Je heuchlerischer diese Gesellschaft wird, desto leichter ist es einem leichtgläubigen Mann wie Sancho, überall die Vorstellung des Heiligen, des Idealen zu entdecken. Aus der allgemeinen Heuchelei der Gesellschaft kann er, der Leichtgläubige, den allgemeinen Glauben an das Heilige, die Herrschaft des Heiligen, abstrahieren und dies Heilige sogar für ihr Piedestal versehen. Er ist der Düpe dieser Heuchelei, aus der er gerade das Umgekehrte hätte schließen sollen."

- ³⁰ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 342: "Innerhalb der Teilung der Arbeit müssen diese Verhältnisse gegenüber den Individuen sich verselbstständigen. Alle Verhältnisse können in der Sprache nur als Begriffe ausgedrückt werden. Daß diese Allgemeinheit und Begriffe als mysteriöse Mächte gelten, ist eine notwendige Folge der Verselbstständigung der realen Verhältnisse, deren Ausdruck sie sind. Außer dieser Geltung im gewöhnlichen Bewußtsein erhalten diese Allgemeinheiten noch eine besondere Geltung und Ausbildung von den Politikern und Juristen, die durch die Teilung der Arbeit auf den Kultus dieser Begriffe angewiesen sind und in ihnen, nicht in den Produktionsverhältnissen, die wahre Grundlage aller realen Eigentumsverhältnisse sehen."
- ³¹ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 296: Diese Stelle ist im Unterteil "Der Eigner – Meine Macht" zu finden, der erste Satz dieser Seite lautet: "Ihr schreckt vor den Ändern zurück, weil Ihr neben ihnen das *Gespens des Rechts* zu sehen glaubt!"
- ³² MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 389: Hier hat Lukács u. a. folgende Ausführungen markiert: "Holbachs Theorie ist also die historisch berechnete, philosophische Illusion über die eben in Frankreich aufkommende Bourgeoisie, deren Exploitationslust noch ausgelegt werden konnte als Lust an der vollen Entwicklung der Individuen in einem von den alten feudalen Banden befreiten Verkehr. Die Befreiung auf dem Standpunkte der Bourgeoisie, die Konkurrenz, war allerdings für das achtzehnte Jahrhundert die einzig mögliche

Weise, den Individuen eine neue Laufbahn freierer Entwicklung zu eröffnen."

- ³³ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 424: "Für die Philosophen ist es eine der schwierigsten Aufgaben, aus der Welt des Gedankens in die wirkliche Welt herabzusteigen. Die unmittelbare Wirklichkeit des Gedankens ist die *Sprache*. Wie die Philosophen das Denken verselbstständigt haben, so mußten sie die Sprache zu einem eignen Reich verselbstständigen. Dies ist das Geheimnis der philosophischen Sprache, worin die Gedanken als Worte einen eignen Inhalt haben. Das Problem, aus der Welt der Gedanken in die wirkliche Welt herabzusteigen, verwandelt sich in das Problem, aus der Sprache ins Leben herabzusteigen. – Wir haben gezeigt, daß die Verselbstständigung der Gedanken und Ideen eine Folge der Verselbstständigung der persönlichen Verhältnisse und Beziehungen der Individuen ist. Wir haben gezeigt, daß die ausschließliche systematische Beschäftigung mit diesen Gedanken von Seiten der Ideologen und Philosophen und damit die Systematisierung dieser Gedanken eine Folge der Teilung der Arbeit ist, und namentlich die deutsche Philosophie eine Folge der deutschen kleinbürgerlichen Verhältnisse. Die Philosophen hätten ihre Sprache nur in die gewöhnliche Sprache, aus der sie abstrahiert ist, aufzulösen, um sie als die verdrehte Sprache der wirklichen Welt zu erkennen und einzusehen, daß weder die Gedanken noch die Sprache für sich ein eignes Reich bilden; daß sie nur *Außerungen* des wirklichen Lebens sind."
- ³⁴ MARX KRITIK, S. LV f.: In einer Epoche sozialer Revolution wälzt sich der ganze ungeheuere Überbau mit der Veränderung der ökonomischen Grundlage langsamer oder rascher um. "In der Betrachtung solcher Umwälzungen muß man stets unterscheiden zwischen der materiellen naturwissenschaftlich treu zu konstatierenden Umwälzung in den ökonomischen Produktionsbedingungen und den juristischen, politischen, religiösen, künstlerischen oder philosophischen, kurz ideologischen Formen, worin sich die Menschen dieses Konflikts bewußt werden und ihn ausfechten."
- ³⁵ Nas notas de Lukács não encontramos tal nota especial. Talvez tenha em mente Lukács a observação de Adorno de que a música moderna tenha perdido a ,“Autenticidade originária de angústia”:

"Nicht das Ungeheuerliche schockiert, sondern dessen Selbstverständlichkeit." S. "Franz Kafka oder Thomas Mann?", in: *Essays über Realismus* (Neuwied und Berlin: Luchterhand, 1971), S. 535 ff.

- ³⁶ MANN, Bd. 1, S. 127: "Im Verlauf seiner politischen Kämpfe wurde France Sozialist; zuletzt war er Kommunist. Ein Kommunist ward im Oktober 1924 in das Pantheon der großen Männer Frankreichs zu Grabe getragen. An der Herrschaft ist die Bürgerklasse, sie ehrt aber den Kommunisten, dessen Werke nicht nur sie ehren. Ob ein Schriftsteller groß wird, hängt davon ab, wieviel eine Klasse verträgt. Andererseits hängt es von der Größe des Schriftstellers ab, ob die Klasse ihn hinnimmt und erhöht."
- ³⁷ CAMUS, S. 44: "Je veux que tout me soit expliqué ou rien. Et la raison est impuissante devant ce cri du coeur. L'esprit éveillé par cette exigence cherche et ne trouve que contradictions et déraisonnements. Ce que je ne comprends pas est sans raison. Le monde est peuplé de ces irrationnels. A lui seul dont je ne comprends pas la signification unique, il n'est qu'un immense irrationnel. Pouvoir dire une seule fois: 'cela est clair' et tout serait sauvé."
- ³⁸ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 3, S. 206: "Die besitzende Klasse und die Klasse des Proletariats stellen dieselbe menschliche Selbstentfremdung dar. Aber die erste Klasse fühlt sich in dieser Selbstentfremdung wohl und bestätigt, weiß die Entfremdung als *ihre eigene Macht*, und besitzt in ihr den Schein einer menschlichen Existenz; die zweite fühlt sich in der Entfremdung vernichtet, erblickt in ihr ihre Ohnmacht und die Wirklichkeit einer unmenschlichen Existenz. Sie ist, um einen Ausdruck von Hegel zu gebrauchen, in der Verworfenheit die *Empörung* über diese Verworfenheit, eine Empörung, zu der sie notwendig durch den Widerspruch ihrer menschlichen *Natur* mit ihrer Lebenssituation, welche die offenerzige, verschiedene, umfassende Verneinung dieser Natur ist, getrieben wird."
- ³⁹ Cf. nota. 6.
- ⁴⁰ Cf. nota. 7.
- ⁴¹ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 50 f.: "Die Waaren können nicht selbst zu Märkte gehn und sich nicht selbst austauschen. Wir müssen uns also nach ihren Hütern umsehn, den Waarenbesitzern. Die Waaren

sind Dinge und daher widerstandslos gegen den Menschen. Wenn sie nicht willig, kann er Gewalt brauchen, in andren Worten sie nehmen. Um diese Dinge als Waaren auf einander zu beziehen, müssen die Waarenhüter sich zu einander als Personen verhalten, deren Willen in jenen Dingen haust, so daß der eine nur mit dem Willen des andren, also jeder nur vermitteltst eines, beiden gemeinsamen Willenakts sich die fremde Waare aneignet, indem er die eigne veräußert. Sie müssen sich daher wechselseitig als Privateigenthümer anerkennen. Dies Rechtsverhältniss, dessen Form der Vertrag ist, ob nun legal entwickelt oder nicht, ist ein Willensverhältniss, worin sich das ökonomische Verhältniss widerspiegelt. Der Inhalt dieses Rechts oder Willensverhältnisses ist durch das ökonomische Verhältniss selbst gegeben. Die Personen existiren hier nur für einander als Repräsentanten von Waare und daher als Waarenbesitzer. Wir werden überhaupt im Fortgang der Entwicklung finden, daß die ökonomischen Charaktermasken der Personen nur die Personifikationen der ökonomischen Verhältnisse sind, als deren Träger sie sich gegenüberreten."

- ⁴² MARX ROHENTWURF, S. 189: "Es ist zu bedenken, daß die neuen Produktivkräfte und Produktionsverhältnisse sich nicht aus Nichts entwickeln, noch aus der Luft, noch aus dem Schoß der sich selbst setzenden Idee; sondern innerhalb und gegensätzlich gegen vorhandne Entwicklung der Produktion und überlieferte, traditionelle Eigentumsverhältnisse. Wenn im vollendeten bürgerlichen System jedes ökonomische Verhältniss das andre in der bürgerlich-ökonomischen Form voraussetzt und so jedes Gesetzte zugleich Voraussetzung ist, so ist das mit jedem organischen System der Fall. Dies organische System selbst als Totalität hat seine Voraussetzungen, und seine Entwicklung zur Totalität besteht eben[darin], alle Elemente der Gesellschaft sich unterzuordnen, oder die ihm noch fehlende Organe aus ihr heraus zu schaffen. Es wird so historisch zur Totalität." *Ibd.*, S. 56: "Die Ersetzung des Metallgeldes (und des von ihm seine Denomination erhaltenden Papier oder Kreditgeldes) durch Arbeitsgeld", heißt die von Lukács vermerkte Stelle, "das seine Denomination von der Arbeitszeit selbst erhalte, würde also den *realen Wert* (Tauschwert) der Waren und ihren *nominellen Wert, Preis, Geldwert* gleichsetzen. Gleichsetzung des *realen Werts und des nominellen Werts, des Werts und des Preises*. Dies würde aber nur erreicht unter der Voraussetzung, daß *Wert* und

Preis nur *nominell* verschieden sind. Solches ist aber keineswegs der Fall. Der durch die Arbeitszeit bestimmte Wert der Waren ist nur ihr *Durchschnittswert* Ebd., S. 155: "Das Individuum A dient dem Bedürfnis des Individuums B vermittelt der Ware a, nur insofern und weil das Individuum B dem Bedürfnis des Individuums A vermittelt der Ware b dient und vice versa. Jedes dient dem anderen, um sich selbst zu dienen; jedes bedient sich des andren wechselseitig als seines Mittels. Es ist nun beides in dem Bewußtsein der beiden Individuen vorhanden: 1) daß jedes nur seinen Zweck erreicht, soweit es dem andern als Mittel dient; 2) daß jedes nur Mittel für das andre (Sein für andres) wird als Selbstzweck (Sein für sich); 3) daß die Wechselseitigkeit, wonach jedes zugleich Mittel und Zweck, und zwar nur seinen Zweck erreicht, insofern es Mittel wird, und nur Mittel wird, insofern es sich als Selbstzweck setzt, daß jeder sich also als Sein für andres setzt, insofern er Sein für sich, und der andre als Sein für ihn, insofern er Sein für sich – daß diese Wechselseitigkeit ein notwendiges fact ist, vorausgesetzt als natürliche Bedingung des Austauschs, daß sie aber als solche jedem der beiden Subjekte des Austauschs gleichgültig ist, und ihm diese Wechselseitigkeit nur Interesse hat, soweit sie sein Interesse als das des andren ausschließend, ohne Beziehung darauf, befriedigt."

⁴³ HEGEL REALPHILOSOPHIE, S. 198: "In dem Werkzeuge oder in dem bebauten, fruchtbar gemachten Acker besitze ich die *Möglichkeit*, den *Inhalt* als *einen allgemeinen*. Darum ist das Werkzeug, Mittel vortrefflicher als der Zweck der Begierde, der einzelner ist; es umfaßt alle jene Einzelheiten. – Aber das Werkzeug hat die Tätigkeit noch nicht selbst an ihm. Es ist träges Ding, kehrt nicht in ihm selbst zurück. Ich muß noch damit arbeiten. Ich habe die *List* zwischen mich und die äußere Dingheit hingestellt, mich zu schonen und meine Bestimmtheit damit zu bedecken und es sich abnutzen zu lassen."

⁴⁴ HEGEL-1, Bd. 5, S. 220: No terceiro capítulo "Teleologie" da segunda secção de "Großen Logik" livros: "Indem der Zweck endlich ist, hat er ferner einen endlichen Inhalt; hiernach ist er nicht ein Absolutes, oder schlechthin an und für sich ein *Vernünftiges*. Das *Mittel* aber ist die äußerliche Mitte des Schlusses, welcher die Ausführung des Zweckes ist; an demselben giebt sich daher die Vernünftigkeit in ihm als solche kund, in *diesem äußerlichen Ändern*

und gerade *durch* diese Aeußerlichkeit sich zu erhalten. Insofern ist das *Mittel* ein Höheres als die *endlichen* Zwecke der *äußern* Zweckmäßigkeit; – der *Pflug* ist ehrenvoller, als unmittelbar die Genüsse sind, welche durch ihn bereitet werden und die Zwecke sind. Das *Werkzeug* erhält sich, während die unmittelbaren Genüsse vergehen und vergessen werden. An seinen Werkzeugen besitzt der Mensch die Macht über die äußerliche Natur, wenn er auch nach seinen Zwecken ihr vielmehr unterworfen ist." In den "Philosophischen Heften" (PHIL. NACHLASS S. 109) kommentiert Lenin diese Stelle wie folgt: "Ansätze des historischen Materialismus bei Hegel", "Der historische Materialismus als eine der Anwendungen und Entwicklungen der genialen Ideen – Samenkörner, die sich bei Hegel im Keimzustand befinden."

- ⁴⁵ HEGEL VERNUNFT, S. 61: Wenn "einer ein Haus bauen will, so steht dies in seiner Willkür; die Elemente aber müssen ihm alle dazu helfen. Und doch ist das Haus da, um die Menschen gegen die Elemente zu schützen. Die Elemente werden hier also gegen sich selbst gebraucht; aber das allgemeine Naturgesetz wird dadurch nicht gestört."
- ⁴⁶ HEGEL VERNUNFT, S. 62: "In ähnlicher Weise befriedigen sich die Leidenschaften, sie führen sich selbst und ihre Zwecke aus nach ihrer Naturbestimmung und bringen das Gebäude der menschlichen Gesellschaft hervor, worin sie dem Rechte, der Ordnung die Gewalt *gegen* sich verschafft haben.[...] Die Leidenschaften sind das Betätigende. Sie sind keineswegs immer der Sittlichkeit entgegengesetzt, sondern verwirklichen das Allgemeine. Was das Moralische der Leidenschaften betrifft, so streben sie freilich nach dem eigenen Interesse. So erscheinen sie einerseits schlecht und eigennützig. Indes das Tätige ist immer individuell: im Handeln bin ich; es ist mein Zweck, den ich zu erfüllen suche. Dieser Zweck aber kann ein guter, auch ein allgemeiner sein. Das Interesse kann zwar ein ganz besonderes sein; daraus aber folgt noch nicht, daß es dem Allgemeinen entgegen sei. Das Allgemeine muß durch das Besondere in die Wirklichkeit treten."
- ⁴⁷ HEGEL VERNUNFT, S. 83: "Das besondere Interesse der Leidenschaft ist also unzertrennlich von der Betätigung des Allgemeinen; denn es ist aus dem Besonderen und Bestimmten und

aus dessen Negation, daß das Allgemeine resultiert. Das Besondere hat sein eigenes Interesse in der Weltgeschichte; es ist etwas Endliches und muß als solches untergehen. Es ist das Besondere, das sich aneinander abkämpft, und wovon ein Teil zugrunde gerichtet wird. Aber eben im Kampf, im Untergange des Besondern resultiert das Allgemeine. Dieses wird nicht gestört. Nicht die allgemeine Idee ist es, welche sich in Gegensatz und Kampf, welche sich in Gefahr begibt; sie hält sich unangegriffen und unbeschädigt im Hintergrund und schickt das Besondere der Leidenschaft in den Kampf, sich abzureiben. Man kann es die *List der Vernunft* nennen, daß sie die Leidenschaften für sich wirken läßt, wobei das, durch was sie sich in Existenz setzt, einbüßt und Schaden leidet. Denn es ist die Erscheinung, von der ein Teil nichtig, ein Teil affirmativ ist. Das Partikuläre ist meistens zu gering gegen das Allgemeine; die Individuen werden aufgeopfert und preisgegeben."

⁴⁸ HEGEL VERNUNFT, S. 66: "Jener Zusammenhang enthält nämlich dies, daß in der Weltgeschichte durch die Handlungen der Menschen noch etwas anderes überhaupt herauskomme, als sie bezwecken und erreichen, als sie unmittelbar wissen und wollen. Sie vollbringen ihr Interesse; aber es wird noch ein Ferneres damit zustande gebracht, das auch innerlich darin liegt, aber das nicht in ihrem Bewußtsein und ihrer Absicht lag."

⁴⁹ HEGEL VERNUNFT, S. 67 f.: "Cäsar in Gefahr, die Stellung, wenn auch etwa noch nicht des Übergewichts, doch wenigstens der Gleichheit zu verlieren, zu der er sich neben die ändern, die an der Spitze des Staates standen, erhoben hatte, und ihnen zu unterliegen, die im Übergange dazu waren, seine Feinde zu werden, die aber zugleich auf der Seite ihrer persönlichen Zwecke die formelle Staatsverfassung und damit die Macht des rechtlichen Scheins für sich hatten, bekämpfte diese im Interesse, sich, seine Stellung, Ehre und Sicherheit zu erhalten; und der Sieg über sie, indem ihre Macht die Herrschaft über die Provinzen des römischen Reichs war, wurde zugleich die Eroberung dieses ganzen Reichs: so war er mit Belassung der Form der Staatsverfassung der individuelle Gewalthaber im Staate. Was ihm so die Ausführung seines zunächst negativen Zwecks erwarb, die Alleinherrschaft Roms, war aber zugleich an sich notwendige Bestimmung in Roms und in der Welt Geschichte, so daß sie nicht nur sein partikulärer Gewinn, sondern seine Arbeit ein Instinkt war, der das vollbrachte, was an und für

sich an der Zeit war. Dies sind die großen Menschen in der Geschichte, deren eigene partikuläre Zwecke das Substanzielle enthalten, welches Wille des Weltgeistes ist. Dieser Gehalt ist ihre wahrhafte Macht; er ist in dem allgemeinen bewußtlosen Instinkte der Menschen. Sie sind innerlich dazu getrieben und haben keine weitere Haltung gegen den, der die Ausführung solchen Zwecks in seinem Interesse übernommen hat, ihm zu widerstehen. Die Völker sammeln sich vielmehr um sein Panier; er zeigt ihnen und führt das aus, was ihr eigener immanenter Trieb ist."

⁵⁰ HEGEL VERNUNFT, S, 73: Lukács marcoua a seguinte passagem: "Den Boden der Pflicht bildet das bürgerliche Leben: die Individuen haben ihren angewiesenen Beruf, und also auch ihre angewiesene Pflicht; und ihre Moralität besteht darin, sich dieser gemäß zu betragen.[...] Jedes Individuum ist der Sohn seines Volkes auf einer bestimmten Stufe der Entwicklung dieses Volkes. Niemand kann den Geist seines Volkes überspringen, sowenig er die Erde überspringen kann."

⁵¹ HEGEL-I, Bd. 4, S. 178: "Die Wirklichkeit ist die *Einheit des Wesens* und der Existenz; in ihr hat das *gestaltlose* Wesen und die haltlose *Erscheinung*; – oder das *bestimmungslose Bestehen* und die bestandlose Mannigfaltigkeit ihre Wahrheit." Ibid., S. 198: "Hiermit ist zugleich näher die Bestimmung ausgedrückt, inwiefern die *Möglichkeit Wirklichkeit* ist. Die Möglichkeit ist nämlich noch nicht *alle* Wirklichkeit, von der realen und absoluten Wirklichkeit ist noch nicht die Rede gewesen; sie ist nur erst diejenige, welche zuerst vorkam, nämlich die formelle, die sich bestimmt hat, *nur* Möglichkeit zu sein, also die formelle Wirklichkeit, welche nur *Sein* oder *Existenz* überhaupt ist. Alles Mögliche hat daher überhaupt ein *Sein* oder eine *Existenz*"

⁵² KIERKEGAARD KRANKHEIT, S. 33: Kierkegaard schreibt im Teil "Verzweiflung unter der Bestimmung Möglichkeit-Notwendigkeit" u. a.: "Es ist nämlich nicht so, wie die Philosophen erklären, daß die Notwendigkeit die Einheit von Möglichkeit und Wirklichkeit wäre, nein, die Wirklichkeit ist die Einheit von Möglichkeit und Notwendigkeit." KIERKEGAARD NACHSCHRIFT S. 1-17: Lukács beruft sich auf den ersten Paragraphen des dritten Kapitels ("Die wirkliche Subjektivität, die ethische; der subjektive Denker"): "Existieren; Wirklichkeit". KIERKEGAARD KRANKHEIT, S. 33:

Kierkegaard schreibt im Teil "Verzweiflung unter der Bestimmung Möglichkeit-Notwendigkeit" u. a.: "Es ist nämlich nicht so, wie die Philosophen erklären, daß die Notwendigkeit die Einheit von Möglichkeit und Wirklichkeit wäre, nein, die Wirklichkeit ist die Einheit von Möglichkeit und Notwendigkeit." KIERKEGAARD NACHSCHRIFT S. 1-17: Lukács beruft sich auf den ersten Paragraphen des dritten Kapitels ("Die wirkliche Subjektivität, die ethische; der subjektive Denker"): "Existieren; Wirklichkeit".

⁵³ HEGEL-I, Bd. 4, S. 201 f.: "Diese Möglichkeit als das Ansichsein der *realen* Wirklichkeit ist selbst *reale Möglichkeit*, zunächst das *inhaltvolle* Ansichsein. – Die formelle Möglichkeit ist die Reflexion-in-sich nur als die abstracte Identität, daß Etwas sich in sich nicht widerspreche. Insofern man sich aber auf die Bestimmungen, Umstände, Bedingungen einer Sache einläßt, um daraus ihre Möglichkeit zu erkennen, bleibt man nicht mehr bei der formellen stehen, sondern betrachtet ihre reale Möglichkeit. Diese reale Möglichkeit ist selbst *unmittelbare Existenz*, nicht mehr aber darum, weil die Möglichkeit als solche, als formelles Moment, unmittelbar ihr Gegentheil, eine nicht reflectirte Wirklichkeit ist; sondern weil sie *reale* Möglichkeit ist, hat sie sogleich diese Bestimmung an ihr selbst. Die reale Möglichkeit einer Sache ist daher die daseiende Mannigfaltigkeit von Umständen, die sich auf sie beziehen[...]. Diese Wirklichkeit, welche die Möglichkeit einer Sache ausmacht, ist daher nicht *ihre eigene Möglichkeit*, sondern das Ansichsein eines *ändern* Wirklichen; sie selbst ist die Wirklichkeit, die aufgehoben werden soll, die Möglichkeit als *nur* Möglichkeit."

⁵⁴ ENGELS URSPRUNG, S. 160: Die Zivilisation "wird eröffnet durch einen neuen Fortschritt der Teilung der Arbeit. Auf der untersten Stufe produzierten die Menschen nur direkt für eignen Bedarf; die etwa vorkommenden Austauschakte waren vereinzelt, betrafen nur den zufällig sich einstellenden Überfluß." S. 171: Im Rahmen der Warenproduktion, wegen ihrer Vereinzelung haben "die Produzenten[...] die Herrschaft über die Gesamtproduktion ihres Lebenskreises verloren, und die Kaufleute haben sie nicht übernommen. Produkte und Produktion verfallen dem Zufall." MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 15: Es handelt sich um den Teil "Einfache, einzelne oder zufällige Werthform".

- ⁵⁵ MARX KUGELMANN, S. 87 f.: "Die Weltgeschichte wäre allerdings sehr bequem zu machen, wenn der Kampf nur unter der Bedingung unfehlbar günstiger Chancen aufgenommen würde. Sie wäre andererseits sehr mystischer Natur, wenn 'Zufälligkeiten' keine Rolle spielten. Diese Zufälligkeiten fallen natürlich selbst in den allgemeinen Gang der Entwicklung und werden durch andere Zufälligkeiten wieder kompensiert. Aber Beschleunigung und Verzögerung sind sehr von solchen "Zufälligkeiten" abhängig, unter denen auch der 'Zufall' des Charakters der Leute, die zuerst an der Spitze der Bewegung stehen, figuriert."
- ⁵⁶ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 656 f.: Die gegebenen Seitenzahlen beziehen sich auf Engels' Ausführungen, die mit den Wörtern "Zufälligkeit und Notwendigkeit" beginnen. Hier kritisiert er u. a. die metaphysische Trennung dieser Begriffe.
- ⁵⁷ HEGEL-I, Bd. 7/2, S. 364: "Das Übel ist nichts Anders, als die Unangemessenheit des *Seins* zu dem *Sollen*. Dieses Sollen hat viele Bedeutungen, und da die zufälligen Zwecke gleichfalls die Form des Sollens haben, unendlich viele."
- ⁵⁸ NESTLE, Bd. 1, S. 192 f.: "Ein Gott ist ewig und unvergänglich, sorgt aber für nichts. Vorsehung und Schicksal gibt es überhaupt nicht, sondern alles geschieht von selbst. Die Götter wohnen in den Zwischenräumen zwischen den Weltkörpern. Sie sind voll Lust und ruhen in der höchsten Seligkeit, ohne sich selbst oder ändern etwas zu schaffen zu machen.[...] Keine vernünftige Vorsehung war bei der Schöpfung der lebenden Wesen tätig. Denn weder die Augen sind zum Sehen gemacht noch die Ohren zum Hören, noch die Zunge zum Sprechen, noch die Füße zum Gehen, weil dies alles entstand, ehe es ein Hören, Reden, Sehen gab. Deshalb entstanden diese Organe nicht zum Zweck des Gebrauches, sondern der Gebrauch ist eine Folge ihrer Entstehung."
- ⁵⁹ CASSIRER, Bd. 1, S. 114 f.: "Wäre die Seele sterblich – so hatte die Platonische Theologie Ficins gleich von Anfang an argumentiert –, so gäbe es kein unglücklicheres Geschöpf als den Menschen, so wäre der Wert unseres empirischen Daseins vernichtet. Für Pomponazzis sittliche Grundanschauung dagegen steht es fest, daß sich die echte Ethik darin bewähren muß, daß sie den Zweck des Lebens in diesem selbst zu finden lehrt. Die Idee der unbegrenzten

Fortdauer des Individuums wird durch die Idee des stetigen Fortschritts und der Höherbildung der *Menschheit* abgelöst."

- ⁶⁰ PRANTL, Bd. 1, S. 167: "Eine Logik, welche hübsch sauber zwischen logischer und physischer Möglichkeit distinguirt, würde freilich sagen, es sei z. B. bei einer Zählen-Lotterie logisch möglich, daß in hundert aufeinanderfolgenden Ziehungen ununterbrochen stets die ersten fünf Nummern in ihrer arithmetischen Reihenfolge gezogen werden, und sie wird wahrscheinlich auch nicht sagen können, warum es physisch nicht möglich sei, geschweige denn erst, warum es logisch und physisch gleich unmöglich sei; einer solchen Logik mag es allerdings gut anstehen, auch den Unsinn oder ein naturwidriges Wunder für logisch möglich zu halten, und ist man einmal davon so recht fest überzeugt, so stellt sich der Glaube an die physische Möglichkeit schon von selbst ein. Daß es doch etwas köstliches um das Wort,denkbar¹ ist, ersieht man auch aus der Hegel'schen Logik."
- ⁶¹ HARTMANN MÖGLICHKEIT, S. 181: E sobre o capítulo "Der Megarische Möglichkeitsgedanke". S. 186: "Der Naturprozeß läuft nicht vom Möglichsein zum Wirklichsein, sondern vom Wirklichsein des einen zum Wirklichsein des anderen;[...] Das Möglichsein im Realprozeß ist nur ein Modus der Realdependenz. Darum ist es kein Zustand oder Stadium und tritt überhaupt im Realverhältnis nicht isoliert für sich auf, sondern nur als untergeordnetes modales Moment an einem Wirklichen."
- ⁶² ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 206 f.: Trata-se do terceiroo capítulo do livro "Theta". S. 207: Was "vermögend ist, etwas zu sein, ist dennoch imstande, dies nicht zu sein, und was vermögend ist, etwas nicht zu sein, ist dennoch imstande, dies zu sein."
- ⁶³ LENIN PHIL. NACHLASS, S. 44: Das "Unwesentliche, Scheinbare, an der Oberfläche Befindliche verschwindet öfter, hält nicht so 'dicht'¹sitzt¹ nicht so .fest¹, wie das .Wesen¹. Etwa: die Bewegung eines Flusses – der Schaum oben und die tiefen Strömungen unten. *Aber auch der Schaum ist ein Ausdruck des Wesens!*"
- ⁶⁴ In einer seiner Notizen zu N. Hartmanns "Ontologie" schreibt Lukács u. a.: "Hartmanns Verdienst: ontologisch Realität der Ganzheit a) Physik (Sonnensystem, Atom) b) Leben: Art (564 ff.) c) Mensch: Hinausgehen über bloß biologische Art (Aristoteles) – Weg von einfacher Reaktion auf Außenwelt (Reiz) zu Bedeutung des

Bewußtseinssystem in Existenz (schon bei Tieren) Arbeit: Steigerung ins Qualitative. Erst hier: Widerspiegelung als Grundlage der Praxis (in Kausalkettensystem eingebaute Teleologie)"

⁶⁵ MARX-ENGELS, 1. Abt, Bd. 1/1, S. 80: "Die Beweise für das Dasein Gottes sind entweder nichts als *hohle Tautologien* – z. B. der *ontologische Beweis* heißt nichts als: 'was ich mir wirklich (realiter) vorstelle, ist eine wirkliche Vorstellung für mich¹, das wirkt auf mich, und in diesem Sinne haben *alle Götter*, sowohl die heidnischen als christlichen, eine reelle Existenz besessen. Hat nicht der alte Moloch geherrscht? War nicht der delphische Apollo eine wirkliche Macht im Leben der Griechen? Hier heißt auch Kants Kritik nichts. Wenn jemand sich vorstellt, hundert Taler zu besitzen, wenn diese Vorstellung ihm keine beliebige, subjektive ist, wenn er an sie glaubt, so haben ihm die hundert eingebildeten Taler denselben Wert wie hundert wirkliche. Er wird z. B. Schulden auf seine Einbildung machen, sie wird *wirken, wie die ganze Menschheit Schulden auf ihre Götter gemacht hat.*"

⁶⁶ Aqui Lukács se refere ao número das páginas da primeira edição da *Kritik der Urteilskraft*. KANT KU, S. 20 f.: "Also müssen wir in der Natur, in Ansehung ihrer bloss empirischen Gesetze, eine Möglichkeit unendlicher mannigfaltiger empirischer Gesetze denken, die für unsere Einsicht dennoch zufällig sind (a priori nicht erkannt werden können), und in deren Ansehung beurtheilen wir die Natureinheit nach empirischen Gesetzen und die Möglichkeit der Einheit der Erfahrung (als Systems nach empirischen Gesetzen) als zufällig. Weil aber doch eine solche Einheit nothwendig vorausgesetzt und angenommen werden muss, da sonst kein durchgängiger Zusammenhang empirischer Erkenntnisse zu einem Ganzen der Erfahrung stattfinden würde, indem die allgemeinen Naturgesetze zwareinen solchen Zusammenhang unter den Dingen ihrer Gattung nach als Naturdinge überhaupt, aber nicht spezifisch, als solche besondere Naturwesen, an die Hand geben, so muss die Urtheilskraft für ihren eigenen Gebrauch es als Prinzip a priori annehmen, dass das für die menschliche Einsicht Zufällige in den besonderen (empirischen) Naturgesetzen dennoch eine für uns zwar nicht zu ergründende, aber doch denkbare gesetzliche Einheit in der Verbindung ihres Mannigfaltigen zu einer an sich möglichen Erfahrung enthalte."

- ⁶⁷ KANT KU, S. 268 f.: Auf den gegebenen Seiten ist der Anfang des § 73 zu finden, wo Kant Epikurs und Spinozas Naturbetrachtung erörtert. Im Zusammenhang mit Spinoza heißt es u. a., daß er "den Naturformen zwar die Einheit des Grundes, die zu aller Zweckmässigkeit erforderlich ist, sichert, aber zugleich die Zufälligkeit derselben, ohne die keine *Zweckseinheit* gedacht werden kann, entreißt, und mit ihr alles Absichtliche, so wie dem Urgründe der Naturdinge allen Verstand, wegnimmt."
- ⁶⁸ KANT KU, S. 346 f.: Es geht um die Anmerkung zum § 88: "Beschränkung der Gültigkeit des moralischen Beweises"
- ⁶⁹ KANT KU, S. 284 f.: Im § 77 "Von der Eigenthümlichkeit des menschlichen Verstandes, wodurch uns der Begriff eines Naturzweckes möglich wird" heißt es u. a.: "gewisse Naturprodukte *müssen*, nach der besonderen Beschaffenheit unseres Verstandes, *von uns* ihrer Möglichkeit nach absichtlich und als Zwecke erzeugt *betrachtet werden*, ohne doch darum zu verlangen, dass es wirklich eine besondere Ursache, welche die Vorstellung eines Zwecks zu ihrem Bestimmungsgrunde hat, gebe[. ..] Unser Verstand ist ein Vermögen der Begriffe, d. i. ein diskursiver Verstand, für den es freilich zufällig sein muss, welcherlei und wie sehr verschieden das Besondere sein mag, das ihm in der Natur gegeben werden, und das unter seine Begriffe gebracht werden kann!" Auf Seite 331 beginnt die Anmerkung zum § 86 "Von der Ethikotheologie".
- ⁷⁰ KANT KU, S. 335: Die betreffende Stelle ist im § 87 "Von dem moralischen Beweise des Daseins Gottes" zu finden. Kant leitet hier, die Existenz einer moralischen Teleologie und die Möglichkeit des höchsten Gutes und der Glückseligkeit voraussetzend, das Dasein Gottes ab. In seiner Argumentation spielt die Gleichsetzung der Zufälligkeit-mit dem Fehlen von unmittelbaren Ursachen eine Rolle. Auf Seite 334 schreibt er: "Wenn man das Dasein gewisser Dinge (oder auch nur gewisser Formen der Dinge) als zufällig, mithin nur durch etwas Anderes, als Ursache, möglich, annimmt; so kann man zu dieser Kausalität den obersten und also zu dem Bedingten den unbedingten Grund entweder in der physischen oder teleologischen Ordnung suchen (nach dem *nexu effectivo* oder *finali*)." Nach dem Beweis führt er dessen Beschränktheit aus.
- ⁷¹ AUGUSTIN BEKENNTNISSE, S. 215: "Nun betrachtete ich die Dinge, die unter Dir sind, und ich erkannte, daß ihnen weder das

Sein noch das Nichtsein eignet. Sie sind, weil sie von Dir geschaffen sind; sind aber nicht, weil sie nicht Sind, was Du bist. Denn nur das ist wirklich, was unveränderlich bleibt."

⁷² AUGUSTIN BEKENNTNISSE, S. 396: "Siehe, Himmel und Erde sagen, daß sie geschaffen sind; denn sie sind veränderlich und wandelbar."

⁷³ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 91-96: Lukács se refere ao segundo terço do novo capítulo "Moral und Recht – Ewige Wahrheiten".

⁷⁴ LENIN EMPIRIOKRITIZISMUS, S. 119: Lukács se refere ao quinto ponto do segundo capítulo: "Absolute und relative Wahrheit oder der von A. Bogdanov bei Engels entdeckte Eklektizismus".

⁷⁵ HARTMANN ETHIK, S. 149: "Werte haben ein Ansichsein.[...] Werte bestehen unabhängig vom Bewußtsein. Dieses kann sie wohl erfassen oder verfehlen, aber nicht mitmachen, nicht spontan 'setzen'."

⁷⁶ Cf. nota. 60.

⁷⁷ Cf. nota. 61-62.

⁷⁸ Cf. nota. 61.

⁷⁹ Cf. nota. 52.

⁸⁰ Cf. nota. 52.

⁸¹ Cf. nota. 54.

⁸² ENGELS URSPRUNG, S. 171: "Mit der Warenproduktion, der Produktion nicht mehr für eignen Verbrauch, sondern für den Austausch, wechseln die Produkte notwendig die Hände. Der Produzent gibt sein Produkt im Tausch weg, er weiß nicht mehr, was daraus wird. Sowie das Geld, und mit dem Geld der Kaufmann als Vermittler zwischen die Produzenten tritt, wird der Austauschprozeß noch verwickelter, das schließliche Schicksal der Produkte noch ungewisser.[...] Produkte und Produktion verfallen dem Zufall."

⁸³ Cf. nota. 54.

⁸⁴ Cf. nota. 55.

⁸⁵ Cf. nota. 56.

- ⁸⁶ RICKERT, S. 203: "Wenn die Wahrheit aller Urteile auf dem anerkannten Sollen beruht, oder in seiner Bejahung allein wirklich besteht, insofern nur das Bejahen den immanenten logischen Sinn des Urteilens zum Ausdruck bringt, dann ist selbstverständlich auch die Wahrheit der Urteile, von denen man sagt, daß sie etwas als real seiend oder wirklich erkennen, hiervonnicht ausgenommen."
- ⁸⁷ RICKERT, S. 203 f.: Die "Wahrheit der Urteile über das Wirkliche ist nicht etwa aus ihrem Verhältnis zum Wirklichen abgeleitet, d. h. die Wirklichkeitsurteile sind, erkenntnistheoretisch betrachtet, nicht deswegen wahr und wertvoll, weil sie aussagen, was wirklich ist, sondern vom Standpunkte des empirischen Realismus *nennen* wir das allein mit Recht wirklich*, was von Urteilen als wirklich bejaht werden soll."
- ⁸⁸ RICKERT, S. 206: "Gewiß" Tatsache ist, was ich denken soll*, aber das Sollen selbst ist gerade darum keine reale Tatsache. Das allein, woran das Sollen haftet, ist tatsächlich, und auch das, was fordert, kann eine Tatsache nur insofern genannt werden, als die Forderung, es als real seiend anzuerkennen, bejaht und es somit als Tatsache schon erkannt ist. Das Sollen, das selbst keine reale Tatsache ist, erweist sich als Gegenstand für die rein tatsächliche Erkenntnis ebenso unentbehrlich wie für jedes andere Urteil."
- ⁸⁹ RICKERT, S. 116: "Gegen den 'naiven' Realismus haben wir [...] nichts einzuwenden. Er kennt weder ein transzendentes Wirkliches noch das erkenntnistheoretische Subjekt oder das überindividuelle Bewußtsein. Er ist überhaupt keine wissenschaftliche *Theorie*, die wissenschaftlich bekämpft zu werden braucht, sondern ein Komplex von undurchdachten und unbestimmten Meinungen, die zum Leben ausreichen, und die man denen, die nur leben wollen, ruhig lassen kann."
- ⁹⁰ RICKERT, S. 248 f.: Wahrheit ist "ihrem allgemeinsten Begriff nach ein *Wert*". Daraus "folgt allerdings mit Notwendigkeit, daß der Urteilsakt nur insofern etwas für die Erkenntnis der Wahrheit leisten kann, als er zu diesem Wert Stellung nimmt. Dann müssen wir ferner sagen, daß das, was in den einzelnen Individuen als seelische Realität faktisch abläuft, wenn sie erkennen, uns bei dem Erkenntnisproblem nicht interessiert, und daß wir uns also um die Psychologie des Urteilens nicht zu kümmern brauchen. Dann kommt es in der Tat darauf allein an, daß die Urteilsakte ein

Anerkennen oder Verwerfen *bedeuten* müssen, falls sie Erkenntnis enthalten sollen, und daß daher die theoretische Kontemplation, die *wahr* zu sein hat, zwar gewiß Kontemplation bleibt, aber trotzdem nicht einem teilnahmslosen, d. h. wertfreien Schauen gleichgesetzt werden darf. Dann ist zugleich klar, daß der theoretische Mensch gar nicht seiner Würde beraubt, d. h. nicht ins praktische Getriebe herabgezogen wird, wenn man ihn als wertend versteht, denn es ist ja allein der rein *theoretische* Wert der Wahrheit, den er urteilend bejaht, und dadurch kann, solange er sich von der Stellungnahme zu atheoretischen Werten frei hält, die Reinheit der theoretischen Kontemplation gewiß nicht beeinträchtigt werden." *Ibd.*, S. 260: "Wir wissen bereits, daß der Begriff des Existierens nicht der einzige ist, dem wir etwas unterordnen können, sondern neben ihm steht, außer dem Nicht-Etwas oder dem Nichts, als zweiter umfassender Begriff des Nicht-Existierenden, der des *Wertes*. Wir brauchen dies Wort, das einen Begriff bezeichnet, der sich ebensowenig wie der des Existierens definieren läßt, für Gebilde, die nicht existieren und trotzdem 'Etwas' sind, und wir drücken dies am besten dadurch aus, daß wir sagen, sie *gelten*. Neben der Ontologie ist daher von einer wahrhaft umfassenden Betrachtung notwendig eine Wert- oder Geltungslehre zu fordern."

- ⁹¹ RICKERT, S. 261: As passagens marcadas por Lukács são encontradas na seguinte sequência: Es läßt sich zeigen, daß ihre[der Negation] "Verknüpfung mit einem Existenzbegriff *eindeutig*, mit jedem Wertbegriff dagegen *zweideutig* ist, und daran, ob wir durch die Negation nur eine oder zwei Bedeutungen erhalten, werden wir mit Sicherheit erkennen, ob wir einen Existenzbegriff oder einen Wertbegriff vor uns haben. Unter Negation verstehen wir dasselbe, was wir meinen, wenn wir von einem .negativen Urteil¹ sprechen, d. h. sie ist Verneinung im Gegensatz zur Bejahung: dem zu bestimmenden 'Etwas' wird durch sie ein .Prädikat" *abgesprochen*. Von ihrer näheren Untersuchung dürfen wir absehen, denn wenn auch die folgenden Ausführungen mit Rücksicht auf sie nicht vollständig sind, so genügen sie doch, um das zu zeigen, worauf es hier ankommt. – Die Negation des Existierens oder genauer eines existierenden Etwas ergibt als *bloße* Negation immer nur das Nicht-Etwas oder das *Nichts*. Die Negation des geltenden Wertes dagegen kann zwar ebenfalls das Nichts bedeuten, aber auch ein Etwas, nämlich den *negativen Wert* oder das *Ungültige*, und wie der Wert zum

Sollen oder zum Imperativ wird, wenn wir ihn auf ein anerkennendes Ich beziehen, so wird der negative Wert zum Nicht-Sollen oder zu einem *Verbot* für den stellungnehmenden Akt des Subjekts. – Daraus folgt: der Begriff des Wertes hat eine engere und eine weitere Bedeutung. Nur der Wert im engeren Sinn steht im Gegensatz zum negativen Wert und ist dann als *positiver Wert* zu bezeichnen, der zum Sollen werden kann. Beide aber, der negative und der positive Wert, gehören in die Sphäre des Wertes nach der weiteren Bedeutung, die nicht den Gegensatz zum Unwert, sondern allein den Gegensatz zum Existierenden meint."

⁹² RICKERT, S. 312: "Wir haben zwar festgestellt, daß wir als theoretische Subjekte uns gebunden finden an eine Welt von Werten, die unseren Urteilen den festen Maßstab gibt, und daß wir uns daher beim Erkennen mit Recht die Aufgabe stellen, eine .Ordnung" zu entdecken, von der wir abhängen wie der Wille des handelnden Menschen von der ihn umgebenden Außenwelt: über alles Bejahen ragt das bejahte Sollen mit seiner Geltung hinaus."

⁹³ LASK, Bd. 2, S. 386 f.: Lukács marcou as seguintes passagens: Der "Wert der Uebereinstimmung und der Unwert der Nichtübereinstimmung kann nicht aus dem bloßen Uebereinstimmen und Nichtübereinstimmen als solchem stammen.[...] Nur positiver Wert und Unwert, aber nicht der Wert überhaupt, kann in der nachbildlichen Region seinen Ursprung haben, und der in ihr vorkommende Wert kann nicht *der* Wert, sondern nur ein nachbildlicher und abgeleiteter Wert sein. Nicht Gelten und Wert überhaupt, sondern nur Geltungs- und *Weitgegensätzlichkeit* bildet das Spezifikum der nachbildlichen Region, wovon es in der urbildlichen keine Spur gibt. So muß der Unterschied von Gegensatzlosigkeit und Gegensätzlichkeit auch in das Geltungs- und Wertproblem eingeführt werden. Mit der Gegensatzjenseitigkeit der Gegenstände kann sich nicht Geltungs- und Wertjenseitigkeit verbinden. Wenn man sich recht besinnt, so findet man vielmehr, daß die Geltungs- und Wertgegensätzlichkeit *so* auf ein Jenseits hinweist, daß dieses Geltungs- und wertartig *überhaupt* geradezu sein *muß*. Von der zugestandenen Wertartigkeit der Urteilsgegensätzlichkeit führt der Weg unvermeidlich zum Gedanken des gegensatzlosen Wertes. Denn ohne den gegensatzlosen Wert sind positiver Wert und Unwert gerade von gegliederten Sinnanzheiten – und um derartige

Wertgegensätzlichkeit handelt es sich hier allein – unbegreiflich. – Dieses Argument von der Geltungs – und Wertartigkeit des gegenständlichen Urbilds ist der Sache nach für alle Nachbild- und Uebereinstimmungstheorien zwingend. Aber erst auf dem Boden der kopemikanischen Lehre kann mit ihm ernst gemacht werden. Die Hineintragung der Logizität in die Gegenstände ermöglicht auch die Hineinverlegung der Geltungs- und Wertartigkeit in sie. So wird durch die kopemikanische Lehre nicht nur das Logische, sondern auch das Geltungsartige in eine ganz neue Fläche, in die der Gegenstände selbst, hineinversetzt."

- ⁹⁴ LASK, Bd. 2, S. 388: "Auf eine Auseinanderhaltung zwischen Geltungs- und Wertbegriff wird hier nirgends Gewicht gelegt. Es mag darum lediglich angedeutet werden, daß die Wertartigkeit eine bestimmte Bedeutungsnuance ist, die am Gelten erst dann hervortritt, wenn dieses auf die ihm gebührende Anerkennung von seiten der Subjektivität bezogen wird. Geltungsartigkeit erscheint dann als Anerkennungswürdigkeit, als Wert."
- ⁹⁵ LASK, Bd. 2, S. 389: "Die zu Ende gedachte kopernikanische Lehre, d. h. die Hineinverlegung gerade von Gelten und Wert in die Gegenstände selbst, macht überhaupt erst Aufgabe und Ziel des Erkennens verständlich."
- ⁹⁶ LASK, Bd. 2, S. 389 f.: "Der Gedanke des Wertmaßstabs ist uralt. Aber als Wertmaßstab fungierte meist der positive Wert. Und uralt ist auch die Gewohnheit, in Wahrheit und Wahrheitswidrigkeit Uebereinstimmung und Nichtübereinstimmung mit den als Urbild gedachten Gegenständen zu sehen. Daß aber dies beides, Wertmaßstab und Gegenstand zusammenfällt, das ist es, worauf alles ankommt. So läßt sich denn die uralte Uebereinstimmungstheorie aufrecht erhalten. Aber ohne die Einsicht in ihre – Geltungs – und Wertartigkeit wird die Uebergegensätzlichkeit der Gegenstände, ihre Erhabenheit über Wert und Unwert, lediglich ihrer vermeintlichen Metalogizität, ihrer Gegensatz- und Wert*fremdheit*, verdankt. Als jenseits des *Wertgegensatzes* scheinen die Gegenstände dann lediglich wegen ihrer vermeintlichen *Wertenseitigkeit* zu stehen."
- ⁹⁷ LASK, Bd. 2, S. 418 f.: "Die künstliche Region hat sich als eine geschaffene, eine gemachte, als das Geschöpf, das Artefakt der Subjektivität erwiesen. Gegenüber der Ungeschaffenheit der mit

dem Gegenstand zusammenfallenden transzendenten Wahrheit stellt sie gleichsam das Menschenwerk von Wahrheitsgebilden dar."

- ⁹⁸ LASK, Bd. 2, S. 454 f.: "Die Lehre von der Urteilsgegensätzlichkeit – darauf soll hier zum Schluß lediglich hingedeutet werden – weist auf umfassendere Aufgaben der gesamten philosophischen Wertlehre hin. Es dreht sich dabei um den Ursprung der Wertgegensätzlichkeit überhaupt. Er wird verschieden erklärt werden müssen für solche Wertgebiete wie das theoretische und das ästhetische, auf denen es immanente, aber transsubjektive, von den Subjektsakten loslösbare, gegensätzlich gespaltene Sinngebilde gibt, und für solche Wertgebiete wie das ethische, bei denen gerade auch die Spaltung in die Gegensätze ganz und ausschließlich auf Rechnung des Subjektsverhaltens kommt."
- ⁹⁹ RICKERT, S. 47: Um "das erkenntnistheoretische Problem stellen zu können, müssen wir Subjekt und Objekt begrifflich scheiden. Die Trennung ist aber, falls es zur letzten Klarheit kommen soll, so durchzuführen, daß auf der einen Seite nichts anderes als das Subjekt, also nicht etwas steht, was auch als Objekt zu denken ist. Deshalb darf bei der Stellung des Transzendenzproblems das Subjekt allein als Form in Betracht kommen, und weil nur dies Subjekt seinem Begriff nach nie als Objekt zu denken ist, soll es das erkenntnistheoretische Subjekt heißen."
- ¹⁰⁰ KANT KPV, S. 24: "In der Naturerkenntnis sind die Prinzipien dessen, was geschieht [...] zugleich Gesetze der Natur; denn der Gebrauch der Vernunft ist dort theoretisch und durch die Beschaffenheit des Objekts bestimmt, In der praktischen Erkenntnis, d. i. derjenigen, welche es bloß mit Bestimmungsgründen des Willens zu tun hat, sind Grundsätze, die man sich macht [...] Die praktische Regel ist jederzeit ein Produkt der Vernunft, weil sie Handlung als Mittel zur Wirkung als Absicht vorschreibt. Diese Regel ist aber für ein Wesen, bei dem Vernunft nicht ganz allein Bestimmungsgrund des Willens ist, ein *Imperativ*, d. i. eine Regel, die durch ein Sollen, welches die objektive Nötigung der Handlung ausdrückt, bezeichnet wird, und bedeutet, daß, wenn die Vernunft den Willen gänzlich bestimmte, die Handlung unausbleiblich nach dieser Regel geschehen würde. Die Imperativen gelten also objektiv und sind von Maximen, als subjektiven Grundsätzen, gänzlich unterschieden."

¹⁰¹ KANT KPV, S. 24 f.: "Maximen sind also zwar *Grundsätze*, aber nicht *Imperativen*. Die Imperativen selber aber, wenn sie bedingt sind, d. i. nicht den Willen schlechthin als Willen, sondern nur in Ansehung einer begehrten Wirkung bestimmen, d. i. hypothetische Imperativen sind, sind zwar praktische *Vorschriften*, aber keine *Gesetze*."

¹⁰² RICKERT, S. 201: Rickert stellt fest, daß "die Urteilsnotwendigkeit als Richtschnur oder Maßstab des Urteilens uns bindet, insofern der Sinn alles Urteilens in der Anerkennung des mit ihr verknüpften Wertes besteht, und wir drücken dies, um sie von jeder Notwendigkeit des realen Seins zu unterscheiden, am besten dadurch aus, daß wir sie als eine Notwendigkeit des *Sollens* bezeichnen." Und wie er fortsetzt: ". .. was mein Urteilen sinnvoll macht und damit mein Erkennen *leitet*, ist das durch Urteilsnotwendigkeit verbürgte *Sollen*, welches ich bejahend anzuerkennen habe."

¹⁰³ Cf. nota. 57.

¹⁰⁴ HEGEL RECHTSPHILOSOPHIE, S. 96: Der moralische Standpunkt "ist der Standpunkt des *Verhältnisses* und des *Sollens* oder der *Forderung*".

¹⁰⁵ Cf. nota. 58.

¹⁰⁶ NESTLE, Bd. 1, S. 199: Lukács marcou uma questão no subcapítulo (*Unterteil*) de "Aus der Schrift *Schwierige Fragen*" markiert: "Wird der Weise etwas tun, was die Gesetze verbieten, wenn er weiß, daß es verborgen bleiben wird? Eine einfache Antwort hierauf zu geben, ist nicht leicht."

¹⁰⁷ NESTLE, Bd. 1, S. 213 f.: "Das Unrecht ist nicht an sich ein Übel, sondern nur insofern ihm die Angst vor Entdeckung innewohnt, es könnte den für solche Fälle aufgestellten Zuchtmeistem nicht verborgen bleiben.

Unter dem Gesichtspunkt der Allgemeinheit ist das Gerechte für alle dasselbe; denn es ist irgendwie der gegenseitigen Gemeinschaft förderlich; unter dem Gesichtspunkt der Besonderheit aber, etwa eines Landes und aller sonstigen Voraussetzungen, folgt nicht, daß das Gerechte für alle dasselbe sei. – Das Wesen des Gerechten kommt unter den geltenden Bestimmungen allem dem zu, was anerkanntermaßen für die Bedürfnisse der gegenseitigen

Gemeinschaft zuträglich ist, ob es nun für alle dasselbe ist oder nicht."

¹⁰⁸ Lukács não indica o número das páginas.

¹⁰⁹ Cf. nota. 59.

¹¹⁰ CASSIRER, Bd. 1, S. 115 f.: "Zum ersten Male in der modernen Ethik tritt hier[in Pomponazzis Lehre] in voller Bestimmtheit der Gedanke der *Autonomie* des Sittlichen hervor."

¹¹¹ CASSIRER, Bd. 1, S. 116: "So zeigt sich die negative Auflösung eines metaphysischen Satzes in Wahrheit überall als eine Schöpfung und als Begründung einer *veränderten Wertschätzung des empirischen Seins*. Bezeichnend in dieser Rücksicht ist das Wort des *Cardano*, daß diejenigen, die die Sterblichkeit der Seele verfechten, das Sein des Menschen erhöhen und vergöttlichen, indem sie es zum Selbstzweck machen."

¹¹² Cf. nota. 60.

¹¹³ PRANTL, Bd. 1, S. 168: Von "dem Möglichen ist es statthaft, daß es sowohl ist als auch nicht ist. Und ist demnach in Bezug auf das Urtheilen das Mögliche dasjenige, dessen Gegentheil nicht nothwendig unwahr ist, oder dasjenige, von welchem es statthaft ist, daß es wahr sei, so ist es in Bezug auf das Stattfinden dasjenige, welches den principiellen Grundzug der Veränderung überhaupt, mag sie in ihm selbst oder vermittelt seiner in einem Anderen vor sich gehen, in sich enthält, und dasjenige, wovon es statthaft ist, daß es nicht sei, ist das Vergängliche; denn bei dem Unveränderlichen, Ewigen ist ja das Statthaftsein schon das Sein selbst und mit ihm identisch, daher es Nichts gibt, was bloß möglicherweise und der Potenz nach ein Ewiges wäre, und hiemit bei dem Ewigen von dem Möglich-sein oder Statthaft-sein als solchem gar nicht gesprochen werden kann."

¹¹⁴ PRANTL, Bd. 1, S. 171: "Mit dem Begriffe des Möglichen ist zugleich der seines Gegensatzes, des Unmöglichen, gegeben, und ersterer kann daher auch wieder durch letzteren vermittelt des Gegensatzes selbst bestimmt werden.[...] bei dem Unmöglichen[ist] die zum Stattfinden führende Potenz selbst aufgehoben oder verneint, so ist nicht bloß das Stattfinden unwahr (denn dies kann ja auch der Fall sein, wenn ein Mögliches nur eben nicht zur Wirklichkeit kam), sondern das Nichtstattfinden desjenigen, wovon die Möglichkeit

verneint ist, ist nothwendig und immer wahr, und es ist daher das Unmögliche dasjenige, dessen Gegentheil nothwendig und immer wahr ist; so daß das Unmögliche sich als ein Zweig des Unwahren erweist, nämlich als das nothwendig Unwahre, und sonach Unwahr-sein und Unmöglich-sein nicht identisch genommen werden dürfen, denn, wo eine Möglichkeit eines Stattfindens oder Nichtstattfindens vorliegt, kann das eine von beiden sehr wohl unwahr sein, ohne darum unmöglich zu sein; hingegen darf man nicht, um etwa dem Begriffe der Unmöglichkeit zu entgehen, dasjenige, was nie zur Verwirklichung gelangen wird, ein Mögliches nennen, und es ist unstatthaft in solcher Absicht zu sagen, daß Etwas wohl möglich sei, aber nie wirklich sein werde; denn wenn Etwas nicht nothwendiger Weise möglich ist, kann es sehr wohl unmöglich sein."

¹¹⁵ PRANTL, Bd. 1, S. 173: Das Nothwendige ist "gerade wesentlich dem Möglichen und Statthaften gegenübergestellt, insoferne ihm eben kein Möglich-sein oder Statthaft-sein eines anderweitigen Stattfindens einwohnen soll, so ist allerdings das Nothwendige im eigentlichsten Sinne das Ewige, Einfache, Unveränderliche, von welchem wir oben [...] sahen, daß es frei ist von allem bloß Potenziellen".

¹¹⁶ PRANTL, Bd. 1, S. 175: Das von Natur aus Bestehende hat "den Charakter entweder des Allgemeinen oder wenigstens des meistentheils (*ὡς ἐπὶ τὸ πᾶν*) Stattfindenden; nämlich eben weil die einzelnen Erscheinungen und Wesen der Natur, abgesehen von jenen ihren obersten Agentien, dem Gebiete des Veränderlichen angehören, so tritt an die Stelle der stricten schlechthin nothwendig herrschenden Allgemeinheit der Begriff des Meistentheils. Und allerdings ist dieses Meistentheils-Stattfinden eben darum das Nicht-Nothwendige, ja in ihm liegt, weil es nicht schlechthin ausnahmslos ist, die Quelle des Zufälligen, denn innerhalb des voraussetzungsweisen Nothwendigen gibt es Ursachen, deren Eintritt vom Zufalle abhängt." Vgl. *Metaph. E*, 2, 1026 b. 27, bzw. 1027 a. 8.

¹¹⁷ Cf. nota. 113.

¹¹⁸ Cf. nota. 113.

¹¹⁹ Cf. nota. 116.

¹²⁰ HARTMANN NATURPHILOSOPHIE, S. 614: "Es gibt eine Weise der Abartung, die in äußerer Veränderung eines fortbestehenden Typus aufgeht. Das gibt es bei beschränkter Anpassung hochdifferenzierter Arten an eine neue Umgebung, z. B. in der veränderten Färbung polarer¹ Varianten. Solche Veränderung durchbricht den Grundtypus einer Art noch nicht. Auf ihr kann die Entstehung neuer Arten nicht beruhen. Worauf es in der Deszendenz ankommt, ist eine tiefer greifende Form der Umbildung Sie besteht im Erwerb neuer organischer Züge, nicht^{im} bloßen Wechsel anhaftender Eigenschaften. Charakteristisch dafür ist der Zuwachs an Differenziertheit, Formung, Funktion, Fähigkeit, ja überhaupt an Organisation. - Das bedeutet: es handelt sich hier nicht mehr um Umbildung allein, sondern um Höherbildung, Neuformung, kürz um den Prozeß aufsteigender Neuschöpfung, in welchem das Alte, Erreichte weit mehr beibehalten als abgestoßen wird."

¹²¹ HARTMANN ONTOLOGIE, s. 263: "Die mathematische Gesetzlichkeit, die unser Rechnen beherrscht und sich in reiner Innerer Schau erfassen läßt, trifft zu auf die Verhältnisse der dinglich-realen Welt. Sie kann nicht etwa erst durch das mathematische Denken - etwa durch die rechnende Auffassungsweise - in die Gegenstände der Naturwissenschaft hineingetragen sein; denn diese bieten sich zunächst der Beobachtung dar und werden in ihr unabhängig von der Berechnung erfahren, sie bestehen also vor aller Fassung in mathematische Formeln. Folglich muß die mathematische Gesetzlichkeit unabhängig vom mathematischen Denken und Deuten schon in ihnen enthalten sein. - Dann aber ergibt sich die weitere Konsequenz, daß diese mathematische Gesetzlichkeit nicht nur eine solche der idealen mathematischen Gebilde sein kann, sondern wenigstens mittelbar auch eine Gesetzlichkeit des Realen. Da sie aber in der reinen Mathematik ohne Rücksicht auf Realverhältnisse rein in sich selbst - als selbständiger Gegenstand - erfaßt und entwickelt werden kann, so ist offenbar die Mittelbarkeit ihrer Geltung im Realen ihr wesentlich. Sie besteht also unabhängig von ihrem Walten in der Realsphäre und kann deswegen auch unabhängig von ihr erfaßt werden. Sie ist nur potentiell Realgesetzlichkeit. D. h. ihr selbst ist es äußerlich, daß überhaupt eine reale Welt existiert deren Verhältnisse sich nach ihr richten; der realen Welt aber ist es wesentlich, daß die raumzeitlichen und

materiellen Verhältnisse in ihr von dieser Gesetzmäßigkeit durchwaltet werden."

- ¹²² HARTMANN NATURPHILOSOPHIE, S. 74: "Nur bei solcher Fassung des geometrischen Raumes ist Geometrie eine wirkliche Wissenschaft: nämlich echte Erkenntnis von etwas, was auch ohne sie und unabhängig von ihr besteht.[...] Wäre der geometrische Raum nichts als Bewußtseinsprodukt, so wäre solche Gültigkeit vollkommen unverständlich: sie könnte dann gar nicht bestehen, oder sie müßte schon ein Wunder sein.[...] Die Mehrheit der geometrischen Räume ist daher selbst nichts anderes als die Vielheit der parallelen Möglichkeiten, die stets das Allgemeine gegenüber dem Speziellen hat. Es sind denn auch keine Realmöglichkeiten (deren gibt es stets nur eine), sondern bloße Wesensmöglichkeiten."
- ¹²³ HARTMANN MÖGLICHKEIT, S. 5: "Wären Dynamis und Energeia rein konstitutiv gefaßt, d. h. bedeuteten sie nichts als Entwicklungsphasen der Sache, so könnte diese Spaltung der realen Welt allenfals hingehen. Tatsächlich aber ist der modale Gegensatz von möglich und wirklich doch wenigstens mit gemeint, und das ändert die Sachlage wesentlich. Denn nun steht das im Zustand der Dynamis Seiende als ein bloß uneigentlich Seiendes, oder gleichsam Halbseiendes, da. So ist z. B. das Sein des Samens nicht ein in seiner Weise vollwertiges Sein, sondern ein uneigentliches Sein der Pflanze, nämlich ihr bloßes Angelegtsein. Da aber das Leben einer Pflanzenart im ständigen Widerspiel von Samen und ausgebildeter Pflanze besteht - beide fallen unter das gleiche Ethos -, so zerfällt dieses Leben der Art in zwei Seinsarten, die sich niemals decken, sondern fortwährend alternieren: ein Möglichsein und ein Wirklichsein der Pflanze. Alles Lebendige zeigt diese zwei Seinsarten. Und da Aristoteles diesen Gedanken vom Lebendigen aus auf die ganze Natur überträgt (auf alles, was ein inneres Werdeprinzip, eine $\varphi\upsilon\sigma\iota\varsigma$, so geht der Schnitt zwischen dem Halbseienden und dem Ganzseienden in der Tat durch das gesamte Reich des Realen."
- ¹²⁴ HARTMANN MÖGLICHKEIT, S. 13 f.: In der Schule der Megariker "ist das Möglichsein nicht als ein 'Zustand' des Seienden neben dem des Wirklichseins gefaßt, sondern als ein im Wirklichsein enthaltenes und vorausgesetztes Modalmoment. Hier

gibt es keine verselbständigte Möglichkeit, kein 'bloß Mögliches¹, keine gespaltene Realwelt, kein Halbseiendes neben dem Seienden, kein Unbestimmtes und keine unabsehbare Mannigfaltigkeit schwebender Möglichkeiten. Es ist stets nur eines möglich, dasjenige nämlich, was wirklich wird; alles übrige ist durchaus unmöglich. Das eben besagt der Satz: möglich ist nur, was wirklich ist." Na página 132 Lukács assinalou a passagem: "So erfaßt, erweist sich das Spaltungsgesetz der Möglichkeit als das Gesetz der, Härte des Realen' - ein Gesetz, das der Realität als Seinsweise den Radikalismus absoluter Entschiedenheit zuspricht, und zwar im Positiven wie im Negativen auch. - Es spricht also nichts Geringeres aus als die sprichwörtliche 'Unerbittlichkeit¹ des einmal Gewordenen und die 'Unwiederbringlichkeit¹ des einmal Unterbliebenen. Nicht als ob dieses nicht einmal später werden könnte, jenes nicht wieder vergehen und verschwinden könnte."

¹²⁵ HARTMANN MÖGLICHKEIT, S. 175: Das Realgesetz der Möglichkeit¹ sagt: "es gibt im Realen keine 'Weite¹ des Möglichen, keine Vielheit parallel geschalteter Möglichkeiten¹, wenigstens nicht im Sinne der Realmöglichkeit; es gibt hier auch nicht das 'bloß Mögliche¹ neben dem Wirklichen, keine frei herumlaufende, schwebende, gespensternde Möglichkeit, keine Spaltung des Realen in zweierlei Seiendes, kein zweites Reich neben dem des Wirklichen. Vielmehr: die Enge des Wirklichen ist auch die Enge des Möglichen; es ist im Gefüge des Realgeschehens nichts möglich, was nicht wirklich ist; es 'wird' in ihm auch nichts möglich, was nicht ebendamit wirklich wird; ja, es war auch nie etwas möglich, was nicht wirklich war, und es wird nie etwas möglich werden, was nicht wirklich werden wird."

¹²⁶ HARTMANN MÖGLICHKEIT, S. 224: "Wie aber steht es mit dem Offenstehen des Zukünftigen in seiner 'Unbestimmtheit²[...] Für diesen Aspekt ist die Sachlage eine ganz andere: in jedem Zeitpunkt des Prozesses liegt eine 'Vielzahl von Möglichkeiten¹ vor, die zusammen den offenen Zukunftshorizont ausmachen; es kann 'so' kommen, es kann auch anders kommen, je nachdem welche Teilbedingungen im weiteren Verlauf zu den vorhandenen hinzutreten. Auf dieser 'Vielzahl der Möglichkeiten¹ beruht jene charakteristische Unbestimmtheit, gleichsam jene Vielstrahligkeit des Zukünftigen - auch schon des allernächsten -, die in allem wirklichen, jeweilig laufenden Geschehen angelegt zu sein scheint. -

In diesem vielstrahligen Vorausweisen in die Zukunft steckt nun unverkennbar der Begriff der disjunktiven Möglichkeit, und zwar in der für ihn stets charakteristischen Verknüpfung mit dem der Teilmöglichkeit. Und es läßt sich nicht bestreiten, daß dieser Möglichkeitsbegriff sehr genau auf den Aspekt der Zukunft paßt, den wir im Leben bei allem Vorausschauen vor Augen haben."

¹²⁷ Cf. nota. 51.

¹²⁸ Em uma das nota de Lukács para a "Ontologia" de Hartmann, lê-se: "Charakteristisch (Logik): Satz der Identität u Satz des Widerspruchs 'Sie können also weder miteinander noch ohne einander bestehen*' 321 (Also: Dialektik als zweite Schwäche H's!)"

¹²⁹ ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 214 f.: "Nach unseren Erörterungen über die mehreren Bedeutungen des Wortes 'früher' ist es klar, daß die Verwirklichung früher ist als das Vermögen. Ich spreche hierbei nicht nur von dem oben definierten Vermögen, das bezeichnet wird als Quelle der Veränderung eines anderen Dinges oder der Quelle selbst, insofern sie noch etwas anderes ist, sondern allgemein von jeder Quelle der Bewegung oder des Stillstands. Denn auch die Natur gehört zu derselben Gattung wie das Vermögen: sie ist eine Quelle der Bewegung - zwar nicht eines anderen Dinges, aber der Quelle selbst, insofern sie noch etwas anderes ist."

¹³⁰ ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 215: "Die Verwirklichung ist nun allen diesen Vermögen gegenüber früher sowohl dem Begriffe wie dem Wesen nach; der Zeit nach ist sie in gewissem Sinne früher, in gewissem Sinne aber nicht."

¹³¹ ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 74: "Wenn aber die Elemente nur dem Vermögen nach existieren, so könnte es auch sein, daß nichts Seiendes existierte. Vermögend zu sein ist ja auch das, das noch nicht ist. Denn was entsteht, das 'ist' nicht; aber nichts entsteht, das nicht vermögend wäre zu sein."

¹³² ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 206 f.: "Nun sagen aber einige Denker - z. B. die Megariker -, daß nur dasjenige Ding vermögend sei, das auch verwirklicht, und daß ein Ding, das nicht verwirklicht, auch nicht vermögend sei[...] Sodann würde, wenn dasjenige unvermögend wäre, dessen Vermögen einer Privation unterliegt, auch das Nichtentstandene unvermögend sein zu entstehen. Wer

aber von demjenigen, das unvermögend ist zu entstehen, sagen wollte, daß es 'sei' oder 'sein, werde', der würde irren: das besagt eben das Wort "unvermögend". Jene Lehren heben also wie die Bewegung so auch die Entstehung auf. Der Stehende würde ihnen zufolge immer stehen, und der Sitzende würde immer sitzen; denn wer sitzt, steht nicht auf, und wer nicht aufzustehen vermag, der soll auch in Zukunft zum Aufstehen unvermögend sein. Kann man nun aber derartiges nicht sagen, so sind offenbar Vermögen und Verwirklichung voneinander verschieden. Jene Lehren, die Vermögen und Verwirklichung zu ein und demselben machen, suchen also eine durchaus nicht geringfügige Verschiedenheit aus der Welt zu schaffen. Also bleibt es dabei: was vermögend ist, etwas zu sein, ist dennoch imstande, dies nicht zu sein, und was vermögend ist, etwas nicht zu sein, ist dennoch imstande, dies zu sein." Cf. nota. 62.

- ¹³³ ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 206 f.: Laut der Vertreter der bestrittenen Lehre vermöge z. B. "ein Nichtbauendes auch nicht zu bauen [...], dies vermöge nur ein Bauendes, und zwar solange es baue - und entsprechend in allen anderen Fällen. Es ist nicht schwer einzusehen, daß diese Lehre zu absurden Konsequenzen führt. Denn offenbar könnte hiernach niemand Baukünstler sein, solange er nicht gerade baut [..] und ebenso bei allen ändern Künsten. Obgleich es nun unmöglich ist, solche Künste zu haben, ohne sie irgendwann erlernt und ergriffen zu haben, und sie späterhin nicht mehr zu haben, ohne sie irgendeinmal wieder verloren zu haben [...], so soll nach jener Auffassung doch derjenige eine Kunst nicht mehr haben, der nur aufgehört hat, sie auszuüben. Wenn er nun später ohne weiteres wieder baut - wie hat er die Kunst wieder erworben? Gleiches würde auch für unbeseelte Dinge gelten. Denn es könnte nichts kalt oder warm oder süß oder überhaupt sinnlich wahrnehmbar sein, wenn es nicht jemand gerade sinnlich wahrnimmt. Die Vertreter jener Ansicht geraten damit zur Lehre des Protagoras.

¹³⁴ Cf. notas 62 e 132.

- ¹³⁵ MARX ROHENTWURF, S. 706: Lukács marcou as seguintes passagens: "Der *Mehrwert* als vom Kapital selbst gesetzt und gemessen durch sein numerisches Verhältnis zum Gesamtwert des

- Kapitals ist der *Profit*. Die lebendige Arbeit als angeeignet und absorbiert vom Kapital erscheint als seine eigne Lebenskraft ... "
- ¹³⁶ MARX ROHENTWURF, S. 928: "Sobald Gold und Silber (oder jede andre Ware) als Wertmaß und Zirkulationsmittel (sei es als letztes in ihrer leiblichen Form oder durch Symbol ersetzt) sich entwickelt haben, werden sie Geld, ohne Zutun und Wollen der Gesellschaft. Ihre Macht erscheint als ein Fatum, und das Bewußtsein der Menschen, besonders in gesellschaftlichen Zuständen, die an einer tiefern Entwicklung der Tauschwertverhältnisse untergehn, sträubt sich gegen die Macht, die ein Stoff, ein Ding ihnen gegenüber erhält, gegen die Herrschaft des verfluchten Metalls, die als reine Verrücktheit erscheint."
- ¹³⁷ MARX KAPITAL, Bd. 2, S. 21: "G ist als Kapital gesetzt durch sein Verhältniss zu einem ändern Theil von G', als dem durch es Gesetzten, aus ihm als Ursache Bewirktem, als der Folge wovon es der Grund. So erscheint G' als in sich differenzierte, sich funktionell (begrifflich) in sich selbst unterscheidende, das Kapitalverhältnis ausdrückende Werthsumme. Aber dies ist nur ausgedrückt als Resultat, ohne die Vermittlung des Processes, dessen Resultat es ist."
- ¹³⁸ MARX KAPITAL, Bd. 2, S. 24: "Das Waarenkapital, als direktes Produkt des kapitalistischen Produktionsprocesses, erinnert an diesen seinen Ursprung und ist daher in seiner Form rationeller, minder begriffslos als das Geldkapital, in dem jede Spur dieses Processes erloschen ist, wie überhaupt im Geld alle besondere Gebrauchsform der Waare erlischt."
- ¹³⁹ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 30: N.: "Jede Waare, Rock, Thee, Weizen, Eisen u. s. w. gilt im Werthausdruck der Leinwand als Aequivalent und daher als Werthkörper. Die bestimmte Naturalform jeder dieser Waaren ist jetzt eine besondere Aequivalentform neben vielen andren. Ebenso gelten die mannigfaltigen in den verschiedenen Waarenkörpern enthaltenen bestimmten, konkreten, nützlichen Arbeitsarten jetzt als eben so viele besondere Verwirklichungs – oder Erscheinungsformen menschlicher Arbeit schlechthin."
- ¹⁴⁰ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 40: Durch den Austausch vermittelt "erhalten die Privatarbeiten der Producenten thatsächlich einen doppelten gesellschaftlichen Charakter. Sie müssen einerseits als

bestimmte nützliche Arbeiten ein bestimmtes gesellschaftliches Bedürfniss befriedigen und sich so als Glieder der Gesamtarbeit, des naturwüchsigen Systems der gesellschaftlichen Theilung der Arbeit, bewähren. Sie befriedigen andererseits nur die mannigfachen Bedürfnisse ihrer eignen Producenten, sofern jede besondere nützliche Privatarbeit mit jeder andren nützlichen Art Privatarbeit austauschbar ist, also ihr gleichgilt."

- ¹⁴¹ MARX KAPITAL, Bd. 1, S. 502: "Die Form des Arbeitslohns löscht also jede Spur der Theilung des Arbeitstags in nothwendige Arbeit und Mehrarbeit, in bezahlte und unbezahlte Arbeit aus. Alle Arbeit erscheint als bezahlte Arbeit. Bei der Frohnarbeit unterscheiden sich räumlich und zeitlich, handgreiflich sinnlich, die Arbeit des Fröhners für sich selbst und seine Zwangsarbeit für den Grundherrschaft. Bei der Sklavenarbeit erscheint selbst der Theil des Arbeitstags, worin der Sklave nur den Werth »einer eignen Lebensmittel ersetzt, den er in der That also für sich selbst arbeitet, als Arbeit für seinen Meister. Alle seine Arbeit erscheint als unbezahlte Arbeit. Bei der Lohnarbeit erscheint umgekehrt selbst die Mehrarbeit oder unbezahlte Arbeit als bezahlt. Dort verbirgt das Eigentumsverhältniss das Fürsichselbstarbeiten des Sklaven, hier das Geldverhältniss das Umsonstarbeiten des Lohnarbeiters."
- ¹⁴² MARX KAPITAL, Bd. 3/2, S. 323: "Dieser Überschuss über die notwendigsten Subsistenzmittel, der Keim dessen, was in der kapitalistischen Produktionsweise als Profit erscheint, ist also ganz und gar bestimmt durch die Höhe der Grundrente, welche hier nicht nur unmittelbar unbezahlte Mehrarbeit ist, sondern auch als solche erscheint."
- ¹⁴³ MARX KAPITAL, Bd. 3/2, S. 530 f.: Lukács marcou nas bordas as seguintes passagens: "Das variable Kapital ist also nur eine besondere historische Erscheinungsform des Fonds von Lebensmitteln oder des Arbeitsfonds, den der Arbeiter zu seiner Selbsterhaltung und Reproduktion bedarf, und den er in allen Systemen der gesellschaftlichen Produktion stets selbst produciren und reproduciren muß.[...] Der bürgerliche Oekonom, dessen beschränktes Hirn die Erscheinungsform von dem, was darin erscheint, nicht trennen kann, schließt die Augen vor der Thatsache, daß selbst noch heutzutage der Arbeitsfond nur ausnahmsweise auf dem Erdrund in der Form von Kapital auftritt."

- ¹⁴⁴ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 11: "Der Profit, wie wir ihn hier zunächst vor uns haben, ist also dasselbe was der Mehrwert ist, nur in einer mystifizierten Form, die jedoch mit Notwendigkeit aus der kapitalistischen Produktionsweise herauswächst."
- ¹⁴⁵ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 16: "Da der Kapitalist die Arbeit nur exploitiert kann durch Vorschuß des konstanten Kapitals, da er das konstante Kapital nur verwerten kann durch Vorschuß des variablen, so fallen ihm diese in der Vorstellung alle gleichmäßig zusammen, und dies um so mehr, als der wirkliche Grad seines Gewinns bestimmt ist nicht durch das Verhältnis zum variablen Kapital, sondern zum Gesamtkapital, nicht durch die Rate des Mehrwerts, sondern durch die Rate des Profits, die wie wir sehen werden, dieselbe bleiben, und doch verschiedene Raten des Mehrwerts ausdrücken kann."
- ¹⁴⁶ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 17: "Aus der Verwandlung der Mehrwertsrate in Profitrate ist die Verwandlung des Mehrwerts in Profit abzuleiten, nicht umgekehrt. Und in der Tat ist die Profitrate das, wovon historisch ausgegangen wird. Mehrwert und Rate des Mehrwerts sind relativ, das Unsichtbare und das zu erforschende Wesentliche, während Profitrate und daher die Form des Mehrwerts als Profit sich auf der Oberfläche der Erscheinung zeigen."
- ¹⁴⁷ MARX KAPITAL, Bd. 3/2, S. 324: Nas linhas assinaladas por Lukács lemos, entre outras coisas: "Es sind also persönliche Abhängigkeitsverhältnisse nötig, persönliche Unfreiheit, in welchem Grad immer, und Gefesseltsein an den Boden als Zubehör desselben, Hörigkeit im eigentlichen Sinn. Sind es nicht Privatgrundeigentümer, sondern ist es wie in Asien der Staat, der ihnen[den Kleinbauern] direkt als Grundeigentümer und gleichzeitig Souverän gegenübertritt, so fallen Rente und Steuer zusammen, oder es existiert vielmehr dann keine von dieser Form der Grundrente verschiedene Steuer."
- ¹⁴⁸ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 188: Após na análise das conexões ligadas pela concorrência, Marx afirma: "*Es erscheint also in der Konkurrenz alles verkehrt.* Die fertige Gestalt der ökonomischen Verhältnisse, wie sie sich auf der Oberfläche zeigt, in ihrer realen Existenz, und daher auch in den Vorstellungen, worin die Träger und Agenten dieser Verhältnisse sich über dieselben klar zu werden

suchen, sind sehr verschieden von, und in der Tat verkehrt, gegensätzlich zu ihrer inneren, wesentlichen, aber verhüllten Kerngestalt und dem ihr entsprechenden Begriff.

- ¹⁴⁹ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 192 f.: Lukács assinalou, entre outras, as seguintes passagens: Dem wachsenden Wertumfang des konstanten Kapitals entspricht "eine wachsende Verwohlfeilerung des Produkts. Jedes individuelle Produkt, für sich betrachtet, enthält eine geringere Summe von Arbeit, als auf niedrigeren Stufen der Produktion, wo das in Arbeit ausgelegte Kapital in ungleich größerem Verhältnis steht zu dem in Produktionsmitteln ausgelegten.[...] Die progressive Tendenz der allgemeinen Profitrate zum Sinken ist also nur *ein der kapitalistischen Produktionsweise eigentümlicher Ausdruck* für die fortschreitende Entwicklung der gesellschaftlichen Produktivkraft der Arbeit."
- ¹⁵⁰ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 222: "Fall der Profitrate und beschleunigte Akkumulation sind insofern nur verschiedene Ausdrücke desselben Prozesses, als beide die Entwicklung der Produktivkraft ausdrücken."
- ¹⁵¹ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 297: "Wenn, wie der Leser zu seinem Leidwesen erkannt hat, die Analyse der wirklichen, inneren Zusammenhänge des kapitalistischen Produktionsprozesses ein sehr verwickeltes Ding und eine sehr ausführliche Arbeit ist; wenn es ein Werk der Wissenschaft ist, die sichtbare, bloß erscheinende Bewegung auf die innere wirkliche Bewegung zu reduzieren, so versteht es sich ganz von selbst, daß in den Köpfen der kapitalistischen Produktions- und Zirkulationsagenten sich Vorstellungen über die Produktionsgesetze bilden müssen, die von diesen Gesetzen ganz abweichen, und nur der bewußte Ausdruck der scheinbaren Bewegung sind."
- ¹⁵² MARX THEORIEN, Bd. 3, S. 554: "Nehmen wir endlich das fertige Kapital, wie es als Ganzes, als die Einheit von Zirkulationsprozeß und Produktionsprozeß erscheint, als Ausdruck des Reproduktionsprozesses, als eine bestimmte Wertsumme, die in einem bestimmten Zeitraum, bestimmten Zirkulationsabschnitt, bestimmten Profit (Mehrwert) produziert, so existieren in dieser Gestalt Produktionsprozeß und Zirkulationsprozeß nur noch als Erinnerung und als Momente, die *gleichmäßig* den Mehrwert

- bestimmen, womit seine einfache Natur verhüllt wird. Der Mehrwert erscheint jetzt als Profit."
- 153 MARX THEORIEN, Bd. 3, S. 555: "In demselben Grade, wie die Gestalt des Profits seinen inneren Kern versteckt, erhält das Kapital mehr und mehr eine sachliche Gestalt, wird es aus einem Verhältnis immer mehr ein Ding, aber ein Ding, das das gesellschaftliche Verhältnis im Leibe, in sich verschluckt hat, ein mit fletivem Leben und Selbständigkeit sich zu sich selbst verhaltendes Ding, ein sinnlich-übersinnliches Wesen."
- 154 MARX THEORIEN, Bd. 3, S. 557: Lukács sublinhou as seguintes sentenças: Die "Rente erscheint, wie jede von der kapitalistischen Produktion geschaffene Gestalt derselben, zugleich als feste, gegebene, in jedem Augenblick vorhandene, also für den einzelnen unabhängig vorhandene Voraussetzung."
- 155 MARX THEORIEN, Bd. 3, S. 558: "Es ist klar, daß, sobald sich der Mehrwert in verschiedene, *besondere* (Teile spaltet, die) auf verschiedene nur *stofflich* unterschiedene Produktionselemente - wie Natur, Produkte, Arbeit - bezogen werden, daß[...] seine gemeinsame Einheit - der Mehrwert - und daher die Natur dieser gemeinsamen Einheit mehr und mehr unkenntlich wird und in der *Erscheinung* sich nicht zeigt, sondern als verborgenes Mysterium erst entdeckt werden muß. Diese Verselbständigung der Gestalt der besonderen Teile - und ihr Gegenübertreten als selbständige Gestalten - wird vollendet dadurch, daß jeder dieser Teile auf ein besonderes Element als sein Maß und seine besondere Quelle reduziert wird, oder daß jeder Teil des Mehrwerts als Wirkung einer besonderen Ursache, als Akzidenz einer besonderen Substanz sich darstellt. So der Profit - Kapital, Rente - Erde, Arbeitslohn - Arbeit. -[...] Und es sind diese fertigen Verhältnisse und Formen, die in der wirklichen Produktion als Voraussetzungen erscheinen, weil die kapitalistische Produktionsweise sich in den von ihr selbst geschaffenen Gestalten bewegt und diese, ihr Resultat, im Prozeß der Reproduktion, ihr ebensowohl als fertige Voraussetzungen gegenübertreten."
- 156 MARX KAPITAL, Bd. 3/2, S. 352: "Die Vulgärökonomie tut in der Tat nichts, als die Vorstellungen der in den bürgerlichen Produktionsverhältnissen befangenen Agenten dieser Produktion doktrinär zu verdolmet- schen, zu systematisieren und zu

apologetisieren. Es darf uns also nicht wundernehmen, daß sie gerade in der entfremdeten Erscheinungsform der ökonomischen Verhältnisse, worin diese prima facie abgeschmackt und vollkommene Widersprüche sind - und alle Wissenschaft wäre überflüssig, wenn die Erscheinungsform und das Wesen der Dinge unmittelbar zusammenfielen - wenn gerade hier die Vulgärökonomie sich vollkommen bei sich selbst fühlt und ihr diese Verhältnisse um so selbstverständlicher erscheinen, je mehr der innere Zusammenhang an ihnen verborgen ist, sie aber der ordinären Vorstellung geläufig sind."

- ¹⁵⁷ MARX ROHENTWURF, S. 158: Soweit das Geld beim Austausch "als Material, allgemeine Ware der Kontrakte erscheint, ist vielmehr aller Unterschied zwischen Kontrahenten und Kontrahenten ausgelöscht".
- ¹⁵⁸ MARX ROHENTWURF, S. 158 f.: Akkumuliert "das eine Individuum, das andre nicht, so tut dies keins auf Unkosten des andren. Das eine genießt den realen Reichtum, das andre setzt sich in Besitz der allgemeinen Form des Reichtums. Wenn das eine verarmt, das andre sich bereichert, so ist das ihr freier Wille und geht keineswegs aus dem ökonomischen Verhältnisse, aus der ökonomischen Beziehung selbst, in die sie zueinander gesetzt sind, hervor. Selbst die Erbschaft und dergleichen juristische Verhältnisse, die so entstehende Ungleichheiten verewigen, tun dieser natürlichen Freiheit und Gleichheit keinen Eintrag. Wenn das ursprüngliche Verhältnis des Individuums A nicht im Widerspruch steht zu diesem System, so kann dieser Widerspruch sicher nicht dadurch hervorgebracht werden, daß das Individuum B an die Stelle des Individuums A tritt, es verewigt. Es ist dies vielmehr ein Geltendmachen der sozialen Bestimmung über die natürliche Lebensgrenze hinaus: eine Befestigung derselben gegen die zufällige Wirkung der Natur, deren Einwirkung als solche vielmehr Aufhebung der Freiheit des Individuums wäre. Zudem, da das Individuum in diesem Verhältnis nur die Individuation von Geld ist, so ist es als solches ebenso unsterblich als das Geld, und seine Repräsentation durch Erben ist vielmehr die Durchführung dieser Bestimmung. - Wenn diese Auffassungsweise nicht in ihrer historischen Bedeutung hervorgehoben wird, sondern als Widerlegung entgegenhalten wird den entwickelten ökonomischen Verhältnissen, in denen die Individuen nicht mehr bloß als

Austauschende oder Käufer und Verkäufer, sondern in bestimmten Verhältnissen zueinander hervortreten, nicht mehr alle in derselben Bestimmtheit gesetzt sind; so ist das dasselbe, als wollte behauptet werden, daß kein Unterschied, noch weniger Gegensatz und Widerspruch zwischen den Naturkörpern existiert, weil sie, z. B. in der Bestimmung der Schwere gefaßt, alle schwer und demnach gleich sind; oder gleich sind, weil sie alle drei Raumdimensionen einnehmen."

¹⁵⁹ MARX ROHENTWURF, S. 159: "Der Tauschwert selbst wird hier ebenfalls in seiner einfachen Bestimmtheit festgehalten gegen seine entwickelten gegensätzlichen Formen. Im Gang der Wissenschaft betrachtet erscheinen diese abstrakten Bestimmungen grade als die ersten und dürftigsten; wie sie zum Teil auch historisch Vorkommen; das Entwickelte als das Spätere. Im Ganzen der vorhandenen bürgerlichen Gesellschaft erscheint dieses Setzen als Preise und ihre Zirkulation etc. als der oberflächliche Prozeß, unter dem aber in der Tiefe ganz andere Prozesse vorgehen, in denen diese scheinbare Gleichheit und Freiheit der Individuen verschwindet."

¹⁶⁰ MARX ROHENTWURF, S. 159: Lukács marcou as seguintes passagens: Es wird vergessen, "daß das Individuum nur noch als Tauschwert Produzierendes Existenz hat, also schon die ganze Negation seiner natürlichen Existenz eingeschlossen ist; es also ganz durch die Gesellschaft bestimmt ist; daß dies ferner Teilung der Arbeit etc. voraussetzt, worin das Individuum schon in anderen Verhältnissen als denen der bloß *Austauschenden* gesetzt ist etc."

¹⁶¹ Cf. nota. 137.

¹⁶² MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 132: "Im Kostpreis fällt der Unterschied von variablem und konstantem Kapital für den Kapitalisten fort.[...] Die Kostpreise sind dieselben für gleich große Kapitalauslagen in verschiedenen Sphären, so sehr auch die produzierten Werte und Mehrwerte verschieden sein mögen. Diese Gleichheit der Kostpreise bildet die Basis der Konkurrenz der Kapitalanlagen, wodurch der Durchschnittsprofit hergestellt wird."

¹⁶³ MARX KAPITAL, Bd. 3/1, S. 333: Lukács marcou na margem os seguintes comentários entre outros: "Die wirkliche Bewegung des ausgeliehenen Geldes als Kapital ist eine Operation, die jenseits der Transaktionen zwischen Verleihern und Anleihern liegt. In diesen selbst ist diese Vermittelung ausgelöscht, nicht sichtbar, nicht

unmittelbar einbegriffen.[...] Die Zeit des Rückflusses hängt ab vom Verlauf des Reproduktionsprozesses; beim zinstragenden Kapital *scheint* seine Rückkehr als Kapital von der bloßen Übereinkunft zwischen Verleiher und Anleiher abzuhängen."

¹⁶⁴ Cf. nota. 66.

¹⁶⁵ KANT KU, S. 232: Die objektive Zweckmäßigkeit, "als Prinzip der Möglichkeit der Dinge der Natur,[ist] soweit davon entfernt, mit dem Begriffe derselben *notwendig* zusammenzuhängen, dass sie vielmehr gerade das ist, worauf man sich vorzüglich beruft, um die Zufälligkeit derselben (der Natur) und ihrer Form daraus zu beweisen".

¹⁶⁶ KANT KU, S. 284 f.: Es kommt "auf das Verhalten *unseres* Verstandes zur Urtheilskraft an, dass wir nämlich darin eine gewisse Zufälligkeit der Beschaffenheit des unsrigen aufsuchen, um diese als Eigentümlichkeit unseres Verstandes zum Unterschiede von anderen möglichen anzumerken.[...] Unser Verstand ist ein Vermögen der Begriffe, d. i. ein diskursiver Verstand, für den es freilich zufällig sein muss, welcherlei und wie sehr verschieden das Besondere sein mag, das ihm in der Natur gegeben werden, und das unter seine Begriffe gebracht werden kann."

¹⁶⁷ KANT KU, S. 242. f.: "Um einzusehen, dass ein Ding nur als Zweck möglich sei, d. h. die Kausalität seines Ursprungs nicht im Mechanismus der Natur, sondern in einer Ursache, deren Vermögen zu wirken durch Begriffe bestimmt wird, suchen zu müssen, dazu wird erfordert, dass seine Form nicht nach blossen Naturgesetzen möglich sei, d. i. solchen, welche von uns durch den Verstand allein, auf Gegenstände der Sinne angewandt, erkannt werden können; sondern dass selbst ihre empirische Erkenntnis, ihrer Ursache und Wirkung nach, Begriffe der Vernunft voraussetze. Diese *Zufälligkeit* seiner Form bei allen empirischen Naturgesetzen in Beziehung auf die Vernunft, da die Vernunft, welche an einer jeden Form eines Naturprodukts auch die Nothwendigkeit derselben erkennen muss, wenn sie auch nur die mit seiner Erzeugung verknüpften Bedingungen einsehen will, gleichwohl aber an jener gegebenen Form diese Nothwendigkeit nicht annehmen kann, ist selbst ein Grund, die Kausalität desselben so anzunehmen, als ob sie eben darum nur durch Vernunft möglich sei."

- 168 KANT KU, S. 275: "Nun ist der Begriff eines Dinges, dessen Existenz oder Form wir uns unter der Bedingung eines Zwecks als möglich vorstellen, mit dem Begriffe einer Zufälligkeit desselben (nach Naturgesetzen) unzertrennlich verbunden. Daher machen auch die Naturdinge, welche wir nur als Zwecke möglich finden, den vornehmsten Beweis für die Zufälligkeit des Weltganzen aus, und sind der einzige für den gemeinen Verstand ebensowohl als den Philosophen geltende Beweisgrund der Abhängigkeit und des Ursprungs desselben von einem ausser der Welt existierenden, und zwar (um jener zweckmässigen Form willen) verständigen Wesens; dass also die Teleologie keine Vollendung des Aufschlusses für ihre Nachforschungen, als in einer Theologie findet."
- 169 KANT KU, S. 233 f.: Lukács se refere a exposição de Kant que concerne à geometria em § 62: "Von der objektiven Zweckmässigkeit, die bloss formal ist, zum Unterschiede von der materialen."
- 170 KANT KU, S. 239: Das passagens assinaladas por Lukács, lemos o seguinte: "Weil in der reinen Mathematik nicht von der Existenz, sondern nur von der Möglichkeit der Dinge, nämlich einer ihrem Begriffe korrespondierenden Anschauung, mithin gar nicht von Ursache und Wirkung die Rede sein kann, so muss folglich alle daselbst angemerkte Zweckmässigkeit bloss als formal, niemals als Naturzweck betrachtet werden."
- 171 KANT KU, S. 240: Die objektive Zweckmässigkeit, "die sich auf Zuträglichkeit gründet,[ist] nicht eine objektive Zweckmässigkeit der Dinge an sich selbst, als ob der Sand für sich, als Wirkung aus einer Ursache, dem Meere, nicht könnte begriffen werden, ohne dem letzteren einen Zweck unterzulegen und ohne die Wirkung, nämlich den Sand, als Kunstwerk zu betrachten".
- 172 KANT KU, S. 246: "Zu einem Dinge als Naturzwecke wird nun *erstlich* erfordert, dass die Theile (ihrem Dasein und der Form nach) nur durch ihre Beziehung auf das Ganze möglich sind."
- 173 KANT KU, S. 247: "Soll aber ein Ding als Naturprodukt in sich selbst und seiner inneren Möglichkeit doch eine Beziehung auf Zwecke enthalten, d. i. nur als Naturzweck und ohne die Kausalität der Begriffe von vernünftigen Wesen ausser ihm möglich sein, so wird *zweitens* dazu erfordert, dass die Theile desselben sich dadurch

zur Einheit eines Ganzen verbinden, dass sie von einander wechselseitig Ursache und Wirkung ihrer Form sind."

- 174 KANT KU, S. 248: "Ein organisirtes Wesen ist also nicht bloss Maschine, denn die hat lediglich *bewegende* Kraft, sondern es besitzt in sich *bildende* Kraft, und zwar eine solche, die es den Materien mittheilt, welche sie nicht haben (sie organisiert), also eine sich fortpflanzende bildende Kraft, welche durch das Bewegungsvermögen allein (den Mechanismus) nicht erklärt werden kann.
- 175 KANT KU, S. 250: Im § 66 "Vom Prinzip der Beurtheilung der inneren Zweckmässigkeit in organisirten Wesen" steht: "Dieses Prinzip, zugleich die Definition derselben, heisst: *ein organisirtes Produkt der Natur ist das, in welchem alles Zweck und wechselseitig auch Mittel ist.* Nichts in ihm ist umsonst, zwecklos oder einem blinden Naturmechanismus zuzuschreiben."
- 176 KANT KU, S. 253: Lukács assinalou as seguintes passagens: "Es ist also nur die Materie, sofern sie organisirt ist, welche den Begriff von ihr als einem Naturzwecke nothwendig bei sich führt, weil diese ihre spezifische Form zugleich Produkt der Natur ist."
- 177 KANT KU, S. 277: "Es ist nämlich ganz gewiss, dass wir die organisirten Wesen und deren innere Möglichkeit nach bloss mechanischen Prinzipien der Natur nicht einmal zureichend kennen lernen, viel weniger uns erklären können; und zwar so gewiss, dass man dreist sagen kann, esist für Menschen ungeremt, auch nur einen solchen Anschlag zu fassen, oder zu hoffen, dass noch dereinst ein Newton aufstehen könne, der auch nur die Erzeugung eines Grashalms nach Naturgesetzen, die keine Absicht geordnet hat, begreiflich machen werde; sondern man muss diese Einsicht den Menschen schlechterdings absprechen."
- 178 KANT KU, S. 291 : "An einem und ebendemselben Dinge der Natur lassen sich nicht beide Prinzipien, als Grundsätze der Erklärung (Deduktion) eines von dem anderen, verknüpfen, d. i. als dogmatische und konstitutive Prinzipien der Natureinsicht für die bestimmende Urtheilskraft vereinigen. Wenn ich z. B. von einer Made annehme, sie sei als Produkt des blossen Mechanismus der Materie[...] anzusehen, so kann ich nun nicht von ebenderselben Materie als einer Kausalität, nach Zwecken zu handeln, ebendasselbe Produkt ableiten. Umgekehrt, wenn ich dasselbe

Produkt als Naturzweck annehme, kann ich nicht auf eine mechanische Erzeugungsart desselben rechnen und solche als konstitutives Prinzip zur Beurtheilung desselben seiner Möglichkeit nach annehmen und so beide Prinzipien vereinigen. Denn eine Erklärungsart schliesst die andere aus."

¹⁷⁹ HEGEL-II, Bd. 18, S. 27: Na página citada, entre outras passagens.: "Wegen der formellen Bildung gehören die Sophisten zur Philosophie, wegen ihrer Reflexion ebenso auch nicht. Sie haben den Zusammenhang mit der Philosophie, daß sie nicht beim konkreten Raisoniren stehen blieben, sondern bis zu den letzten Bestimmungen fortgingen, wenigstens zum Theil. Eine Hauptseite ihrer Bildung war die Verallgemeinerung der eleatischen Denkweise und die Ausdehnung derselben auf allen Inhalt des Wissens und des Handelns; das Positive kommt hinein als und ist gewesen die Nützlichkeit."

¹⁸⁰ HEGEL-II, Bd. 18, S. 456: Hegel enumera as definições estoicas do bem: "Das Gute ist dieß Gesetzmäßige, in Beziehung auf den Willen ausgesprochen; es ist der Gegenstand als praktisch. Sie bestimmten es als Gegenstand zugleich als das *Nützliche*; entweder an und für sich unmittelbar nützlich, oder nicht entfernt von der Nützlichkeit'. So daß überhaupt das Nützliche gleichsam das Accidens der Tugend ist. 'Das an sich Gute ist das Vollkommene' (seinen Zweck Erfüllende) 'nach der Natur des Vernünftigen, als vernünftig, - die Tugend; das Hinzukommende sey die Freude, Vergnügen und dergleichen', - Zweck des Individuums, seine Befriedigung für sich. Sie unterschieden das vielfache Gute als 'Gutes der Seele und äußerliches; jenes die Tugenden und die Handlungen derselben, dieses z. B. einem edlen Vaterlande anzugehören, tugendhaften Freund haben und so fort. Weder äußerlich, noch in dem Selbstbewußtseyn liege es allein, wenn Derselbe Eine tugendhaft und glücklich ist." Hegels Kommentar (ibid.) lautet: "Diese Bestimmungen sind nun ganz gut. Was die Nützlichkeit betrifft, so braucht die Moral nicht so spröde dagegen zu thun; denn jede gute Handlung ist in der That nützlich, d. h. eben, sie hat Wirklichkeit, bringt etwas Gutes hervor. Eine gute Handlung, die nicht nützlich ist, ist keine Handlung, hat keine Wirklichkeit. Das Unnützliche an sich des Guten ist die Abstraktion desselben, als einer Nichtwirklichkeit Man darf nicht nur, sondern muß auch das Bewußtseyn der Nützlichkeit haben; denn es ist wahr, daß das Gute

nützlich ist zu wissen. Die Nützlich keit heißt nichts Anderes, als wissen, was man thut, Bewußtsey n über die Handlung zu haben."

- 181 KANT GRUNDLEGUNG, S. 34: "Alle Imperativen werden durch ein *Sollen* ausgedrückt und zeigen dadurch das Verhältnis eines objektiven Gesetzes der Vernunft zu einem Willen an, der seiner subjektiven Beschaffenheit nach dadurch nicht notwendig bestimmt wird (eine Nötigung). Sie sagen, daß etwas zu tun oder zu unterlassen gut sein würde, allein sie sagen es einem Willen, der nicht immer darum etwas tut, weil ihm vorgestellt wird, daß es zu tun gut sei. Praktisch *gut* ist aber, was vermittelt der Vorstellungen der Vernunft, mithin nicht aus subjektiven Ursachen, sondern objektiv d. i. aus Gründen, die für jedes vernünftige Wesen als ein solches gültig sind, den Willen bestimmt. Es wird vom *Angenehmen* unterschieden als demjenigen, was nur vermittelt der Empfindung aus bloß subjektiven Ursachen, die nur für dieses oder jenes seinen Sinn gelten, und nicht als Prinzip der Vernunft, das für jedermann gilt, auf den Willen Einfluß hat. - Ein vollkommen guter Wille würde also ebensowohl unter objektiven Gesetzen (des Guten) stehen, aber nicht dadurch als zu gesetzmäßigen Handlungen *genötigt* vorgestellt werden können, weil er von selbst nach seiner subjektiven Beschaffenheit nur durch die Vorstellung des Guten bestimmt werden kann. Daher gelten für den *göttlichen* und überhaupt für einen *heiligen* Willen keine Imperativen; das *Sollen* ist hier am Unrechten Ort, weil das *Wollen* schon von selbst mit dem Gesetz notwendig einstimmt."
- 182 KANT GRUNDLEGUNG, S. 51: In der praktischen Philosophie geht es nach Kant nicht darum, "Gründe anzunehmen von dem, was *geschieht*, sondern Gesetze von dem, was *geschehen soll*, ob es gleich niemals geschieht".
- 183 KANT GRUNDLEGUNG, S. 77 f.: Da passagem marcada por Lukács lemos o que se segue: heißt wie folgt: Das Sollen des kategorischen Imperativs "ist eigentlich ein Wollen, das unter der Bedingung für jedes vernünftige Wesen gilt, wenn die Vernunft bei ihm ohne Hindernisse praktisch wäre, für Wesen, die, wie wir, noch durch Sinnlichkeit als Triebfedern anderer Art affiziert werden, bei denen es nicht immer geschieht, was die Vernunft für sich allein tun würde, heißt jene Notwendigkeit der Handlung nur ein Sollen,

und die subjektive Notwendigkeit wird von der objektiven unterschieden”

184 KANT METAPHYSIK, S. 217: "Der *Pflichtbegriff* ist an sich schon der Begriff von einer *Nötigung* (Zwang) der freien Willkür durchs Gesetz; dieser Zwang mag nun ein *äußerer* oder ein *Selbstzwang* sein. Der moralische *Imperativ* verkündigt durch seinen kategorischen Ausspruch (das unbedingte Sollen) diesen Zwang, der also nicht auf vernünftige Wesen überhaupt (deren es etwa auch *heilige* geben könnte), sondern auf *Menschen* als vernünftige *Naturwesen* geht, die dazu unheilig genug sind, daß sie die Lust wohl anwandeln kann, das moralische Gesetz, ob sie gleich dessen Ansehen selbst anerkennen, doch zu übertreten und, selbst wenn sie es befolgen, es dennoch *ungern* (mit Widerstand ihrer Neigung) zu tun, als worin der *Zwang* eigentlich besteht."

185 A referência não pôde ser interpretada.

186 KANT KRV, S. 92: Nas passagens marcadas por Lukács está: "Die Modalität der Urtheile ist eine ganz besondere Function derselben, die das Unterscheidende an sich hat, daß sie nichts zum Inhalte des Urtheils beiträgt, (denn außer Größe, Qualität und Verhältniß ist nichts mehr, was den Inhalt eines Urtheils ausmache), sondern nur den Werth der Copula in Beziehung auf das Denken überhaupt angeht." Na página 202 marcou Lukács o seguinte: "Die Kategorien der Modalität haben das Besondere an sich: daß sie den Begriff, dem sie als Prädicate beigefüget werden, als Bestimmung des Objects nicht im mindesten vermehren, sondern nur das Verhältniß zum Erkenntnißvermögen ausdrücken.[...] Das Postulat der Möglichkeit der Dinge fordert also, daß der Begriff der selben mit den formalen Bedingungen einer Erfahrung überhaupt zusammenstimme."

187 KANT KRV, S. 203 ff.: "Denn wo will man den Charakter der Möglichkeit eines Gegenstandes, der durch einen synthetischen Begriff *a priori* gedacht worden, hernehmen, wenn es nicht von der Synthesis geschieht, welche die Form der empirischen Erkenntnis der Objecte ausmacht." Na página 205 encontra-se: "Wenn man sich aber gar neue Begriffe von Substanzen, von Kräften, von Wechselwirkungen, aus dem Stoffe, den uns die Wahrnehmung darbietet, machen wollte, ohne von der Erfahrung selbst das Beispiel ihrer Verknüpfung zu entlehnen; so würde man in lauter

Hirngespinnste gerathen, deren Möglichkeit ganz und gar kein Kennzeichen für sich hat, weil man bei ihnen nicht Erfahrung zur Lehrerin annimmt, noch diese Begriffe von ihr entlehnt. Dergleichen gedichtete Begriffe können den Charakter ihrer Möglichkeit nicht so, wie die Kategorien, *a priori*, als Bedingungen, von denen alle Erfahrung abhängt, sondern nur *a posteriori* und empirisch, oder sie kann gar nicht erkannt werden."

¹⁸⁸ KANT KRV, S. 204: "Daß in einem solchen Begriffe[Cf. nota. 187] kein Widerspruch enthalten sein müsse, ist zwar eine nothwendige logische Bedingung; aber zur objectiven Realität des Begriffs, d. i. der Möglichkeit eines solchen Gegenstandes, als durch den Begriff gedacht wird, bei weitem nicht genug. So ist in dem Begriffe einer Figur, die in zwei geraden Linien eingeschlossen ist, kein Widerspruch, denn die Begriffe von zwei geraden Linien und deren Zusammenstoßung, enthalten keine Verneinung einer Figur; sondern die Unmöglichkeit beruht nicht auf dem Begriffe an sich selbst, sondern der Construction desselben im Raume, d. i. den Bedingungen des Raumes und der Bestimmung desselben, diese haben aber wiederum ihre objective Realität, d. i. sie gehen auf mögliche Dinge, weil sie die Form der Erfahrung überhaupt *a priori* in sich enthalten."

¹⁸⁹ KANT KRV, S. 206 f.: "Das Postulat, die *Wirklichkeit* der Dinge zu erkennen, fordert *Wahrnehmung*, mithin Empfindung, deren man sich bewußt ist, zwar nicht eben unmittelbar, von dem Gegenstände selbst, dessen Dasein erkannt werden soll, aber doch Zusammenhang desselben mit irgend einer wirklichen Wahrnehmung, nach den Analogien der Erfahrung, welche alle reale Verknüpfung in einer Erfahrung überhaupt darlegen.[...] Denn, daß der Begriff vor der Wahrnehmung vorhergeht, bedeutet dessen bloße Möglichkeit, die Wahrnehmung aber, die den Stoff zum Begriff hergibt, ist der einzige Charakter der Wirklichkeit."

¹⁹⁰ KANT KRV, S. 208: Lukács marcou os seguintes comentários de Kant: "Der Idealism (ich verstehe der *materialen*) ist die Theorie, welche das Dasein der Gegenstände im Raum außer uns entweder bloß für zweifelhaft und *unerweislich*, oder für falsch und *unmöglich* erklärt; der erstere ist der *problematische* des *Cartesius*, der nur *Eine* empirische Behauptung (assertio), nämlich: *Ich bin*, für ungezweifelt erklärt; der *zweite* ist der *dogmatische* des *Berkeley*, der den Raum, mit

allen den Dingen, welchen er als unabtrennbare Bedingung anhängt, für etwas was an sich selbst unmöglich sei und darum auch die Dinge im Raum für bloße Einbildungen erklärt. Der dogmatische Idealismus ist unvermeidlich, wenn man den Raum als Eigenschaft, die den Dingen an sich selbst zukommen soll, ansieht; denn da ist er mit allem, dem er zur Bedingung dient, ein Unding. Der Grund zu diesem Idealismus aber ist von uns in der transzendentalen Aesthetik gehoben."

¹⁹¹ Cf. nota. 71.

¹⁹² HEGEL VERNUNFT, S. 76: "eben die weltgeschichtlichen Individuen sind diejenigen, die nicht ein Eingebildetes, Vermeintes, sondern ein Richtiges und Notwendiges gewollt und vollbracht haben, die es wissen, in deren Innerem sich geoffenbart hat, was an der Zeit, was notwendig ist. - Man kann hievon noch unterscheiden das Begreifen, daß auch solche Gestaltungen nur Momente in der allgemeinen Idee sind. Dieser Begriff ist der Philosophie eigentümlich. Die welthistorischen Menschen sollen ihn nicht haben; denn sie sind praktisch. Sie wissen aber und wollen ihr Werk, weil es an der Zeit ist. Es ist das, was im Innern schon vorhanden ist. Ihre Sache war es, dies Allgemeine, die notwendige, höchste Stufe ihrer Welt, zu wissen, diese sich zum Zwecke zu machen und ihre Energie in sie zu legen."

¹⁹³ MILLS BÜRO, S. 297-323: Lukács se refere ao décimo capítulo do livro de Mills que trata de distintos aspectos do trabalho.

¹⁹⁴ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 482: In der Einleitung zur "Dialektik der Natur" heißt es: Die Zeit der Renaissance "war die größte progressive Umwälzung, die die Menschheit bis dahin erlebt hatte, eine Zeit, die Riesen brauchte und Riesen zeugte, Riesen an Denkkraft, Leidenschaft und Charakter, an Vielseitigkeit und Gelehrsamkeit. Die Männer, die die moderne Herrschaft der Bourgeoisie begründeten, waren alles, nur nicht bürgerlich beschränkt.[...] Die Heroen jener Zeit waren eben noch nicht unter die Teilung der Arbeit geknechtet, deren beschränkende, einseitig machende Wirkungen wir so oft an ihren Nachfolgern verspüren."

¹⁹⁵ MONTAIGNE, Bd. 1, S. 557: "La première consideration que j'ay sur le subject des sens, est que je mets en doute que l'homme soit pourveu de tous sens naturels. Je veois plusieurs animaux qui vivent une vie entiere et parfaite, les uns sans la veue, aultres sans

l'ouïe: qui scait si, à nous aussi, il ne manque pas encores un, deux, trois, et plusieurs aultres sens? Car, s'il en manque quelqu'un, nostre discours n'en peult descouvrir le default. C'est le privilege des sens d'estre l'extreme borne de nostre apperce- vance: il n'y a rien au delà d'eulx qui nous puisse servir à les descouvrir; voire ny Tun des sens ne peult descouvrir l'aultre."

¹⁹⁶ NESTLE, Bd. 1, S. 194: "Allzu schwach und hinfällig wird der Mensch geboren, im Vergleich zu den ändern lebenden Wesen, die sofort nach ihrer Geburt auf den Füßen stehen, hin und her gehen können und sogleich fähig sind, die Luft zu ertragen, weil sie mit natürlicher Kleidung ausgestattet das Licht der Welt erblicken. Der Mensch dagegen wird nackt und wehrlos wie ein Schiffbrüchiger in das Elend dieses Lebens hingeworfen und ausgestoßen: er kann sich weder von der Stelle rühren, an die er ausgespült wurde, noch die Nahrung der Milch erlangen, noch die Unbilden der Witterung ertragen. So hat sich denn die Natur nicht als Mutter, sondern als Stiefmutter des menschlichen Geschlechtes erwiesen, die, während sie sich den Tieren gegenüber so freigibig zeigte, den Menschen in Wahrheit so ausstieß, daß er schwach und mittellos und jeder Hilfe bar nur unter Jammern und Weinen seine hinfallige Lage ahnen kann."

¹⁹⁷ KANT ANTHROPOLOGIE, S. 253 f.: Na parte "Charakter der Gattung" Kant levanta a questão, "ob der Mensch ursprünglich zum vierfüssigen Gange (wie *Moscati*, vielleicht bloss zur Thesis für eine Dissertation, vorschlug) oder zum zweifüssigen bestimmt sei; - ob der Gibbon, der Orangutang, der Chimpanse u. a. dazu bestimmt sei (worin *Linné* und *Camper* einander widerstreiten); - ob er ein frucht- oder (weil er einen häutigen Magen hat) fleischfressendes Thier sei; - ob, da er weder Klauen noch Fangzähne, folglich (ohne Vernunft) keine Waffen hat, er von Natur ein Raub- oder friedliches Thier sei? - - Die Beantwortung dieser Fragen hat keine Bedenklichkeit. Allenfalls könnte diese noch aufgeworfen werden: ob er von Natur ein *geselliges* oder einsiedlerisches und nachbarschaft- scheues Thier sei; wovon das Letztere wohl das Wahrscheinlichste ist."

¹⁹⁸ SENECA Bd. 3, S. 263 ff.: Trata-se da sétima correspondência, "Über den freiwilligen Tod". Na Margem Lukács marcou a lápis as seguintes passagens: "Daher lebt der Weise nicht, so lange er kann,

sondern so lange die Pflicht es fordert." "Früher oder später zu sterben ist nicht von Belang; von Belang ist allein, ob du tadellos oder schimpflich stirbst." "Torheit ist es, aus Furcht vor dem Tode zu sterben. Er kommt, der dich tötet; erwarte ihn. Warum hast du es so eilig? Warum machst du dich zum Vollstrecker der grausamen Anordnung eines anderen? Gönnst du es deinem Henker nicht oder willst du ihn schonen?" "Da sagte Scribonia: 'Was hast du denn davon, wenn du anderer Geschäfte besorgst?' Ihre Worte hatten keinen Erfolg; er legte Hand an sich und nicht ohne Grund. Denn wer drei oder vier Tage später nach seines Gegners Entscheidung sterben soll und sein Leben noch schont, der besorgt die Geschäfte anderer." "Man kann also schwerlich ein schlechthin allgemeines Urteil darüber abgeben, ob man, durch äußere Gewalt mit dem Tode bedroht, sich selbst im voraus den Tod geben oder ihn erwarten soll." "Zudem ist ja das längere Leben nicht unbedingt auch das bessere, während der längere Tod unbedingt der schlimmere ist." "Nur *der* Entschluß ist wirklich der deinige, mit dem das Gerede der Leute nichts zu tun hat." "Es finden sich sogar Vertreter der Philosophie, die ein gewaltsames Lebensende für unerlaubt erklären und es für eine Sünde halten, sein eigener Mörder zu werden: man müsse des Ausganges harren, den die Natur bestimmt hat. Wer so spricht, sieht nicht, daß er der Freiheit den Weg versperrt." "Es ist ein Trost für uns Menschen, daß niemand unglücklich ist außer durch eigene Schuld."

¹⁹⁹ Cf. nota. 198.

²⁰⁰ SENECA, Bd. 3, S. 272: "Wer nicht weiß, welchem Hafen er zusteuern soll, für den gibt es keinen günstigen Fahrwind."

²⁰¹ DIDEROT, Bd. 3, S. 247: "Il n'y a point de vent favorable (Lettre LXXI) pour qui ne sait pas dans quel port il veut entrer ... ' Cela est vrai; mais la maxime contraire ne c'est-elle pas également, et le stoicien ne pouvait-il pas dire: il n'y a point de vent contraire pour celui à qui tout port convient, et qui se trouve aussi bien dans la tempête que dans le calme?"

²⁰² FROMM, S. 44: "Man can react to historical contradictions by annulling them through his own action; but he cannot annul existential dichotomies, although he can react to them in different ways. He can appease his mind by soothing and harmonizing ideologies. He can try to escape from his inner restlessness by

ceaseless activity in pleasure or business. He can try to abrogate his freedom and to turn himself into an instrument of powers outside himself, submerging his self in them. But he remains dissatisfied, anxious, and restless. There is only one solution to his problem: to face the truth, to acknowledge his fundamental aloneness and solitude in a universe indifferent to his fate, to recognize that there is no power transcending him which can solve his problems for him."

²⁰³ FROMM, S. 72: "Since modern man experiences himself both as the seller and as the commodity to be sold on the market, his self-esteem depends on conditions beyond his control. If he is 'successful', he is valuable. If he is not, he is worthless. The degree of insecurity which results from this orientation can hardly be overestimated. If one feels that one's own value is not constituted primarily by the human qualities one possesses, but by one's success on a competitive market with ever-changing conditions, one's self-esteem is bound to be shaky and in constant need of confirmation by others. Hence one is driven to strive relentlessly for success, and any setback is a severe threat to one's self-esteem; helplessness, insecurity, and inferiority feelings are the result. If the vicissitudes of the market are the judges of one's value, the sense of dignity and pride is destroyed."

²⁰⁴ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 416 f.: Na margem, Lukács assinalou, entre outras, as seguintes passagens: "Das Umschlagen des individuellen Verhaltens in sein Gegenteil, ein bloß sachliches Verhalten, die Unterscheidung von Individualität und Zufälligkeit durch die Individuen selbst, ist, wie wir bereits nachgewiesen haben, ein geschichtlicher Prozeß, und nimmt auf verschiedenen Entwicklungsstufen verschiedene, immer schärfere und universellere Formen an. In der gegenwärtigen Epoche hat die Herrschaft der sachlichen Verhältnisse über die Individuen, die Erdrückung der Individualität durch die Zufälligkeit, ihre schärfste und universellste Form erhalten und damit den existierenden Individuen eine ganz bestimmte Aufgabe gestellt. Sie hat ihnen die Aufgabe gestellt, an die Stelle der Herrschaft der Verhältnisse und der Zufälligkeit über die Individuen, die Herrschaft der Individuen über die Zufälligkeit und die Verhältnisse zu setzen.[...] Wir haben bereits oben gezeigt", schreiben Marx und Engels, "daß die Aufhebung der Verselbständigung der Verhältnisse gegenüber den

Individuen, der Unterwerfung der Individualität unter die Zufälligkeit, der Subsumtion ihrer persönlichen Verhältnisse unter die allgemeinen Klassenverhältnisse etc., in letzter Instanz bedingt ist durch die Aufhebung der Teilung der Arbeit.[...] Wir haben ferner gezeigt, daß das Privateigentum nur aufgehoben werden kann unter der Bedingung einer allseitigen Entwicklung der Individuen, weil eben der Vorgefundene Verkehr und die Vorgefundenen Produktivkräfte allseitig sind und nur von allseitig sich entwickelnden Individuen angeeignet, d. h. zur freien Betätigung ihres Lebens gemacht werden können."

²⁰⁵ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 419: "Große Nationen, Franzosen, Nordamerikaner, Engländer, vergleichen sich fortwährend unter einander praktisch und theoretisch, in der Konkurrenz wie in der Wirtschaft. Kleinkrämer und Spießbürger wie die Deutschen, die die Vergleichung und Konkurrenz zu scheuen haben, verkriechen sich hinter den Schild der Unvergleichlichkeit, den ihnen ihr philosophischer Etikettenfabrikant liefert."

²⁰⁶ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 537: "Die Individuen sind immer von sich ausgegangen, gehen immer von sich aus. Ihre Verhältnisse sind Verhältnisse ihres wirklichen Lebensprozesses. Woher kömmt es, daß ihre Verhältnisse sich gegen sie verselbstständigen? daß die Mächte ihres eignen Lebens übermächtig gegen sie werden? - Mit einem Wort: *die Teilung der Arbeit*, deren Stufe von der jedesmal entwickelten Produktivkraft abhängt."

²⁰⁷ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 5, S. 21: "Die Teilung der Arbeit wird erst wirklich Teilung von dem Augenblicke an, wo eine Teilung der materiellen und geistigen Arbeit eintritt. Von diesem Augenblicke an *kann* sich das Bewußtsein wirklich einbilden, etwas Andres als das Bewußtsein der bestehenden Praxis zu sein, *wirklich* etwas vorzustellen, ohne etwas Wirkliches vorzustellen - von diesem Augenblicke an ist das Bewußtsein im Stande, sich von der Welt zu emanzipieren und zur Bildung der 'reinen' Theorie, Theologie, Philosophie, Moral etc. überzugehen.[...] Übrigens ist es ganz einerlei, was das Bewußtsein alleine anfangt, wir erhalten aus diesem ganzen Dreck nur das eine Resultat, daß diese drei Momente, die Produktionskraft, der gesellschaftliche Zustand, und das Bewußtsein in Widerspruch unter einander geraten können und

müssen, weil mit der *Teilung der Arbeit* die Möglichkeit, ja die Wirklichkeit gegeben ist, daß die geistige und materielle Tätigkeit - daß der Genuß und die Arbeit, Produktion und Konsumtion, verschiedenen Individuen zufallen, und die Möglichkeit, daß sie nicht in Widerspruch geraten, nur darin liegt, daß die Teilung der Arbeit wieder aufgehoben wird."

²⁰⁸ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 615 f.: "Die regelmäßige Aufeinanderfolge gewisser Naturphänomene allein kann zwar die Vorstellung der Kausalität erzeugen: die Wärme und das Licht, die mit der Sonne kommen; aber hierin liegt kein Beweis, und sofern hatte der Humesche Skeptizismus Recht, zu sagen, daß das regelmäßige post hoc nie ein propter hoc begründen könne. Aber die Tätigkeit des Menschen *macht die Probe* auf die Kausalität.[...] Naturwissenschaft wie Philosophie haben den Einfluß der Tätigkeit des Menschen auf sein Denken bisher ganz vernachlässigt, sie kennen nur Natur einerseits, Gedanken andererseits. Aber grade die *Veränderung der Natur durch den Menschen*, nicht die Natur als solche allein, ist die wesentlichste und nächste Grundlage des menschlichen Denkens, und im Verhältnis, wie der Mensch die Natur verändern lernte, in dem Verhältnis wuchs seine Intelligenz."

²⁰⁹ Nas notas de Lukács sobre "Wilhelm Meister" as seguintes passagens estão marcadas (o número das páginas pertence a 18. Band von GOETHE): "[...] Erziehung v Abbé (falsche Tendenzen) 167 Ohne Religion 167 Abbé: Entwicklung u Vergangenheit 170 Abbé: Bildung u Selbstzerstörung 176[...] Abbé (Erziehung 289/9[...] Abbé: Selbsterkenntnis nur in Tätigkeit 323[...]" Auf den angegebenen Seiten hat Lukács folgende Ausführungen markiert: S. 167: Der "Oheim habe sich durch den Abbé überzeugen lassen, daß, wenn man an der Erziehung des Menschen etwas tun wolle, müsse man sehen, wohin seine Neigungen und seine Wünsche gehen; sodann müsse man ihn in die Lage versetzen, jene sobald als möglich zu befriedigen, diese sobald als möglich zu erreichen, damit der Mensch, wenn er sich geirrt habe, früh genug seinen Irrtum gewahr werde und, wenn er das getroffen hat, was für ihn paßt, desto eifriger daran halte und sich desto emsiger fortbilde." S. 170: Alles, "was uns begegnet, läßt Spuren zurück, alles trägt unmerklich zu unserer Bildung bei; doch es ist gefährlich, sich davon Rechenschaft geben zu wollen. Wir werden dabei entweder stolz und lässig, oder niedergeschlagen und kleinmütig, und eins ist

für die Folge so hinderlich als das andere." S. 176: Ach, rief der Abbé aus, "Wenn es lebhaft und gegenwärtig ist, welche unendliche Operationen Natur und Kunst machen müssen, bis ein gebildeter Mensch dasteht, wer selbst so viel als möglich an der Bildung seiner Mitbrüder teilnimmt, der möchte verzweifeln, wenn er sieht, wie freventlich sich oft der Mensch zerstört und so oft in den Fall kommt, mit oder ohne Schuld, zerstört zu werden. Wenn ich das bedenke, so scheint mir das Leben selbst eine so zufällige Gabe, daß ich jeden loben möchte, der sie nicht höher als billig schätzt." S. 289: "Nur unsere zweideutige, zerstreute Erziehung macht die Menschen ungewiß, sie erregt Wünsche, statt Triebe zu beleben, und anstatt den wirklichen Anlagen aufzuhelfen, richtet sie das Streben nach Gegenständen, die so oft mit der Natur, die sich nach ihnen bemüht, nicht übereinstimmen." S. 323: "Der Abbé kam uns zu Hilfe und lehrte uns, daß man die Menschen nicht beobachten müsse, ohne sich für ihre Bildung zu interessieren, und daß man sich selbst eigentlich nur in der Tätigkeit zu beobachten und zu erlauschen im Stande sei."

²¹⁰ Cf. nota. 195.

²¹¹ Cf. nota. 197.

²¹² SENECA, Bd. 4, S. 109: Der "Mensch muß bedacht sein auf die Wahl eines anständigen Kleides, denn von Natur ist der Mensch ein auf Sauberkeit und Anstand bedachtes Wesen. Daher ist ein sauberes Kleid nicht etwas an und für sich Gutes, sondern die Wahl eines sauberen Kleides. Denn das Gute liegt hier nicht im Gegenstand, sondern in der Art und Weise der Wahl. Unsere Handlungen sind tugendhaft, nicht die Dinge selbst, auf die sich die Handlungen beziehen."

²¹³ Cf. nota. 198.

²¹⁴ DIDEROT, Bd. 3, S. 244: An der angegebenen Stelle faßt Diderot den Inhalt von Senecas siebzigstem Brief zusammen.

²¹⁵ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 3, S. 394: Im Artikel von Marx "Peuchet vom Selbstmord" steht u. a.: "Woher kommt es, daß der Mensch trotz so vieler Anatheme sich selbst ermordet? Weil das Blut nicht in derselben Weise in den Adern verzweifelter Leute fließt, wie das Blut der kalten Wesen, die sich die Muße nehmen, alle diese unfruchtbaren Redensarten zu debütieren. *Der Mensch*

scheint ein Geheimnis für den Menschen; man weiß ihn nur zu tadeln und man kennt ihn nicht.[...] Was ist das in der Tat für eine Gesellschaft, wo man die tiefste Einsamkeit im Schoß von mehreren Millionen findet; wo man von einem unbezwingbaren Verlangen, sich selbst zu töten, überwältigt werden kann, ohne daß irgend einer uns errät? Diese Gesellschaft ist keine Gesellschaft, sie ist, wie Rousseau sagt, eine Wüste, bevölkert mit wilden Tieren.[...] Die Verhältnisse zwischen den Interessen und den Gemütern, die wahren Beziehungen unter den Individuen sind von Grund und Boden aus erst unter uns zu schaffen und der Selbstmord ist nur eins der tausend und ein Symptome des allgemeinen, immer auf frischer Tat begriffenen sozialen Kampfes, wovon so viele Kämpfende sich zurückziehen, weil sie müde sind, unter den Opfern zu zählen, oder weil sie sich empören gegen den Gedanken, unter den Henkern eine Ehrenstufe einzunehmen."

²¹⁶ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 3, S. 403: "Die Klassifikation der verschiedenen Ursachen des Selbstmordes würde die Klassifikation der *Gebrechen selbst unserer Gesellschaft* sein."

²¹⁷ MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 3, S. 405: "Man sieht, in Ermangelung eines Besseren ist der Selbstmord die äußerste Zuflucht gegen die Übel des Privatlebens."

²¹⁸ Vgl.[Z/9], p. 124-125.

²¹⁹ WEBER WIRTSCHAFT, S. 127: "Das Ausmaß der Fachqualifikation ist in der Bureaucratie in stetem Wachsen. Auch der Partei- und Gewerkschaftsbeamte bedarf *fachmäßigen* (empirisch erworbenen) Wissens. Daß die modernen, 'Minister' und Staatspräsidenten' die einzigen 'Beamten' sind, für die keine Fachqualifikation verlangt wird, beweist: daß sie Beamte nur im *formalen*, nicht im *materialen* Sinne sind, ganz ebenso wie der 'Generaldirektor' eines großen Privataktienbetriebs. Vollends der kapitalistische Unternehmer ist ebenso *appropriiert* wie der 'Monarch'. Die bürokratische Herrschaft hat also an der *Spitze* unvermeidlich ein mindestens nicht *rein* bürokratisches Element. Sie ist nur eine Kategorie der Herrschaft durch einen besonderen *Verwaltungstab*." Vgl. auch Anm. 24.

²²⁰ WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 414 f.: "Der echte Beamte - das ist für die Beurteilung unseres früheren Regimes entscheidend - soll seinem *eigentlichen* Beruf nach nicht Politik treiben, sondern, *verwalten*', *unparteiisch* vor allem, - auch für die

sogenannten 'politischen' Verwaltungsbeamten gilt das, offiziell wenigstens, soweit nicht die 'Staatsräson', d. h. die Lebensinteressen der herrschenden Ordnung, in Frage stehen. Sine ira et studio, 'ohne Zorn und Eingenommenheit' soll er seines Amtes walten. Er soll also gerade das nicht tun, was der Politiker, der Führer sowohl wie seine Gefolgschaft, immer und notwendig tun muß: *kämpfen*."

²²¹ WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 417: Nos comentários de Webber sobre os jornalistas, Lukács marcou a seguinte passagem: Für "alle modernen Staaten galt, scheint es, der Satz: daß der journalistische Arbeiter immer weniger, der kapitalistische Pressemagnat - nach Art etwa des 'Lord' Northcliffe - immer mehr politischen Einfluß gewinnt".

²²² Cf. nota. 24.

²²³ WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 438 f.: Lukács refere-se às observações de Weber que se iniciam com a frase do autor: "Politik als Beruf" mit dem Satz einleitet: "Mit dem Gesagten sind wir schon in der Erörterung des letzten und heute abend angehenden Problems begriffen: des *Ethos* der Politik als 'Sache'."

²²⁴ WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 440 f.: Lukács marcou as seguintes frases do pensamento de Weber: " 'Wer zum Schwert greift, wird durch das Schwert umkommen', und Kampf ist überall Kampf. Also: - die Ethik der *Bergpredigt*? Mit der Bergpredigt - gemeint ist: die absolute Ethik des Evangeliums - ist es eine ernstere Sache, als die glauben, die diese Gebote heute gern zitieren." "Das evangelische Gebot ist unbedingt und eindeutig: gib her, was du hast - *alles*, schlechthin. Der Politiker wird sagen: eine Noziul sinnlose Zumutung, solange es nicht für *alle* durchgesetzt wird. Also: Besteuerung, Wegsteuerung, Konfiskation, - mit einem Wort: Zwang und Ordnung gegen *alle*. Das ethische Gebot aber fragt danach *gar nicht*, das ist sein Wesen. Oder: 'halte den anderen Backen hin!' Unbedingt, ohne zu fragen, wieso es dem anderen zukommt, zu schlagen. Eine Ethik der Würdelosigkeit - außer: für einen Heiligen. Das ist es: man muß ein Heiliger sein *in allem*, zum mindesten dem Wollen nach, muß leben wie Jesus, die Apostel, der heilige Franz und seinesgleichen, *dann* ist diese Ethik sinnvoll und Ausdruck einer Würde. *Sonst nicht*. Denn wenn es in Konsequenz der akosmischen Liebesethik heißt: 'dem Übel nicht widerstehen mit Gewalt', - so gilt für den Politiker umgekehrt der Satz: du *sollst* dem Übel gewaltsam widerstehen, sonst - bist du für seine

Überhandnahme *verantwortlich*. Wer nach der Ethik des Evangeliums handeln will, der enthalte sich der Streiks - denn sie sind: Zwang - und gehe in die gelben Gewerkschaften. Er rede aber vor allen Dingen nicht von 'Revolution'. Denn jene Ethik will doch wohl nicht lehren: daß gerade der Bürgerkrieg der einzig legitime Krieg sei.[...] Wir müssen uns klarmachen, daß alles ethisch orientierte Handeln unter *zwei* voneinander grundverschiedenen, unausragbar gegensätzlichen Maximen stehen kann: es kann 'gesinnungsethisch' oder 'verantwortungsethisch' orientiert sein."

²²⁵ Cf. nota. 24.

²²⁶ Lukács cita textualmente o tema de um artigo com o título "Porta ao poder"(Für Zur Macht), que trata do problema da codeterminação publicado no *Der Spiegel* em 28 de outubro de 1968, pg. 46.

²²⁷ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 118: Es handelt sich um Engels' Analyse des Begriffs "Freiheit" im Teil "IX. Moral und Recht - Freiheit und Notwendigkeit", wo er die bekannte Definition formuliert: *,Freiheit besteht also in der, auf Erkenntnis der Naturnotwendigkeiten gegründeten Herrschaft über uns selbst und über die äußere Natur; sie ist damit notwendig ein Produkt der geschichtlichen Entwicklung."

²²⁸ WHYTE, S. 15: "This book is not a plea for non-conformity. Such pleas have an occasional therapeutic value, but as an abstraction, non-conformity is an empty goal, and rebellion against prevailing opinion merely because it is prevailing should no more be praised than acquiescence to it. Indeed, it is often a mask for cowardice, and few are more pathetic than those who flaunt outer differences to expiate their inner surrender."

²²⁹ WHYTE, S. 140: Lukács marcou a seguinte passagem: "Even those who make a great point of not taking a brief case home with them confess that they cannot shut off the business stream of consciousness."

²³⁰ MILLS BÜRO, S. 323 f.: "Die erschöpften Großstadtmassen kennen wirkliche Muße eigentlich erst seit etwa fünfzig Jahren. Vordem war Muße nur denen vergönnt, die gesellschaftlich geschult und darauf vorbereitet waren, sich der Muße zu erfreuen und sie zu nutzen. Die breite Masse der Bevölkerung verharrte auf einem niederen und öderen Niveau. Als sich dann mehr und immer mehr

Menschen Freiheit und Muße errungen hatten, wurden die Methoden der Massenproduktion genau so auf das Vergnügen angewandt wie bislang auf die Bereiche der Arbeit. Eines der deutlichsten Merkmale des Lebens der heutigen Gesellschaft und seiner Hast ist die Art und Weise der Freizeitgestaltung der Massen. Das wichtigste Wesensmerkmal aller dieser Beschäftigungen ist, daß sie die Menschen zwar in Aufregung und Erstaunen versetzen und sie zerstreuen, daß sie jedoch weder ihren Verstand erweitern oder ihr Gefühl vertiefen noch spontane Neigungen zu schöpferischen Leistungen erwecken können. - Das psychologisch Bedeutsame dieser Wandlung zum Massenstil liegt in der Tatsache, daß das alte mittelständische Arbeitsethos in der Gesellschaft der Angestellten zu einem Muße-Ethos geworden ist. Dies hat eine scharfe, fast absolute Trennung von Arbeit und Muße bewirkt. Heute wird sogar die Arbeit selbst nach der Muße bewertet, die sie gewährt."

²³¹ MILLS BÜRO, S. 349: Die verschiedenen Prestigezyklen analysierend, führt Mills aus: "Wochentags wird dem Angestellten von einem bestimmten Personenkreis ein bestimmtes Maß an Achtung gezollt, sei es nun von Kollegen, Freunden, Familienmitgliedern oder den ihm nur einen kurzen Blick schenkenden Fremden auf der Straße oder in den Verkehrsmitteln. Am Wochenende oder vielleicht auch nur an einem Sonntag im Monat, kann er sich jedoch bewußt und planmäßig ein höheres Ansehen verschaffen: er trägt dann bessere Kleidung als sonst; er geht in ein vornehmeres Lokal oder bestellt zumindest etwas anderes, besseres als sonst. Er geht vielleicht ins Theater (statt ins Kino) und nimmt Karten für die besten Plätze.[...] Daneben verläuft noch ein anderer, dramatischerer jährlicher Zyklus, dessen Höhepunkt der Urlaub bildet. Die Großstadtmassen freuen sich auf den Urlaub - nicht nur 'wegen der Abwechslung' oder 'weil man endlich mal ausspannen kann'. Hinter solchen Äußerungen verbirgt sich häufig die Hoffnung auf eine erfolgreiche Erhöhung der Prestigeansprüche. Denn im Urlaub kann man das Gefühl höheren gesellschaftlichen Ansehens *kaufen* - wenn auch nur vorübergehend."

²³² RIESMAN, S. 309: Ele cita o livro *Communitas: Means of Livelihood and Ways of Life* (1947) de Percival e Paul Goodman. "They portray a utopia in which people could earn their living by a minimum of

- effort and would then be faced with the really shocking Problems of how to get through the day: 'Suddenly the Americans would find themselves rescued from the physical necessity and social pressure which alone, perhaps, had been driving them to their habitual satisfactions: they might suddenly find the commercial pleasures flat and unpalatable, but they would not therefore suddenly find any resources within themselves.'
- ²³³ WHYTE, S. 289. "It is the groupe that determines when a luxury becomes a necessity."
- ²³⁴ LENIN, Bd. 25, S. 219: Im Buch "Der Radikalismus", die Kinderkrankheit des Kommunismus" steht folgende Bemerkung: "Auch für die Politik und die Parteien gilt mit entsprechenden Aenderungen das gleiche, wie für einzelne Personen. Klug ist nicht derjenige, der keine Fehler macht. Solche Menschen gibt es nicht und kann es nicht geben. Klug ist derjenige, der keine allzu wesentliche Fehler macht und es versteht, sie rasch und mit Leichtigkeit zu korrigieren."
- ²³⁵ SCHNEIDER, S. 197: "Nur einem heftigen Willen zum Diesseits entkeimt (nach der Lebenskrise) der Glaube an das Jenseits; wer nicht *will*, der glaubt eben nicht. Je stärker der Stamm, um so üppiger die Mispel. 'Ducunt volentem fata, nolentem trahunt' 'Das ewige Leben kann nur die Fortsetzung des erfahrenen sein, befreit von seinen erfahrenen Beschwerden.'"
- ²³⁶ De uma das notas de Lukács acerca da visão de Hegel sobre a casualidade, encontra-se (HEGEL-I): "Modalität - Zufälligkeit: Einheit von Wirklichkeit u Möglichkeit IV 198; Zufällig 'durch ein Anderes', Notwendig 'durch sich selbst' VI 293."
- ²³⁷ MARX-ENGELS, 1. Abt., Bd. 5, S. 162: "Der Bourgeois verhält sich zu den Institutionen seines Régimes, wie der Jude zum Gesetz; er umgeht sie, so oft es tunlich ist in jedem einzelnen Fall, aber er will, daß alle Ändern sie halten sollen."
- ²³⁸ HEGEL RECHTSPHILOSOPHIE, S. 118: Im § 180 heißt es: "Indem das Selbstbewußtsein an seinem Zwecke eine *positive* Seite (§ 135), deren er notwendig hat, weil er dem Vorsatze des *konkreten wirklichen* Handelns angehört, herauszubringen weiß, so vermag es um solcher, als einer *Pflicht und vortrefflichen Absicht* willen, die Handlung, deren negativer wesentlicher Inhalt zugleich *in ihm*, als in

sich Reflektierten, somit des Allgemeinen des Willens sich Bewußten, in der Vergleichung mit diesem stehet,[für] andere und sich selbst als gut zu behaupten -[für] andere, so ist es die *Heuchelei*, - [für] sich selbst, so ist es die noch höhere Spitze der sich als *das Absolute behauptenden Subjektivität*. - Diese letzte abstruseste Form des Bösen, wodurch das Böse in Gutes, und das Gute in Böses verkehrt wird, das Bewußtsein sich als diese Macht, und deswegen sich als absolut weiß, - ist die höchste Spitze der Subjektivität im moralischen Standpunkte, die Form, zu welcher das Böse in unserer Zeit und zwar durch die Philosophie, d. h. eine Seichtigkeit des Gedankens, welche einen tiefen Begriff in diese Gestalt verrückt hat, und sich den Namen der Philosophie, ebenso wie sie dem Bösen den Namen des Guten anmaßt, gediehen ist." *Ibd.*, S. 322 ff.: Lukács marcos as seguintes frases: "Insofern der Mensch das Natürliche will, ist dieses nicht mehr das bloß Natürliche, sondern das Negative gegen das Gute als den Begriff des Willens." "Es ist also die Natur des Bösen, daß der Mensch es wollen kann, aber nicht notwendig wollen muß." "Also nicht bloß im Bewußtsein, sondern auch von der positiven Seite steht das Böse mit dem Guten in Verbindung." "Das Gute ist hier Substanz, d. h. Erfüllung des Objektiven mit der Subjektivität." "Weil die sittlichen Bestimmungen den Begriff der Freiheit ausmachen, sind sie die Substantialität oder das allgemeine Wesen der Individuen, welche sich dazu nur als ein Accidentelles verhalten."

²³⁹ MARX KAPITAL, S. 43: Lukács refere-se aqui à "Análise de Robinson" de Marx, que encontra-se na quarta parte do primeiro capítulo "O fetichismo da mercadoria e seu segredo".

²⁴⁰ WHYTE, S. 11: : Lukács reservou as seguintes frases com uma marca de lápis: "By Social Ethic I mean that Contemporary body of thought which makes morally legitimate the pressures of society against the individual. Its major propositions are three: a belief in the group as the source of creativity; a belief in 'belongingness' as the ultimate need of the individual; and a belief in the application of Science to achieve the belongingness." "[...] there is a real moral imperative behind it[i. e. social ethic], and whether one inclines to its beliefs or not he must acknowledge that this moral basis, not mere expediency, is the source of its power."

- ²⁴¹ WHYTE, S. 65: "It is easy for us to forget that if earlier generations were less content with society, there was a great deal less to be contended about. In the intervening years the economy has changed enormously, and even in retrospect the senior can hardly be expected to share former discontents. Society is not out of joint for him, and if he acquiesces it is not out of fear that he does so. He does not want to rebel against the *status quo* because he really likes it - and his elders, it might be added, are not suggesting anything bold and new to rebel for. - Perhaps contemporarism would be a better word than conservatism to describe their posture. The present, more than the past, is their model; while they share the characteristic American faith in the future also, they see it as more of same. As they paraphrase what they are now reading about America, they argue that at last we have got it. The big questions are all settled; we know the direction, and while many minor details remain to be cleared up, we can be pretty sure of enjoying a wonderful upward rise."
- ²⁴² WHYTE, S. 66: Whyte zitiert einen Studenten, der seine Generation folgenderweise charakterisiert: "It is true that over the last thirty years it has been elementary good manners to be depressed.[...] But[...] we are not, really, in the least worried by our impending, and other people's present, disasters. This is not the Age of Anxiety. What distinguishes the comfortable young men of today from the uncomfortable young men of the last hundred years[...] is that for once the younger generation is not in revolt against anything.[...] We don't want to rebel against our elders."
- ²⁴³ WHYTE, S. 363: "No generation has been so well equipped, psychologically as well as technically, to cope with the intricacies of vast Organisation»; none has been so well equipped to lead a meaningful community life; until none probably will be so adaptable to the constant shifts in environment that organization life is so increasingly demanding of them. In the better sense of the word, they are becoming the interchangeables of our Nncicity and they accept the role with understanding. They are all, as they say, in the same boat. - But where is the boat going? No one seems to have the faintest idea; nor, for that matter, do they see much point in even ntising the question. Once people liked to think, at least, that they were in control of their destinies, but few of the younger organization people cherish such notions. Most see themselves as

- objects more acted upon than acting - and their future, therefore, determined as much by the system as by themselves."
- ²⁴⁴ VIDICH-BENSMAN, S. 37 ff.: The authors enumerate personal qualities which are disapproved, respectively appreciated in the small town community. Among the despised persons are "who can't get along with other people", "who thinks he is better than everybody else", "who hasn't made his money honestly", "whom you can't trust". The qualities of the good members of the community are the opposite features.
- ²⁴⁵ FROMM, S. 6: "If humanistic ethics is based on the knowledge of man's nature, modern psychology, particularly psychoanalysis, should have been one of the most potent Stimuli for the development of humanistic ethics. But while psychoanalysis has tremendously increased our knowledge of man; it has not increased our knowledge of how man ought to live and what he ought to do."
- ²⁴⁶ FROMM, S. 33 f.: "In spite of the great possibilities which psychoanalysis provides from the scientific study of values, Freud and his school have not made the most productive use of their method for the inquiry into ethical problems; in fact, they did a great deal to confuse ethical issues. The confusion springs from Freud's relativistic position, which assumes that psychology can help us to understand the motivation of value judgements but can not help in establishing the validity of the value judgements themselves. - Freud's relativism is indicated most distinctly in his theory of the Super-Ego (conscience). According to this theory, anything can become the content of conscience if only it happens to be part of the system of commands and prohibitions embodied in the father's Super-Ego and the cultural tradition. Conscience in this view is nothing but internalized authority."
- ²⁴⁷ FROMM, S. 83: "Freud and his followers have given a splendid analysis of the neurotic character. Their clinical description of the nonproductive character (in Freud's terms, the pregenital character) is exhaustive and accurate - quite regardless of the fact that the theoretical concepts they used are in need of revision. But the character of the normal, mature, healthy personality has found scarcely any consideration. This character, called the genital character by Freud, has remained a rather vague and abstract concept."

²⁴⁸ Cf. nota. 237.

²⁴⁹ NIETZSCHE, Bd. 10, S. 189 f.: Im Philosophenbuch aus dem Sommer 1873 steht: "In irgend einem abgelegenen Winkel des in zahllosen Sonnensystemen flimmernd ausgegossenen Weltalls gab es einmal ein Gestirn, auf dem kluge Thiere das Erkennen erfanden. Es war die hochmüthigste und verlogenste Minute der 'Weltgeschichte': aber doch nur eine Minute. Nach wenigen Athemzügen der Natur erstarrte das Gestirn, und die klugen Thiere mussten sterben. - So könnte jemand eine Fabel erfinden und würde doch nicht genügend illustriert haben, wie kläglich, wie schattenhaft und flüchtig, wie zwecklos und beliebig sich der menschliche Intellect innerhalb der Natur ausnimmt. Es gab Ewigkeiten, in denen er nicht war; wenn es wieder mit ihm vorbei ist, wird sich nichts begeben haben. Denn es giebt für jenen Intellect keine weitere Mission, die über das Menschenleben hinausführte. Sondern menschlich ist er, und nur sein Besitzer und Erzeuger nimmt ihn so pathetisch, als ob die Angeln der Welt sich in ihm drehten. Könnten wir uns aber mit der Mücke verständigen, so würden wir vernehmen, dass auch sie mit diesem Pathos durch die Luft schwimmt und in sich das fliegende Centrum dieser Welt fühlt. Es ist nichts so verwerflich und gering in der Natur, was nicht, durch einen kleinen Anhauch jener Kraft des Erkennens, sofort wie ein Schlauch aufgeschwellt würde; und wie jeder Lastträger seinen Bewunderer haben will, so meint gar der stolzeste Mensch, der von allen Seiten die Augen des Weltalls teleskopisch auf sein Handeln und Denken gerichtet zu sehen."

²⁵⁰ NIETZSCHE, Bd. 10, S. 190 f.: "Der Intellect, als ein Mittel zur Erhaltung des Individuums, entfaltet seine Hauptkräfte in der Verstellung; denn diese ist das Mittel, durch das die schwächeren, weniger robusten Individuen sich erhalten, als welchen einen Kampf um die Existenz mit Hörnern oder scharfem Raubthier-Gebiss zu führen versagt ist. Im Menschen kommt diese Verstellungskunst auf ihren Gipfel; hier ist die Täuschung, das Schmeicheln, Lügen und Trügen, das Hinter-dem-Rücken-Reden, das Repräsentiren, das im erborgten Glanze Leben, das Maskirt-sein, die verhüllende Convention, das Bühnenspiel vor anderen und vor sich selbst, kurz das fortwährende Herumflattern um die *eine* Flamme Eitelkeit so sehr die Regel und das Gesetz, dass fast nichts

unbegreiflicher ist, als wie unter den Menschen ein ehrlicher und reiner Trieb zur Wahrheit aufkommen konnte."

- 251 NIETZSCHE, Bd. 10, S. 192: "Soweit das Individuum sich, gegenüber ändern Individuen, erhalten will, benutzt es in einem natürlichen Zustand der Dinge den Intellect zumeist nur zur Verstellung: weil aber der Mensch zugleich aus Noth und Langeweile gesellschaftlich und heerdenweise existieren will, braucht er einen Friedensschluss und trachtet darnach, dass wenigstens das allergrößte *bellum omnium contra omnes* aus seiner Welt verschwinde. Dieser Friedensschluss bringt etwas mit sich, was wie der erste Schritt zur Erlangung jenes rätselhaften Wahrheitstriebes aussieht. Jetzt wird nämlich das fixirt, was von nun an 'Wahrheit' sein soll, das heisst es wird eine gleichmässig gültige und verbindliche Bezeichnung der Dinge erfunden und die Gesetzgebung der Sprache giebt auch die ersten Gesetze der Wahrheit: denn es entsteht hier zum ersten Male der Contrast von Wahrheit und Lüge."
- 252 OLSCHKI, S. 465: " 'Die Philosophie steht in diesem großen Buche geschrieben, das uns stets aufgeschlagen vor Augen liegt (ich meine das Universum), das man aber nicht begreifen kann, wenn man nicht vorher Keine Sprache zu verstehen lernt und die Buchstaben zu erkennen, mit denen es geschrieben ist. Es ist geschrieben in mathematischer Sprache und seine Buchstaben sind Dreiecke, Kreise und andere geometrische Figuren, ohne welche es menschlich unmöglich ist, auch ein einziges Wort zu verstehen; ohne sie dreht man sich ohne Nutzen in einem finsternen Labyrinth herum.' Viviani berichtet außerdem in seiner Biographie des Forschers: 'Die Stadt schien ihm irgendwie das Gefängnis der forschenden Geister zu sein, während das freie Land ihm als das Buch der Natur erschien, das stets denen offen vorlag, die es mit geistigen Augen zu lesen und zu studieren liebten; er sagte, daß die Buchstaben seiner Schrift die Sätze, Figuren und Schlußfolgerungen der Geometrie seien, durch deren Hilfe allein man einige der unendlichen Geheimnisse der Natur durchdringen könnte.'"
- 253 OLSCHKI, S. 384: Lukács marcou as seguintes frases: "Die Notwendigkeit der Vernunftschlüsse, der Erfahrungen und der Berechnungen haben dem Menschen die Größe des Weltalls über seine eigene Fassungskraft ausgedehnt. Kann diese beschränkte

Vorstellungskraft, die bereits bei hohen Zahlen ihre Grenzen findet, als Maßstab für die göttliche Allmacht dienen? [...] Es ist die Aufgabe der Wissenschaft, diesen begrenzten Raum unserer Anschauung zu sprengen und übermenschlich zu werden, wie der Gegenstand, der ihr vorliegt. Die Bedingung hierzu ist in der Erkenntnis zwingender *Notwendigkeiten* des Denkens gelegen und in der Überwindung des kleinlichen, ängstlichen Glaubens an die *Nützlichkeit* der Dinge; denn beide heben sich einander auf. Die Hemmungen des erkennenden Geistes und des forschenden Verstandes verlieren ihre Kraft, wenn man die Relativität aller Größenverhältnisse zugibt und den Zweckbegriff fallen läßt. Die Anschauungen von Groß und Klein, von Oben und Unten, von Nützlich und Zweckmäßig sind auf die Natur übertragene Eindrücke und Gewohnheiten eines menschlichen und gedankenlosen Alltags."

²⁵⁴ Não encontramos tal nota especial.

²⁵⁵ OLSCHKI, S. 235: Die "Erörterungen vermeintlicher Einflüsse der Gestirne auf die irdischen Schicksale sind ja nur ein zufälliger, wenn auch willkommener Anlaß zur Bekämpfung der gefühlsmäßigen Naturbetrachtung und der uralten Gewohnheit, die Natur mit den Angelegenheiten der Menschen in Verbindung zu bringen und sie dadurch in ihrem Sein und Wirken nach der geringen menschlichen Fassungskraft zu beschränken."

²⁵⁶ OLSCHKI, S. 236: "Der Schein des ruhigen, gleichmäßigen Glanzes[der Gestirne] regte ursprünglich das Gleichnis der kristallinen Sphären und Gestirne an; die Denkgewohnheit hat das Bild zur Wirklichkeit umgewandelt, so daß die Erfahrung teleskopischer Beobachtungen im besten Falle als gleichwertig mit diesem erstarrten Phantasieprodukt erschien. Mit unendlicher Geduld bekämpft nun der Forscher diese Analogieschlüsse, die zu dogmatischen Verirrungen führen. Er faßt sie an der Wurzel an, indem er zum ersten Male das Wagnis unternimmt, die Vollkommenheit der sphärischen Gestalt gegenüber den anderen als einen logischen Unsinn zu bezeichnen und nachzuweisen."

²⁵⁷ Até agora, não encontramos nota especial cabível.

²⁵⁸ ROUSSEAU, Bd. 2, S. 264: Im vierten Buch des Romans "Emil" (Teil "Profession de foi") schreibt Rousseau: "Comment peut-on être sceptique par système et de bonne foi? je ne saurais le comprendre."

Ces philosophes, ou n'existent pas ou sont les plus malheureux des hommes. Le doute sur les choses qu'il nous importe de connaître est un état trop violent pour l'esprit humain: il n'y résiste pas longtemps; il se décide malgré lui de manière ou d'autre, et il aime mieux se tromper que ne rien croire."

²⁵⁹ A indicação não pôde ser interpretada.

²⁶⁰ A indicação não pôde ser interpretada.

²⁶¹ A indicação não pôde ser interpretada.

²⁶² PASCAL, S. 1107: Enfin "qu'est-ce que Phomme dans la nature? Un néant à l'égard de l'infini, un tout a l'égard du néant, un milieu entre rien et tout. Infiniment éloigné de comprendre les extremes, la fin des choses et leur principe sont pour lui invinciblement cachés dans un secret impénétrable, également incapable de voir le néant d'ou il est tiré, et l'infini où il est englouti." S. 1112: "Si on est trop jeune, on ne juge pas bien; trop vieil, de même. Si on n'y songe pas assez, si on y songe trop, on s'entête, et on s'en coiffe. Si on considère son ouvrage incontinent après l'avoir fait, on en est encore tout prévenu; si trop longtemps après, on n'y entre plus. Ainsi les tableaux, vus de trop loin et de trop près; et il n'y a qu'un point indivisible qui soit le véritable lieu: les autres sont trop près, trop loin, trop haut ou trop bas. La perspective l'assigne dans l'art de la peinture. Mais, dans la vérité et dans la morale, qui Passignera?"

²⁶³ PASCAL, S. 1107: Enfin "qu'est-ce que Phomme dans la nature? Un néant à l'égard de l'infini, un tout a l'égard du néant, un milieu entre rien et tout. Infiniment éloigné de comprendre les extremes, la fin des choses et leur principe sont pour lui invinciblement cachés dans un secret impénétrable, également incapable de voir le néant d'ou il est tiré, et l'infini où il est englouti." S. 1112: "Si on est trop jeune, on ne juge pas bien; trop vieil, de même. Si on n'y songe pas assez, si on y songe trop, on s'entête, et on s'en coiffe. Si on considère son ouvrage incontinent après l'avoir fait, on en est encore tout prévenu; si trop longtemps après, on n'y entre plus. Ainsi les tableaux, vus de trop loin et de trop près; et il n'y a qu'un point indivisible qui soit le véritable lieu: les autres sont trop près, trop loin, trop haut ou trop bas. La perspective l'assigne dans l'art de la peinture. Mais, dans la vérité et dans la morale, qui Passignera?"

- ²⁶⁴ PASCAL, S. 1111 : En "parlant des esprits, ils les considèrent comme en un lieu, et leur attribuent le mouvement d'une place à une autre, qui sont choses qui n'appartiennent qu'aux corps".
- ²⁶⁵ PASCAL, S. 1169: "Nous ne nous soutenons pas dans la vertu par notre propre force, mais par le contrepoids de deux vices opposés, comme nous demeurons debout entre deux vents contraires: ôtez un de ces vices, nous tombons dans l'autre."
- ²⁶⁶ PASCAL, S. 1170: "*Contrariétés. Apres avoir montré la bassesse et la Rrandeur de l'homme.* - Que Phomme maintenant s'estime son prix. Qu'il N'aime, car il y a en lui une nature capable de bien; mais qu'il n'aime pas pour cela les bassesses qui y sont. Qu'il se méprise, parce que cette capacité est vide; mais qu'il ne méprise pas pour cela cette capacité naturelle. Qu'il se huisse, qu'il s'aime: il a en lui la capacité de connaitre la vérité et d'être hdureux; mais il n'a point de vérité, ou constante, ou satisfaisante."
- ²⁶⁷ Cf. nota. 255.
- ²⁶⁸ Cf. nota. 256.
- ²⁶⁹ Cf. nota. 252.
- ²⁷⁰ SCHLEGEL, S. 307.
- ²⁷¹ HAYM, S. 569 f.: Das überall zu bekämpfende Prinzip ist die prosaische Nützlichkeittendenz der Aufklärung, das Prinzip der "Ökonomie". Neben die Nachahmer in der Poesie und Philosophie, die nichts als "verlaufene Ökonomen" seien, stellt Fr. Schlegel die "Ökonomen der Moral", daß heißt "die rechtlichen und angenehmen Leute, die den Menschen und das Leben so betrachten und besprechen, als ob von der besten Schafzucht oder vom Kaufen und Verkaufen der Güter die Rede wäre".
- ²⁷² Na sinopse do escrito de Novalis, escreveu Lukács entre outros (NOVALIS Bd. 2): "Moral das höhere (transzendente) Ich" II184 f. (Unerklärbar; Faktum höherer Art für höhere Menschen 184 Philosophieren: "Zug nach einer geliebten Welt" 185 Paradies überall, unkenntlich geworden 186. Wer: Entwurf zur Welt 186 allmächtige Punkte ibd Geheimnis d Selbstliebe ibd) *Krankheit*, Vergehen: mit Geist verbundene Natur; Ewigkeit geistlos 223 (Liebe: Krankheit, Christentum 224 Goldene Zeitalter hier; Zauberer: moralisch 254 Sittlichkeit = Kunst 261 (Hier N' Antwort auf Goethe) Moral: Einfachheit d. Grundsätze: Schwierigkeit d

Praxis 277 (wieder Ethik) Ein Unmögliches verwirklicht anderes Liebe zu Übel, Krankheit Tod 279/80 Alternative: Poesie vernichtet Unlust, Moral das Böse 280 Fichtes Moral 282 "Wenn ein Mensch plötzlich glaubte, er sei moralisch, so wird er auch sein" 282 "Tugend ist die Prosa, Unschuld die Poesie" 283 "Ursprünglich ist die Welt, wie ich will" 283 "Sittliches Gefühl ist das Gefühl des absolut schöpferischen Vermögens" ("Divinität in uns") (Überspannung des Ideellen bei Kant u Fichte; zur diesseitigen Wirklichkeit: Goethe-Hegel; Gegenpol: Novalis!) "Rechtlicher Zustand soll moralischer werden" 276 (Grundzug v Novalis: Maßlosigkeit; damit Ahne der Moderne!)"

- ²⁷³ HAYM, S. 570: Nach Fr. Schlegels Überzeugung sei die Sittlichkeit "Opposition gegen die positive Gesetzlichkeit und konventionelle Rechtlichkeit, und eine grenzenlose Reizbarkeit des Gemüts".
- ²⁷⁴ HAYM, S. 572: Im Gebiete der Sittlichkeit "heißt es überall: Nichts oder alles. Da ist in jedem Augenblicke von neuem die Frage von Sein oder Nichtsein. Ein Blitz der Willkür kann hier für die Ewigkeit entscheiden und, wie es kommt, ganze Massen unseres Lebens vernichten, als ob sie nie gewesen wären und nie wiederkehren sollten, oder eine neue Welt ans Licht rufen. Wie die Liebe entspringt die Tugend nur durch eine Schöpfung aus nichts."
- ²⁷⁵ HAYM, S. 575: Haym faßt Fr. Schlegels diesbezügliche Auffassungen wie folgt zusammen: "Man sollte das Studium des Müßiggangs nicht so sträflich vernachlässigen, sondern es zur Kunst und Wissenschaft, ja zur Religion bilden; das höchste, vollendetste Leben, das Leben der seligen Götter, da sich doch alles Gute und Schöne durch seine eigne Kraft erhält, wäre ein reines 'Vegetieren'. Zu diesem krassen Ausdruck schärft sich hier die Polemik gegen die unruhige und absichtsvolle Vielgeschäftigkeit, gegen das ökonomische Prinzip der Aufklärung zu. Das 'unbedingte Streben und Fortschreiten ohne Stillstand und Mittelpunkt' wird verurteilt, und dem Prometheus, als dem Erfinder der Erziehung und Aufklärung, dem zu ewiger Langeweile Verurteilten, der Herkules entgegengestellt, dem das Ziel seiner arbeitsvollen Laufbahn doch immer ein edler Müßiggang gewesen/ist, dessen er nun wirklich unter den Göttern im Olymp genieße."
- ²⁷⁶ SCHLEGEL JUGENDSCHRIFTEN, Bd. 2, S. 83: Unter seinen Bemerkungen über Jacobis "Woldemar" schreibt Schlegel: "daß hier

unter 'Menschheit' nur die Ansicht eines Individuums von derselben verstanden werde; und daß es also eigentlich heißen sollte: 'Friedrich-Heinrich-Jacobiheit', wie sie ist, erklärlich oder unerklärlich, aufs gewissenhafteste vor Augen zu legen".

²⁷⁷ HEGEL ED, S. 311: "Da in der Jacobischen Philosophie die Vernunft nur als Instinkt und Gefühl, und Sittlichkeit nur in der empirischen Zufälligkeit und als Abhängigkeit von Dingen, wie sie die Erfahrung und Neigung und des Herzens Sinn gibt, das Wissen aber nur als ein Bewußtsein von Besonderheiten und Eigentümlichkeit, es sei äußerer oder innerer, begriffen wird, so ist in diesen Reden[in den Reden über die Religion] hingegen die Natur als eine Sammlung von endlichen Wirklichkeiten vertilgt und als Universum anerkannt, dadurch die Sehnsucht aus ihrem über Wirklichkeit Hinausfliehen nach einem ewigen Jenseits zurückgeholt, die Scheidewand zwischen dem Subjekt oder dem Erkennen und dem absoluten unerreichbaren Objekte niedergerissen, der Schmerz im Genuß versöhnt, das endlose Streben aber im Schauen befriedigt."

²⁷⁸ HEGEL ED, S. 311 f.: "Aber indem so das Individuum seine Subjektivität von sich wirft und der Dogmatismus der Sehnsucht seinen Gegensatz in Idealismus auflöst, so soll diese Subjekt-Objektivität der Anschauung des Universums doch wieder ein Besonderes und Subjektives bleiben; die Virtuosität des religiösen Künstlers soll in den tragischen Ernst der Religion ihre Subjektivität einmischen dürfen, und statt diese Individualität entweder unter dem Leib einer objektiven Darstellung großer Gestalten und ihrer Bewegung untereinander, der Bewegung des Universums aber in ihnen, zu verhüllen, - wie sie in der triumphierenden Kirche der Natur das Genie in Epopöen und Tragödien erbaute, - oder anstatt dem lyrischen Ausdruck sein Subjektives dadurch zu nehmen, daß er zugleich im Gedächtnis vorhanden sei und als allgemeine Rede auftrete, soll dieses Subjektive in der Darstellung der eignen Anschauung des Universums, sowie in der Produktion derselben in ändern die wesentliche Lebendigkeit und Wahrheit ausmachen, die Kunst ohne Kunstwerk perennieren und die Freiheit der höchsten Anschauung in der Einzelheit und in dem für sich etwas Besonderes Haben bestehen."

- 279 HEGEL RECHTSPHILOSOPHIE, S. 330: "Zusatz zu § 164. (Die "freie" Liebe.) Daß die Zeremonie der Schließung der Ehe überflüssig und eine Formalität sei, die weggelassen werden könnte, weil die Liebe das Substantielle ist und sogar durch die Feierlichkeit an Wert verliert, ist von Friedrich v. Schlegel in der Lucinde, und von einem Nachtreter desselben (Schleiermacher) in den Briefen eines Ungenannten (Lübeck und Leipzig 1800) aufgestellt worden. Die sinnliche Hingebung wird dort vorgestellt als gefordert für den Beweis der Freiheit und Innigkeit der Liebe, eine Argumentation, die Verführern nicht fremd ist. Es ist über das Verhältnis von Mann und Frau zu bemerken, daß das Mädchen in der sinnlichen Hingebung ihre Ehre aufgibt, was bei dem Manne, der noch ein anderes Feld seiner sittlichen Tätigkeit als die Familie hat, nicht so der Fall ist. Die Bestimmung des Mädchens besteht wesentlich nur im Verhältnis der Ehe; die Forderung ist also, daß die Liebe die Gestalt der Ehe erhalte, und daß die verschiedenen Momente, die in der Liebe sind, ihr wahrhaft vernünftiges Verhältnis zueinander bekommen."
- 280 HEGEL-I, Bd. 7/2, S. 83: Em a "Philosophie des Geistes" da Enzyklopädie (§ 395 Zusatz) marcou Lukács a seguinte passagem: "In der Philosophie führt das bloße Genie nicht weit; da muß sich dasselbe der strengen Zucht des logischen Denkens unterwerfen; nur durch diese Unterwerfung gelangt dort das Genie zu seiner vollkommenen Freiheit. Was aber den Willen betrifft, so kann man nicht sagen, daß es ein Genie zur Tugend gebe; denn die Tugend ist etwas Allgemeines, von allen Menschen zu Fordernendes, und nichts Angebornes, sondern etwas in dem Individuum durch dessen eigene Tätigkeit Hervorzubringendes. Die Unterschiede des Naturelles haben daher für die Tugendlehre gar keine Wichtigkeit; dieselben würden nur - wenn wir uns so ausdrücken dürfen - in einer Naturgeschichte des Geistes zu betrachten seyn."
- 281 Ibidem.
- 282 Lukács não indicou qualquer número de página.
- 283 Cf. nota. 258.
- 284 TREITSCHKE, Bd. 3, S. 401: "Dem Bestände der Landeskirche konnte diese so bunt gemischte Opposition[die der Altlutheraner] nicht gefährlich werden, wenn das Kirchenregiment duldsam genug war allen, die sich nicht von freien Stücken zur Annahme der

Agende verstehen wollten, den Austritt frei zu stellen. Altenstein aber verhartete, gleich seinem Könige, unwandelbar bei der alten territorialistischen Rechtsansicht, wonach jeder preußische Protestant der Landeskirche angehören mußte. Das Verständnis für die Energie der streng-kirchlichen Gesinnung fehlte dem aufgeklärten Minister gänzlich; an seinem gastlichen Tische wurde zuweilen kühl die Frage erörtert, ob das Christentum noch zwanzig oder fünfzig Jahre dauern werde."

- ²⁸⁵ HEGEL-II, Bd. 19, S. 472: "Es wird[bei Leibniz] von Bestimmtem ausgegangen: Dies und jenes ist nothwendig, aber wir begreifen die Einheit dieser Momente nicht; diese fällt dann in Gott. Gott ist also gleichsam die Gosse, worin alle die Widersprüche zusammenlaufen."
- ²⁸⁶ DILTHEY, S. 317: "Ein Maßstab methodisch gewonnener, strengbegründeter Gewißheit ergibt sich aus dem wissenschaftlichen Studium; seitdem eine mathematische Naturwissenschaft, eine kritische geschichtliche Methode bestehen, kann nichts diesen Maßstab strengen Wissens mehr erschüttern. Dagegen war bis zum Eintreten dieser Tatsache das Verhältnis der Überzeugungsgrade geradezu das entgegengesetzte: alle menschliche Wissenschaft mußte der göttlichen Offenbarung gegenüber völlig ungewiß und wie Schatten schwankend erscheinen."
- ²⁸⁷ AUGUSTINUS GOTTESSTAAT, S. 164: "Lebt also der Mensch nach dem Menschen und nicht nach Gott, ist er dem Teufel ähnlich."
- ²⁸⁸ VOCABULAIRE, S. 89: Über die Kategorie "Athéisme" schreibt Louis Boisse u. a.: "En fait, le mot a deux significations: 1° une signification théorique: l'athéisme est la doctrine de ceux qui n'éprouvent pas le besoin de remonter dans la voie de la causalité, et qui sont peu familiers avec les explications régressives. C'est peut-être en songeant a ceux-la que Pascal écrivait: Athéisme, marque de force d'esprit, mais jusqu'a un certain degré seulement/ *Pensées*, Sect. Ili, 225; ou encore: 'Les athées doivent dire des choses parfaitement claires.' Ibid., 221; 2° une signification pratique: c'est l'attitude de ceux qui vivent comme si Dieu n'existait pas. Cf. le texte important de Bossuet: '11 y a un athéisme caché dans tous les

coeurs, qui se répand dans toutes les actions: on compte Dieu pour rien.'(*Pensées détachées*, II.)"

- 289 MARITAIN, S. 25: Im Anschluß an die Analyse von Luthers Gnadenauffassung schreibt Maritain: "Pélagianisme de désespoir! En définitive, c'est à l'homme d'opérer sa rédemption lui-même, en se forçant à une confiance éperdue en Christ. La nature humaine n'aura qu'à rejeter comme un vain accessoire théologique le manteau d'une grace qui n'est rien pour elle, et à reporter sur soi sa foi-confiance, pour devenir cette jolie bête affranchie dont l'infaillible progrès continu enchante aujourd'hui l'univers."
- 290 KANT, Bd. 5 ("Streit der Fakultäten"), S. 109 f.: "Denn wenn Gott zum Menschen wirklich spräche, so kann dieser doch niemals *wissen*, daß Gott es sei, der zu ihm spricht. Es ist schlechterdings unmöglich, daß der Mensch durch seine Sinne den Unendlichen fassen, ihn von Sinnenwesen unterscheiden und ihn woran *kennen* solle. - Daß es aber *nicht* Gott sein könne, dessen Stimme er zu hören glaubt, davon kann er sich wohl in einigen Fällen überzeugen; denn wenn das, was ihm durch sie geboten wird, dem moralischen Gesetz zuwider ist, so mag die Erscheinung ihm noch so majestätisch und die ganze Natur überschreitend dünken: er muß sie doch nur Täuschung halten.[...] Zum Beispiel kann die Mythe von dem Opfer dienen, das Abraham auf göttlichen Befehl durch Abschachtung und Verbrennung seines einzigen Sohnes - das arme Kind trug unwissend noch das Holz hinzu - bringen wollte. Abraham hätte auf diese vermeinte göttliche Stimme antworten müssen: 'Daß ich meinen guten Sohn nicht töten solle, ist ganz gewiß; daß aber du, der du mir erscheinst, Gott seist, davon bin ich nicht gewiß und kann es auch nicht werden', wenn sie auch vom (sichtbaren) Himmel herabschallte."
- 291 SCHÜTZ, S. 91: "Die Reformation vollzieht[...] im Einklang mit der Renaissance und dem Humanismus eine Verlagerung des Schwerpunkts von geschichtlichem Rang. Von nun an liegt die Dominante auf der Individualität. – Jenes 'Alle Dinge' des Apostels, jenes 'Gottesreich' der Evangelien kann nicht mehr mit gutem Gewissen geglaubt werden. Es ist folgerichtig modern gedacht, wenn in Luthers Erklärung die 'Gemeinschaft der Heiligen' von seinem *Ich* glaube, daß *Ich*" an den Rand gedrückt wird.

Die Prophetie vom Reich ist von jetzt ab verwaist. Sie wandert aus in die Profanität. Das Gottesreich wird von nun ab Menschenreich, die Gemeinschaft der Heiligen pseudomessianisches Kollektiv: Die schreienden Steine sind die totalitären Weltregime, die autoritären Großkollektive, in deren Verkehrung, diabolisch verstellt die messianische Verheißung, die Prophetie des dritten Artikels mit umgekehrtem Vorzeichen, mit dem Vorzeichen des Anti-Christus wieder zurückkommt zu uns, die wir vergessen haben, daß die Gemeinschaft der Heiligen die Verheißung der ganzen, in Geburtswehen stöhnenden Schöpfung ist. Zwei Namen erhellen die Situation, in die wir geraten sind, die Namen Sören Kierkegaard und Karl Marx. Nach der Lehre des einen bewegt sich das ökumenische Kollektiv in einer materialistischen Geschichtsdiagnostik auf einen chiliastischen Vollendungsstand hin, nach der Lehre des anderen steht der einzelne im Nichts vor Gott, in der Existenzialdiagnostik des Augenblicks zum absoluten Ende hingespant."

²⁹² Cf. nota. 382.

²⁹³ WEBER WIRTSCHAFTSGESCHICHTE, S. 311: Die Askese "bedeutet Durchführung einer bestimmten methodischen Lebenshaltung. In diesem Sinn hat die Askese überall gewirkt. Welcher ungeheuren Leistungen eine asketisch bestimmte methodische Lebensführung fähig ist, zeigt das Beispiel von Tibet. Das Land scheint von der Natur zur ewigen Wüste verdammt zu sein; aber eine Gemeinschaft familienloser Asketen hat die kolossalen Bauwerke in Lhasa aufgeführt und das Land mit den Lehren des Buddhismus religiös durchdrungen. Eine analoge Erscheinung zeigt das abendländische Mittelalter. Der Mönch ist der erste in jener Epoche rational lebende Mensch, der methodisch und mit rationalen Mitteln ein Ziel anstrebt, das Jenseits. Nur für ihn gab es Glockenschlag, nur ihm sind die Tagesstunden eingeteilt zum Gebet. Die Wirtschaft der klösterlichen Gemeinschaften war *die* rationale Wirtschaft."

²⁹⁴ WEBER WIRTSCHAFTSGESCHICHTE, S. 312: Es ist "vollständig zutreffend, wenn Sebastian Franck den Sinn der Reformation in die Worte zusammenfaßt: 'du glaubst, du seist dem Kloster entronnen: es muß jetzt jeder sein Leben lang ein Mönch sein'".

- 295 WEBER WIRTSCHAFTSGESCHICHTE, S. 138: "Die Klöster waren im Gegensatz zu den weltlichen Grundherren, die aus militärischen Gründen behindert waren, und dank ihrer rationalen Wirtschaft in der Lage, die verschiedensten gewerblichen Anstalten einzurichten und erhebliches Vermögen zu akkumulieren." S. 172: "Neben den Bergwerken standen selbständig die *Hütten*. Sie gehören mit den Bergwerken zu den Betrieben, die relativ früh Großbetriebscharakter annahmen. Für den Hüttenbetrieb war Holzkohle notwendig. Deshalb waren die großen Waldbesitzer, also die Grundherren und Klöster, auch die typischen Hüttenbesitzer der älteren Zeit. Gelegentlich, aber nicht in der Mehrzahl der Fälle, war der Hüttenbesitz mit dem Bergwerk kombiniert." S. 293: Auf dieser Seite beginnt der Punkt B: "Die Wirtschaftspolitik des rationalen Staates" des achten Paragraphen: "Der rationale Staat".
- 296 WEBER WIRTSCHAFTSGESCHICHTE, S. 311: "Die Kirche hat mit Hilfe ihrer Buß- und Beichtordnung das mittelalterliche Europa domestiziert. Aber für den Menschen des Mittelalters bedeutete die Möglichkeit, sich im Wege der Beichte zu entlasten, indem er sich bestimmte Strafhandlungen auferlegen ließ, eine Entspannung des Schuldbewußtseins und Sündengefühls, das die ethischen Vorschriften der Kirche hervorgerufen hatten. Die Einheit und Strenge der methodischen Lebensführung wurde dadurch tatsächlich durchbrochen."
- 297 KANT, Bd. 6 ("Zum ewigen Frieden"), S. 181: "*Verschiedenheit der Religionen*: ein wunderlicher Ausdruck! gerade, als ob man auch von verschiedenen Moralensprachen spräche. Es kann wohl verschiedene *Glaubensarten* historischer, nicht in die Religion, sondern in die Geschichte der zu ihrer Beförderung gebrauchten, ins Feld der Gelehrsamkeit einschlagenden Mittel und ebenso verschiedene *Religionsbücher* (Zendavesta, Vedam, Koran usw.) geben, aber nur eine einzige, für alle Menschen und in allen Zeiten gültige *Religion*. Jene also können wohl nichts Anderes, als nur das Vehikel der Religion, was zufällig ist und nach Verschiedenheit der Zeiten und Orter verschieden sein kann, enthalten."
- 298 AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 60 ff.: Im zweiten Kapitel des dritten Buches heißt es u. a.: "Auch die Schauspiele der Bühne rissen mich hin, die ganz erfüllt waren von den Bildern meiner Qual und dem Zündstoff meiner Leidenschaft. Wie kommt es, daß der

Mensch dort beim Anblick trauriger und tragischer Szenen Schmerzempfindungen sucht, die er selbst niemals erleben möchte? Und doch will er sich als Zuschauer schmerzlich erregen lassen, da ihm der Schmerz ein Vergnügen bereitet. Ist das nicht bemitleidenswürdige Torheit?[...] Der Zuschauer wird ja nicht aufgefordert zu helfen; er wird nur zum Schauspiel des Schmerzes eingeladen, und je mehr Schmerz er empfindet, desto bedeutender dünkt ihn der Darsteller dieser Rolle.' "Dies ist wahres Mitleid, in dem der Schmerz nicht zum Genuß wird."

²⁹⁹ TERTULLIAN, Bd. 1, S. 122: Gemäß der sechzehnten Abhandlung von Tertullians Schriften über die Schauspiele: "Durch die Spiele werden wütende Leidenschaften erregt."

³⁰⁰ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 96: "Darf ich Dich", wendet sich Augustinus zu Gott, "der Du die Wahrheit bist, lauschenden Herzens trugen, warum die Tränen, die der Unglückliche vergießt, ihm wohl tun? Oder hast Du, trotz Deiner Allgegenwart, unser Elend weit von Dir abgerückt? Du bleibst ewig friedvoll, wir aber haben mannigfache Prüfungen zu bestehen. Und doch wären wir aller Hoffnung bar, wenn wir unsere Tränen nicht vor Dir vergießen dürften. Wie kommt es aber, daß man Seufzer, Tränen, Stöhnen und Schluchzen gleichsam als eine süße Frucht von dem bitteren Baume des Lebens pflückt? Belebt es unsere Hoffnung, von Dir erhört zu werden? Wohl erhoffen wir von unserem Gebet, das von der Sehnsucht beflügelt wird vor Dich zu kommen, sichere Erfüllung, aber nicht von dem Schmerze und der Trauer um den Verlust, wie er mich damals niederdrückte. Ich hoffte ja nicht auf seine Wiedererweckung zum Leben, noch erlebten dies meine Tränen; ich härmte mich einfach und weinte. Ich war unglücklich, und meine Freude war dahin. Oder ist das Weinen dennoch bitter und tut uns nur wohl, wenn wir es an dem Grauen messen, das wir beim Tode dessen empfinden, der unsere Freude war, und die wir nun vermissen?"

³⁰¹ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 367: Ich gebe ihnen, den Genüssen des Gehörs, "wie es scheint, manchmal mehr Ehre, als ihnen gebührt, wenn ich fühle, daß die heiligen Gesänge meiner Seele einen höheren religiösen Schwung verleihen, als wenn die Worte nicht gesungen würden.[...] Aber diese Sinneslust, der sich der Geist nicht ergeben sollte, täuscht mich oft, indem das Gefühl

- den Verstand nicht in der Weise begleitet, daß es ihm untergeordnet, sondern, da es durch ihn erst wachgerufen wurde, nun versucht, voranzugehen und Führer zu sein."
- ³⁰² AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 371: "Aber auch dafür lobpreise ich Dich und bringe Dir mein Dankopfer, mein Gott und meine Zierde, der Du mich heiligst, weil die Schönheit, die der Künstler mit seinen beseelten Händen schafft, von der Schönheit stammt, die über allen Seelen thront und nach der meine Seele Tag und Nacht seufzt."
- ³⁰³ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 72: Das Böse ist nichts "als eine stete Verminderung des Guten, bis es zuletzt vollkommen verschwunden ist".
- ³⁰⁴ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 216: "Somit ist alles, was existiert, gut. Das Böse aber, nach dessen Ursprung ich forschte, ist kein wirkliches Ding; denn wäre es substantiell, so wäre es ein Gut."
- ³⁰⁵ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 514 f.: "Siehe, unser Herrgott und Schöpfer, wenn unsere Meinungen sich von weltlicher Liebe abwenden, durch die wir ein böses Leben beschließen und die Seele durch ein gutes Leben lebendig zu werden beginnt und Dein Wort erfüllt sein wird, 'stellt euch nicht dieser Welt gleich', dann erfüllt sich auch, was Du durch Deinen Apostel verheißen hast: 'Verkehrt euch durch die Erneuerung eures Sinnes'; nicht mehr jeder nach seiner Art', sondern laßt uns dem Beispiel des Freundes folgen und unser Leben nach dem Vorbilde eines besseren Menschen gestalten. Denn Du hast nicht gesagt, 'es werde der Mensch jeder nach seiner Art', sondern 'laßt uns Menschen machen nach unserem Bilde und nach unserem Gleichnis', 'auf das wir prüfen mögen, was Dein Wille sei'."
- ³⁰⁶ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 516 f.: Wir Menschen sind " 'Dein Werk, geschaffen zu guten Werken', nicht bloß solche, die Deinen Geist erfassen, sondern auch solche, die geistig denen untergeordnet sind, die ihn erfassen – denn Du schufest den Menschen als Mann und Weib in derselben Weise in Deiner geistigen Gnade, wo nach dem leiblichen Geschlechte 'weder Mann noch Weib, weder Jude noch Grieche, weder Knecht noch Freier ist'. Geistig gesinnt also, urteilen sie geistig, mögen sie über- oder untergeordnet sein; nicht aber über die geistigen Kenntnisse, 'die

am Firmamente leuchten', – denn es ist nicht notwendig, über so erhabene Dinge zu urteilen – ebenso auch nicht über Deine Heilige Schrift, selbst wenn uns dort manches dunkel bliebe; denn wir unterwerfen ihr unseren Verstand und haben die Gewißheit, daß auch das, was darin unserem Auge verschlossen bleibt, recht und wahr ist."

³⁰⁷ THOMAS VON AQUINO, S. 150 f.: "Nun richtet sich aber die Sorge des Menschen nach der allgemeinen Einrichtung des Lebens auf drei Dinge: Erstens auf die eigene Person, ihr Tun und ihre Umgebung, zweitens auf die Verwandten, in erster Linie auf Gattin und Kinder, drittens aber auf die Verwaltung und Besorgung der äußeren Dinge, die der Mensch zum Lebensunterhalte braucht. Zur Beseitigung dieser letzten Sorge wird dem Menschen vom göttlichen Gesetze der Rat der Armut erteilt, daß er sich nämlich von den Dingen dieser Welt trenne, durch die seine Seele in Sorge verstrickt werden könnte. Darum sagt der Herr (Matth. 19,21); Willst du vollkommen sein, gehe hin, verkaufe was du hast und gib es den Armen ... dann komme und folge mir nach.' Um vor der Sorge um Gattin und Kinder zu entheben, gibt man dem Menschen den Rat der Jungfräulichkeit und geschlechtlicher Enthaltbarkeit; darüber heißt es; Betreffs der Ledigen habe ich kein Gebot, indes gebe ich ihnen den Rat ...' (1. Cor. 7,25) und den Grund für den Rat bezeichnend sagt der Apostel weiter: 'Wer um keine Frau bekümmert zu sein braucht, sorgt um das, was Gottes ist und wie er Gott gefalle. Wer aber mit einer Frau lebt, kümmert sich um Dinge der Welt, um der Frau zu gefallen und ist in seinem Innern zersplittert' (1. Cor. 7/32-33). Um endlich die Sorge des Menschen um das eigne Ich zu beseitigen, rät man ihm Gehorsam, vermöge dessen er die Entscheidung über sein eigenes Tun dem Oberen unterstellt, weil geschrieben steht: 'Gehorcht euren Vorgesetzten und seid ihnen untertan. Denn nun haben *sie* zu wachen, da sie dereinst gleichsam für das Heil eurer Seelen Rechenschaft ablegen werden' (Hebr. 12,17)."

³⁰⁸ THOMAS VON AQUINO, S. 170: "Diese Verteilung verschiedener Geschäfte auf verschiedene Personen geschieht nach der göttlichen Vorsehung dadurch, daß einer sich mehr zu diesem Berufe hingezogen fühlt als zum anderen."

- ³⁰⁹ THOMAS VON AQUINO, S. 179 f.: "Die aber um der Nachfolge Christi willen freiwillige Armut auf sich nehmen, die lassen aus diesem An lasse alles fahren, um gemeinsamen Nutzen zu dienen, indem sie das Volk durch Weisheit, Bildung und Beispiel erleuchten, oder durch Rede und Ansprache stützen. - Daraus geht hervor, daß ein Leben vom Almosen linderer nicht schimpflich ist, weil der Empfänger selbst Größeres zurück- znhlt, indem er Zeitliches zum Unterhalt empfängt, dafür aber anderen im Geistigen hilft."
- ³¹⁰ THOMAS VON AQUINO, S. 209: "Da die Gerechtigkeit eine Kardinaltugend ist, so sind ihr andere untergeordnete Tugenden, wie Barmherzigkeit und andere dieser Art zugeteilt. So läßt sich die Unterstützung der Armen, die zur Barmherzigkeit oder zur Liebe, und das freigebige Wohltun, das zur Freigebigkeit gehört, auf die Gerechtigkeit als Hauptgrund zurückführen."
- ³¹¹ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 330: "Ist der Geist zu klein, um sich selbst zu erfassen? Erfasst er nicht alles, was sein ist? Was kann zu ihm gehören und doch nicht in ihm, sondern außer ihm sein? Warum erfäst er denn nicht? Ich bin höchst verwundert darüber und Staunen ergreift mich. Da wandern die Menschen hin und bewundern die Gipfel der Berge, die gewaltigen Wogen des Meeres, die Flüsse, die sich in breitem Strom ergießen, die Unendlichkeit des Ozeans, den Umlauf der Gestirne und entfernen sich von sich selbst, ohne sich darüber zu wundern, daß ich das alles, während ich davon sprach, nicht mit leibhaftigen Augen sah und doch von Bergen, Strömen und Gestirnen sprach, die ich gesehen habe, und vom Ozean, den ich mir nur vorstellte und dank meines Gedächtnisses in seiner ungeheueren Ausdehnung sah, als erblickte ich ihn vor mir."
- ³¹² Cf. nota. 298-299.
- ³¹³ Cf. nota. 300.
- ³¹⁴ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 124-129: Lukács se refere do segundo ao quinto capítulos do quinto livro, ele marcou, entre outras, as seguintes frases: Da "ich ziemlich viel Philosophie getrieben und vieles meinem Gedächtnis eingepägt hatte, verglich ich manches mit den langweiligen Hirngespinsten der Manichäer, und ihre Aussprüche, die so viel klarmachen, daß sie die Welt zu erforschen suchten, obgleich sie den Herrn der Welt nicht

gefunden hatten, schienen mir viel wahrscheinlicher.[...] während sie eine Sonnenfinsternis jahrelang voraussehen, werden sie ihre eigene Verfinsterung nicht gewahr.[...] Sie kennen den Weg und dünken sich erhaben und leuchtend wie die Sterne; aber siehe, sie stürzen zur Erde und ihr törichtes Herz ist verfinstert. Sie wissen viel Wahres über die Schöpfung zu sagen; aber die Wahrheit selber, den Meister der Schöpfung und ihren Ursprung suchen sie nicht aufrichtigen Herzens, und deshalb finden sie ihn auch nicht.[...] Wenn ich einen christlichen Bruder Ansichten über profane Dinge äußern höre, die Unkenntnis und Irrtümer verraten, so habe ich Geduld mit ihm und seinen irrigen Meinungen, denn ich weiß, daß ihm seine Unkenntnis von Wesen und Art der Sinneswelt keinen Schaden bringen kann, sofern er nur von Dir, dem Herrn und Schöpfer aller Dinge, keine unwürdigen Vorstellungen hat. Schaden würde es ihm ja nur, wenn er glaubte, daß dies den Inhalt der Heilslehre ausmacht und wenn er es wagte, hartnäckig etwas zu behaupten, wovon er nichts versteht."

³¹⁵ AUGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 215: "Nun betrachtete ich die Dinge, die unter Dir sind, und ich erkannte, daß ihnen weder das Sein noch das Nichtsein eignet. Sie sind, weil sie von Dir geschaffen sind; sind aber nicht, weil sie nicht sind, was Du bist. Denn nur das ist wirklich, was unveränderlich bleibt."

³¹⁶ Cf. nota. 364.

³¹⁷ UGUSTINUS BEKENNTNISSE, S. 396: "Siehe, Himmel und Erde sagen, daß sie sind veränderlich und wandelbar. Was aber nicht geschaffen ist und doch existiert, enthält nichts, was seit Urzeiten nicht schon war, das wandelbar und veränderlich werden könnte. Himmel und Erde sagen aber ferner, daß sie sich nicht selbst geschaffen haben: 'Wir existieren, weil wir geschaffen worden sind; bevor wir existierten, waren wir nicht, so daß wir uns nicht selbst schaffen konnten.'"

³¹⁸ ATHOMAS VON AQUINO, S. 62: Die "Tyrannen sind wahrhaft im Irrtum, die irgend welcher irdischen Vorteile willen von der Gerechtigkeit ablassen und sich so des großen Lohnes berauben, den sie durch gerechte Herrschaft hätten erlangen können. Wie töricht ist es aber, sich für kleine und vergängliche Güter dieser Art die größten und ewigen Güter zu verderben, die nur ein Tor oder ein Ungläubiger für nichts achtet! Überdies ist hinzuzufügen, daß

eben diese zeitlichen Vorteile, um deren willen die Tyrannen von der Gerechtigkeit lassen, den Königen viel mehr zum Gewinn ausschlagen, wenn sie die Gerechtigkeit wahren."

³¹⁹ Cf. nota. 307.

³²⁰ THOMAS VON AQUINO, S. 19: A passagem citada se encontra no segundo capítulo "Warum es zweckmäßiger ist, daß eine Gesellschaft von Menschen, die Zusammenleben, von *einem* geleitet werde, als von mehreren". Das "Streben eines jeden, der eine Herrschaft ausübt, muß darauf gerichtet sein, das, was er zu regieren übernommen hat, heil zu erhalten.[...] Darauf muß also jeder Führer einer Menge vor allem achten, daß er das einigende Band des Friedens behüte.[...] Deshalb sagt der Apostel, nachdem er dem gläubigen Volk die Einigkeit empfohlen hat: 'Seid sorgsam darauf bedacht, die Einheit des Geistes mit dem festen Bande des Friedens festzuhalten.'" Ibid., S. 21: Lukács marcou na margem a seguinte passagem: Es "ist immer das Beste, was der Natur entspricht; in den einzelnen wirkt die Natur immer das Beste. Alle Führung in der Natur geht aber von einem einzelnen aus. In der Vielheit der Glieder ist ein einziges, das alle lenkt: das Herz; innerhalb der Seele hat eine beherrschende Kraft die Führung: die Vernunft."

³²¹ THOMAS VON AQUINO, S. 23: Im dritten Kapitel "Wie die Herrschaft eines einzelnen das Beste ist, wenn sie gerecht ist, so ist ihr Gegenteil das Schlimmste" steht u. a.: "Vereinte Kraft ist zur Herbeiführung des Erfolges wirksamer, als wenn sie zerstreut oder geteilt wäre.[...] Die Kraft eines ungerechten Herrschers aber wirkt sich zum Schaden der Gesellschaft aus, denn er verkehrt das Gemeinwohl in seinen persönlichen Vorteil."

³²² WEBER RECHTSZOLOGIE, S. 265: "Wir lernten die '*lex naturae*' früher als eine wesentlich stoische Schöpfung kennen, die das Christentum übernahm, um zwischen seiner eigenen Ethik und den Normen der Welt eine Brücke zu finden. Es war das innerhalb der gegebenen Welt der Sünde und Gewaltsamkeit nach Gottes Willen legitime, Recht für Alle', im Gegensatz zu Gottes direkt für seine Bekenner offenbartem und nur dem religiös Auserwählten einleuchtendem Gebot. Jetzt sehen wir die *lex naturae* von der anderen Seite her. 'Naturrecht' ist der Inbegriff der unabhängig von allem positiven Recht und ihm gegenüber prä eminent geltenden

Normen, welche ihre Dignität nicht von willkürlicher Satzung zu Lehen tragen, sondern umgekehrt deren Verpflichtungsgewalt erst legitimieren. Normen also, welche nicht kraft ihres Ursprungs von einem legitimen Gesetzgeber, sondern kraft rein immanenter Qualitäten legitim sind: die spezifische und einzig konsequente Form der Legitimität des Rechts, welche übrigbleiben kann, wenn religiöse Offenbarungen und autoritäre Heiligkeit der Tradition und ihrer Träger fortfallen. Das Naturrecht ist daher die spezifische Legitimitätsform der *revolutionär* geschaffenen Ordnungen."

³²³ Cf. nota. 224.

³²⁴ WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 444: Die "Erfahrung von der Irrationalität der Welt war ja die treibende Kraft aller Religionsentwicklung"

³²⁵ WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 445: "Der wirklich radikale Machiavellismus' im populären Sinn dieses Wortes ist der indischen Literatur im Kautaliya Arthasastra (lange vorschrittlich, angeblich aus Tschandva- guptas Zeit) klassisch vertreten; dagegen ist Machiavellis 'Principe' harmlos. In der katholischen Ethik, der Professor Förster sonst nahesteht, sind bekanntlich die 'consilia evangelica' eine Sonderethik für die mit dem Charisma des heiligen Lebens Begabten. Da steht neben dem Mönch, der kein Blut vergießen und keinen Erwerb suchen darf, der fromme Ritter und Bürger, die, der eine dies, der andere jenes, dürfen. Die Abstufung der Ethik und ihre Einfügung in einen Organismus der Heilslehre ist minder konsequent als in Indien, mußte und durfte dies auch nach den christlichen Glaubensvoraussetzungen sein."

³²⁶ WEBER RELIGIONSSOZIOLOGIE, Bd. 2, S. 142: Da im Brahmanismus "nicht nur die Kastengliederung der Welt, sondern ebenso die Abstufung göttlicher, menschlicher, tierischer Wesen aller Rangstufen von der Karmanlehre aus dem Prinzip der Vergeltung vorgetaner Werke abgeleitet wurde, so war für sie das Nebeneinanderbestehen von ständischen Ethiken, die untereinander nicht nur verschieden, sondern geradezu einander schroff widerstreitend waren, gar kein Problem. Es konnte - im Prinzip ein Berufs-Dharma für Prostituierte, Räuber und Diebe ganz ebenso geben wie für Brahmanen und Könige."

³²⁷ WEBER RELIGIONSSOZIOLOGIE, Bd. 3, S. 233 f.: Nas páginas mencionadas, Lukács marcou as seguintes frases: "Es war vor allem

das Fehlen der sonst üblichen Machtstellung *der Magie* oder vielmehr - da die Magie in Israel so wenig wie irgendwo jemals aus der Praxis der Massen wirklich ganz verschwunden ist - ihre systematische Bekämpfung durch die Thoralehrer, welche für ihr Schicksal innerhalb der alttestamentlichen Frömmigkeit ausschlaggebend gewesen ist. In Israel gab es Magier aller Art. Aber die maßgebenden jahwistischen Kreise, vor allem die Leviten, waren keine Magier, sondern: Träger von *Wissen*. [...] Also der Besitz zweier Dinge: Unsterblichkeit und Wissen macht zum Gott. Welches Wissen aber? An beiden erwähnten Stellen heißt es: die Erkenntnis davon, 'was gut und böse ist'. Dies ist also das Wissen, welches nach der Vorstellung dieses vorprophetischen Schriftstellers Gott gleich macht."

³²⁸ WEBER RELIGIONSSOZIOLOGIE, Bd. 3, S. 237: Wo "bei den asiatischen Religionen der 'Zauber' steht, da steht bei den Israeliten: das 'Wunder'. Der Magier, der Heiland, der Gott Asiens .zaubert", der Gott Israels dagegen tut auf Anrufung und Fürbitte "Wunder". Ueber den tiefgehenden Gegensatz wurde schon früher gesprochen. Das Wunder ist, gegenüber dem Zauber, das rationalere Gebilde. [...] Es war offenbar immer wieder der Kampf gegen alle orgiastische Ekstasik, welche es bedingte, daß in den genuinen jahwistischen Legenden, etwa in den Erzvätergeschichten, aber auch der Mose- und Samueltradition, überhaupt in den alttestamentlichen Schriften so stark wie sonst in keinem heiligen Buch, nicht der Zauber, sondern das aus sinnvollen, verständlichen Absichten und Reaktionen des Gottes entspringende Wunder herrscht und daß selbst dieses gerade in vielen alten Partien, am meisten den Erzväterlegenden, relativ sparsam verwendet wird. Dies Fehlen des Zaubers vor allem drängte alle Fragen nach dem Grunde des Geschehens, der Schicksale und Fügungen, in die Bahnen des *Vorsehungsglaubens*."

³²⁹ WEBER WIRTSCHAFT, S. 227: "Religiös oder magisch motiviertes Handeln ist, in seinem urwüchsigen Bestände, *diesseitig* ausgerichtet. 'Auf das es dir wohl gehe und du lange lebest auf Erden', sollen die religiös oder magisch gebotenen Handlungen vollzogen werden. Noch solche, zumal bei einem Stadtvolk außerordentlichen, Leistungen wie Menschenopfer wurden in den phönikischen Seestädten ohne alle und jede Jenseitserwartung gespendet. Religiös oder magisch motiviertes Handeln ist ferner gerade in seiner

urwüchsigen Gestalt, ein mindestens relativ rationales Handeln: wenn auch nicht notwendig ein Handeln nach Mitteln und Zwecken, so doch nach Erfahrungsregeln."

330 WEBER WIRTSCHAFT, S. 232: Die zunehmende anthropomorphisierende Personifikation der Göttergestalten ist keineswegs "identisch oder parallelgehend mit zunehmender Abgrenzung und Festigkeit der Kompetenzen. Oft im Gegenteil. Die Kompetenzen der römischen numina sind ungleich fester und eindeutiger abgegrenzt als die der hellenischen Göttergestalten; dagegen ist die Vermenschlichung und plastische Veranschaulichung der letzteren als eigentlicher .Persönlichkeiten" ungleich weitergegangen als in der genuinen römischen Religion. Der wesentlichste soziologische Grund liegt in diesem Fall darin, daß die genuine römische Vorstellung vom Uebersinnlichen in ihrer allgemeinen Struktur weit stärker die einer nationalen Bauern- und Patrimonialherrenreligion geblieben war, die hellenische dagegen der Entwicklung zu einer mferlokalen Ritterkultur wie der des homerischen Zeitalters mit ihren Heldengöttern ausgesetzt wurde."

331 WEBER WIRTSCHAFT, S. 239 ff.: Lukács marca as seguintes observações: "Die praktischen Hemmungen der in irgendeiner Form fast überall in Gang gekommenen Entwicklung zum strengen Monotheismus, welche seine Durchsetzung in der Alltagsreligion überall, außer im Judentum, Islam und Protestantismus, relativiert haben, lagen durchweg in den mächtigen ideellen und materiellen Interessen der an den Kulte und Kultstätten der Einzelgötter interessierten Priesterschaften einerseits, und den religiösen Interessen der Laien an einem greifbaren, nahen, zu der konkreten Lebenslage oder dem konkreten Personenkreis unter Ausschluß anderer in Beziehung zu bringenden, vor allem: einem der *magischen* Beeinflussung zugänglichen religiösen Objekt andererseits.[...] Natürlich sind auch die spezifischen Elemente des 'Gottesdienstes': Gebet und Opfer, zunächst magischen Ursprungs.[...] Dennoch kennen auch sonst undifferenzierte Religionen das eigentliche individuelle Gebet, als 'Bitte', meist in der rein geschäftlichen rationalen Form, daß dem Gott die Leistungen des Betenden für ihn vorgehalten und Gegenleistungen dafür begehrt werden.[...] Die soziologische Seite jener Scheidung[die zwischen Dämonen und Götter] aber ist die Entstehung eines 'Priestertums' als etwas von

den 'Zauberern' zu Unterscheidendem. Der Gegensatz ist in der Realität durchaus flüssig, wie fast alle soziologische Erscheinungen."

- ³³² WEBER WIRTSCHAFT, S. 332: "Im übrigen ist der Inhalt jeder, über magische Einzelschriften und die Familienpietät hinausgehenden, religiösen Ethik zunächst bedingt durch die beiden einfachen Motive, welche das nicht familiengebundene Alltagshandeln bestimmen: gerechte Talion gegen Verletzer und brüderliche Nothilfe für den befreundeten Nachbarn.[...] Auch in der frühen Christenheit, z. B. bei Klemens von Alexandrien, gilt die Brüderlichkeit in vollem Umfang nur innerhalb des Kreises der Glaubensgenossen, nicht ohne weiteres nach außen."
- ³³³ WEBER WIRTSCHAFT, S. 353: Gegen den "intellektualistischen, schriftgelehrtenhaften Zug des genuinen Spätjudentums lehnt sich Jesus auf. Nicht die in ihn hineininterpretierten proletarischen' Instinkte, sondern die Art der Gläubigkeit und das Niveau der Gesetzeserfüllung des Kleinstädters und Landhandwerkers, im Gegensatz zu den Virtuosen des Gesetzeswissens ist es, was in dieser Hinsicht seinen Gegensatz bildet gegen die auf dem Boden der Polis Jerusalem gewachsenen Schichten, die ganz wie jeder Großstadtbürger der Antike fragen: 'Was kann von Nazareth Gutes kommen?' Seine Art der Gesetzeserfüllung und Gesetzeskenntnis ist jener Durchschnitt, welchen der praktisch arbeitende Mann, der auch am Sabbat nicht sein Schaf im Brunnen liegen lassen kann, wirklich leistet.[...] Das Sabbatjahr - in der jetzigen Fassung der Bestimmungen doch wohl sicher eine nachexilische Schöpfung städtischer Schriftgelehrter - machte, in seinem Geltungsbereich, die rationelle intensive Landwirtschaft unmöglich: noch jetzt haben die deutschen Rabbinen seine Anwendung auf die zionistische Palästinasiedelung, die daran gescheitert wäre, erzwingen wollen, und der Epoche der Pharisäer war ein, 'Landmann' gleichbedeutend mit einem Juden zweiten Ranges, der das Gesetz nicht voll hält und halten kann."
- ³³⁴ WEBER WIRTSCHAFT, S. 812: Eine Sekte ist eine Gemeinschaft, die "*ibrem Sinn und Wesen* nach notwendig auf Universalität verzichten und notwendig auf durchaus freier Vereinbarung ihrer Mitglieder beruhen muß. Sie muß es, weil sie ein aristokratisches Gebilde: ein Verein der religiös voll *Qualifizierten* und nur ihrer sein will, nicht wie eine Kirche eine Gnadenanstalt, die ihr Licht über

Gerechte und Ungerechte scheinen und gerade die Sünder am meisten unter die Zucht des göttlichen Gebots nehmen will."

- ³³⁵ TROELTSCH, S. 276: In der Thomistischen Ethik wird die Moral "kompliziert und relativ, eine teleologisch-evolutionistische Moral verschiedener, auf einander zusammengestimmter Zweckstufen. Aber wie die Kirche selbst das Absolute darstellt, so bewirkt sie auch die Einheitlichkeit der Moral, indem sie mit ihrer Autorität die Abstufungen und Bewertungen feststellt, und mit ihrer Kasuistik dem Einzelnen die Verantwortung für die Vereinheitlichung dieses komplizierten Ethos abnimmt.[...] Die Kasuistik und Gesetzlichkeit der katholischen Moral ist von dieser Seite her die Folge ihrer Kompliziertheit, bei der die Einheitlichkeit nur durch autoritative Festsetzungen zu behaupten ist. Zu diesen aber ist die Kirche befähigt als die Inhaberin der absoluten Kräfte, Ziele und Wahrheiten. Sie und nur sie ist die Inkarnation des Absoluten und der Einheit."
- ³³⁶ TROELTSCH, S. 283: "Nicht bloß das Dogma, sondern vor allem auch die Sozialethik ist im Nominalismus aufgelöst, und mit dem Gegensatz von Vernunft und Offenbarung klaffen auch Staat und Kirche aus- einander."
- ³³⁷ TROELTSCH, S. 360: "Indem die Kirche bei ihrer Organisation einer allgemeinen christlichen Gesellschaft und Kultur diesen radikalen Gedanken keinen Raum bot oder vielmehr sie nur in Gestalt eines besonderen ihr dienenden Standes, des Mönchtums, ertragen konnte, waren sie auf eine Entfaltung neben der Kirche angewiesen. Der Gegensatz des radikalen Bibelgesetzes und der an ihm gemessenen Lebensführung der radikalen Christen gegen die relativierende und das Ganze umfassende kirchliche Ethik und Soziallehre führt zur *Sektenbildung*. Und so wird diese Sektenbildung neben der die kirchliche Ethik klassisch zusammenfassenden Soziallehre des Thomismus zur anderen klassischen Gestaltung der Soziallehre des Christentums. Das, was in der kirchlichen Einheitskultur und Gesellschaft nicht zu seiner vollen Geltung kam, schafft sich Raum in den Sekten und wirkt von ihnen her auf die Kirche zurück."
- ³³⁸ TROELTSCH, S. 380: "Diese Verdrängung des relativen Naturrechts durch das mit dem biblischen Gottesgesetz identische absolute Naturrecht enthält nun aber schließlich noch eine Reihe weiterer

religiös und theologisch bedeutsamer Folgen, die für den soziologischen Charakter des Sektentums und sein Verhältnis zum Kirchentum charakteristisch sind. Erstlich ist das Gottesgesetz nicht mehr in erster Linie reduziert auf den Dekalog. An seine Stelle tritt das neutestamentliche oder eigentlich christliche Gottesgesetz, das Gesetz Christi oder die Bergpredigt."

- ³³⁹ TROELTSCH, S. 390: Lukács se refere às páginas em que Troeltsch situa a opinião e doutrina de Francisco de Assis no diapasão dos diferentes movimentos das seitas.
- ³⁴⁰ TROELTSCH, S. 608 ff.: Auf den angegebenen Seiten charakterisiert Troeltsch den sog. primitiven Calvinismus sowie die politischen, ökonomischen, sozialen und kirchenpolitischen Umwandlungen des neueren Calvinismus.
- ³⁴¹ TROELTSCH, S. 636: Nichts tritt gegenüber dem Luthertum in Calvins Ethik so charakteristisch hervor "als die Abwesenheit des Bedürfnisses, die radikale Liebesethik der Bergpredigt gegenüber den Forderungen der Sozialethik des praktischen politischen und gesellschaftlichen Lebens zu rechtfertigen und auszugleichen. Ueber seinem ganzen Briefwechsel, der unzählige ethische Fälle beurteilt, liegt auch nicht ein Hauch jener weltfeindlichen Personmoral und ihres Gegensatzes gegen eine doch zu akzeptierende – Amtsmoral."
- ³⁴² TROELTSCH, S. 639: "Bei Calvin fehlt die für Luther so wichtige Unterscheidung der Amts- und Personmoral.[...] Die Bergpredigt ist[...] zu verstehen wegen der Unveränderlichkeit Gottes; Christus hat nichts hinzugesetzt und nichts geändert, sondern durch seinen Nicht- Widerspruch die[...] Sozial- und Rechtsordnung bestätigt; lediglich pharisäische Mißdeutungen hat er bekämpft."
- ³⁴³ TROELTSCH, S. 808: Die täuferische Bewegung "kehrte sich gegen den neuen theologischen Dogmatismus, gegen das Zwangs- und Staatschristentum und gegen die Verweltlichung. Sie lebte von der Opposition und machte gegen die Entwicklung der Reformation Elemente geltend, die diese selbst-mitgehalten hatte, die sie aber sehr rasch mit den Aufgaben einer die weltliche Kultur rezipierenden Volkskirche hatte verschmelzen lernen."
- ³⁴⁴ TROELTSCH, S. 818: "Der täuferische Geist[...] lebte dagegen in Harrison und seinem Anhänge und wurde durch den neubelebten

Chilias- mus geschürt. Schorrin der Armee bildete Harrisons Regiment den eigentlichen Sammelpunkt der Sektierer, während Cromwells Regimenter der Sitz des Puritanertums waren."

- ³⁴⁵ ARON, S. 96: "Ce qui séduit le chrétien, sans qu'il en prenne conscience, dans le milieu ouvrier et l'idéologie marxiste, ce sont les survivances, les échos d'une expérience religieuse: prolétaires et militants, comme les Premiers croyant du Christ, vivent dans l'attente d'un monde neuf; ils sont demeurés purs, ouverts à la charité, parce qu'ils n'ont pas exploi- té leurs semblables; la classe, qui porte la jeunesse de l'humanité, se dresse contre la vieille pourriture. Les chrétiens de gauche demeurent catholiques subjectivement mais renvoient le fait religieux au-delà de la révolution."
- ³⁴⁶ ARON, S. 281: "Les prêtres-ouvriers ont assimilé, peut-être sans en prendre une exacte conscience, les grandes lignes de la philosophie commu- niste de l'histoire."
- ³⁴⁷ WHYTE, S. 338: "In a community like Park Forest, when young people see how many other people are going to church regularly, they feel they ought to. Another need we fulfil is that of counselling. Young people want a place to take their problems and someone to talk to about them. Put all these things together and you get what we're after - a sense of community."
- ³⁴⁸ WHYTE, S. 340: "What the young people wanted was a true union of the leading Protestant denominations. And for practical as well as idealistic reasons. 'Why spend a lot of money building a lot of little churches', one layman argued, 'when one church would do the job better, and do it now? Why give small salaries to five so-so pastors instead of a decent salary to one good one?'"
- ³⁴⁹ WHYTE, S. 348: "If transients are so disinterested in theological and doctrinal matters, many churchmen ask, why have there not been more united churches of the Park Forest variety? It is true enough that there are few; this seems due not so much to strong denominational spirit on the part of younger people, however, as to strong denominational spirit on the part of the church hierarchies."
- ³⁵⁰ WHYTE, S. 343: "At the other end of the scale is the Catholic Church. It is convenient to see it as the direct opposite of the

United Protestant approach - and the contrast is one Park Foresters often make."

³⁵¹ Cf. nota. 243.

³⁵² MILLS BÜRO, S. 354: "Zur Ehrlichkeit muß noch 'ein großes Maß an Umsicht und Behutsamkeit' kommen. Dann wird die Ehrlichkeit nicht nur im Jenseits belohnt werden, sondern sich schon auf Erden bezahlt machen. 'Sie ist der sicherste Weg zu irdischem Wohlstand.' Der nach Erfolg Strebende muß auch begreifen, daß 'Religion und Geschäft ... jedes auf seine Weise, gut sind; daß sie für einander von großem Nutzen sein können'; daß 'die Religion ein mächtiger Verbündeter der Wirtschaft ist' ... 'daß Laster teurer sind als Tugenden' und daß 'schon mancher junge Raucher ein Geschäft im Werte von fünfzigtausend Dollar hat in Rauch und Flammen aufgehen lassen, ehe es überhaupt vorhanden war'. Und allgemeiner ausgedrückt: 'Religion stärkt die Redlichkeit, die des Menschen bester Rückhalt ist!'

³⁵³ MILLS KONSEQUENZ, S. 202: "Als soziale und moralische Kraft ist die Religion zu einer abhängigen Variablen geworden: Sie bringt nichts hervor, sie reagiert nur - sie klagt nicht an, sie paßt sich an. - Sie verkündet keine neuen Verhaltensmaßregeln, sie mahnt nicht zur Herzensgüte: Sie ahmt nach. Ihre Sprache dringt nicht in die Tiefe, ihre Gottesdienste sind ohne Frömmigkeit. - Sie ist nicht mehr eine Wiederbelebung der Seele in ständiger Spannung mit der irdischen Welt, sondern vielmehr eine hochachtbare Ablenkung von den Bitternissen des Lebens."

³⁵⁴ VIDICH-BENSMAN, S. 231-262: Es handelt sich um das der Religion gewidmete Kapitel "Religion and the Affirmation of the Present".

³⁵⁵ A indicação não pode ser interpretada.

³⁵⁶ HEER-II, S. 157 ff.: Im Punkt (b) "Von der Krippe des Franziskus zur 'Großen Kunst' des Ramon Lull" des Kapitels "Linke' und 'rechte' religiöse Volksbewegung" bringt F. Heer Beispiele betreffs der theologischen Streitigkeiten im 13. bzw. 15. Jahrhundert, vor allem aus Frankreich.

³⁵⁷ As indicações não puderam ser esclarecidas, cf.. L 10, 35.

³⁵⁸ As indicações não puderam ser esclarecidas, cf.. L 10, 35.

- ³⁵⁹ Karl Barth wird in einem Artikel von J. Schmitz van Vorst in der "Frankfurter Allgemeine Zeitung" (17. Oktober 1967) folgendermaßen zitiert: "Der protestantische Theologe Karl Barth hat zu Beginn des Jahres 1964 einmal gesagt: Mehr als das Konzil interessiere ihn die Bewegung, die innerhalb der katholischen Kirche und auch innerhalb der katholischen Theologie im Gange sei, eine unheimlich starke Bewegung. 'Ja, ich sage unheimlich. Ich könnte auch sagen, eine wunderbar starke Bewegung zum Zentrum des gemeinsamen christlichen Glaubens, schlicht gesagt zu Jesus Christus hin.'"
- ³⁶⁰ Com base nas edições de Herder, de Lukács (*Sämtliche Werke, Zur Religion und Theologie*, Bde 1-18, *Zur Philosophie und Geschichte*, Bde 1-22, *Zur schönen Literatur und Kunst*, Bde 1-20, Stuttgart und Tübingen: Cotta'sche Buchhandlung, 1827-1830, bzw. *Werke*, Bde 1-32, 319 Karlsruhe: ab 1820) essas indicações lamentavelmente não puderam ser identificadas.
- ³⁶¹ Cf. nota. 284.
- ³⁶² Cf. nota. 285.
- ³⁶³ BURCKHARDT, S. 92 f.: "O hätte ich gelebt zur Zeit, als Jesus von Nazareth durch die Gauen Judas wandelte, - ich wäre ihm gefolgt und hätte allen Stolz und Übermut aufgehen lassen in der Liebe zu ihm und hätte nach Selbständigkeit und eigener Geltung nicht weiter gefragt, - denn was hätte es geschadet, als Einzelwesen verlorenzugehen neben ihm? Aber achtzehn Jahrhunderte trennen unsere Sehnsucht von ihm, und nur wenn ich einsam in den Stunden trüber Sehnsucht nach meinen Lieben seufze, tritt mir tröstend ein majestätisches Bild vor die Seele, ich glaube, es ist der Größte der Menschen. - Als Gott ist mir Christus ganz gleichgültig - was will man mit ihm in der Dreieinigkeit anfangen. Als Mensch geht er mir läuternd durch die Seele, weil er die *schönste* Erscheinung der Weltgeschichte ist."
- ³⁶⁴ BURCKHARDT, S. 93: Er setzt folgenderweise fort: "Wer so was Religion heißen will, der mag es - ich weiß mit dem Begriff nichts aufzustellen. Du wirst denken, lieber Balder, das sei so ein letzter Nachklang eines überberufenen ästhetischen Christentums. - Meinetwegen, ich mache das gar nicht als Religion geltend." (Es handelt sich um den Brief an Willibald Beyschlag, Basel, 14. Januar 1844.)

- ³⁶⁵ KIERKEGAARD STADIEN, S. 411: "Für das endliche Wesen, das der Mensch ja ist, solange er in der Zeitlichkeit lebt[...], ist die negative Unendlichkeit das Höchste, und das, Positive' eine mißliche Beruhigung. Geistes-Existenz, insbesondere die religiöse, ist nicht leicht; der Glaubende schwimmt beständig über einer Tiefe von 70 000 Faden. Wie lange er auch draußen auf dem Wasser liegen mag, das bekommt doch nie die Bedeutung, daß das Wasser unter ihm sich in festes Land verwandelte. Er kann erfahrener und ruhiger werden; kann eine Sicherheit gewinnen, die den Scherz und den frohen Sinn liebt: aber bis zum letzten Augenblick schwimmt er über einer Tiefe von 70 000 Faden. Soll die Unmittelbarkeit vorbei sein (worauf ja zurzeit alles schwört), so tritt dieser Zustand ein. An Schwierigkeiten im Leben wird es keinem fehlen. Mögen arme Leute den harten Druck der Sorge um das tägliche Brot fühlen; wer die Geistesexistenz in Kraft des Religiösen wählt, wird den Trost haben (den er meines Erachtens wohl brauchen kann), daß auch er im Dasein zu leiden hat, und daß vor Gott kein Ansehen der Person ist. Daß einer, positiv* wird, schafft ihm kein persönliches Ansehen in Gottes Augen, ob das auch seit der Zeit da die Spekulation sich des Religiösen annahm, indem sie ihm das Leben aussog, für höhere Weisheit gilt."
- ³⁶⁶ KIERKEGAARD NACHSCHRIFT, Bd. 1, S. 278 f.: "Ohne Risiko kein Glaube. Glaube ist gerade der Widerspruch zwischen unendlicher Leidenschaft der Innerlichkeit und objektiver Ungewißheit. Kann ich Gott objektiv greifen, so glaube ich nicht, aber gerade weil ich es nicht kann, darum muß ich glauben; und will ich mich im Glauben halten, muß ich beständig darauf achten, daß ich die objektive Ungewißheit festhalte, daß ich in der objektiven Ungewißheit 'auf den 70 000 Faden Wasser' bin, und doch glaube."
- ³⁶⁷ KIERKEGAARD NACHSCHRIFT, S. 305: "Ich leugne nicht, daß es bequem ist, ein Christ zu sein und doch frei von dem Martyrium, welches, selbst wenn keine äußere Verfolgung heimsucht, selbst wenn ein Christ unbemerkt ist, als ob er gar nicht lebte, das Martyrium bleibt, gegen den Verstand zu glauben die Lebensgefahr, auf den 70 000 Faden Wasser zu liegen und erst da Gott zu finden."
- ³⁶⁸ KIERKEGAARD NACHSCHRIFT, Bd. 1, S. 280 f.: "Um nun womöglich die Differenz zwischen dem Sokratischen (das ja das Philosophische, das Heidnisch-Philosophische sein sollte) und dem

Gedankenexperiment recht zu beleuchten, das wirklich weiter als das Sokratische geht, führte ich das Sokratische auf den Satz: alle Erkenntnis ist eine Erinnerung, zurück. Das ist so allgemein angenommen, und nur dem, der sich mit ganz besonderem Interesse mit dem Sokratischen beschäftigt, immer wieder zu den Quellen zurückkehrend, nur dem wird es von Wichtigkeit sein, auf diesem Punkte zwischen Sokrates und Plato zu teilen; denn der Satz gehört zwar beiden an, aber Sokrates nimmt beständig Abschied von ihm, weil er existieren will. Hält man Sokrates auf der Höhe des Satzes, daß alle Erkenntnis Erinnerung sei, dann wird er ein spekulativer Philosoph, anstatt was er war, ein existierender Denker, dem das Existieren das Wesentliche war. Der Satz: alle Erkenntnis ist Erinnerung, gehört der Spekulation an, und Erinnerung ist Immanenz, und vom spekulativen und ewigen Gesichtspunkte aus gibt es kein Paradox, aber die Schwierigkeit ist die, daß kein Mensch die Spekulation, sondern der Spekulierende ein Existierender ist, den Ansprüchen der Existenz unterworfen. Dies zu vergessen ist kein Verdienst, aber wohl es festzuhalten, ein großes Verdienst, und das tat eben Sokrates. Die Betonung der Existenz und damit der Innerlichkeit ist das Sokratische, der Erinnerung und Immanenz nachzugehen das Platonische. Damit ist Sokrates im Grunde weitergekommen als die ganze Spekulation, weil er nicht einen phantastischen Anfang hat, wo der Spekulierende sich umkleidet und nun immer fortfährt zu spekulieren und das Wichtigste, das Existieren vergißt."

³⁶⁹ KIERKEGAARD NACHSCHRIFT, Bd. 2, S. 4: Kierkegaard schreibt hier u. a.: In "hervorragender Weise zu handeln gehört wesentlich mit dazu, qua Mensch zu existieren".

³⁷⁰ Cf. nota. 286.

³⁷¹ WITTGENSTEIN TRACTATUS, S. 180: Lukács citou literalmente até este ponto. Nesta página marcou o ponto 6.372 da mesma maneira: "So bleiben sie bei den Naturgesetzen als bei etwas Unantastbarem stehen, wie die älteren bei Gott und dem Schicksal. - Und sie haben ja beide Recht, und Unrecht. Die Alten sind allerdings insofern klarer, als sie einen klaren Abschluß anerkennen, während es bei dem neuen System scheinen soll, als sei *alles* erklärt." György Márkus ist Übersetzer und Herausgeber der ungarischen Übersetzung des *Tractatus*, cf. WITTGENSTEIN ÉRTEKEZÉS.

- ³⁷² AUGUSTINUS GOTTESSTAAT, S. 163: Die "Vergänglichkeit des Leibes, die die Seele beschwert, ist nicht die Ursache der ersten Sünde, sondern ihre Strafe, und nicht das vergängliche Fleisch hat die Seele sündig gemacht, sondern die sündige Seele machte das Fleisch vergänglich. Mögen auch aus dieser Verderbnis des Fleisches manche Lockungen zur Sünde, ja auch sündhafte Begierden selber entspringen, so darf man doch nicht alle Fehler eines bösen Lebens dem Fleische zur Last legen, sonst müßte ja der Teufel von ihnen allen frei sein, da er kein Fleisch hat."
- ³⁷³ AUGUSTINUS GOTTESSTAAT, S. 164 f.: Dem Menschen kann "Wohlergehen nur von Gott, den er durch seine Sünde verläßt, zuteil werden[...], nicht durch sich selber, da er, wenn er nach sich selber lebt, nur sündigt. Wenn wir also sagten, dadurch seien zwei verschiedene und einander entgegengesetzte Staaten entstanden, daß die einen nach dem Fleisch, die ändern nach dem Geiste leben, so kann man das auch so ausdrücken, daß die einen nach dem Menschen, die ändern nach Gott leben." Cf. nota. 287.
- ³⁷⁴ Cf. nota. 288.
- ³⁷⁵ Cf. nota. 289.
- ³⁷⁶ Cf. nota. 290.
- ³⁷⁷ Cf. nota. 291.
- ³⁷⁸ SCHÜTZ, S. 375: "Es liegt eine eiserne Zwingkraft in dem Prozeß der Vereinsamung. Was will der Mensch machen, dessen letzte Erkenntnis die seiner endgültigen Alleinsamkeit ist? Was will er tun an diesem verstummten, verfremdeten, verfeindeten Ort, der einstmals eine Welt noch war? Was bleibt ihm als er selbst sich selbst? So erhebt sich aus dem mystischen Nihilismus eine atheistische Humanität als der schwarze Stern unserer Zeit."
- ³⁷⁹ 379-381 BOUNAIUTI: Texto não identificável.
- ³⁸⁰ 379-381 BOUNAIUTI: Texto não identificável.
- ³⁸¹ 379-381 BOUNAIUTI: Texto não identificável.
- ³⁸² Cf. nota. 292.
- ³⁸³ RILKE, Bd. 2, S. 198: Im Teil "Vom mönchischen Leben" des Gedichtes "Das Stunden-Buch" heißt es: "Was wirst du tun, Gott, wenn ich sterbe? / Ich bin dein Krug (wenn ich zerscherbe?) / Ich

bin dein Trank (wenn ich verderbe?) / Bin dein Gewand und dein Gewerbe, / mit mir verlierst du deinen Sinn."

³⁸⁴ A indicação não pôde ser esclarecida.

³⁸⁵ Cf. nota. 293.

³⁸⁶ Cf. nota. 295.

³⁸⁷ Cf. nota. 295.

³⁸⁸ VOSSLER: O texto não é identificável.

³⁸⁹ WEIL, S. 147: "Alles in uns, was niedrig oder mittelmäßig ist, lehnt sich wider die Reinheit auf und hat, um sein Leben zu retten, das Bedürfnis, diese Reinheit zu besudeln. Besudeln, das heißt verändern, heißt berühren. Das Schönste ist das, was man nicht ändern wollen kann. Sich einer Sache bemächtigen, heißt sie besudeln. Besitzen, heißt besudeln. Mit reiner Liebe lieben, heißt in den Abstand einwilligen, heißt den Abstand verehren zwischen einem selber und dem, was man liebt.[...] Jedes Begehren nach Genuß geht auf Zukünftiges, auf Trügerisches. Begehrt man hingegen nichts weiter, als daß ein Wesen existiere, so existiert es: was will man darüber hinaus noch begehren? Dann ist das geliebte Wesen nackt und wirklich, unverhüllt von imaginärer Zukunft. Der Geizige betrachtet seinen Schatz niemals, ohne ihn in seiner Einbildung n-mal größer zu sehen. Man muß gestorben sein, um die Dinge nackt zu sehen. - So fst Keuschheit in der Liebe oder Mangel an Keuschheit, je nachdem, ob das Begehren auf die Zukunft gerichtet ist oder nicht. In diesem Sinne und unter der Bedingung, daß sie nicht auf eine Pseudo-Unsterblichkeit gerichtet sei, die nach dem Muster der Zukunft vorgestellt wird, ist die Liebe, die man den Gestorbenen weiht, vollkommen rein. Denn sie ist das Begehren nach einem endlichen Leben, das nichts Neues mehr hervorbringen kann. Man begehrt, daß der Gestorbene existiert habe, und er hat existiert."

³⁹⁰ Cf. nota. 24.

³⁹¹ Cf. nota. 297.

³⁹² HEER-I, S. 28: Im Kapitel "Beginn von Reformation und Gegenreformation" steht: "Der 62. Artikel der offiziellen Anklageschrift wider Jeanne sagt ein großes Motiv des heraufsteigenden Zeitalters an: 'Es werden von allen Seiten Männer

und Frauen aufstehen, die vorgeben, sie hätten Offenbarungen von Gott und den Heiligen ..., wie man es schon bei vielen erfahren hat, seitdem diese Frau sich erhoben hat, und anfang, dem christlichen Volk Ärger zu geben."

³⁹³Cf. nota. 241.

³⁹⁴ Cf. nota. 243.

³⁹⁵ MILLS IMAGINATION, S. 11: "When people cherish some set of values and do not feel any threat to them, they experience *well-being*. When they cherish values but *do* feel them to be threatened, they experience a crisis - either as a personal trouble or as a public issue. And if all their values seem involved, they feel the total threat of panic. - But suppose people are neither aware of any cherished values nor experience any threat? That is the experience of *indifference*, which, if it seems to involve all their values, become apathy. Suppose, finally, they are unaware of any cherished values, but still are very much aware of a threat? That is the experience of *uneasiness*, of anxiety, which, if it is total enough, becomes a deadly unspecified malaise. - Ours is a time of uneasiness and indifference - not yet formulated in such ways as to permit the work of reason and the play of sensibility." *Ibid.*, S. 41: "Today, of course, many people who are disengaged from prevailing allegiances have not acquired new ones, and so are inattentive to political concerns of any kind. They are neither radical nor reactionary. They are inactionary. If we accept the Greek's definition of the idiot as an altogether private man, then we must conclude that many citizens of many societies are indeed idiots. This - and I use the word with care - this spiritual condition seems to me the key to much modern malaise among political intellectuals, as well as the key to much political bewilderment in modern society. Intellectual 'conviction' and moral belief are not necessary, in either the rulers of the ruled, for a structure of power to persist and even to flourish. So far as the role of ideologies is concerned, the frequent absence of engaging legitimation and the prevalence of mass apathy are surely two of the central political facts about the Western societies today."

³⁹⁶ WHYTE, S. 78 f.: "In 1954-5, 183, 602 men were graduated. Let's take *all* of the men majoring in mathematics, *all* of the men majoring in the physical sciences, *all* of the men majoring in the biological sciences, *all* of the men majoring in the liberal arts, *all* of

the men majoring in the basic social sciences. Together they come to 48,999 - 26,6 per cent of the total. - The rest? Most were studying to be technicians: 22,527 were in engineering (12,3 per cent); 7,052 (3,8 per cent) were in agriculture; 14,871 (8,1 per cent) were in education. The largest single group of all: the 35,564 (19,4 per cent) in business and-commerce - *more than all of the men* in the basic sciences and the liberal arts put together. (And more than all the men in law and medicine and religion: 26,412.) - These figures bring out a very important point. The conflict is not, as some embattled humanists believe, between the sciences and the liberal arts. The conflict is between the fundamental and the applied."

- ³⁹⁷ WHYTE, S. 190 ff.: Entre outros, as seguintes passagens foram marcadas por Lukács: "Of the 600,000 people engaged in scientific work, it has been estimated that probably no more than 5,000 are free to pick their own Problems." "We have never had a strong tradition of basic Science in this country and now, even less than before, we do not seem to care about creating new ideas". "Among Americans there is today a widespread conviction that Science has evolved to a point where the lone man engaged in fundamental inquiry is anachronistic, if not fundamental inquiry itself."
- ³⁹⁸ MILLS ELITE, S. 243: "Obwohl es in den Vereinigten Staaten wahrscheinlich an die 600 000 Ingenieure und Wissenschaftler gibt, sind doch nur ungefähr 125 000 in der Forschung beschäftigt; davon arbeiten vielleicht 75 000 für die Industrie bei der Entwicklung neuer Erzeugnisse, und weitere 40 000 sind mit der technologischen Weiterentwicklung beschäftigt. Nur etwa 10 000 Wissenschaftler arbeiten auf den Gebieten der Grundlagenforschung, und nach Ansicht informierter Kreise gibt es nicht mehr als ein – bis zweitausend Forscher, die man als Kapazitäten bezeichnen kann."
- ³⁹⁹ WHYTE, S. 126 f.: "Younger men don't believe there has to be a choice because they believe organizations have been coming around to their own way of thinking. It's just plain good sense for The Organization, they argue, not to have people getting too involved in their jobs. Overwork may have been necessary once, they say, and perhaps you still need a few, very few, dynamic types, but business now sees that the full man is the model. What it needs is not the hard driver but the man who is so rested, so at peace with his

environment, so broadened by suburban life, that he is able to handle human relations with praise and understanding[...] Out of necessity, then, as well as natural desire, the wise young man is going to enjoy himself - plenty of time with the kids, some good hobbies, and later on he'll certainly go in for more reading and music and stuff like that. He will, in sum, be the apotheosis of the well-rounded man: obtrusive in no particular excessive in no zeal. He will be the man in the middle."

⁴⁰⁰ MILLS ELITE, S. 119: "Das Problem der sehr reichen Leute ist ein Beispiel für das größere Problem der Beziehungen einzelner Männer zu Institutionen und der Beziehungen bestimmter Institutionen und einzelner Männer zu der Gesellschaftsstruktur, in der beide ihre Rolle spielen. Obwohl es manchmal einzelne Männer sind, die den Institutionen ihre Form geben, so sind es doch die Institutionen, die sich ihre Männer aussuchen und formen. In jeder Periode der Geschichte müssen wir den Charakter, den Willen oder die Intelligenz einzelner Menschen gegenüber der objektiven institutionellen Struktur, die ihre Wesenszüge zur Geltung bringt, abwägen."

⁴⁰¹ MILLS BÜRO, S. 19 f.: "Den materiellen Nöten des Industriearbeiters des neunzehnten Jahrhunderts entsprechen im zwanzigsten Jahrhundert die seelischen Nöte der kleinen Angestellten. Der kleine Mann von heute scheint nirgendwo einen festen Halt zu haben, nichts woran er sich klammern könnte, um seinem Leben Ziel und Inhalt zu geben.[...] das Fehlen jeglichen Glaubens hat dem Angestellten als einzelnen die moralische Schutzwehr und als Gruppe jeden politischen Einfluß genommen. Es sind rauhe Zeiten, in die der Angestellte als Neuling hineingeraten ist, und er kann sich dabei auf keine überlieferte Kultur stützen. Vielmehr muß er sich an die Äußerlichkeiten der Massengesellschaft klammern, die ihn formte und die ihn zu fremden Zwecken zu mißbrauchen trachtet." "Der Angestellte ist seiner Arbeit noch stärker entfremdet als selbst der Lohnarbeiter. Damit nähert er sich beträchtlich der von Kafka beschriebenen völligen Loslösung."

⁴⁰² MILLS BÜRO, S. 256: An der betreffenden Stelle analysiert Mills die Entfremdungserscheinungen, er bemerkt u. a.: Bei der Verkäuferin tritt "eine allmähliche Selbstentfremdung ein, weil sie ja im

normalen Verlauf ihrer Arbeit ständig die eigene Persönlichkeit fremden Zwecken dienstbar machen muß".

- ⁴⁰³ MILLS KONSEQUENZ, S. 113: Die psychologischen Erscheinungen der unpersönlichen, berechneten Technik charakterisiert Mills folgenderweise: Die Handlungen sind unmenschlich, "weil sie unpersönlich sind. Sie sind nicht sadistisch, sondern nur geschäftsmäßig, nicht aggressiv, sondern nur wirkungsvoll, durchaus nicht gefühlsmäßig bedingt, sondern technisch klar definiert".
- ⁴⁰⁴ MILLS KONSEQUENZ, S. 173: "Die Wissenschaftler werden zu untergeordneten Bestandteilen des wissenschaftlichen Apparats überentwickelter Länder. Diese Apparate sind ihrerseits zu wesentlichen Bestandteilen des Militärapparats geworden. Dieser Apparat gehört zu den Hauptursachen eines kommenden Krieges. Ohne die Hilfe der Wissenschaftler könnte er nicht erweitert und erhalten werden[...] Pfarrer, Rabbiner, Pastoren - die religiösen Schiffbruch erlitten haben - gestatten der Unmoral, sich auf die Religion zu berufen. Sie benützen die Religion, um den unpersönlichen Massenmord und seine Vorbereitung zu bemänteln." S. 202: "Als soziale und moralische Kraft ist die Religion zu einer abhängigen Variablen geworden: Sie bringt nichts hervor, sie reagiert nur - sie klagt nicht an, sie paßt sich an."
- ⁴⁰⁵ RIESMAN, S. 93 f.: "If the peer-group were - and we continue to deal here with the urban middle classes only - a wild, torturing, obviously vicious group, the individual child might still feel moral indignation as a defense against its commands. But like adult authorities in the other-directed sozialization process, the peer-group is friendly and tolerant. It stresses fair play. Its conditions for entry seem reasonable and well meaning. But even where this is not so, moral indignation is out of fashion. The child is therefore exposed to trial by jury without any defenses either from the side of its own morality or from the adults. All the morality is the group's. Indeed, even the fact that it is a morality is concealed by the confusing notion that the function of the group is to have fun, to play; the deadly seriousness of the business, which might justify the child in making an issue of it, is therefore hidden."
- ⁴⁰⁶ RIESMAN, S. 97: Lukács assinalou aqui as seguintes passagens: "Dancing at twelve and thirteen, the child is early made aware of the fact

that his taste in emotions as well as in consumer goods must be socialized and available for small talk." "In male bull sessions one can no longer play the gentleman and keep quiet about sexual adventures. He has to furnish names, dates, and all the exact details of the conquest. Where fellows get into trouble is when they have a sincere feeling for a girl and yet are forced to tell. The measure of the peer-group's strength and their other-directedness is that they can be forced to tell." *Ibid.*, S. 172-174: In the phase of general industrialisation "there is not only a growth of leisure, but work itself becomes both less interesting and less demanding for many; increased supervision and subdivision of tasks routinize the industrial process even beyond what was accomplished in the phase of transitional growth of population. More than before, as job-mindedness declines, sex permeates the daytime as well as the playtime consciousness. It is viewed as a consumption good not only by the old leisure class but by the modern leisure masses." "Though there is a tremendous insecurity about *how* the game of sex should be played, there is little doubt as to whether it should be played or not. Even when we are consciously bored with sex, we must still obey its drive. Sex, therefore, provides a kind of defense against the threat of total apathy. This is one of the reasons why so much excitement is channeled into sex by the other-directed person. He looks to it for reassurance that he is alive." The "consumption of love, despite all the efforts of the mass media, does remain hidden from public view." "And with the loss or submergence of moral shame and inhibitions, but not completely of a certain unconscious innocence, the other-directed person has no defenses against his own envy. He is not ambitious to break the quantitative records of the acquisitive sex consumers like Don Juan, but he does not want to miss, day in day out, the qualities of experience he tells himself the others are having."

⁴⁰⁷ VIDICH-BENSMAN, S.302ff.: "The sharpness of the conflict between illusion and reality is avoided, it appears, by the unconscious altering and falsification of memories." "By middle age or even by the age of thirty or thirty-five the youthful illusions are no longer apparent. The would-be scientist is a radio repairman, the executive is a bookkeeper, the artist is a sign painter and the actor takes part in local drama." The individual "lives in terms of seasons, days and hours and the focus of his attention is tuned to

immediate pressures, pleasures and events." "By collapsing time, the person comes face to face with what he is and what he hoped to be and to have."

- ⁴⁰⁸ VIDICH-BENSMAN, S. 315: "The individual adheres to a fixed and repetitive daily, weekly and seasonal routine in which no one day, week or year exhibits any significant deviation from any other."
- ⁴⁰⁹ VIDICH-BENSMAN, S. 316: Although the inhabitants of a small town "may have an understanding of what are the dilemmas in the community, understanding is not a solution to the dilemmas, and so they are left in the position of either trying to determine what to do or of not knowing what to do. As a consequence of the difficulty of finding a solution, they are disturbed about their Situation and tend to have free floating anxieties."
- ⁴¹⁰ VIDICH-BENSMAN, S. 320: "Because they do not recognize their defeat, they are not defeated. The compromises, the self-deception and the self-avoidance are mechanisms which work; for, in operating on the basis of contradictory, illogical and conflicting assumptions, they are able to cope in their day-to-day lives with their immediate problems in a way that permits some degree of satisfaction, recognition and achievement."
- ⁴¹¹ Cf. nota. 233.
- ⁴¹² VIDICH-BENSMAN, S. 299: "Town and village officials as well as school board members refer to state policy and state fiscal aid in all of their meetings almost as a matter of habit without ever fully realizing the extent of Springdale's administrative and financial dependency on state government. - All these explicit mentions of community dependence are made in the context of highly specific detailed cases. No generalization sums up these detailed statements, so that individuals are not explicitly aware of the total amount of their dependence. Particularizations prevent the realization of the total impression." Ibid., S. 301: Only in situations of extreme personal crisis "does the observer realize that these fears and anxieties, which imply at least a subliminal recognition of a negative reality, were present all the time even though the individual in his ordinary daily routine of activities may neither have thought nor talked about them".

- ⁴¹³ WHYTE, S. 323: "On the matter of privacy, suburbanites have mixed feelings. Fact one, of course, is that there isn't much privacy."
- ⁴¹⁴ WHYTE, S. 326: "For the intellectual also Park Forest is a melting pot. 'When I first came here I was pretty rarefied', a self-styled egghead explained to me. I remember how shocked I was one afternoon when I told the girls in the court how much I had enjoyed listening to *The Magic Flute* the night before. They didn't know what I was talking about. I began to learn that diaper talk is important to them and I'm not so highbrow about it now. I still listen to *The Magic Flute*, but now I realize that it's not wrong that most people care about other things."
- ⁴¹⁵ WHYTE, S. 330: "The sanctions are not obvious - indeed, people are often unconscious of wielding them - but the look in the eye, the absence of a smile, the inflection of a hello, can be exquisite punishment, and they have brought more than one to a nervous breakdown. And the more social the block, the rougher it is on those who don't fit in.[...] It is frightening to see the cruelty with which an otherwise decent group can punish the deviate, particularly when the deviate is unfortunate enough to be located in the middle of the group, rather than isolated somewhat out of benevolence's way."
- ⁴¹⁶ RIESMAN, S. 183: "In our discussion of the comics[...] we saw how modern popular culture stresses the dangers of aloneness and, by contrast, the virtues of group-mindedness. In a thoughtful article, 'The Gangster as Tragic Hero', Robert Warshaw deals with a number of recent gangster films from this perspective. He notes that, inevitably, the gangster success spells his undoing. For it cuts him off from the group - not only the law-abiding community but also his own gang. At the peak of success he is therefore miserable and frightened, waiting to be cut down from the heights." *Ibid.*, S. 186: "What is it that drives man who have been surrounded with people and their problems on the day shift to seek often exactly the same company (or its reflection in popular culture) on the night shift? Perhaps in part it is the terror of loneliness that the gangster movies symbolize."
- ⁴¹⁷ RIESMAN, S. 224 f.: "In a study of attitudes toward popular music we find again and again such statements as, 'I like Dinah Shore because she's so sincere', or, 'that's a very sincere record', or, 'You

can just feel he[Frank Sinatra] is sincere'. While it is clear that people want to personalize their relationships to their heroes of consumption and that their yearning for sincerity is a grim reminder of how little they can trust themselves or others in daily life, it is less clear just what it is that they find 'sincere' in a singer or other performer. One element may be the apparent freedom of the entertainer to express emotions that others dare not or cannot express. Again, sincerity mean performance in a style which is not aggressive or cynical, which may even be defenseless, as the question-answering or press-conference technique of some politicians appears to be."

- 418 RIESMAN, S. 270: Students characterised by other-directed tolerance "want social security, not great achievements. They want approval, not fame. They are not eager to develop talents that might bring them into conflict; whereas the inner-directed young person tended to push himself to the limit of his talents and beyond."
- 419 RIESMAN, S. 295: Among "the groups dependent on inner-direction the deviant individual can escape, geographically or spiritually, to Bohemia; and still remain an individual'. Today, whole groups are matter-of-factly Bohemian; but the individual who compose them are not necessarily free.[...] The nonconformist today may find himself in the position [...] of an eccentric who must, like a movie star, accept the roles in which he is cast, lest he disappoint the delighted expectations of his friends."
- 420 RIESMAN, S. 318: "American sociability or the friendship market, like American goods market, is in many ways the freest and largest in the world.[...] Nevertheless the friendship market is beset with many 'tariffs', economic, political, and cultural."
- 421 MILLS ELITE, S. 15: "Der Macht eines gewöhnlichen Menschen sind verhältnismäßig enge Grenzen gezogen, die sich etwa mit denen seiner alltäglichen Umwelt decken, also mit den Grenzen seines Familien- und Freundeskreises, des Berufslebens und der Nachbarschaft. Doch selbst innerhalb dieses kleinen Bereichs scheint der Durchschnittsmensch von mächtigeren Kräften, die er weder begreifen noch meistern kann, getrieben zu sein. Auf umwälzende Veränderungen, die sein Verhalten und seine Anschauungen bestimmen, hat er keinerlei Einfluß, denn es liegt

einfach in der Struktur der modernen Gesellschaft, daß sie dem Einzelnen Ziele setzt, die gar nicht die seinen sind. Von allen Seiten bedrängt und Veränderungen unterworfen, hat der Mensch unserer Massengesellschaft das Gefühl, ohne Lebensinhalt, ohne Ziel und Zweck in einem Zeitalter zu leben, das ihn zur Machtlosigkeit verurteilt."

- ⁴²² FROMM, S. 4 f.: As seguintes passagens foram marcadas à margem por Lukács: Modern "man feels uneasy and more and more bewildered. He works and strives, but he is dimly aware of a sense of futility with regard to his activities. While his power over matter grows, he feels powerless in his individual life and in society." "The Contemporary human crisis has led to a retreat from the hopes and ideas of the Enlightenment under the auspices of which our political and economic progress had begun. The very idea of progress is called a childish illusion, and 'realism', a new word for the utter lack of faith in man, is preached instead." "The result is the acceptance of a relativistic position which proposes that value judgments and ethical norms are exclusively matters of taste or arbitrary preference and that no objectively valid statement can be made in this realm."
- ⁴²³ FROMM, S. 36: "Although Freud did not refer to ethical values explicitly, there is an implicit connection: the pregenital orientations, characteristic of the dependent, greedy, and stingy attitudes, are ethically inferior to the genital, that is, productive, mature character. Freud's characterology thus implies that virtue is the natural aim of man's development."
- ⁴²⁴ MILLS BÜRO, S. 438: In einer Charakteristik des allgemeinen politischen Klimas in den USA steht u. a.: "Wir haben zweifellos das beste System der Welt, nur können wir nicht umhin, uns als bloße Zuschauer zu fühlen, die ein Schauspiel verfolgen, ohne selbst eine Rolle zu spielen."
- ⁴²⁵ MILLS KONSEQUENZ, S. 23 ff.: Auf den angegebenen Seiten analysiert Mills den soziologischen Schicksalsbegriff, er führt u. a. aus: "Sagt man, ein historisches Ereignis sei schicksalsbedingt, dann will man damit sagen, es sei die Summe und das unbeabsichtigte Ergebnis zahlloser Entscheidungen zahlloser Menschen. Diese Menschen bilden keine genügend feste Sozialgruppe, als daß man sie identifizieren könnte, und die Entscheidungen, die jeder

einzelne trifft, sind an und für sich nicht folgenschwer genug, als daß man die Ergebnisse hätte voraussehen können. Jede Entscheidung, die jeder von ihnen fällt, ist nur eine unter vielen, und die Folgen jeder einzelnen Entscheidung sind minimal. Alle diese Entscheidungen - die parallel laufen, miteinander kollidieren, ineinandergreifen - summieren sich zu dem blinden Endergebnis: dem historischen Ereignis, das gleichsam autonom ist."

⁴²⁶ MILLS KONSEQUENZ, S. 48 ff.: "Der Aufstieg der herrschenden Elite und die Beschränkung des formaldemokratischen Mechanismus auf die mittlere Machtebene finden ihre Parallele in der Verwandlung der amerikanischen Allgemeinheit in eine Massengesellschaft." "In einer Massengesellschaft dominieren die technischen Apparate - der Rundfunk, das Fernsehen, der Film. Die Allgemeinheit wird zum bloßen Markt für die Produkte dieser Industrien." "Demzufolge repräsentiert die Allgemeinheit sehr oft eine nebulöse Auffassung von politischen Dingen (die sog. Aufgeschlossenheit) Mangel an Anteilnahme an den öffentlichen Angelegenheiten (bekannt als 'Vernünftigkeit') und ein professionelles Desinteressement (man nennt es 'Toleranz')." Die Fragen, "die heute das Schicksal der Menschheit bestimmen, werden von einer breiten Allgemeinheit weder aufgeworfen noch entschieden".

⁴²⁷ MILLS KONSEQUENZ, S. 58 f.: Es handelt sich um höchstpessimistische Vertreter des öffentlichen Lebens in den USA, die von Mills als "Tragiker" bezeichnet werden. "Die 'Tragiker' verallgemeinern das 'wir' ihrer Wehklagen so sehr, daß es die gesamte Gattung Mensch umfaßt, und damit schieben sie es über die politische Sphäre hinaus. Aber es genügt keineswegs, den ehrlichen Gedanken der politischen Rechenschaftspflicht' durch den billigen Begriff der tragischen Verantwortung' zu ersetzen."

⁴²⁸ MILLS ELITE, S. 29: "Die Elite der Vereinigten Staaten von heute erscheint weniger als eine Anzahl von Einzelpersonlichkeiten, sie besteht vielmehr aus Gebilden, die geschaffen wurden, um der Öffentlichkeit als Standart - 'Personallichkeiten' präsentiert zu werden. Selbst die anscheinend ganz auf eigenen Füßen stehenden Berühmtheiten sind gewöhnlich nur synthetische Produkte eines fleißigen Stabes von Fachleuten, der Woche für Woche die Einfälle liefert und selbst die geistreichen kleinen Scherze, die ein berühmter

Mann zuweilen ganz 'spontan' und 'zufällig' macht, systematisch entwickelt und sorgfältig auf ihre gute Wirkung hin prüft."

- 429 MILLS ELITE, S. 36: "Heutzutage wird aber der Ablauf der Ereignisse eher von einer Reihe menschlicher Entscheidungen als von einem unausweichlichen Schicksal beeinflusst. Die soziologische Bedeutung von 'Schicksal' ist einfach diese: Wenn unzählige Entscheidungen getroffen werden und jede einzelne nur geringfügige Auswirkungen hat, dann ist die Gesamtwirkung aller Entscheidungen etwas, das niemand beabsichtigt hat - eben Schicksal."
- 430 MILLS ELITE, S. 37: "Die wenigsten von uns versuchen, unserem Zeitalter dadurch einen Sinn zu geben, daß sie nach Art der Griechen an eine ewige Wiederkehr, nach christlicher Lehre an die einst kommende Erlösung oder an einen stetigen menschlichen Fortschritt glauben. Selbst wenn wir gar nicht weiter darüber nachgedacht haben, ist die Wahrscheinlichkeit doch groß, daß wir mit Burckhardt nur an das bloße Nacheinander von Ereignissen glauben, daß die reine Kontinuität das einzige Geschichtsprinzip ist. Geschichte ist nur der Ablauf von Ereignissen; Geschichte ist ohne tieferen Sinn insofern, als sie nicht die Verwirklichung eines vorgefaßten Planes ist. Es ist natürlich wahr, daß unser Sinn für Zusammenhang, unser Gefühl für die geschichtliche Gegenwart von der Krise beeinflusst war. Aber wir sehen selten über die gerade herrschende oder als unmittelbar bevorstehend empfundene Krise hinaus."
- 431 MILLS ELITE, S. 112: "Doch in den letzten drei Jahrzehnten hat es Anzeichen dafür gegeben, daß sich die politischen, wirtschaftlichen und militärischen Eliten zu einem einzigen Prestigesystem vereinigt haben. Als eine Elite der Macht haben sie begonnen, wie die Mächtigen es überall und immer getan haben, ihre Macht mit dem Mantel der Autorität zu umgeben. Sie sind bereits dazu übergegangen, ihre neuen Statusprivilegien zu konsolidieren. Nach außen geschah das durch zur Schau getragenen Aufwand. In Wirklichkeit wurzelt es im Zusammenschluß der Eliten zu einem konzernartigen Gebilde."
- 432 MILLS BÜRO, S. 155: "Das Managertum hat selbst den Geist des Kapitalismus bürokratisiert und das Unternehmen zum Idol erhoben."

⁴³³ MILLS BÜRO, S. 157 f.: Lukács assinalou à margem as seguintes passagens: "Die Menschen sind nur noch Rädchen in einer großen Geschäftsma­schinerie, die die Habgier zur alltäglichen Routine und die Rücksichtslosigkeit zum Geschäftsprinzip gemacht hat.[...] *Gewalt*, die äußerste Form der Macht, birgt in sich die Anwendung körperlichen Zwanges durch die Machthaber. Wer auf andere Weise nicht beeinflußt werden kann, wird mit körperlichen oder seelischen Mitteln gezwungen, sich zu beugen. *Autorität* bewirkt dagegen einen mehr oder weniger freiwilligen Gehorsam der Machtlosen. Will man die Autorität ergründen, so muß man herausfinden, wer wem wann und warum gehorcht. *Beeinflussung* schließlich ist eine verhüllte und unpersönliche Form der Machtausübung. Dem Beeinflußten wird nicht ausdrücklich befohlen, was er zu tun hat, aber er ist dennoch dem Willen eines anderen unterworfen. – In der modernen Gesellschaft hat der demokratische Staat ein Monopol auf die Gewalt; sie wird aber nur selten für längere Zeit angewendet. Dagegen sind die Träger der Macht zu verhüllter Machtausübung übergegangen: zunächst zur Autorität und seitdem allmählich zur Beeinflussung.[...] Im ausgesprochen autoritären neunzehnten Jahrhundert war sich das Opfer durchaus bewußt, Opfer zu sein. Das Elend und die Unzufriedenheit der Machtlosen waren offenkundig. In der gestaltlosen Welt des zwanzigsten Jahrhunderts, wo die Beeinflussung an die Stelle der Autorität getreten ist, erkennt das Opfer seine Lage nicht mehr. Gerade das wird ja mit den modernsten Mitteln der Psychologie angestrebt! Die Menschen sollen als eigenen Wunsch empfinden, was ihnen das Managertum suggeriert; sie sollen gerne tun, was das Managertum von ihnen verlangt, ohne sich über die eigentlichen Beweggründe ihrer Handlungen im klaren zu sein. Auf diese Weise sind den Menschen alle möglichen Ansichten, Wünsche und Triebe beigebracht worden, von denen sie gar nicht wissen, wie sie entstanden, ja, oft nicht einmal ahnen, daß sie überhaupt vorhanden sind."

⁴³⁴ MILLS BÜRO, S. 200 ff.: Lukács se refere ao sétimo capítulo, "Der Gehirntrust". Após uma breve caracterização da *Intelligenzia* em geral, Mills dá uma visão histórica dessa classe média no século 20.

⁴³⁵ MILLS BÜRO, S. 215 ff.: A página 215 inicia o terceiro ponto do capítulo: "Der große Bedarf an Ideologen".

- ⁴³⁶ MILLS BÜRO, S. 235: "Die Kirche hat den Gottesdienst organisiert. Das große Warenhaus aber ist die Kathedrale des Verkaufs. 394000 verschiedene Waren (ohne die unterschiedlichen Farben und Größen gerechnet!) schreien nach Käufern.[...] Niemals zuvor ist die Verehrung des Neuen so allgemein und so eifrig betrieben worden wie heute. Bei der Organisation des Warenfetischismus hat das große Warenhaus aus dem ständigen Wechsel selbst einen Gott gemacht: den Gott der Mode."
- ⁴³⁷ PACKARD, S. 18: "Ein großes und lästiges Hindernis erstand den 'Anregern'[der Neuankäufe] aus der Tatsache, daß die meisten Amerikaner bereits völlig brauchbare Öfen, Autos, Fernsehgeräte, Kleidung usw. besaßen. Darauf zu warten, daß diese Erzeugnisse abgenutzt oder materialmäßig schrottreif würden, bevor man den Besitzer zu Ersatzanschaffungen drängte, war unerträglich. Die Werbefachleute sprachen mehr und mehr davon, daß es wünschenswert sei, eine psychologische Schrottreife' zu schaffen."
- ⁴³⁸ VEBLEN, S. 166 ff.: "Eine eingehende Untersuchung jener Kleider, die in der öffentlichen Meinung als elegant gelten, wird uns zeigen, daß sie alle nur deshalb erfunden wurden, um den Eindruck zu erwecken, daß sich ihre Träger für gewöhnlich keiner einzigen nützlichen Anstrengung hingeben.[...] Die gefällige Wirkung untadeliger Kleider ist hauptsächlich, wenn nicht vollständig dem Umstand zuzuschreiben, daß sie die Vorstellung eines müßigen Lebens wachrufen, also auf die Befreiung vom persönlichen Kontakt mit irgendwelcher handwerklicher oder gewerblicher Arbeit hinweisen." Die als elegant geltenden Kleider "beweisen, daß ihr Träger in der Lage ist, relativ große Werte zu konsumieren, und auch, daß er konsumiert, ohne zu produzieren." Zur Erklärung der Modeerscheinungen führt Veblen aus: "Wenn jedes Kleidungsstück nur für kurze Zeit zu gebrauchen ist und wenn aus der letzten Saison nichts in die gegenwärtige übernommen werden darf, so erhöht sich natürlich der verschwenderische Aufwand an Kleidung beträchtlich."
- ⁴³⁹ PACKARD, S. 156: "Ein beträchtlicher Teil der US-Industrie begrüßte und begünstigte den Trend in der amerikanischen Gesellschaft zum fremdbestimmten Menschen - dem Menschen, der mehr und mehr irgendwelchen Gruppen angehört und sich in eine Mannschaft einordnet. Bekanntlich sind Leute, die sich zu

Gruppen vereinigen, leichter zu lenken, zu beherrschen, zu behandeln und zu beaufsichtigen." À página 148 Lukács assinalou a seguinte passagem: "Richard Nixon scheint ein Politiker zu sein, der wie ein Werbefachmann an seine Arbeit herangeht. Politische Dinge sind Waren, die der Öffentlichkeit verkauft werden müssen - heute dies, morgen das, je nach Diskont und Marktlage. Er wechselt von der Einmischung (in Indochina) zur Nicht-Einmischung mit der gleichen Leichtigkeit und Bedenkenlosigkeit, mit der ein Werbetexter seine Loyalität von Camel- auf Chesterfield-Zigaretten überträgt." À página 155 está escrito, entre outros.: "Als[1956] Mr. Stevensons Wahlkampf sich seinem ungünstigen Ausgang näherte, sollen die – nunmehr psychologisch ausgerichteten demokratischen Wahlstrategen unglücklich gewesen sein, weil Stevenson sich nicht gut 'herausstellte' und ihm noch das wirklich überzeugende Persönlichkeitsbild eines Präsidenten fehle. Stevenson selbst hörte man murmeln, er habe das Gefühl, eher an einem Schönheitswettbewerb, als an einer ernsten Auseinandersetzung teilzunehmen. Seiner Erbitterung über die Methoden der Symbolmanipulatoren – zumindest der republikanischen Spielart - zur politischen Meinungsknetung gab er mit den Worten Ausdruck: 'Die Vorstellung, man könne Kandidaten für ein hohes Amt anpreisen wie Frühstücksflocken ... ist der Demokratie in höchstem Grade unwürdig,' " Ibid., S. 180: "In Schneiders Darstellung[es handelt sich um John G. Schneiders, eines ehemaligen Werbefachmanns Anfang 1956 veröffentlichten satirischen Roman *The Golden Kazoo, Die goldene Kindertrompete*] läuft der Wahlkampf von 1960 auf ein gigantisches Ringen zwischen zwei Riesenwerbeagenturen hinaus; eine, Reade's and Bratton genannt, arbeitet für die Republikaner, die andere heißt einfach B. S. and J und arbeitet für die Demokraten. Als einer der beiden Kandidaten, Henry Clay Adams, schüchtern vorschlägt, er müßte eigentlich im Fernsehen eine außenpolitische Redß über die Krise im Atomzeitalter halten, staucht ihn der Kundeüberater der Agentur zurecht: 'Hörnsema!' erklärt er ihm, 'wenn Sie bei Langhaarigen, Intellektuellen und Studenten der Columbia Universität Eindruck schinden wollen, dann machen Sie das gefälligst auf eigene Kosten, aber nicht auf Kosten unserer bezahlten Sendezeit. Denke doch an Ihren Markt, Mann! ... Ihr Markt sind vierzig, fünfzig Millionen Duse, die zu Hause sitzen und am Bildschirm oder Radio Ihr Zeugs schlucken. Was kümmert

die das Atomzeitalter! Blödsinn! Die denken daran, was für eine Rechnung sie nächsten Freitag beim Lebensmittelhändler zu bezahlen haben! Mehrere Zeitschriften der Werbewirtschaft widmeten Schneiders Buch eingehende Besprechungen, aber ich habe keine gesehen, die über seine Folgerungen erschrocken oder erschüttert gewesen wären."

⁴⁴⁰ PACKARD, S. 198: "Ist es moralisch, einem vernunftwidrigen und impulsiven Handeln der Hausfrau beim Einkauf der Lebensmittel für die Familie Vorschub zu leisten? Ist es moralisch, mit geheimen Schwächen und Mängeln – Ängste, aggressive Empfindungen, Furcht vor dem Anderssein und infantile Überbleibsel - zu spielen, um Erzeugnisse zu verkaufen? Vor allem, wie ist es um die Moral von Industrien bestellt, die Werbefeldzüge ausarbeiten, deren Gelingen auf den von ihnen erkannten Schwächen beruht? Ist es moralisch, kleine Kinder zu manipulieren, noch ehe sie das Alter erreichen, in dem sie für ihr Tun gesetzlich verantwortlich sind? Ist es moralisch, Wähler wie Käufer, und zwar wie kindliche, nach Vater – Bildern suchende Käufer zu behandeln? Ist es moralisch, unsere geheimste sexuelle Empfängnisfähigkeit und Sehnsucht für kommerzielle Zwecke auszubeuten? Ist es moralisch, an unsere Nächstenliebe zu appellieren und dabei unseren heimlichen Geltungsdrang ins Spiel zu bringen? Ist es moralisch, der Öffentlichkeit eine Materialverschwendung einzureden, indem man dem psychologischen Verschleiß' von in Gebrauch befindlichen Produkten Vorschub leistet? Ist es moralisch, der beifälligen Stimmung die Wahrheit zu opfern, wenn man den Bürger über die Situation seines Volkes unterrichtet?" Bezüglich der Konsumtionsgewohnheiten der Amerikaner beruft sich Packard (S. 202 f.) auf Dr. Dichters Meinung, dergemäß die "Abkehr des Publikums vom, Puritaner-Komplex' die Macht dreier großer Kaufantriebe vergrößere: das Verlangen nach Behagen, nach Luxus und nach Prestige." Die Worte eines Geistlichen, Loring Chase, werden zitiert: "Der Sinn für das Maß im Leben geht verloren, wenn wir so schnell mit den Modellen vom letzten Jahr unzufrieden werden." Und wie Packard weiter unten fortsetzt: "Der Theologe Reinhold Niebuhr griff dieses Dilemma gleichfalls auf, indem er darauf hinwies, wie außerordentlich schwierig es sei, in einer Überfluß-Wirtschaft in 'den Stand der Gnade' zu gelangen. Und er fügte hinzu: 'Wir sind in Gefahr ... eine Kultur zu entfalten,

die Sklave ihres Produktionsprozesses ist ... und auf diese Weise das normale Verhältnis von Produktion und Konsumtion umzukehren."⁴⁴¹

⁴⁴¹ PACKARD, S. 182: Packard zitiert einen Artikel aus der Zeitschrift *Diesel Power*: "Unter 'human engineering' verstehen wir hier die Wissenschaft von der Formung und Einpassung der Haltung der Industriebelegschaften. Arbeitstechnisches Können und Fachkenntnis eines Arbeiters erfahren vermittelt 'human engineering' eine entsprechende Ergänzung durch die Fertigkeit, sich hinsichtlich Zusammenarbeit, Aufgabenbereich, Arbeitgeber und Kollegen einzupassen."

⁴⁴² MILLS ELITE, S. 191: "Im allgemeinen haben indessen die Wirtschaftsführer Amerikas eine Ideologie, die man als Konservatismus ohne Ideologie' bezeichnen kann. Sie sind konservativ, und wenn es aus keinem anderen Grunde wäre, als daß sie sich als eine Art Bruderschaft der Erfolgreichen fühlen. Sie sind ohne Ideologie, weil sie sich für praktisch' denkende Männer halten. Sie werfen keine Probleme auf, sie wählen nur zwischen den ihnen gebotenen Alternativen, und soweit sie doch eine Ideologie haben, muß sie von den Entscheidungen abgeleitet werden, die sie treffen." Auf Seite 382 schreibt Mills: "Das Bild, das man sich von Amerika als einem im wesentlichen progressiven, ja sogar radikalen Land macht, beruht auf der Fortgeschrittenheit seiner Technik und seltsamerweise auch auf den modischen Produkten seiner Unterhaltungs- und Vergnügungsindustrie. [...] Diese beiden Oberflächenbezirke menschlichen Lebens sind in Amerika und im Ausland oft mißdeutet worden, nämlich als Ausdruck des progressiven und dynamischen Amerika, während die Vereinigten Staaten in Wirklichkeit ein konservatives Land ohne konservative Ideologie sind."

⁴⁴³ MILLS ELITE, S. 208: Die "heutige amerikanische Elite hat keine echte Vorstellung vom Frieden mehr, es sei denn die einer unsicheren Atempause, deren Dauer nur durch gegenseitige Furcht gewährleistet ist und die jederzeit zu Ende sein kann. Der einzige, wirklich ernsthaft akzeptierte 'Friedens'-Plan ist der, die Hand am Abzug der scharfgeladenen Pistole zu haben. Kurzum, heute wird in den Vereinigten Staaten der Krieg oder doch mindestens die höchste Alarmbereitschaft für einen Krieg als der normale Zustand

angesehen, auf dessen Fortdauer man sich anscheinend einrichten muß." *Ibd.*, S. 328: "Die Männer in den Kommandostellen erkannten, daß die sich anbahnende Entwicklung in den großen Institutionen ihnen glänzende Möglichkeiten eröffnete. Es ist ganz natürlich, daß sie, nachdem sie erst einmal diese Einsicht gewonnen hatten, von den großen Chancen auch Gebrauch machten. Einige besonders weitsichtige Männer in allen drei institutionellen Bereichen[im Bereich der wirtschaftlichen, politischen und militärischen Organisationen] haben Querverbindungen aktiv gefördert, schon lange bevor sie ihre heutige Form annahmen. Die Gründe, die sie dafür hatten, wurden von ihren Partnern oftmals keineswegs geteilt, doch brachten diese auch keine Einwände dagegen vor. Häufig hatte das gegenseitige Bündnis Folgen, die keiner der Beteiligten vorausgesehen hatte. Diese Konsequenzen waren anfangs nur unklar zu erkennen und konnten erst später im Laufe der weiteren Entwicklung übersehen und kontrolliert werden. Den meisten Angehörigen der Macht-Elite kamen die Vorgänge erst zum Bewußtsein, als die Entwicklung schon weit fortgeschritten war."

- ⁴⁴⁴ MILLS ELITE, S. 348: "Es gibt in Wirklichkeit nur sehr wenig von dem, was man als lebendigen Wettstreit politischer Meinungen ansehen könnte. Stattdessen haben wir an der Spitze die Regierung und darunter nichts als ein politisches Vakuum."
- ⁴⁴⁵ MILLS ELITE, S. 389-410: "Die höhere Unmoral" ist der Titel des fünfzehnten Kapitels. Unter höherer Unmoral versteht Mills u. a. die weitverbreitete Korruption der Eliteschichten.
- ⁴⁴⁶ MILLS ELITE, S. 380: Mills zitiert Archibald Macleish: "Früher bedeutete Freiheit etwas, wovon man Gebrauch machte ... Heute ist sie zu etwas geworden, das man bewahren muß – zu etwas, das man beiseite legt und sorgfältig aufbewahrt wie irgendeinen anderen wertvollen Gegenstand – wie einen Besitztitel oder eine Aktie, die ihren Platz im Safe einer Bank hat."
- ⁴⁴⁷ MILLS ELITE, S. 386: Mills schreibt, daß "die höheren Kreise Amerikas zur Verkörperung des amerikanischen Systems der organisierten Verantwortungslosigkeit geworden" sind.
- ⁴⁴⁸ MILLS BÜRO, S. 463 f.: "In einem entpersönlichten, weitgehend anonymen System können die Reaktionen der Menschen nur schwer eine Richtung finden. Unbestimmte Ängstlichkeit verdrängt

die gewisse Furcht, allgemeine Unsicherheit die bestimmten Sorgen. Niemand scheint recht zu wissen, wer wirklich die Macht hat, denn das verwickelte und geheimnisvolle System scheint häufig auf einer zwar sehr komplizierten, aber doch organisierten Verantwortungslosigkeit zu beruhen."

⁴⁴⁹ MILLS ELITE, S. 360 f.: "Der gebildete Mensch ist in einer echten demokratischen Öffentlichkeit in der Lage, seine persönlichen Sorgen in ihren gesellschaftlichen Zusammenhängen zu erkennen, ihre Bedeutung für das Gemeinwesen und die Bedeutung des Gemeinwesens für sie zu begreifen. Er weiß, daß das, was er als seine eigensten Sorgen und Probleme empfindet, sehr oft auch seine Nachbarn bedrückt und in Wahrheit gar nicht vom Einzelnen gemeistert werden kann, sondern nur durch eine Abwandlung der Gruppenstruktur und manchmal sogar nur durch Veränderung der Gesamtgesellschaft. - Die Menschen der Massengesellschaft leiden unter persönlichen Sorgen, aber ihre wahre Bedeutung und Ursache ist ihnen verborgen. Die Menschen einer demokratischen Öffentlichkeit erkennen die wahren Probleme und sind sich der Zusammenhänge bewußt. Die Aufgabe einer allgemeinbildenden Erziehung - wie auch des allgemeingebildeten Menschen - ist es, unablässig persönliche Schwierigkeiten auf die gesellschaftliche Ebene zu übertragen, so daß sie zu öffentlichen Angelegenheiten werden, und umgekehrt, öffentliche Angelegenheiten auf ihre rein menschliche Bedeutung für den Einzelnen zurückzuführen."

⁴⁵⁰ MILLS ELITE, S. 164: "Wenn erfolgreiche Wirtschaftsführer auf ihre eigene Laufbahn zurückblicken, so betonen sie sehr häufig, daß sie auch 'etwas Glück' gehabt haben. Was meinen sie damit? Wir wissen von George Humphrey, daß er den Grundsatz hat, Mitarbeiter heranzuziehen, die 'Glück haben'. Überträgt man das aus der Sphäre des Aberglaubens in die Wirklichkeit, so bedeutet es eine Anhäufung von Erfolgen im Rahmen der Konzerttätigkeit."

⁴⁵¹ MILLS KONSEQUENZ, S. 235 f.: "In Amerika und in Rußland - auf verschiedene Art, aber oft mit erschreckender Konvergenz - erfolgt heute der Aufstieg des munteren Roboters, des technologischen Idioten, des Querkopffrealisten. Alle diese Typen verkörpern ein gemeinsames Ethos: Rationalismus ohne Vernunft."

⁴⁵² FROMM, S. 152: "The use of the term 'authoritarian conscience' in reference to our culture may surprise the reader, since we are

accustomed to think of authoritarian attitudes as being characteristic only of authoritarian, nondemocratic cultures; but such a view underestimates the strength of authoritarian elements, especially the role of anonymous authority operating in the contemporary family and society."

453 ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 291 f.: "Sobald es keine Gesellschaftsklasse mehr in der Unterdrückung zu halten gibt, sobald mit der Klassenherrschaft und dem in der bisherigen Anarchie der Produktion begründeten Kampf ums Einzeldasein auch die entspringenden Kollisionen und Exzesse beseitigt sind, gibt es nichts mehr zu reprimieren, das eine besondere Repressionsgewalt, einen Staat, nötig machte. [...] An Stelle der Regierung über Personen tritt die Verwaltung von Sachen und die Leitung von Produktionsprozessen. Der Staat wird nicht, abgeschafft', *er stirbt ab.*"

454 JELLINEK, S. 338 f.: "Für die Einsicht in die Entwicklung von Recht und Sittlichkeit ist die Erkenntnis der normativen Kraft des Faktischen von der höchsten Bedeutung. Die Befehle priesterlicher und staatlicher Autoritäten werden zunächst, sei es aus Furcht, sei es aus einem anderen Motive, befolgt, und daraus entwickelt sich die Vorstellung, daß der oftmals wiederholte Befehl selbst, losgelöst von seiner Quelle, kraft seiner inneren verpflichtenden Kraft eine schlechthin zu befolgende, also sittliche Norm sei. Alle imperative religiöse Moral begründet ihre Sätze damit, daß sie faktischer Willensinhalt einer schlechthin anzuerkennenden Autorität sei. 'Denn ich bin der Herr, euer Gott', lautet die Motivierung der altjüdischen Ethik. Die ältesten religiösen Formulierungen ethischer Sätze werden stets in absoluter Form ausgedrückt; sie werden zwar mit Sanktionen, aber nicht mit Motiven versehen; ihr Rechtfertigungsgrund liegt in ihrem Dasein."

455 Cf. nota. 24.

456 Cf. nota. 24.

457 WEBER POL. SCHRIFTEN, S. 413: "Die gewaltige Nachwirkung des römischen Rechts, wie es der bürokratische spätrömische Staat umgebildet hatte, tritt in nichts deutlicher hervor als darin: daß überall die Revolutionierung des politischen Betriebs im Sinne der Entwicklung zum rationalen Staat von geschulten Juristen getragen wurde."

- 458 MARX-ENGELS, Bd. 17, S. 539: Trata-se do início da parte final "Der Charakter der Kommune" do *Ersten Entwurfs zum Bürgerkrieg in Frankreich*.
- 459 WEBER RECHTSSOZIOLOGIE, S. 287: Die moderne soziale Entwicklung zeitigt "allgemeine Motive, welche den formalen Rechtsrationalismus abschwächen. Direkt irrationale 'Kadijustiz' wird heute in der Strafrechtspflege in weitem Umfang von der 'populären' Rechtspflege der Geschworenen geübt. Sie kommt dem Empfinden der nicht fachjuristisch geschulten Laien, deren Gefühl der Formalismus des Rechts im konkreten Fall immer wieder beleidigen muß, und überdies den Instinkten der nichtprivilegierten Klassen entgegen, welche materiale Gerechtigkeit verlangen."
- 460 WEBER WIRTSCHAFT, S. 148: "Die Veralltäglicung des Charismas ist in sehr wesentlicher Hinsicht identisch mit Anpassung an die Bedingungen der Wirtschaft als der kontinuierlich wirkenden Alltagsmacht. Die Wirtschaft ist *dabei* führend, nicht geführt. In weitestgehendem Maße dient hierbei die erb- oder amtscharismatische Umbildung als Mittel der *Legitimierung* bestehender oder erworbener Verfügungsgewalten."
- 461 MILLS ELITE, S. 394: "Die Gesetze zu umgehen ist zwar illegal, aber es gilt als 'smart', nicht dabei ertappt zu werden. Gesetze, denen keine moralischen Konventionen entsprechen, laden zur Überschreitung ein; und was noch wichtiger ist: Sie begünstigen die Entwicklung einer unmoralischen, nur auf den eigenen Vorteil bedachten Geisteshaltung."
- 462 MARX-ENGELS, 1. Abt., Bd. 5, S. 160: Trata-se dos comentários acerca da Revolução Francesa no Ponto III. de "Die Hierarchie" de *A ideologia alemã*.
- 463 Cf. nota. 453.
- 464 Cf. nota. 454.
- 465 ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 98: "Und wie die Gesellschaft sich bisher in Klassengegensätzen bewegte, so war die Moral stets eine Klassenmoral; entweder rechtfertigte sie die Herrschaft und die Interessen der herrschenden Klasse, oder aber sie vertrat, sobald die unterdrückte Klasse mächtig genug wurde, die Empörung gegen diese Herrschaft und die Zukunftsinteressen der Unterdrückten. Daß dabei im ganzen und großen für die Moral sowohl, wie für alle

ändern Zweige der menschlichen Erkenntnis ein Fortschritt zustande gekommen ist, daran wird nicht gezweifelt. Aber über die Klassenmoral sind wir noch nicht hinaus. Eine über den Klassengegensätzen und über der Erinnerung an sie stehende, wirklich menschliche Moral wird erst möglich auf einer Gesellschaftsstufe, die den Klassengegensatz nicht nur überwunden, sondern auch für die Praxis des Lebens vergessen hat."

- ⁴⁶⁶ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 294: "Mit der Besitzergreifung der Produktionsmittel durch die Gesellschaft ist die Warenproduktion beseitigt und damit die Herrschaft des Produkts über die Produzenten. Die Anarchie innerhalb der gesellschaftlichen Produktion wird ersetzt durch planmäßige bewußte Organisation. Der Kampf ums Einzeldasein hört auf."
- ⁴⁶⁷ BENSE, S. 44: Es "gibt nur ein einziges Kriterium für die Moralität der Handlung: ihr widerspruchsfreies Fungieren im System anderer Handlungen. Und das ist eine zugleich existentielle wie rationale Bestimmung des Moralischen; sie ist existentiell, weil sie im Medium des Zweifels den freien Willen, die Entscheidung herausfordert, und sie ist rational, weil sie diese Herausforderung dem Beweis auszusetzen vermag."
- ⁴⁶⁸ BENSE, S. 45 f.: Lukács assinalou as seguintes passagens: "Jede Macht kulminiert in einem Zustand, in dem sie keinen kosmologischen, seinsmäßigen Rang mehr besitzt, sondern ausschließlich die Entstellung repräsentiert. Macht ist entstelltes Sein. Sie kann nicht deduziert werden. Man kann nur an ihr zweifeln.[...] Es handelt sich um eine der verhängnisvollsten und folgenreichsten Phänomene der allgemeinen Geschichte: um die eschatologische Reduktion der Wahrheit auf die Macht, der Theoreme auf Urteile, der Realität auf ihre Entstellung, des Rechts auf pure Exekution.[...] Die Theorie wird zur Ideologie und die Wahrheit eine Form des Existierens, das nicht des Beweises, sondern der Nachfolge bedarf."
- ⁴⁶⁹ DIDEROT, Bd. 3, S. 282: In der Schrift "Essai sur les règnes de Claude et de Néron et sur la vie et les écrits de Seneque, pour servir d'introduction à la lecture de ce philosophie 1778-1782" heißt es: "C'est que les passions ne sont pas des vices: selon l'usage qu'on en fait, ce sont ou des vices ou des vertus. Les grandes passions

anéantissent les fantaisies, qui naissent toutes de la frivolité et de l'ennui. Je ne conçois pas comment un être sensible peut agir sans passion. Le magistrat juge sans passion; mais c'est par goût ou par passion qu'il est magistrat."

⁴⁷⁰ MEGA, Abt. 1, Bd. 1/1, S. 594: In der Abhandlung "Zur Judenfrage" schreibt Marx u. a.: Das "Menschenrecht der Freiheit basiert nicht auf der Verbindung des Menschen mit dem Menschen, sondern vielmehr auf der Absonderung des Menschen von dem Menschen. Es ist das *Recht* dieser Absonderung, das Recht des *beschränkten*, auf sich beschränkten Individuums".

⁴⁷¹ BRECHT, Bd. 8, S. 162 f.: Auf Andreas' Ausspruch "Unglücklich das Land, das keine Helden hat", erwidert Galilei: "Nein. Unglücklich das Land, das Helden nötig hat."

⁴⁷² Cf. nota. 465.

⁴⁷³ ENGELS ANTI-DÜHRING, S. 118: "Freiheit besteht[...] in der auf Erkenntnis der Naturnotwendigkeiten gegründeten Herrschaft über uns selbst und über die äußere Natur; sie ist damit notwendig ein Produkt der geschichtlichen Entwicklung."

⁴⁷⁴ Cf. nota. 466.

⁴⁷⁵ Cf. nota. 467.

⁴⁷⁶ Cf. nota. 468.

⁴⁷⁷ Cf. nota. 468

⁴⁷⁸ BENNE, S. 56: "Der moderne Intellektuelle bewegt sich also notwendig über Marx zu Hegel zurück. Er rezipiert den Ursprung der ökonomischen Dialektik, die Dialektik des Selbstbewußtseins. Die 'Phaenomeno-logie des Geistes' ist für ihn wesentlicher als das 'Kapital'. Das Verhältnis zwischen 'Herr' und 'Knecht' ist für ihn sehr viel weniger eine Frage materieller als intellektueller Verhältnisse; Eigentum bedeutet nicht den Besitz materieller Habe, sondern die Bestätigung des Selbstbewußtseins in überlassenen Entscheidungen. Links stehen[...] daß heißt somit das Bewußtsein einer Intelligenz haben, der man Entscheidungen überlassen hat und deren Bestand und Funktion für die intelligible Sphäre der technischen Welt zwar als unerlässlich zugestanden wird, die aber dennoch von der Partizipation an der Macht ausgeschlossen bleibt, mindestens realiter ausgeschlossen bleibt."

- 479 SENECA, Bd. 4, S. 118 f.: Lukács assinalou as seguintes passagens da 23ª carta de Seneca: "Hältst du es für billiger, daß du der Natur oder daß die Natur dir gehorche?" Denn "um lange zu leben, bedarf es der Gunst des Schicksals, um genügend lange zu leben, der Regsamkeit des Geistes. Das Leben ist lang, wenn es seinen vollen Inhalt hat." "Mag auch die Zahl seiner Jahre gering sein, sein Leben ist doch ein vollkommenes." "Nach der Tatenfülle sollen wir es messen, nicht nach der Zeit." "Der eine lebt auch nach dem Tode noch, der andere ist schon vor seinem Tode zunichte geworden." "Er hat nicht nur gelebt, sondern auch gewirkt." "Ich habe", schreibt Seneca, "jeden Tag als den möglicherweise letzten angesehen."
- 480 DIDEROT, Bd. 3, S. 262: "Combien d'années Caton a-t-il vécu? Caton vit encore; il s'adresse à nous, il s'adresse à nos neveux. Il a laissé sur la terre le modele impérissable de l'homme vertueux."
- 481 Cf. nota. 469.
- 482 MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 3, S. 346: Nos comentários de Marx e Engels sobre uma personagem do romance de Eugen Sue, "Marie", Lukács assinalou o seguinte: "Wir finden Marie mitten unter Verbrechern als Freudenmädchen, als Leibeigene der Wirtin der Verbrecherkneipe. Innerhalb dieser Erniedrigung bewahrt sie einen menschlichen Seelenadel, eine menschliche Unbefangenheit und eine menschliche Schönheit, welche ihrer Umgebung imponieren, sie zur poetischen Blume des Verbrecherkreises erheben, und ihr den Namen Fleur de Marie erwerben.[...] Bei aller Zartheit gibt Fleur de Marie sogleich Beweise von Lebensmut, Energie, Heiterkeit, Elastizität des Charakters, von Eigenschaften, welche allein ihre menschliche Entfaltung innerhalb ihrer *entmenschten* Lagen erklären können. fr..] Endlich spricht sie, im Gegensatz zur christlichen *Rene*, über die Vergangenheit den zugleich *stoischen* und *epikuräischen*, den menschlichen Grundsatz einer Freien und Starken aus: '*Enfin de qui est fait, est fait*'."
- 483 SENECA, Bd. 3, S. 41: Im dreizehnten Brief "Laß nie die Furcht vor künftigem Unheil über dich Herr werden" schreibt Seneca: "Man nehme die Wahrscheinlichkeit eines kommenden Übels an; aber darum ist es noch nicht *wabr*. Wie vieles nicht Erwartete ist eingetreten, wie vieles Erwartete ist nirgends zum Vorschein gekommen! Auch wenn es wirklich bevorsteht, was nützt es,

seinem Schmerze halbwegs entgegen zu kommen? Es ist noch Zeit genug für dich zum Kummer, wenn er gekommen ist: einstweilen aber tröste dich mit der Erwartung des Besseren. Und der Gewinn dabei? Zeit! Noch vieles kann inzwischen eintreten, wodurch die heranziehende oder auch schon ganz in die Nähe gerückte Gefahr entweder zum Stillstand kommt oder verschwindet oder sich auf das Haupt eines anderen entlädt." S. 86: "Es ist unzweifelhaft eine Torheit, schon jetzt unglücklich zu sein, weil man dereinst einmal unglücklich sein wird.[...] Wenn du aller Bekümmernis ledig werden willst, so stelle dir vor, daß alles, dessen Eintreten du befürchtest, auch unbedingt eintreten wird, und miß bei dir die Größe des Übels, welcher Art es auch sei, ab und veranschlage deine Furcht: da wirst du gewiß zu der Einsicht kommen, daß, was du fürchtest, entweder nicht erheblich oder nicht von Dauer ist."

⁴⁸⁴ NOVALIS, Bd. 4, S. 231 bzw. 224: Lukács refere-se aos comentários da segunda parte que se inicia com: "Wann wird es doch, sagte Heinrich, gar keiner Schrecken, keiner Schmerzen, keiner Not und keines Übels mehr im Weltall bedürfen?" bzw. "Wo gehn wir denn hin? - Immer nach Hause."

⁴⁸⁵ GOETHE, Bd. 14, S. 56.

⁴⁸⁶ GOETHE, Bd. 5, S. 22: Lukács assinalou a última estrofe do poema "Offenbar Geheimnis": "Du aber bist mystisch rein, / Weil sie dich nicht verstehn, / Denn du, ohne fromm zu sein, selig bist! / Das wollen sie dir nicht zugestehen."

⁴⁸⁷ LA ROCHEFOUCAULD, S. 357 f.: Es handelt sich um die ersten Seiten des Teils "Réflexions diverses", wo es u. a. heißt: "Le vrai, dans quelque sujet qu'il se trouve, ne peut être effacé par aucune comparaison d'un autre vrai, et quelque différence qui puisse être entre deux sujets, ce qui est vrai dans l'un n'efface point ce qui est vrai dans l'autre[...] Quelque disproportion qu'il y ait entre deux maisons qui ont les beautés qui leur conviennent, elles ne s'effacent point Pune par l'autre."

⁴⁸⁸ NESTLE, S. 199: "Wird der Weise etwas tun, was die Gesetze verbieten, wenn er weiß, daß es verborgen bleiben wird? Eine einfache Antwort hierauf zu geben, ist nicht leicht." Cf. nota. 107.

⁴⁸⁹ Cf. nota. 107.

⁴⁹⁰ SENECA, Bd. 4, S. 138: Im vierundneunzigsten Brief "Kritik der Ansicht des Stoikers Ariston von Choïs etc." steht: " 'Die Philosophie', sagt Ariston, 'umfaßt zwei Teile: das Wissen und die Seelenverfassung. Denn wer den Lehrgang durchgemacht und richtig begriffen hat, was zu tun und was zu meiden ist, der ist noch nicht weise und zwar nicht eher, als bis er eine innere Umwandlung durchgemacht hat, durch die seine Seele ganz mit dem, was sie erlernt hat, verschmolzen ist.' "

⁴⁹¹ Cf. nota. 483.

⁴⁹² HARTMANN ETHIK, S. 256 f.: "Der Kantische Rigorismus spricht es geradezu allgemein so aus: sittlichen Wert habe nur diejenige Handlung, die 'um des Gesetzes willen' geschehe; es genügt nicht, daß sie dem Gesetz gemäß sei, das Gesetz muß auch ihr alleiniger Bestimmungsgrund, seine Erfüllung ihr Endzweck sein.[...] Das ist eine offenkundige Verfälschung des in der sittlichen Handlung gegebenen Sachverhalts. Der Zweck des Wahrhaftigen ist gar nicht, selbst wahrhaft zu sein, sondern dieses, daß derjenige, zu dem er spricht, die Wahrheit erfahre; ebenso der Zweck des Hochherzigen oder Liebevollen ist nicht, hochherzig oder liebevoll zu sein, sondern dieses, daß der Andere, den er etwa beschenkt oder erfreut, das Geschenk oder die Freude habe. Er schenkt wohl aus Liebe, aber nicht um der Liebe willen.[...] Sittlich wertvoll ist die Handlung freilich auch gerade durch ihren Zweck, aber nicht sofern der Zweck den sittlichen Wert der Handlung zum Inhalt hat; freilich auch nicht einfach sofern er Güter zum Inhalt hat, wohl aber sofern er eine bestimmte Beziehung von Gütern und Personen zum Inhalt hat."

⁴⁹³ HARTMANN ETHIK, S. 149: Auf der gegebenen Seite führt Hartmann seine Konzeption von der Apriorität der Werte aus, die für ihn "die Unabhängigkeit vom Dafürhalten des Subjekts - nicht mehr und nicht weniger" bedeutet.

⁴⁹⁴ M 10, 1-12.

⁴⁹⁵ FROMM, S. 162 f.: "One form of this anxiety is the fear of death; not the normal fear of having to die which every human being experiences in the contemplation of death, but a horror of dying by which people can be possessed constantly. This irrational fear of death results from the failure of having lived; it is the expression of our guilty conscience for having wasted our life and missed the

chance of productive use of our capacities. To die is poignantly bitter, but the idea of having to die without having lived is unbearable.[...] The unproductive person, however, indeed deteriorates in his whole personality when his physical vigor, which had been the main spring of his activities, dries up. The decay of the personality in old age is a Symptom: it is the proof of the failure of having lived productively. The fear of getting old is an expression of the feeling - often unconscious - of living unproductively; it is a reaction of our conscience to the mutilation of our selves."

⁴⁹⁶ HOBBS, S. 445 f.: "Entstehen im menschlichen Geist abwechslungsweise Neigungen und Abneigungen, Hoffnungen und Befürchtungen, die ein- und dasselbe Ding betreffen, und fallen uns nacheinander gute und schlechte Folgen ein, die sich ergeben, wenn wir das in Frage stehende Ding tun oder unterlassen, so daß wir manchmal eine Neigung dazu, manchmal eine Abneigung dagegen verspüren und manchmal hoffen, dazu in der Lage zu sein, dann wieder verzweifeln oder uns davor fürchten, es zu versuchen, so nennen wir die gesamte Summe der Verlangen, Abneigungen, Hoffnungen und Befürchtungen, die sich fortsetzen, bis das Ding entweder getan oder für unmöglich gehalten wird, *Überlegung*.[...] Und *Überlegung* wird dies deshalb genannt, weil wir damit der *Freiheit* des Tuns oder Unterlassens, die wir zuvor je nach unserer Neigung oder Abneigung hatten, ein Ende setzen.[...] *Wille ist [...] die Neigung, die beim Überlegen am Schluß überwiegt.* "

⁴⁹⁷ SPINOZA, S. 109 Lukács se refere à nona definição da terceira parte "Von dem Ursprung und der Natur der Affekte".

⁴⁹⁸ SPINOZA, S. 109: Essa proposição se denomina: "Die Seele strebt sowohl sofern sie klare und deutliche, als auch sofern sie verworrene Ideen hat, in ihrem Sein auf unbestimmte Dauer zu beharren, und ist sich dieses ihres Strebens bewußt." Lukács assinalou com uma marca as seguintes passagens: "Wenn dieses Streben auf die Seele allein bezogen wird, nennt man es Wille, dagegen wenn es auf Seele und Körper zugleich bezogen wird, heißt es Trieb. Dieser ist daher nichts anderes, als des Menschen Wesenheit selbst, aus deren Natur das, was zu ihrer Erhaltung dient, notwendig folgt; und demnach ist der Mensch bestimmt, dies zu tun.[...] Begierde ist Trieb mit dem Bewußtsein des Triebes."

- 499 SPINOZA, S. 173 A passagem referida por Lukács da quarta parte da *Ética* é denominada: "Vollkommenheit[...] und Unvollkommenheit sind in Wahrheit nur Modi des Denkens, nämlich Begriffe, die wir uns auf Grund davon einzubilden pflegen, daß wir die Individuen der selben Art oder der selben Gattung miteinander vergleichen: und aus dieser Ursache habe ich oben (Definition 6 des 2. Teils) gesagt, daß ich unter Realität und Vollkommenheit das selbe verstehe."
- 500 SPINOZA, S. 174: "Was das Gute und das Schlechte anlangt, so bezeichnen diese Ausdrücke auch nichts Positives in den Dingen, wenn man die Dinge nämlich an sich selbst betrachtet; es sind auch nur Modi des Denkens oder Begriffe, die wir dadurch bilden, daß wir die Dinge miteinander vergleichen. Denn ein und das selbe Ding kann zu der selben Zeit gut und schlecht, und auch indifferent sein."
- 501 SPINOZA, S. 175: "Definitionen - 1. Unter gut werde ich das verstehen, wovon wir gewiß wissen, daß es uns nützlich ist."
- 502 SPINOZA, S. 176: "7. Unter dem Zweck, dessentwegen wir etwas tun, verstehe ich den Trieb." Lukács não marcou a terceira, quarta e oitava definições: "3. Ich nenne Einzeldinge zufällig, sofern wir, wenn wir bloß ihre Wesenheit ins Auge fassen, nicht finden, was ihre Existenz notwendig setzt, oder was sie notwendig ausschließt. - 4. Die selben Einzeldinge nenne ich möglich, sofern wir, wenn wir die Ursachen, von denen sie hervorgebracht werden müssen, ins Auge fassen, nicht wissen, ob diese bestimmt sind, sie hervorzubringen. - [...] 8. Unter Tugend und Kraft verstehe ich das selbe; das heißt (nach Lehrsatz 7 des 3. Teils) Tugend, sofern sie auf den Menschen bezogen wird, ist die Wesenheit des Menschen oder seine Natur selbst, sofern es in seiner Gewalt steht, etwas zu bewirken, was durch die bloßen Gesetze seiner Natur eingesehen werden kann."
- 503 SHAKESPEARE, Bd. 6, S. 64: Lukács assinalou as seguintes falas de Hamlet na segunda cena do segundo ato: "Nun, so ist es keiner für euch, denn an sich ist nichts weder gut noch böse, das Denken macht es erst dazu. Für mich ist es ein Gefängniß."
- 504 HARNACK, S. 130: "Was heute in den Kirchen eine vertrocknete Reliquie ist, war damals nicht nur *ein*, sondern nahezu *das* Hauptstück der Verkündigung vom Erlöser. In der Unterwelt

befanden sich nach Marcion sowohl die Verworfenen als auch *die Gerechten* des Schöpfers, wenn auch in verschiedenen Abteilungen und in verschiedener Lage[...] Indem aber Marcion seinen Christus in die Unterwelt bringen mußte, mußte es sich entscheiden, welcher von den beiden Gesichtspunkten für ihn der übergeordnete war, ob der Gesichtspunkt, nach welchem die Beobachtung der Moral 'gut' ist gegenüber Sünde und Verbrechen[...], oder der Gesichtspunkt, nach welchem diese Beobachtung, wenn sie als '*das Gute*' gilt, das schwerste Hemmnis ist, um sich von der barmherzigen Liebe finden und ergreifen zu lassen. Die Entscheidung konnte nicht zweifelhaft sein. Abel, Henoch, Abraham, Moses usw. konnten nicht gerettet werden; denn ihre Beobachtung der Moral stand im Dienste des Gottes, der mit seiner Norm 'Auge um Auge' der schlimmste Gegner des guten Gottes ist. Ihm hatten sie sich ganz ergeben in Furcht und Zittern, Glaube und Mißtrauen."

⁵⁰⁵ Cf. nota. 484

⁵⁰⁶ Indicação não pôde ser indentificada com base na Biblioteca de Lukács. Cf., p. Ex.. *Appellation an das Publikum – Dokumente zum Atheismusstreit um Fichte, Forberg, Niethammer. Jena 1798/99* (Hrsg. W. Röhr) Leipzig: Verlag Philipp Reclam jun., 1987.

⁵⁰⁷ Indicação não pôde ser indentificada com base na Biblioteca de Lukács. Cf., p. Ex.. *Appellation an das Publikum – Dokumente zum Atheismusstreit um Fichte, Forberg, Niethammer. Jena 1798/99* (Hrsg. W. Röhr) Leipzig: Verlag Philipp Reclam jun., 1987.

⁵⁰⁸ KIERKEGAARD NACHSCHRIFT, Bd. 2, S. 2: "Die Wirklichkeit der Abstraktion zeigt sich gerade bei allen Existenzfragen, wo die Abstraktion die Schwierigkeit entfernt, indem sie sie ausläßt und sich dann rühmt alles zu erklären. Sie erklärt die Unsterblichkeit überhaupt, und siehe da, es geht ausgezeichnet, indem Unsterblichkeit mit Ewigkeit identisch wird, mit der Ewigkeit, welche wesentlich Medium des Gedankens ist. Ob aber ein einzelner existierender Mensch unsterblich ist, worin gerade die Schwierigkeit liegt, darum kümmert sich die Abstraktion nicht. Sie ist interesselos, aber die Schwierigkeit der Existenz besteht in dem Interesse des Existierenden und daß den Existierenden das Existieren unendlich interessiert."

⁵⁰⁹ BARTH, S. 62: "Der christliche Glaube ist grundsätzlich frei allen Weltbildern gegenüber, d. h. allen Versuchen gegenüber, das

Seiende zu verstehen nach Maßgabe und mit den Mitteln der jeweils herrschenden Wissenschaft."

⁵¹⁰ MESCHKOWSKI, S. 77: In der Kirche sieht man meist die Situation zwischen Naturwissenschaft und Religion folgenderweise: "Der Forscher hat es mit dem zu tun, was im Lichte seiner Verfahren erkennbar ist. Das ist nicht viel und nicht das, was menschlich wichtig ist. Das andere ist das Feld der religiösen Intuition oder der göttlichen Offenbarung. Dabei ist der religiöse Mensch im allgemeinen bereit, dem Forscher die Freiheit des Arbeitens in seiner Sphäre zuzusprechen, ohne ihn mit dogmatischen Einwänden zu behelligen. – So ähnlich etwa sieht Karl Barth die Situation. Er schreibt im Vorwort zum 3. Band seiner Dogmatik (C 19) über das Verhältnis zwischen Theologie und Naturwissenschaft, 'daß es hinsichtlich dessen, was die Heilige Schrift und die christliche Kirche unter Gottes Schöpferwerk versteht, schlechterdings keine naturwissenschaftliche Fragen, Einwände oder auch Hilfeleistungen geben kann ... Die Naturwissenschaft hat freien Raum jenseits dessen, was die Theologie als Werk des Schöpfers zu beschreiben hat. Und die Theologie darf und muß sich da frei bewegen, wo eine Naturwissenschaft, die nur das und nicht eine heidnische Gnosis und Religionslehre ist, ihre gegebene Grenze hat.' "

⁵¹¹ Cf. nota. 485.

⁵¹² FROMM, S. 199: Lukács assinalou os seguintes comentários: "Is faith by necessity in contrast to, or divorced from, rational thinking? I shall attempt to show that these questions can be answered by considering faith to be a basic *attitude* of a person, a character trait which pervades all his experiences, which enables a man to face reality without illusions and yet to live by his faith.[...] For the understanding of this problem it may be helpful to approach it by first discussing the problem of doubt. Doubt, too, is usually understood as doubt or perplexity concerning this or that assumption, idea, or person, but it can also be described as an *attitude* which permeates one's personality, so that the particular object on which one fastens one's doubt is of but secondary importance. In order to understand the phenomenon of doubt, one must differentiate between *rational* and *irrational* doubt. [...] Irrational doubt is not the intellectual reaction to an improper or plainly

mistaken assumption, but rather the doubt which colors a person's life emotionally and intellectually. To him, there is no experience in any sphere of life which has the quality of certainty; every- thing is doubtful, nothing is certain."

⁵¹³ Cf. nota. 485.

⁵¹⁴ Cf. nota. 486.

⁵¹⁵ Cf. nota. 487.

⁵¹⁶ Cf. nota. 487.

⁵¹⁷ JAEGER, S. 182: An der angegebenen Stelle analysiert Jaeger die Bedeutung von οὐσία aufgrund des zwölften Buches der *Metaphysik* von Aristoteles

⁵¹⁸ ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 373: In dem Übersetzungsregister gibt der Übersetzer Bassenge οὐσία als "Wesen" wieder.

⁵¹⁹ JAEGER, S. 190 f.: "Die Hauptschwierigkeit ergibt sich in *Metaphysik* 1086 ^a35-^b13] daraus, daß man die Ideen zugleich als Allgemeines (Καζόλου) faßt und dann wieder als für sich Seiendes und gewissermaßen wie eine neue Art von Einzeldingen (τὸν ἑΚαστον). Der Grund dieses eigentümlich schillernden Doppelcharakters war der, daß Platon den Dingen der Erscheinungswelt das Sein absprach, weil er durch Heraklit zu der Ansicht gekommen war, alles Wahrnehmbare, sinnlich Einzelne sei in beständigem Fluß und ohne dauernden Bestand. Andererseits hatte sich aus den ethischen Untersuchungen des Sokrates indirekt die neue, wichtige Erkenntnis ergeben, daß es Wissenschaft nur vom Allgemeinen gibt. Sokrates hatte allerdings die Begriffe von den realen Gegenständen noch nicht abstrahiert und für getrennt erklärt. Platon ging dann weiter und hypostasierte - nach Aristoteles' retrospektiver Auffassung - die Allgemeinbegriffe als die wahre οὐσία ."

⁵²⁰ ARISTOTELES METAPHYSIK, S. 163: Nach der Unterscheidung zwischen Entstehen durch Natur und Entstehen als Hervorbringung schreibt Aristoteles über diese letzte u. a.: "Alle Hervorbringungen beruhen entweder auf Kunst oder auf Vermögen oder auf Überlegung."

- 521 HARTMANN TELEOLOGIE, S. 65-71: Lukács refere-se à parte "Die unvollständige Finalanalyse des Aristoteles" do sétimo capítulo.
- 522 HARTMANN TELEOLOGIE, S. 67: Hartmann hebt hervor, daß Aristoteles "die Ausdehnung des Finalprinzips auf Prozesse, die nicht von einem Bewußtsein geleitet sind, ausschließt."
- 523 HARTMANN ETHIK, S. 568-571: In der Analyse der Aristotelischen Mitte schreibt Hartmann u. a.: "Steckt in der *μεσότη* eine Wertsynthese, so setzt sie die Antithetik der Wertelemente schon voraus; es stecken also in ihr tatsächlich immer schon zwei Werte. Das heißt aber, daß sich das früher gebrachte Schema der Parabel, welches im Kulminationspunkt die apexf] zeigt [...], zwanglos in das Schema der Gegensätze [...] einzeichnen läßt; die Gesetzlichkeit des einen findet sich in der des anderen genau bestätigt [...]. Die *ἀετή* ist die Synthese der einseitigen Wertmomente A und B [...], da nun sowohl A als B außerdem ihre Unwerte sich gegenüber haben, so ist die *οὐσία*) auf zwei Unwerte als Gegensätze bezogen."
- 524 OLSCHKI, S. 363: Für die Naturwissenschaftler des 17. Jahrhunderts "erscheint das Dogma des zum Dienste der Menschheit erschaffenen Weltalls als bloßer Zweckmäßighkeitsstandpunkt, der bei der Betrachtung der Größenverhältnisse von Erde und Universum als sinnwidrig und kleinlich ausgeschaltet werden muß". Bezüglich der Seite 384 Cf. nota. 253.
- 525 HEER-II, S. 358: "Die Erde wäre wertlos, wenn sie der schönste Kristall, das herrlichste Bauwerk wäre, unveränderlich, unzerstörbar, unbeweglich. Jene, die so sehr ihre Unzerstörbarkeit und Unwandelbarkeit preisen, sagen das, weil sie hier verweilen wollen, aus Angst vor dem Tode. (Damit enthüllt Sagredo-Galilei eines der Existenzgeheimnisse des Barock, seine antik-heidnische Todesangst und Weltsüchtigkeit.)"
- 526 Ibidem.
- 527 BLOCH ARISTOTELES, S. 33 f.: "Aristoteles hatte den Stoff als das 'dynamei on', das bloße In-Möglichkeit-Sein definiert, als das an sich Bestimmungslose, das, wie Wachs, die Form passiv aufnimmt und sich abdrücken läßt. Die Form (Zielursache, Zielgestalt, Entelechie) ist das einzig hierbei aktiv Wirksame; und die oberste

Form, der gänzlich stoff- freie actus purus ist der Nus, der reine Denkgott.[...] bereits Straton, das dritte Haupt der peripatetischen Schule, schwächte den Theismus des reinen Nus sowie seine Abtrennung vom Stoff bedeutend ab.[...] Die Entwicklungslinie durch Alexander von Aphrodisias, Avicenna, Avicbron und Averroes!, vom Aristotelischen Materie-Form-Begriff her, und ihr Effekt: die Aufhebung der göttlichen Potenz selber in der aktiven Po- tentialität der Materie: das vorzüglich ist der Weg der Aristotelischen Linken."

- 528 BLOCH ARISTOTELES, S. 56: "Spinozas Pantheismus zeigt ein noch bruchloseres Ineinander der Immanenz [verglichen mit Bruno], wobei er es nicht mehr nötig findet, sich im Stoff-Form-Verhältnis des Aristoteles und seiner Linken terminologisch-sachlich zu bewegen."
- 529 ARISTOTELES NE: Trata-se do capítulo 15 do livro 5.
- 530 ARISTOTELES NE, S. 120: Zu "einem Teil besteht die Verwirklichung der Gerechtigkeit in den Akten, die vom Gesetz im Bereich jeder einzelnen ethischen Trefflichkeit befohlen sind. Zum Beispiel gebietet das Gesetz nicht, sich selbst zu töten. Was es aber nicht (ausdrücklich) gebietet, das verbietet es."
- 531 ARISTOTELES NE, S. 120: Niemand "handelt unrecht, ohne bestimmte Unrechte Einzelhandlungen zu begehen, aber niemand kann mit seiner eigenen Frau Ehebruch treiben oder in sein eigenes Haus einbrechen oder seine eigenen Sachen stehlen".
- 532 ARISTOTELES NE, S. 121: "Auch das ist klar, daß beides vom Übel ist: Unrecht erleiden und Unrecht tun."
- 533 ARISTOTELES NE, S. 121: "Es gibt Gerechtigkeit, wenn auch nicht für den Einzelmenschen in der Beziehung zu sich selbst, so doch innerhalb gewisser Teile seines Wesens. Aber das ist nur im übertragenen und analogen Sinn gemeint, und es kommt hier nicht die Gerechtigkeit in ihrem ganzen Umfang in Frage, sondern nur die zwischen Herr und Sklave und zwischen Hausherr und Hausbewohnern. In diesen Diskussionen tritt uns nämlich die Scheidung entgegen zwischen dem rationalen Seelenteil und dem irrationalen."

- 534 ARISTOTELES POLITIK, S. 263: "Man wählt mithin den Krieg um des Friedens willen, die Arbeit der Muße wegen, das Notwendige und Nützliche des sittlich Schönen wegen."
- 535 ARISTOTELES POLITIK, S. 216 f.: "Die beste Bevölkerung ist nämlich die bäuerliche, so daß sich, wo die Menge von Ackerbau oder Viehzucht lebt, auch die beste Demokratie gründen läßt. Weil ein solches Volk kein großes Vermögen besitzt, hat es keine Zeit, viele Volksversammlungen zu halten. Und weil die Leute nicht das Notwendige zum Leben haben, sind sie eifrig über ihrer Arbeit, wollen mit fremden Angelegenheiten nichts zu tun haben und haben an der Arbeit mehr Freude als an Politik und staatlichen Stellungen, außer es müßten die Ämter großen Gewinn abwerfen."
- 536 ARISTOTELES NE, S. 231: Das Glück setzt Muße voraus. "Denn wir arbeiten, um dann Muße zu haben, und führen Krieg, um dann in Frieden zu leben."
- 537 ARISTOTELES POLITIK, S. 278: "Die meisten treiben die Musik gegenwärtig zum Vergnügen, den Alten dagegen galt sie für ein Bildungsmittel, da die Natur selbst, wie schon oft gesagt, danach verlangt, nicht nur in der rechten Weise arbeiten, sondern auch würdig der Muße pflegen zu können. Denn die Muße [...] ist der Angelpunkt, um den sich alles dreht. Denn wenn auch beides sein muß, so ist doch das Leben in Muße dem Leben der Arbeit vorzuziehen, und das ist die Hauptfrage, mit welcher Art Tätigkeit man die Muße auszufüllen hat."
- 538 ARISTOTELES NE, S. 8 f.: Es gibt nach Aristoteles drei Hauptformen der Lebensweise, und eine jede Lebensform setzt ein bestimmtes Verhältnis zur Muße voraus. Außer dem Leben des Genusses gibt es noch das Leben im Dienste des Staates, bzw. das Leben als Hingabe an die Philosophie.
- 539 ARISTOTELES NE, S. 231: Wer "im öffentlichen Leben steht, hat keine Muße".
- 540 ARISTOTELES POLITIK, S. 264: In Griechenland haben die Staaten, "die zur Zeit den Ruf genießen, die beste Verfassung zu besitzen, und die Urheber dieser Verfassungen weder ihre konstitutiven Bestimmungen auf das beste Ziel bezogen, noch ihre Gesetze und ihre Erziehungsmethode auf die Erwerbung aller Tugenden insgesamt gerichtet. Sie sind auf das ungeschickteste

nach Seite derjenigen Tugenden entgleist, die opportun erscheinen und unmittelbar praktische Vorteile in Aussicht stellen. Und wie die Gesetzgeber haben es auch einige spätere Schriftsteller gemacht: sie erheben die Verfassung der Spartaner mit Lob und feiern den Gesetzgeber, der immer das Ziel im Auge behalte und alles auf die Macht und den Krieg berechne."

541 KANT METAPHYSIK, S. 282 f.: Lukács assinalou as seguintes passagens no subcapítulo de "Vom Geize": Wenn ich "zwischen Verschwendung und ' Geiz die *gute Wirtschaft* als das Mittlere ansehe, und dieses das Mittlere des *Grades* sein soll: so würde ein Laster in das (*contrarie*) entgegengesetzte Laster nicht anders übergehen als durch die *Tugend*, und so würde diese nichts anderes als ein vermindertes oder vielmehr verschwindendes Laster sein[...]. Der Satz: man soll keiner Sache zu viel oder zu wenig tun, sagt soviel als nichts; denn er ist tautologisch.[...] Es gibt zwischen Wahrhaftigkeit und Lüge (als *contradictorie oppositis*) kein Mittleres; aber wohl zwischen Offenherzigkeit und Zurückhaltung (als *contrarie oppositis*), da an dem, welcher seine Meinung erklärt, *alles*, was er sagt, wahr ist, er aber nicht die *ganze Wahrheit* sagt."

542 KANT METAPHYSIK, S. 236: Im Unterteil "Was ist Tugendpflicht?" schreibt Kant: "Tugend ist die Stärke der Maxime des Menschen in Befolgung seiner Pflicht. – Alle Stärke wird nur durch Hindernisse erkannt, die sie überwältigen kann; bei der Tugend aber sind diese die Naturneigungen, welche mit dem sittlichen Vorsatz in Streit kommen können, und da der Mensch es selbst ist, der seinen Maximen diese Hindernisse in den Weg legt, so ist die Tugend nicht bloß ein Selbstzwang (denn da könnte eine Naturneigung die andere zu bezwingen trachten), sondern auch ein Zwang nach einem Prinzip der inneren Freiheit, mithin durch die bloße Vorstellung seiner Pflicht nach dem formalen Gesetz derselben."

543 O texto de Aristóteles não pôde ser indentificado.

544 O texto de Aristóteles não pôde ser indentificado.

545 O texto de Aristóteles não pôde ser indentificado.

546 O texto de Aristóteles não pôde ser indentificado.

- 547 SENECA, Bd. 3, S. 75 f.: Im einundzwanzigsten Brief heißt es: "An ihn[Idomeneus] hat Epikur in einem Brief jene treffliche Mahnung gerichtet, er solle den Pythokles nicht auf die allgemein übliche, dabei aber bedenkliche Weise reich machen.,Willst du', sagte er, 'den Pythokles reich machen, so darfst du ihm nicht sein Vermögen vermehren, sondern muß seine Begehrlichkeit mindern'.[...] Du brauchst", wendet sich Seneca an Lucilius, "diese Sätze nicht etwa für Eigentum des Epikur zu halten: sie sind Gemeingut."
- 548 Cf. nota. 490.
- 549 Cf. nota. 491.
- 550 Cf. nota. 492.
- 551 HARTMANN ETHIK, S. 568 ff.: Lukács se refere ao ponto (e) "Die μεσότης als Wertsynthese" des 61. Kapitels "Gegensatzverhältnis und Wertsynthese".
- 552 Cf. nota. 492.
- 553 HARTMANN ETHIK, S. 256 f.: Im Punkt (a) "Verkennung der sittlichen Werte in der Zweckethik" des 27. Kapitels "Zweck der Handlung und moralischer Wert" schreibt Hartmann: "Die Kantische Ethik erblickte den Sinn sittlicher Prinzipien in ihrem Sollenscharakter allein. Gebot, Imperativ, Anforderung an den Menschen ist das Sittengesetz. Überträgt man das auf die Werte, so müßte der Sinn der sittlichen Werte für den Menschen darin bestehen und aufgehen, daß sich sein Wille auf sie als oberste Zwecke zu richten habe.[...] Daß dieser starre Rigorismus zu den ungereimtesten Konsequenzen führt, liegt auf der Hand und ist oft gerügt worden. Nicht um ihn handelt es sich, er ist nur ein Auswuchs der Zweckethik." Des weiteren Cf. nota. 492.
- 554 HARTMANN MÖGLICHKEIT, S. 219: Das "Realzufällige ist ein solches Realwirkliches, das nicht real notwendig ist, also nicht auf dem zureichenden Grunde einer totalen Bedingungskette beruht. Es kann also auch nicht real möglich sein im Sinne des Bedingtseins durch eine solche Kette. Und da es doch als ein real wirkliches auch irgendwie real möglich sein muß, so bedeutet es eben diesen Widerspruch, zugleich real möglich und nicht real möglich, zugleich determiniert in voller Bestimmtheit und doch undeterminiert, zugleich bedingt und unbedingt zu sein. Man kann den Widerspruch auch anders zuspitzen: zugleich ein Mögliches,

und doch durch nichts ermöglicht, zugleich determiniert, aber 'durch nichts' determiniert."

- 555 MARX-ENGELS, Abt. 1, Bd. 1/1, S. 598 f.: Im Aufsatz "Zur Judenfrage" steht: "Endlich gilt der Mensch, wie er Mitglied der bürgerlichen Gesellschaft ist, für den *eigentlichen* Menschen, für den *homme* im Unterschied von *citoyen*, weil der Mensch in seiner sinnlichen individuellen nächsten Existenz ist, während der *politische* Mensch nur der abstrahierte, künstliche Mensch ist, der Mensch als eine *allegorische, moralische* Person.

[...] Erst wenn der wirkliche individuelle Mensch den abstrakten Staatsbürger in sich zurücknimmt und als individueller Mensch in seinem empirischen Leben, in seiner individuellen Arbeit, in seinen individuellen Verhältnissen, *Gattungswesen* geworden ist, erst wenn der Mensch seine 'forces propres' als *gesellschaftliche* Kräfte erkannt und organisiert hat und daher die gesellschaftliche Kraft nicht mehr in der Gestalt der *politischen* Kraft von sich trennt, erst dann ist die menschliche Emanzipation vollbracht."

- 556 HARTMANN ETHIK, S. 9: "Die reine Sollenethik ist sittliche Verblendung, ist Wertblindheit für das Wirkliche. Es ist kein Wunder, daß ihr geschichtlich der Pessimismus auf den Fersen folgt. Niemand erträgt das Leben in einer entwerteten und entheiligten Welt."

- 557 HARTMANN ETHIK, S. 29: As seguintes frases foram marcadas por Lukács com um ponto de interrogação: "Ethische Erkenntnis ist Erkenntnis von Normen, Geboten, Werten. Alle Normerkenntnis ist notwendig apriorisch." Die Platonsche Philosophie gilt für Hartmann als "die geschichtliche Aufdeckung des apriorischen Elements in der menschlichen Erkenntnis überhaupt".

- 558 HARTMANN ETHIK, S. 122: Lukács marcou os seguintes comentários: "Aber was heißt Erfahrung mit Gütern?" Daß wir das eine als angenehm, das andere als nützlich, brauchbar, fördernd erleben. In diesem Erleben ist ein Wissen um den Wert des Angenehmen, Nützlichen, Brauchbaren schon vorausgesetzt. Man „erfährt“ hierbei nur, daß die betreffenden Dinge sich als Mittel zu etwas erweisen, dessen Wert schon im Voraus feststand. Und dieses Feststehen ist ein gefühlsmäßiges, unreflektiertes, ein solches, an

dem weder vor noch nach der ‚Erfahrung‘ ein Zweifel besteht. Es ist ein apriorisches.“

- 559 HARTMANN ETHIK, S. 153 f.: "Die Gegenstände dieser Wissenschaften sind nicht weniger echte 'Gegenstände' als die der Realwissenschaften; sie sind nur nicht reale Gegenstände. – Die Grundthese also, die allen speziellen Einsichten dieser Art das Rückgrat gibt, ist diese: es gibt ideale Gegenstände der Erkenntnis, die vom erkennenden Subjekt ebenso unabhängig sind, wie die realen, d. h. es gibt ideales Ansichsein.[...] Wer also ideales Ansichsein in Zweifel zieht, muß auch reales in Zweifel ziehen."
- 560 HARTMANN ETHIK, S. 154 f.: "Diese Gewißheit des idealen Ansichseins auf theoretischem Gebiet – die ohne jede metaphysische Deutung, rein als Gegenstandsphänomen und Faktum besteht – liefert die Analogie, nach der wir auch das ethisch ideale Ansichsein der Werte zu verstehen haben."
- 561 HARTMANN ETHIK, S. 48: "Das primäre Wertbewußtsein wächst eben mit der Steigerung des moralischen Lebens, mit seiner Komplizierung und Intensivierung, mit der Mannigfaltigkeit und tatsächlichen Werthöhe seines Inhalts. Dann ergibt sich aber, daß die ganze Menschheit unausgesetzt an der primären Entdeckung der Werte arbeitet, und zwar ohne diese Arbeit als Zweck zu verfolgen: jede Gemeinschaft, jedes Zeitalter, jedes Volk an seinem Teil und in den Grenzen seines geschichtlichen Seins; und ebenso im Kleinen jeder Einzelne für sich, in den Grenzen seines moralischen Gesichtskreises."
- 562 HARTMANN ETHIK, S. 49: "Die Werte selbst verschieben sich nicht in der Revolution des Ethos. Ihr Wesen ist überzeitlich, übergeschichtlich."
- 563 HARTMANN ETHIK, S. 121: Die Werte sind Wesenheiten, sie sind "nicht 'formale', gehaltlose Gebilde, sondern Inhalte, 'Materien', Strukturen, die ein spezifisches Quale an Dingen, Verhältnissen oder Personen ausmachen, je nachdem ob sie ihnen zukommen oder fehlen." S. 122: Cf. nota. 558.
- 564 HARTMANN ETHIK, S. 139: "Die Güter - und Tugendlehre der älteren Ethik basiert stillschweigend auf diesem Gedanken – man kann nicht einmal sagen 'unbewußt', sondern nur ohne kritisches Bewußtsein dessen, was dieses prius ist. Es fehlt ein Wertbegriff".

- ⁵⁶⁶ BLOCH HOFFNUNG, S. 267 ff.: Im Punkt "Verschwinden des letalen Nichts im sozialistischen Bewußtsein" hat Lukács am Rande folgende Sätze mit einem Bleistiftzeichen versehen: "Alle nehmen frühere Blumen ins Grab, darunter vertrocknete oder unkenntlich gewordene. Nur eine Art Mensch kommt auf dem Weg zum Tod fast ohne überkommenen Trost aus: der rote Held. Indem er bis zu seiner Ermordung die Sache bekennt, für die er gelebt hat, geht er klar, kalt, bewußt in das Nichts, an das er als Freigeist zu glauben gelehrt worden ist." Dieser Materialist stirbt, "als wäre die ganze Ewigkeit sein. Das macht: er hatte vorher schon aufgehört, sein Ich so wichtig zu nehmen, er hatte Klassenbewußtsein." "Der rot-atheistische Todesmut ist so in der Tat original, mit den romantischen Süchten des bürgerlichen Individualgefühls verglichen."